D-b
19-4-3
(5 vols)

23-4-15

41-2-6


P. EMMANUELIS DE NAVARRA CONGREG. ORAT. ULYSSIPSCRIPTORIS
ASCETICI EX INHIBOBIT DIE AUG. XVIII. AN. MDCCX. ATAT. LXVI.
OS POTUIT CÆLO SCULPTOR TIBI REDDERE MORES,
MENTEM, ANIMUM CALAMO REDDIT AT IPSE SUÆ.

NOVA FLORESTA,

OU

SYLVA DE VARIOS APOPHTHEGMAS, E DITOS sentencioſos eſpirituaes, e moraes,

COM REFLEXOENS,

Em que o util da doutrina ſe acompanha com o vario da erudiçaõ, aſſim Divina, como humana:

OFFERECIDA, E DEDICADA

A' SOBERANA MÃY DA DIVINAGRAÇA

MARIA

SANTISSIMA SENHORA NOSSA

PELO PADRE MANOEL BERNARDES

da Congregaçaõ do Oratorio de Lisboa.

PRIMEIRO TOMO.



LISBOA.

Na Officina DE VALENTIM DA COSTA DESLANDES, Impreſſor de Sua Mageſtade.

Com todas as licenças neceſſarias, e Privilegio Real, Anno M. DCC. VI.

A MÂY DA DIVINA GRAÇA

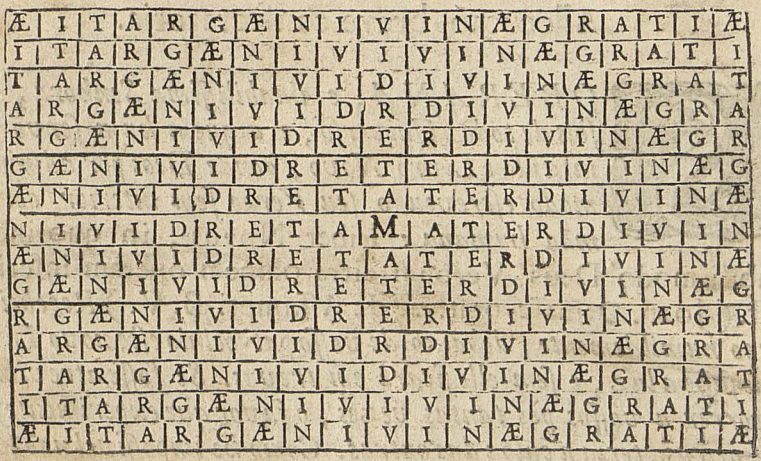
Allocuçaõ breve consecratoria.



OBERANA, e amabilissima Senhora, que o sois de todo o Universo, e a quem hum servo vosso intitulou Livro Novo, aonde Deos por admiravel modo escreveu o seu Verbo sem interior obra de mão humana: Liber Novus, in quo inenarrabili modo Deus Verbum citra omnem operam inscriptus est. (Joan. Damasc. orat. 2. de Assumpt. B. V.) *Recebei, vos peço humildemente, debaixo de vosso patrocinio este novo Livro, que sahe a luz, e sem elle ficarà em trevas. Se fosse atrevimento recorrer a vossos pès tantas vezes, o favor que experimentey nas primeiras, teria a culpa das outras. Como he impossivel naõ ser des taõ benigna: impossivel he tambem naõ ser des taõ buscada. Taõ atractiva ficastes, desde que atè o Divino Verbo atrahistes do ceyo de seu Eterno Pay, que Anjos, e homens, justos, e peccadores, sabios, e idiotas, grandes, e pequenos, todos vos buscaõ, todos vos invocaõ, todos folgaõ de chegarse à vossa sombra, e escudos mil (isto he innumeraveis) pendem de vòs como da mysteriosa Torre de David para nossa protecçaõ, e amparo, e atè o vosso nome, ou escrito, ou pronunciado, ou sòmente imaginado mantem, alenta, restaura, illumina, e alegra. Glorio-me, que assim seja, ò Santissima, ò Suavissima, ò toda fermosa, e engraçada MARIA, e deste gloriarme me torno a gloriar em vòs, e em vosso Filho meu Salvador JESU Christo. E como naõ sereis toda engraçada em vòs, e para nòs toda graciosa, se sois Mãy da Divina Graça?*

Dominare nostri Tu, & Filius tuus.

Ad omnem chartæ differentiam, ducto initio à charactere centrali M.



Apud Theophilum Raynaudum tom. 11.

Critic. sacr. pag. 327.

APO-

APOPHTHEGMA
ANTE-PRIMEYRO,
E fundamento dos mais.

De hum Anonymo.

CErto Poeta Author de huma Comedia de tramoyas introduſio no theatro huma figura do Sol muy galharda, e reſplandecente, com roupas recamadas de joya de diamantes, e diadema ampliſſimo de dourados rayos, e nos tirantes da carroça em que hia entronizada pegavaõ doze figuras em fòrma de Nynfas, ſymbolo das doze horas do dia que o Sol deſcreve, quando toca no Equinocio. Das quaes figuras, humas eraõ de mayor eſtatura, outras de mediana, e outras mais pequenas confórme ſe offereceo achallas. Perguntado pois pela razaõ deſta differença taõ impropria ao intento prezente, viſto q̃ as horas todas ſaõ iguaes: reſpondeo remediando com a diſcriçaõ o que naõ pudera com a diligencia: *Senhores as horas mais pequenas ſaõ as da Oraçaõ, e do ſervir a Deos: as medianas ſaõ as dos negocios; e as mayores ſaõ as de dormir, comer, folgar, e darnos a paſſatempos.* Engelg. Dom. 9. poſt Peni. §. 1.

REFLEXAM,
E razaõ da obra ao benevolo Leitor.



ASſim paſſa na verdade: todos o reconhecemos: raros o emendamos. Eſtà hũa peſſoa ouvindo Miſſa, meya hora o cança, e atormenta, e faz romper, em murmuraçoens. Eſtá na caza do jogo, ou no pateo das Comedias, toda a noite, ou toda a tarde lhe parece breve. Vay confeſſar ſe, parecelhe que desbarata o tempo dos ſeus negocios, ſe o Confeſſor o naõ admitte logo: jà confeſſado, anda buſcando em que paſſar as horas, e as conſome como Epicuro

em regalos ſenſuaes, ou como Momo em converſações detractivas, ou como em Mercurio levar, e trazer rumores vãos: *Libet fabulari, inquit, donec hora prætereat.* (Diz S. Bernardo em nome de hum deſtes:) Goſto de converſar em quanto ſe paſſa a hora. E admirando-ſe logo deſta reſpoſta eſtulta, acreſcenta: *O donec hora prætereat, quam tibi ad agendam pœnitentiam, ad obtinendã veniam, ad acquirendam gratiam, ad promerendam gloriam miſeratio Conditoris indulſerat:* O' em quanto paſſa a hora! a qual te concedeo a miſericordia de teu Creador, para fazeres penitencia, alcançares perdaõ adquirires graça, e mereceres gloria.

Para o intento pois, de que as horas de Oraçaõ naõ foſſem tam breves, jà occupamos a penna em outras obras; neſta pretendemos, que as de paſſatempo naõ ſejaõ taõ longas; porque a liçaõ honeſta he hum dos proveitoſos empregos, que lhes podemos dar. Da que eu tive nos annos atrazados havia recolhido varios Apophthegmas (iſto he ditos breves, e ſentencioſos de Varoens illuſtres): porque me agradava achar nelles huns como canones, ou regras familiares, e domeſticas, que penetrando o animo cõ ſua breve agudeza, dezataõ ligeiramente os nòs dos negocios, ou lances duvidoſos, como ponderou o politico Filoſofo Franciſco Baconio: *Neque Apophthegmata ipſa ad delectationẽ, & ornatum tãtum proſunt; ſed ad res regendas etiam, & ad uſus civiles; ſũt enim veluti ſecures, aut mucrones verborum, qui rerum, & negotiorum nodos acumine quodam ſecant, & penetrant.* Pareceome pois dalos a luz, e utilidade publica em volume pequeno. Porẽ depois por cõſelho de algumas peſſoas entendidas lhes fiz ſuas reflexões, nas quaes achando ao revelas mais ſubſtancia, e q̀ nos meſmos Apophthegmas naõ duvidey acreſcentallas tambem por cõſelho alheyo. Donde veyo a mudar-ſe o acceſſorio, e principal, e pedir muitos volumes de quarto, o que a principio intentava foſſe hum ſò de oytavo.

Lib. 2. de augment. Scient. c. 12.

Levey a mira em meter nos animos, que naõ goſtaõ de liçaõ puramente eſpiritual dictames ſãos, verdades ſolidas, exemplos doutrinaes, envolvẽdo tudo em outras noticias curioſas, para que em companhia do ſuave entraſſe o util. Se acertey na tẽpera naõ me toca o julgalo. Affectey, que eſtas ſentenças foſſem quaſi todas de Authores Chriſtãos; porque me indignava de que ſò as dos Gentios (recolhidas jà por Catãõ, Plutarco, e Manucio) ſubiſſem aos pulpitos, e entraſſem nas converſações dos diſcretos. E ſuppoſto que eſtas muitas vezes ſaõ breves, redondas, e

ſonoras

sonoras, com tudo naõ encerraõ tanta luz, e substancia de verdades, e por conseguinte naõ me serviaõ tanto para fundar as reflexoens, e todavia algumas deixey entrar, para mayor variedade da obra, e por naõ mostrar, que de todo a despresava.

Vaõ distribuidas por lugares cõmuns do Abecedario; porque a miscellanea naõ prejudicasse à boa ordem: sey, que naõ fizeraõ assim os sobreditos tres Authores, nem Joaõ Botero, e o Author do *Democritus ridens*: porém saõ obras mais pequenas, e sem parergos, nem excursos: àlem de que Lourenço Beyerlinch, e Conrado Lycosthenes tambem alfabetàraõ as suas: do Padre Lyreo naõ sey que fórma seguio, porque o naõ pude haver à mão. Foy discuriosidade minha naõ citar as fontes donde as tirava: porém naquelle tempo naõ meditava o uso dellas publico, se naõ sómente o meu particular, e asseguro ao Leitor, que naõ saõ inventadas, nem adulteradas por mim como fazem alguns Poetas modernos, que naõ lhes acodindo a muza com conceitos para determinado assumpto, fingem o assumpto para os seus determinados conceitos.

Querendo o Leitor buscar algumas noticias para seus particulares usos, naõ recorra só à taboa dos Titulos, ou lugares communs, se naõ principalmente ao Index geral das materias: porque as diversas linhas, que procedem de qualquer delles levaõ a doutrina para muy differentes lugares. Outro terceiro Index dos Varoens illustres, cujas saõ as sentenças, se reserva para o fim da obra. E naõ he pequeno louvor deste genero de doutrina dada por respostas sentenciosas, que atè MARIA Santissima Senhora nossa, e Christo seu precioso Filho, e Sabedoria do Eterno Pay pudessem, se quizessemos, authorizar o dito cathalogo. Da Senhora, (que por antonomazia ella só he a Senhora; e isso quer dizer o seu dulcissimo nome de MARIA) se escreve, que fazendo hũa peccadora publica oraçaõ por hũa serva de Deos, appareceo com seu benditissimo Filho nos braços, o qual lhe dizia: *Othay Mãy minha como a peccadora pede pela Santa!* Ao que a Senhora respondeo: *Pois filho meu, por amor da Santa, fazey tãbem Santa a peccadora.* De Christo nosso Salvador ha muitos Apophthegmas no Euangelho, de que apontamos aqui hũ só por exemplo. Quando os Fariseos maliciosamẽte lhe perguntàraõ, se era licito dar tributo a Cesar, disse o Senhor, que lhe mostrassem a moeda do censo, e perguntou, cuja era aquella imagẽ, e letreiro que tinha, e dizendo elles que de Cesar, respondeo: *Pois*

D. Joaõ de Menezes hũ dos primeyros Tangerinos.

Tenho dado vista da materia, fórma, e fim da obra: dos defeitos della mais ao certo a darà o Leitor. Dizia hum fidalgo deste Reyno, que tres couzas cuidava o homem que tinha, e na verdade naõ as tinha: a saber, muita paciencia, muita sciencia, e muita benevolencia nos amigos. Se pois o meu Leitor, experimentar em mim esta segunda falta, que he a da sciencia, e eu nelle a terceira, que he a da benevolencia, recorramos ambos a emendar a primeira, que he a da paciencia.

Vale.

PROTESTAÇAM DO AUTHOR
Mandada fazer pelo Papa Urbano VIII.

OBedecendo ao decreto do Santissimo Padre Urbano VIII. que confirmou em 5. de Julho de 1634. no qual prohibio se imprimissem livros, que contivessem as obras, milagres, revelações, ou beneficios feitos a pessoas, que morreraõ celebres em fama de santidade, ou de martyrio, como recebidos de Deos, sem reconhecimento, e approvaçaõ do Ordinario, e mandou que se naõ admitissem os elogios de Santos, ou de Beatos absolutamente, em quanto cahem sobre a pessoa; senaõ sòmente em quanto cahem sobre os costumes, e oppiniaõ de virtude; com protestaçaõ do Author no principio do livro em que declare naõ ser outra a sua intençaõ em quanto a Igreja Romana o naõ define. Protesto, e declaro ser este mesmo o meu animo todas as vezes, que no decurso desta obra se tocaõ revelações, milagres, ou beneficios particulares de Deos, feitos a pessoas pias, e as nomeyo com os ditos elogios de Santos, ou Beatos, naõ pretendendo nisto darlhes mayor credito, ou authoridade, que a que se funda em fè humana; exceptos os que a mesma Igreja tem jà posto no Cathalogo dos Santos.

TA-

TABOA

DOS TITULOS,

Ou lugares communs deſte primeyro Tomo.

A

I. Abſtinencia. Jejum. Pag. 1.
II. Alegria. Triſteza. 24.
III. Alma racional. 67.
IV. Amizade. 105.
V. Amor Divino. 152.
VI. Annos. Idade. Tempo. 224.
VII. Appetites. 302.
VIII. Armas. 328.
IX. Aſtucia. 378.
X. Avareza. 394.

LICENÇAS.

Da Congregaçaõ.

JOaõ da Guarda Prepoſito da Congregaçaõ do Oratorio deſta Cidade de Lisboa dou licença para que ſe imprima eſte livro intitulado *Nova Floreſta, ou Sylva de varios Apophthegmas* compoſto Pelo Padre Manoel Bernardes da meſma Congregaçaõ, que foy reviſto, e approvado por peſſoas doutas deſta Cõmunidade, e para conſtar dey eſta por mim aſſinada, e ſellada com o ſello do meu officio. Lisboa 5. de Março de 1702.

Joaõ da Guarda.

Do S. Officio.

O Padre Meſtre Fr. Franciſco do Eſpirito Sãto Qualificador do S. Officio veja o livro de que eſta petiçaõ trata, e informe com ſeu parecer. Lisboa 10. de Março de 1702.

Carneiro. Fr. G. Haſſe. Monteiro. Ribeiro.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

VIo livro intitulado: *Nova Floreſta, ou Sylva de varios Apophthegmas*, compoſto pelo Padre Manoel Bernardes da Congregaçaõ do Oratorio deſta Cidade, e naõ achey nelle couſa alguma que ſe opponha à pureza de noſſa Santa Fè Catholica, nem offenda os bons coſtumes; ſenaõ muitas noticias curioſas, exemplos doutrinaes, e documentos ſolidos, tudo muy conforme ao credito de ſeu Author. S. Franciſco da Cidade em 2. de Mayo de 1702.

Fr. Franciſco do Eſpirito Santo.

O Padre M. Frey Joaõ de S. Domingos, Qualificador do Santo Officio, veja o livro, de que esta petiçaõ trata, e informe com seu parecer. Lisboa 12. de Mayo de 1702.

Carneiro. Fr. G. Hasse. Monteiro Ribeiro.

LI o livro intitulado: *Nova Floresta, ou Sylva de varios Apophthegmas*, &c. composto Pelo Padre Manoel Bernardes da Congregaçaõ do Oratorio, e naõ achando nelle cousa, que encontre nossa Santa Fè, ou bons costumes, me parece naõ tem impedimento para se haver de imprimir. S. Domingos de Lisboa 28 de Julho de 1702. *Fr. Joaõ de S. Domingos.*

VIstas as informaçoens pòde-se imprimir o livro de que esta petiçaõ trata, e impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, e sem ella naõ correrà. Lisboa 28. de Julho de 1702.

Carneyro. Fr. G. Hasse. Monteiro. Ribeiro.

Do Ordinario.

VIstas as informaçoens póde-se imprimir o livro de que esta petiçaõ trata, e depois de impresso tornarà para se dar licença para correr. Lisboa 30. de Agosto de 1702.

Fr. Pedro Bispo de Bona.

Do Paço.

O Mestre Francisco de S. Maria veja este livro, e pondo nelle seu parecer o remeta a esta Mesa. Lisboa 7. de Setembro de 1702.

Oliveira. Mousinho. Lacerda.

SENHOR.

FOy V. Magestade servido mandarme rever, e censurar o livro, que com o titulo de *Nova Floresta, ou Sylva de varios Apophthegmas, e Ditos sentenciosos, &c.* compoz, e quer imprimir o Padre Manoel Bernardes da illustrissima, e florentissima Congregaçaõ do Oratorio, e he este hum dos casos, em que o sacrifi-

cio da obediencia foy utiliſſima uſura : porque li eſta grande obra com ſummo goſto, e pudera com igual aproveitamento, ſe naõ obſtàra a minha miſeria, e frieza.

He eſte livro digno aſſumpto da pẽna de ſeu Author, ſempre pura, ſempre apurada, bem aparada ſempre. He parto genuino do ſeu eſpirito, e trofèo glorioſo do ſeu talento ; nunca eſcondido, ſempre empregado na perenne negociaçaõ das almas : *Negotiamini dum venio.* Mais precioſas ſem comparaçaõ, que todo o mundo; eſte cuſtou á Omnipotencia Divina hum ſò aceno : aquellas valor, e preço infinito : eſte huma palavra : aquellas a propria vida.

Luc. 19. 13.

Santamente ambiciozo de taõ importantes lucros, ſae o Author à praça do mundo com a nova, e riquiſſima mercadoria da ſua *Nova Floreſta;* na qual (contra o que ſoa, ou infinûa eſte nome) ſaõ mais os frutos, que as flores, ou todas as flores ſaõ frutos: *Flores mei fructus.* Outras floreſtas contem flores, mas infructiferas; ſervem à recreaçaõ, naõ à utilidade. Da *Nova Floreſta Portugueza* poſſo affirmar ſem duvida, que ſahirà a publico florecendo : *Florens egredietur.* Mas nella veràõ, atè os olhos da inveja, que igualmente florece, e frutifica: *Florebit, & germinabit.* Outras floreſtas ſervem de paſſar o tempo : eſta de o paſſar, e aproveitar tambem. Outras ſaõ divertimento à curioſidade ociosa: eſta diverte, e adverte: deleita, e aproveita juntamente. Aqui ſe reſolve, e revolve todo o ponto : entretecer a doçura com a utilidade.

Eccl. 24. 23.

Jerem. 48. 9. Iſaiæ. 27. 6.

Omne tulit punctum, qui miſcuit utile dulci.

Satisfez glorioſamente o Author eſte grande empenho, porq̃ nas clauſulas do ſeu livro naõ ha periodo, que naõ ſeja juntamẽte doçura, e doutrina : todos lizongeaõ o entendimento, e juntamente o dezenganaõ : ſaõ ao meſmo tempo agradaveis à viſta, uteis à imitaçaõ, fortes, perſuaſivos, e efficazes.

Apophthegmas, ou Ditos ſentencioſos he o argumento, e materia das reflexões do Author, e nas reflexões do Author, naõ ha periodo, q̃ naõ ſeja Apophthegma, ou Dito ſentencioſo. Antes pudera affirmar, q̃ ſendo neſte livro os ditos, ou ſentenças de Varões illuſtres a materia, e as reflexões do Author a obra, vencia ſem controverſia, a obra à materia. *Materiam ſuperabat opus.*

Sobre os ditos acreſcenta, e refere muitos caſos dignos de memoria, e os acompanha com obſervaçoens dignas da ſua pẽna : os caſos nos ſervem de exemplo, as obſervaçoens de eſtimulo :

na-

naquelles ſe ve o que outros obrãraõ, neſtas ſe aprende o q̃ devemos obrar. Por eſte modo, ao meſmo paſſo que enriquece a memoria, eleva o entendimento, e attrahe branda, e ſuavemente a vontade, levando-a com doce violencia deſde as miſerias deſta vida, às memorias da eterna: das trevas do mundo às luzes do dezengano, e do amor cego das creaturas ao ſanto amor, e temor de Deos.

Das perfeiçoens ineffaveis deſte Senhor ſupremo, e ſó verdadeiramente Senhor, e de todos os pontos tocantes à noſſa Fè, e direcçaõ da vida Chriſtãa, e virtuoſa falla o Author taõ alta, e doutamente, q̃ neſte livro ſe admira hum prodigioſo compendio das Theologias Eſcolaſtica, Expoſitiva, Dogmatica, Moral, e Myſtica, ou Aſcetica; a que ſe ajuntaõ vaſtas, e ſolidas noticias de hum, e outro Direito, Civil, e Canonico, da Filoſofia, Mathematica, Medicina, em fim todas as ſciencias, em tal fórma, que neſte livro teraõ os doutos copioſamente, naõ ſó livro, mas livraria.

A fraſe, e eſtylo, nem ſe remonta ſublime, nem ſe abate raſteiro: he natural ſem embaraço, corrente ſem tropeço, fermoſo ſem artificio: he creſpo ſem aſpereſa, grave ſem arrogancia, fecundo ſem demaſia, alegre ſem indecencia, eloquente ſem pompa, diſcreto, ſem affectaçaõ.

O que mais me agrada neſte clariſſimo Author, he a diſtincçaõ, e clareza, com que propoem, e reſolve os pontos altiſſimos, que trata. Eſte he o genio da verdade, andar acõpanhada da luz. *Emitte lucem tuam, & veritatem tuam.* De que ſerve dizer as verdades, e occultallas juntamente? De que ſerve offerecer os frutos, ſe ao meſmo tempo deſapparecem cubertos, e encubertos nas viçoſas e vicioſas folhagens da eloquencia (ou ignorancia), a q̃ os vãos daõ appellido de culta? Que mayor erro (melhor lhe chamára tyrannia), que turbar a fonte ao ancioſo de agoa? Ou empanar o eſpelho ao exame da viſta? Pſ. 403.

Sobre tantos quilates de perfeita, naõ tem, ou cõtem eſta *Nova Floreſta* couſa alguma, que encontre o Real ſerviço de Voſſa Mageſtade, ou o credito do Reyno, ou Naçaõ antes ſervirà à Naçaõ, e Reino de novo credito. Neſta Sylva ameniſſima naõ ha paſſo, ou lugar perigoſo: ſaõ ſeguriſſimos todos os paſſos, e lugares deſta Sylva, como de outra jà diſſe a Eſcritura: *Locis tutiſſimis ſylva.* Merece o Author dignamente a licẽça q̃ pede, para que pela continuaçaõ deſta obra (a qual nos promette muitas partes) 1. Reg. 23. 19.

ſe dilate nas do mundo à utilidade publica. Eſte he o meu parecer, Voſſa Mageſtade ordenarà o que for ſervido. Lisboa Santo Eloy 15 de Setembro de 1702.

Franciſco de Santa Maria.

QUe ſe poſſa imprimir viſtas as licenças do S. Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornarà à Meſa para ſe taxar, e conferir, e ſem iſſo naõ correrà. Lisboa 20. de Septembro de 1702.

Duque P. Oliveira. Mouſinho. Lacerda.

EStà conforme com o ſeu original. S. Domingos de Lisboa. 19. de Julho de 1706.

Fr. Manoel Guilherme.

VIſto eſtar conforme com o ſeu original pode correr. Lisboa 20. de Julho de 1706.

Carneyro. Moniz. Haſſe. Monteiro. Ribeiro. Fr. Encarnaçaõ.

PO'de correr. Lisboa 20. de Julho de 1706.

Fr. P.

TAxaõ eſte livro em 600. reis. Lisboa 21. de Julho de 1706.

Oliveyra. Vieira. Carneiro.

ERRATAS

Deſte Livro.

Pag.	*Regra*	*Erro*	*Emenda*
8	21	Eliberino	Eliberitano
15	na margem	Judicium	Judicum
23	17	importa	importaõ
44	29	e ali ao meſmo	e alli meſmo
46	28	eſtà	eſta
49	12	corarreiro	chocarreiro
92	8	ouviraõ	o viraõ
153	33	com o calor do frio	cõ o calor do corpo
196	2	magnatiſmo	magnetiſmo
200	26	porques	porque
286	33	e a do Equinocio	do Equinoccio
372	20	terra	teſta
405	19	ſonho	ſono
432	19	1683	1693

SUMMA DO PRIVILEGIO.

EL-Rey noſſo Senhor, q̃ Deos guarde, por ſeu Real Decreto paſſado em dezaſette de Março deſte preſente anno de 1706. foy ſervido conceder Alvará a eſta Congregaçaõ do Oratorio de Lisboa à inſtancia do Prepoſito, e mais Padres della, para que nenhum impreſſor, livreiro, ou outra qualquer peſſoa poſſa imprimir, nem mandar vir fóra do Reino algum dos livros, que tem compoſto o P. Manoel Bernardes da meſma Congregaçaõ, ſem licença dos ditos Padres com cõminaçaõ daspenas coſtumadas.

A
TITULO I.
ABSTINENCIA, JEJUM.

I.

De Roberto Cardeal Bellarmino.

A Conſelhava a eſte ſanto Prelado hum ſeu amigo, que attendendo a ſuas graves occupações, e continuos achaques, naõ jejuaſſe tanto, e ſe abſtiveſſe de ſua meſma abſtinencia. Divertio elle a pratica, dizendo graciolamente: *Jejuando eu, Quartas, Seſtas, e Sabbados, he o menos que póde ſer para me ſalvar.* Como aſſim? (replicou outro.) *Olhay* (reſpondeu o Cardial:) *Chriſto diſſe, que ſe a noſſa virtude naõ excedeſſe a dos Fariſéos, naõ nos ſalvariamos: o Fariſéo jejuava dous dias na ſemana: logo para eu me ſalvar, ao menos hey de jejuar tres.* Matth. 5. 20. Niſi abundaverit juſtitia veſtra pluſquã Scribarum & Phariſæorum, non intrabitis in regnum Cælorum. Luc. 18. 12. Jejunabo in Sabbatho.

ILLUSTRAÇAM.

§. I.

OS dous jejuns do Fariſèo, hum (diſſe o B. Alberto Magno) era para oſtentar, outro para poupar: *Semel ad oſtentationem, ſemel ad avaritiam.* Porque, como notou S. Agoſtinho, jejua o enfermo para recuperar a ſaude; o enfaſtiado, para abrir a vontade; o avarento, para amontoar a fazenda; e o hypocrita, para affectar virtude: *Ægrotus jejunat ut valeat, faſtidioſus ut appetat, avarus ut parcat, hypocrita ut appareat.* Mas os tres jejuns de Bellarmino todos eraõ para mais aſſegurar a ſalvaçaõ: ſeguindo Serm. 41. ad Fratres in eremo.

Apoc. 22. 11. Qui juſtus eſt, juſtificetur adhuc; & ſanctus ſanctificetur adhuc.

guindo a ſentença do Salvador: Quem he juſto, juſtifique-ſe mais; e quem Santo, mais ſe ſantifique. E aſſim como he proprio dos avarentos, por muito que poſſuaõ, parecerlhes tudo neceſſario para eſta vida: aſſim he proprio dos timoratos, por muitas obras ſantas que exercitem, todas reputar por neceſſarias para a vida eterna: de ſórte que (ſegundo diſſe hum Diſcreto) naõ lhes baſta o que baſta; ſó baſta o que ſobeja. A

P. Anton. Vieira.

Do appellido *Bellarmino* concordando com a innocencia, e pureza deſte ſanto Cardeal, podemos dizer com S. Ambroſio em outro aſſumpto, que contribuhio tambem para a celebridade de ſeus encomios: *Ne nomen quidem vacuum laudis eſt. Bellarmino* val o meſmo q̃ *Bello Arminho*. Eſte animalſinho, a que os Francezes chamaõ *Hermine*, e os Latinos variamente *Mus hermellinus*, ou *Armenius*, *Muſtella Alpina*, *Eriminius*, he certa eſpecie de doninha grande, ou lebre pequena (q̃ hum, e outro nome lhe dà Geſnero) propria de Moſcovia, Helvecia (q̃ he a regiaõ dos Suizaros,) e dos mõtes Alpes, de cujas perpetuas neves traslada a cor alviſſima, e o pello ſũmamente ſutil, e mimoſo. Aborrece por iſſo extremamente o mancharſe, e eſta he a cauſa de perder a liberdade, e vida. Porque ſitiando lhe os caçadores com lodo as veredas, e covil, aonde fugitivo vay amparar-ſe; temendo paſſar com detrimento de ſua pureza, pára, e alli facilmente he colhido. Pelo que he jeroglyfico da innocencia, com a letra: *POTIUS MORI, QUAM FÆDARI: Antes morrer q̃ mancharme:* e da Caſtidade, cõ eſtoutra equivalente: *CANDOREM PRÆFERO VITÆ: Sem candor vida naõ quero.* B

S. Ambr lib. 1. de Virginibus, poſt initium.

Albert. M. lib. 22. de Animalib. tr. 2. Elit. E. Nicol. Cauſſin. lib. 7. Polihyſtoris ſymbolo 84. Plin. lib. 8. c. 37. Geſner. lib. 1. de Animalibus cap. de Muſtel. Claudius Minous in Comment. ad emblema 79. Alciat.

Tal deve ſer o varaõ caſto, e juſto, preferindo os candores da celeſtial graça aos alentos da mortal vida, e querendo ſeu corpo, e alma antes deſunidos, que maculados.

Pinellus lib. 5. Mũdi ſymbolici c. 36. p. 566. & 572.

Juvennal Satyra 8.

Summum crede nefas animam præferre pudori;
Et propter vitam vivendi perdere cauſas.

C

Sylveſtre Petra Sancti; & Jacobo Ful'gati, & delles Diogo Ramires, livro 1. da ſua Vida, c. 2. & liv. 5. cap. 9.

E tal foy Bellarmino, do qual abonadas teſtemunhas affirmaõ haver conſervado a graça baptiſmal por toda a vida, que chegou quaſi a 79. annos; e cuja pureza, e innocencia de coſtumes foy taõ rara, que nem peccado venial admittio com deliberaçaõ plena. Sendo huma vez

em

em sua presença louvado deste singularissimo privilegio, que tantas virtudes suppõem, e tanta graça demanda, o
A Irmaõ Joaõ Bercmans da Companhia de Jesu: suspendeu-se hum pouco o Cardeal, como que examinava a consciencia, e sahio dizendo com a singeleza, e verdade, que nelle foy sempre conhecida, e venerada: E pois quem ha de ser taõ atrevido, que cõmetta peccado venial, advertindo que o cõmette? E logo reparando outro pouco, acrescentou: Pelo menos eu naõ me lembro havello feito jà mais: naõ me lembra havello cõmettido em toda minha vida. Eis-aqui o *Bello Arminho*, que a pezar das occasiões que o mundo, carne, e diabo lhe offereceraõ (foy illustre por sangue, sobrinho do Papa Marcello II. e occupou perigosos, quanto altos lugares, naõ pode em taõ longa carreira ser colhido destes famosos caçadores, que era o mesmo que manchar sua pureza.

B Com semelhante nome em semelhante castidade floreceu tambem S. Ermellinde donzela Franceza. Andavaõ à sua caça dous lascivos amantes, e tendo já deliberado furtalla na Igreja, aonde de noite orava, corrupto com ouro, para lhes abrir as portas, o mesmo que tinha a seu cargo guardallas, a voz de hum Anjo a avisou oportunamente clamando: Ermellinde: foge, foge depressa Ermellinde, e guarda a virgindade, que a Deos dedicaste. Ouvio a Santa, obedeceu, e salvou-se do perigo: que a Castidade tem sua defensa na fugida, e a fugida seus avisos na Oraçaõ. Depois de hũa vida mortificada dormio hũa morte preciosa: as Angelicas Ordens lhe assistiraõ com
C descantes, e lhe deraõ sepultura: da qual, sendo dalli a 48. annos conhecida, e aberta por indicio da mesma celestial Musica, que alli soava, brotou huma copiosa, e clara fonte de varios, e notaveis milagres. Tanto agrada a Deos a pureza: tanto se reveste a gloria de Christo destes arminhos. Como logo poderão agradarlhe os que naõ fogem do perigo, antes o amaõ, e buscaõ? os que parece haver sô nascido para peccar, e que lhes naõ deu o Creador o corpo, mais que para servir com elle á torpeza? os que em poucos annos de alvidrio contaõ já (se he que os sabem, ou querem contar) muitos peccados mortaes.

Surio a 29. de Outubro.

§. II.

OYto ſeitas houve no povo Judaico, nos tempos mais proximos a Chriſto: a ſaber, Saducêos, Eſcribas, Fariſêos, Hemerobaptiſtas (aſſim ditos, porque ſe baptizavaõ cada dia) Nazarèos, Eſſéos, Herodianos, e Galiléos. Entre todas a principal foy a dos Fariſéos, e ſe deriva eſte apellido da raiz Hebraica *Pharas*, ou *Phares*, q̃ ſe interpreta ſeparar, ou diſtinguir: declarar, ou expor, e eſtes homens eſtavaõ como ſeparados do mais povo, profeſſando certo modo de vida mais ſanta, e religioſa, ao menos na apparencia, e os Eſcribas, que era hum ramo dos Fariſêos mais letrados expunhaõ, e declaravaõ a Ley Divina, e mais Eſcrituras ſantas. Por onde dizer entre os Hebreos *Fariſéo*, era o meſmo (diz Santo Agoſtinho) que dizer entre nôs o egregio, ou diſtincto. Levantou-ſe eſta ſeita 180. annos antes da vinda de Chriſto, em tempo de Jonathas Macabeo, como quer Nicoláo Serario, e ſe colhe de Joſefo: ſuppoſto que S. Jeronymo a faz muito mais moderna, e lhe aſſigna por Authores a Sammai, e Hillel. Póde ſer que eſtes reſtauraſſem, o Inſtituto já antiquado. E na verdade bem era que taes Authores o fundaſſem, ou renovaſſem: porque Sammai, quer dizer Diſſipador, e Hillel, Profano, e os Fariſéos a titulo de conſervarem a ley, e tradicções, a diſſipàraõ; e ſuas ſantificações paràraõ em profanidades. A

Nicetas Chroniates lib. 1. Theſauri Ortodoxæ Fidei c. 37.

Baron. in Apparatu ad Annal. n. 8.

Epiphanius in Panario lib. 1. c. 16.

Guardavaõ caſtidade por certo tempo, mais ou menos breve, huns por 10. ou 8. outros por 6. ou 4. annos. E para eſte effeito uſavaõ de cama dura em traves, ou ſeixos do rio, ou eſpinhos do matto; e de meſa parca, e de manjares ordinarios, e ſem regalo; e jejuavaõ dous dias cada Sabbado; iſto he cada ſemana; que era âs Segundas, e Quintas feiras, e ainda quando caſados naõ ſe chegavaõ a ſuas mulheres quando pejadas; para moſtrar, que naõ buſcavaõ outro fim fóra do da propagaçaõ, e ſe uſavaõ de banhos, entravaõ com alguma roupa interior, para mayor honeſtidade. Andavaõ com mantos algum tanto ſemelhantes aos das mulheres, e chinellas largas, e nas fimbrias ou roda da tunica traziaõ fincados agudiſſimos eſpi-

Aug. ſer. 15. de Verbis Apoſtoli c. 3.

Hieronym. in c. 8. Iſaiæ.

S. Clemens Conſtitutionum lib. 7. c. 24.

S. Epiphanius hæreſi 26.

Zacharias Epiſcopus Chryſopolitanus lib. 3. in unũ ex quatuor ad illud Matth. Magnificant fimbrias.

eſpinhos, para que ao alargar o paſſo ſe picaſſem tomando iſto por deſpertador do ſerviço de Deos. Enſinavaõ no
A templo, e nas ſynagogas: onde para eſſe effeito tinhaõ tres diſtinctas ordens de aſſentos: na primeira cadeiras, cõ ſuas preferencias pelos officios, e antiguidades; e por iſſo o Senhor reprehendeu a ſua ambiçaõ, com que appeteciaõ as primeiras cadeiras, e o titulo de Meſtres: *Amant... primas cathedras in ſynagogis, & ſalutationes in foro, & vocari ab hominibus Rabbi:* na ſegunda bancos: na terceira, e infima, eſteiras, onde ſe aſſentavaõ os mais moços, ou vindo aos Meſtres; que por iſſo S. Paulo diſſe de ſi, que fora criado aos pês de Gamaliel: *Secus pedes Gamalielis eruditus juxta veritatem paternæ legis.* Eraõ pontualiſſimos em cõprir os votos, e pagar os dizimos, até da hortelãa, cuminhos, endros, e arruda; ſendo que por outra parte naõ guardavaõ em caſos graves nem juſtiça, nem miſericordia. Entre outros varios erros tinhaõ ſuperſticioſos
B para ſi, que todas as couſas aconteciaõ por força do fado (como affirma Joſefo, q̃ tambem foy deſta ſeita,) e q̃ as eſtrelas eraõ animadas, e admittiaõ em parte a Metempſycòis Platonica (como traz S. Epifanio;) iſto he, a trãſmigraçaõ das Almas de huns corpos em outros; crendo q̃ as dos màos ficavaõ no inferno, mas as dos bons tornavaõ a eſte mundo. Por iſſo correu fama que Chriſto era Helias, ou Jeremias, ou algum dos Profetas antigos redivivo. Mas os Ethnicos ampliavaõ eſta quimerica tranſmigraçaõ atè para os corpos dos brutos: poriſſo diſſe galantemente Tertulliano: Teme hum homem matar a ſua vaca, porque acaſo naõ coma alguma poſta de ſua avó.

Tinhaõ ganhado para com o povo tanta opiniaõ de le-
C tras, e virtudes, que todos ſe inclinavaõ para onde elles faziaõ pendor. E com iſto perſeguiraõ depois ao Salvador do mundo, levantando voz de q̃ era contrario á ley, enganador das turbas, Profeta falſo, pactario com Beelzebub, amigo de gente ruim, blasfemo contra Deos, ambicioſo de reinar, e mais digno da morte, q̃ Barrabas homicida ſedicioſo: ſoffrendo tudo o manſiſſimo Cordeiro de Deos para exemplo, e conſolaçaõ dos ſeus ſervos, que o devem ſeguir pela boa, e má fama, como diſſe o Apoſ-

Matth. 23. 6.

Act. 22. 3.

Matth. 23. 23.

Luc. 11. 42.

Joſephus lib. 18. Antiquitatum c. 2. & lib. 2. de bello Judaico. cap. 7.

Epiphanius in Panario lib. 1. c. 16.

Matth. 16. 14.

Joan. 7. 12.

Matth. 12. 24. & c. 9. v. 11.

Luc. 5. 21.

Joan. 18. 40.

2. Cor. 6. 8.

tolo, na realidade verdadeiros, na opiniaõ enganadores. Chegou a tanto a authoridade deſtes homens, que em tempo da Rainha Alexandra máy de Hyrcano, e Ariſtobulo ſúmos ſacerdotes, adminiſtràraõ o governo de Judèa, ficando ella ſó com o nome. Entaõ renováraõ ſeus inſtitutos, que eſtavaõ antiquados, e fizeraõ muitas mortes, e por ſeu meyo Joannèo executou aquella cruel matança de oitocentos Cidadãos juntos. Nem duvidavaõ detrahir dos meſmos Reys, e Summos Pontifices, e oppoſe a elles claramente: *Genus hominum* (eſcreve o ſeu Joſefo) *aſtutum & arrogans, & interdum Regibus quoque infeſtum, ut eos jam aperte impugnare non vereantur.* E traz o caſo de quando os Judéos juràraõ fidelidade ao Ceſar, e a ElRey Herodes por elle conſtituhido; e ſó elles, que eraõ alguns ſeis mil, naõ quizerão tomar tal juramento.

Salianus Anno mundi 3599. n. 2.

Lib. 17. Antiquitatum c. 3.

A

Conſta do ſobredito, que toda a ſantidade deſtes homens era ſuperficial, apparente, e ceremoniatica: havendo entre ella, e a verdadeira a infinita differença que vay da arte á natureza; porque a natureza ao formar hum corpo humano começa do coraçaõ, e mais entranhas, e acaba na pelle, e a arte ao eſculpir huma imagem trata ſó do exterior, e nunca chega dentro: *Ars pictoris, aut ſculptoris* (diſſe Ivo Pariſino) *externa tantum pingit, & exprimit, de corde nihil curat: ſic hypocriſis blanditur oculis.* Por onde o Poeta Lyrico diz muito bem em nome de qualquer deſtes.

B

Tomo 4. Digeſti Tit Veritas virtus

Horatius epiſt. ad Quintium.

Pulchra laverna
Da mihi fallere, da juſtum ſanctumque videri
Noctem peccatis, & fraudibus objice nubem.

Aquelle Senhor pois que he a meſma verdade, e veyo ao mundo como Meſtre, e Luz do meſmo mundo, naõ era bem diſſimulaſſe com eſtes homens, e aſſim os tratou de hypocritas, cegos, e guia de outros cegos, ſerpentes, filhos de viboras, geração má, e adultera (porque ſe apartavaõ de Deos, chegando-ſe ao demonio; que aſſim explica eſta palavra S. Jeronymo,) ſepulchros fermoſos por fóra, cheyos de corrupçaõ por dentro (como o meſmo nome *ſepulchrum* inſinùa; *id eſt ſemi-pulchrum:*) e diſſe delles que purificavaõ a taça pela parte exterior, e pela inte-

C

Matth. 15. 14. c. 23. v. 34. & c. 12. v. 39.

Id. 23. 27.

Idem 23. 25.

interior a deixavão immunda: e que coavaõ o moſquito,
A engulindo o camelo, e que fazendo grangearia da piedade eſcorchavaõ as caſas das viuvas, e outras verdades puras que arderaõ tanto à ſua ſoberba, e eſtimação propria, que vieraõ a pòr o Senhor em huma Cruz, arredando a mão com ſimulada religião: *Nobis non licet interficere quemquam*, ao meſmo tempo que a chegavaõ com manifeſto ſacrilegio: *Crucifige, crucifige eum.* Joan. 18. 31. & c. 19. v. 6.

§. III.

O Jejum da Quarta, e Seſta feira, foy eſtylo q̃ emanou dos Sagrados Apoſtolos, como ſe colhe de S. Ignacio Martyr, Tertulliano, e Origenes, e traz Baronio; S. Clemente Alexandrino diz que ha enigma, ou myſterio neſtes dias: ſe inquirimos qual, reſponde o meſmo
B S. Clemente, que por ſer a Quarta dia de Mercurio, e a Seſta de Venus, e por cubiça de fazenda, e fome de deleites vem ao mundo todos os exceſſos que ſe redimem com o jejum. Porém S. Epifanio, e S. Agoſtinho dizem q̃ ſe renova neſtes dias a memoria da morte do Salvador, q̃ foy à Seſta feira; e do Concilio dos Fariſéos, e Principes dos Sacerdotes, q̃ para iſſo fizeraõ, que foy à Quarta. S. Ignat. Epiſt. 8. Tertullian. adverſ. Pſychicos c. 14. Origen. homil. 10. in Levitic. Baron. Anno Dñi 57. n. 202. Clem. Alex. lib. 7. Stromatum. Epiphan. in doctrina Compendiaria in fine Panarii. Aug. Epiſt. 86.

Eſte jejum era perfeito, e naõ ſe comia atè hora de Nona: andando o tempo (Norte agudo que esfria os fervores do eſpirito) ficou ſò a abſtinẽcia de carne à Seſta feira, e Sabbado. E ainda neſte era couſa execravel o jejuar, ſe fallamos dos principios da Igreja Oriental. Tanto aſſim que S. Ignacio diſſe, q̃ ſe alguem jejuaſſe aos Domingos,
C ou Sabbados, excepto o da Semana Santa, eſſe tal era matador de Chriſto: *Siquis Dominicam diem, aut Sabbathum (uno excepto) jejunarit, hic Chriſti interfector eſt*: iſto he (como explica o P. Azor) proteſta, ou parece querer dar a entender com o penoſo, e triſte da abſtinencia, q̃ Chriſto de tal modo morreu à Seſta feira, que naõ ficou livre de tormentos ao Sabbado, e da meſma morte ao Domingo. E nos Canones dos Apoſtolos ſe ordena que ſe alguem for achado guardar jejum ao Domingo, ou Sabbado, ſeja depoſto, ſe he Clerigo, e ſe leigo, excõmungado: *Siquis Clericus Dominicum diem, aut Sabbathũ (uno ſolo demp-* Ignatius Epiſt. 8. Azor Inſtit. moralium lib. 7. c. 26. q. 3. Canone LV.

to) jejunare deprehendatur, deponitur: sin autem laicus, á Communione dejicitur. O mesmo diz S. Clemente Romano nas Constituiçoens Apostolicas. A

Clem. constit. Apost. lib. 7. c. 24.

Querião aquelles Christãos da Igreja Oriental detestar por esta via o erro dos herejes, q̃ affirmavaõ ser màõ, e impio o Deos dos Judeos por haver feito as coulas deste mũdo visivel, e como os Judeos festejão os Sabbados, estes pelo cõtrario em abominação sua o jejuavão. Teve o dito erro principio em Simão Mago, e passou a Menandrò, Saturnino, Basilides, Cerintho, e Carpocates, como dizem S. Irineo, e S. Epifanio. Pelo contrario pois os Christãos, que confessaõ o verdadeiro Deos por Creador assim das cousas visiveis, como das invisiveis, revirando o costume prohibirão jejuar ao Sabbado, antes o festejavão, como traz Socrates, excepto unicamente o da Semana Santa em memoria da solidaõ, e tristeza dos Apostolos naquelle dia. Porêm como a dita heresia naõ se espalhou cà na Igreja Occidẽtal, introduzio-se o jejum do Sabbado, e escreve S. Agostinho, q̃ a causa se dizia ser, por haver o Principe dos Apostolos S. Pedro entrado em desafio com Simaõ Mago ao Domingo, havendose preparado a si, e aos mais Fieis com o jejum do sabbado. A mesma aponta Cassiano nas Collações: mas Innocencio diz, q̃ he em memoria da clausura, e tristeza do Collegio Apostolico em Sabbado Sãto. E não sómente em Roma, ficou este costume, senão q̃ passou a outras muitas Igrejas, como consta dos Concilios Eliberitano, e Agathense, e de muitos Padres.

Irinæus lib. 1. c. 20. & sequentib. Epiphanius hæresi 21. & 22. 23. 27. 28.

Socrates lib. 6. Hist. c. 8.

Aug. Epist. 86. ad Casulanum.

Cassian. collat. 3. c. 10.

Innoc. Epist. 11. c. 4.

Concil. Eliber. Canone 26. & Agathense c. 12. Augdicta Epist. 86. & 118.

Hieron. Epist. 28. & 97.

S. Leo Ser. 4.

Tertull lib. de jejunio c. 16. & lib. de Anima c. 43.

Hieron. lib. 2. contra Jovinianum.

Arnobius, lib. 5. n. 13.

Pluta ch. quæst. Roman. 112.

Cantipratus lib. 2. Apum c. 29.

Cæsarius lib. 1. c. 59.

Pelbartus lib. 12. Stellarii, parte 2. artic. 1.

Os Fariseos (como já disemos) jejuavão Segundas, e Quintas: os Maniqueos Domingos, e Segundas, como se ve em S. Leão Papa: os Ethnicos tãbem tinhão seus jejuns determinados, como cõsta de Tertulliano, S. Hieronymo, Arnobio, e Plutarco, e chamavão a isto Curação dos Deoses; isto he ter cuidado de os cortejar, e serlhes officiosos. Do jejum das Quartas, e Sabbados em honra da Virgem S. N. sendo em si louvavel, abusârão alguns vinculandolhe a promessa infallivel de não haver de morrer sem Confissão Sacramẽtal: disso trazem exẽplos Thomás de Cantiprato, Cesario, e Pelbarto. Porêm naõ cõsta de tal promessa: antes em hum Synodo Cameracense foy con-

B

C

condenado geralmente o annexar ſemelhante privilegio ao culto de qualquer Santo: ſuppoſto que ordinario he à
A Mãy da Divina graça negociar fiel, e poderoſamente que não morrão ſeus devotos ſem a final.

II.

De D. Joaõ de Palafos Biſpo de Oſma.

NAõ uſádo de chocolate eſte veneravel Prelado, formàraõ diſto algũs materia de reparo, por haver no ſeu Biſpado (que era entaõ *La Puebla de los Angeles*) os melhores ingredientes daquella ſolemne bebida. Reſpondeo-lhes: *Naõ o faço por mortificarme; ſenaõ porque naõ haja em mi-*
B *nha caſa quem mande mais que eu, e tenho obſervado, que o chocolate he alimento dominante, que em ſe habituando a elle, naõ ſe toma quando a peſſoa quer, ſenaõ quando quer elle.*

DOUTRINA.

POr iſſo diſſe S. Ambroſio, que o deleite não ſabe ter modo: *Modum neſcit ponere voluptas.* E ainda que ſe aquiete quando ſatisfeito, he para nos tornar a inquietar mais faminto: *Recedit, atque decreſcit* (diz Ricardo Victorino) *ut iterum redeat, & creſcat.* Eſtranhou S. Carlos a hũ criado haver bebido fóra de horas, ainda que em tempo calmoſo. Acodio elle deſculpando-ſe, que não era mais que enxaguar a boca. A' manhãa (replicou o Sãto) a eſtas meſmas horas haveis de tornar a enxaguarvos, e beber quãto quizerdes. Por onde quem deſeja eſtar livre do peccado, não deve conſentir ſobre ſi o dominio dos appetites: *Si mei non fuerint dominati, tunc immaculatus ero.* Porque o admittir eſtes he como dar alojamento a ſoldados, dos quaes ſe diz q̃ no primeiro dia ſaõ hoſpedes comedidos, no ſegundo amigos confiados, no terceiro ſenhores inſolentes,

C

Pſ. 18. v. 14.

Taõ

Taõ certo he que o chocolate domina nos que a elle ſe coſtumaõ, e ſe toma quando elle quer, que em huma terra de Caſtella, para mayor regoſijo de humas bodas, mandou-o noyvo fazer huma fonte de chocolate, que correu todo aquelle dia publicamente para todo o povo. Devia haver dentro em caſa preparadas grandes caldeiras ao fogo, e muitos miniſtros ralando o material, e batendo-o com deſmedidos molinilhos, e deſta mina, por ſecretos conductos ſe hia cevando aquella fonte. Mais he, que em algumas terras daquella meſma Coroa he ordinario em acabando de commungar, e dar graças, tomarſe nas Capellas das Igrejas, levando para iſto de caſa os aparelhos neceſſarios, que nunca ſeraõ taõ poucos, como he de crer que ſaõ os que levaõ para receber o Santiſſimo. *Nunquid domos non habetis ad manducandum, & bibendum? an Eccleſiam Dei contemnitis?* ſe pudera aqui dizer com o Apoſtolo: Por ventura naõ tendes caſa onde comais, e bebais, e vindes deſpreſar a Igreja? Porque que outra couſa he ſenaõ deſprezalla, fazer a noſſa cuzinha apar dos ſeus altares? Outros ſobem taõ de ponto ſeus elogios, que naõ falta quem diga, que ſe os entendimentos comeſſem, havia de ſer chocolate. Muito jejua o entendimento de quem, por ennobrecer huma couſa taõ vil, envilece outra taõ nobre; e por fazer hum eſtomago como de Anjo, faz huma alma de Cacao. Sim come o entendimento, naõ as couſas terrenas, como queria aquelle neſcio, que dizia: Alma minha regala-te, come, e bebe; mas a contemplaçaõ das verdades, e quando na meſa de Deos comer a primeira de todas, que he elle meſmo, entaõ ſerá farto: *Satiabor cùm apparuerit gloria tua.* Eſta magnifica promeſſa de Chriſto eſperamos pelo meſmo Chriſto, que diſſe: Eu diſponho para vós o Reino, como meu Pay o diſpoz para mim; para que comais, e bebais à minha meſa no meu Reino. Naõ he fabuloſa eſta ambroſia, porque he verdadeiro eſte Deos.

Contou-o peſſoa grave, veridica, e paizana.

1. Cor. 11. 22.

Luc. 12. 19. Anima... comede, bibe, epulare.

Pſ. 16. 15.

Luc. 22. 29. Ego diſpono vobis, ſicut diſpoſuit mihi Pater meus regnum, ut edatis, & bibatis ſuper méſam meam in regno meo.

A

B

C

III.

A *Do meſmo D. Joaõ de Palafox.*

ABominando eſte Prelado o uſo do vinho puro dizia: *Que ſó era bom para conſagrar; porque ali totalmente muda de ſubſtancia, e que o peccado mais digno de perdaõ era o dos taverneiros, que aguavaõ o vinho; porque com eſta transformaçaõ atalhavaõ muitos danos de corpo, e alma.*

EXPLICAÇAM, E PARERGON.

1 EStá do vinho que ſe prepara para a Miſſa ao conſagrarſe já naõ deve ſer puro, mas temperado cõ agua (por preceito da Igreja em muitos Concilios) ainda q̃ modiciſſima, como diz o Florentino. Porèm ſe a não pudeſſe o calor do vinho converter em ſi antes da Conſagraçaõ, ainda aſſim querem graviſſimos AA. * que ſobrevindo a Conſagraçaõ, fica tranſubſtanciada immediatamente no Sangue de Chriſto; e que nada eſtá naquelle Calix, que os Fieis naõ devaõ adorar.

Concil. Bracarenſe 3. Canone 1. Triburienſe Canone 19. Trullanum Canone 32. Tridentinum ſeſſ. 22. c. 7. Florentinum in Armenorum inſtructione. * Os Cardeaes Lugo, Toledo, Baronio, e Alano, Salmeron, Coninc, Paſqualigo, Cõpt. Rhodes.

Occorreme de caminho, que naõ ſòmente o vinho para a Miſſa deve ſer puro; ſenaõ que talvez ſe conſerva puro o vinho por virtude da Miſſa. S. Pedro Mauricio, chamado o Veneravel, Abbade da memoravel Familia Cluniacenſe, nas ſuas Conſtituições ordena, que o Monge que tiver a ſeu cargo tirar vinho para as Miſſas da noite de Natal, tire hum pouco de cada tonel, ou vaſilha, de C todas as que eſtiverem na adega: por quanto diz que ha experiencia certa, de que a vaſilha donde ſe tirou o vinho para as Miſſas daquella felicíſſima noite, naõ ſe turba, nem esfria, nem azeda.

Conſtitutione 37. *Veja-ſe a Bibliotheca dos PP. Antigos to. 22. pag. 1142. e o traz tambem o P. Novarino*, Agni Euchariſtici, n. 734.

O conſelho de aguar o vinho he de Platão, que dizia myſteriosamente, que o Deos Libero ſe cazaſſe com as Nymfas, ou Lymfas. Caſado entaõ ſe amanſa, e multiplica, conforme aquelle vulgar verſo.

Lymphatum creſcit, dulceſcit, lædere neſcit.

Mas ſendo puro, generoſo, e em quantidade, os danos que

que causa no corpo, saõ que offende o figado, baço, e cabeça, como penetrador maximo. Os da alma saõ, que fomenta o concupiscivel, irrita o irascivel, e offusca, e perturba o racional: e assim por sua causa padecem naufragio, ou pelo menos grave tormenta, as virtudes da Castidade, Modestia, Silencio, Mansidaõ, e Prudencia. Tudo ajuntou Salomaõ dizendo: Luxuriosa cousa he o vinho, e a embriaguez tudo confunde com tumultos: naõ será sabio quem se lhe affeiçoa.

Cornel. Cels. lib. 1. de Medic. c. 4. ex Hippocrate, & Galeno.

A

Prov. 20. 10. Luxuriosa res est vinum & tumultuosa ebrietas: quicumque his delectatur, non erit sapiens.

A tanto chega este dano da parte racional, que juntamente move a grande rizo, e a grande lastima. O outro, depois de bem ceado, sahindo huma noite de luar para ouvir a Missa do gallo, ajoelhou no pateo, e olhando para o Ceo, batia nos peitos, e dizia com grande fervor, e muitas lagrymas: A mim peccador duas Luas! Jâ houve quem ordenou no seu testamento, que â hora da morte lhe fizessem emborcações de vinho sobre a boca atê espirar. Quem naõ ve que tambem era effeito do mesmo licor da planta de Noè, dispor esta verba em testamento, o qual se naõ havia de abrir, senaõ depois delle morto? Mas em fim a agua apaga o fogo, e o vinho a razaõ (disse S. Basilio:) *Quemadmodum aqua contraria est igni, sic immodestia vini rationem extinguit.* S. Carlos Borromeu admoestou, e reduzio a este miseravel, e fez que raigasse taõ infame testamento.

Leitaõ de Andrade na sua Miscellanea.

Munhoz na Vida de S. Carlos.

B

Conc. 14. contra ebrietatem.

Peyor succesſo tiveraõ huns Soldados (eraõ quinhentos, parte Inglezes, parte Hollandezes) que saltàraõ no Galeaõ S. Filippe de Hespanha, estando sobre a barra de Neoporto, naquella infausta jornada do anno de 1588. Havia no baixel muito, e bom vinho, em que tanto se entregáraõ, que advertindo que estava crivado ao lume da agua pela artelharia inimiga, de repente dando o vaso huma volta em redondo, (porque tambem tinha bebido) os sumio comsigo apique: ficando em questaõ quem teve mayor parte no seu naufragio, se Bacco, se Neptuno.

Filippe Cominez.

C

Æneidos. 5.

Em terra foy outro naufragio de dous Suizaros, que se desafiáraõ com as taças, como la Dares, e Entello cõ os cèstos, e andàraõ taõ porfiados Vin-haurias (assim chamou S. Agostinho aos fortes bebedores,) que nenhum

quiz

quiz ceder, e ambos ficarão mortos no lugar do conflicto, que era a taverna, para terem á mão as armas. Os Gregos chamão *Bria* acerta medida por onde se bebe: por isso dizemos *Sobrios* os que não chegão a ella, e *Ebrios* os que passão. Para gente que fazia brio do passar da bria, a taverna era lugar assás honrado em vida, e em morte. E já q se sepultárão em vinho, e dahi no inferno, ponhamos-lhes por epitafio sobre a cãpa da sua infamia, aquella letra de Isaias: *Væ qui potentes estis ad bibendum vinum, & viri fortes ad miscendam ebrietatem:* Ay dos q sois esforçados no copo, e valentes na competencia da ebriedade! Eis aqui pois os danos da alma que causa a intemperança: não pódem ser mayores, que os que topão em perdella eternamente. Lib. 26. contra Faustum c. 31. Isai. 5. 22.

IV.

Do Abbade Isidoro.

SEmpre que este santo Varão comia, chorava. Perguntando-lhe a causa, respondeo: *Vergonha tenho de que sendo criado para me sustentar da face de Deos no Ceo, necessito de comer manjares da terra: e que havendo de viver com os Anjos, me haja forçoso ser semelhante aos brutos.*

REFLEXAM.

EM podia dizer com Job: *Antequàm comedam, suspiro:* Primeiro que entrem os bocados, lahem os suspiros. Ou com David: *Potum meum cum fletu miscebam.* Do que eu bebia, era tempero o que eu chorava. O avesso disto saõ os mundanos: a cuja mesa assistem o rizo, a chança, a musica, o desafogo, e o esquecimento dos bens eternos. Estes tem o seu ventre por Deos, como diz o Apostolo: os outros por tyranno. Estes lhe daõ culto voluntario: os outros tributo violento. *Super flumina Babylonis, illic sedimus & flevimus: cùm recordaremur, Sion:* As abundancias deste mundo saõ rios de Babylonia: onde huns se mergulhaõ dentro, outros sómente se Job 3. 24. Psalm. 101. 10. Philip. 3. 19. Psalm. 136. 1.

as-

assentaõ á borda: aquelles por regalo, estes por necessidade. Quem tem os olhos em Siaõ patria sua, junto aos rios de Babylonia faz dos seus olhos rios: quem se naõ lembra de Siaõ, como ha de chorar em Babylonia? E se tem o sentido vivo para as cebollas do Egypto, como o naõ terá boto para o Mannà do deserto? Comer saboreando-se, e gozando-se nos manjares, naõ he de homens, mas de animaes immundos, que a toda a pressa, e com toda a applicaçaõ grunhem, e fossaõ, e se atollaõ no lameiro. A alma racional, que segue as pégadas destes, bem mostra ignorar a sua formosura de ser creada para sustentarse de Deos: *Si ignoras te ò pulcherrima inter mulieres, egredere & abi post vestigia gregum.* Do animal chamado Alche escreve Solino, que tem fórma de mulo, e o beiço de cima taõ grande, que para pastar lhe he necessario ir sempre recuando. Estes que por fartarse dos gostos terrenos, cedem dos espirituaes, certo he que andaõ para traz, e saõ Alches de beiço grande. Tal foy Esaù preferindo humas lentilhas bem cosidas aos foros da sua primogenitura. Quando o Prodigo trouxe à memoria o muito, e bom pão da casa de seu pay, entaõ começou a aborrecer a miseria das cascas dos animaes de que vivia. Porque razaõ hia Saõ Bernardo para o refeitorio com tristeza, e pena, e alli naõ discernindo os sabores, tomava huma cousa por outra? Porque razaõ S. Pedro de Alcantara ordinariamente comia de tres em tres dias; e Santa Coleta jejuava huma Quaresma inteira a pão, e agua; e Santa Isabel Taumaturga outra sem provar cousa alguma? Moravaõ com o corpo na terra, mas com o espirito no Reyno de Deos; que naõ consiste em comer, e beber; senaõ em virtudes, e paz, e gozo no Espirito Santo: *Non est enim Regnum Dei esca, & potus: sed justitia, & pax, & gaudium in Spiritu Sancto.* Só do cheiro q̃ trouxe do Ceo S. Salvio Bispo em huma visaõ admiravel, naõ pode depois provar bocado em tres dias. Sò de empregar S. Ignacio os olhos nessa vaidaõ, e altura dos campos estrellados, naõ podia depois olhar para as cousas terrenas. Ouçamos neste ponto a Lyra do Padre Lyreo fallando em nome de seu Santo Patriarca.

Num. 21. 5. Anima nostra jam nauseat super cibo isto levissimo.

Cant. 1. 7.

Apud Albert. M. lib. 22. de Anima lib. Tr. 2. litera A.

Gen. 25. 34. Accepto pane, & lentis edulio, comedit & bibit; & abiit; parvi pendès quod primogenita vendidisset.

Luc. 15. 17. Quàti mercen. in domo patris mei abund. panibus ego autè hic fame pereo!

Fr. Joaõ de S. Maria na Chronica da Provincia de S. Joseph liv. 1. c. 29.

Acta Sanctor. tom. 1. Martii, in vita B. Coletæ. c. 13. n. 114. Et to. 3. April. die 24. fol. 272. Rom. 14. 17. Surius 10. Septèb. to. 5.

Vos astra testor, agmen in Cælo vigil,
Orbisque sempiternus errantis chorus,
Divinitatis intima scena extima:
Dum vos avaro sæpe conspectu fruor
Dediscо rerum pretia: nunc gemmæ jacent,
Jam pallet aurum, non habet flores humus:
Et quæ placebant antè, nunc sordent opes.

Lib. 1. Apopht. n. 8.

V.

De S. Otão Bispo de Bamberga.

ERa parcissimo na mesa, e repartia pelos pobres, e enfermos tudo o bõ, q̃ para ella preveniaõ seus ministros. Hum dia de jejum lhe puzeraõ diante certo peixe de grande estimaçaõ exquisitamente cusinhado. O Santo, em vez de mostrar no gesto os primeiros movimẽtos da vontade de o comer, entristeceu-se. O Mordomo o exhortava a q̃ recebesse aquella pequena bẽçaõ da mão do Creador, pois necessitavaõ de algũa interpolaçaõ em suas abstinencias, continuo trabalho. Perguntou o Santo: *Custou elle algum dinheiro?* Respondeu-lhe: Sim Senhor; dous escudos. *Naõ queira Deos* (disse o Sãto, affastando o prato) *que o meu ventre me custe taõ caro: anday depressa, levay-o a meu Senhor Jesu Christo* (assim chamava a qualquer pobre;) *que a mim estando saõ, e robusto, hum pedaço de pão me basta.*

REFLEXAM, E DOUTRINA.

OS que soccorrem a necessidade alheya com o que subtrahiraõ ao gosto proprio, saõ ambidextros, como o famoso Aod, que a Escritura celebra. Tal era este Santo Prelado, verificando se nelle aquella sentença de S. Leaõ Papa: *Impendamus virtuti quod subtrahimus voluptati: fiat refectio pauperis abstinentia jejunantis:* Abbatamos as despezas da Caridade das quantidades do regalo: converta-se em

Judicium 3. 15.

Serm. 2. de Jejunio decimi mensis, & collectis.

em reteiçaõ do pobre o jejum do abſtinente. Deſte modo enchia de hum ſó lance todas as medidas da juſtiça; que ſaõ haverſe pio com Deos, caritativo com o proximo, e rigoroſo conſigo: *Imple menſuram juſtitiæ* (diſſe S. Lourenço Novarienſe): *quomodo? Orando, vigilando, erogando, jejunãdo; quin etiam parcimonia pulſando, negligendo delicias, & nutriendo diſciplinam, fugiendo feſtivas dapes, & frugalitatem ferendo, deponendo pinguedinem, & diligendo pallorem.*

Homilia de eleemoſyna to. 9. Bibliot. PP.

1. ad Timot. 3. 2.

Como a temperança he propria da meſa de hum Biſpo, eſtà definido pelo Apoſtolo: *Oportet Epiſcopum ſobrium eſſe.* Em cuja conformidade diſſe o Concilio Carthaginenſe IV. que a alfaya do Biſpo foſſe vil, e a meſa pobre; e q̃ o decôro da ſua dignidade lhe ſahiſſa da ſua fé viva com exemplares procedimentos. Semelhante inſtrucçaõ lhe dà o Tridentino, referindo-ſe a eſte Carthaginenſe. E me parece a ſegue bem certo Prelado grande deſte Reyno, cuja meſa me conſta ſer taõ parca, q̃ todas as deſpezas della ſe gizaõ do eſtipendio da ſua Miſſa, que he ordinario, como o de qualquer de ſeus Capellães; hum dos quaes corre cõ o cuidado de aſſignarlhe a tençaõ, e arrecadar a eſmola. Mas por iſſo o dito Prelado tem com que ſe ajude mais a fazer fundações, reedificar Moſteiros, dotar orfas, prover hoſpitaes, e atalhar varios perigos, que comſigo coſtuma trazer a neceſſidade.

Concil. Carthag. 4. c. 15. Epiſc. vilẽ ſupelectil. & menſam ac victũ pauperem habeat, & dignitatis ſuæ authorit. fide, & vit. meritis quærat.

Concil. Trid. ſeſſ. 21. de reformatione c. 1.

O Illuſtriſſimo S. D. Fr. Luiz da Silva, Arcebiſpo de Evora, Fundador da Congr. do Orat. de Eſtremoz.

A razaõ daquelle *Oportet* de S. Paulo toma o Angelico Doutor do excellentiſſimo gráo em que os Biſpos eſtaõ collocados, ao qual pertence eſſencialmente governar, com diſcriçaõ, e edificar com exemplo os ſubditos. E primeiramente a Gula, como mãy que he da eſtulticia, repuna á Sabedoria, que he a que deve morar, e collaborar com os que governão, como o Sabio pedio a Deos, e o jejum, como bom companheiro que he da Oração, concilia por via deſta os dons da Sciencia, Entendimento, e Conſelho. Pelo que veyo a dizer Saõ Clemente Alexandrino, que de balde trabalha pela Sabedoria, quem enterra o ſeu eſpirito no ſeu eſtomogo, e que ſe torna ſemelhante ao peixe Oras (em Latim *Aſelus*, porque tem a pelle ſemelhante à de hum burrinho)

S. Thom. 2. 2. qu. 149. artic. 1.

Sap. 9. v. 4. & v. 10. Da mihi ſedium tuarũ aſſiſtricem ſapientiã... ut mecum ſit, & mecum laboret.

Clem. Alex. lib. 2. Pedagog. c. 1. Qui ſuper duo utitur alimento, nunquam ut ſit ſapiẽs laboraverit, ut qui mẽtem.

rinho) do qual eſcreve Ariſtoteles, que ſò elle entre todos os animaes, tem o coraçaõ no ventre. Naõ quiz A por certo S. Ottaõ converterſe neſte pexe, quando não quiz converter em ſi aquelloutro.

Impede tambem a glotoneria do Prelado a edificaçaõ dos ſubditos: porque eſta ha de padecer do ſeu bom exemplo, e impoſſivel ſerá fazer ſombra direita a vara torta; ou pelo menos muy difficil, que os cordeirinhos naçaõ de differente cor da q̃ ſuas mãys ao conceber viraõ nas varas, que Jacob lhes poz nas pias. Por iſſo diſſe o Eccleſiaſtes: Ay de ti ó terra, cujos governadores almoçaõ cedinho: *Væ tibi terra, cujus principes manè comedunt.* O que gravemente ponderou S. Bernardo naquella famoſa carta a Henrique Arcebiſpo Senonenſe: Em que nos differençamos meu paſtor, e eu, que ſou ovelha ſua, ſe elle tambem anda encurvado ſobre B a terra buſcando que paſtar, e trazendo o eſpirito em jejum, o corpo em regalos? oh grande deſgraça! Quando o lobo accommetter, quem ſaira à defenſa do rebanho?

tem in ventre inſodere it: admodum ſimilis piſci, qui græce óros, ideſt aſinus dicitur, quem quidem Ariſtoteles dixit ſolum ex omnibus animalibus habere cor in ventre. Eccleſ. 10. 16. S. Bern. ep. 42. Si inſtar mei, qui ovis ſum, paſtor meus etiam incurvus graditur vultum gerens deorſum, & terram ſemper reſpiciens; & ſoli ventri mente jejunus pabula quæritans; in quo diſcernimur? Væ ſi venerit lupus, quis præſidebit, & occurret?

IV.

Da Emperatriz D. Leonor.

HAvendo alguns annos, que eſta Senhora, filha delRey D. Duarte de Portugal, era caſada com o Emperador Federico III. ſem ter delC le filhos, aconſelharaõ-lhe os medicos, que uſaſſe de vinho, para lograr a deſejada fecundidade. Ao que ella reſpondeu com gracioſa modeſtia: *Oh que mal parecerà beber eu ſendo mulher, e Portugueza; naõ bebendo o Emperador ſendo homem, e Alemaõ.*

QUESTAM.

A

AS duas differenças, que eſta Princeza conſiderou, hũa das Naçoens, outra dos ſexos, illuſtremos ſò eſta ſegunda, que he mais clara, e menos odioſa. Perguntará alguem, porque razaõ o uſo de vinho em mulheres mais ſe eſtranha, e reprehende? E reſponde ſe, que porque devem obſervar mais attentamente as leys da Caſtidade, Modeſtia, e Silencio nos ſegredos de ſua caſa, e na preſença dos homens, e contra todas eſtas virtudes peleja aquelle liquor fugoſo, e atrevido.

Epheſ. 5. 18. Primeiramente peleja contra a Caſtidade. Claramente o diſſe S. Paulo: *Nolite inebriari vino, in quo eſt luxuria: ſed implemini Spiritu Sancto:* Naõ vos demaſieis no vinho, em que ha luxuria: mas encheivos do Eſpirito Santo. Onde parece ſuppor o Apoſtolo duas ſôrtes de vinho; hum em que ha fervor caſto, e eſte he o Eſpirito Santo: outro em que ha fervor laſcivo, e eſte he o vinho material. E naõ diſſe que eſte fervor laſcivo eſtá no que bebe o vinho, ſenaõ no meſmo vinho: porque jà deſde a vide leva conſigo eſte mal, como effeito dentro da virtude da ſua cauſa. Aqui ſe moſtra com quanto acerto e propriedade o amfitheatro, onde em Roma ſe celebravaõ antiguamente as feſtas de Bacco, eſtava pegado ao Templo de Venus: porque tem immediata vizinhança, e correſpondencia intima as inſolencias deſtes dous vicios. O vinho queimado ſerve (diz hum Author Phyſico (para amanſar as febres. Porém ſendo, a juizo de S. Ambroſio, a ira, e a luxuria febres: *Febris noſtra iracundia eſt, febris noſtra luxuria eſt:* o vinho que nos queima, ſerve para acendellas. Nas pyras, ou fogueiras ſolemnes dos defuntos coſtumavaõ derramar vinho para mais ſe atearem. Se eſte liquor ajuda a ſe abrazarem os corpos defuntos: quanto mais ajudarà a ſe accenderem os corpos vivos?

B

Franciſcus Bacon. Sylva ſilvarum Centuria 1. n. 23. S. Ambr. lib. 4. in Luc. c. 4.

Mendoça Saturnaliorum decade 8. c. 1.

C

Nam Venus in vinis, ignis in igne ſubeſt.

Eſta he tambem a razaõ daquellla ſeveriſſima ley das XII. Ta-

XII. Taboas, que permittia ao marido matar a mulher que bebeſſe, naõ menos que ſe adulteraſſe: *Si vinum biberit, domi ut adulteram poniunto.* E Romulo a reteve, e confirmou, ſuppondo que daquelle a eſte exceſſo era facil o tranſito. Deſta permiſſaõ uſáraõ muitos: em particular hum Egnacio Metello, de quem eſcrevem Tertulliano, e Plinio, que matou a ſua mulher com hum pão pela achar no tal furto. *Idque factum* (accreſcenta Valerio Maximo) *non accuſatore tantum, ſed, & reprehenſore caruit:* Que eſte feito careceo naõ ſó de parte que o accuſaſſe, mas tambem de cenſor que o reprehendeſſe. A' outra por nome Fauna tirou o marido a vida a açoytes com varas de murta. Devia ſer, que por mais delgadas, e compridas, as teve por mais accõmodadas para o ſupplicio: ſe já naõ foy, por ſer eſta arvore dedicada ao amor conjugal (donde ſe intitulou Venus Myrthea) que era quem neſte caſo ſe dava por mais offendido. Cneyo Domicio portou-ſe mais humanamente, contentando-ſe com privar do dote a criminoſa. Tambem indica a ſevera obſervancia deſta prohibiçaõ, o que eſcreve Blondo, haver viſto huma antiga eſcritura de caſamento, em que o eſpoſo pactava com o futuro ſogro conceder a ſua mulher vinho os oyto dias ſeguintes a cada parto, e àlem diſſo nas doenças por conſelho dos medicos, e nos dias de feſta huma vez ſómente. E finalmente a mulher vinolenta fica ſolitaria de ſi meſma, porque ſe lhe vaõ de caza o juizo, e pudor, que eraõ ſuas guardas, e por conſeguinte expoſta a atrevimentos alheyos, ou caſuaes, ou penſados.

A *Fr. Joſeph de Jeſu Maria tom. 1. das excellencias da Caſtidade lib. 3. c. 12. Gellius lib. 10. c. 24. Tertull. in Apologetico c. 6. Plin. ib. 14. c. 13.*

Valer. Max. lib. 6. c. 3. n. 9.

B *Plutarch. inqq. Roman. q. 20.*

Apud Beyerlinck. in Theatro V. Vinum.

C ——— *Mulier multo madefacta Lyæo,*
Digna eſt concubitus quoslibet illa pati.

Ovid lib. 3. de Arte amandi.

Tambem a Modeſtia naõ tem concordia com Bacco. Eſte que por outro appellido ſe chama Dionyſio, porque fingem ſer filho de Jupiter, e criado em ſua meniniſſe pelas Nymfas da cova Nyſa em hum alto monte, teve tambem o nome de Libero, ou livre, pela liberdade que traz conſigo, aſſim na lingua, como nas acçoens, e mais coſtumes; e o de Bacco, pelo clamor deſcompoſto das vozes. Ao redor da ſua carroça levada por Tigres, ou

Dempſterus lib. 1. antiquit. Roman. c. 12.

Panthéras, hiaõ huns monſtros ridiculos, ou demonios, chamados Cóbalos, e Acratos, ſaltando, e brincando com disfórmes geſtos. E a mythologia da fabula (ſegundo expoem Franciſco Baconio) era ſignificar as perturbaçoens do animo, e meneyos de roſto indecoroſos, de que a intemperança ſe acompanha; porque naõ deixa a attenção neceſſaria de hum ſobre ſi meſmo, para que refreye os ſaltos deſtes Cóbalos, e Acratos. *Omnis enim affectus vehementior* (diz eſte Filoſofo) *progignit motus in oculis, & ore ipſo, & geſtus indecoros, & inconditos, ſubſultorios, & deformes.* Ovidio tambem ao intento:

Nox, & amor, vinumque nihil moderabile ſuadent:
Illa pudore vacat, liber, amorque metu.

A noite, o vinho, e o amor,
Em nada ſabem ter modo:
Porque carecem de todo,
Ou do medo, ou do pudor.

A's vezes eſta falta de modo ſe miſtura tambem no exercicio da Oraçaõ, equivocando-ſe o fervor do eſtamago com o do eſpirito. Por iſſo o Sacerdote Heli, quando vio a Anna orar com geſtos, julgou (ainda que erradamente) eſtes effeitos por filhos da ebriedade: *Uſquequò ebria eris? digere paulisper vinum quo mades:* naõ ſendo ſe naõ de animo attribulado, que deſabafava com Deos na Oraçaõ.

Naõ menos he Bacco grande fallador, e revelador de ſegredos: bem aſſim como o mar em tormenta vomita facil ás prayas, o que diſſimulador encerrava no fundo. Por onde diſſe Eſquilo, que no eſpelho vé hum o ſeu roſto, no vinho vem os outros o ſeu coraçaõ: *Æs formæ ſpeculum eſt, vinum mentis.* Concorda o adagio antigo: Que tres generos de peſſoas dizem a verdade claramente: meninos, doudos, e embriegados, huns por falta de idade, outros por infirmidade, outros por vicioſidade. Se aſſim naõ ſucceder ás vezes, ſeraõ raras. Por iſſo Zeno havendo eſtado muy ſilencioſo em hum banquete que ſe deu a certos Embaixadores, perguntando-lhe eſtes, que

Huma boa deſcripçaõ delles ſe pode ver em Pedro Bleſenſe epiſtola 7.

Lib. 2. De augmento ſcientiarũ c. 13. exemplo 3.

3. Reg. 1. 14.

A

B

C

que diriaõ delle ao ſeu Rey, quando voltaſſem: *Dizey*, (lhes reſpondeu) *que viſtes em Athenas hum homem que*
A *entre as meſas, e taças naõ fallava.* E finalmente Salomaõ nos ſeus Proverbios, entre os mais effeitos da vinolencia annumerou tambem eſte da loquacidade: *Cui lites, ſive rixæ? cui LOCUTIO? Cui vulnera ſine cauſa? Cui rubedo oculorum? Nonne morantibus in vino?* Logo ſe nas mulheres ſe ajuntar a loquacidade do ſexo, com eſtoutra do vicio, que ſegredo haverà em caſa, que naõ repaſſe a toda a viſinhança? Prov. 23. 29. juxtà Verſionem Hebraicam.

Pelo que, ſendo proprio louvor das mulheres a limpeza da Caſtidade, a compoſtura da Modeſtia, e a obſervancia do Silencio: bem ſe moſtra quanto lhes importe converſar pouco com Dionyſo livre, que tudo iſto desbarata, e que fazia bem a noſſa Emperatriz em preferir o honeſto ao util, conforme o dictame de Santo
B Ambroſio: *Non vincat honeſtatem utilitas, ſed honeſtas utilitatem.* Lib. 3. Officiorum. cap. 6.

VII.

Do Abbade Silvano.

CAminhando hum dia de jejum com ſeu diſcipulo Zacarias, chegou a hum Moſteiro, onde os recebèraõ com officioſa caridade, e lhes miniſtràraõ hum moderado refreſco. Ao voltar
C bebeu Zacarias de huma fonte, e Sylvano o reprehendeu, porque quebràra o jejum. Deſculpou-ſe dizendo: Padre, jà no Moſteiro o quebràmos ambos. Reſpondeu o Meſtre: *Enganaſte filho: que aquella acçaõ naõ foy violaçaõ do jejum; ſenaõ communicaçaõ da caridade.*

EXPLICAÇAM, E VEXAME.

A



Eceſſitaõ aqui o Meſtre de alguma explicaçaõ, e o diſcipulo de ſeu vexame. Queria Sylvano dizer, que o beber no caminho fora por vicio do appetite; e o comer no Moſteiro por virtude da condeſcendencia com os proximos, em ſignificaçaõ de que os amava; conforme á regra do Apoſtolo: Alegraivos com os que ſe alegraõ. Naõ eraõ aquelles jejuns de preceito, mas de ſuperrogaçaõ, e eſtylo dos Monges, e os Santos ao exercitar as acções, naõ atendem tanto ao material dellas, quanto ao eſpirito que as motiva, e rege; e como eſtaõ limpos, tudo para elles he limpo: *Omnia munda mundis.* E bem ſe ve que Sylvano, e Zacarias attendiaõ ſò ao fim da mortificaçaõ; pois hum ſuppunha, e outro naõ negava, que o beber agoa agoava, ou deſtruhia o jejum. Mas ainda no caſo que houveſſe preceito, podia em opiniaõ provavel, deferir á urbanidade dos que rogavaõ, ſendo a quantidade pouca.

Rom. 12.15. Gaudete cum gaudentibus.

Ad Titum 1. 15.

B

Medina, Cenedo, Ledeſma, Filiucio, Fagundes, Veiga, Sà, Diana, Sanches, Lezana, a quem cita, e ſegue Paſcaligo Deciſione 137.

A reſpoſta do diſcipulo por tres partes gretou, e deu a rever a ſua imperfeiçaõ. Primeiro: porque acodio logo a cobrirſe com a deſculpa; que he falta muito para eſtranhar em peſſoas que tratãõ da virtude, e eſtes eſcudos que metemos contra o golpe da correcçaõ, ſáõ os que o zelo da reforma ha de queimar: *Scuta cumburet igni.* Porque (como dizia o Veneravel Padre Simaõ Rodrigues Fundador da Companhia em Portugal:) o ſubdito que ſe deſculpa, quando o Superior o reprehende, eſtá longe da emenda; porque o principio deſta he o conhecimento proprio; que ſe o tivera, naõ ſe deſculpàra. No Levitico ſe mandava que o homem leprozo tiveſſe a cabeça deſcuberta, e os veſtidos deſcoſidos, e a boca tapada com os meſmos veſtidos: *Habebit veſtimenta diſſuta, caput nudum, os veſte contectum.* Toda a virtude imperfeita tem ſuas nodoas de leproſa, e para eſtas ſe curarem, devem deſcobrirſe, tapando juntamente a boca para a deſculpa dellas. Origenes naquelle lugar:

Pſalm. 45. 10.

C

Levit. 3. 45.

Opor-

Oportet eum qui peccatis aliquibus obſeptus eſt, mala ſua, & flagitia nullis mallorum aſſumentis, nullis excuſationum velaminibus operire. Antes o taparſe com a eſcuſa, he deſcobrir outra peyor nodoa.

Por iſſo diz Salomaõ juntamente, que a boca do impio tapa a maldade: *Os impiorum operit iniquitatem:* e que a maldade tapa a boca do impio: *Os impiorum operit iniquitas.* Como póde iſto ſer ao meſmo tempo, ſenaõ porque o meſmo taparſe por huma parte he deſtaparſe por outra? A boca do peccador tapa a ſua maldade, quando a pertende eſcuſar, e a maldade tapa a boca do peccador, quando pela meſma eſcuſa o acabou de convencer. Com que o ſeu eſcudo ſe torna em lança, e a deſculpa em nova culpa.

Prov. 10. 11. Ibidem v. 6.

Segunda. Porque dizer: *Já no Moſteiro quebrámos o jejum*, era ſuppor que huma vez commettida huma falta, naõ importa outras mais do meſmo genero. E ſuppoſto que o jejum, quanto à parte de ſer *Unica comeſtio*, he indiviſivel, e huma vez perdido naõ ſe repõem pela ſubſequente obſervancia: todavia o que convem aos eſpirituaes naõ he ſempre o que he licito ſegundo os Moraliſtas. Já quebrámos: logo vamos quebrando mais: eſta conſequencia naõ colhe, nem eſtá em Barbara, por iſſo meſmo que he barbara conſequencia. Preſo por mil, preſo por mil e quinhentos: eſte adagio he diabolico, e direitamente oppoſto ao Eſpirito Santo, que nos enſina: Filho peccaſtes? naõ accreſcentes mais, e do paſſado pede a Deos perdaõ.

Eccl. 21. 1. Fili peccaſti? ne adjicias iterùm: ſed & de priſtinis depreca-re, ut tibi dimittantur.

Terceira. Porque dizer: *Já quebrâmos ambos o jejum*, era derivar a falta propria da de ſeu Meſtre, e ſocio, e allegallo por complice, e exemplar. Aſſim fez noſſo pay Adaõ, quando perguntado porque comera contra o preceito, meteo comſigo a Eva, e ao meſmo Deos; a Eva que lhe deu o pomo, e a Deos que lhe dera a Eva. De ſórte que ao argumento do Senhor: *Ex ligno de quo præceperam tibi ne comederes, comediſti*, quiz dar hum prompto *Retaqueos Mulier, quam dediſti mihi ſociam, dedit mihi.* Por todas eſtas razões eſtava bem a Zacarias, já que ſe refreſcou da calma com a fonte, naõ refreſcar ſua immortificaçaõ com a deſculpa.

Gen. 3. v. 11. & 12.

A

TITULO II.

ALEGRIA, TRISTEZA.

VIII.

De Thereſinha de JESU.

ESta Angelica menina natural de Sanlucar, que morreu de cinco annos, havendo-lhe já B naſcido neſte matutino crepuſculo de ſua idade o Sol claro do uſo da razaõ; eſtando enferma, e com perigo de morte ſua mãy Maria Urbina, e por eſta cauſa muy doloroſas ſuas irmãas, ella ſó moſtrava no ſemblante ſerenidade, e alegria. Como eſtàs aſſim (lhe diſſeraõ ellas,) quando todas andamos triſtes? Reſpondeu com donaire: *Choray vós-outras, que tendes mãy, que pòde morrer: a minha que he a Virgem MARIA, nunca ha de morrer, e por iſſo naõ choro.*

MORALIDADE, E ADDIÇAM. C

S. German. Ser. in Nativitate Virgin. S. Greg. Nyſſen. Oratione de reſurrectione. Rupert. lib. 1. in Zachariã Proph.



Eſta ſoberana, e auguſtiſſima Senhora intitulaõ os Santos Padres Mãy da alegria, raiz do contentamento, e gozo univerſal do mundo, e della eſtá eſcrito que a ſua cõmunicaçaõ naõ he triſteza, nem amargura, mas paz, e goſto: *Non enim habet amaritudinem converſatio illius, nec tædium convictus illius, ſed lætitiam, & gaudiũ.* Sap. 8. 16. O ponto eſtá em que nós paſſemos à ſua filiaçaõ, negando

do a de Eva, como a meſma Senhora nos admoeſta: *Tranſite ad me omnes, qui concupiſcitis me, & a generationibus meis implemini.* Eccl. 24. 26.

Em huma antiga medalha da Emperatriz Fauſtina ſe ve a figura da alegria com huma cornucopia na mão direita cheya de frutos, flores, e folhas, com a letra *Hilaritas.* Bem podia Tereſinha repreſentar eſta figura; pois teve na ſua mão direita tantos frutos de ſantas obras, já ſazonados entre as flores de ſeus poucos annos, e grandes deſejos, e as folhas de ſuas diſcretas palavras. *Ceſar Ripa livro 1. da ſua Iconologia.*

Nos convites antigos era eſtylo ir paſſando de mão em mão à roda de todos os convidados hum florido ramo de murta, ſymbolo da alegria, a que chamavaõ *Aſaron*: e era obrigado o que o recebia, a cantar alguma cantiga feſtival: *Deinde unuſquiſque* (diz Plutarco) *propriam cantilenam accepta myrto, quam ex eo Aſaron appellabant, quòd cantaret is, cui tradita ea eſſet, &c.* Como eſta menina era banqueteada frequentemente pelo Eſpirito Santo na meſa da Oraçaõ, e devoçaõ, e tinha já taõ florido o ramo da eſperança de ſalvarſe, que o meſmo Eſpirito Santo lhe dava no teſtemunho de ſua conſciencia pura, naõ podia deixar de andar alegre, e ordinariamente quando ſe occupava em alguma obra do ſerviço de caſa, a acompanhava com motetes eſpirituaes, por ſe naõ divertir da preſença de Deos, e deſtes ſabia de memoria innumeraveis, e os cantava com lindo modo. Hum delles era o ſeguinte. Plutarc. in Sympoſiacis.

Si os vays, Divino manjar,
Elevad mis ojos traz vos;
Que ojos, que vieron a Dios,
No pueden ſin Dios eſtar.
Veros, Señor, es gozar;
Y no veros, padecer
Haſta bolveros a ver.
Arboles, y plantas
Load al Señor,
Parqae Dios ſea bendito,
Bendito ſea Dios.
Si hermoſura, y belleza
Cauſan amores,
Como no ſe enamoran
De Dios los hombres?
Si hermoſura, y belleza
De amor ſon cauſa,
Como no ſe enamoran
De Dios las almas?

Outro

Outro.

Albricias os pido,
Que el Eſpoſo yà es venido.
Como anſi?
En lo blanco le conoci.
Yo le vi cercado de amores,
Yo le vi entre blancas flores,
Yo galan, y hermoſo le vi,
Como anſi?
En lo blanco le conoci.

Com ſemelhantes almas ſe deſaggrava Deos da afronta que outros fazem á ſua preſença, cantando verſos profanos, e eſcandaloſos, e cheyos de eſpirito de torpeza, e laſcivia, em que revelaõ fóra ſem pejo, o que revolvem dentro ſem piedade. *Non enim* (diſſe Caſſiodoro) *maius poteſt eſſe mentis teſtimonium, quàm qualitas inſpecta verborum.* Lib. 5. Epiſt. 22.

IX.

Do Serafico Padre S. Franciſco.

VEndo que hum Religioſo ſeu andava triſte, e cabysbaxo, o reprehendeu dizendo: *Se eſtàs trijte por teus peccados, ora ao Senhor, que te reſtitua a alegria de ſeu eſpirito: entretanto, e em quanto te naõ ouve, guarda entre ti, e Deos a tua triſteza: mas entre ti, e teus companheiros, naõ moſtres ſenaõ ſerenidade.*

DICTAME.

COncorda eſte dictame com o de S. Martinho Dumienſe Arcebiſpo de Braga: *Triſtitiam ſi potes, ne admiſeris; ſin minus, ne oſtenderis*: A' triſteza, ſe pôdes, naõ lhe des entrada no coraçaõ: ſe já entrou, naõ lhe des ſahida ao roſto.

O eſpirito triſte raras vezes procede de Deos: ordinariamente he ſombra do tentador, ou anojo do amor proprio. Havemos de ſervir a Deos, como elle manda: e manda que ſeja com alegria: *Servite Domino in lætitia.* Pſ. 99. 2.

Iſaac

Iſaac era bem eſcolhida victima para o ſacrificio, porque eſte nome ſignifica rizo, e goſto, e com goſto quer
A Deos que lhe ſacrifiquemos: *Hilarem enim datorem diligit Deus.* Que muito, ſe he Deos vivo, queira dadivas vivas? e a alma do que ſe dá, he a boa vontade com que ſe dá. Quem anda triſte, torna o jugo da Ley de Deos, de ſuave em aſpero, e de leve em pezado: porque lhe falta o oleo (ſymbolo da alegria, no ſentir de Beda) q̃ desfaz, e mitiga as aſperezas deſte jugo imaginadas, conforme aquillo do Profeta: *Cumputreſcet jugum a facie olei.* A alegria eſpiritual dilata o coraçaõ, e quer coraçaõ dilatado para correr no caminho da Ley Divina: *Viam mandatorum tuorum cucurri, cùm dilataſti cor meum.* Naõ ſò o dilata para o caminho; ſenaõ que o esforça para as batalhas.

2. Cor. 9. cap. 7.

Beda Comment. in illud Pſ. 22.

Impinguaſti in oleo caput meum; tom. 8.

Iſai. 10. 27.

Pſalm. 118. 32.

Quid videbis in Sulamite, niſi choros caſtrorum? Que vereis na Sulamitis (diz o Eſpoſo da Alma Santa) ſenaõ
B coros de arrayaes? coros, porque docemente canta; arrayaes, porque animoſamente peleja; e para o animo com que peleja, ſerve a muſica, com que ſe alegra: *Si chori ſunt* (diz hum fecundo, e delicado Engenho) *Caſtra ſunt: ipſa enim latitia fortitudo eſt.* Por iſſo o Real Profeta introduz os Santos ao meſmo tempo com os louvores de Deos entoados em ſuas gargantas, e com as eſpadas cortadoras deſembainhadas nas mãos: *Exultationes Dei in gutture eorum, & gladii ancipites in manibus eorum:* porque o meſmo eſpirito que lhes affina as vozes para o canto, lhes prepara as armas para o conflicto. Por iſſo tambem o meſmo David, quando pedio a Deos eſta alegria, juntamente pedio eſta fortaleza: *Redde mihi latitiam ſalutaris tui, & ſpiritu principali confirma me.*
C

Cant. 7. 2.

Padre Oliva, Geral da Companhia de Jeſu.

Pſalm. 144. 6.

Pſalm. 50. 14.

Eſta fortaleza, e dilataçaõ de eſpirito he mais neceſſaria aos bizonhos na eſpiritual milicia, para que naõ eſmoreçaõ, e tornem a traz com as primeiras difficuldades della. Pelo que a Serva de Deos Magdalena de Urſinis Meſtra de Noviças, vendo as rir, lhes dizia: Ride, alegraivos irmãaſinhas, que eſtais fora dos perigos do mundo: *Non fecit taliter omni nationi.* Fallava como diſcreta no ſeu officio. Com advertencia porèm, de que

P. Blanc. in Pſ. 83. num. 10.

por

por alegria que ſerve para ſervir a Deos, naõ ſe entende a diſſoluçaõ, a immodeſtia, a chocarriſſe, e o eſtultiloquio que as Sagradas Letras, e Santos Padres condenaõ. A De outro modo implicara-ſe o Apoſtolo, recomendando-nos juntamente a alegria continua, e a modeſtia conhecida. Entende-ſe huma igual ſerenidade de animo, e ſemblante, retocada com exteriores ſinaes de affabilidade com os proximos, e procedida do alivio da conſciencia, e da conformidade com a vontade de Deos, prompta para tudo o que he de ſeu ſerviço; tudo reſpectivamente á idade, ſexo, emprego, e eſtado da peſſoa.

Philipenſ. 4. 5. Gaudete in Domino ſemper; iterum dico gaudete: modeſtia veſtra nota ſit omnibus hominibus.

Ribadeneira na ſua vida.

Eſta reſplandeceu atê nos mais afamados Monges do deſerto: como ſe le de Romualdo Fundador da Camaldula, que depois de cem annos de rigoroſa penitencia, ſò com ſer viſto communicava alegria, e confiança para ſer tratado, e do grande Antaõ Abbade, que entre milhares de homens, era conhecido pela alegria do roſto: que he propriamente o que diſſe S. Antioco Monge da laura de S. Sabas referindo-ſe ao Profeta Iſaías: Que B os Servos de Deos quem os viſſe, logo os conheceria, porque ſaõ ſemente de Deos abençoada, e andaõ alegres em o Senhor: *Omnis videns eos cognoſcet illos, quia iſti ſunt ſemen benedictum á Deo, & lætabuntur ſuper Dominum.*

Pandectes Scripturæ Homil. 118.

X.

De hum Monge anonymo.

DEſáparàra ſua vocaçaõ no ermo certo mancebo tornando-ſe ao ſeculo. Outro Monge anciaõ querendo-o reduzir foy em ſeu alcance, e o achou bebendo na taverna com outros fréguezes da dita caſa, e ouvio que ao tirar da bocca a taça jà eſgotada, dizia muy contente: Oh bendita ſeja a paz, e alegria da alma! Entaõ o velho pondoſe-lhe diante, levantou as mãos, C

e

colhos ao Ceo, e diſſe: *Tantos annos ha que habito no deſerto, orando, e mortificando-me continuamente, e naõ pude ainda alcançar a paz, e alegria da alma, e eſte de hum dia para o outro a achou na taverna.*

A

REFLEXAM.

CErto he (pois Deos aſſim o diz) que os impios naõ vem o roſto à paz: *Non eſt pax impiis, dicit Dominus.* E como podia haver paz na impiedade, ſe a meſma impiedade he guerra contra Deos: *Quis reſtitit ei, & pacem habuit?* Porêm o ſeu peccado os hallucina de ſôrte, que o ceſſar da guerra contra os vicios lhes parece celebrar pazes com a conſciencia: dizendo (como reparou Jeremias) Paz, Paz, quando naõ ha verdadeira paz. Mas em fim, como eſte moço punha o nome às couſas depois de beber, ſó por erro o naõ poria errado: *Ille liquor docuit voces inflectere*, podemos aqui dizer com Tibullo a outro intento. Eſte meſmo Poeta conſiderando, como as guerras ſaõ contra a agricultura, diſſe, que a Paz era a que criava as vides, e madurava as uvas.

Iſai. 48. 22. Job 9. 4. B Jerem. 6. 14. Tibul. lib. 1.

Pax aluit vites, & ſuccos condidit uvæ.

Porê na opiniaõ deſte apoſtata devemos dizer às aveſſas: *Vitis alit pacem, & ſuccus quem condidit uva.* Idem ibidem.

Que as vides lhe criaraõ a paz, e o ſucco das uvas a alegria. O glorioſo S. Bernardo, ſobre aquelle verſo dos Cãtares: *Vineæ florentes dederunt odorem ſuã*, diſſe, q para o Varaõ ſabio a ſua vinha era a ſua vida: *Viro ſapienti ſua vita* C *vinea eſt.* Mas eſte moço neſcio, e outros ſemelhantes, em vez de fazerem da ſua vida a ſua vinha para a cultivar, fazem dos frutos da vinha a ſua vida, para a deſtruir; exhortando-ſe com o impio Eraſmo: *Vivite, & bibite.* Hugo Victorino diffinindo a conſciencia alegre, e ſoſſegada, diz ſer aquella, a quem Deos naõ imputa os peccados proprios, porque os naõ fez; nem os alheyos, porque os naõ approvou: *Tranquilla conſcientia eſt.... cui Deus nec ſua*

Ser. 63. in Cant. Lib. 2. de Anima.

peccata

peccata imputat, quia non fecit; nec aliena, quia non approbavit. Mas a conſciencia, que ſe naõ imputa a ſi os peccados, naõ porque os naõ fez, ſenaõ porque os diſſimula, ou porque os approva; claro he, que a paz, e alegria que affecta, e publica, he falſiſſima. A

XI.

Do P. Fr. Sebaſtiaõ de S. Maria.

ESte verdadeiro Religioſo, capucho da Provincia de S. Joſeph, ſendo huma vez reprehendido pelo Prelado com rigor, e ſem culpa ſua, ficou naõ ſòmente quieto, mas alegre. Perguntado pela cauſa diſto, reſpondeo: *Naõ quer Irmão, que eſteja alegre hum pobreſinho, a quem Deos faz digno de padecer alguma couſa por ſeu amor?* B

CRISE, E SINONYMO.

Act. 5. 41. ESte eſpirito era verdadeiramente Apoſtolico; pois dos Sagrados Apoſtolos eſcreveu S. Lucas: *Ibant gaudentes à conſpectu concilii, quoniam digni habiti ſunt pro nomine JESU contumeliam pati:* Sahiraõ alegres, e gozoſos da preſença dos Miniſtros juntos em conſelho, conſiderando a dignaçaõ com que os honrára Chriſto, em lhes dar que padecer por ſeu nome. Procede eſte rio da alegria de tres fontes occultas no eſpirito do que he verdadeiro ſervo de Deos; a ſaber Innocencia, Humildade, e Caridade. Porque a Innocencia naõ accuſa por dentro: *Secura mens quaſi juge convivium:* a Humildade folga de ſer accuſada de fòra: *Ludam, & vilior fiam quam factus ſum, & ero humilis in oculis meis*, e a Caridade eſtima achar meyo proporcionado, para mais ſe unir hum com Chriſto, ſofrendo o proximo: *Communicantis Chriſti paſſionibus gaudete.*

Prov. 15. 15. C

2. Reg. 6. 22.

1. Petr. 4. 13.

Eſta

Eſta dignaçaõ de communicar Chriſto a ſeus ſervos
algũa parte de ſua Cruz, he tanta, e taõ eſtimavel, e pre-
A cioſa; que huma vez diſſe o meſmo Senhor á B. Baptiſ- Nicol. Lancizius
ta Verana eſtas palavras. Lembrate, que mayor de- Opuſc. 9. c. 8. n.
monſtraçaõ de meu amor te dey, quando te puz em af- 285.
fliçaõ, do que quãdo te apertava entre meus braços dul-
ciſſimos. Porque grande beneficio he livrar eu hũa alma
de peccados; mayor dar-lhe obras ſantas em que me ſir-
va; porêm maximo darlhe que padecer por mim. Baſtava
eſta ſentença do Senhor, para levantar o coraçaõ huma-
no á eſtimaçaõ, e deſejos de participaçaõ de ſua Cruz.
Somos porém os filhos de Adam taõ peſados, e terre-
nos, e taõ como herejes neſte artigo principaliſſimo da
vida eſpiritual; que me pareceo util (àlem deſta defini-
çaõ do Summo Pontifice Chriſto JESUS) ajuntar-lhe
B hum como concilio dos votos de muitos Santos, e Va-
roens Apoſtolicos uniformes todos na aſſerçaõ deſta ver-
dade. Poderá ſer que unidos obrem mais fortemente
eſte deſengano no coraçaõ de algum affligido, e cõver-
taõ algum mâo ladraõ, que pena em Cruz com repug-
nancia á meſma Cruz.

URNA.

Dos votos, e pareceres dos Santos, e Varoens eſpi-
C *rituaes, ſobre a excellencia do padecer por*
amor de Deos.

VOto do Principe dos Apoſtolos S. Pedro. *Si expro-* 1. Petr. 14. 15.
bramini in nomine Chriſti, beati eritis: quoniam quod
eſt honoris, gloriæ, & virtutis Dei, & qui eſt ejus ſpiritus, ſu-
per vos requieſcit. Se vos afrontarem, ou deſprezarem por
amor de Chriſto, ſereis bemaventurados: porque o que
he de honra, e gloria, e virtude de Deos, em vôs mora,

e deſcança com o ſeu eſpirito.

Ad Galat. 6. 14. Do Apoſtolo, e Doutor das Gentes S. Paulo. *Mihi autem abſit gloriari, niſi in Cruce Domini noſtri JESU Chriſti, per quem mihi mundus crucifixus eſt, & ego mundo.* Guarde-me Deos de gloriarme ſalvo na Cruz de noſſo Senhor JESU Chriſto, porquem o mundo eſtá crucificado para mim, e eu para o mundo. A

De S. Andrè Apoſtolo. *O' bona Crux, diu deſiderata, ſolicitè amata, & ſine intermiſſione quæſita, & jam concupiſcenti animo præparata, ſecurus, & gaudens venio ad te: ſuſcipe me ab hominibus, & redde me Magiſtro meo, ut per te me recipiat, qui per te me redemit.* O' boa Cruz, muito tempo ha ſuſpirada, ſolicitamente amada, e ſem intermiſſaõ procurada, e já em fim para meu ancioſo animo preparada: ſeguro, e alegre venho a ti; tirame do mundo, e entregame a meu Meſtre; para que por ti me receba, quem por ti me remio. B

Ep. Jac. 1. 2. De Sant-Iago Apoſtolo. *Omne gaudium exiſtimate fratres mei, cùm in tentationes varias incideritis: ſcientes quòd probatio fidei veſtræ patientiam operatur: Patientia autem opus perfectum habet.* Quando, irmãos meus, ſe vos offerecerem varios trabalhos, e occaſioens de padecer, ponde-as na conta das de alegria, e feſtejo; certificados de que a prova da voſſa fidelidade gera paciencia, e por eſta adquirimos a perfeiçaõ.

Epiſt. ad Roman. De S. Ignacio Martyr Patriarca de Antioquia. *Utinam fruar beſtiis, quæ mihi ſunt præparatæ: quas, & oro mihi veloces eſſe ad interitum, & ad ſupplicia, & allici ad comedendũ me, ne ſicut aliorũ, & Martyrũ, non audeant corpus attingere. Quòd ſi venire noluerint ego vim faciã, ego me urgebo, ut devorer. Ignoſcite mihi filioli, quid mihi proſit ego ſcio.* Oxalà chegue eu a gozar das beſtas feras, que me eſtaõ aparelhadas (era levado a Roma para padecer alli martyrio.) A Deos rogo, que ſe apreſſem em darme tormento, e tirarme a vida, e que tenhaõ fome de mim, para me comerem, naõ ſucceda como a outros Martyres, cujos corpos naõ ouſavaõ tocar. Mas ſe naõ quizerem chegarſe, eu me chegarey, eu as inſtigarey, e obrigarey a que me traguem. Perdoaime filhinhos: eu ſey o que me importa. C

De

De S. Theodoro Martyr fallando com os verdugos.

A *Se algum dos meus membros ficar por atormentar, ficará por conſagrar-ſe: quero ſer atormentado para ſer todo ſagrado.*

De S. Cypriano Biſpo, e Martyr. *Non invenio, fratres, inter cæteras cæleſtis diſciplinæ vias quibus ad conſequenda divinitùs præmia, ſpei, ac fidei noſtræ ſecta dirigitur, quid ſit utilius, quam ut patientiam tota obſervatione tueamur.* Entre todos os caminhos da celeſtial doutrina, por onde a Religiaõ Chriſtãa ſe encaminha em fè, e eſperança, a conſeguir os Divinos premios, nenhum acho, irmãos meus, mais proveitoſo, do que applicarmonos com todo o eſtudo á paciencia. De bono patiét. ia.

De S. Gregorio Papa. *Beatus Job, quot voces patientiæ in laudem Dei percuſſus reddidit, quaſi tot in adverſarij pectore jacula intorſit; & acriora multò quam ſuſtinuit, infli-*

B *xit.* Quantas palavras de ſofrimento, e louvor de Deos, pronunciou o Santo Job em ſeus trabalhos, tantas lanças pregou no coraçaõ de ſeu adverſario, e ſe foraõ fortes, e agudas as que lhe aparou; muito mais o foraõ as que revirou contra elle.

De S. Leaõ Papa. *Certa, atque ſecura eſt expectatio futuræ beatitudinis, ubi eſt participatio Dominicæ Paſſionis:* Quanto entramos á parte dos trabalhos da Paixaõ do Senhor, tanto pomos na certeza, e ſegurança da gloria que eſperamos. Serm. 9. de Quadrageſ.

De S. Ambroſio Doutor da Igreja. *Quid magnum facis, ſi quando in ſecundis rebus laudes Deum; quando in divitiis es, quãdo nullis vexaris injuriis? Illud eſt magnificum, ſi*

C *ſubjectus injuriis, & contumeliis, judicium Dei laudes.* Que muito fazes em louvar a Deos, quando vives em proſperidade, quando em abundancia, quando ſem vexaçaõ nem injuria de alguem? Louvar o Juizo de Deos, quando nos injuriaõ em ſeus juizos os homens, iſto ſim que he digno de eſtimaçaõ. In Pſ. 118.

De S. Agoſtinho Sol da Igreja. *Appendo id quod patior contra id quod ſpero. Hoc ſentio, illud credo, & tamen plus eſt quod credo, quam quod ſentio.* Ponho em balanças o mal que padeço com o bem que eſpero: o mal me toca Ser. 11. de Sanctis.

no ſentido, o bem toco eu com a fé: porém muito mais he o que creyo, que o que ſinto.

Ad illud Epheſ. 5. v. 20. Implemini SpirituSancto gratias agentes ſemper.

Do Doutor Maximo S. Jeronymo. *Chriſtianorum priè virtus eſt, etiam in his quæ adverſa putant, referre gratias Creatori: nam in beneficiis Dei, quæ nobis accidunt, gratulari, hoc, & Gentilis facit, & Judæus.* A He virtude propria dos Chriſtãos dar graças ao Creador ainda quando padecem as que chamaõ adverſidades; que dallas ſò quando nos vay bem, iſſo faz qualquer Gentio, ou Judeo.

Homil. 8. in illud. Epheſ. 3. Ego Paulus vinctus in Chriſto JESU.

De S. Joaõ Chryſoſtomo Patriarca de Conſtantinopla, fallando de S. Paulo preſo por amor de Chriſto. *Siquis mihi, vel univerſi Cæli, vel hujus catenæ copiam, & optionem largitus eſſet, catenam hãc ego planè elegiſſem. Si mihi cum Angelis, & iis qui propre thronum Dei ſunt, ſtandum fuiſſet ſurſum, aut cum Paulo vincto, carcerem utique præoptaſſem.* Se alguem puzeſſe na minha mão a eſcolha, ou de todo o Empyreo, ou deſta ſò cadea, antes elegeria a cadeya, do que o Empyreo. E ſe houveſſe de eſtar em hum de B dous lugares; ou là nas alturas com os Anjos junto do throno de Deos, ou no carcere com Paulo: por eſta companhia renunciàra ſem duvida aquelloutra. E depois fallando do Anjo que ſoltou a S. Pedro apriſionado por Herodes. *Si mihi quiſpiam dixiſſet: Elige utrum velis: vis eſſe Angelus Petrum ſolvens, an Petrus vinctus: Petrus utique eſſe maluiſſem.* Se alguem me diceſſe: Eſcolhe qual queres; ſe ſer o Anjo que ſoltou a Pedro, ſe Pedro antes de ſolto: quizera ſer antes Pedro, do que Anjo.

Lib. 5. De eruditione Princip. c. 34.

Do Angelico Doutor S. Thomàs. *Patientia poſſeſſori ſuo mala convertit in bona.* A quem tem de ſeu o cabedal da paciencia, eſta lhe troca os males em bens.

Lib. 2. De perfect. Relig. c. 36.

Do Serafico S. Boaventura Doutor da Igreja. *Patientia ſingularis eſt retributrix Paſſionis Chriſti. Talia enim ſtudet rependere, qualia ab eo accepit, qui dolores noſtros portavit, & hæc eſt ſingularis lætitia Sanctorum in tribulatione patientium, & gaudentium, quòd ſic occaſionem habent, & opportunitatem aliquo modo retribuendi Domino pro illa magna charitate, qua pro nobis animam ſuam poſuit, ſaltem aliquid ſuſtinendo.* C A noſſa paciencia he o ſingular retorno da Paixaõ de Chriſto; pois procura pagar-lhe na meſma

moeda

moeda, que he padecer por amor de quem por noſſo amor tomou em ſi noſſas dores. E aqui ſe funda a parti-
A cular alegria, e conſolaçaõ que os Santos achaõ no padecer; porque aſſim lograõ occaſiaõ opportuna de correſponderem no ſeu tanto àquella immenſa caridade do Senhor, com que por nòs poz a vida.

De S. Lourenço Juſtiniano Patriarca de Veneza. *Qui putantur crucem portare, ſic portant, ut plus habeant in crucis nomine dignitatis, quàm in paſſione ſupplicii.* Os que levaõ Cruz, mais lhes fica de honra, e dignidade por levalla, do que de tormento por padecella. Lib. 3. De gubernatione Dei.

De S. Bernardo Abbade. *Semper lignum Crucis vitam germinat, balſamum ſudat ſpiritualium chariſmatum. Non eſt ſilveſtris arbor: lignum vitæ eſt apprehendentibus eam; arbor frugifera, arbor ſalutifera eſt.* O lenho da Cruz ſem-
B pre eſtá brotando vida, e ſuando o precioſo balſamo dos eſpirituaes dons, e graças. Naõ he arvore ſilveſtre, ſenaõ da vida aos que della ſe aproveitaõ: he arvore de fruto, e fruto de ſalvaçaõ eterna. Ser. 1. de S. Andr. Paræn. n. 122.

De S. Nilo Abbade. *Si ignominia affectus fueris, gaude: ſi injuſtè, merces tua copioſa erit: ſi verò juſtè, & reſpueris, jam liberatus es á flagello.* Se padeceres ignominia, alegrate; porque ſendo injuſta, augmentas o premio, e ſendo juſta, abates o caſtigo.

De S. Joaõ Climaco: *Beatus qui propter Deum quotidie maledictis, & convitiis laceſſitus ſibi vim fecerit: hic enim Martyribus tripudiantibus, & Angelis parem confidentiam, & gloriam merebitur.* Ditoſo o que ſe faz violencia para
C levar bem as murmuraçoens, e affrontas, e pragas, ainda que o provoquem cada dia: porque elle ganhará confiança, e gloria igual á dos meſmos Anjos, e Martyres, que ſaltaõ de contentes. Gradu 4.

De S. Antonio de Lisboa, lingua bendita do Senhor. *A paciencia na tribulaçaõ he lamina de ouro, em que ſe moſtra eſculpido o ineffavel nome de Deos.* Ser. in Dom. 16. poſt Trinit.

Do Patriarca S. Ignacio de Loyola. *Se houvera humas balanças, que de huma parte tiveraõ todas as couſas creadas, e da outra, cadeas, carceres, affrontas, teſtemunhos falſos: aquella nada pezaria no meu conceito: nem creatura al-*

gũa pòde gerar tanto gozo, como a Cruz a quem a leva.

Fr. Luiz Beltraõ na vida do Santo livro 2. cap. 15.

De S. Filippe Neri, Fundador da Congregaçaõ do Oratorio. *Naõ pòde ſucceder a hum Chriſtaõ couſa mais glorioſa, que padecer por Chriſto, e a quem de veras ama a Deos, naõ pòde acontecer couſa de mayor deſgoſto, que naõ ſe lhe offerecer occaſiaõ de padecer por elle: porque a mayor tribulaçaõ que pòde ter hum amigo de Deos, he carecer de toda a tribulaçaõ.* E quando alguem lhe dizia que naõ podia ſofrer as adverſidades, reſpondia: *Antes deveis dizer, que naõ ſois dignos de tanto bem; porque naõ ha final mais certo, nem mais claro do amor de Deos do que a adverſidade, e trabalho.* A

Sentencia eſpiritual. n. 71.

Do Beato Fr. Joaõ da Cruz, primeiro Carmelita deſcalço: *Que ſabe quem por amor de Chriſto naõ ſabe padecer? Quando ſe trata de trabalhos, quanto mayores, e mais graves ſaõ, tanto melhor he a ſorte do que os padece.*

De S. Iſabel Princeſa de Ungria. *Os deſprezos, pobreza, e mais trabalhos, haõ de ſer recebidos ſolemnemente com Te Deum laudamus.* B

Da Serafica Virgem, e Doutora S. Tereſa de JESUS, fallando com Deos. *Senhor, naõ vos peço outra couſa, ſenaõ ou morrer, ou padecer.*

Da extatica Virgem S. Maria Magdalena de Pazzi, fallando com Deos. *Senhor, naõ morrer para mais padecer.*

De S. Liduvina Virgem, em huma occaſiaõ que ſeus proximos a vexàraõ: *Muito devemos âquelles, que nos ajudão a correr no caminho dos Mandamentos de Deos.*

Da Beata Catharina Adorno, ou de Genova, fallando com Deos no meyo dos ſeus mayores trabalhos. *Trinta, e ſeis annos ha, ò Amor meu, que me alumiaſtes: deſde eſſe tempo nada deſejey, ſenaõ padecer dentro, e fóra.*

Lib. 1. de Imitatione c. 3.

Do Veneravel Thomàs de Kempis. *Qui melius ſcit pati, maiorem tenebit pacem: iſte eſt victor ſui, & dominus mundi, amicus Chriſti, & hæres Cæli.* Quem melhor ſabe padecer, lograrà mayor paz: eſte he vencedor de ſi, e Senhor do mundo, amigo de Chriſto, e herdeiro do Ceo. C

Juſtit. Spirit. c. 8.

Do Veneravel Ludovico Bloſio, Abbade Letienſe. *Non eſt ullum ſignum certius Divinæ electionis, quàm ſiquis afflictionem, vel quidquid adverſorum á Deo immittitur, non*

tantùm

quàm affligi. Naõ ha mais certo final de sermos escolhidos de Deos, do que padecer, naõ só sem repugnancia,
A mas com rendimento, e paciencia qualquer afflicçaõ, ou adversidade que elle nos envia. Porque ainda he taõ proveitoso para o homem como o estar em Cruz.

Do Veneravel Mestre Eccardo Varaõ contemplativo, que apparecendo a seu amigo o B. Henrique Suso, e perguntado por elle, qual era o atalho mais breve para a Gloria, respondeo: *A conformidade, e tranquillidade de animo nos trabalhos, e benevolencia para com os inimigos.*

Do espiritual Varaõ, e Doutor mystico Joaõ Gersaõ Cancellario Parisiense: *Si anima Christi, & omnes Sancti Paradysi simul orarent pro persona aliqua, non acquirerent ei tantum utilitatis, & meriti; sicut ipsa sibi acquireret per unicam in adversitate patientiam.* Se a alma de Christo Senhor nosso, e todos os Santos do Ceo orassem juntamente por algũa pessoa, naõ lhe ganhariaõ tanta utilidade, e
B merecimento, como ella para si mesma ganharia por hũa só paciencia na adversidade.

In Colloquio Sex Magistrorum Tomo 4.

Do P. M. Joaõ de Avila, chamado Apostolo da Andaluzia. *Mais val hum graças a Deos na adversidade, do que cem na bonança.*

Do mystico Varaõ o P. Balthasar Alvares da Companhia de JESU. *Ser perseguido sem culpa, bocado sem osso.*

Se houvessem de lançar seus votos quantos Santos tem o Ceo, e a terra, e ainda quaesquer Fieis, que alcançaõ algũa luz da virtude, sahiriaõ a froxo uniformes: porque esta he a verdade irrefragavel; que até para o Senhor da Gloria foy gloria a sua Cruz. Por onde qualquer alma posta em Cruz naõ deve senaõ tapar a boca a
C murmuraçoens, e queixas, e abrilla para louvar a Christo, pela inestimavel graça que lhe concede em a fazer semelhante a si, e a seus Santos.

XII.

de S. Deicola Abbade.

DEſte Servo de Deos ſe eſcreve, que andava ſempre alegre, e regozijado, e perguntando-lhe a cauſa deſta perenne diſpoſiçaõ de animo reſpondeo: *Chriſtum à me tollere nemo poteſt.* Que foy dizer: *Seja o que for, ſucceda o que ſucceder, ninguem me póde tirar a Chriſto.*

ILLUSTRAC,AM, E DOUTRINA.

Aſſim expoem S. Agoſtinho neſte lugar, e no Serm. 35. de Sanctis. S Gregorio no meſmo lugar, e homilia 20. ſobre Ezequiel.

CHriſto Senhor N. he a verdadeira alegria de todos os corações que o amaõ; como lhe chamou David pedindo a ſua vinda ao mũdo: *Redde mihi lætitiam ſalutaris tui:* (S. Hieronymo: *JESU tui*). Logo como carecerà de alegria quem não carecer de Chriſto? Aſſim como hum dos peſſimos frutos do peccado he a triſteza deſordenada: aſſim hum dos frutos da graça do Eſpirito Santo he o gozo, e alegria. E ambos eſtes effeitos ſe moſtraõ às vezes no roſto da peſſoa, hum como ſombra da terra, outro como reſplandor do Ceo. Seja exemplo do primeiro o fratricida Cain, a quem Deos arguhio, perguntando-lhe, porque andava cabisbaxo, e triſte: *Cur concidit facies tua?*

Galat. 5. 23. Fructus autem ſpiritus eſt charitas, gaudium, pax. &c.

Gen. 4. 6.

E do ſegundo ſejaõ exemplos hum S. Eugendo Abbade de, quem eſcreve o ſeu Hiſtoriador que *Habebat, nimirum habitatore illuſtrante, magnam, & in vultu lætitiam:* tinha atè no aſpecto notavel alegria, em virtude do ſoberano hoſpede que em ſua alma habitava, que era o Eſpirito Santo, e hum S. Adelardo tambem Abbade, de quem diz S. Paſcaſio Ratberto, que *Totus ubique ſecum, totus cum Deo erat. Inde erat, quòd profecto ſemper hilaris, ſemperque mitis ac lætus inveniebatur.* Andava recolhido todo

Bollandus 1. Januarij in ejus vita c. 13. n. 21.

Idem 2. Januarij, in vita illius c. 7. n. 28. & 29.

todo em ſi, e todo em Deos; e daqui procedia, que o achavaõ ſempre alegre, manſo, e apraſivel.

A Mais: Chriſto he a graça de Deos, e no-la communica, e a graça de Deos, entre todas as poſſeſſoens, he a q̃ ſe naõ perde, ſenaõ por noſſa propria vontade. *Gratia* (diz S. Hilario) *neminem, niſi ſibi obnitentem repellit; neminem, niſi negligentem rejicit.* E Trithemio: *Gratia non ſalvat, niſi volentem: non deſerit, niſi ſpernentem.* Por iſſo o Eccleſiaſtico chama a eſta poſſeſſaõ abſolutamente boa: *Bonam poſſidebo poſſeſſionem.* Verdadeiramente he boa, naõ ſo pela grandeza do bem que ſe poſſue; ſenaõ tambem pela ſegurança (quanto he da parte de Deos) com que ſe poſſue. A ſaude, e fermoſura, a honra, e fama, as riquezas, e delicias, as dignidades, e ſciencias, os filhos, amigos, e parentes, &c. naõ ha homem que os naõ poſſa perder, ainda que naõ queira; e raros faõ os que ſe os B perdem, he porque querem: antes ſaõ bens da qualidade da enguia, quanto mais apertados na maõ, mais fugitivos della. E a vida, que entre todas eſtas peças he a que mais nos prende a vontade, eſſa he a que mais facilmente ſe deſprende da noſſa poſſe: *Et fugit velut umbra.* Niſto eſtava o chiſte daquelle gracioſo epitafio, que tanto celebrava Guevara em hũa epiſtola: era hum diſcreto Portuguez, e dizia o letreiro da ſua ſepultura. *Aqui jaz N. muito contra ſua vontade.*

Ad illud Pſ. 118. In quo corrigit adoleſcentior.

Eccl. 51. 29.

Pelo contrario, Chriſto habitando em nòs por ſua graça, ninguem o póde perder, ſenaõ porque o quer perder. Naõ ha no Ceo, nem na terra, nem debaixo da terra chave que faça no cofre deſte immenſo theſouro, C ſenaõ a propria liberdade do poſſuidor. Que muito logo que as outras poſſeſſõens andem acompanhadas de cuidados, temores, e triſteza? Os primeiros dous irmãos, Cain, que ſe interpreta Poſſeſſaõ, e Abel, que ſe interpreta Pranto, ou triſteza, nos enſinaõ como no coraçaõ mundano, e ambicioſo eſtaõ apar como irmãos as triſtezas com as poſſeſſoens, e aſſim eſtavaõ no daquelle mancebo do Euangelho, que *Abiit triſtis: erat enim habens multas poſſeſſiones.* Mas a poſſeſſaõ de Chriſto anda junta com alegria, e conſolaçaõ: *Quid enim* (diſſe S.

Matth. 19. 22.

Proſpero Biſpo Regienſe) *poteſt eo eſſe felicius, cui efficitur ſuus conditor cenſus, & hæreditas eius dignatur eſſe Divinitas?* A

Devem-ſe notar aqui tres aviſos 1. Que ſendo Chriſto poſſeſſaõ do Varaõ juſto, e Santo, tambem o Varaõ juſto, e Santo he poſſeſſaõ de Chriſto: *Eritis mihi in peculium de cunctis gentibus. Pars autem Domini populus ejus. Hæreditas Domini, filij.* E aſſim como nas peças de eſtima ſe coſtuma pòr o nome, ou armas de ſeu dono, aſſim o juſto no ſeu modo de viver, e obrar ha de deſcobrir que he de Chriſto: *Hic ſcribet manu ſua: Domino.* Os LXX. *Hic ſcribet in manu ſua: Dei ego ſum.* Neſte ſentido diſſe o Apoſtolo: *Vivo eu, mas já naõ eu, porque Chriſto he o que vive em mim.*

Exod. 19. 5. Deut. 32. 9. Pſ. 126. 3. Iſaiæ 44. 5. Galat. 2. 20.

2 Que neſta riquiſſima poſſeſſaõ de Chriſto, ainda que de ninguem nos temamos, devemos temernos muito de nôs meſmos. Ninguem he mais traidor ao homem, do que o meſmo homem: porque na ſua concupiſcencia tem o leite, com que adormece, e morre como outro Sifara; e na ſua propria liberdade a eſpada com que ſe atraveſſa, como outro Saul; ou patibulo em que ſe pendura, como outro Aman. O coraçaõ humano he hum leito capaz dos deſpoſorios cõ Chriſto, e dahi a nada dos adulterios com Satanàs. E aſſim para guardarmos fidelidade á Graça, he neceſſario recomendallo ás aſſiſtencias da meſma Graça. Porque, como notou o Papa Innocencio III. ſobre aquelle verſo do Pſalmo 50. *Spiritum Sanctum tuum ne auferas à me*, mais devemos acautelar, que nôs nos naõ tiremos do Eſpirito Santo, do que o Eſpirito Santo ſe tire de nós. B

Judic. 4. 19. 1. Reg. 31. 4. Eſther 7. 10.

S. Paulo diſſe animoſamente, que eſtava certo, que nem a morte, nem a vida, nem os Anjos, nem os Principados, nem as Virtudes, nem as couſas preſentes, nem as futuras, nem as creaturas do alto, nem as do profundo o podiaõ ſeparar do amor de Deos, que eſtá em Chriſto JESUS: mas note-ſe bem, que naõ meteo neſta liſta a ſi meſmo: antes em outra occaſiaõ diſſe que temia que ſe fizeſſe reprobo, e por iſſo ſopeava ſeu corpo com os rigores da mortificaçaõ, e penitencia: *Caſtigo corpus meum, & in* C

4. Cor. 9. 27.

& in ſervitutem redigo: ne forte, cùm aliis prædicaverim, ipſe reprobus efficiar.

A 3 Que o goſto, e alegria dos impios, e mundanos, naõ póde ſer verdadeira, e naõ he mais que hũa apparencia, ou figura della. Lycurgo, com ſer taõ ſerio, e ſevero legislador, mandou levantar em Eſparta huma eſtatua de marmore ao Rizo. O riſo, ou alegria do peccador naõ he animado com vida do eſpirito, he ſó rizo em eſtatua, frio como marmore; rizo, naõ tanto ſeu, como do mundo, que por elle ſe ri delle meſmo. Porque, como diſſe S. Agoſtinho, Eſte mundo riſſe de todos os que ſe naõ rim delle: *Iſte mundus aut ridet nos, aut irridetur à nobis.*

Plutarc. in Lycurgo. Gyrardus Symtagmate 1. Pontanus in Atticis bellarijs n. 113.

Ser. in Cap. Jejun.

Salomaõ, de quem o mundo ſe rio, quando elle goſtava muito do mundo, abertos depois os olhos á luz do deſengano, chamou ao rizo erro, e ao goſto mentira: *Riſum reputavi errorem, & gaudio dixi: Quid fruſtra deciperis?* O Caldaico em lugar de erro verte *Deriſionem*, eſcarneo: Os LXX. *Circulationem*, peças, e tramoyas (como as que fazem os Bolatins, e Titeres) Nyſſeno, *Mentis emotionem*, volta do juizo: Olympiodoro, *Amentiam*, doudice. E todos vem a dizer o meſmo, porque a dita alegria, e goſto, com que os impios andaõ no mũdo, he doudice, pois ſe alegraõ, e conſolaõ com o ſeu mal: *Qui rident de rebus vanis, de malo ſuo rident*, diſſe S. Agoſtinho, e Seneca: *Hilari inſaniâ inſaniunt, ac per riſum furunt*: he volta do juizo, pois ſe lhes mudou da verdade para a vaidade, dos bens eternos para os caducos, e da graça de Deos para a ſua offença: he peça, e tramoya, que lhes fazem os demonios, como intentáraõ fazer a Chriſto quando lhe moſtráraõ toda a gloria do mundo, para o induzir a peccado, e he eſcarneo que delles faz o mundo; porque, como diſſe Guilherme Parienſe, todos os deleites, e conſolaçoens que vem a parar no corpo, naõ ſaõ verdadeiras, nem diſſo merecem o nome; pois naõ ſaõ mais que hũas illuſoens dos ſentidos, e manchas da alma: *Gaudia, quæ in corpore ſunt, & per corpus, nec poſſibile eſt eſſe gaudia, nec gaudiorum nomine dignas ſed illuſiones potiùs, & inquinamenta animarum.*

B Eccl. 2. 2.

Aug. ubi ſupra. Seneca c. 12. de vita beata.

C In ſupplemento Tract. de anima cap. 6. parte 5.

Deſtes

Destes illusos que se alegraõ com o seu mal disse sabiamente Salviano: *Sardonicis quodammodo herbis omnem Romanum populum putes esse saturatum: moritur, & ridet:* Naõ direis senaõ, que todo o povo Romano se tem farto de herva Sardonia; pois ao mesmo tempo, que está morrendo, está rindo. Allude a certa planta venenosa da Ilha de Cerdenha, cuja occulta virtude estende os cantos da boca de sorte que o miseravel que a bebeo vay morrendo, e parece que se ri. Tal he o impio, que disse a palavra de murmuraçaõ grave contra a honra de seu proximo, e elle mesmo applaude o seu dito: *Moritur, & ridet.* Tem as suas dividas por pagar, os seus votos por comprir, os legados do testamento de seus pays por satisfazer; e está muy consolado com o seu dinheiro: *Moritur, & ridet.* Cahio na occasião contra a Castidade, e vay jactar-se disso com outros moços: está na caza de jogo jurando, blasfemando, destruindo a sua fazenda, ou a fazenda que naõ he sua; e no pateo das comedias bebendo a sua espiritual ruina pelos olhos, e ouvidos, e chama a isto desenfado: *Moritur, & ridet.* Com que temos aqui renovado o triste equivoco de Petilo Consul: que andando em guerra na Liguria, quiz ganhar a eminencia de hum monte chamado *Leto*, alegre, e exhortando os seus à empreza disse: *Ego hodie Letum utique capiam.* Hoje sem duvida hey de ganhar a Leto. Na avançada cahio morto de hũa seta inimiga, e os soldados diziaõ por irrisaõ, que lhe saira certo o prognostico: *Ego hodie Lethum utique capiam:* Hoje sem duvida hey de ganhar a morte. Assim em qualquer peccador, que se consola com as injurias de Deos, e naõ sente os danos da sua pobre alma, a sua alegria naõ he senaõ a sua morte. Com razaõ dizia S. Thomás, que naõ sabia como podia rirse, e alegrarse hũa pessoa com consciencia de peccado mortal. Porêm este he o pestifero effeito do mesmo peccado; que bebido muitas vezes, como herva Sardonia, induz alegria falsa com morte verdadeira: *Moritur, & ridet.*

Lib. 7. de Guber. natione. A

Valer. Max. l. 1. c. 5. B C

De hum

A

XIII.

De hum Anciaõ do deſerto.

ESTando em artigo da morte hum Padre antigo do famoſo deſerto de Scithis, os outros Monges rodeando-lhe a pobre cama, ou eſteira em que jazia, choravaõ amargamente. Neſte ponto abrio os olhos, e ſorrio-ſe: dali a pouco tempo tornou a rir, e depois de outro breve intervallo, terceira vez deu a meſma moſtra de alegria. Cauſou iſto nos circunſtantes naõ pequeno reparo por ſer auſtèra a peſſoa, e formidavel a hora. Perguntàraõ á cauſa, e reſpondeo-lhes: *A primeira vez me ri, porque vós outros temeis a morte: a ſegunda, porque temendo-a naõ eſtais aparelhados: a terceira, porque jà là vay o trabalho, e vou para o deſcanço.* Tornou então a cerrar os olhos, e deſatou-ſe ſeu eſpirito.

B

CONCORDANCIA, E Oppoſiçaõ.

C

OS Santos gaſtaõ a vida chorando; que muito a rematem rindo? Do officio da ſua vida as Veſperas ſaõ triſtes, mas alegres as Matinas: *Ad veſperum demorabitur fletus, & ad matutinum lætitia.* Saõ como os lavradores, que ao ſemear naõ cantaõ, mas cantaõ ao enfeixar as paveas, e levantar as medas: *Euntes ibant, & flebant mittentes ſemina ſua: venientes autem venient cum exultatione portantes manipulos ſuos.* Aſſim eſtá promettido pelo Eſpirito Santo: *Ridebit in die noviſſimo*, e aſſim ſe comprio em muitos.

Pſ. 29. 6.

Pſ. 125. 6.

Prov. 31. 25.

S. Maria

S. Maria Oegniacenſe, no dia do ſeu tranſito ſe rio por eſpaço conſideravel. S. Metilde, havendo chorado tres vezes quando os demonios a impugnavaõ, rio-ſe outras tres, quando os Santos a defendiaõ. Bertgero Sacerdote de excellentes virtudes, e familiar da caza da Duqueza S. Ida, ficando depois da ſua morte na meſma Igreja, onde ella, e ſeu marido eſtavaõ ſepultados, teve revelaçaõ do dia, e hora de ſeu tranſito: celebrou Miſſa, e aſſim reveſtido, e com o roſto muy alegre eſpirou no altar, e foy ſepultado junto daquella Santa.

Cardeal Jacobo de Vitriaco, livro 2. da ſua vida, c. 13. Surio a 4. de Setembro, na vida de S. Ida cap. 8.

Naõ he tanto (havendo precedido boa vida) rirem-ſe os moribundos, como rirem-ſe os mortos. Demos tambem diſto alguns exemplos. A mãy de S. Simeaõ Stilita no fim de vinte e ſete annos de auzencia de ſeu filho, ſoube onde eſtava, e o prodigioſo modo de vida q̃ fazia, poſto nem no Ceo, nem na terra, ſobre o capitel de hũa altiſſima columna. Quiz vello para conſolaçaõ de ſuas juſtiſſimas ſaudades. Naõ lhe ſendo permittido, arrimou eſcada ao muro, que cercava aquella eſtancia, mas logo cahio a baixo. Enviou-lhe o filho a dizer: *Perdoame agora, ò mãy dulciſſima, q̃ no outro ſeculo, ſe formos dignos, nos veremos á vontade.* Com eſta comedida repulſa renovou ella mais ſentidas lagrymas. Entaõ veyo ſegundo recado, que ſe aſſentaſſe hum pouco a deſcançar, e logo o veria. Aſſim o fez, e alli de repente entregou ſeu eſpirito a Deos. Mandou o Santo que introduziſſem o corpo ao pé da columna, a qual em preſença delle ſe abalou, e no roſtro moſtrou ſorrirſe com ſinaes de alegria viva, e alli ao meſmo foy ſepultado honorificamente. Dizem que o corpo morto em preſença do matador ſe move interiormente, e torna a verter ſangue. Simeaõ tinha ſido em certo modo occaſiaõ daquella morte: naõ quiz hum amor grande poder menos em ſeus effeitos, do que póde hum grande odio; nem a Graça em ſeus prodigios ficar inferior aos da natureza.

Bollando a 5. de Janeiro, na primeira vida, que eſcreveo Antonio diſcipulo do Santo, c. 3. n. 11.

Libavius Boerius, Marcellus Donatus Aldebrandus, Langius, & alij, quos citat Paul. Zachias qq. Medico-legal. lib. 5. t. 2. qu. 8. n. 11.

Outro caſo ao noſſo intento refere S. Gregorio Turonenſe. Em Arverno (Cidade de Aquitania em França) houve dous virtuoſos cazados, que por mutuo conſentimento ſe abſtinhaõ do commercio conjugal, ſuppoſto,

Greg. Turon. lib. de gloria Confeſſorum c. 32. apud Bibliot. Vet. Patr. to. 11. f. 878.

ſto, que temendo mais o perigo de ſe revelar, que o de ſe quebrar o ſeu bom propoſito, dormiaõ no meſmo apoſento. Depois elle ſe tonſurou, e ella entrou Religioſa em hum Moſteiro; onde fallecendo veyo o marido aſſiſtirlhe ao enterro. E demaſiadamente alegre com o eſpirito de devoçaõ, diſſe a Deos em preſença de muitos: *Senhor, muitas graças vos ſejaõ dadas, porque aſſim vola entrego, como ma entregaſtes, ſem nos havermos tocado.* Neſte ponto a defuntá, que eſtava no ſeu eſquife, ſorrio-ſe brandamente, e diſſe: *Calla, calla homem de Deos; que naõ he neceſſario deſcobrir o noſſo ſegredo.* Brevemente falleceo elle tambem. E ſendo ſepultado na meſma Igreja, porêm em covas differentes, pela manhãa as acharaõ juntas, e communicadas huma com a outra, e aſſim perſeveraõ; e os daquella terra lhes chamaõ. Os dous Amantes. Quiz Deos, Author do matrimonio, e Conſelheiro da Virgindade, que os corpos, que ſe ſeparàraõ em vida para melhor o ſervirem, ſe ajuntaſſem em morte para mais o glorificarem, e que ſe tiveraõ dous leitos podendo ter hum ſô, tiveſſem huma ſô cova, podendo ter duas.

Naõ obſtante a ſobredita propoſiçaõ da alegria, e confiança com que os Santos morrem, muitos Varoens abalizados na virtude, e veteranos na milicia de Chriſto, quiz eſte Senhor que naquelle tranze padeceſſem grave horror, e turbaçaõ penoſa. Aſſim ſe le dos grandes Hilariaõ, e Arſenio Abbades, e do V. Joaõ Thaulero, Doutor illuminado da Sagrada familia dos Prêgadores, e de Fr. Martinho Poras Donato da meſma Ordem na Provincia de S. Joaõ Bautiſta nas Indias de Caſtella, Varaõ de vida canonizavel aſſim por virtudes, como por graças gratis datas. O V. Camillo de Leilis fundador da Religiaõ dos Clerigos Regulares miniſtros dos enfermos, tinha taõ grande pavor á morte; que para ſe animar, mandou pintar hum quadro de Chriſto crucificado derramãdo copia de ſangue, e os Anjos aparando com Calices, e offerecendo ao Eterno Padre; e a Virgem Santiſſima de joelhos, rogando inſtantemente pelos peccadores. E na ſua doença ſempre eſtava olhando para eſte quadro. E ordenou, que meyo quarto

de

de hora depois de entenderem os que lhe aſſiſtiaõ, quẽ jâ paſſâra deſta vida, ainda lhe continuaſſem com os recordos da alma, que ſe coſtumaõ fazer aos agonizantes, em voz alta. A

Deſte ſanto, e ſeguro temor ſe deixaõ penetrar os juſtos, porque ſabem que na ſua meſma juſtificaçaõ ſe acharaõ culpas, ſe o Senhor a examinar ſem miſericordia: Lib. 8. Moralium c. 15. *Hoc ipſum* (diſſe S. Gregorio Magno) *quod juſtè videmur vivere, culpa eſt, ſi vitam noſtram, cùm judicat hanc, apud ſe Divina Miſericordia non excuſat.* E Deos o permitte naquella tremenda hora, para que mais ſe fundem neſta miſericordia, do que na propria innocencia, conſôrme aquillo do Pſalmiſta: *Melior eſt miſericordia tua ſuper vitas* (*ſcilicet innocentes*): Pſ. 62. 4. ou para mayor purgaçaõ, e merecimento delles, ou para exemplo, e aviſo dos circunſtantes menos timoratos; ou por outras razoens a nòs occultas, porêm manifeſtas ao Ponderador dos eſpiritos. B

XIV.

De Solon Filoſofo Athenienſe.

QUerendo eſte conſolar a hum amigo ſeu opprimido de vehemente triſteza, o levou a huma torre eminente, donde ſe deſcortinava toda a Cidade, e lhe diſſe: *Conſideray amigo quantos prantos, lutos, afflicçoens, deſgraças, e trabalhos eſtiveraõ jà, e actualmente eſtaõ debaxo deſtes telhados, e eſtaraõ ſucceſſivamente pelos tempos vindouros, ſem haver dia vago, em que a morte, ou infortunio, naõ andem viſitando jà eſta, já aquella caza. Pelo que naõ ſendo ſó vòs quem padece, accommodaivos à condiçaõ dos outros mortaes.* C

ILLUS-

ILLUSTRAÇAM,

A

ISto he o que Lucrerio gravemente exprime dizendo:

Nec nox ulla diem, neque noctem aurora ſequuta eſt,
Qua non audierit miſtos vagitibus ægris
Ploratus mortis comites, & funeris atri.

E Ovidio, reconhecendo por incertos no bem naõ ſó os dias, mas as horas-

Ludit in humanis Divina potentia rebus: Lib. 4. de Ponto.
Et certam præſens vix habet hora fidem.

Donde tira o meſmo motivo de conſolaçaõ, que tirava eſte Filoſofo.

Ultim. Metam.

B ——*Nec enim fortuna quærenda*
Sola tua eſt. Similes aliorum reſpice caſus:
Mitiùs iſta feres.——

A ſociedade nos trabalhos aligeira o pezo delles, como a ſingularidade os aggrava. Ao grande Alexandre já vencedor de Dario, caminhando para Perſepolis, ſairaõ ao encontro quaſi oytocentos homens, os mais delles velhos, aos quaes os antepaſſados Reys da Perſia tinhão Diodorus lib. 17. torpemente mutilado os narizes, e labios. Alexandre compadecido da ſua affronta, e miſeria, lhes offereceo honeſto conducto para ſuas patrias. Porêm elles deliberàraõ ficar antes juntos na terra onde viviaõ; porque deſte modo ſe naõ podiaõ rir huns dos outros. Todos os filhos de Adam padecemos noſſas mutilaçoens, e fealdades, huns na honra, outros na ſaude outros na fazenda, C outros na ſciencia, outros na limpeza de ſangue, outros em outras couſas: accommodemonos a viver juntos, porque ninguem tem que ſe rir de ſeu proximo.

Os que padecem juntos encoſtaõ-ſe huns nos outros como os boys ao levar o jugo. *Mœrentium ſocietas* (diſſe Chryſoſtomo) *gravem triſtitiæ vehementiam auferre conſuevit; ſicut enim in onere, ſiquis ponderis partem ſuſceperit, ferentis ſarcinam levabit: ſic, & in oneribus aliis.* Deſta conſideraçaõ ſe valeo (como elle confeſſa) o meſmo In 1. ad Cor. 4.

Santo

Santo quando foy exterminado de Conſtantinopla por odio da Emperatriz Eudoxia, que ſe offendera de ſuas juſtas invectivas, e correcçoens: *Nada me inquietey com iſſo* (diz o Santo) *porque fiz comigo eſte diſcurſo: Se me mãdar partir com hũa ſerra, parta embora; que tambem foy ſerrado hum Iſaias. Se me lançar nas ondas, lembrarme-hey de Jonas: ſe em hũa fornalha ardendo, tenho por ſocios tres mancebos, que foraõ condenados â meſma pena: ſe as beſtas feras, tambem Daniel o expuſeraõ âs garras dos leoẽs famintos. Se me apedrejar; o meſmo ſuccedeo a Eſtevaõ Protomartyr. E ſe me mandar que me cortem a cabeça tambem a cortàraõ a S. Joaõ Bautiſta. Porèm ſe ſe contenta ſó com privarme da fazenda; nu ſahi das entranhas de minha mãy, e nu tornarey ás da terra, como o Santo Job diſſe.* Atè aqui o Santo, buſcando para alivio de cada tormento a ſemelhança de cada exemplo.

Epiſt. 125.

A

B

Quem quizer ſaber quantos ſaõ ao todo os filhos de Adam, conte primeiro quantos ſaõ os afflictos, e atribulados: porque nenhum que participaſſe da ſua natureza, ficou izento de herdar ſuas mizerias, e aſſim tantos conſoladores achará neſtas, quantos irmãos tem naquella Artaxerxes Rey ſentio com tal extremo a morte de hum ſeu amigo, que pretendeo reſuſcitallo, e ouvindo os retumbantes eccos da fama da grande ſciencia de Democrito, o chamou a ſi deſde Jonia. Difficultoſa couſa pedes, ô Rey (diſſe o Filoſofo, affectando ſizudeza, e diſſimulando a impoſſibilidade): porêm ſe fizeres o que te eu diſer, confio poderey obrar o que me mandas. Prometteo o Rey tudo, aſſinando em branco, e parecendo lhe, que jà via o ſeu dezejado amigo ſaltar da ſepultura, *Eya* (diſſe Democrito): *eſcrevaõ-ſe no tumulo do defunto os nomes de trinta homens, que chegaſſem aos vinte annos de ſua idade, ſem padecer queixa algũa nem no corpo, nem na alma, e lego reſuſcitará.* Mãdou o Rey fazer logo a diligencia; porém atè o fim do mundo poderia continuarſe ſem effeito: porque de ſemelhantes privilegiados naõ ha hum ſó, quanto mais trinta. E ſe ainda antes de naſcermos, jà todos ſomos miſeraveis: qual ſerá o que no encerramento das ſuas contas naõ lhe paſſe a deſpeza do

Joannes Heumen in Jobo patiente Concione 85.

C

que

que padece, pela receita do que vive? No mundo todo naõ ha mais que tres claſſes de homens: huns innocentes;
A outros peccadores, mas jà arrependidos; e outros peccadores, mas ainda obſtinados. E para que todos ſoubeſſem que haviaõ de ter Cruz, tres Cruzes ſe arvoràraõ no monte Calvario: huma para Chriſto, e eſta toca aos innocentes: outra para Dimas, e toca aos arrependidos; outra para Geſtas, e toca aos obſtinados.

Bellarmin. de Septem verbis Domini in Cruce.

XV.

De Saõ Filemon Martyr.

ESte Santo, cujo officio era o de farſante, chocarreiro, e tangedor de frautas, convertido depois maravilhoſamente à Fé de Chriſto, por
B principio de ſeus tormentos, foy esbofeteado. O povo de Antinoe, a quem era ſummamente grato por ſuas artes, ſe laſtimava muito, e lhe moſtrava ſinais de amor compaſſivo. Mas elle com inteireza de animo reſpondeu: *Naõ choreis, Antinoitas, pelo que padeço; porque aſſim como aſſim, naõ haveis de alegrarvos pelo que deſejais, que he deixar eu de ſer Chriſtaõ. Bem lembrados eſtareis, que quando no theatro levava bofetadas dos outros chocarreiros, folgava que vos riſſeis, mas os Anjos ſe entriſteciaõ:*
C *razaõ he, que agora com eſtoutras bofetadas os Anjos ſe alegrem, e naõ ſe me dè que vòs choreis.*

OBSERVAÇAM, E HISTORIA.

DIzem que o rayo ſe dâ na vibora, ſem lhe tirar a vida, lhe tira a peçonha. Tal he o rayo da luz da Graça, e do amor Divino, em hũ peccador quando o converte: deixa-lhe a natureza, purifica-o da maldade, e de tal ſòrte ſe attem

Ponce nõ livro dos milagres. Fr. Franciſco Teleña no Opuſculo da Oraçaõ de cõtemplaçaõ.

pèra a elle ; que pelo ſeu modo o leva, e eleva a outros mais excelſos, e nobres. Aſſim em S. Guilherme Duque de Aquitania, as grandes forças, e braveza de animo que tinha para inſultos, lhas deixou para extraordinarias penitencias. Em Santo Agoſtinho a agudeza nos argumentos, lha conſervou contra os herejes. Aos Apoſtolos ſagrados trocou lhes a peſca de peixes pela de homens, no mar do ſeculo : *Faciam vos fieri piſcatores hominum.* A S. Mattheus mudoulhe o livro das contas pelo do Euangelho. A S. Paulo naõ lhe bullio na emulaçaõ do ardente zelo: mas deu-lhe novo objecto transferindo a das tradições paternas, para o Euangelho do Reyno, e da conſervaçaõ da Synagoga para a propagaçaõ da Igreja. E á Magdalena deixando-lhe as finezas de amante primoroza, deu caſto, e digno emprego ás ſuas lagrymas, e cabellos, aos ſeus oſculos, e aromas. Aſſim tambem neſte glorioſo Martyr S. Filemon conſervou ainda hum naõ ſey que de gracejador, para mayor confuſaõ do Pagniſmo. Conſtará eſta verdade da ſeguinte hiſtoria, que me pareceu communicar ao Leitor, pelo que tem de rara, e cheya de prodigios em abono da gloria do Crucificado, e dos poderes da ſua graça. E porque ſendo a verdade a alma das hiſtorias, ninguem deſta duvide: advirto, que he tomada de Authores de primeira nota neſte genero, quaes ſaõ Metafraſtes, Lipomano, e Surio; e anda nas Actas dos Santos, cujos eruditiſſimos, e fideliſſimos Eſcritores cõferiraõ quatro differentes traslados Latinos, e outro Grego da Bibliotheca delRey Chriſtianiſſimo.

ARGUMENTO DA HISTORIA
propoſto em enigma.

DA farça naſceu a verdade, do fingimento o deſengano, e de huma fraqueza muitas valentias.
Quem vendeu a mentira por ouro, recebeu a graça de graça, e comprou a vida com a morte.
Quando entrou em ſi, o buſcavaõ fóra delle; e era já muy outro

tro o que ſe entendia ſer o meſmo.

A *Naſceu depois de mancebo, e fallou depois de morto: furado, e roto eſtava mais ſaõ, e inteiro; e quando arraſtado perſeverava em pè mais direito.*

Deixado o veſtido proprio, provou o farſante outros quatro differentes; hum de nuvem, outro myſtico de ferro, outro de agua, e outro de ſangue. E ſuas frautas abrazadas ſoáraõ mais longe.

Outro gerado deſte depois que o matâra, ſendo cego cegou mais, para o naõ ſer. Pouca terra ſobre ſeus olhos o allumia: muita ſobre ſobre ſeus membros o exalta.

Quatro foraõ trazello, para delle ſerem trazidos; porque foy protector dos protectores.

A fazenda de Deos lhe enſacou hum ſeu inimigo, e lha remeteu a bom recado. Delfins foraõ os portadores por inconſtantes eſtradas de ſal liquido, e ſe nem os mortos foraõ mudos,

B *os peixes como o ſeriaõ?*

Dormindo os Palinuros foy mais certa a derrota, e bonançoſa a viagem: porque alli os vivos tinhaõ a imagem de mortos, e os mortos a efficacia de vivos.

Dormem juntos em boa paz os que ſe fizeraõ guerra: moſtrando ſua memoria ao mundo, como as burlas foraõ veras, a perſeguiçaõ beneficio frecheiro a ſetta, luz a cegueira, as nuvens coche, os ventos piloto, o bronze brando, a areya fertil, e preciosa, o tyranno Martyr, os futuros preſentes, e todos os elementos milicia diſciplinada em ſerviço dos que ſervem ao Author delles.

NARRAÇAM, OU EDIPO do enigma.

C

§. 1.

PElos annos da vinda do Filho de Deos ao mundo 287. imperando Diocleciano ferociſſimo adverſario do nome Chriſtaõ, (a) Ariano ſeu amigo, e privado, conſtituhido Preſidente da Thebaida, por lhe dar goſto perſeguio em Antinopolis (b) com todas ſuas forças a

(a) *Conforme aiſto foy eſte martyrio no terceiro anno de ſeu Imperio; porque começou no de 284.*

(b) *Por outro nome Antinoe, ou Antinoia, o u Adrianopolis: porque a fundou o Emperador Adriano em honra, e memoria de ſeu amigo Antinoo, nas ribeiras do Nilo, no Egypto ſupe ior.*

Chriſtandade. E eſpalhando-ſe varios por varias partes, como gado a quem açouta o furor da tempeſtade: ſó 37. Clerigos moſtráraõ mayor conſtancia, os quaes por eſſa A cauſa foraõ encarcerados. Entre eſtes hum Diácono (c) por nome Apollonio, vendo os crueis, e exquiſitos tormentos que ſe preparavaõ, temeu-ſe da ſua fragilidade, e para evadir o perigo de negar a Chriſto, naõ ſe achando com baſtante animo de o confeſſar a tanto cuſto, inventou o ſeguinte arbitrio. Havia na meſma Cidade hum farſante, por nome Filemon, inſigne chacorreiro, e tangedor de frautas, e por eſtas prendas muy aceito a todo aquelle povo. A eſte mandou chamar Apollonio, e corrompendo-o com ouro, conchavou com elle, que diſfarçado foſſe em ſeu nome tributar aos idolos a adoraçaõ que o tyranno pedia. (d) E com effeito Filemon, deixando alli as ſuas frautas, tomou hum veſtido, ou capa de Apollonio, e compareceu em preſença de Ariano. B

(c) *Os manuſcricos Latinos lhe chamaõ Diácono: mas os Gregos ſó Leitor.*

(d) *Naõ lhe era licito pedir iſto ao Idolatra, porque era concorrer com o peccado alheyo. Mas o meſmo Apollonio reconheceu depois ſeu erro.*

Quem es? (perguntou o Preſidente.) Os Miniſtros de Juſtiça, que lhe aſſiſtiaõ, diſſeraõ: Pelo trajo parece Chriſtaõ. Pois ſe he Chriſtaõ, (tornou elle) dizei-lhe que ſacrifique. Neſte ponto (oh maravilhas do dedo de Deos, muito mayores, que aquellas que em outro tempo obrou no meſmo Egypto!) Filemon mudádo de intençaõ, e fazendo já de veras, o que vinha a repreſentar ſó na apparencia, reſpondeu animoſo: *Chriſtaõ ſou, e porque o ſou, naõ quero ſacrificar. Sacrifica* (inſtou o tyranno,) *eſorra-te aos tormentos, com que viſte ha pouco acabar miſeravelmente a Aſclas, e Leonides.* (e) Reſpondeu o Santo: „ Aparelhado eſtou para paſſar por on- „ de elles paſſáraõ, a troco de chegar onde elles tem „ chegado. E vergonha havias tu de ter de me allegares C „ com o Santo Aſclas, lembrando-te do que paſſaſte „ com elle, quando naõ podias paſſar o rio. A todos „ nos lembra muito bem, que o Santo Martyr apoſtou „ comtigo, que tu á força de tormentos o naõ farias ado- „ rar os Deoſes falſos, e elle à força de orações te havia „ de fazer confeſſar a Chriſto por Deos verdadeiro. E „ com effeito elle ſahio com a ſua, e tu naõ: porque vindo

(e) *Tinha martyrizado cruelmente a eſtes dous Santos a 23. de Janeiro, e o caſo que aqui ſe amenta conſta das Aſclas do meſmo S. Aſclas no dito dia que traz Bolando num. 3.*

vindo tu paſſando o rio, elle cuberto de chagas, e com
A os oſſos, e entranhas a apparecer, tirando forças de fra-
queza ſe levantou a orar, e pedio ao Senhor que naõ
pudeſſes chegar a terra, ſem primeiro confeſſares ſeu
ſanto nome. Os ventos eſtavaõ eſpertos, as vellas eſten-
didas, os remeiros promptos, mas a barca ſe tornou
immovel, e o meſmo ſuccedeu a quantas mudaſte, atê
que inviaſte a pedirlhe partido, e elle te mandou, que
por eſcrito confeſſaſſes a Chriſto por hum ſò Deos
verdadeiro; Creador de todas as couſas. Aſſim o eſ-
creveſte, e aſſinaſte, e logo a barca navegou: mas tudo
attribuiſte deſpoes aos poderes de arte magica, e con-
ſumaſte a ſua coroa de martyrio. A eſtas razões o ty-
ranno fazendo-ſe deſentendido, tornou à ſua teima di-
B zendo: Sacrifica, e ſalva a tua alma. Iſſo faço (reſ
pondeu o Santo) porque naõ ha melhor ſalvar a al-
ma que dalla por Chriſto.

Entaõ o Preſidente diſſe em ſegredo para alguns dos ſeus officiaes: Chamay aqui logo a Filemon: porque elle com ſuas graças, e tregeitos, & muſica dulciſſima, ſem duvida ha de amanſar a eſte emperrado. (f) Buſcado Filemon onde naõ eſtava, como havia de apparecer? Senhor (diſſeraõ os officiaes) naõ o pudemos achar. Tinha elle hum irmaõ chamado Theon, ou Theonas: a eſte perguntou o Preſidente: Que he feito de teu irmaõ? E elle como ſabia do diſfarce, reſpondeu logo: He eſſe q̃ a hi eſtà em tua preſença. Foy logo deſcuberto, e co-
C nhecido: e o Preſidente entendendo, que o fizera por via de entremez, para dar que rir a todos, deſtechou a rir, e diſſe: Jà ſabemos que es naſcido para nos alegrares, e eſpojares com riſo: mas digote, que antes te dera hũa de tres filhas que tenho, (g) do que fazer aqui deſpreſivel minha dignidade, e officio com ſemelhantes chanças. E porque acaſo os Chriſtãos (que tudo fazem myſterio) naõ preſumaõ que procedias de veras, mando-te q̃ ſacrifiques diante delles. Reſpõdeu o Santo: De mim faze o que quizeres: ſacrificar digo que naõ quero; porque jà a graça de Chriſto pegou de mim, e nem poſſo, nem quero ſoltarme della. Conjuro-te (tornou Ariano)

(f) *A muſica mitiga as perturbaçoens do animo como ſe vio em Saul* 1. Reg. 16. 23. *e no Profeta Elizeu* 4. Reg. 3. 15. *e o eſpirito avocado ao deleite dos ſentidos, perde do ſeu vigor.*

(g) *Eſta Comparaçaõ naõ a traz Metafraſtes, nem os M. S. Gregos. Mas note-ſe a baixa conta em q̃ os Gentios tinhaõ a Caſtidade.*

pelo eſtado, e gloria dos Romanos, que deixes zombarias, ou que nos digas ſe affirmas ſer Chriſtão com animo verdadeiro. Reſpondeu o Santo: Que tenho eu „com o eſtado, e gloria dos Romanos? Juro pela gloria, „e eſtado dos Chriſtãos, que fallo de veras, e que ſou „Chriſtaõ, e que naõ ha outra couſa; e que nada temo; „porque quanto mais perder pelo amor de Chriſto, „mais ganho. A

Qual theſouro de occulta polvorá, que chegandolhe o cordel acezo, concebe, e pare de repente com gritos do colerico elemento, globos de impetuoſas lavaredas, que ameaçaõ, e executaõ juntamente eſtragos, ruinas, e mortandade: tal á ira no malicioſo peito do tyranno: tanto que deu credito a eſte ultimo deſengano, prorrompeu em acções precipitadas, e ardentes deſejos effeitos de vingança. Só duvida, e pergunta ao povo, qual ſerá melhor; ſe cortar de hum repentino golpe aquella vida perfida; ſe darlhe morte lenta, para prolongar a pena. Mas o povo aſſuſtado levanta o clamor dizendo: *Naõ prives a Cidade toda das ſuas delicias, e alegria.* Outros choravaõ, miniſtrãdolhes o falſo amor que lhe tinhaõ, lagrymas compaſſivas da fatal deſgraça, que nelle ſuppunhaõ. E Ariano voltando para o Mar- B „tyr: Teu coraçaõ (lhe diſſe) compete com os bronzes, „e os vence; pois naõ amas eſte cõmum amor, nem eſti- „mas, que te eſtimem. Sacrifica, te rogo, naõ agues, nem „derrames fel ſobre as feſtas, q̃ brevemente eſperamos. „Reſpondeu o Santo: Eſſas feſtas que dizes naõ cõcor- C „daõ com as do Ceo: antes quero faltar àquellas, para ſer „mais digno de me achar neſtas.

Aqui miniſtrou o eſpirito maligno ao impio Preſidente hũa lança mais aguda, que vibraſſe contra a conſtancia do generoſo Martyr. Sahio pois dizendo: Ad- „verte bem, ò Filemon, que tu naõ ſacrificando, per- „des as felicidades deſte mundo, e mais as do outro: as „deſte, porque te hey de matar a tormentos: as do outro, „porque naõ es ainda bautizado: e vós-outros affirmais, „que naõ ha entrar no Ceo ſem bautiſmo. Naõ ſabia ainda Filemon, que baſtava o bautiſmo de ſangue, e o

de

de fogo, que ſaõ o martyrio, e a contriçaõ, com o de-
A ſejo dõ bautiſmo de agua. E aſſim ferido altamente ſeu coraçaõ com eſta palavra, começou o pulſo de ſeu eſforço, e alegria a padecer intercadencias. Voltando pois para os Chriſtãos, que entendia eſtarem ali occultamente confuſos com a mais turba, diſſe anciado: *Chamem-me algum fiel que me bautize, porque eſtou em tribulaçaõ, e neceſſito das armas daquelle Sacramento.* Eſperava reſpoſta: mas calàraõ todos; porque ninguem ouzava a fazer roſtro ao furor do tyranno, e queria Deos obrigarſe a moſtrar por modo mais glorioſo, como ampara fielmente aos que nelle confiaõ.

Entretanto Ariano, fazendo coragem propria da covardia alheya, inſultava dizendo: *Tu bem vez, que nim-*
B *guem ſe atreve a fazer oppoſiçaõ nem a eſte magnifico tribunal, nem àquella manifeſta verdade: por tanto rendete, ſacrifica.* Mas o Santo, vendo-ſe cercado por dentro de duvidas, por fòra de ameaças, fugio para o ſeu meſmo coraçaõ perplexo, e ali levantando hum inviſivel oratorio, fallou com Deos à puridade, dizendo: *Senhor meu Chriſto Jeſus, naõ conſintas no coraçaõ de teu ſervo eſta triſteza: dirige, e governa meus caminhos, de ſórte que poſſa peło meyo deſta turba ſair a receber a graça do Bautiſmo.* Obedeceu Deos á voz do homem; porque a Oraçaõ participa do meſmo Senhor, foros de omnipotente. Veyo hũa nuvem inviſivel, e encerrando em ſi a Filemon, o levou (h) onde hum Clerigo eſtava acaſo â margem de hum rio: pe-
C dio, e recebeu o bautiſmo: e dentro da meſma nuvem tornou a ſer repoſto no meſmo tribunal, ſem alguem haver ſentido a ſua auſencia; porque a graça do Eſpirito Santo naõ reconhece neceſſidade de tardanças; nem ha difficil couſa alguma para o Senhor que de nada fez tudo, ſó com ſua vontade.

Armado jà o Cavalleiro de Chriſto com as armas brancas da nova, e reluzente graça do bautiſmo; revirou ſobre Ariano os inſultos, e improperios, que delle até ali padecia. Eys-aqui (dizia) ó Ariano; eys-aqui. ô „ turba de pouco animo, como ſem merce voſſa ſou „ Chriſtaõ bautizado: porque veyo meu Deos, que a „ nin-

(h) *O Grego a que ſegue Methaphraſtes, diz que alli meſmo o bautizou a nuvem.*

„ninguem teme, e me concedeu o que tanto deſejava: jà
„agora, ò Preſidente ſabe que nada da perfeita Religiaõ
„Chriſtãa me falta. Por tanto determinate no que has A
„de fazer; que a detença eſtà ſò da tua parte. Duas cou-
„ſas (reſpondeu o tyranno) me retardaõ; hũa a cõmi-
„ſeraçaõ, e magoa de ver que endoudeceſte: outra a pe-
„na que eſte povo ha-de ter na proxima ſolemnidade,
„quando te naõ vir dançar no theatro, e achar a grande
„differença de outros imperitos tocando as tuas frautas.
Iſto dizia aquelle impio ſugerido da fraudulencia dia-
bolica, para lhe meter ſaudades dos paſſados goſtos, e
recordaçaõ vangloriosa da eſtima, que entre todos lo-
grava. Porèm o Santo advertindo por onde o inimigo
lhe metia eſta ponta, acodio ali prompto com o reparo. B
E doendo-ſe dos publicos eſcandalos, que com o torpe
officio de comediante tinha cauſado, chorou, e orou
dizendo: „Senhor Jesv Chriſto, naõ permittas que pen-
„ſamento algum de infidelidade corrompa o meu co-
„raçaõ: e pois ouviſtes meus rogos, para me purificar
„com agua, agora, os ouve tambem, para deſtruir
„com fogo aquelles infames inſtrumentos do peccado.

Poz o Senhor a eſta petiçaõ o deſpacho de como pe-
de. Veyo outra nuvem, naõ de agua, mas de fogo, li-
geira carreta onde vinha cavalgado, e jà aſſeſtado hum
curiſco, que diſparado tornou em cinza as frautas, ven-
do-o Apollonio em cujo poder eſtavaõ, e outra muita
gente, e Theonas irmaõ do Santo. O qual correu logo C
a dar ao Preſidente parte do ſuccedido, denunciandolhe
juntamente como aquelle Diacono dementàra a ſeu ir-
maõ, e que o darlhe o ſeu veſtido fora ſuperſticioſa
ceremonia com que o dedicàra a Chriſto.

§. II.

MAndou logo o Preſidente, que Apollonio ſe prē-
taſſe em juizo: e havendo eſte obedecido, naõ
por força, mas por vontade, dizlhe com geſto irado, e
ſanhudo: „Maldito mais que todos os naſcidos, dame
„aqui razaõ, porque enfeitiçaſte o eſpoſo, a gloria, e as

deli-

delicias deſta nobre Cidade? E com que funeſtos ver-„
A los infernaes encantaſte a tua capa, para o apeſtar com „
ella, e tornar apoſtata de noſſa divina religiaõ? Se te „
moveu (como ouvi dizer) o horror dos caſtigos de mi-„
nha juſta indignaçaõ, e reſpeitoſa ſeveridade, naõ a-„
chaſte para ſuſtituir aos ſacrificios peſſoa menos co-„
nhecida, e neceſſaria que a de Filemon? e ſe o aperto „
do tempo naõ deu lugar a diligencias mais tardias, e „
eleiçaõ menos errada, naõ podias occultamente abrir-„
te comigo, ſem carregares delicto ſobre delicto, fican-„
do agora mais encravado na tua condenaçaõ, e mais „
indigno de minha clemencia? Porèm he tal a de noſſos „
ſacratiſſimos Principes, que ainda te abre o eſcape, e „
te offerece hum livramento; que he ſacrificares: por-„
B que deſte modo tu, e Filemon com teu exemplo, am-„
bos ficareis remediados; e eu, e eſte povo nos daremos „
por reſarcidos. Reſta que naõ deſdenhes taõ ſalutife-„
ro, e opportuno conſelho, nem da eſcada, que te lanço, „
para ſubires, fazer mais alto o teu precipicio: porque „
pelos Deoſes immortaes te juro (ouve, e attende bem) „
pelos Deoſes da Romana potencia te torno a jurar, q „
à tua cuſta experimentaràs quanto tenho a mão peza-„
da contra ſoberbos, e rebeldes.

Ouvindo Apollonio eſta parlanda, reſpondeu com animo inteiro, e paccato: Confeſſo na verdade que „
pequey; porèm naõ contra ti, ſenaõ contra meu Deos „
e Senhor JESU Chriſto, fiando pouco de ſua graça, „
C temendo muito de minha fraqueza. Já o Senhor en-„
vergonhou, e reprehendeu a hum Chriſtaõ com hum „
gentio, a hum Eccleſiaſtico com hum leigo, a hum „
Diacono com hum farſante, para que em fim conheça „
como elle he o que esforça, o que peleja, e o que ven-„
ce em ſeus ſervos; e que na ſua mão omnipotente o „
barro já naõ he barro, mas diamante, e as folhinhas ſe-„
cas pòdem expugnar torres de bronze. Por tanto ar-„
rependido da minha culpa, confio do perdaõ della; e „
que mo pòde facilitar a meſma occaſiaõ q dey de naſ-„
cerlhe mais hum Martir; glorioſo titulo, de que ſe eu „
fugia ſolitario, agora o venho buſcar acompanhado; e „

Aqui pòde ver o leitor, como a eſtimaçaõ, e applauſo, que hoje entre os Senhores, e plebe tem os famoſos comediantes, e boubos, cheira a gentilidade, e he couſa que o diabo fomenta para q̃ goſtem do theatro, e bebaõ alegremente os peccados.

„ ancioſo anelo jà aos meſmos tormentos, que declinava
„ timido, para compenſar de algum modo com a confiſ- A
„ ſaõ preſente, a paſſada deslealdade:

Com eſta deſenganada repoſta, reſerveu a ira de Ariano. Manda a tres robuſtos ſoldados que esboſeteem o roſtro de Filemon, cuja perda mais lhe dohia, e de cujà reducçaõ mais confiava. Chorava o povo, como ſe elle fora o ferido: deſte neſcio pranto fazia o aſtuto juiz torcedor para tratear, e atrair o coraçaõ de Filemon. E aqui paſſou o que acima referimos no Apophthegma. E vendo a ſua perſeverança, e alegria no padecer, mandou que ambos foſſem furados pelos calcanhares com trados, e metidas por ali cordas arraſtados pela Cidade. Executada eſta pena pontualmente, foraõ outra vez preſentados no tribunal, e o Juiz com eſcarneo, e moffa diſſe B
Filemon: „ Que vay amigo? onde eſtà o teu Deos, que te
„ acodio em tão urgente neceſſidade? Porq̃ naõ ſoccor-
„ re a ſeus adoradores nos principios do tormento? Dai-
„ me ouvidos, e ſacrificay; antes que paſſemos adiante,
„ quando ninguem vos poſſà livrar das minhas mãos.
Filemon neſte paſſo moſtrandoſe mais manſo, reſpon-
„ deo: Se queres que te ouça, ouveme tu primeiro.

Com eſta razaõ ſe alegráraõ muito aſſim Ariano, como os do povo, que a ouviraõ, parecendo a todos, q̃ jà dava eſperanças de ſe reduzir. E o Preſidente lhe diſſe, que declaraſſe o que queria, e ſeria logo ſervido. *O que quero* (continuou Filemon) *he, que faças vir aqui hũa caldeira grande, ou qualquer outro vaſo de ferro, bem capaz, com ſua tapadoura.* Dito, e feito, logo o vaſo foy trazido. C
Quero mais (proſeguio o Martyr) *que mandes meter dentro deſte vaſo hũa criança de peito.* Aſſim ſe fez tambem: e todos os circunſtantes eſtavaõ ſuſpenſos aonde iria parar eſta prevençaõ, ou tramoya. *Que pedes mais?* (diſſe Ariano; e reſpondeo Filemon: *Venhaõ os frecheiros do exercito, com as aljavas bem providas, e atirem todos contra o caldeiraõ de ferro, atè lhes faltarem ſettas.* Mandou o Preſidente que vieſſem, e fizeſſem ſeu officio. Deſpoes diſſe Filemon, que tiraſſem fôra aquella creatura, e viſſem bem ſe eſtava viva, e ſe tinha algũa ferida, ou noda. E

A copia Grega diz que atiràraõ deſde a hora ſegunda atè a nona, deſorte que na ſuperficie exterior daquelle vazo naõ havia já onde coubeſſe ſetta.

como

como feito o dito exame lhe reſpondeſſem que eſtava vi-
A va, ſáa, e illeza; voltando Filemon para Ariano lhe diſſe em tom muy deſcançado: „ Tu Juiz me perguntaſte ultimamente onde eſtava o meu Deos que me naõ acodira na minha grave neceſſidade: agora te reſpondo, e „ ſatisfaço: Eu ſou aquella creatura de peito, pois ha „ pouco que naſci pelas regenerantes aguas do ſagrado „ Bautismo (ainda que tu o naõ viſte:) e a protecçaõ divina que cerca, e defende a ſeus fieis ſervos, he mais „ que huma torre de ferro, e muros de diamante; logo „ que mal me podiaõ fazer as ſettas da tua lingua, nem „ quantos tormentos inventar tua diabolica malicia, e „ crueldade? Digo pois, que naõ quero ſacrificar, nem „ tenho medo à tua potencia, nem me aparto da Fè de „
B meu Senhor JESU Chriſto. „

Aqui Ariano rengindo os dentes, chamejando pelos olhos, e eſcumando de bravo: *Eya* (clama aos verdugos) *penduray logo eſſe traidor em huma arvore, e todos outra vez ſobre elle diſparem hum chuveiro de ſetas, deſde os pès atè a cabeça.* Aſſim ſe fez recolhendo os ſoldados para eſſe effeito as ſettas do vaſo onde eſtavaõ pregadas. Deſpem; e penduraõ o Martyr em hum momento: fervem os tiros, zinem as ſetas cortando os ares. Mas que ſuccedeu? Oh maravilhas da protecçaõ divina! hũas errado o alvo empregaõ-ſe no tronco da arvore: outras em chegando junto do corpo, perdem a força, e caem em terra como deſmayadas: outras ficaõ no ar ſuſpenſas, ſervindo ſò como de apontar àquelles barbaros idolatras, o que de-
C viaõ admirar naquelle maravilhoſo objecto; a Filemon digo; o qual entretanto orava dizendo: *Vinde meu JESUS, amante da verdade: vinde em meu auxilio protector dos deſemparados: vinde, e moſtray ao impio Ariano, como todos os que em vós poem ſua eſperança, naõ ſeraõ confundidos.*

Outra copia diz que todas as ſettas ficaraõ ſuſpenſas no ar.

Faltando em fim as ſettas, ſem q̃ alguma ſe lograſſe, foraõ os ſoldados dizer ao Preſidente o que paſſava. O qual como attonito diſſe: *Ainda vive?* *Sim Senhor* (reſpondem elles) *vive, e eſtá fallando couſas altiſſimas. Naõ o poſſo crer* (tornou o tyranno) *ſe o naõ vir com meus olhos.* Sae à preſſa de palacio, corre ao dito lugar, olha para ci-

ma,

ma, cae lhe a prumo hũa das ſettas, e vaſalhe o olho direito. Entaõ exagitado com a dor, e correndo-lhe o ſangue pelo roſtro, ſoltou a maldita lingua em muitas blaſfemias. E deſpois mandando deſpendurar o Martyr, lhe diſſe: „ Onde aprendeſte taõ potente arte magica, ſe nũ- A
„ ca trataſte com Chriſtãos? O que importa agora he, q̃
„ me reſtituas o olho que perdi por tua cauſa, que bem
„ ſey que o ſabes fazer; e eu te ſoltarey. Reſpondeu o
„ Santo: Se eu rogar a meu Deos, e te reſtituir o olho,
„ he certo que attribuirás ás forças da arte magica: po-
„ rèm com tudo, porque naõ digas que o meu Deos naõ
„ póde curarte, ou que os ſeus ſervos daõ mal por mal,
„ digote que deſpois que me matares, e enterrares vas
„ ao meu ſepulchro, e da terra delle feita lodo com a- B
„ gua ponhas ſobre o olho, e receberàs luz naõ ſò no
„ corpo, mas tambem na alma, que he a de que mais ne-
„ ceſſitas. Deſte dito naõ fez por entaõ caſo Ariano: mas querendo cortar dilações ſentenciou a final a Filemon, e Apollonio que foſſem degollados, e enterrados onde eſtavaõ os corpos de S. Aſclas, e S. Leonides. E aſſim ſe fez.

§. III.

TOmemos agora nova reſpiraçaõ para attender, e admirar outra ſerie de naõ menores prodigios da Bõdade, e Omnipotẽcia Divina. Ariano no ſeguinte dia, dandolhe a ſua vexaçaõ o entendimento, q̃ ſua crueldade C
lhe negàra, começou (mediante a divina graça) a ponderar mais ſeriamente nas maravilhas, e virtudes dos Santos Martyres, que tinha viſto, e experimentado. E como eſtava preordenado para a vida eterna por eſte meyo, foy ao tumulo dos Santos, e tomou terra delle, fazendo lodo com agua, como S. Filemon lhe tinha dito, e poz ſobre a parte leza, dizendo: *Em nome de JESU Chriſto, por quem eſtes ſeus ſervos conſumàraõ o martyrio, unjo os meus olhos, para ver, e para crer, que naõ ha outro Deos verdadeiro ſenaõ o meſmo JESUS.* Diſſe, e ungio, e logo lhe foy reſtituido o olho ſaõ, e claro como antes o tinha

tinha. E como as obras de Deos saõ perfeitas, do mesmo modo os olhos da sua alma ficàraõ taõ esclarecidos com o
A lume da Fé, como quando huma pessoa sahindo de hũa escurissima masmorra, dà de repente com a claridade de hum fermoso dia. Quem poderà explicar o gozo, e jubilo, o pasmo, e admiraçaõ, o louvor, e agradecimento, e outros varios, e intensos affectos, em que esta venturosa alma começou a inundar subitamente? Na mesma hora sahe do tumulo correndo, e clamando pela Cidade: *Eu sou tambem Christão; daqui pordiante naõ sirvo senaõ a Christo.* Entra no seu palacio, abre os cofres, e guardarroupas, tira sedas, e pannos, e aromas preciosos; envia a chamar a dous Bispos, declara com elles o seu animo rendido ao suave jugo da Ley Divina, rogalhes, tomem a seu cuidado; edificar, ornar, e dar o devido
B culto ao sepulchro daquelles Santos, que elle quando cego com os enganos da infidelidade martyrizára: e manda abrir de par em par os carceres, e soltar todos os Christãos que alli tinha prisioneiros. Solemnissimo, e summamente regozijado foy este dia para toda aquella attribulada Igreja, que naõ cessava de dar graças ao Author de todo o bem, poderoso para fazer em hum instante das pedras filhos de Abraham, dos espinhos flores, e da peyor zisania o mais escolhido trigo.

Divulgando-se a fama desta insigne conversaõ do Prefeito da grande Thebaida, (a) chegou aos ouvidos do Emperador Diocleciano. O qual turbado com esta nova, despachou logo quatro Protectores, (b) delles o principal se chamava Theotyco) com ordem que che-
C gados a Egypto devassassem do caso, e sendo necessario, lhe trouxessem preso o Ariano. Entraõ aquelles Ministros em Antinopolis; consta-lhes claramente da verdade, prendem ao Presidente, seguindo a ordem que traziaõ. Este peitando os, (c) alcançou delles licença, para visitar os Santos Martyres, antes que se partisse para Diocleciano. E posto diante delles, orou dizendo: *Gloriosos Santos consórtes da luz eterna, que mana do rosto de Deos, oray por mim a nosso Senhor JESU Christo, para que me conforte, e faça digno de confessar constantemente seu San-*

Devia, entre outras considerações, convencerse desta; que o dar bem por mal, naõ pòde ser arte magica, senaõ celestial, e Divina.

(a) *No Grego està q̃ algumas pessoas que entaõ partiraõ de Antinopolis, referiraõ a Diocleciano, que o seu Ariano jà naõ sacrificava, nem hõrava os Deoses.*

(b) *A dignidade de Protector instituida pelo Emperador Gordiano junior, como diz Cedreno; ou jà antes por Gordiano senior, como traz Capitolino, ou ainda mais atraz pelo Emperador Caracalla, como escreve Esparciano, era de certos guardas palatinos mais authorizados, para escolta, e companhia do corpo do Cesar.* Vide si libet Bullengerum lib. 3. de Imperio Romano, cap. 37.

(c) *Huns dizem, q̃ com 800. moedas, outros que com 4. libras de ouro; outros que dando-lhe alguns bens de raiz.*

to nome. Neſte ponto ſahio do meſmo ſepulchro a voz de S. Filemon, que lhe reſpondeu claramente: *Tem animo, Ariano, e nada temas: porque o meſmo Chriſto em quem cres, vay em tua companhia para te fortalecer, e moſtrar por ti ſua virtude diante do Emperador, e conſummado o martyrio, coroarte diante do throno de ſeu eterno Pay. Roga por eſſes quatro homens que vieraõ em tua buſca, que Deos os faça tambem participantes do conhecimento da verdade.* Eſte maravilhoſo oraculo, e repoſta ouviraõ os Protectores com grande admiraçaõ ſua.

Ariano naõ cabendo em ſi de alegria, e certo da ſua fê, partio com aquelles quatro miniſtros, para ſe embarcarem em Alexandria, e a oito de ſeus creados de mayor confiança (d) que levava comſigo, diſſe com eſpirito profetico: „ Eſperay aqui amigos, pelo meu corpo: por„ que a oito de Março me mandará o Emperador Dio„ cleciano precipitar no mar metido em hum ſacco de „ areya, e dalli a tres dias, que he a onze do meſmo, ſa„ hirà neſta ribeira às coſtas de hum golfinho, perto do „ meyo dia: por tanto guarday iſto na memoria, e ſa„ hindo no dito dia, e hora, recolhereis meu corpo, e o „ levareis no meſmo ſacco a enterrar junto de meu ami„ go Filemon. Recomendado aſſim eſte negocio, e havendo elles promettido fidelidade, partio Ariano com aquelles miniſtros, e finalmente chegou a apreſentarſe ao Emperador. O qual lhe fallou benignamente, dizendo por via de ſaudaçaõ cortez: *Cariſſimo irmão Ariano, em quem confiava neſſas partes do Egypto.* E Ariano o reſaudou, dizendo: *Cariſſimo Senhor Emperador, que eſtais feito guia do caminho, por onde hey de ir para a vida.*

(d) *He de crer que ſeriaõ tambem Chriſtãos, e que entre elles repartiria dadivas, para mais os obrigar à fidelidade.*

O uſo dos banhos aſſenuma muito o vigor do eſpirito, e por eſta via queria o Emperador fazer brecha no de Ariano.

O Emperador mandou que ſe lavaſſem ambos no banho, e aos Sacerdotes de Apollo, que armaſſem hum altar diante da porta do meſmo banho, com hum idolo daquella falſa Deidade; para que ao ſahirem adoraſſem, e ſacrificaſſem ambos. Aſſim ſe fez logo; e ao ſahir Ariano, diſſe-lhe o Emperador: *Sacrifica ao grande, Deos Apollo, antes que entremos a cear.* Reſpondeu elle: *Naõ poſſo pôr em eſquecimento, e deſpreſo as maravilhas de Deos, que vi no Egypto, obradas pelos Martyres de Chriſto: eſſe idolo he hũ*

cepo lavrado á mão; naõ deixo por elle a meu Salvador Jeſus.

Imaginava o tyranno, que á viſta de ſua imperial autho-
A ridade, junta com os termos de lhaneza, e á memoria da amizade paſſada, Ariano ſe renderia facilmente como derribado com hum ſopro. Porèm vendo ſua determinaçaõ, e entendendo bem que eſta ſua primeira repoſta era já a ultima: deu ordem aos Soldados que na meſma hora, aceſos fachos, e fogareos (porque era já entrada a noite) ſahiſſem ao campo, e fizeſſem huma cova bem capaz, e profunda. Aſſim ſe executou, havendo trabalhado niſto atê amanhecer. E neſte tempo ſahio o Emperador ao campo com grande comitiva de Officiaes de juſtiça, e guerra: reconheceu a altura da cova, que era mais de vinte covados: mandou ſahir ao Preſidente da Thebaida, lançarlhe grilhões, e algemas, e cadeyas de
B bronze, e pendurar ao peſcoço huma grande pedra, e que neſta fôrma foſſe derribado no fundo da cova, e eſta ſe entulhaſſe de terra, e pedras de ſôrte, que ficaſſe raza como antes. E feito tudo como mandára diſſe aos Soldados, que calcaſſem em cima dançando, e cantando eſta letra: *Vejamos ſe vem JESUS a livrar o ſeu devoto.*

Tomada eſta vingança muito à ſatisfaçaõ de ſeu goſto: montou a cavallo, e ſe recolheu a Palacio, parecendo-lhe que tinha conclupido glorioſamente a cauſa de Ariano. Porèm como Deos verdadeiro naõ he ſurdo, nem cego como era o ſeu Apollo, e ſabe tapar as bocas blasfemas que o irritão, ſuccedeu, que ao entrar o Emperador na ſua recamera, para tomar algum deſcanço, olhando para o leito vio na grade delle pendurados a-
C quelles meſmos grilhões, algemas, e cadeyas, e pedra, a que mandára amarrar a Ariano, e que eſte eſtava deitado na ſua meſma cama naõ ſô vivo, mas alegre, e confiado. Turbou-ſe o Emperador, e o primeiro penſamento que lhe occorreu neſta viſta, foy que algum de ſeus familiares palatinos tomaria aquelle atrevimento, ou lhe faria algũa traiçaõ. Porém o Martyr: *Naõ te turbes*, (lhe diſſe pondo nelle os olhos) *que ninguem ſe levantou contra ti: eu ſou Ariano, a quem ha pouco deixaſte debaixo de montes de terra, pedras, e areya, e carregado de ferros*: *Em Ariano ſe verificou a reſpeito do que lhe paſſou com*

mas

mas porque diſſeſte, Vejamos ſe vem JESUS livrallo: com effeito veyo, e poz o ſeu devoto neſta cama a deſcançar hum pouco do trabalho; para que vejas ſe he Emperador que prevalece ſobre os Emperadores, e ſe póde livrar os que nelle põem ſua confiança.

com Filemon, e agora com Diocleciano, aquelle verſo do Pſalmo 145. Dominus ſolvit compeditos, Dñs illuminat cæcos: O Senhor ſolta os priſioneiros, o Senhor allumia os cegos.

Eſtava o miſeravel Diocleciano aturdido, vendo, e ouvindo eſtas maravilhas. Mas naõ abrindo o coraçaõ ao deſengano, entrou em mayor indignaçaõ, e diſſe: *Nunca vi taõ potente arte Magica.* E logo para os ſeus creados: *Olà, aparelhay em continente hum ſacco, e cozey nelle fortemente a eſte Magico, entulhando-o com area, e precipitaio no mar.* Aqui os quatro Protectores, que ſe achavaõ preſentes, e tinhaõ viſto a maravilha, e pelas Oraçoẽs de Ariano andavaõ abalados, meteraõ a ſua razaõ dizendo: „ Em que peccou, ſenhor, eſte homem de „ Deos, para o mandardes aſſim lançar no mar? Por ne- „ nhuma outra cauſa (reſpondeu o Emperador) ſenaõ B „ porque he Mago. Replicáraõ elles: Naõ he Mago: „ Servo de Deos, iſſo ſim, e de hum Deos, que póde „ dar vida, aos que por elle ſe fugeitaõ á morte; de hum „ Deos que em hum momento o póde tirar debaixo de „ vinte covados de entulho, e deitar na voſſa cama vi- „ vo, e deſcançado como eſtais vendo, e já la no Egyp- „ to, ouvimos nòs outro ſervo ſeu já defunto fallar de „ dentro da ſepultura, reſpondendo ao meſmo Ariano „ palavras ſantas, e de edificaçaõ, e profeticas do que „ agora vemos ir ſuccedendo. Naõ crer o que os meſ- „ mos olhos eſtaõ teſtemunhando, vay da profunda ma- „ licia, com que hum ſe faz indigno de conhecer a Deos. „ E por tanto nòs a quem ſua miſericordia allumiou „ ſem merecimentos noſſos, eſtamos aparelhados para C „ entregar noſſos corpos em ſeu obſequio, certos de que „ os ha de reſuſcitar para a vida eterna.

A eſtas razoẽs reſpondeu Dioclesiano: „ Já de tem- „ pos atraz podieis ter entendido, que me ereis aceitos, „ pois nunca pediſtes couſa que vos naõ concedeſſe: a- „ gora farey o meſmo: deſejais a morte, tellaheis, pois o „ deſejais. Theotyco, que era o mais authorizado, diſſe: „ Deos reprima ó Emperador a malicia com que naõ

„ recu-

recuſais deferir ao noſſo deſejo. Mas ainda tenho mais „
outro que vos declarar. Qual he? (diſſe o tyranno) „
A proponde, e conſeguireis. Quero (diſſe Theotyco), „
que amerade de meus bens tomeis para vòs, adjudican- „
do-a ao voſſo fiſco, e ametade ſe mande repartir entre „
pobres. A iſto ſahiraõ os outros tres Protectores, dizen- „
do-lhe: Senhor Theotyco, cuidemos nòs da noſſa mor- „
te, que deſejamos alcançar por honra de Chriſto; que „
eſte Senhor cuidará dos ſeus pobres, como temos ex- „
perimentado. Suſpenſo o Emperador com eſta propo- „
ſta, diſſelhe Ariano: Para que nos detendes? que eſtaõ „
eſperando as ondas do mar por noſſa glorioſa partida. „
Entaõ elle mandou, que ſe preparaſſem outros quatro
ſaccos tambem com area, e que meteſſem nelles os qua-
tro Protectores, e lançaſſem logo no mar todos cinco.
E aſſim ſe fez. E logo, que foraõ lançados, eys vem cor-
B tando as ſalgadas eſcumas com os collos erguidos cinco
golfinhos, que ſometendo deſtramente os lombos cada
hum a ſeu ſacco, os tomàraõ como à garupa, e partiraõ
ligeiros pelo rumo de Alexandria. Eſtavaõ alli no dia,
e hora prefixa aguardando pontuaes, e ſolicitos os cria-
dos de Ariano, que eſperando hum ſô golfinho com hum
ſacco, e vindo vir cinco com cinco, duvidáraõ, e di-
ziaõ entre ſi: *Se ſerà eſta aprofecia de noſſo amo Ariano, e*
qual ſerá deſtes cinco corpos? Neſte tempo o golfinho ma-
yor ſe adiantou, e enxorando no areal da praya depoz
a ſagrada carga das reliquias, e abrindo a boca, ſahio
della hũa voz humana que dizia: *Naõ duvideis: eſte he o cor-*
po de Ariano; os outros quatro ſaõ dos Protectores, que com el-
C *le foraõ deſte porto, e com elle no meſmo dia foraõ coroados de*
martyrio: levayos todos ao ſepulchro de Aſclas, e Filemon.

Obedecendo pois aquelles ſervos a taõ clara, e ma-
ravilhoſa demonſtraçaõ da vontade Divina, recolheraõ
com reverencia aquelles corpos, e em forma decente os
puzeraõ em hũa barca: á qual, mandando o que a gover-
nava ſoltar as velas, a penas começou a navegar, quando
ſobre todos os que nella hiaõ aſſim de gente do mar, co-
mo paſſageiros, veyo hum profundo, e quieto ſono, de
que em tres dias com ſuas noytes nenhum acordou; ſe-

naõ quando ao quarto dia ſoou huma voz que dizia: *Levantaivos, que eſte he o lugar da ſepultura deſtes Martyres.* Entaõ abrindo os olhos, ſe achâraõ impenſadamente ſurtos nas ribeiras de Antinopolis. Os que ſaltáraõ em terra divulgàraõ logo o prodigio: a cuja fama alvoroçados todos os Fieis, e até os meſmos Gentios, concorreraõ parte com palmas, e ramos, parte com cirios, e perfumes, e depoſtos os ſagrados penhores ſobre altares, ſe formou hũa numeroſa procilſaõ até o ſepulchro dos outros quatro Martyres Aſclas, Leonides, Apollonio, e Filemon: em cuja companhia foraõ collocados; obrando Deos, para mayor honra de ſeus ſervos, e celebridade daquelle dia (que foy a 14. de Março) muitos milagres aſſim na repentina ſaude de varios enfermos, como na cura de muitos energumenos, do q̃ tudo redundàraõ grãdes cumulos de gloria para Deos, e de conſolaçaõ, e augmento para aquella Chriſtandade. A

Neſtes tres dias deve entrar o meſmo em que os corpos vieraõ a ſahir em Alexandria, viſto que a depoſiçaõ no tumulo foy a 14. de Março como abaixo ſe diz.

E os que eſta hiſtoria lerem com animo pio, veràõ nella como em hum clariſſimo eſpelho reſultar os rayos das ſeguintes verdades. B

1 Que quanto em Deos mais confiamos, mais nos ampara.
2 Que naõ devemos deſconfiar da converſaõ dos grandes peccadores.
3 Que para o coraçaõ duro, naõ baſtaõ milagres, ſe o dedo de Deos o naõ toca com eſpecial graça.
4 Que a quem ſerve a Deos de veras, todas as creaturas ſervem.
5 Que o ſangue dos Martyres he ſemente que multiplica outros.
6 Que o remedio dos afflictos eſtá no recurſo á Oraçaõ. C
7 Que a virtude para creſcer neceſſita de contrarios.
8 Que quem quer agradar a Chriſto, deve imitallo na condiçaõ de dar bem por mal.
9 Que a diſpoſiçaõ, e razoens dos Juizos Divinos ninguem os comprehende.

TITULO

A

TITULO III.

ALMA.

XVI.

De S. Carlos Borromeo.

B

ADmoestou este Santo Prelado a certo Bispo Cardeal, que se naõ auzentasse da sua Diecese sem precisa causa. O qual se desculpou com que o destricto della era muy limitado, e encerrava poucas almas, cujo cuidado podia sem detrimento encomendarse a hum Vigario, ou substituto. *Se a Diecese de V. Illustrissima* * (replicou o Santo) *naõ tivesse mais que hũa só alma, esta unica era digna da presença, e desvelo de qualquer grande Pastor.*

* *Naquelle tempo ainda naõ estava introduzido o titulo de Eminencia; porque começou no anno de 1630. como refere Spondano.*

CONFIRMAC,AM, E DOUTRINA.

C

ESte sentir naõ he singular de S. Carlos, mas commum dos Santos Padres. Baste por agora ouvir ao grande Chrysostomo: *Unius animæ perditio tãtam habet jacturam, ut nullâ ratione possit æstimari. Etenim si unius animæ salus tanti est, ut ob hanc Filius Dei fieret homo, tantaque pateretur: perditio, cogita quantam conciliabit pœnam?* E em outro lu-

Homil. 3. in Acta

gar: *Recuſaturus non erat, vel ob unum tantam exhibere diſpenſationē: adeò ſingulum quemque hominē pari charitatis modo diligit, qui diligit orbē univerſum.* O mayor paſtor, q̄ pò- A
de haver de almas, he o Filho de Deos, tomando a noſſa carne por ſamarra, e dādonos a ſua por paſtos, e pegādo da Cruz em lugar de cajado. Muito melhor pois he ouvir o q̄ elle diſſe de ſi meſmo neſte ponto por varias vezes. A S. Carpo Biſpo de Creta eſtando nimiamente zeloſo do caſtigo de certo peccador, diſſe, q̄ fazia tāta eſtimaçaō de qualquer alma, *que eſtava prompto para morrer por ella de novo, e padecer ſemelhantes penas às do inferno.* A S. Gertrudes diſſe: *Tanta he a doçura do amor de meu coraçaō para comtigo; que ſe naō pudeſſes conſeguir a ſalvaçaō, menos que tornando eu a ſer crucificado, e a padecer tudo o que padeci por todos, ſem duvida alguā tornaria ao mundo para eſte effeito.* E porque ninguem poſſa ſuſpeitar, que eſte exceſſivo B
amor he ſó para almas pias, e ornadas de excellentes virtudes, qual a deſta Santa Virgem: outra vez diſſe o Senhor a S. Brigida eſtas palavras: *Se fora poſſivel morrer eu tantas vezes, quantas almas ha no inferno, com vontade prōptiſſima, e caridade perfeitiſſima, entregaria meu corpo por cada hūa aos meſmos tormentos, que o entreguey por todas.* Bendito ſeja taō nobre coraçaō, bendito taō bom Senhor, por todas as creaturas, por todos os ſeculos. Amen.

In cap. 2. ad Galat. ad illud Apoſtoli: Dilexit me, & tradidit ſemetipſum pro me.

S. Dionyſ. Areopag. Epiſt. 8. §. 6.

Lib. 3. Inſinuationum c. 41.

Lib. 7. Revelationum c. 19

Pois ſe o Filho de Deos por huma ſó alma viria do Ceo à terra, e padeceria morte de Cruz: que muito que por huma alma o ſeu paſtor ſe naō auzentaſſe de huma terra para outra? E como naō ſerá huma ſó alma digno deſvello da peſſoa toda de hum paſtor, ſe he peça taō preciosa, que a repartem entre ſi, e nella trabalhaō tres Divinas Peſſoas; o Pay creando-a, o Filho remindo a, o C
Eſpirito Santo ſantificando-a (como gravemente diſſe Ruperto Abbade): *Humana ſcilicet creatura illud potiſſimum opus eſt, quod eadem B. Trinitas magna ſibi dignatione diviſit, ut Pater conderet, Filius redimeret, Spiritus Sanctus igniret.* Ou como ſerá limitada a Dieceſe, que tem poucas almas? ſe qualquer alma he mayor q̄ toda a terra, e q̄ infinitos Empyreos ſe os houvera? Como diſſe S. Bernardino: *Si quaſi infinitè Empyrei cæli, & illius nobilitatis crearentur*

Lib. 2. in Geneſim c. 1.

Tom. 1. Serm. 51. a 2.

rentur á Deo, adhuc anima illius excelsior, ac nobilior remaneret.

A Da residencia dos Bispos nas suas Igrejas ou Dieceses, muito bem sabem elles ser de Direito Divino, e o que o Concilio Tridentino decretou nesta materia, incluindo, naõ só os Metropolitanos, Primazes, e Patriarcas, senaõ ainda os Cardeaes, sendo entaõ Summo Pôtifice Pio IV. tio do mesmo S. Carlos, e o decreto Consistorial de Gregorio XIII. que declarou a mesma obrigaçaõ dos Bispos Cardeaes, e como Urbano VIII. confirmou e accrescentou esta declaraçaõ. Porém como o mesmo Concilio aponta quatro titulos, ou razões, que pòdem justificar a ausencia do Prelado; a saber: Caridade christãa, Urgente necessidade, Devida obediencia, e Evidéte utilidade da Igreja, ou Republica: quem naõ tiver verdadeiro amor a Christo, e nelle ao seu rebanho (e he certo que o naõ terá, naõ sendo homem de espirito, e virtude) qualquer affecto lhe parecerá caridade christãa, qualquer dependencia necessidade urgente, qualquer obsequio obediencia devida, e qualquer negocio, utilidade publica, e evidente.

B

Joan. 21. Act. 15. Ephes. 4. Sess. 23. de Reform. c. 1. Etiamsi Sãct. Roman. Ecclesiæ Cardinales sint, obligari ad personalem in sua Eccles. vel Diœcesi residentiam, &c.

Vide Barbosam p. 3. de off. & potest. Episc. Allegatione 5. n. 13.

Em confirmaçaõ do que, referirey o que passou a Carlos o Bom Conde de Flandres, com Joaõ Abbade de S. Bertino visto que nos Prelados Regulares corre a mesma razaõ respectivamente que nos outros seculares. Viera este do seu mosteiro à corte do Conde em dia da Epifania. E disse-lhe o Conde: Quem canta hoje Padre a Missa conventual na vossa Igreja? Respondeo o Abbade: Senhor, somos alli cem Monges, naõ faltará quem a cante dignamente em meu lugar. Devieis (tornou o Conde) naõ faltar alli em dia taõ solemne, cantando com os que cantaõ, e presidindo á mesa, e recreando, e alegrando em Deos a vossos subditos, q̃ para isso vos deraõ rendas nossos pays. Desculpou-se o Abbade dizendo: A necessidade me obrigou, porque certo soldado poderoso nos opprime, e faz vexaçoens, de que vinha dar parte. Naõ se satizfez ainda o Conde, e replicou: Bastava declararvos por carta, ou por internuncio; que o meu officio he defendervos, e o vosso orar, e sacrificar por

C

Ex Annalib. Flandriæ, in appendice ad origin. Cœnobiorũ Auberti Miræi.

mim. E logo mandando vir á ſua preſença aquelle Soldado, lhe diſſe reſolutamente: Olá, ſe torno a ouvir de vós queixa alguma, juro pela fé, que devo a Balduino meu predeceſſor, que vos hey de cozer vivo em huma caldeira, como elle cozeu a outro, que roubou huma viuva pobre. Eys-aqui como eſte Prelado julgava aquella cauſa de ſua breve auſencia por juſtificada com o titulo de neceſſidade urgente, e na verdade o naõ era no juizo de hum Principe pio, e prudente, e que via as couſas de perto com boa intençaõ. Como approvará logo Chriſto Paſtor ſummo as cauſas frivolas, que outros Prelados ſeculares pretendem a ſuas largas auſencias? He certo, que ſaõ raras as peſſoas, que regulaõ o deſejo pelo juizo: o commum he appetecer, e depois acarretar para alli a razaõ, e quem elege primeiro que examine, ſò por erro acertará. A

Os damnos que da auſencia do paſtor ſe ſeguem ao rebanho, pódem-ſe chorar, mas naõ ſe pòdem contar. Porque, nos Eccleſiaſticos entra a relaxaçaõ, nos leigos a irreverencia, nos ricos a inſolencia, nos pobres o mayor deſamparo, nos negocios as dilações, nas diſpenſações a facilidade, nas materias de juſtiça as interceſſoens, e muitos miniſterios peſſoaes do meſmo Prelado ceſſaõ totalmente. Contentarſe com Mercenarios, e eſperar que o ſeu cuidado baſta para ſupprir eſtas faltas, he engano manifeſto. De outro modo aquietàraõ-ſe os Concilios, e naõ apertàraõ tanto eſtas auſencias reduzindo-as a eſpaço de tres mezes. Como ha de zelar o criado a honra da Eſpoſa, que ſeu proprio eſpoſo não zela? Como não dormirão os pegureiros, vendo que o paſtor dorme a ſono ſolto? Giezi levou o baculo de Eliſeu, e por ordem ſua o poz ſobre o defunto para reſuſcitar: mas o defunto ficou como antes, atè vir o meſmo Eliſeu em peſſoa. Porque ha obras, que para ellas naõ baſtaõ os poderes do Bago em mão alheya, ſem a preſença do meſmo paſtor. C

4. Reg. 4. 31. Poſuerat baculum ſuper faciem pueri, & non erat vox, neque ſenſus.

A eſte ponto faz o apologo, que ſe conta das cotovias que tinhaõ ſeus ninhos entre as ſearas. Diſſera o dono do campo a ſeus criados, que trataſſem de meter a

fouce,

fouce, ſe viſſem eſtar os pães já ſazonados. E ouvindo eſte recado huma dellas, foy pelos ares aviſar as outras,
A que mudaſſem de ſitio, porque vinhaõ logo os ſegadores. Porèm outra mais velha as aquietou do ſuſto dizendo: Deixemo-nos eſtar, que de mandar elle os criados, e fazerſe a obra, vay ainda muito tempo. Dalli a alguns dias, ouviraõ que o amo ſe agaſtava com os criados, porque naõ tinhaõ feito o que lhes encomendára, e que mandava cellar a egua para elle meſmo ir ver o que convinha. Agora ſim (diſſe entaõ aquella cotovia aſtuta) agora ſim irmãas, levantemos o voo, e mudemos a caſa, que vem quem lhe doy a fazenda. A moralidade deſta fabula (que os Gregos chamão epimythion) eſtá muy á flor da terra; mas explicalla-hey mais, naõ com palavras, mas com caſos. A Igreja de Millaõ entregue em mãos de Vigarios, e Governadores, chegou a fazer-
B ſe taõ mata brava, que quando depois entrou nella Saõ Carlos, muitas peſſoas naõ ſabiaõ o Padre noſſo, nem o Credo; e os Clerigos traziaõ publicamente armas com trajos ſeculares, e alguns Confeſſores cuidavaõ naõ eſtar ſugeitos ao Sacramento da Confiſſaõ, huma vez que elles o adminiſtravaõ ao povo. Reſidindo em Avinhaõ o Papa Gregorio XI. admoeſtou a certo Biſpo que ſe recolheſſe à ſua Igreja: o qual lhe reſpondeu livremente: Denos voſſa Santidade exemplo, recolhendo-ſe à ſua. Movido deſta reſpoſta (e muito mais dos conſelhos de Santa Catharina de Sena, que lhe conheceu, e aprovou o penſamento com que andava de mudarſe) paſſou a Cadeira para Roma: a qual achou taõ miſeravelmente
C demudada, que tudo neceſſitava de reforma, e atè os meſmos Templos de reedificarſe. Eys aqui a differença que vay de Mercenarios a Paſtores, e de ſubſtitutos a proprietarios. Eys-aqui como a fazenda, que nas mãos do dono ſe aproveita, nas dos ſervos ſe perde.

Munhoz na Vida do Santo, liv. 2. c. 12.

XVII.

De Saõ Franciſco Xavier.

MOrrendo hum menino Indio, que eſte glorioſo, e novo Apoſtolo do Oriente tinha baptiſado, diſſe com grande alegria de ſeu eſpirito: *Eſta ſó alma que ſe ſalve, me baſta, para premio dos trabalhos da navegaçaõ da India.*

REFLEXAM, E DOUTRINA.

COmo naõ baſtaria a ſalvaçaõ de huma alma para ſatisfaçaõ dos trabalhos de Xavier navegando ao Oriente: ſe baſtaria para motivo do Filho de Deos vindo ao mundo? Conſolem-ſe os Miſſionarios Apoſtolicos; que ſe por eſta cauſa atraveſſaõ o Cabo da boa Eſperança, Chriſto pela meſma conſentio ſer atraveſſado com eſpinhos, cravos, e lança, e ſe padecem tormentas, e naufragios, a tempeſtade da Paixaõ do Senhor foy tal, q̃ atè dentro de ſua Alma benditiſſima penetráraõ as ágoas: *Intraverunt aquæ uſque ad animam meam:* e ſe vio ſubmergida no alto pêgo de tribulações, e deſamparos: *Veni in altitudinem maris, & tempeſtas demerſit me.*

Pſalm. 68. v. 2.

Ibid. v. 3.

Naõ importa que o lucro ſeja de huma ſó alma. Eſtime-ſe a eſpecie, naõ ſe conte o numero. Sendo alma he margarita preciosa: pela qual, ainda que unica o mercador prudente vende todas as couſas. O valor de huma alma, inſinuou diſcretamente quem lhe poz por emblema, huma moeda debaixo dos inſtrumentos com que ſe cunha, e por letra: *Imprimor, & valeo*: O cunho me dà o valor. O cunho da alma racional he imagem, e ſemelhança de Deos, que elle lhe imprimio na ſua creaçaõ: *Faciamus hominem ad imaginem & ſimilitudinem noſtram.* Que ſemelhança pòde ter todo o reſto das creaturas materiaes, cõ quem

Matth. 13. 46.

Picinell. lib. 13. Mundi Symbolici c. 7. n. 68.

quem tem em si a de seu mesmo Creador? Porèm não sòmente se conhece o valor desta moeda pelo cunho, se-
A não tambem pelo pezo. A balança fiel foy a Cruz, e o que nella poz Deos para preço das almas, e de qualquer dellas em particular, foy elle mesmo: *In Cruce suspenditur* (disse Venancio,) *ut pro captivitate nostra pretium sui corporis mercator in statera pensaret.* Venantius lib. 3.

Infira daqui o Prégador Apostolico, que nunca deixe de estender as redes da palavra Euangelica, ainda que as almas sejaõ poucas. He hypothese falsa, que saõ poucas sendo almas. S. Francisco de Sales no caminho de Alinges a Tonon, achando se em hum Templo bem capaz só com sete rusticos, começou a duvidar se seria conveniente differir a prégação para occasião de mais ouvintes. Resolveu seu caritativo zelo dar o pasto da Di-
B vina palavra áquellas ovelhas, que ainda que poucas, não custàra pouco a sua redempção. Hum dos sete era certo hereje, insigne na sua seita, pouco antes reduzido pelo mesmo Santo: porém ainda titubeava. Este acabado o Sermão disse: *Eu estava esperando, quando vejo Sales se prègaria, ou se o deixaria para outra occasiaõ melhor: e juro, que senaõ prègasse, me tornava a meus antigos erros, e desamparava a Fè Catholica.* D. Miguel de la Portilla, na Vida do Santo, liv. 2. cap. 10. num. 29.

Mas ainda no caso, que ninguem se converta, nem o trabalho do opperario fica inutil, nem a palavra de Deos infecunda: porque o procurar a salvaçaõ dos proximos sempre asségura, e promove a salvaçaõ propria. *Generosus miles* (disse Chrysostomo) *cùm alios tutari conatur se ipsum defendit.* Hom. 60. in Matt.

C Assim como a Palavra de Deos inteada sempre produz o Espirito Santo: assim a Palavra de Deos Euangelica sempre deve produzir nos ouvintes effeitos da graça do mesmo Espirito Santo. Mas, ou elles estejaõ capazes de o receber, ou naõ, o lucro espiritual do Prègador nunca perece. Jà ouve hum, que se converteu com o seu proprio Sermão. Era hum Monge, que vencido da tentaçaõ tinha determinado deixar o Mosteiro no seguinte dia. Pediraõ lhe os outros que prègasse, e elle por encobrir mais a sua determinaçaõ, prègou, exhortando os a vida espiritual, e mediante a gra- Cartagena. Vitæ Patrum.

ça

ça Divina, ficou reduzido de ſi meſmo, e perſeverou. O glorioſo S. Vicente Ferrer prégou muitas vezes a auditorios de oitenta mil almas, ſervindo-lhe de templo a campanha, e de pulpito o combro de alguma ladeira, ou os terrões de algum vallado. Se nenhuma ſe reduziſſe, ſempre recolheria o immenſo fruto: porque a paz de Chriſto, que não recebem os ouvintes, torna para caſa dos que lha euangelizàraõ, como diſſe o meſmo Chriſto: *Et ſiquidem fuerit domus illa digna, veniet pax veſtra ſuper eam: ſi autem non fuerit digna, pax veſtra revertetur ad vos.* Matth. 10.13.

XVIII.

Do Beato Frey Gil, ou Egidio, Minorita.

ESte inſigne Varaõ contemplativo, que floreceu nos tempos do Serafico Padre S. Franciſco, dizia, *que tres couſas aſſeguravaõ muito huma alma: 1. ſoffrer com paciencia as tentações: 2. humilharſe de coraçaõ depois de haver feito obras boas: 3. ter amor naõ ao que ſe ve, ſenaõ ao que ſe naõ ve.*

PARAFRASE.

QUanto á primeira, tem por abonador a Saõ Paulo, o qual diz que a tribulaçaõ gera paciencia, e a paciencia boa prova, e a boa prova eſperança, e a eſperança naõ confunde, antes alegra, e aquieta a conſciencia. E em outra parte diz, que Deos he fiel dando-nos ſoffrimento na tentação, para que nos ſeja rendoſa. O conhecimento deſta verdade era a cauſa de que muitos Santos naõ ſe entriſtecião com as tentações, antes ſe alegravão. Rom. 5. v. 3. 1. Cor. 10. 13.

Em *Vitas Patrum* ſe conta, que hum Santo Monge ancião vendo a hum ſeu diſcipulo gravemente tentado contra a Caſtidade (que he materia bem arriſcada, ſendo o inimigo tão domeſtico) lhe diſſe compaſſivo: Queres, Vitæ Patrum lib. 3. cap. 24.

filho

filho, que rogue a Deos se sirva de affastar de ti esta impugnação molesta? Vejo Padre, (respondeu o discipulo)
A que este trabalho me mete em casa mais oraçaõ, mais jejum, e vigilias, mais humildade para com os proximos, mais recato nas minhas acções, e assim tenho por melhor, que peçais a Deos me assista com sua virtude, para que peleje legitimamente. Tornou então o velho: Agora conheço, filho, que tens luz das cousas espirituaes, e que sabes usar fielmente da tentação, ordenando-a para o fim do teu aproveitamento, que he o mesmo porque Deos a permitte.

Tambem Santo Efrem, conta S. João Climaco, que achando-se em altissima paz, e tranquillidade de animo, a que elle chama impassibilidade, e ceo terrestre pedio a Deos lhe restituhisse as suas antigas contendas, e guerras interiores, para não perder a materia de merecimento, e de lavrar mais custosa, e rica a sua coroa. Ao Abbade Pastor disse outro Monge: Eu fiz oração, e cessárão as tentações. Respondeu o Santo: Vay retratarte, e pede que as tentações tornem, para que te não faças froxo, e negligente. Obedeceu aquelle Monge, e o Senhor lhe disse: Bom conselho te deu teu Mestre, eu te restituhirey as tentações.
Gradu 29.
B
Refere-o Palladio.

Quanto à segunda, concorda com a doutrina de nosso Salvador, o qual diz, que aprendamos delle a ser mãsos, e humildes de coração, e acharemos descanço para nossas almas; isto he, alivio, defença, e segurança. Os que fazem taipas de pilão vão lançando terra às cestadas entre duas taboas, ou pranchas, affastada huma da outra,
C quanto querem seja a grossura da taipa, e tanto que tem lançado huma cama de terra, a calcão muito bem com pilões, ou masos, de sorte que se torne em huma massa muy unida, e condensada. Logo subindo as taboas mais para cima, tornão a encher de terra, e tornão a calcar cõ os piloens. E deste modo pouco, e pouco se levanta o muro, ou parede, que depois rebocão, e guarnecem contra as injurias do tempo.
Matth. 11. 29.

Deste modo devemos nôs edificar virtudes para terem algũa firmeza: cesto de terra, q̃ he qualquer obra do ser-

viço

viço de Deos, e logo em cima darlhe cõ o pilaõ da humildade, e abatella. Aſſim nos enſinou Chriſto noſſo Meſtre, dizendo: *Te autem facienti eleemoſynam, neſciat ſiniſtra tua quid faciat dextera tua.* Quando deres eſmola (eys-aqui o ceſto de terra, que vay fazendo o edificio alto) naõ ſaiba a tua maõ eſquerda o que fez a direita: (eys-aqui o pilaõ, que o vay fazendo ſeguro.) E em outra occaſiaõ: *Cùm feceritis omnia quæ præcepta ſunt vobis, dicite: Servi inutiles ſumus:* Quando comprirdes todos os Mandamentos (eys-aqui mais terra dentro das taboas da Ley de Deos) dizey: Somos ſervos inuteis (eys-aqui outra vez o pilaõ em cima calcandõ.)

Matth. 6. 3. A

Luc. 17. v. 20.

Do meſmo temos exemplos em S. Paulo. Huma vez diſſe confiadamente: Eu tudo poſſo: *Omnia poſſum.* E logo immediatamente accreſcenta: Em virtude de Deos, que me conforta: *In eo qui me confortat.* Quando diz: Tudo poſſo, vemos eſta parede muy levantada pelo exercicio de obras Santas, em todo o genero de virtudes. E quando accreſcenta: Em virtude do Senhor, que me conforta: vemola muy maſſiſſa pelos golpes da humildade, e conhecimento proprio. Outra vez fallando com os Corinthios: *Nihil minus fui ab iis, qui ſunt ſupra modum Apoſtoli:* Naõ dou ventagem a qualquer dos que foraõ mayores Apoſtolos. Ha tal altura de virtudes, e tal ſinceridade em as publicar? Hora vejamos como logo deſce ao profundo, e ſe aniquila: *Tametſi nihil ſum:* E todavia nada ſou. De ſôrte que as noſſas virtudes he neceſſario conhecendo as deſconhecellas (como diſſe S. Gregorio): porque de tal modo as devemos ter por boas, que as tenhamos juntamente por minimas; por boas, para as guardarmos por minimas, para nos naõ incharmos: *Oportet bona opera ſciendo neſcire: quia, & recta hæc æſtimare oportet, & minima; recta, ut cuſtodiamus; minima, ne inflemur.*

Philip. 4. 13.

B

1. Cor. 12. 11.

C

Eſte modo de proceder aſſegura muito a huma alma. Em hum livro antiquiſſimo de verſos Latinos, que era tradiçaõ ſer compoſto antes de todos os eſcritos Latinos que ſe divulgaõ, eſtava eſte verſo:

Hy-

Hyberno pulvere, verno luto,
Grandia farra, Camille, metes.

A Como ſe em Portuguez diceſſemos: Pò no Inverno, lodo no Veraõ, muito paõ. Aſſim tambem quando virmos que huma alma nas tentaçoens anda enxuta, e ſerena, e nas boas obras lacrymoſa, e compungida, he ſinal que tem ſubido a muy alto grão de perfeiçaõ.

Quanto á terceira, e ultima (que era: Ter amor naõ ao que ſe ve, ſenaõ ao que ſe naõ vé) coincide com a ſentença do Apoſtolo Sant-Iago: Que quem quer ſer amigo das couſas deſte ſeculo inviſivel, ſe cõſtitue inimigo de Deos. E que paz, ou quietaçaõ poderá lograr a alma, que tem a Deos por inimigo, e por amigo a eſte mundo? *Olhay com quem, e ſem quem!* (puderamos aqui dizer com o Virgilio Portuguez). Jacob. 4. 4.

B O Santo Rey, e Patriarca David huma vez pedio a Deos: que lhe deſviaſſe, ou fechaſſe os olhos, e outra que lhos abriſſe, e applicaſſe. Ambas as petiçoens eraõ boas, e entre ſi coherentes. Queria os olhos fechados, para as vaidades deſte mundo: *Averte oculos meos ne videant vanitatem*, e abertos para os myſterios, e maravilhas, e promeſſas da Ley de Deos: *Revela oculos meos, & conſiderabo mirabilia de lege tua.* Porque eſtas couſas inviſiveis amava, e as outras viſiveis aborrecia, e vaõ os olhos para onde tẽ ido o amor. O q̃ ſe vé ſaõ riquezas, delicias, honras, poſtos applauſos, ſervos, herdades, edificios, &c. e aqui havemos de dizer: *Averte oculos meos.* O q̃ ſe naõ vé ſaõ virtudes, graças, dons do Eſpirito Sãto, myſterios da C vida, Paixaõ, e morte de Chriſto, Anjos, Santos, Bemaventurança eterna, &c. e aqui havemos de dizer: *Revela oculos meos,* Pſ. 118. 37. Ibid. v. 18.

Lembrame haver lido de hum enfermo, que olhanda para baxo, nada via; mas levantando os olhos ao Ceo, lograva o uſo deſte ſentido. Taes devemos ſer por ſaude do eſpirito, qual era eſte por enfermidade do corpo; iſto he, Aguias para contemplar os bens do Ceo, cegos para deſprezar os da terra. Moſtrarnos as grandezas deſte mundo viſivel he proprio de Satanás, como fez com Chriſto no deſerto: *Oſtendit ei omnia regna mundi, & gloriam* *No P. Theophilo Raynaudo da Companhia de JESUS.* Matth. 4. 8.

riam eorum. Moſtrarnos as grandezas do outro ſeculo inviſivel, he proprio de Deos, como fez em outro deſerto com Moyſés: *Ego oſtendam omne bonum tibi.* Os mundanos appetecem o que ſe vé, porque vivem pelo ſentido: os eſpirituaes amão o que ſe naõ vè, porque vivem pela fè, como repetidamente diz o Apoſtolo: *Juſtus ex fide vivit.* Huns vaõ-ſe com as viſoens de Satanàs, porque, *Oculos ſuos ſtatuerunt declinare in terram*; ſó ſabem olhar para baixo: outros com as de Deos, porque ſeu modo de olhar he para cima: *Ad te levavi oculos meos, qui habitas in Cælis.* Oh quantos naõ lograraõ a viſta beatifica de Deos no Ceo, porque lográraõ deſordenadamente as viſoens de Satanàs na terra! Com a felicidade tranſitoria corre grande riſco o alcance da eterna. Padecer aqui cõ Chriſto, he bom preſagio de reinar depois com Chriſto. Sabiamente o diſſe hum Poeta ſizudo, fallando com Deos.

Exod. 33. 19.

Rom. 1. 17. & Galat. 3. 11. Hebr. 10. 38.

Pſ. 16. 11.

Pſ. 122. 1.

Quem Tu deixas de aſſento
Na terra eſtar ſem pena conhecida,
Acha ſeu mantimento
No Egypto deſta vida,
Porque o naõ tem na terra promettida.

P. Fr. Nicolao Dias, Religioſo Dominico, e peſſoa de virtude.

E pouco mais abaixo:

Perſeguido comtigo
Naõ me aparte de ti na adverſidade:
Mas como grão de trigo
Batido da vaidade
Caya a teus pès com o pezo da humildade.

XIX.

De S. Nilo Abbade.

O Emperador Ottaõ II. deſejoſo de conhecer de viſta a S. Nilo Abbade, de cuja fama celebre eſtava naquelle tempo cheya a Chriſtandade, o veyo finalmente a deſcobrir em hum retiro junto a Napoles. E havendo gaſtado com elle

ella boa parte do dia, lhe disse à despedida: Padre
A estimarey me deis occasião de fazer algum bem a vòs, ou a vossos discipulos: vede que cousa será mais do vosso agrado. ou conveniencia; que a farey promptamente. Respondeo o Santo: Que de nada necessitava. Porèm instando mais o Emperador, lhe poz a mão no peito, dizendo: *Nenhũa outra cousa vos peço, Senhor, que cuideis quanto em vòs he de salvar a alma, que aqui tendes encerrada, e de que haveis de dar a Deos estreita conta, como eu da minha.*

ANNOTAÇOENS.

B Estas palavras do Santo se pòdem notar tres pontos. 1. Que em lugar de pedir cousa util para si, pedio a cousa mais util para o mesmo Emperador; mostrando nisto que a Caridade reputa o bem alheyo por proprio: *Charitas non est ambitiosa, non quærit quæ sua sunt.* 2. Visto que no excesso cume das primeiras dignidades a salvação se acha exposta a mayores perigos, encommendou-lhe hum cuidado grande da salvação, dizendo: *Que cuidasse quanto pudesse de salvar a sua alma:* que he o mesmo que o primeiro Vigario de Christo recomendou a todos os Fieis da sua Igreja: *Fratres magis satagite, ut per bona opera certam vestram vocationem, & electionem faciatis.* 3. E
C já que o Emperador admirava austeridade de sua vida naquelle retiro, procurasse imitalla no seu tanto: pois a ambos esperava a mesma conta diante do Juiz supremo, e o melmo proveito, ou danno de sair, ou não sair bem della.

1. Cor. 13. 6.

2. Petri 1. 10.

Exemplos de Monarcas que respeitárão os Varoens de conhecida virtude, favorecendo-os, e tratando-os familiarmente, ha muitos, assim nas Divinas letrss, como nas historias Ecclesiasticas. Assim honrou ElRey Acab ao grande Elias, ElRey Joram ao Profeta Eliseo, Jeroboam

Jeroboam a Abias, Ezechias a Iſaias, Nabucodonoſor a Jeremias, Dario, e Balthaſar a Daniel; aquelles tãbem Reys ſoberanos, e eſtes tãbem Profetas do Senhor. Aſſim hõ- A
ráraõ tãbem Alexandre Magno a Jaddo Pontifice, e Antioco a Onias. E dos Chriſtãos, os Emperadores Conſtantino, a S. Antaõ, Valente a S. Baſilio, Arcadio a S. Chryſoſtomo, Cõſtantino a S. Athanaſio. O P. Fr. Egidio Frãciſcano (de quẽ ha pouco fizemos mẽção), foy tão aceito a S. Luiz Rey de França, que o foy viſitar, e o abraçou, e lhe deu oſculo. S. Franciſco de Paula foy muy favorecido, e eſtimado de Luiz XI. tambem Rey de Frãça. ElRey de Portugal D. Sebaſtiaõ publicamente na Igreja de S. Roque meteo dentro da ſua cortina a Simaõ Gomes chamado o Çapateiro Santo. ElRey D. Affonſo III. de Portugal vinha a viſitar ao S. Fr. Gil Dominicano, e eſtava ſó com elle na cella muitas horas, e para cobrar ſaude trocou o ſeu bordaõ com o do Santo. O V. B
Fr. Franciſco del Niño JESUS, Religioſo Leigo Carmelita deſcalço, que antes foy hum ruſtico taõ cerrado, que quaſi naõ teve uſo de razaõ ſenaõ chegado aos vinte annos, tratava familiarmente com todos os ſenhores da Corte de Heſpanha, e as meſmas peſſoas Reaes goſtavaõ muito de ſua amizade. O V. P. Fr. Domingos de JESUS MARIA da meſma Sagrada Reforma do Carmelo, chegando a Vienna a tempo que os Cezares eſtavaõ auzentes, logo que o ſouberaõ, lhe eſcreveraõ dando-lhe a boa vinda. No ſeguinte dia adiantando-ſe a Emperatriz o veyo buſcar ao ſeu Convento antes de ir a palacio. Pouco depois chegou o Emperador Fernando II. com ElRey de Hungria, que depois foy Emperador, q̃ o ſaudaraõ com notaveis demonſtraçoens de amor, e humildade, e ao correſponder-lhes o Servo de Deos, lhe C
deraõ a viſta do povo cada hũ ſeu apertado abraço. Depois enfermando o Santo, o leváraõ a palacio, e ſendo-lhe neceſſario commungar, o meſmo Emperador lhe ſervio de joelhos o vaſo da abluçaõ, e depois que eſpirou, e ſe compoz o corpo, o viſitou frequentemente beijando-lhe mãos, e pês; e tomou por reliquias as ſuas alparcas, beijando-as devotiſſimamente. Para que ſe veja quanta

Fr. Luiz de Souza livro 2. da Hiſtoria de S. Domingos particular do Reyno de Portugal c. 23.

Fr. Joſeph de JESU MARIA eſcritor da ſua vida.

verda-

verdade he o que o Real Profeta diſſe: que os amigos
A de Deos ſaõ grandemente honrados, e ſua dominaçaõ, e authoridade he muy ampla: *Nimis honorificati ſunt amici tui Deus: nimis confortatus eſt principatus eorum.* Pſalm. 138. 17.

O cuidado da ſalvaçaõ eterna, que S. Nilo intimou ao Emperador, viſto tocar naquelle *Unum neceſſarium*, que a todos toca igualmente, quero recomendallo mais a todos, referindo hum caſo, que paſſou pelo meſmo Santo, e tanto ſerà mais util aos leitores, quanto cada hum ſouber darlhe ponderaçaõ mais profunda. Foy o ſeguinte.

Achando-ſe eſte Santo Varaõ (que foy grande no ſeculo, e depois mayor no ſeguimento do Euangelho) retirado dos tumultos do povoado em huma Igreja de Saõ Joaõ Baptiſta, cuja vida imitava, vieraõ a viſitallo Theofilato Metropolitano de Calabria, e Leaõ Domeſtico
B Conde Governador da meſma Cidade, ambos Varões douriſſimos, e outros muitos Senhores, e Sacerdotes, e gente do povo. Os quaes pelo caminho conferiaõ entre ſi quem ſeria o que lhe fallaſſe, e que ponto myſterioſo das Sagradas Eſcrituras lhe perguntariaõ; naõ tanto por honeſto deſejo de ſaber, como por fazerem curioſa experiencia dos talentos do Santo. O qual vendo-os de longe, diſſe entre ſi: Para que vem eſtes agora obrigarme a praticas ſem fruto? Livraime, meu Senhor JESU Chriſto, de peccados alheyos; e concedeinos graça, para que ſó entendamos, e fallemos o que convem, e nada obremos fôra do que vos agrada. (Bom dictame eſte para quando hum entra em converſaçaõ com muitos: da qual, ſe naõ ſe preparar com a Oraçaõ, rara vez
C ſahirá ſem algum peccado.) Dizendo iſto, abrio hum livro, que tinha nas mãos, e acaſo deu em hum lugar, onde ſe tratava de certa revelaçaõ feita a S. Simeaõ, no monte admiravel. Ex Baronio ad Annum Chriſti 976. num. 2. & 3.

Chegáraõ os hoſpedes, ſaudàraõ-ſe de parte a parte benignamente, tomárão aſſentos, conforme a eſtancia permittia, e S. Nilo deu a Domeſtico o livro, apontando-lhe onde eſtava regiſtrado. Começou elle a ler attentamente, e chegando ao lugar, onde ſe dizia que de dez

mil almas, apenas neſtes tempos chegava huma âs mãos dos Anjos Santos, começãraõ todos,

Ovidius. ——— *Ceu flamina prima*
Cùm deprenſa fremunt ſylvis, & cæca volutant
Murmura ———

a inquietarſe, e levantar murmurinho, dizendo: *Fóra com tal propoſiçaõ; iſto naõ póde ſer verdade: quem tal affirma he hereje: ſegue-ſe logo, que nós em vaõ ſomos bautizados, em vaõ adoramos a Cruz, e recebemos a Sagrada Communhaõ, e temos nome de Chriſtãos.* Mas o Santo advertindo, que Theofilato, e Domeſtico, que eraõ as peſſoas de mayor authoridade, callavaõ, tomou a mão, e diſſe com „ igual modeſtia, que liberdade: E ſe eu vos moſtrar „ como o grande Baſilio, e Chryſoſtomo, e Santo E- „ frem, e Theodoro Studita, e ainda o meſmo Apoſto- „ lo, e o Santo Euangelho, ſentem, e dizem o meſmo: „ a que pena vos ſugeitais vós-outros, que ſem conſi- „ deraçaõ abris a boca, encontrando o Eſpirito Santo, „ e avaliando por hereticas as palavras dos Santos Pa- „ dres dignas de todo o reſpeito? Se allegais o nome „ que tendes de Chriſtãos, digo-vos que nada vos deve „ Deos por iſſo: porque, que Idolos, ou hereſias dei- „ xaſtes vôs por ſeguir a Chriſto? Ou qual de vôs ſe „ atreverá a dizer, que profeſſa outra ley, que logo o „ naõ apedrejem publicamente? Em concluſaõ enten- „ dey, que ſe naõ fordes dotados de virtude, e grande „ virtude, ninguem vos livrará das penas do inferno. Ouvindo iſto, todos temèraõ, e diziaõ ſuſpirando: Ay de nòs peccadores miſeraveis!

Neſte caſo ſaõ muito para notar os ſeguintes pontos. 1. Que per ſi ſó o dito de S. Nilo he aſſás abonado: por que foy Varaõ de excellente doutrina, e piedade, junta com experiencia dos caminhos do eſpirito, e de cujas virtudes o reſplandor encheu naquelles tempos os Imperios do Oriente, e Occidente: e àlem diſſo foy dotado de eſpirito profetico, e dom de conhecer os ſecretos do coraçaõ, como neſta meſma occaſiaõ moſtrou. Porque perguntando-lhe hum dos circunſtantes, ſe ſe ſalvára Salomaõ: o Santo, conhecendo que era adultero, lhe

lhe reſpondeu: Tomára eu ſaber, ſe te ſalvarás tu, ou naõ: porque de Salomaõ pouco te importa a ti, nem a mim ſaber ſe ſe ſalvou; pois a nós, e naõ a elle, diſſe Chriſto: (a) Quẽ olhar para a mulher alhea deſejando-a, já adulterou.

Na qual reſpoſta ſe moſtrou o Santo tambem Letrado, e viſto nas Eſcrituras, e Santos Padres. Porque dizendo, que a nós, e naõ a Salomaõ diſſera Chriſto: Quem olhar para a mulher alheya, já adulterou com ella: tocou em huma queſtaõ muy debatida entre os Sagrados Interpretes, e a reſolveu mais conſórme ao ſentir dos Santos Padres. (b) A queſtaõ he: Se o Senhor neſte ponto, e outros que ſe ſeguem do Sermão do monte emendou a Ley; ou ſómente as deuteroſes, ou tradicçoens dos Eſcribas, e Fariſéos? Porque a Ley tambem prohibia o deſejo interno da mulher do proximo, como dizem os Santos, e Theologos. (c) Logo tambem Salomaõ eſtava obrigado a eſte preceito. Porém reſponde doutamente Maldonado (mal citado por A Lapide pela parte contraria,) que Chriſto neſte lugar aperfeiçoou a Ley, e que ainda que eſta prohibia tambem os actos contrarios internos, naõ era taõ preciſa, e expreſſamente como depois declarou o Euangelho: Porque a Ley dizia: (d) Naõ deſejarás a mulher de teu proximo: mas naõ dizia, que olhar para ella com olhos laſcivos, já era adulterio: *Lex quippe* (ſaõ palavras deſte grave Expoſitor) *tantùm dicebat: Non concupiſces uxorem proximi tui; ſed non dicebat eum, qui impudicis oculis aſpiceret, adulterii teneri.* E eys-aqui como S. Nilo moſtrou na dita reſpoſta naõ ſó virtude, mas ſciencia.

O ſegundo ponto he, que a dita ſentença de S. Nilo envolve a de outros Santos Padres, todos famoſos na Igreja Grega: dos quaes o ultimo, que he S. Theodoro Studita (chamado aſſim, porque foy Abbade de hum Moſteiro fundado por Studio) foy inſigne Confeſſor de Chriſto (alguns dizem Martyr,) e firmiſſima columna da Igreja contra Leaõ Armeno, e Miguel Balbo Emperadores Iconomacos. Naõ me dou por obrigado a buſcar as ſuas authoridades; e mais quando as ſuas obras naõ ſe imprimiraõ, nem traduziraõ todas; e ſó das

(a) Matt. 5. 28. Ego autem dico vobis, quia omnis, qui viderit mulierem ad concupiſcendã eam jam mœchatus eſt eam in corde ſuo.

(b) Irinæus, Clemens Alexandrin. Tertulian. Hilar. Epiph. Baſil. Chryſ. Ambr. Hieron. Chrom. Theoph. Euthym. quos citat Maldonad. in c. 5. Matth. v. 27.

(c) Auguſt. Clem. Cypr. S. Leo. Greg. Nyſſed. quos citat, & ſequuntur Navar. in cap. conſider. de pœnitent. Diſt. 5. n. 4. Héric. lib. 5. c. 5. n. 7. Suares tom. 3. in 3. p. diſp. 22. ſect. 2.

(d) Deut. 5. 20.

Bellarm. de Scriptorib. Eccleſiaſtic. ad ſæculum 9. anno 820.

Naucrat. in Encyclic. tom. 14. Bibliotec. PP.

cartas de S. Theodoro ha cinco livros na Bibliotheca Vaticana, e na que foy de Aſcanio Cardeal Colonna; e deſde o carcere, que padeceu pela Fê, eſcreveu mais de duzentas, todas cheyas de eſpirito, e vigor Apoſtolico. Em qualquer dellas podia eſtar eſta ſentença que S. Nilo allega: do qual devemos ſuppor, que naõ mentio em materia tão grave, e publicamente. E quanto ao Euangelho, e a S. Paulo, abaixo citaremos alguns lugares, que na verdade ſaõ terriveis; mas naõ fallaõ taõ eſpecificamente.

Baron. anno Chriſti 1768. n. 6. & anno 1816. num. 34. A

Porèm quanto ao inſigne P. S. Joaõ Chryſoſtomo, grande luzeiro do Univerſo (como lhe chamou Theodoreto) e Bibliotheca impolluta das Divinas Eſcrituras (como o intitulou S. Proclo) naõ deixarey de pôr aquella ſentença terribiliſſima, que diſſe em hum Sermaõ ao povo de Antioquia, e pouco mais, ou menos coincide com a dita revelaçaõ de S. Simeaõ: *Quot eſſe putatis* (diſſe o Santo Doutor) *in civitate noſtra, qui ſalvi fiant? In feſtum quidem eſt quod dicturus ſum, dicam tamen. Non poſſunt in tot millibus centum inveniri, qui ſalventur: quin & de iis dubito:* Quantos vos parece haverá neſta noſſa Cidade que ſe ſalvem? Bem ſey que he couſa muy odioſa a que vou dizer: mas naõ obſtante hey de dizella. Entre tantos milhares de peſſoas, naõ póde haver hum cento que ſe ſalve: e até deſtes duvido. Atéqui S. Joaõ Chryſoſtomo.

Theodoret. Dialogo 1. Procl. in Encomio Chryſoſtomi.

Chryſoſt. hom. 4. ad populum Antiochenum. B

Onde he de notar que Antioquia, por outro nome Theopolis, foy Cidade Real fundada por ElRey Antioco, cabeça de toda a Syria, e taõ populoſa, que ſe contava pela terceira Cidade de todo o Imperio Romano. Roma era a primeira, e neſta pelo recenſeamento que ſe fez por mandado do Emperador Claudio, anteceſſor de Nero, foraõ achados ſeis milhoens, e novecentos, e quarenta e quatro mil Cidadáos Romanos. Alexandria era a ſegunda, e deſta diz Budeo, que tinha cinco milhões, e ſetecentos mil homens. Logo Antioquia, aſſento de Cadeira Patriarcal cõ quatorze Arcebiſpados, e 53. Bispados ſuffraganeos debaixo da ſua jurisdicçaõ, naõ devia ſer notavelmente inferior a ellas. E todos ſeus

Baron. anno Domini 50. n. ult. ex Tacito. C

mo-

moradores naquelle tempo eraõ Chriſtãos (como notou Cezar Recupito): antes alli, foy que começáraõ os fieis a chamar-ſe com eſte nome de Chriſtãos, como ſe diz nos Actos dos Apoſtolos ; e alli aſſentou a ſua primeira cadeira S. Pedro, e ſe conſervou ſua doutrina incorrupta por muitos tempos.

A Tractat. 1. De numero prædeſtinatorum c. 4.

Act. 11. 26.

Orcemos pois veroſimilmente, que teria eſta Cidade hum milhaõ de almas. Deſtas affirma o Santo com termos, que denotaõ impoſſibilidade do contrario, que quando muito ſe ſalvariaõ cem, e reprega mais a ſua aſſeveraçaõ, accreſcentando, que atè deſtes duvida: *Quin & de his dubito.* Com que por eſta conta, ainda que taõ vacillante, conſiderava que de cada dez mil almas fieis, apenas ſe ſalvaria hũa. Certamente eſta palavra do Santo, mais parece rugido de Leaõ, do que palavra humana: Quem naõ temerá? *Leo rugiet, quis non timebit?* Porque para dizermos (como diſſe o P. Granado) que fallou hyperbolicamente, obſta, que he demaſiado encarecimento para hum Santo, dado do Ceo por Doutor da Igreja, e Prégador, naõ como os do noſſo tempo, e que naõ podia ignorar, que a converſaõ, e terror util dos peccadores, naõ ſe obra com mentiras, ſenaõ com a verdade clara, da qual faz ſeu vehiculo a graça de Deos excitando, e alumiando os coraçoens dos ouvintes. E bem ſe vè que naõ fallou de repente ; ſenão fazendo pè atraz, e reparando no que hia a dizer, e todavia determinando-ſe a dizello: *Infeſtum quidem eſt quod dicturus ſum, dicam tamen, &c.* Logo quanto he por eſta parte naõ allegava mal S. Nilo, como diziamos.

B Amos 3. 8.

C O terceiro, e ultimo ponto, que neſte caſo ſe deve advertir he: que a materia da murmuraçaõ, e reparo dos hoſpedes de S. Nilo, naõ era na ſuppoſiçaõ de que na conta das dez mil almas entraſſem tambem as dos infieis. Iſto ſe moſtra claramente das razoens contrarias, que allegavaõ para negar o credito àquella revelaçaõ; que era o terem Fè de Chriſto, Sacramentos, &c. Alem de que, ſe os termos da queſtaõ, ou duvida foſſem outros (iſto he, comprehendendo tambem os infieis) nenhum fundamento tinhaõ, nem ainda para ſe admirarem,

rem, quanto mais para levantarem ruido, e cenſurarem de heretica a tal propoſiçaõ.

2.p.l.1.c.30.Sanct. Antonin.3.p. tit. 24.cap.9.§.2.

Nas Chronicas de S. Franciſco ſe refere, e o traz tambem S. Antonino, de hũa mulher, que eſtando ouvindo o ſermaõ, morreo de repente: e logo milagroſamente reſuſcitada, diſſe diante de todo o auditorio: como naquelle meſmo ponto que ella eſpiràra, haviaõ paſſado deſte mundo, e ſido preſentadas no tribunal de Chriſto, outras ſeſſenta mil almas, das quaes ſò tres foraõ ao Purgatorio, e as mais ao Inferno. Tambem he vulgar o que hum Santo Ermitaõ diſſe fallando com o Cardeal Joaõ Lothario, que depois foy Papa Innocencio III: Que vira caír almas no inferno tantas em numero, como quando o Ceo cerrado por toda a parte, eſtà chovendo copos de neve muy baſtos. Que tinha logo de ſuſpeitoſa, e hyperbolica aquella revelaçaõ em dizer que de dez mil almas hũa ſe ſalvava, ſe fallaſſe de todo o genero humano? Eſtando pois S. Nilo neſta opiniaõ, por iſſo recomendava taõ apertadamente àquelle Emperador, que fizeſſe quanto pudeſſe por ſalvar a ſua alma.

Joſeph Barzia Deſpertador Chriſtiano ſerm.47.num.13.

(a)Lyranns, Carthuſianus, & Maldonatus in illud Matth.22.Pauci verò electi.Caetan.in Matth.25.Bellarm. lib 1.de gemitu columbæ, c.6. Faſol.to.2.in 1.p.q. 23.art.7.in comment. articul.n.7. Abulenſ.q 69.in c. 22.Matth.Arbor.l. 14. Theoſophiæ c. 20. Drexel. in Zodiàco Corona de paucitate prædeſt. (b)P.Ruiz.Diſp.54 de Prædeſt. ſect. 6. contra Marſilium lib.2.ſentent.q.13. dub. 4. (c)Vaſq. in 1.p. Diſp.101. cap.4. (d) Iſai 24.13. Matth.14.22. &c. 7.v.13. &. c.19.v. 23.1: Cor.10.v.2. & ſeqq. (e) Ambr.lib.2.de Pœnit. c.10. Aug. lib.3. contra Creſconiũ c. 66. Greg. hom.19.in Euang.

Nós o que intentamos neſta annotaçaõ naõ he querer intimar, e perſuadir aos Fieis o meſmo ſentimento, ou modo de opinar. Porque ſey, que os Theologos chegando a tratar eſte ponto; de ſe he mayor, entre os Fieis adultos, o numero dos reprobos, quero dos eſcolhidos (feita primeyro a reſalva de que ſó o Juizo de Deos o conhece, conforme o diz a Igreja em hũa Collecta: *Deus, cui ſoli cognitus eſt numerus electorum, &c.*) commũmente reſolvem (a), que he mayor o dos reprobos; e delles, naõ falta quem diga, (b) que a mayor parte ſaõ homens: ſuppoſto que (c) Vaſques ainda neſtes termos naõ quer levantar juizo de probabilidade, e ſe fica em pura duvida: e ſe fundaõ em que aſſim parece colher-ſe das Eſcrituras, (b) e Santos Padres (e). Porém naõ apertaõ taõ leveramente eſte ponto, como Saõ Joaõ Chryſoſtomo, e S. Nilo, e os mais que eſte allega: e ſem duvida o apertariaõ, ſe aſſim conſtaſſe do Euangelho, e de S. Paulo. O que intento ſó perſuadir he, que eſte feliciſſimo

numero

numero dos escolhidos, só a Deos conhecido, e certo,
A assim o formal, como o material, isto he, assim os quantos, como os quaes, he muito menor do que commummente se entende, ou apprehende, e que muitos, que lhes parece levaõ feitas as diligencias bastantes para entrar nelle, se acharaõ excluidos a tempo, que a desgraça he irreparavel, e foy justo, que as medidas lhes saissem curtas, porque as quizeraõ tomar taõ justas. Deste formidavel perigo nos tem avizado, quem de veras nos deseja salvar a todos, e morreo por isso Christo S. N. dizendo: *Contendite intrare per angustam portam: quia multi, dico vobis, quærent intrare, & non poterunt:* (f) Trabalhay porfiando por entrar pela porta estreita: porque muitos, vos affirmo, que procuraráõ entrar, e naõ poderaõ. Este he o cuidado unico q̃ a todos deve fazer solicitos, diligentes, e humildes: porque (como disse S. Basilio Magno),
B Nenhũa cousa ha mais importante, que a salvaçaõ da alma, por amor da qual o Filho de Deos se sugeitou â morte: (g) *Nihil est enim, quod animæ salute magis sit necessarium, propter quam Christus mortuus est.*

(f) Matth. 13. 24.

(g) Serm. de abdicatione sæculi, & spirituali perfectione.

XX.

Do Padre Joaõ Cardim da Companhia de JESU.

C Este Servo de Deos, sendo de treze annos, enfermou gravemente. E mandando chamar ao Padre Antonio de Vasconcellos da mesma Companhia, Reytor do Collegio do Porto, onde elle estudava as primeiras letras, lhe disse com mayor sizo do que sua tenra idade promettia: *Estou para morrer: quero vos encommendar hum riquissimo thesouro, que tenho escondido: haveis de me dar palavra de cuidar delle como cousa propria.* Sim pro-

metto (diſſe o bom Padre) mas que theſouro he eſſe? *Sabey* (reſpondeo o minino), *que he a minha Alma: eu vola encomendo: tratay della, que he muy precioſa, pois cuſtou o Sangue de Chriſto.* A

PARENESE.

NO corpo, que em fim he terra, eſtà eſcondido eſte theſouro, que he a alma. E ſe a alma, ſò pela razaõ de ſer creada à imagem, e ſemelhança de Deos, he toda ouro, como diſſe hũa lingua bendita, e incorrupta: *Anima dicitur tota aurea in quantum ad imaginem, & ſimilitudinem Dei facta eſt:* quam precioſa ſerà por ſer remida, naõ com prata, e ouro, mas com o Sangue do immaculado Cordeiro de Deos. Por cem cordeiros comprou Jacob parte de hum campo: *Emitque partem agri, in qua fixerat tabernacula... centum agnis*, e por hum ſó cordeiro comprou Deos qualquer alma. Bem ſe infere ſer grandiſſima a differença deſte campo aos mais campos, pois he infinita a deſte cordeiro aos mais cordeiros. O campo que Jacob comprou, era onde tinha aſſentado o ſeu tabernaculo: *In qua fixerat tabernacula.* O campo que comprou Deos que he a alma, foy para fazer della ſeu Templo: *Vos eſtis Templum Dei.* Com que a alma racional juntamente he theſouro, e mais campo: theſouro eſcondido no campo do ſeu corpo, e campo onde Deos depoſita os theſouros de ſua graça, e do Sangue de ſeu Filho.

D. Antonius ſerm. in Dominica 23. poſt Trinit.

Geneſ. 33. v. 19. B

Porèm: oh laſtima! Os mais dos homens (naõ digo jà pagãos, nem herejes, mas Chriſtãos, e Catholicos,) naõ ſabem eſtimar, nem por conſeguinte guardar o theſouro precioſiſſimo da ſua alma. Muitos fazem mais cazo do campo, que do theſouro; de ſòrte que para elles he menos o ouro do que a terra, porque he mais o corpo do q a alma. Pede o corpo regalos que eſcuſa, eſta petiçaõ tem prompto deſpacho. Pede a alma oraçaõ, palavra de Deos, e Sacramentos de que preciſamente neceſſita, C

eſta

esta petiçaõ tem certa a repulsa. Se nos doy o peito, busca-se logo Medico perito: se mais dentro do peito nos
A doy a consciencia, ou naõ se busca o Confessor, ou se se busca he tarde, e o que menos bem faça o seu officio. Para nos levar ao pateo das Comedias, ou ao corro dos touros, o toque de hum dedo basta, a palavrinha de hum amigo: para nos levar à casa de Oraçaõ sete Prègadores bradando naõ o conseguem. Naõ ha cousa mais vil, nem mais cara que o peccado mortal: mais vil, pois he deshonrar a creatura a Deos; mais cara, pois tem pena de morte eterna. Por outra parte: naõ ha cousa mais nobre, e preciosa, nem mais barata que a Graça de Deos; mais nobre, e preciosa, pois nos faz filhos de Deos; mais barata, pois se nos dà pelos merecimentos de Christo, e se nos offerece, e roga com ella. E comtudo queremos o peccado, e engeitamos a Graça: o caro,
B e vil nos satisfaz, o barato, e precioso nos descontenta. Este thesouro da nossa alma, e o da Divina Graça que nella està depositado, a ser de ouro, e prata, ou pedras que chamamos preciosas (que em fim vem a ser o mesmo, que de terra, e cinza, e ninherias), sem duvida o defenderiamos à custa de muito suor, e sangue, de muito trabalho, e desvelo, guerreando por isso com nossos proprios pays, e filhos, se intentassem defraudarnos: mas em ser de cousa celestial, eterna, e Divina, foy desgraçado, e perdeu para comnosco o devido amor, e justo conceito: porque naõ sòmente naõ curamos de o guardar dos ladroens; se naõ que lhe rogamos com elle a troco déssas cousas vilissimas, ou ainda só da falsa esperança dellas, que como tal nos mente, deixando em nós frustrada huma vaidade com outra vaidade.

C Assim vamos dormindo a trancos o sono desta mortal vida, transvertido o juizo, e depravada a vontade com a fascinaçaõ, ou encanto das creaturas visiveis, como disse o Sabio. Chegamos em fim à hora da morte, e de entrouxar para a eternidade: aqui parece que todos haviamos de abrir os olhos, com o horror de tal precipicio, que quem nelle cahio, sempre estará cahindo sem jà mais achar o fundo da sua miseria. E ainda entaõ muitos

Sap. 4. 12. Fascinatio enim nugacitatis obscurat bona, & incòstantia còcupiscètiæ trãsvertit sensum, &c.

naõ

naõ atinaõ com buſcar o remedio unico da penitencia, e Sacramẽtos, entregando-ſe á direcçaõ de hum bom Sacerdote: porque he juſto juizo de Deos (como diſſe S. Agoſtinho, *Ut moriens obliviſcatur jui, qui vivens oblitus eſt Dei*; Que ſe eſqueça de ſi na morte: quem ſe eſqueceu de Deos na vida. Deos nos livre de permittir, que o deſprezemos; porque he o meſmo que deſprezarnos, e eſtà eſcrito: Que a quem elle deſpreza, ninguem poderá convertello. Aponto alguns caſos horrendos, oppoſtos *ex diametro* a eſte do minino Joaõ Cardim taõ ſolicito de ſua ſalvaçaõ, e topaõ nas duas mais largas eſtradas do inferno, que taõ *Concupiſcentia carnis*, *concupiſcentia oculorum*; deleite ſenſual, e cubiça de fazenda, contra o ſexto, e ſetimo Mandamentos.

Ecclc.7.14. Conſideravi opera Dei, quòd nemo poſſit corrigere quem ille deſpexerit.

Sendo hum Padre dos mais zeloſos, e antigos deſta noſſa Congregaçaõ, chamado para ouvir de confiſſaõ hum Sacerdote enfermo, que ainda naõ tinha dito Miſſa nova, lhe foy dado por companheiro hum Irmaõ de muita virtude, que depois chegou aos primeiros lugares de letras, e governo. Entráraõ em hum apoſentinho eſcuro, deſalinhado, e mal cheiroſo, onde à cabeceira do doente acháraõ huma mulher com quem andava amigado actualmente. Requerido huma, e muitas vezes que ſe confeçaſſe, reſpondeo ſempre, que naõ tinha materia deſde a ultima abſolviçaõ. Acodio a amiga lembrando-lhe, e nomeandolhe os ſeus peccados recem commettidos, de que ella era complice: mas elle perſeverou negativo, e impenitente. Recorreraõ os Padres por meyo de larga, e fervente Oraçaõ àquelle Senhor, que ſó póde amollecer coraçoens empedernidos: voltáraõ depois à eſtacada a repetir o aſſalto, valendo-ſe frequentemente dos poderoſos, e ſoberanos nomes de JESUS, e MARIA, e de aſperſoens de agua benta, para remover a ſombra do demonio, que eſcurecia aquella alma. Todas as diligencias foraõ inuteis: obſtinou-ſe, e fazia taes viſagens, e geſtos, que exteriormente ſe eſtava conhecendo, que o eſpirito maligno habitava naquella alma. Ultimamente ſe tornáraõ para caza aſſaz laſtimados do mào ſucceſſo: ao outro dia perguntando o meſmo

meſmo Padre àquella mulher, como eſtava o enfermo, reſpondeo, que lhe chamàra outros Religioſos, e tam-
A bem os naõ admittira, e aſſim morrera ſem Sacramentos.

Huma tarde eſtando a noſſa Communidade no Oratorio ao primeiro exercicio da Oraçaõ mental (coſtuma haver outro á noyte para as peſſoas occupadas em ſeus officios) ſoou hũa voz deſconhecida, pedindo Confeſſor para hum moribundo. Foy em continente hum Padre, que agora he Prepoſito da noſſa caza do Porto, aſſaz experimentado em ſemelhantes repentes. Achou, que os criados per ſi ſe moveraõ (ou para dizer o certo os moveo Deos) a chamar lhe Confeſſor, porque ſabiaõ do perigo, e neceſſidade, e o enfermo diſſe, que naõ pedira
B confiſſaõ, porque o ſeu achaque era quaſi nada, e ſe ſentira melhorado. Inſtou todavia o Padre em que ſe confeçaſſe, e elle em que por hora naõ neceſſitava: ſendo que tinha duas amigas à cabeceira, ſubſtituindo huma à outra de que já por antigua naõ curava. Durando as perſuaçoens do Padre, chegou preparada hũa méſinha, e lhe pediraõ ſe retiraſſe. Ao lançarlha, chamàraõ muito à preſſa: Padre acuda, acuda que morre. Aſſim foy, e de hum apoſento para outro, já o Confeſſor naõ chegou a tempo.

Mais horrendas ſaõ as circunſtancias do ſeguinte caſo, a que ſe achou preſente o noſſo V. P. Bartholomeu do Quental, primeira pedra eſcolhida por Deos para o edificio das Congregações do Oratorio neſte Reino, de
C que tanta gloria a Deos, e proveito às almas tem reſultado, como he notorio. Aſſiſtio eſte Servo de Deos a certo moribundo avarento, que tinha ſentido exceſſivamente haver dotado com larga mão a hũa ſua filha. Neſte pezar, e mágoa eſtava continuamente cavando, em vez de o ter de ſeus peccados: dos quaes nunca pode reduzillo a confeçar-ſe. Diſſe entaõ para o V. P. Franciſco Gomes (ſugeito de conhecidas virtudes, que como piamente cremos logra já o premio dellas): que entraſſe a provar a maõ com aquelle enfermo, porque a graça de Deos naõ eſtava atada a eſte ou áquelle Miniſtro. Entrou.

trou, mas tambem debalde. Moſtrou-lhe hum devoto Crucifixo, exhortando o â contriçaõ de ſeus peccados, e confiança do perdaõ delles. O miſeravel meteo a maõ, A e o apartou de ſi com deſpreſo, dizendo: *Tire lá Padre.* Finalmente aſſim arrancou, repetindo muitas vezes eſta unica palavra: *Já naõ tem remedio.* Eys-aqui tres teſtemunhas todas confórmemente depondo (por relaçaõ veridica dos meſmos que ouviraõ): que quem ſe eſquece de Deos em vida, atê de ſi ſe eſquece na morte, e que ninguem pòde reduzir o peccador, a quem Deos deſpreza, porque delle foy deſprezado.

Outro caſo mais laſtimoſo ſe conta na Hiſtoria dos Varoens illuſtres de Ciſter, em que a entrega do theſouros nas mãos do ladraõ; iſto he, da alma nas do demonio, naõ foy tacita, e virtual como nos referidos; ſenaõ expreſſa, e formal, como agora veremos. Vivia certo mercador em continuas ancias de augmentar a fazenda (proxima diſpoſiçaõ para cair no laço do Demonio, como tem aviſado o Apoſtolo: *Nam qui volunt divites fieri, incidunt in tentationem, & in laqueum diaboli*). Por eſte fim, naõ havia injuſtiça, nem trapaſſa que naõ devoraſſe: era hum publico roubador das fazendas alheyas que tratava: e aos latidos de ſua conſcientia accuſadora, ſe fazia inſenſivel, remettendo-ſe ao commum engano, de que depois reſtituhiria. Chamava Deos ás portas de ſeu coraçaõ com rijas aldrabadas: porém elle voluntariamente ſurdo deſattendia aos aviſos de ſua Mageſtade. Enviou-lhe o Senhor hum menſageiro, ou correyo da morte proxima, que foy hũa doença de perigo evidente: porêm o demonio apertando os aproches, toda a facilidade falſa que lhe tinha poſto de converter-ſe no dia de ſua morte, lha virou em difficuldade de deſenredar ſua conſciencia reſtituhindo o alheyo, e em deſconfiança da Miſericordia Divina. Que farey? (dizia fluctuando na tormenta, ou tormento de ſua inquieta conſciencia) Se naõ reſtituo, vou-me apique ao inferno: ſe reſtituo, ficaõ meus filhos, e mulher pobres, e deſamparados. Entretanto o ſol da intelligencia ſe hia retirando ao occaſo, e as ſombras da tentaçaõ cahião mayores deſde os altos mon-

Apud Marcantiũ Hort Paſt. lib. 3. Tract. 4. Lect. 12.

B

1. Tim. 6. 9.

C

tes

tes deſtas imaginadas difficuldades. Reſolveo-ſe a favor dos filhos, e mulher contra a ſua alma: chamar Confeſ-
A ſor, iſſo ſim, por naõ infamar o nome: chamar os accredores, iſſo naõ por naõ empobrecer a familia. Oh trevas palpaveis do eſpiritual Egypto, onde huma confiſſaõ ſacrilega ſe eſcolhe como licita, e huma reſtituiçaõ juſta ſe abomina como peccado! Oh balanças falſiſſimas, onde o bem temporal dos filhos peza mais que a ſalvaçaõ eterna da propria alma! Reſoluto neſte immenſo delatino, mandou chamar hum Tabelliaõ, para ordenar ſeu teſtamento, e alli diante da mulher, e filhos, e do meſmo Confeſſor lhe diſſe: Eſcreva V. merce. *Deixo meu corpo á terra.* Aqui parou hum pouco, lutando com mortaes, e deſeſperadas ancias, como que o eſpirito queria parir pela boca algum horrendo monſtro de ſeu enorme con-
B ceito. Aſſim era; continuou pois dizendo: Eſcreva voſſa merce *Deixo minha alma aos demonios, pois de direito já he ſua.* Eſtremeceraõ-ſe os circunſtantes; huns diziaõ: He delirio; outros: He força de melancolia. *Nem melancolia, nem delirio* (diſſe o enfermo;) *ſenaõ o que ſinto, e entendo na verdade. E para acabar meu teſtamento, eſcreva V. m. Mando aos demonios a minha alma: item, mando aos demonios a alma de minha mulher: item, mando aos demonios as almas de meus filhos: mandolhes tambem a alma do meu Confeſſor. A minha pelos tratos injuſtos, e enganos com que tenho vivido; a de minha mulher, porque me ajudava nelles, para comer, e galear: mandolhes as almas de meus filhos, porque por fazellos ricos, e andarem bem tratados, naõ deixey ladroices: e mandolhes a alma do meu Confeſſor, porque me abſolvia, ven-*
C *dome ſem diſpoſiçaõ de reſtituir.* Concluir eſte o teſtamento (a que puderamos chamar com o Eccleſiaſtico, teſta- Eccleſ. 14. 12.
mento do inferno,) e concluir a vida, tudo foy o meſmo. Quem duvida, que valeu eſta ultima vontade, confirmada com a morte do teſtador, na parte de que elle podia diſpor; e que os infernaes herdeiros entraraõ logo de poſſe inamiſſivel eternamente? La vay nos dentes dos lobos a alma remida com o Sangue do Cordeiro: la vay perdida por amor de dinheiro a creatura por cujo reſgate ſe empenhou, e vendeu huma das tres Divinas Peſ-

ſoas.

ſoas. Mais eſtimou a fazenda do mundo, do que a ſi propria fazenda de Deos, e a Deos todo ſeu bem, e riquezas. Pegou-ſe aos bens falſos, que naõ havia de levar comſigo ao inferno: demittio o verdadeiro bem, que comſigo podia levar ao Ceo. E antes quiz ir nos dentes do Leaõ para a morte eterna, do que nos hombros do Paſtor para a eterna vida. Eſcarmento peccadores: façamos da condemnaçaõ alheya ſalvaçaõ noſſa, e muito de antemaõ tenhamos ordenado outro teſtamento, em que deixemos a cada hum o que he ſeu; ao mundo a vaidade, ao demonio a impenitencia: aos corvos o *cras cras* de dilaçaõ de noſſos bons propoſitos, e a Deos o corpo, e a alma, agora para ſervirem debaixo do jugo de ſua Ley, depois para o gozarem no templo de ſua Gloria.

XXI.

Da Veneravel Madre Joanna Franciſca Fremiota.

CErto Fidalgo, por haver huma irmãa ſua entrado na Ordem da Viſitaçaõ, tratou a eſta grande Serva de Deos (que foy a Fundadora) com palavras deſcomedidas, àſperas, e picantes. Naõ lhe reſpondeu mais, que com a modeſtia, e ſilencio: mas vendo que deſte modo ſe irritàra mais, fez com a dita irmãa lhe deixaſſe boa parte da fazenda que lhe tocava, e lhe déſse huma meada de perolas, que ella queria para o Moſteiro. E diſſe-lhe: *Filha minha, day as perolas do mundo ao mundo, por dardes a JESU Chriſto, mediante a Caridade, a alma de voſſo irmaõ, que he perola ſua.*

CIR-

CIRCUNSCRIPÇAM.

A

Quella decantada margarita, ou perola, que a Rainha do Egypto Cleopatra bebeu delida em vinagre para oſtentaçaõ do ſeu convite, e vitoria da apoſta, que fizera com o ſeu Marco Antonio, era eſtimada em duzentos e ſincoenta mil cruzados. Outra engaſtada na imperial coroa de Rodolfo II. dizem lhe cuſtâra trinta mil. Por outra de exceſſiva refulgencia, e grandeza, fez ElRey da Perſia grandes mercês aos filhos do Peſcador, que morreu na empreza de lha buſcar, e trazer, e naõ pode depois o grande Juſtiniano remilla por cem libras de ouro que offerecia. Porém qualquer alma racional, por avaliaçaõ do meſmo Senhor, que a creou na concha do corpo humano, e com diſpendio da propria vida a peſcou do mar deſte mundo, para a engaſtar na coroa de ſua Gloria, val incomparavelmente mais que o meſmo mundo: *Quid enim prodeſt homini, ſi mundum univerſum lucretur, anima verò ſuæ detrimentum patiatur?*

Plinius lib. 9. Natural. Hiſt. c. 35. Ex computo Budæi lib. de Aſſe.

Boetius de Boot lib. 2. hiſt. gemarum c. 37. fine. *Diz que a vio, e que era do tamanho de hũa perinha de S. Joaõ.*

Cedrenus apud Beierlinc verb. Gemmæ.

B

Matth. 16. v. 26.

Ubi ſupra.

Os dotes de huma boa perola tomão-ſe do ſeu candor, tamanho, redondez, lizura, e pezo. *Dos omnis* (diſſe Plinio) *in candore, magnitudine, orbe, lævore, pondere.* E os dotes naturaes da alma racional ſe conhecem por ſer *huma ſubſtancial, eſpiritual, e incorruptivel fórma do corpo humano, creada de nada por Deos à ſua imagem, e ſemelhança, no meſmo ponto que a infunde no corpo, para depois o ver, e gozar eternamente.* Vamos explicando parte por parte as

C

deſta circunſcripçaõ, o que ſe verà melhor ſeparando os erros contrarios, como quem lava, e alimpa a perola das immundicias que a manchàraõ: que por iſſo Salomaõ para ſaber com mayor fundamento a prudencia, e doutrina, diz que aprendeu tambem os erros, e eſtulticia.

Eccleſ. 1. 17. Dedi cor meum, ut ſcirem prudentiã, & doctrinam, errores quoque, & ſtultitiam.

Dizemos pois primeiramente, que a alma he *Fórma*, unida ao corpo fyſicamente, e conſtituindo com elle o compoſto humano: contra Averroes (como logo diremos:) e contra Platão, em quanto conſiderava a alma ſómente como hum cocheiro guiando o coche, ou como

Plut. lib. 5. De natura hominis, & in Alcibiade.

como hum piloto governando a nào; e por iſſo dizia, q̃ homem propriamente naõ he mais que a ſua alma. Para eſte erro parece que tambem puxou Origenes, porque teve para ſi, que entre as almas, e as outras ſubſtancias intellectuaes, pouca differença houve antes do peccado: porèm depois em pena delle foraõ as almas degradadas a morar no carcere de ſeus corpos. Tambem negàraõ ſer fórma do corpo, os que condenou o Concilio Lateranenſe em tempo do Papa Leaõ X. e o Viennenſe em tempo de Clemente V. que ſe congregou no anno 1311. contra os Begardos, Beguinas, Fraticellos, e Dulciniſtas. E Luthero hum dos artigos em que ſe enviou contra o Pontifice Romano, foy haver definido que a alma racional he fórma ſubſtancial do corpo humano.

Origenes lib. 1. Periarchon c. 7c

Concilium Lateranenſe ſub Leon. X. ſeſſ. 8. Clementina Ad noſtram De ſumma Trinitate, & Fide Catholica §. Porró.

Luther. in Aſſertione art. contra Rom. Pont. & Eccleſiam art. 27.

Dizemos que eſta fórma he *huma* ſò em cada corpo humano, conforme aquillo do Symbolo de S. Athanaſio: *Sicut anima rationalis, & caro unus eſt homo, ita Deus & homo unus eſt Chriſtus.* E niſto ſe parece tambem a alma com a perola: a qual (como eſcreve Plinio) por iſſo lhe chamàraõ os Romanos *Unio*, porque nunca ſe achaõ duas pegadas, ſenaõ cada hũa de per ſi. Neſte pòto houve dous modos de errar oppoſtos: hum dos que punhaõ muitas almas em hum ſò corpo: outro dos que poem em muitos corpos hũa ſò alma. Por carta de mais perderaõ os Maniqueos, que affirmavaõ que cada homem tinha duas almas, hũa ſenſitiva, que pelejava contra o eſpirito; outra racional, que pelejava contra a carne, e eſta diziaõ ſer feita por mão principio. Filopono, e Okamo puzeraõ tres realmente diſtintas; a ſaber, vegetativa, ſenſitiva, e racional. As meſmas poz Apollinario Biſpo de Laodicea: porèm em Chriſto S. N. admittia ſò as primeiras duas, dizendo que a racional fora prevenida, e ſuſtituhida pelo Verbo Divino. Os erros deſte hereſiarca foraõ condenados pelo Concilio Alexandrino em que preſidio S. Athanaſio anno 362, e depois pelos Synodos Ecumenicos Cõſtantinopolitanos ſegũdo, e oytavo, e a meſma razaõ natural deſtroe eſte erro da multiplicaçaõ das almas; como ſe pòde ver no Filoſofo, e no Doutor Angelico. Finalmente Paulo Veneto naõ ſe contentando com

Plin. dicto c. 35.

Aug. lib. de duab. Animab. c. 14. & l. 6. contra Fauſtum cap. 8. Philop. lib. 1. de Anima textu 91. Okam. quodlib. 2 qu. 13. P. Cabaſſutius in notitia Eccleſiaſt. ad ſæcul. 9. Synod. œcum. 2. can. 1. & Synod. 8. can. 10. Ariſtot. lib. 1. de Anima, textu 66. & 91. D. Thom. 1. q. 118. a. 2. Paul. Venet. in ſúma de Anima c. 5.

com distinguir as duas almas, sensitiva, e racional, poem
de mais tantas vegetativas, quantas saõ as partes do cor-
A po, o qual por este modo vem a ser hum armario, ou ar-
mazem de almas.

Por carta de menos perderaõ os Filosofos Pythagoricos, e Platonicos, que criaõ q̃ qualquer alma depois de separada de hum corpo tornava a seu tempo por ordem dos Deoses a morar em outro, ou em varios successivamente. O mesmo delirio teve Simaõ Mago, como dizem S. Irineo, e Tertulliano; o mesmo os Herejes Albigenses, como diz S. Antonino. E ainda mais absurdamente sentio Averroes, dizendo que huma sò alma grande assistia de fòra a todos os corpos regendo-os, e movendo-os, bem como (podemos explicallo assim) hum engenheiro bole com os Titeres. E mais modernamente Achillino, e Antonio Mirandulano punhaõ huma sò
B alma para todos os corpos, se bem naõ negavaõ ser verdadeira fórma delles, e limitavaõ a sua sentença quanto ao que se colhia da Filosofia natural, senaõ obstára o que a Igreja entende neste ponto, que saõ tantas almas distinctas, quantos corpos.

Tertullianus in libri de resurrectione carnis.

Irinæus l. 1. c. 20. Tertull. lib. de anima c. 16.

Antonin. 3. p. hist. tit. 19. c. 1. Averr. lib. 3. de anima com. 5.

Achill. lib. de intelligentiis, quod. lib. 3. dub. 2. & 4. Anton. Mirand. l. de eversione singularis certaminis. sect. 1.

Dizemos, que esta fórma he *substancial*, e naõ accidente, contra aquelles Filosofos que Aristoteles diz que entendiaõ ser a alma naõ mais que huma armonia, numero, ou proporçaõ dos contrarios no corpo, e contra Galeno em quanto diz, que he temperamento das qualidades; ainda que em outra parte se mostrou duvidoso, e contra o infame Luthero, que este (como acima dissemos) he hum dos artigos que impugna no Pontifice Romano.

Arist. lib. 1. de anima textu 54.

Galen. lib. 3. de locis affectis: & lib. 7. de usu partium c. 8.

Dizemos mais, que esta fórma he *espiritual*, contra
C varios, e absurdos modos de opinar, que neste ponto tiveraõ os Filosofos Ethnicos, e tambem alguns Christaõs. Porque Democrito, e Leusippo disseraõ, que era fogo, que constava de certos àtomos redondos, os quaes com o movimento da respiraçaõ facilmente se attrahiaõ, e expellião. Alguns Pythagoreos disseraõ, que era àtomos do ar semelhantes aos que vemos na reste do Sol: Empedocles, que era hum composto dos quatro Elementos: Diogenes, que era ar puro: Heraclito, vapor:

Luther. art. 27. cõtra Rom. Pont.

Aristot. lib. 1. de anima a textu 10. ad 35.

Hippon, agua seminal: Crícias, sangue. Os Saduceos tambem negavaõ ser a alma espiritual, porque nenhum espirito admittião, nem confessavaõ a resurreiçaõ. Tertulliano disse, que era corporea propriamente, e o mesmo seguio Apollinario. Mas o contrario definio o Concilio Lateranense sub Innocentio III. onde se diz: *Deus ab initio utramque de nihilo condidit creaturam corporalem, & spiritualem, Angelicam scilicet, & mundanam: deinde humanam, quasi communem ex spiritu, & corpore constitutam.*

Tertull. lib. de anima c. 2. Historia tripartita lib. 5. c. 44.

Cap. Firmiter de summa Trinitate.

Dizemos tambem, que esta fórma he *incorruptivel*, & *immortal*, e que nem ao desatarse do corpo, nem depois em tempo algum perece: cõtra a seita dos Saduceos, (como ha pouco diziamos) e contra certos herejes, que se levantàraõ em Arabia pelos annos de 245. que diziaõ morrer a alma juntamente com o corpo, naõ menos que como morre o gado. O mesmo desatino teve antigamente Epicuro, como diz S. Agostinho, e S. Gregorio Nisseno, e mais de proximo hum Hermanno Riluvic Olandez de naçaõ. O impio Luthero na sua asserçaõ dos artigos condenados pelo Papa Leaõ X. havendo dito, que naõ cabe no poder Pontificio estatuir artigos de Fè, accrescenta por ludibrio estas palavras: *Permitto tamen quòd Papa condat articulos suæ fidei, & suis fidelibus; quales sunt, panem, & vinum transubstantiari in Sacramento: Essentiam Dei nec generare, nec generari: animam esse formam substantialem corporis humani: se esse Imperatorem mũdi, & Regem Cæli, & Deum terrenum: animam esse immortalem, & omnia illa infinita portenta.* A contraria verdade, alem de ser de fè (como consta de muitos lugares da Sagrada Escritura, e do Concilio Lateranense, e consenso universal dos Santos Padres) a tiverão até os Filosofos Ethnicos, Pithagoras, Socrates, Plataõ, como testificaõ Plutarco, e Cicero: de Aristoteles naõ he taõ claro o que sentio; huns o condenaõ, outros (parece que com mayor fundamento) o defendem. Bem pòde ser que ainda muitos dos que ensinavaõ, que a alma perecia, de si para si entendessem o contrario; como se vio em Simaõ Mago. Contarey o caso por ser notavel, conforme se refere no livro das Recogniçoens de S. Clemente Romano,

Aug. lib. 6. Cõfess. c. 16. Greg. Nissen. in Disp. art. 27.

Tom. 2. operum ejusdẽ, anno 1546. Vvittembergæ impress.

Gen. 37. 35. Exod. 3. 6. Eccles. 12. 7. Sap. 2. 23. & 3. 1. & 4. 7. 2. Machab. 6. 26. & 12. 46. Matth. 12. 28. & 22. 32. Luc. 16. 22. Apoc. 6. 9. & 14. 13. Socrates in Phædro, Plato in Thimæo, Plutarch. lib. 4. de placitis Philosophorum. Cicero in 1. Tuscul.

mano, discipulo que foy de S. Pedro.

A Disputando este glorioſiſſimo Principe dos Apoſtolos com Simaõ Mago, que negava a immortalidade da alma racional, accendeo-ſe em zelo, e arrancou do peito hum alto ſuſpiro, e começou a demonſtrar as ruinas, e calamidades, que alagarião o mundo, ſe tal abſurdo ſe creſſe. E logo diſſe para o Mago com os olhos cheyos de fogo: Queres q̃ te moſtre com huma unica palavra como a noſſa alma he immortal? e duvidando elle como poderia provalo com huma ſó palavra, diſſe S. Pedro: Hei-de provallo, e de ſórte, que para ti fique mais claro, que para outra qualquer peſſoa do auditorio. Eya pois, reſpondeme: Que prova faz mais fé, a da viſta, ou do ouvido? Reſpondeo o Mago: A da viſta. Inſtou S. Pedro: Pois como queres ſaber de mim ouvindo, o que ſabes por ti meſmo vendo? Tornou o Mago:

B Naõ entendo o que queres dizer. Concluhio S. Pedro: Se naõ ſabes, vay para caſa, entra naquelle teu cubiculo ſecreto, verás hũa imagem cuberta com huma purpura, onde tens alligada por más artes a alma de hum minino morto violentamente, a qual vez, * e com ella fallas. E entaõ dizeme, para que me perguntas ſe a alma he immortal, quando tu a tens preſente? pois o que naõ he, naõ ſe ſente, nem falla. Ficou o Mago aturdido, imaginando que Pedro adevinhàra, e começou a confeſſalo por Profeta, em que habitava o verdadeiro Deos, e arrogar-lhe que vencеſſe com a bondade a ſua malicia; e que elle faria penitencia, e o ajudaria a prégar a verdade. S. Pedro voltando-ſe para o auditorio, diſſe: Vedelo offerecer penitencia? Daqui a pouco o vereis tornar á infidelidade. (E

C aſſim foy). Elle cuida que o que agora acabey de dizer, foy por virtude de lume profetico: mas eu naõ poſſo mentir, nem enganar para q̃ elle ſe ſalve, ou não ſalve. O q̃ diſſe naõ foy por revelaçaõ, ſenão por relaçaõ verdadeira de algũs ſeus antigos ſocios. (Eraõ eſtes Nicetas, e Aquila), que ſe tornáraõ à luz da verdade. E aſſim torno a declarar, que o que diſſe naõ foy revelaçaõ do Ceo, ſenaõ couſa ſabida por noticias humanas. Até aqui a hiſtoria: e por ella provada *ad oculum* a immortalidade da

* *Entende-ſe, que a via por eſpecies de algum corpo aereo aſſampto; como ſuccedem as appariçoens dos Anjos; e como Saul vio a alma do Profeta Samuel chamada pela Pythoniſſa; na ſentença do SS. Ambroſio, Agoſtinho, Jeronymo, e Baſilio, e dos Expoſitores Alulenſe, Bellarmino, e Thyrèo, aos quaes cita, e ſegue Alapide no cap. 46. do Eccleſiaſtico, v. ultimo, onde ſe alludè à dita viſaõ, que ſe refere 1. Regum 28.*

alma tornando a continuar ſua deſcripçaõ.

Dizemos que he *creada por Deos de nada*, contra alguns Filoſofos antigos, que criaõ ſer a alma parte ſuſtãcial de Deos, tirada da meſma Natureza Divina: *Divinæ particulam auræ*, como diſſe o Lyrico. E eſta parece ſer a mythologia da fabula de Prometheo, que ſubindo ao Ceo, acendeo no Sol hũa varinha, com que veyo a meter fogo em hũa eſtatua, que por beneficio delle ficou animada. Eſte erro tiveraõ tambem os herejes Homvuſiaſtas, como traz Genebrardo, Gnoſticos, e Maniqueos, como teſtemunha S. Agoſtinho, e os Priſcilianiſtas, como ſe diz no Concilio Bracarenſe primeiro. Contra elle diſputa o meſmo S. Agoſtinho, e ſe convence claramente de Deos naõ ſer mudavel, nem diviſivel, ſenão ſimpliciſſimo, e incõmutavel. Por outra parte deſvariàraõ Seleuco, e Hermias, q̃ dizião, que os Anjos creàraõ as almas de fogo, e eſpirito: naõ havendo mais que hum Creador de todas as couſas viſiveis, e inviſiveis, como confeſſamos no Symbolo do Concilio Niceno. Por outra Tertulliano, e Apollinario, que entenderaõ ſer almas dos filhos propagadas *per traducem* pelas dos pays, e por eſta ponte ſalváraõ a paſſagem do peccado original deſde Adaõ a todos ſeus filhos: porque como pôde ſer (dizião elles) que a alma vem ſò de Deos, e o corpo vem do homem: ſe o peccado veyo pelo homem, e naõ eſtà no corpo, mas na alma? Porèm eſte argumento (que tanto cuidado deu a S. Agoſtinho) jà hoje tem ſoluçaõ clara. Paſſou a nós o peccado original por via da uniaõ da alma com o corpo: porque no meſmo ponto, que ſe infunde no corpo gerado da maſſa corrupta de Adaõ, he verdade dizer, que tem mais hum filho: por conſeguinte, tocalhe o rayo da condenaçaõ Divina deſtinado a todos ſeus filhos, e fica a alma deſtituida da graça, e juſtiça original, que *aliàs* lhe ſeria dada, ſe Adaõ naõ peccaſſe.

Dizemos, *creada por Deos no meſmo ponto, que a infunde no corpo*, contra Origenes, que erradamente entendia Deos a principio creàra todas as almas juntas, e depois por ſua ordem as hia mandando aos corpos, como peregrinas, e deſterradas. Iſto condenou S. Leaõ Papa em huma

Geneb. in Caliſto apud Gualter. in Collation. ſæculi 3. Aug. hæreſi 6. & 1. contra Fortun. Cõcil. Brach. 1. c. 5. Aug. epiſt. 28.

Philaſter in hæreticorũ Cathalogo.

Hieronym. epiſt. ad Marcellinum.

Aug. hæreſi 86.

Vide Bellarm. 2. controv. general. lib. 4. c. 12. §. Reſpondemus ad aſſumptionem.

Epiphanius epiſt. ad Joan. Hieroſolymitanum.

A

B

C

hũa epiſtola, onde contra Priſciliano, que teve o meſmo erro, diz que a Fé Catholica enſina, que as almas naõ exiſtiraõ antes de ſer inſpiradas nos ſeus corpos. Epiſt. 93. ad Toribium Epiſc. Aſturicenſem.

Dizemos *creada á imagem, e ſemelhança de Deos*, porque ainda que muitos fundáraõ eſta relaçaõ de imagem no corpo: huns porque entendiaõ erradamente, que Deos era tambem corporeo; outros, porque diziaõ, que Deos ao formar a Adaõ tinha veſtida figura corporea, e debaixo deſta apparencia diſſe: *Façámos o homem á noſſa imagem, e ſemelhança*; e outros porque referem eſta razaõ de imagem à idea da Encarnaçaõ do Verbo, q̃ Deos tinha predeſtinada: com tudo he certo, que principalmente ſe funda na ſubſtancia da alma, e ſe aperfeiçoa pelas ſuas potencias, e actos eſpirituaes. Porque por parte da alma participa o homem o grão da natureza intellectual, em que convèm com Deos, e do ſer a alma ſubſtancia intellectual lhe vem o ſer indiviſivel, e immortal, e
B capaz de livre arbitrio, dominaçaõ, e preſidencia, e o eſtar toda em todo o corpo, e toda em qualquer parte delle; o que tudo ſaõ perfeiçoens Divinas participadas, ſegundo as quaes creſce eſta imagem na razão de tal, e por iſſo os Santos Padres, hora a denominaõ de hũa; hora de outra. Por outra parte termina-ſe eſta relaçaõ a Deos em quanto hum, e tambem em quanto Trino. Em quanto hum, porque em quãto hum he Deos Intelligente, Immortal, Indiviſivel, Livre, e Dominante. Em quanto Trino; porque tambem a ſubſtancia da alma he hũa, e as potencias eſpirituaes tres, Entendimento, Memoria, e Vontade: ou porque aſſim como a Beatiſſima Trindade ſe edifica pelas proceſſoens do entendimen-
C to, e vontade: aſſim reſpectivamente pela participaçaõ dellas ſe aperfeiçoa na alma a imagẽ da Beatiſſima Trindade, em quanto entendendo produz tambem o ſeu Verbo creado, e querendo produz o ſeu amor. Eſte paralelo agrada mais a S. Thomàs, e o explica largamente S. Agoſtinho.

E do ſobredito ſe inferem eſtas tres verdades. 1. Que tambem os Anjos ſaõ creados á imagem de Deos. Eſta he de S. Dionyſio, S. Gregorio, e S. Thomàs con-

D. Ambr. in Pſal. 118. octonario 10. in illa verba: Manus tuæ fecerunt me. Greg. in Mor. lib 9. c. 17. Damaſc. lib. 2. c. 12. D. Thomas 1. p. q. 93. ar. 6.

Ambr. lib. de dignit. human. nat. c. 2. Auguſt. lib. 10. de Trinit. c. 1.

Divus Thom. 1. p. q. 93. art. 7. ad 3. Auguſt. lib. 14. de Trin. c. 14. & ſeq.

Baſ. Hom. 10. Hexameron. Aug. lib. 12. de Trinit. c. 7. Greg. Niſſ. in lib. de opificio hominis.

tra Theodoreto. 2. Que tambem a mulher igualmente como o homem tem a dita imagem, e eſtampa. Eſta he de S. Baſilio, S. Agoſtinho, S. Gregorio Niſſeno contra o meſmo Theodoreto, e alguns modos de fallar de S. Joaõ Chryſoſtomo. 3. Que pelo peccado mortal naõ ſe perde eſta imagem, ainda q̃ ſe deſluſtra, ou affea: naõ ſe perde, porque como diſſemos, funda-ſe na natureza: mas deſluſtra-ſe, porque perde a renovaçaõ, e realce ſingular, que lhe dava a graça, que era outra participaçaõ da Divina Natureza, e porque as potencias, e actos da alma (em que conſiſtia tambem a dita razaõ de imagem) empregandoſe no peccado buſcaõ o naõ ſer; pois o ſer do peccado he nada, e por conſeguinte alongaõ-ſe de Deos, que he o meſmo ſer. Eſta verdade he contra Origenes, q̃ parece entendeo q̃ perdendo a graça perdiamos a imagem de Deos; e contra hum Mathias Illyrico, que diſſe, que pelo peccado ficava o homem transformado em viva, e ſubſtancial imagem do diabo, e contra os novos hereges, que por eſte beco eſcuro, querem ſair com o ſeu erro taõ amado de que o homem naõ ficou com liberdade para ſe abſter do mal, e uſar das couſas honeſtas. A

Aug. l. 2. Retract. c. 24.

Ut refert Hieronymus ep. 60. ad Jo. Epiſc. Hieroſolym. Valentia lib. de peccato orig. c. 5.

B

Dizemos finalmente, *Creada para ver, e gozar de Deos eternamente*; contra as vãas opinioens dos Filoſofos, que variamente conſtituhiaõ o fim ultimo do homem, das quaes Lactancio traz dez, e Marco Varraõ diz que ſe pode multiplicar em duzentas, e oitenta, e oyto. Mas as principaes ſaõ tres. A 1. Conſtituhio o noſſo ſummo bem, e ultimo fim nos deleites do corpo. Eſta foy de Epicuro, como ſe colhe de Cicero, e he dos Mahometanos, que ſuppoſto crem a immortalidade da alma, o paraizo que lhes promette o ſeu falſo Profeta, conſiſte em jardins amenos, fontes criſtallinas, meſas abundantes, tapeçarias riquiſſimas, e outras couſas menos para nomear, como traz o P. Leſſio citando as Azoaras do ſeu Alcoraõ. A 2. Conſtitue o noſſo ſummo bem em viver conſórme á razaõ, e natureza humana. Eſta foy dos Eſtoicos, como largamente explica Juſto Lipſio. A 3. Poem a noſſa bemaventurança na melhor operaçaõ da melhor potencia, ácerca do melhor objecto, que he na con-

Lact. lib. 3. Divin. Inſtitut. Varr. apud S. Aug. lib. 19. de Civit. c. 1.

Cicer. lib. 2. de finibus.

C

Leſſius lib. 1. de ſummo bono c. 4.

Lipſ. in ſua manuductione c. 14. & ſeq.

contemplaçaõ de Deos, e das couſas Divinas, quanto he capaz o homem: porèm tambem inclue as funcçoens das
A outras virtudes, e em terceiro lugar os bens do corpo, como ſaude, forças, fermoſura, &c. Eſta foy de Ariſtoteles, o qual faltando lhe o lume da Fè, ſe guiou pelo da razaõ o melhor que pode. Ariſt. lib. 1. Ethic. c. 7. & ſeq. & l. 10. c. 6. & ſeq.

A laſtima he, q̃ a mayor parte dos Fieis, ſabendo muito bem que o ſeu bem ſummo, e ultimo fim he ver, e amar, e gozar a Deos eternamente, e que o alcance do que eſte Senhor promette depende da obſervancia do q̃ manda: aſſim vivem, como ſe naõ duvidàraõ de ſer iſto mentira, que he o que grave, e ſentencioſamente diſſe Pico Mirandulano: *Magna inſania Euangelio non credere,* Epiſt. 1.
cujus veritatem ſanguis Martyrum clamat, Apoſtolicæ rejonãt voces, prodigia probant, ratio confirmat, Elementa loquuntur,
B *dæmones confitentur: ſed longe maior inſania, ſi de veritate Euangelij non dubites, vivere quaſi de ejus falſitate non dubitares.*

E chega a tanto o deslumbramento de alguns Catholicos (peyores na verdade neſta parte, do que Epicuro, e Maſoma), que renunciaõ a Bemaventurança eterna, e bens incomprehenſiveis do Reino de Deos, pela miſeravel, incerta, e breviſſima lambugem dos immundos goſtos da terra. Pezame de ter deſta deſconſolada verdade provas mais reaes, do que eu quizera. Conheci hum mancebo gentilhomem, rico, e letrado, a quem ouvi dizer muito em ſeu ſizo: *Nada ſe me dera, que Deos me deixaſſe ficar neſte mundo para ſempre, logrando os bens que agora logro.* Naõ ley ſe eſte Epicuro teve fim deſgraçado; ſò me conſta que ſua vida foy curta, e cortada na flor
C de ſuas mayores eſperanças. Mais horrendo he o cazo, que me contou hum Padre deſta Congregaçaõ; e nella Lente de Prima de Theologia, por relaçaõ do P. Alvaro Garcia da Companhia de JESUS, peſſoa de notorias letras, e virtudes. E foy, que junto do Rio Douro em hũa quinta delicioſa, e caſa de prazer vivia hũa mulher nobre em eſtado infame, e eſcandaloſo com certo amigo ſeu. Eſta hum dia muy ſatisfeita na complacencia do regalo, e deſcanço, com que paſſava, ſe atreveu a

proferir eſta propoſiçaõ, indigna de hum peito, que o Eſpirito Santo conſagrou por ſeu Templo pela graça do Bautiſmo: *Ah Senhor* (fallando com Deos) *ſe vòs me dei-* A *xardes ficar aqui por toda a eternidade, eu naõ quero mayor bemaventurança.* Caſo eſtupendo! No meſmo ponto abatendo-ſe a terra ſe abſorveo, e ſumio toda a quinta, levando ſepultada entre as ruinas eſta miſeravel creatura, q̃ taõ pouca eſtimaçaõ fazia de ſeu Creador. E alí ſe edifi-
Pſ. 72. n. 25. & 26. cou depois hum Moſteiro de Religioſos. Naõ ſe individuaõ mais circunſtancias por juſtos reſpeitos. Digamos nós pelo contrario ao Senhor, fallando com David: *Quid mihi eſt in cælo? Et à te quid volui ſuper terram? Defecit caro, & cor meum: Deus cordis mei, & pars mea Deus in æternum.* Que tenho eu no Ceo, ou na terra que deſejar
Pſ. 26. 4. fóra de vòs? No deſejo, e ancia de vos ver desfallecem as minhas forças, e o meu coraçaõ, oh Deos da minha alma, meu bem, e minha ſòrte, que me toca para eterno. B *Unam petij á Domino, hanc requiram, ut inhabitem in domo Domini omnibus diebus vitæ meæ, ut videam voluptatem Domini, & viſitem templum ejus:* Hũa ſò couſa pedi a Deos, e eſta ſó pertenderey; que habite eu na caſa do Senhor por todos os dias da eternidade; para que veja o ſeu deleite, e viſite o ſeu templo.

Eys aqui huma rude deſcripçaõ da Perola de Deos que he a alma. E ſe das outras materiaes, por ſerem, como ſe cre, concebidas do relampago, diſſe Plinio, que mayor parenteſco tinhaõ com o Ceo, do que com o mar: *Margaritis cæli ſocietas magis, quàm maris,* com mayor razaõ ſe pôde dizer deſta, que mayor parenteſco tem com Deos, do que com o mundo: pois Deos he o ſeu principio creando-a, Deos o ſeu fim glorificando-a, e para cõ- C
ſeguir eſte fim, o meſmo Deos quiz ſer tambem o ſeu meyo, buſcandoa, e renovando-a depois de perdida, e manchada: *Et qui pretioſam perdidit margaritam,* (diſſe S. Pedro Chryſologo do Verbo encarnado naſcendo nas palhas de hum preſepio) *loca ſqualida non dedignatur intrare, & eam inter ſtercora ipſa perquirere non abhorret.*

A

TITULO IV.

AMIZADE.

XXII.

Do grande Padre Santo Agoſtinho.

B

AConſelhava eſte Santo Doutor, que ninguem aceitaſſe o ſer arbitro em cauſa, ou contenda de amigos ſeus: mas de inimigos, ou eſtranhos ſim. Perguntado pela razaõ de differença diſſe: *Porque ſendo força ſentenciar a favor de hum delles contra o outro; ſe ſaõ amigos, perco hum amigo; e ſe ſaõ inimigos, ou eſtranhos, reduzo, ou concilio hum eſtranho, ou inimigo.*

DISCURSO.

C

NO adquirir, ou perder amigos, nos devemos portar cõ o meſmo, ou mayor ſentido, que no adquirir, ou perder fazenda: porque na verdade o ſaõ, e mais conſideravel, do que vulgarmente ſe conſidera. Por iſſo o outro diſcreto fazendo conta aos bens que poſſuhia, dizia: Tenho tanto em raizes, tanto em moveis, tanto em eſcravos, e tanto em amigos: achando (e com razaõ) que eſta ultima addiçaõ merecia igual, ou melhor lugar,

que

que as outras. Nella unicamente livrou o ſeu remedio aquelle feitor, que o Euangelho chama *Villicum iniquitatis*: porque vendo, que alcançado em contas com ſeu A amo, ficaria por portas, grangeou primeiro amigos que o recolheſſem nas ſuas, obrigando-os com abater nos eſcritos das ſuas dividas fazenda do meſmo amo: o qual lhe louvou a prudencia, ainda que do ſeculo. E em concluſaõ, ſe os bons amigos não valeraõ tanto, naõ diſſera o Eſpirito Santo, que o achar algum he o meſmo que achar hum theſouro; e tal, q̃ os de ouro, e prata naõ tem cõparaçaõ com elle: *Amicus fidelis protectio fortis: qui autẽ invenit illũ, invenit theſaurũ... Non eſt ponderatio digna auri, & argenti contra bonitatem fidei illius.* A difficuldade eſtá em achar taes amigos; porque atè niſto ſe parecem com o theſouro; que ſaõ muy raros, e andaõ eſcondidos.

Eccli. 6. 14.

Mas ſe alguem deſeja alguns dictames para eſcolher, B adquirir, e conſervar eſta boa fazenda dos bons amigos, pòde arrimar-ſe aos ſeguintes.

Aug. ſer. 256. de tempore.

Primeiramente aſſente, que a verdadeira amizade naõ pòde conſiſtir entre peſſoas que a naõ tem cõ Deos. S. Agoſtinho: *Ille veraciter amat amicum, qui Deum amat in amico, aut quia eſt in illo, aut ut ſit in illo.* Aquelle de veras ama a ſeu amigo, que ama a Deos neſſe amigo; ou porque eſtá na ſua graça, ou ao menos para que o eſteja.

Cicero lib. de amicitia.

E o Romano Orador, ainda que ſò com luz natural: *Hoc in primis cenſeo, niſi inter bonos amicitiam eſſe non poſſe;* Neſte principio aſſento; que a amizade naõ pôde ſer vinculo ſenaõ entre bons. Por iſſo o Profeta Jehu eſtranhou, e reprehendeu a ElRey Jozafat de ſer amigo del Rey Acab, que o naõ era de Deos: *Impio præbes auxilium, & his, qui oderunt Dominum, amicitia jungeris?* Os C que concordaõ entre ſi por via da offenſa de Deos, em vão eſperaõ fidelidade reciproca, ſe nenhum a tem com elle. Eſte foy o argumento, e ſentença de Theodorico Rey Arriano contra certo Diácono Catholico, que ſe paſſou â ſua perfida ſeita, por lhe ganhar mais a vontade, e moſtrar correſpondencia aos favores que delle recebia. Mas ſuccedeo-lhe muito pelo contrario: porq̃ o Rey o mandou matar, dizendo: *Si Deo fidem non ſervaſti, quo-*

2. Paralip. 19.

Velaſquez Annotatione 2. morali in c. 1. Epiſt. ad Philippenſes c. 8. n. 18.

nam

nam pacto conſcientiam ſanam homini ſervaturus es? Se naõ guardaſte Fê a Deos como terás peito leal ao Rey?

A 2 Semelhante a eſte he o dictame de naõ profeſſar amizade cõ quem jâ quebrou com o meu amigo. He de S. Joaõ Chryſoſtomo: *Inimici ſui amicum nemo in amicitias ſumit.* E ſe funda naquelle Axioma do Filoſofo: *Quæ ſunt eadem in uno tertio, ſunt eadem inter ſe:* que tambem val pelo aveſſo em as couſas moraes: *Quæ non ſunt eadem in uno tertio, non ſunt eadem inter ſe:* como ſe diſſeramos: que ſendo do conceito da amizade o fazer uniaõ, mal pòde hum coraçaõ unirſe com outros dous que entre ſi eſtaõ deſunidos. O exemplo temos em Sanſaõ, que errou em querer unirſe com Dalila, hũa vez que eſtaſe naõ deſunia dos Filiſtheos ſeus inimigos, e em Herodes Antipas, que por naõ apartarſe de ſua cunhada, veyo a apartar de ſi o Sagrado Bautiſta, a quem ella aborrecia. Ser. 1. de Martyribus.

B 3 Ninguem eſcolha amigo notavelmente mais hõrado, ou rico do que elle. He conſelho do Eſpirito Santo pelo Eccleſiaſtico: *Pondus ſuper ſe tollet qui honeſtiori ſe communicat; & ditiori te ne ſocius fueris.* E logo dando a razaõ accreſcenta: *Quando enim ſe colliſerint, confringentur:* Porque havendo qualquer encontro (que he força havello na inſtabilidade das ondas deſte ſeculo) o mais fraco he que padecerà todo o dano. Daqui parece foy tomado o doutrinal apologo das duas panellas huma de barro, outra de cobre, levadas pelo rio abaixo cõ a força da chea. Rogou a de cobre á de barro, que ſe chegaſſe para ella, para que juntas reſiſtiſſem melhor ao impeto das aguas. Naõ me convem (reſpondeo ella) a voſſa amizade, e vizinhança: porque ou ſucceda topar eu com voſco, ou vós comigo, ſempre vòs ficareis inteira, e eu quebrada. Alciato, que formou daqui hum dos ſeus celebrados Emblemàs: Eccl. 13. v. 2. Ibidem v. 3.

C *Nam ſeu te nobis, ſeu nos tibi conferat unda,*
Ipſa ego te fragilis ſoſpite ſola terar. Emblem. 166.

4 Tambem ſe requere ſemelhança em outras couſas dos que querem ſer amigos, v. g. na idade, exercicio, genio, &c. Porque, como diſſe S. Hyeronymo, a amizade, ou ſuppoem, ou induz igualdade nos ſugeitos, e quanto

hum

hum delles for mais eminente, tanto o outro fica mais dominado; e jà ſerá adulaçaõ, ou dependencia, o que devia ſer affecto ſincero: *Amicitia parem aut facit, aut accipit. Ubi inæqualitas, aut alterius eminentia, alterius ſubjectio, ibi non tam amicitia, quàm adulatio eſt.* De pontos diſſonos naõ ſe compoem harmonia. Barro, e ferro nos dedos da eſtatua de Nabuco eſtavaõ juntos, mas nunca eſtiveraõ unidos. Eſau, e Jacob o ſangue os fez irmãos inteiros: mas o genio nunca os pode fazer amigos ſenaõ de ametade parece ſe apoſtáraõ a ſer gemeos, ſó para poderem no ventre de Rebecca renhir ainda antes de naſcer, e pelo meſmo caſo que Eſau era amigo de caça, Jacob o era da caza: *Factus eſt Eſau vir gnarus venandi: Jacob autem vir ſimplex habitabat in tabernaculis.* Da firmeza na amizade o fundamento he a ſemelhança de coſtumes (diſſe S. Leaõ Papa): *Inter homines ea firma amicitia eſt, quam morum ſimilitudo ſociavit.* Convidàra hum carvoeiro hum lavandeiro a viverem juntos em certas cazas para lhe ſair mais barato o aluguel. Eſcuſou-ſe o lavandeiro, dizendo: Eu a lavar, e vòs a manchar, não poderemos fazer boa companhia.

A

B

5 No tempo da afflicçaõ, e trabalho do amigo he ley indiſpenſavel aſſiſtirlhe com o alivio, conſelho, preſtimo, e ainda com a peſſoa, tomando ſobre ſi a parte que puder do pezo que opprime a ſeu amigo. S. Agoſtinho: *Nihil ſic probat amicum, quemadmodum oneris amici portatio.* E ninguem póde ſer taõ pobre, e deſvalido, que lhe falte a commiſeraçaõ, na qual as penas do amigo decreſcem, e ſe mitigaõ. Por eſta prova real paſſáraõ quantos pares de amigos celebraõ as Hiſtorias Sagradas, e profanas: David, e Jonathas, S. Baſilio, e S. Gregorio Nazianzeno, Pilades, e Oreſtes, Patroclo, e Aquilles, Scipiaõ, e Lelio, Pelopidas, e Epaminondas, que louva Plutarco, Theſeo, e Pirithoo, que deſcreve Sabellio, Mario, e Caſpro, que celebra Syllio, Niſo, e Eurialo, que canta Virgilio, Damaõ, e Pithias, Pomponio, e Lectorio, que refere Valerio Maximo: aos quaes merecem annumerarſe os dous irmãos Ximenes Portuguezes lutando ſobre qual delles havia de ſalvar a vida

C

D.Hier.ſup. Mich.

Dan. 2. 43.

Gen. 25. 27.

Ser. 1. de jejunio decimi menſis.

Lib. de 83. quæſt. qu. 74.

Plut. in Pelopida. Sabell. lib. 6. Enead. 2. Syllius lib. 9. Virg Æneid. 9. Val Max. lib. 4. c. 7 Rho hiſt. l. 4. c. 4. §. 15.

vida do outro, naõ conſentindo ſe lançaſſe ás ondas, quando ambos naõ cabiaõ no bote, e as duas irmãas cativas pelo Turco quando devaſtava a Italia em tempos do Emperador Miguel Paleologo: aſ quaes deſpedindo-ſe huma da outra, porque era força ſeguir cada qual o ſeu patrão a terras differentes, de repente morreraõ ambas abraçadas.

6 Amizade procedida de comer, e beber, e paſſear juntos, não merece o nome de tal, nem pôde ter firmeza. Aſſim o convence a razão, e aſſim o demoſtra a experiencia. Mas de mais a mais, ouçamos os votos da authoridade Sagrada, e profana. Primeiramente o Eccleſiaſtico: *Eſt autem amicus ſocius menſæ, & non permanebit in die neceſſitatis.* O amigo ſocio da meſa não o acharàs contigo no dia da neceſſidade. S. Gregorio Nazianzeno ajuntando eſte final dos amigos falſos, com o outro que dizia-mos dos verdadeiros. Eccli. 6. 10.

Fidis amicis nil puta præſtantius,
Quos caſus aſper parturit, non pocula.

Greg. Naz. apud Engelgrave Emblemate 13. §. 3.

Como ſe diſſera em vulgar:

De amigos bons eſtimaçaõ ſe faça
Por prova de perigos, naõ da taça.

Amigo ao tempo de jantar, e cear he dos que Cornelio Alapide chama *Amici ollares*: que olha para a olha, e dos que ſe comprehendem no ditado: *Fervet olla, vivit amicitia*: Ferve a amizade, ſe a panella ferve. Tal era o que deſcreveo Marcial dizendo: Alapide in Eccli. c. 6. v. 10.

Hunc quem vina tibi, quem menſa paravit amicum
Eſſe putas fidæ pectus amicitiæ?
Vinum amat, & cyathos, & ſumina, & oſtrea, non te;
Sublato vino nullus amicus erit. Martialis lib. 2.

Pôde-ſe conſtruir neſtas duas redondilhas.

Eſte, que as meſas tem feito,
E os falernos teu amigo,
Cuidas guardará contigo
Verdadeiro, e fiel peito?

De

De ſer amigo dá moſtras,
Mas reſta ſaber de quem:
Daquillo que ſabe bem,
Vinho, ſalchichões, e oſtras. A

7 O amigo, que ſe ha de eſcolher, e aceitar, naõ ha de ſer de natural ſuſpeitoſo, iracundo, mudavel, chocalheiro, e verboſo. Quaſi tudo comprehendeo S. Agoſtinho (ſe he que elle he o author do livro *de Amicitia*) neſta ſentença: *Tibi eligendus eſt in amicum, quem non iracundiæ furor inquietet, non inſtabilitas dividat, non conterat ſuſpicio, non verboſitas a debita gravitate diſſolvat.* Eſpecialmente das ſuſpeitas diz S. Bernardo, que turbaõ a ſinceridade do amor, aſſim como as fezes revolvidas o licor puro: *Non eſt ſincerus amor, ubi dubietatis ſcrupulus ſuſpicionis facem retinet.* Da iracundia diz S. Gregorio Magno, que deita a perder o convicto dos homens ſociavel: porque quanto hum declina da razaõ para o furor, tanto ſe afaſta de viver com outros como homem, e he força viva ſô comſigo como beſta féra: *Per iram gratia vitæ ſocialis amittitur: quia qui ſe ex humana ratione non temperat, neceſſe eſt ut beſtialiter ſolus vivat.* Do homem de genio inconſtante diz S. Bernardo, que não concorda comſigo: *Sibi non concordat, a ſe diſſonat, a ſe reſilit, voluntates alternat, &c.* E mal concordará com alguem quem conſigo meſmo não concorda. O ſer callado he hum dos primeiros requiſitos que hum amigo deſeja achar em outro amigo (aſſim como a primeira couſa que examinamos em hum valo para deſpejar nelle outro, he ſe eſtá ſaõ, ou rachado); de ſórte, que menos ſe tema hum da revelaçaõ ao amigo, do que da propria conſciencia (como diſcretamente diſſe Seneca: *Quantum bonum eſt ubi ſunt præparata pectora, in quæ tuto ſecretum omne deſcendat; quorum conſcientiam minus, quam tuam timeas.* Caſſiodoro reconhecendo a difficuldade de achar todos os ſobreditos requiſitos juntos para ſe eleger amigo, modifica o exame delles, dizendo, que baſtará ſer homem, que trabalhe generoſamente por vencer em ſi os contrarios vicios.

Cap. 15 tomo 4.

Epiſt. 178. ad Innocentium Pap. in princip.

Lib. 5. Moral. cap. ult.

Lib. Medit. c. 9.

Senec. de Tranquillit.

Caſſiod. lib. de Amicitia Tit. exempla eorum quæ amicitiam impediunt.

8 Em conſequencia do ſobredito dictame damos eſtou-

eſtoutro: que he deſcobrir ao amigo os noſſos ſegredos, e intençoens. Porque he o meſmo que introduzillo ao
A apoſento, ou recamera mais interior da noſſa alma; do que ſe moſtra a confiança que delle fazemos, para que ſe dê por obrigado a pagalla em fidelidade. Por onde, amizade que reſerva ſegredos, naõ chegou ainda a ſer intima, e verdadeira. Daqui inferia bem Dalila, que Sanſaõ a naõ amava de veras; pois lhe encobria o myſterio de ſuas prodigioſas forças: *Quomodo dicis quòd amas me, cùm animus tuus non ſit mecum? Per tres vices mentitus es mihi, & noluiſti dicere in quo ſit maxima fortitudo tua.* O meſmo Deos, ſendo taõ profundo, e recondito em ſeus conſelhos, guarda eſte eſtilo com ſeus amigos na terra, revelando-lhes muitas couſas que determina obrar, e as razoens, e fins de ſua altiſſima Providencia. Seja exemplo
B Abraham, a quem revelou o caſtigo de Pentapolis, dizendo: *Nunquid celare potero Abraham quæ geſturus ſum?* Como quem diz: Acabo de hoſpedarme em ſua caſa, e de comer á ſua meſa, e vem acompanharme fôra, e naõ lhe hey-de dar tambem alguns ſinaes de correſpondencia amigavel? Mais claro he o argumento de Chriſto S. N. com ſeus Sagrados Apoſtolos, aos quaes diſſe hũa vez: *Já vos naõ chamarey ſervos; porque o ſervo naõ ſabe o ſegredo de ſeu Senhor: chamo-vos amigos; porque tudo o que ouvi a meu Eterno Pay, vos fiz manifeſto.*

Judic. 16. 15.

Geneſ. 18. 17.

Joan. 15. 15. Jam non dicam vos ſervos: quia ſervus neſcit quid faciat dominus ejus. Vos autem dixi amicos: quia omnia quæ cũque audivi à Patre meo, nota feci vobis.

9 Daqui ſe infere, que naõ he bom para amigo o que me revela os ſegredos de outros, com quem primeiro teve amizade. Porque o meſmo uſará comigo, quando ſe paſſar a outro. Eſte dictame he de Salomaõ nos Proverbios: *Et qui revelat myſteria.... ne commiſcearis.* No qual
C lugar diz S. Jeronymo: *Siquis voluerit tuis miſceri amicitiis, & hunc videris prioris amici pandentem ſecreta, hunc veluti perfidum cave.*

Prov. 20. 19.

10 Tambem naõ ſabe das leys da amizade o que ouvindo murmurar, ou detrahir do amigo, naõ acode a defendera ſua fama, antes ſe calla, que val o meſmo neſtes termos, que conſentir com o murmurador. Para que ha de guardar no peito hum homem a outro, ſe eſte nem as coſtas lhe guarda? Da detracçaõ diſſe S. Agoſtinho, que

era

era veneno de amizade. Eſte que ouve murmurar de mim, e não me defende, ajuda a preparar, e derramar eſte veneno. Ah bom Jonathas que diante de ſeu proprio pay, ſendo Rey, e eſtando, irado, e com' huma lança muito à mão, naõ duvidou dizer-lhe livremente a favor de ſeu amigo David: *Quare morietur? quid fecit?* Porque cauſa ha de morrer? Que mal fez? O bom amigo he ſymbolizado no eſcudo do famoſo Myrtilo Capitaõ Grego; que na campanha o cubrio das lanças, e nas ondas boyando como taboa, o ſalvou do naufragio.

Aug. lib. de Amicitia c. 13. Detrahere amico venenum amicitiæ eſt. A

1. Reg. 20. 33.

11 Mas ſe a fama do amigo padece com razaõ, ou eu acho nelle defeitos reprehenſiveis: correme obrigaçaõ de o aviſar em ſecreto: bem aſſim, como ſe viſſe nos ſeus veſtidos alguma deſcompoſtura, ou immundicia, devia manifeſtar-lho, para que não appareceſſe em publico ridiculamente. Diſſimular erros no amigo, naõ he amor, he lizonja; naõ he prudencia, he traiçaõ, ou quando menos puſillanimidade. Porêm eſta correcçaõ não pede preſſa, e muito menos ſanha, ou colera. Hey-de aguardar vez em que o animo do amigo eſteja ſereno, largo, e ſuſceptivel, e entaõ lhe porey diante dos olhos, o que nos dos outros naõ parece bem; iſſo ſem exaggeraçaõ, nem prologos que movem expectaçaõ no ouvinte, com riſco de anticipar a ſua turbaçaõ à minha doutrina; com confiança, e brevidade, como pirola, que ha de ſer dourada, e pequenina, que quaſi primeiro ſe ſente engulida, do que amargoſa. Veja o que enſina Caſſiodoro neſte ponto. B

Lib. de Amicitia Tit de reverentia exhibenda inter amicos, &c.

12 Quanto ſem offenſa de Deos for poſſivel, devem os amigos ter reciproca condeſcendencia dos ſeus queres, deixando-ſe vencer hum do outro, para ficar a amizade de ambos invencivel. As cabras ſe ſe encontraõ na ponte de algum madeiro comprido, e eſtreito, onde nenhuma dellas póde ſem perigo voltar para traz, enſinadas por inſtincto natural, huma ſe abaixa, e a outra paſſa por cima, e deſte modo nem pelejaõ, nem perdem o ſeu caminho. S. Agoſtinho: *Ubi vera amicitia eſt, ibi idem velle, & idem nolle, tantò dulcius, quantò ſyncerius.* Iſto he q̃ celebrou Syllio nos amigos Mario, e Caſpro, dizendo: C

Sacro

A *——Sacro juvenes Praneſte creati*
Miſcebant ſtudia, & juncta tellure ſerebant:
Velle, ac nolle ambobus idem, ſociataque toto
Mens ævo, ac parvis dives concordia rebus
Occubuère ſimul, votiſque ex omnibus unum
Id fortuna dedit, junctam inter prælia mortem.

13 Finalmente (porque a materia he vaſta, e naõ a pretendemos exhaurir) por amigos havemos de ter a poucos, mas por inimigo a nenhum. A razaõ da primeira parte he; porque o coraçaõ ſendo limitado, e repartindo-ſe por muitos amigos, naõ póde alcançar a fazer pontualmente os officios da verdadeira amizade. De ſórte que ſendo os amigos bons taõ raros, ſe naõ forem raros, parece impoſſivel ſerem bons, e a meſma multi-
B daõ de diamantes induz em quem os ve, ſuſpeita de que alguns ſeraõ falſos. A razão da ſegunda parte he; porque a nenhum proximo podemos excluir dos communs reſpeitos da Caridade Chriſtãa, nem conſervar com elle rancor, ou averſaõ. E álem de iſto naõ ſer licito quanto à conſciencia, tambem naõ he conveniente quanto à boa politica: porque, por deſpreſivel que ſeja qualquer peſſoa, póde ſer muy util, ou muy nociva a qualquer outra de alto eſtado, e dignidade. A ElRey D. Affonſo de Aragaõ cercando a Napoles, hum homẽſinho particular lhe enſinou hum cano ſubterraneo, por onde encõtrádo de noyte 400. ſoldados, vieraõ a ſair onde matáraõ as guardas, e abrirão hũa porta da Cidade ao exercito. Aman era Principe, e valido delRey Aſſuero: Mar-
C docheo era hum pobre Judeo deſterrado da ſua patria, e por querer Aman conſervar rancor com Mardocheo, perdeo a caſa, o eſtado, e a vida. Entre os animaes quem mais brioſo que o cavallo, quem mais forte que o leaõ, e o eleſante? e quem mais deſpreſivel que o rato, e o moſquito? e com tudo os moſquitos já fizeraõ fugir a cavallaria de hum exercito, e o rato póde dar vida ao leaõ roendo lhe as redes onde cahio; e póde dar a morte ao eleſante roendo-lhe os inteſtinos, onde

Hiſt. Neapolit. lib. 2. c. 18.

Eſther. 7.

entrou pela tromba.

Em communidades religioſas o cultivar particulares amizades tem graves inconvenientes. Deſte ponto fallaremos no Apophthegma ſeguinte. A

XXIII.

Do Padre Frey Joaõ de Luca da Ordem Serafica.

PErguntado eſte Santo Religioſo porque razaõ ſe furtava tanto à companhia, e converſaçaõ dos outros, reſpondeo: *Em ſeu mayor proveito redunda: porque apartado das creaturas me uno mais com Deos, e aſſim teraõ mais fruto minhas oraçoens, e cauſaràõ menos eſcandalo meus defeitos; pelo contrario, ſe tratar com amigos, me afaſtarey de Deos, com dano meu, e delles.* B

DOUTRINA.

ESta doutrina he de grande importancia para peſſoas que vivem em communidades, e afpiraõ de veras á uniaõ com Deos. E aſſim, tudo que acima temos dito, e coſtumaõ dizer os Authores em louvor das utilidades da virtude da amizade, naõ ſe entende dos eſpiritos chamados para a de Deos por eſpecial vocaçaõ: porque eſtes, ſem offender as leys de hũa geral caridade para com todos ſeus proximos, devem reſguardar o coraçaõ deſempenhado, abſtrahido, ſilencioſo, e ſolitario para o commercio Divino. Dou em prova deſta verdade duas teſtemunhas abonadas, cujos ditos ſeraõ de naõ pequena conſolaçaõ para almas perſeguidas, e calumniadas por eſta cauſa. C

Apri-

A primeira he a Santa Madre Thereſa de JESUS (q̃ ſoube unir em ſi o fruto de 6o. com o de 3o. iſto he, a
A prerogativa de Doutora com a de Virgem :) a qual reprovando o contemporizar os Servos de Deos com os que naõ tratão ſenaõ de vida commua, diz aſſim: *Grande mal he, que as que tem tanta obrigaçaõ de naõ fallarem ſenaõ de Deos, como ſaõ as Religioſas, lhes pareça bem a diſſimulaçaõ neſte caſo; ſenaõ foſſe alguma rara vez, para mayor bem. Eſte he voſſo trato, e linguagem: quem vos quizer tratar, aprenda-o: quando naõ, guardaivos vòs outras de aprender o ſeu: que ſerâ inferno. Se vos tiverem por groſſeiras, pouco vay niſſo; ſe por hypocritas, menos, &c.* Cam. de perf. c. 20.

A outra he a Veneravel Madre Maria de la Antigua, bem conhecida em Heſpanha por ſuas virtudes, e utiliſſimos eſcritos: a qual ſendo eſtranhada, e murmurada pelas outras Religioſas do ſeu moſteiro, porque ſe re-
B tirava algum tanto da ſua communicaçaõ, perguntou a ſeu Divino Eſpoſo, confiada na muita familiaridade, que com elle tinha, como devia neſte caſo portarſe, dizendo-lhe: *Pay meu, e meu amor, qual he a voſſa vontade neſte caſo, para que a faça eſte miſeravel bichinho? que ſó voſſo goſto deſejo, e eſſe he o meu.* E o Senhor inclinado pelo pezo de ſua bondade, a eſta humilde, e ſyncera propoſta reſpondeo dandolhe a ſeguinte doutrina.

Filha, o ſemblante exterior he guarda, e defenſa „ *Deſengaõ de Reli-*
dos theſouros da alma; a q̃ converſa comigo, em tudo „ *gioſos lib. 3. c. 32.*
ha de moſtrar que he minha, e ſe o mundo a ve para ſi „
alegre, e eſpalhada, bem ſabe que pouco he neceſſario „
para conquiſtalla: porque eſtà como fruta ſem folhas, „
que qualquer temporal a derriba, e ſêcca. E eſte „
ſemblante, que o mundo chama triſte, melancolico, e „
C intratavel, chamaõ os do Ceo muralha, e fortaleza „
da virtude: ſem a qual almas nella muy avantejadas „
naõ medraõ, e algumas vezes por eſta cauſa vem a „
perder a fruta da Caridade, e amor meu, que neſte „
deſterro naõ ſe pôde conſervar, ſenão he com eſtas fo- „
lhas, que ſaõ importantiſſimas. E aſſim quero que o „
digas às demais almas que ſe prezaõ de minhas, que „
lhes convem apartarſe de todas as converſaçoens, e „

„ agrados do mundo. Se naõ querem que o mundo ſe
„ ria dellas, não ſe rião, nem alegrem com elle, que
„ quando o demonio ve cerrados todos os caminhos por A
„ onde póde entrar a ſaqueallas, com eſte lô ſe conten-
„ ta. Porque as almas que deſejaõ agradar aos homens,
„ e naõ lhes dar pena com ſeus ſemblantes, muy perto
„ eſtão de deſagradarme a mim: pois não houve, nem já
„ mais haverá alma, que a mim, e ao mundo haja con-
„ tentado; porque dous inimigos não pôdem contentar
„ emparelhados, antes he proprio nome dos meus, cha-
„ marlhes o mundo hypocritas, e inſenſatos; e com eſ-
„ tes ditados ſe haviaõ os meus de alegrar, e conhecer,
„ que os conhece o mundo por meus. Aſſim que, naõ
„ he dar pena ao mundo, fazer iſſo; ſenaõ darme a mim
„ contento, e a toda a Corte do Ceo, que tem poſtos os
„ olhos nas obras, e palavras dos meus. E ſe os proxi- B
„ mos recebem pena, elles a buſcaõ, e não eſtás obriga-
„ da a tirarlha com dano teu; que ſe hoje dizem iſto, á
„ manhãa ſe edificaráõ niſſo meſmo, e mais dano lhes
„ fará aos proximos (ainda que dizem outra couſa) o ver
„ que ha todavia reſabios da má vida paſſada, que a pena
„ de ver os meus eſtranharſe de todas as couſas deſta vi-
„ da, e iſto ſerá de muito proveito para o proximo; e ſe-
„ naõ ſe quizerem aproveitar, ſeu ſerá o dano, e naõ teu.
Até aqui a Doutrina do Senhor a eſta ſua Serva.

Em outro lugar traz outra ſemelhante, ſobre o apar-
Lib. 4. cap. 31. tarſe de Religioſas imperfeitas. E entre varios documen-
tos lhe diz: *Eu mandey aos meus no Euangelho, q̃ ſacodiſſem os pès da terra onde naõ foſſem recebidos. E niſto ſe entende, que ſacudaõ de ſi o pò das converſações, dos que naõ querem emendarſe pelo ſeu exemplo, nem tomar os ſeus conſelhos.. Porque tratar com os taes, já que a elles ſe naõ pega o ouro das virtudes, naõ póde deixar de pegar aos meus o pò dos ſeus vicios.* C
E pouco mais abaixo: *Para eſcuſar eſtes danos faço eu diviſaõ entre pay, e mãy. E os que com maſcara de Caridade, por naõ fazer eſta diviſaõ, vão contra o meu Euangelho, contradizẽme a mim, e me perſeguem em meus filhos pequeninos.* Pareceu-me neceſſario trasladar eſtas Doutrinas, para cõvencer a alguns, que padecem alucinaçaõ neſta materia.

Porèm

Porêm ainda abſtrahindo de peſſoas chamadas a Deos por eſpecial vocaçaõ para lograrem os ſoberanos favores da familiaridade, e uniaõ com ſua Divina Mageſtade: em quaeſquer outros ſugeitos que vivem em communidades, o travar amizades particulares he couſa muy perniciosa, naõ ſó ao bem commum, mas tambem aos das meſmas peſſoas que ſe correſpondem; e como tal o reprovaõ, e abominaõ os Santos, e Meſtres eſpirituaes. Por amizade particular entendemos toda aquella, cuja cauſa, e fundamento naõ he Deos: da qual diſſe S. Baſilio, „ que naõ era caridade, mas carnalidade, nem uniaõ, e „ concordia, mas diviſaõ, e motim, e prova da ruinda„ de dos que aſſim ſe communicaõ: *Charitatem quidem* (diz o Santo) *habere inter ſe mutuam debent fratres: non ita tamen, ut duo, tres ve ſeorſim à cæteris ſodalitatem ineant; quandoquidem hoc non charitas, ſed carnalitas, ſed ſeditio, & diviſio foret, & eorum qui ſic coeunt improbitatis judicium.*

Amizades particulares nas Religioens quam perniciosas ſejaõ.

Conſtitut. Monaſt. c. 30.

A raiz deſtas amizades bem cavada, e deſcuberta, vem a ſer alguma deſtas trez: Ou prendas de gentileza, e diſcriçaõ, que fazem o ſugeito aprazivel; e deſta naſcem os frutos da ſenſualidade. Ou dependencia da peſſoa para a promoçaõ aos officios, e lugares honorificos, ou rendoſos, ou deſcançados da Religião; e deſta os frutos ſaõ cobiça, ſoberba, e poltroneria. Ou ſemelhança de genios deſgoſtados com o rigor da obſervancia regular, e governo do Prelado zeloſo, que ſe ajuntaõ para ſe conſolar mutuamente, ou ver ſe pòdem maquinar algũa mudança, ou novidade; e os frutos ſaõ diſſenſaõ, e ſciſma, e eſcandalo, e às vezes apoſtaſia, e outros vicios que andão na comitiva deſtes.

Quaes ſejaõ as ſuas raizes, e frutos.

Hum dos dictames, ou maximas principaes, que ha de levar aſſentado conſigo quem entra a viver em communidades, he fugir deſtas amizades particulares como de peſtilencia, e para ſair com o ſeu intento felizmente, procure atalhar os principios dellas; não tecendo prolixas, e frequentes praticas com determinada peſſoa, naõ aceitando dadivas della, e obſequios, naõ applaudindo os ſeus ditos, e hiſtorias, nem lizonjeando as ſuas prendas, naõ occupando ſempre a meſma peſſoa nas couſas

Como ſe devem atalhar no principio.

de que neceſſita, com que fique devedor de ſemelhante retorno, naõ fazendo do ſeu peito depoſito dos ſeus ſegredos de importancia, naõ dezejando mais favores, nem A privilegios, izençoens, e lugares, do que N. Senhor for ſervido inſpirar aos Superiores, naõ cõfundindo no trato quotidiano, e domeſtico a affabilidade cõ a facilidade. Se eſtes principios ſe naõ atalhaõ, acha ſe depois o coraçaõ empenhado, e ſe começou a obrar mal, irà perdendo a luz interna neceſſaria para diſcernir o q̃ lhe convem, do que lhe eſtá mal; e ſe tarà duro para as inſpiraçoens de Deos, e conſelhos dos amigos bem intencionados, atê que ſe deſpenhe em algum dos ſobreditos precipicios.

Notavel caſo em abominaçaõ das amizades particulares.

Quanto deſagradem a Deos eſtas amizades, e qual he o fim em que vem a parar, moſtra-ſe de muitos caſos laſtimoſos. Contento-me agora com referir hum, que pertence á primeira daquellas tres eſpecies, que dizia- B mos, e ſe refere na vida da V. Virgem Anna de S. Agoſtinho Carmelita deſcalça. Paſſou aſſim. Em hum moſteiro daquella ſagrada Reforma, de q̃ eſta Serva de Deos era Prelada, havia duas Freiras que profeſſavaõ entre ſi particular amizade. E como a que ſe naõ funda em Deos nunca lhe faltaõ faltas, e imperfeiçoens, eraõ aſſàz conſideraveis as que por eſta cauſa commettião em detrimẽto, e com murmuraçaõ da communidade, que em notar ſingularidades he Argos de cem olhos; ainda que ſe naõ ſabia o que entre as duas paſſava. Porque eſtas faltas no publico eraõ leves, mas no ſecreto ſe equivocavaõ com as graves; já entrando hũa na cella da outra de noite, ſagrado que naquella Ordem ſe reſpeita com decoro; jà ajuntando-ſe a fallar em horas de ſilencio, com C pouca attençaõ à Regra que o prohibe.

Fr. Affonſo de S. Hieronymo lib. 1. da vida deſta Serva de Deos c. 15.

Neſtas converſaçoens hia envolvido o murmurar das outras, o fomentar a repugnancia, e antipathia com ellas, o manifeſtar entre ſi lhanezas de nimia facilidade, &c. Naõ me atrevo a julgar (diz o Autor que eſcreveo a vida da dita Serva de Deos) que haveria mayores exceſſos na materia, ainda que a demonſtraçaõ que fez o Ceo ſuppoem muito. Mas em almas dedicadas a Deos no eſtado que traz conſigo neceſſariamente annexa a obri-

gaçaõ

gaçaõ de aſpirar á perfeiçaõ, atè o pouco he muito nos olhos do meſmo Senhor.

A Iſto paſſava no Convento. E aquella Santa Prelada com o coſtumado zelo eſtava huma noite orando pelos que eſtavaõ em peccado mortal, e eys-que ouve que ſua Divina Mageſtade pela bocca de hum Crucifixo de bronze, que tinha conſigo, lhe diſſe eſtas palavras: *Attende ao que tens em tua caſa.* Com eſte aviſo lhe foy juntamente infundida noticia dos exceſſos, q̃ entre eſtas duas ſubditas ſuas paſſavaõ. Já ſe deixa entender quanto obrariaõ em ſeu coraçaõ para ſolicitar o remedio o imperio de taõ Divina voz, e fogo do ſeu zelo, animado com o ſopro, que formaraõ os labios de hum Deos morto na ſua imagem, e vivo no ſeu ſentimento.

A Veneravel Madre ſe irou mais contra ſi meſma, do que contra as culpadas, parecendo-lhe que mais o eſta-
B va ella no ſeu deſcuido, que ellas na ſua deſordem. Determinou atalhar o dano, valendo-ſe do enſino do meſmo tempo, por naõ precipitar a reſoluçaõ, e porque o Senhor que lhe delatou a culpa, lhe naõ inſpirára o remedio. Succedeo encontrar em hum tranſito do dormitorio a hũa das culpadas: à qual moſtrou diſſimulado carinho no affavel do ſemblante. Diſto tomou ella occaſiaõ para chegar-ſe a pedir-lhe empreſtado hum Santo Chriſto, que coſtumava trazer no peito, ſignificando tinha neceſſidade deſte ſoccorro. A Serva de Deos o deſprendeo logo do peito, e beijando-lhe os pès lho entregou ſem dar-ſe por entendida de mais; e ficando algum tanto conſolada da ſua pena, e cuidado, por conſiderar que quem buſcava a medicina, naõ ſeria facil recair na
C enfermidade.

Porém ſaõ grandes as forças de hum mâo coſtume, junto á occaſiaõ delle. Puzeraõ-ſe nella as duas amigas, (ou para dizer o certo, inimigas, q̃ ſe matavaõ as almas): e aſſim o propoſito, e prevençaõ do remedio foy nova circunſtancia do delicto. Aſſim o deu a entender Chriſto: pois eſtando ellas juntas huma na cella da outra a deshoras, como coſtumavaõ: irritado o Senhor em ſua imagem ſe ſahio da cella, deſprendendo-ſe do peito, em que

aquella Religioſa o tinha atado, ſe foy à da Veneravel Madre. Eſtava eſta em Oraçaõ como coſtumava, e vendo vir pelo ar o ſeu Chriſto de bronze, ficou eſpantada. A
Perguntou-lhe amoroſa, depois de o haver recebido em ſeus braços: *Como, meu Senhor, vos vieſtes?* E a Divina Imagem dando hum ſuſpiro ſentidiſſimo, reſpondeo: *Porque me eſtão alli offendendo.* Que effeitos cauſou eſta queixa de hum Deos amante crucificado no coraçaõ de hũa eſpoſa ſua taõ zeloſa de ſua honra, mal ſe póde explicar: de algum modo o explicou ella meſma derramando muitas lagrymas, e tomando huma rigoroſa diſciplina de ſangue, e toda aquella noite eſteve em Oraçaõ batalhando com Deos, como outro Moyſês pelo perdaõ do ſeu povo. Luzio-lhe o trabalho; porque logo de manhãa aquella Religioſa, de cujo ſeyo o Santo Crucifixo fugira, atemorizada com taõ prodigioſa demonſtraçaõ, veyo humilde render-ſe aos pés da ſua Prelada, e lhe contou B
quaſi mais com lagrymas que palavras o ſucceſſo, que ella já ſabia, propondo emenda com reſoluçaõ mais determinada. A Serva de Deos a cõſolou, e lhe deu as doutrinas naquelle tempo, e caſo convenientes: de que logrou conhecido fruto, ceſſando aquella particular amizade, e nociva correſpondencia.

Todas as Eſpoſas de Chriſto, que pelo invencivel teſtemunho de ſuas proprias conſciencias ſe achaõ comprehendidas em outra ſemelhante, aprendaõ neſta o eſcarmento. Naõ he neceſſario para ſe converterem a Deos de todo o coraçaõ, que viſivelmente o Senhor as deſampare, e fujá, e ſe queixe; baſta que a fê as certifique de que todas as vezes, que huma alma, que eſtava em gra- C
ça, e amizade ſua, conſentio em peccado mortal, realmente ſe dá eſte deſamparo do Senhor, eſta auſencia, e eſta averſaõ ſumma; de ſórte que mais facilmente ſe confundirão os celeſtes orbes com os infernaes abyſmos; mais facilmente o fogo perderá o calor, e a neve a frialdade, e cada natureza a ſua propriedade; do que poſſa concordar o Eſpirito de Deos com a mortal culpa.

A

XXIV.

De Saõ Barlaaõ Anacoreta.

ENtre varias doutrinas, com que este Santo instruhio ao Principe Josafat, para fundar em seu coraçaõ hum claro desengano da vaidade do mundo, lhe propoz a seguinte parabola. *Houve certo homem, que tinha tres amigos; de hum delles fazia pouco cazo: aos outros dous tinha em grande estimaçaõ, tratando-os intimamente, e alegrando-se com elles, e tomando por sua causa naõ pouco trabalho, e cuidado. Succedeo padecer hum grave infortunio por via da justiça publica: no qual estes dous amigos pouco lhe valeraõ; porque hũ delles só lhe emprestou huns vestidos, e outro o acompanhou por breve espaço do caminho, quando hia chamado ao tribunal do Juiz. Mas o primeyro (que era o desprezado) entrou com elle no mesmo tribunal, e alli o patrocinou constantemente, procurãdo o seu livramento. Sabeis, senhor,* (disse entaõ o Santo, descifrando a moralidade desta prosopopeya) *que significa isto? O mesmo passa com o homem, que he amigo das riquezas; porèm estas só lhe servem de o vestir: he amigo dos filhos mulher, parentes, e servos; porèm estes o acompanhaõ quando muito atè a morte. Das obras boas naõ faz caso, sendo que estas unicamente entraraõ com elle à presença do supremo Juiz, onde pòdem valerlhe para que o naõ condene a morte eterna.*

Como refere S. Joaõ Damasceno in hist. ria c. 13.

B

C

ILLUSTRAÇAM.

A

PRovemos mais por extenſo eſtas tres verdades: a ſaber, que nem as riquezas, e honras, nem a mulher, e filhos, e parentes, e amigos, e criados nos pódem fazer companhia na formidavel jornada deſte mundo para o outro; ſenaõ unicamente as boas, ou más obras, que tivermos feito.

§. I.

Primeyro amigo, falſo, mas eſtimado.

B

QUanto ás riquezas, e honras, bem o tem repetido o Eſpirito Santo pelas linguas dos Profetas, e Varoens ſabios. O Santo Job quando na primeira avançada de ſeu inimigo perdeo toda a fazenda, ſahio pronunciando a ſentença deſte deſengano: *Nudus egreſſus ſum de utero matris meæ, & nudus revertar illuc.* Nu ſahi do vẽtre de minha mãy, e nu tornarey lâ. Onde claramente ſuppoem, que a terra he noſſa mãy, de cujo tenebroſo ventre, que he a ſepultura, ſe fórma o noſſo ſegundo parto para a eternidade. E aſſim como nada dos bens da fortuna trouxemos ao vir de Deos para eſte mundo: aſſim nada levaremos ao voltar deſte mundo para Deos. Iſto meſmo diſſe o Eccleſiaſtico: *Sicut egreſſus eſt nudus de utero matris ſuæ, ſic revertetur, ut nihil auferat ſecum de* C *labore ſuo.* Iſto meſmo o Real Profeta: Naõ temas, quando vires, que alguem enriquece muito, e que a gloria da ſua caſa toma grandes augmentos: porque em fechando os olhos, nada do qued oſſue levará comſigo, nem eſſa gloria irá em ſua companhia. Iſto meſmo aquella temeroſa voz do Ceo, que reprehendeo o avarento do Euangelho, dando as ſuas contas por erradas, e clamando: *Neſcio, eſta noyte ſerá o ultimo prazo da tua vida; e tudo o que ajuntaſte, e preveniſte de quem ſerá?* Daqui formou diſ-

Job 1. 21.

Eccli. 5. 14.

Pſ. 44. 17.

Luc. 12. 20.

discretamente este Dilema S. Pedro Chrysologo, dizendo: *O homo, si hic permansurus es, quæ tua sunt hic repone:* Chrysol. serm. 22.
A *si illuc iturus es, hic quæ tua sunt cur derelinquis? Qui relinquenda servat, alienorum custos est, non suorum:* Homem, se he que has de ficar de morada neste mundo, nelle guarda, e repoem o que he teu, e se has de fazer jornada para a outra vida, como deixas o que he teu ao partir desta? Quem guarda o que por força ha-de deixar, o alheyo guarda, e naõ o seu.

Muy a proposito do mesmo desengano foy a acçaõ, e sentença de Constantino Emperador, que fazendo na terra com a lança que tinha na mão hum risco, ou figura de hũa sepultura ordinaria, disse para certo homem summamente avarento, e cubiçoso: *Ainda que amontoes em casa todas as riquezas do mundo, naõ virás a possuir mais* Eusseb. l. 4. de Vita Constant. Imp. c. 30.
B *que estes poucos palmos de terra que finaley, se he que os chegares a possuir.* *Grave sentença do Emperador Constantino.*

Semelhnte foy o de hum Sultaõ do Egypto muy rico, e poderoso, que na sua pompa funeral ordenou fosse diante arvorada hũa lança com a sua mortalha, e hum pregoeiro clamando: *O graõ Sultão naõ tira para si de todos os seus thesouros mais que este lençol.* Mas se olharmos mais de perto para a verdade, nem esse lençol tirou, nem o podia tirar: senaõ que lho deraõ, e lho podiaõ negar; e só servio de cubrir o corpo, q̃ ca ficava, em quanto hum, ou outro se não corrompiaõ. Que póde levar a alma deste mundo, se nem o corpo leva? Naõ sendo as cousas do mũdo mais que hũas como vestiduras do cor- *Outra de hum Sultaõ do Egypto.*
C po, como disse S. Gregorio: *Quid enim sunt terrena omnia, nisi quædam corporis indumenta?* Por isso comicamente Ausonio introduz a alma de Diogenes Cinico rindo-se lá no inferno na de Cresso (aquelle ricaço, que podia contar milhoens, como outros contaõ cruzados) e dizendo-lhe: *Quanto agora taõ só estais vòs como eu, e muito mais pobre ainda; porque eu trouxe o que era meu, e vòs tudo o que era vosso la deixaltes.* D. Greg. Auson. Epigram. 53. *Diogenes no inferno rindo-se delRey Cresso.*

A' vista disto apparece mais ridicula a vaidade, e ignorancia de muitos Gentios, que sepultavaõ na mesma cova com os mortos as suas riquezas, e mòveis, *Varios costumes barbaros de enterrar a fazenda com os mortos.*

estando

eſtando na falſa crença, de que ainda na outra vida preſtavaõ para o ſeu uſo, e logro, como ſe pela boca daquella cova houveſſe alguma occulta recovagem, ou remeſſa deſte para o outro ſeculo. Dos Albavos eſcreveo Strabaõ, que toda a vida paſſavaõ muy parcos, e poupados, para ter na outra com que regalar-ſe em abundancia, enterrando conſigo o que amealháraõ. Ariſtofanes faz mençaõ da moeda de quatro reis, que coſtumavaõ meter na boca do defunto, para ter a alma com que pagar o frete da barca de Aqueronte. Por onde Juvenal chamou miſeravel a hum, que nem para eſte frete tinha:

Strabo lib. 11.

In Pſychesfabula.

Non habet infelix quem porrigat ore trientem.

Para apagar eſta ſuperſtiçaõ, que ficára depois entre os Chriſtãos, (e ainda hoje dizem haver della veſtigios em algumas terras deſte Reino) ſe introduzio o eſtylo de dar a Sagrada Communhaõ aos mortos; como que a Formula Euchariſtica era a verdadeira moeda do porte para o outro mundo; o que depois abrogáraõ feveramente muitos Concilios. Varias naçoens barbaras da America Septentrional coſtumaõ meter na cova juntamente com o cadaver as panellas, ferramentas, e pelles, de que o vivo uſou, para que tenha na outra vida o preſtimo deſtas couſas. Pela meſma razaõ os Cares enterraõ os ſoldados com todas ſuas armas, como refere Thucydides. Outros povos em Grecia ao queimar o defunto lançavaõ tambem na fogueira os ſeus boys, cavallos, e cães, como dizem Homero, e Virgilio. Os Tartaros metem tambem na cova hum cavallo ſellado, e hum jumento com o ſeu poldro, para que o defunto tenha em que ande conſórme o ſeu goſto. Das riquezas que os Chinas poem com os corpos Reaes vejaõ-ſe as Relaçoens do noſſo Fernaõ Mendez Pinto, que não merecem taõ pouco credito, como alguns lhe daõ. O P. Alvaro Semedo, noſſo Portuguez, que naquellas partes andou em miſſaõ 22. annos, conta de hũa Rainha da China, que morreo por aquelle tempo, em cujo eſquife, ou caixão ElRey ſeu filho lançou por ſua mão mais de ſetenta mil cruzados em perolas, e pedras precioſas; e a hum lado, e outro do corpo diſtribuhio cincoenta pães de ouro, e cincoenta

Cabuſſutius in Notitia Eccleſiaſtica, Diſſert. 5. n. 10.

Concil. Carthag. III. canone 6. Hipponenſe can. 5. Altiſſiodorenſe can. 12.

Thucyd. in præfatione belli Peloponeſiaci.

Homer. Iliad. 23.

Virg. Æneid. 11.

Bonfinius lib. 8. rerum Hungaricarum Decade 2.

No ultimo de Março de 1614.

de

de prata, que naõ saõ as folhinhas tenuissimas, que nôs chamamos pães; senaõ pastas massiças. Contra a cega
A vaidade, e barbara ignorancia de todos estes povos se oppoem o claro desengano do Oraculo Divino, quando diz: Quando morrer o homem, nada do que tem levará comsigo, nem hirá com elle fazendolhe companhia a Gloria, que neste mundo teve: *Cum interierit, non sumet omnia: neque descendet cum eo gloria ejus.* Psalm. 48. v. 18.

Mas naõ sòmente as riquezas, e honras nos naõ fazem companhia para o outro mundo; senaõ que ainda neste nos desamparaõ muitas vezes de repente, como se vio no mesmo Job, o qual por isso comparou os seus dias a navios, que levaõ fruta: *Pertransierunt quasi naves poma portantes.* Que a vida humana se compare à carreira de huma náo, estâ bem; porque he veloz, he incerta, he arriscada pelos varios perigos que ha no mar do seculo. Po-
B rém, porque se compâra mais ao navio, que leva fruta, do que a outro qualquer, que leva outros generos? Porque o navio que leva fruta, muitas vezes antes de chegar ao porto, já naõ leva mais que podridaõ. Vay o navio fugindo pelas ondas, porque navega, e dentro delle vay tambem a fruta fugindo, porque se corrompe. Assim saõ os bens temporaes, fruta em fim da nossa terra. Por isso mesmo, que saõ temporaes, naõ sò nos havemos de ausentar delles em chegando a morte; senaõ que elles às vezes se ausentaõ de nòs primeiro. Antes que o rico naõ escape das mãos da morte, se escapaõ elles da mão do rico: antes que o homem se corrompa na cova, se corrompem elles em sua casa. Saõ servos fugitivos, como disse Chrysostomo: *Fugitivus Plutus*, e atreiçoados, co-
C mo S. Agostinho chamou ao ouro: *Servum proditorem*, e como atreiçoados, e fugitivos naõ esperaõ que por nossa morte lhe demos manumissaõ, ou alforria. Por isso os mundanos se dão pressa a lograllos, antes que lhes fujaõ das mãos: *Non prætereat nos flos temporis: coronemus nos rosis, antequam marcescant:* Depressa, (dizem elles no livro da Sabedoria: naõ se nos passe a flor do tempo: coroemonos de rosas, antes que murchem. E o outro Poeta disse:

Os bens temporaes saõ semelhantes à fruta que facilmente apodrece.

Job 9. 26

Chrysost. homil. Eutropio. Aug. serm. 26. de Verbis Domini.

Sap. 27.

Vive

Vive velut rapto, fugitivaque gaudia carpe.

Mart. lib. 7.

Porèm eſta diligencia muitas vezes naõ baſta, e ordinariamente a meſma preſſa em gozar deſtes bens os corrompe, e afugenta. Já para buſcar, e reduzir os ſervos fugitivos havia entre os Romanos hum particular officio, e a peſſoa que tinha eſſe cargo ſe chamava Fugitivario. Porêm os goſtos, e bens do mundo huma vez fugidos naõ apparecem mais: naõ ha Fugitivario, que os alcance, e prenda, como diſſe o meſmo Poeta:

L. ſi apud te ff. de Præſcriptis verbis. Cujacius l. 5. Obſervation. c. 8.

Gaudia non remeant, ſed fugitiva volant.

Bem comparada eſtá logo a vida humana ao navio que leva fruta: navio, porque o homem vay paſſando pelo mar deſte ſeculo, e navio que leva fruta, porque os bens do ſeculo vaõ tambem paſſando á corrupçaõ pelo homem: *Diu enim* (diſſe S. Gregorio) *cum rebus noſtris durare non poſſumus; quia nos aut illas deſerimus, aut illa nos viventes quaſi deſerunt pereundo.*

Matt. lib. 2.

Lib. 18. Mor. c. 9.

Exemplo notavel da incerteza das honras, e riquezas mundanas.

ENtre innumeraveis, caſos que evidentemente provaõ como as honras, e riquezas ſaõ ſervos fugitivos, e traidores, e fruta muy ſogeita á corrupçaõ, dou o ſeguinte, deſprezando o que tem de vulgar, por attender ao que tem de doutrinal.

Nos tempos do Emperador Juſtino I. que deſde a aguilhada de vaqueiro ſubio a empunhar o ſceptro do Oriente, vivia nas partes da Thebaida hum homem por nome Eulogio, cabouqueiro de officio, quanto aos bens terrenos enteado da fortuna; porèm quanto aos da graça celeſtial filho mimoſo de Deos: porque era timorato, devoto, caſto, temperado: em ſuas entranhas tinha feito aſſento a ternura compaſſiva, atê para com os brutos; em ſeu aſpecto a modeſtia aprazivel, atê para com os inimigos; em ſua lingua o continuo louvor de Deos, ainda nas adverſidades: em ſuas mãos a liberalidade para com os pobres, e peregrinos, aos quaes hoſpedava humaniſſima-

Morreo no anno de 527.

Baron. ibi n. 12. Gualterius in Tabulis ad ſæculũ 6.

nissimamente, e lhes lavava, e beijava os pès; e suppo-
sto que o seu officio era taõ limitado, e esteril, como tra-
A balholo, e cançado: todavia dos cabedaes de huma vir-
tude tirava as despezas para a outra: a esmola de cada dia
lhe sahia do jejum de quasi todo o anno; e tal jejum,
que primeiro se punha o Sol no occaso, do que elle à
mesa; se he que havia outra mesa para comer mais do
que as proprias mãos para trabalhar, e repartir.

Succedeo ser hum dia seu hospede certo Anacoreta Santo por nome Daniel. O qual, como versado na pratica das virtudes, conheceo as de Eulogio, admirando-se dos fundos daquelle inestimavel diamante. E voltando para o seu ermo, rogou a Deos N. S. instantemente (jejuando tres semanas para dar mayor força á sua oraçaõ) se servisse de dar bens temporaes âquelle homem, para
B alivio de sua grande miseria, e continuo trabalho, e tambem para soccorro dos pobres, e peregrinos, que nelle achavaõ taõ fiel despenseiro. Tanto instou nesta piedosa, ainda que indiscreta demanda; que chegou a ouvir huma voz do Ceo, a qual lhe disse: *Se Eulogio perder a pobreza, perderá as outras virtudes.* Aqui Daniel, fechando-se sobre si mesmo com bondade cega, disse que elle ficava por seu fiador, alma por alma, e corpo por corpo: porq̃ naõ se persuadia, que os beneficios de Deos lhe seriaõ causa de perversaõ, senaõ antes de augmentos de humildade, e caridade. Porèm he verdade muy certa o que disse o nosso Seneca Portuguez:

Sá de Miranda Egloga 8. Ramo 36.

Andey dáquem para álem,
C Terras vi, e vi lugares:
Tudo seus avessos tem:
O que naõ experimentares,
Naõ cuides que o sabes bem.

Eys que hum dia o cabouqueiro fazendo seu officio, deu em hum thesouro antigo: olhou, tocou, certificou-se atraz dos olhos foise-lhe o coraçiõ (contra o que diz o Real Profeta: *Divitiæ si affluant, nolite cor apponere*): Naõ se dava mãos a guardar, e para guardar muito, guar-

Ps. 61. v. 11.

guardava pouco, e pouco. Andava dali por diante melancolico, vigilante, e penſativo. Que farey? Para onde mudarey caſa? Quem me ajudará fielmente? Já lhe eſquecia a oraçaõ, já o naõ achavaõ affavel os pobres, e compaſſivo os miſeraveis. Em fim deu comſigo em Conſtantinopla; porque pedia golfo grande o galeaõ que na ſua fantazia armava para as viagens de ſua nova fortuna. Tinha juizo, e baſtante diſpoſiçaõ: aprendeo os modos da corte (vocabulario novo da Babel antigua): nos principios naõ ſe deu muito a conhecer: ſeguio a campanha mãy repentina de ambas as fortunas. Como tinha muito naõ dava pouco, e como dava, todos os ſoldados eraõ ſeus: por aqui chegou a Capitaõ da guarda do Emperador. Já eſtá em ſumma arrogancia, e total eſquecimento de ſeus viliſſimos principios: já faz mal a cavallos, joga, banquetea, rompe telas, e purpuras. E a oraçaõ, a eſmola, e a penitencia? Naõ ha q̃ fallar neſſas couſas: ficáraõ todas da outra banda do Lethes do ſeu deſcuido, e mudança. A B

Era pois tempo de puxar o Acredor pelo Fiador; Deos por Daniel. Naõ ſabia eſte do que tinha paſſado. Quando hũa vez orando teve hum maravilhoſo exceſſo de eſpirito, e em viſaõ imaginaria foy citado a juizo. Eſtava o Juiz, que o chamára gravemente irado, e moſtrava-lhe hum homem metido entre rozas, todo conſumido da actividade do deleite, e dizia lhe arguindo: Eſte he o cuidado que tens da alma de teu irmaõ? E logo voltando o mageſtoſo ſemblante para os Anjos, lhes mandou: Ferí, naõ perdoeis ao fiador. Daniel meyo morto de pavor, e aſſombro, pudera, dizer de ſi, o que o outro Daniel Profeta em outra viſaõ eſpantoſa: *Non remanſit in me fortitudo, ſed & ſpecies mea immutata eſt in me, & emarcui, nec habui quidquam virium.* Reconheceo o erro da ſua fiança, e confiança: pedio perdão com muitas lagrymas, e offereceo-ſe a reduzir a Eulogio: mas tambem eſta lhe ſahio falſa, como logo veremos. Neſte tempo tornou em ſi, conſiderou o aviſo do Ceo, e ſem detença ſahio a buſcar aquella ovelha deſgarrada. C

Daniel. 10. 8.

Chegado áquella nova Roma achou a Eulogio tão aſſiſti-

assistio, e cortejado de visitas, e pretendentes, que hum mez inteiro de dia a dia solicitou a entrada para fallar-
A lhe. Entrou em fim; pedio ser ouvido á puridade. Conheceſme? (lhe disse com animoso zelo da honra de Deos, e da salvaçaõ daquella alma.) Conheceſme, Eulogro, algum tempo pobre cabouqueiro, agora grande cavalheiro? Eu sou Daniel, aquelle Eremita, a quem tal anno, e dia hospedaste em tua caza, e lavaste os pés com caridade Euangelica. Oh que tragica mudança te tem desfigurado! Entaõ estudavas nas virtudes, agora na vaidade.: entaõ eras amigo de Christo, agora do mũdo, da carne, e do demonio: entaõ caminhavas pela estreita vereda do Ceo, agora corres pela estrada larga da perdiçaõ. Que fazes? Onde vas precipitandote cada dia mais profundamente? Que te aproveitará possuires todo o mun-
B do, se perderes a alma? Adverte que naõ só perdes a tua, mas tambem a minha: porque orey por ti, e fiquey por teu fiador diante de Deos, e me offereci a reduzirte. Oh! Naõ sejas ingrato a Deos, e aos homens, ao Ceo, e à terra. Acorda deste pezadissimo lethargo, torna em ti, abre os olhos à luz da Fê: naõ troques hum Reyno eterno por bens, que sô de bens tem o nome supposto, e a falsa apparencia.

Com semelhantes sentenças exhortava o Santo Anacoreta a Eulogio. Mas este que faria vendo-se repentinamente accometido de taõ claros desenganos? Dizem que os javalis metendo-se pelo lodo condensaõ sobre si hũa codea delle taõ dura, que os venabulos, e lanças dos monteiros os naõ penetraõ facilmente. Lodo espesso chamou o Profeta Habacuc aos bens terrenos, e assim
C os que se metem muito no manejo, e logro delles, criaõ tal dureza de espirito, que naõ calaõ dentro as mais fortes, e vivas exhortaçoens, e ameaças dos Prègadores. Levantou-se Eulogio irado, e sanhudo, expellio ao Santo Varaõ contumeliosamente, queixou-se a seus cameristas de o porem à falla com hum doudo, e estes por desaggravo seu o cubriraõ de pancadas: o qual ensinado á sua custa do lugar onde havia de pòr os alicerces de sua confiança, recorreu a Deos por via da Oraçaõ, acompa-

Habacuc 2. 6. Væ ei qui multiplicat non sua! Usquequò, & aggravat contra se densum lutum?

nhando-a cõ lagrymas, miſturadas tal vez com o ſangue de ſuas feridas: pedio-lhe que tornaſſe a Eulogio a ſua antiga pobreza, e neceſſidade. Agora ſim, que pede com diſcriçaõ. Succedeo logo ter Eulogio deſgoſtos com o Emperador Juſtiniano, e haver bandos, e facçoens, e ſer lhe neceſſario, por eſcapar com vida, deixar tudo de repente, e por conſervalla tornar ao ſeu marraõ, e camartello, para ganhar com ſuor, e fadiga o taxado ſuſtento quotidiano. Entaõ a vexaçaõ lhe deu o entendimento, de que o privára a proſperidade; e começou a fazer penitencia, pois da Corte, onde deixára eſpalhado o ſeu theſouro, trazia junta baſtante materia della. Encontrou-ſe depois com Daniel, o qual lhe diſſe movendo a cabeça: Que he iſto, amigo? Já ſe acabou a comedia, de que eras Rey? E elle envergonhado lhe pedio, rogaſſe a Deos que mitigaſſe de algum modo os rigores de ſua pobreza. Iſſo naõ (reſpondeo Daniel), as riquezas vos enganáraõ a vòs, mas vòs já me naõ haveis de enganar outra vez: ſe a pobreza vos he moleſta, ſabey que vos he neceſſaria: aprendey a viver ſem bens, de que naõ ſabeis uſar, ſenaõ para maldades.

Eſte he o exemplo, em q̃ ſe moſtra claramente como os bens temporaes ſaõ eſcravo fugitivo, e atreiçoado, e fruta, que apodrecendo nos deixa em vida enganados, antes que deſenganados a deixemos na morte.

§. II.

Segundo amigo tambem falſo, mas eſtimado.

TAmbem naõ nos pòdem fazer cõpanhia na jornada para a outra vida a mulher, filhos, amigos, parẽtes, e criados: porq̃ ou nòs os havemos deixar a elles, ou elles a nós primeiro. O Beato Alcuino eſtando em diſputa cõ Papino filho do Emperador Carlos Magno, perguntado, q̃ couſa era morte, a definio, dizendo q̃ era o ladrão do homẽ: *Mors eſt latro hominis.* Os ladrões hora levão o dinheiro, hora a joya, hora o veſtido, &c. O q̃ a morte leva, he o homẽ. Eſtava aqui entre nôs Pedro v.g. noſſo irmão, ou amigo

amigo : de repente naõ o vemos, e por mais que o buſquem, naõ apparecerá. Que he feito deſte homem? Le-
A vou-o o ladraõ, furtou-o a morte. E propriamente dizemos que o furtou: porque a morte não era ſenhora do homem; pois a principio o fez Deos immortal. E he ladrão eſte, a que ſe naõ pódem fechar as portas: *Si ſciret pater familias, qua horâ fur veniret, vigilaret utique, & non ſineret perfodi domum ſuam. Et vos eſtote parati: quia qua horâ non putatis, filius hominis veniet.* Nas quaes palavras ſe comparou o Senhor a ſi meſmo a ladrão, porque vem com a morte (q̃ tambem he ladraõ) e ainda na ſua companhia. Eſte ladraõ pois do homem, de tal ſòrte furta a cada hum de entre os ſeus filhos, amigos, e conhecidos; que a todos eſtes furta tambem delle: furta o que leva dos que deixa, e furta os que deixa do que leva, e aſſim vay
B levando, e deixando, atè naõ haver que deixar, nem levar. Luc. 12. v. 39. 40.

Mas o diabo (porquem entrou no mundo eſte famoſo ladraõ da morte) inventou traça como ſua, para que levaſſe as mulheres juntas com os maridos, e os amigos com ſeus amigos, e os vaſſallos com os Reys; metendo em cabeça a huns, que ſe mataſſem, quando ſuccede morrerem os outros, porque niſſo fariaõ acção de nobreza generoſa, e ſignificação de fiel amor, para os ir ſervindo, e acompanhando mais além do que dão licença as rayas, ou limites da natureza. Entre os Venedos, povos da Germania, era antiguamente coſtume, e obrigação que a mulher ſe enterraſſe por ſuas mãos no ſepulchro de ſeu marido, como eſcreve Wenefredo. O
C meſmo diz Solino das mulheres dos Thracios, e Procopio das dos Herulos, e Euſebio das dos Indios. Entre amigos havia tambem eſta barbara, e inſana cortezia nos povos da Gallia antiga; que huns ſe lançavaõ vivos nas fogueiras, por acompanhar aos outros já defuntos, como eſcreve Pomponio Mela. E na Ethiopia (como traz Diodoro Siculo) morrendo o Rey, todos ſeus familiares, e privados corriaõ a arremeſſar-ſe no fogo, por ſer cada qual o primeiro, que ſahiſſe na outra vida a ſervillo.

Vvenefred. Anglus in epiſt. ad Eduardum Principem Angliæ. Solinus c. 15. Procop. lib. 2. De bello Gothico. Euſeb. lib. 6. Præparat. Euang. c. 8. Pompon. Mel lib. 3. c. 2. Diod. Sicul-lib. 4.

O meſmo execravel, e diabolico abuſo acháraõ os Miſſionarios do Japaõ introduzido naquelles Reynos. E he louvada com razaõ huma Rainha de Arima, que ha- A vendo-ſe convertido à Fé de Chriſto juntamente com ſeu marido, ella com o nome de Juſta, e elle com o de Joaõ; ſendo eſte depois degollado pelo Emperador em odio da meſma Fé, ella lhe aſſiſtio intrepida, e conſtante até a morte, e recebeu em ſuas proprias mãos a cabeça deſtroncada, e logo a ajuntou com o corpo, compondo-o honeſtamente; e tomou (que era o noſſo propoſito) juramento por eſcrito aos vaſſallos de naõ uzarem com elle o rito gentilico que obſervavaõ de ſe matarem os mais obrigados ao Rey: porque tem os Japões iſto por ley de nobreza, e obrigaçaõ do agradecimento. E tal occaſiaõ houve, em que mais de trezentos vaſſallos palacianos ſe cortáraõ com alfanjes pelos ventres, para acompanharem na morte a ſeu Senhor. Mais prodigioſo B he o caſo que traz Magino da morte de certo Emperador da Tartaria, na qual o ſeguiraõ pelo meſmo caminho mais de dez mil vaſſallos. E ſe iſto parece incrivel, mais ainda he, o que refere Marcos Paulo Veneto da morte de outro Emperador da meſma Tartaria, em que ſe matáraõ trinta mil. Oh cegueira laſtimoſa! Oh brutalidade enormiſſima! Se iſto mandára a Ley de Deos, quem ſe atrevéra a guardalla? E guarda-ſe, ſendo perſuaçaõ do demonio, e pelo contrario ſe quebrantaõ os Divinos preceitos, ſendo juſtos, e racionaveis, honeſtos, e ſuaves.

Euſeb. Nierẽbergina vida do P. Alexandre Valinhano.

Apud P. Thom. de Blanc. cõment. in Pſ. 48. v. 18.

Caſo horrendo de huma mulher, que ſe ſacrificou por fogo, para acompanhar a alma de ſeu marido. C

Anda na China illuſtrada do P. Athanaſio Kirker.

AJunto ás ſobreditas noticias outra mais eſpecifica, e que por eſſa razaõ, ſe repreſenta aos animos mais horroroſa. Conſta da Relaçaõ dos Padres Alberto Droville, e Joaõ Grubero Miſſionarios da Companhia de JESU, que foraõ teſtemunhas de viſta, quando voltando

do da China para Europa, paſſàraõ pela Cidade de Agra
Corte do Graõ Mogor, onde ſe detiveraõ algum tempo
A no anno de 1661. Foy o caſo, que enviuvando alli certa
mulher nobre, e rica, chamou logo os Bracmenes (que
ſaõ os ſeus Sacerdotes, ou religioſos) e lhes declarou o
firme propoſito, que comſigo tinha aſſentado, de ſe con-
ſociar a ſeu defunto marido por meyo de ſacrificio de
fogo, que havia fazer de ſi meſma eſpontaneamente.
Louvàraõ elles, e exaltàraõ atè as eſtrellas eſta mais que
humana generoſidade de animo, e fidelidade de amor
conjugal, e começou logo a tratar de prevenir tudo o
que àquella acçaõ publica, e ſolemniſſima era conve-
niente.

No dia conſtituido ſe veſtio a viuva o mais rica, e
curioſamente que pode: telas, ouro, prata, perolas, pe-
dras precioſas, ſendo tanto ainda lhe parecia pouco para
B taõ rija feſta, Aſſim armada montou em hum ſoberbo
cavallo branco, com jaezes, teſteira, e mais arreyos cu-
bertos de joyas, e de todo o mais corpo do novo, e tri-
umfal Bucefalo hia pendente, e artificioſamente enla-
çado tudo o precioſo que havia em ſeu palacio. Ella hia
com ſemblante alegre (ao menos no que repreſentava:)
levava em huma mão huma grande campainha que hia
tangendo, em outra hum pomo. Lançava os braços a
huma, e outra parte, como coſtumão as noſſas Pélas, jà
levantando-os, jà abaixando-os, já circumgirando hum
com outro, e fazendo outros gèſtos, e ſignificações do
extraordinario contentamento, em que ſeu amante co-
raçaõ jubilava, na conſideraçaõ de eſtar proxima a feliz
hora em que ſe havia de ver na ſuſpirada companhia de
C ſeu conſòrte. Ao redor, a traz, e adiante hiaõ numero-
ſas turbas de Bracmenes, e ſacerdotes, e feiticeiras, vo-
zeando, e fazendo varios eſgares, e momos, e ridicu-
los torcimentos de todo o corpo, e repetindo incança-
velmente *Ram Ramſaltaè. Ram Ramſaltaè:* iſto he, *Deos*
Ramſalvainos. Diſcorrendo eſte feral, e ſatanico triumfo
pelas principaes ruas da Cidade, veyo finalmente a parar,
onde eſtava de precioſas, e odoriferas madeiras, Aguila,
Canela, Calambuco, & outras ſemelhantes preparada

hũa alta pyra, e em ſeu apice collocado hum como throno. Aqui ſubio, e ſe aſſentou aquella miſeravel mulher, A
ſem ceſſar hum ponto de fazer os ſeus gèſtos. E logo os
ſacrificulos ſometteraõ fogo â lenha com feixes de vimes
untados primeiro com certa eſpecie de rezina preciola.
E levantando o clamor todos a hũa, eſpertado mais com
varios, e ſonoros inſtrumentos, morreu affogada em
nuvens de fumo, e abrazada em ondas de chãmas aquel-
la deſgraçada victima da vaidade, ſuperſtiçaõ, e hypo-
criſia, que imaginandò hia ſair direita aos deſcanços do
Paraiſo, ſe achou de improviſo ſubmergida nos abysmos
do inferno, para naõ ſurgir delles eternamente.

Eys-aqui nos ſobreditos exemplos a funeſta, e la-
mentavel companhia que aos mortos pódem fazer os vi-
vos, metendo-ſe por engano do demonio, e cegueira
propria tambem no numero dos mortos. B

§. III.

Terceiro amigo, deſprezado, mas verdadeiro.

TIramos pois em limpo, que ſó o terceiro amigo
(que nôs ordinariamente deſprezamos) nos pòde
fazer boa companhia, e dar verdadeira conſolaçaõ. E
qual he eſte? As boas obras, que neſta vida tivermos
feito: porque as mãs, ainda que tambem iraõ com noſ-
co, iraõ como beleguins prendendo, como accuſadores
vituperando, e como algozes atormentando. Eſte he
hum oraculo expreſſo daquella celeſtial voz que ouvio C
S. Joaõ, e dizia: Bemaventurados os mortos que mor-
rem em o Senhor, jà daqui por diante diz o Eſpirito que
deſcancem de ſeus trabalhos, porque ſuas obras os ſe-
guem: *Opera enim illorum ſequuntur illos.* Deſôrte que
Apoc. 14. 13. as riquezas, as honras, os poſtos, e dignidades, os pa-
rentes, amigos, e ſervos, parece que ſeguiaõ ſeu Se-
nhor; porêm ficàraõ atraz: a Oraçaõ, os Jejuns, as Eſmo-
las, o exercicio da Humildade, Paciencia, e mais virtu-
des,

des, parece que ficavaõ atraz; porèm naõ he assim, senaõ que o vaõ seguindo atè o Ceo, e com elle ficaõ eternamente: *Opera enim illorum sequuntur illos.* A

Gravemente Eucherio Bispo de Leaõ de França, e discipulo de S. Agostinho, naquella sua famosa Epistola parenetica a Valeriano seu parente: *Nihil, ut puto, imò ut certò scio* (vay fallando dos grandes do mundo) *ex illis opibus, honoribus, regnis secum abstulerunt; nisi (si qua in his fuit) fidei pietatisque substantiam: sola hæc illos cæterarum rerum egenos, sola prosequitur; hæc abeuntes inseparabilis, & quasi fida comitatur.* Porque, como ensina o Doutor Angelico, assim como as nossas obras peccaminosas passaõ quanto ao acto, porèm ficaõ quanto ao reato: assim as que forem feitas em graça, e caridade dè Deos, quanto ao acto tambem passaõ, porém quanto ao merecimento permanecem na aceitaçaõ de Deos, que as ha de remunerar. Por isso S. Bernardo chamou a estas obras sementes da gloria eterna: porque assim como da semente procede o fruto, e no fruto se conserva a semente: assim das boas obras nasce a gloria, e na gloria estaõ vivas, e eternizadas essas boas obras: *Non transeunt opera nostra, ut videntur; sed temporalia quæque veluti æternitatis semina jaciuntur.* D. Thom. 3. p. q. 89. a. 4. ad. 1. B

As aguas do rio Anieno (Plinio lhe chama Anio, e os incolas hoje Teverone) levou a potencia Romana dentro a Roma rompendo montes, complanando valles, e erigindo arcos, por aqueductos de quatorze leguas. Escrevem isto os Historiadores por cousa notavel. Quãto mais notavel he, que as nossas boas obras exercitadas cá na terra as leve a graça de Deos de sorte que venhaõ a sair no Empyreo, e passando em poucos momẽtos como torrente, venhaõ depois, para recreação de quem as fez, arrebentar na eternidade, como fonte perenne? Quem tal imaginàra (preciso o ensino da Fè Catholica)? Passava o pobre; escondi na sua maõ a esmola: vi a imagem de hum Crucifixo; puz nella devotamente os olhos: era levado o Sagrado Viatico a hum enfermo; fuy o acõpanhando atè se recolher: passava a femea pouco honesta nos trajos, e nos passos; desviey della os olhos, C

por evitar o perigo. Andou depois o Sol de Levante a Poente dobando os dias, e de hum Tropico a outro os annos: vivi ſeſſenta, ou ſettenta: cerrou-ſe em fim o meu circulo, voltando para o meu fim, que he Deos, como de Deos ſahira, que foy o meu principio: la acho na ſua caſa eſperando-me eternizadas aquella eſmola, aquella devoçaõ, aquella mortificaçaõ da viſta, e amor á Caſtidade. Bendito ſeja Deos: ſó a ſua graça, que dignificou eſtas obras, podia levantar aqueductos taõ altos, que igualaſſem a terra com o Ceo, e o tempo com a eternidade. Por iſſo Chriſto nos exhorta a pedir, e aproveitar eſta graça, dizendo que della ſe nos formará depois huma fonte que ſalte atè a vida eterna: *Aqua quam ego dabo, fiet in eo fons aquæ ſalientis in vitam æternam.*

Joan. 4. 14.

Diſcreta reſpoſta de Oeniando Biſpo a Anaſtaſio Emperador hereje.

A

Deſta verdade, ſendo taõ certa, moſtrava eſtar eſquecido o impio Anaſtaſio Emperador, quando doloſamente convidava ao Santo Biſpo Oeniando ſe paſſaſſe ás partes da hereſia, que elle patrocinava. Porêm o Santo lha lembrou, pegandolhe da chlamyde, e dizendolhe deſenganadamente: Paſſa tu antes para os Orthodoxos; porque te aſſeguro que eſta Opa Real naõ ha de ir contigo depois da morte, & ſó te farà companhia a piedade, e habito das virtudes.

B

Zonaras tom. 3. Annalium.

Importa pois (e unicamente importa: *Porrò unum eſt neceſſarium*) fazermos neſta vida provimento, para acharmos na outra ſuſtento: quanto mais tivermos aqui ajuntado, tanto mais acharemos la guardado. Quem pouco ſemea pouco ſega: *Qui parcè ſeminat, parcè, & metet.* Particularmente ſe o Sol da noſſa vida jà declina para o Occaſo, e a paſſada foy conſumida em vicios, he neceſſario recompenſar aquella tardança com eſta preſſa, e fazer os dias cheyos do Juſto (*Dies pleni invenientur in eis*,) jà que fizemos os annos vaſios do peccador. Illuſtre exemplo a eſte propoſito o que ſe refere na Bibliotheca dos Padres antigos.

C

2. Cor. 9. v. 6.

Pſ. 72. 10.

Bibliioth. PP. tom. 27. fol. 625.

A

Hiſtoria memoravel, e antigua, da qual entre outras verdades Catholicas, ſe prova contra os ſectarios, a neceſſidade das boas obras para a ſalvaçaõ eterna.

NA Cidade de Carthago em Africa, nos tempos de Nicetas Patricio, houve hum Soldado Pretoriano, Alcayde de certo Magiſtrado mayor; o qual eſtragàra muito com peccados ſua primeira idade; e depois por occaſiaõ de huma geral peſtilencia, compungido, e temeroſo com a mortandade de tantos taõ repentinamente, ſe retirou com ſua mulher a huma quintinha nos arrebaldes. Porém, nem aqui o deixou o demonio proB ſeguir quietamente ſeus exercicios de devoçaõ, e penitencia: antes o fez cahir em adulterio com a mulher de hum ruſtico ſeu viſinho. Naõ muito depois adoeceu, e morreu de males: porque os da pena ſe proporcionaõ com os da culpa: *Per quæ peccat quis, per hæc & torquetur.*

O tempo deſte Nicetas, que foy filho de Gregoras tambem patricio, vem a lançar nos principios do Emperador Heraclio; porque o dito Nicetas o ajudou a entrar no Imperio, e extinguir a tyrannia de Phocas.

Os ſoldados pretorianos eraõ mais honrados, e mayor claſſe. Veja-ſe Ciceropro Cælio. Sap. 11. 17.

Havia em diſtancia de huma milha hum Moſteiro, cujos Religioſos rogados pela mulher do ſoldado o acompanháraõ, e enterràraõ na ſua Igreja à hora de Terça. Mas eſtando depois rezando Noa, ouviraõ huma laſtimoſa voz, que parecia ſahir daquella meſma ſepultura, e dizia: *Miſericordia, tende de mim Miſericordia.* Certificados mais, que daquella parte procedia aquelle gemido, acodem logo a revolver a campa, achaõ vivo o ſoldado.
C Huns o elevão da cova, outros lhe deſataõ as eſtrigas, outros lhe perguntão o que lhe ſuccedera, e todos admirados eſtavão pendentes da boca do redivivo eſperando novas do outro mundo. Mas elle podendo mal formar algumas palavras entre muitos gemidos, rogou que o levaſſem á preſença de Thalaſſio, Varaõ Santo que florecia entaõ naquellas partes. Levado alli com effeito, informáraõ a Thalaſſio do que tinha paſſado, o qual por tres dias continuou em darlhe as conſolações, e doutrinas em tal caſo

Eſte Thalaſſio foy Monge, e Presbytero, de nome celebre, de naçaõ Grego, ou pelo menos douto naquella lingua.

caſo oportunas, e no quarto o veyo a reduzir a que contaſſe o que lhe ſuccedera. Cuja relaçaõ acompanhada com pranto, e interrompida com ſuſpiros, foy a ſeguinte. A

Repreſentou Deos eſta alma por ſymbolos materiaes o que eſpiritualmente paſſa no juizo de qualquer outra em termos equivalentes.

Irmãos cariſſimos. Quando eu eſtava em paſſamento, e jà quaſi arrancando, vi diante de mim huns feros negros agigantados, cuja viſta me era mais odioſa, e inſofrivel, que qualquer outro tormento, e a alma conturbada, e medroſa ſe encolhia todo o poſſivel dentro de ſi meſma. Dahi a pouco vi dous mancebos fermoſiſſimos, e logo a minha alma ſaltou fóra do corpo, e ſe lhes poz nas mãos, e comecey a voar em ſua companhia por eſſas regioens aereas. Onde encontràmos varias tropas como de malſins, e cobradores, que cercavaõ os caminhos, e detinhaõ os paſſageiros. E havia tambem muitas como alfandegas, oũ meſas, cada hũa com ſeu Almoxarife, com B livro de razaõ; e pediaõ conta, huns deſte vicio, outros daquelle, cada qual do que lhe tocava, e ſem pagarem, naõ os deixavaõ paſſar adiante. Ninguem pôde explicar a ſeveridade, aperto, e miudeza com que faziaõ o ſeu officio.

Cada vez que eu empatava em algumas deſtas aduanas, via que os meus dous companheiros, metendo a maõ em humas bolſas, em que levavaõ todas as minhas obras boas que tinha feito, tiravaõ com que pagar aos cobradores, que pezavaõ tal por tal, palavra proveitoſa, por palavra ocioſa, verdade por mentira, applicaçaõ na reza por diſtracçaõ, e em fim virtude por vicio, com exacçaõ, e miudeza ſumma, e feito iſto paſſavamos livres adiante. Atéque chegámos á alfandega da luxuria, C que eſtava muy acima, e jà as minhas bolſas hiaõ vazias. Alli me agarràraõ os malſins, e me repreſentàraõ viviſſimamente na memoria quanto neſte vicio tinha delinquido, que era muito, e muy feyo; porque de idade de doze annos comecey a depravarme. Oh annos de minha perdiçaõ, e miſeria! Eſtava eu deſconſoladiſſimo, e deſanimado por ver tanta fealdade, de que naõ podia negar ſer o author. A iſto acodiraõ meus companheiros dizendo, que tudo o que pertencia a eſte ponto eſtava perdoado

doado de graça, quando deixára a Cidade, e me retirára
A a melhor vida. Porem da contraria parte replicáraõ,
que ainda depois da retirada cõmettera adulterio dupli-
cado de casado com casada. Neste passo os meus com-
panheiros, naõ achando nas bolças virtude que pôr con-
tra taõ grave peccado, deixaraõ-me alli como penhor, *Notese a gravezá do peccado de adulterio, que muitos taõ facilmente despresaõ.*
ou represalia, e se ausentáraõ.

E logo aquelles Ethyopes arrebatando-me furiosa-
mente me açoitáraõ, e derribaraõ em terra: a qual a-
brindo-se, fuy levado por humas cavernas medonhas,
por humas encrusilhadas subterraneas escurissimas, e a-
pertadissimas, até chegarmos ao Reyno da morte eterna,
onde com os miseraveis condemnados moraõ a tristeza
immortal, a dor inconsolavel, o pranto, o rugir dos leões
esfaimados, e finalmente a total ausencia de Deos ira-
do, e irreconciliavel. Dizer o que alli passa, sem que já
B mais possa passar por toda a eternidade, naõ cabe na lin-
gua humana; e por isso eu antes queria callarme. Cho-
rão os reprobos lagrymas, que queimão, e ninguem se
condoe. Ouve-se o bater de dentes, e naõ ha esperança
de remedio. Puxaõ do intimo do espirito huns gemidos
muy tristes, e prolongados, e naõ apparece o rosto da
misericordia; porque tudo alli he

Confusa multidaõ de ays, e clamores,
De atormentados, e atormentadores.

Aqui fuy arremessado como infame galeote, condenado,
segundo o que me parecia, ao mesmo remo da miseria
ultima, e interminavel: aqui a estive carpindo até que
C à hora que depois conheci ser de Noa, vi outra vez os
dous Anjos: a quem comecey a rogar com quanta instan-
cia pude, que me tirassem daquelle calabouço, para fazer
penitencia com que aplacasse a Deos, e satisfizesse por
meus peccados. De balde rogas (me responderaõ os An- *Deve-se entender que sairaõ as almas dos condenados para dar conta, e apparecer no juizo universal: porem tornaõ depois*
jos:) porque nenhum dos que aqui estão sairá senaõ no
dia da resurreiçaõ universal. Porém perseverando eu
todavia em pedir tempo de penitencia, e promettendo
de a fazer compridamente, disse hum dos Anjos para o
outro:

outro: Ficas por fiador deſte, que fará penitencia, ſe tornar ao mundo? Fico (reſpondeu elle,) e vi que lhe deu a mão, a qual o outro aceitou. E logo ambos me tiráraõ fóra, e trouxeraõ á terra, e me meterão dentro da ſepultura junto ao meu cadaver, dizendo: Entra donde ha pouco te apartaſte por divorcio. E a minha alma via a ſua natureza propria á ſemelhança de hum criſtal tranſparente, ou de hum diamante bem lavrado, e a do ſeu corpo, aonde havia de entrar, por modo de hum monteſinho de lodo eſcuro, e aſqueroſo ſummamente, e ſe lhe fez muy duro, e moleſto o preceito de entrar alli, e tornar a ſer moradora de tão triſte, immunda, e eſtreita caſa. O que vendo os Anjos, lhe diſerão: No corpo peccaſte, no corpo he preciſo que faças penitencia. A minha alma lhes requeria, que a deixaſſem ficar fóra: porêm elles reſponderão: Deſengana-te, que ou has de entrar aqui, ou tornar para aonde te trouxemos. Entrou então quaſi violentada. E comecey a clamar deſde a ſepultura, *Miſericordia*; que foy a voz que ouviſtes.

poes para o inferno juntamente com os ſeus corpos; porque ſerá confirmada a ſentença da ſua reprovaçaõ eterna.

O tornar eſta alma ao ſeu corpo nada tem contra a boa Theologia; porque a exceiçaõ naõ tira a regra, antes a confirma; nem a diſpenſaçaõ particular derroga a ley commua. Suſpendeu Deos a ſua ſentença final, & decretoria, pelos fins q̃ elle ſabe, como em outros exemplos tem feito; & lhe moſtrou o inferno, & o rigor de ſeu juizo, para que muitos ſe converteſſem.

Acabando o Soldado de referir a hiſtoria, o venerando, e piedoſo Thalaſſio lhe rogava, que comeſſe para ſuſtentar a vida, que Deos por eſpecial providencia quizera conceder lhe: porêm não o pode reduzir a iſſo, dizendo, que lhe era dada toda para penitencia. Dalli por diante andava de Igreja em Igreja, peito, e roſto por terra, e de quando em quando, levantando a voz lançava eſte horrendo pregaõ: *Ay dos peccadores, que naõ fazem penitencia! Oh que tormentos os eſperaõ! Ay dos peccadores que manchárаõ ſeus corpos com deleites torpes! Oh que inferno os eſpera!* Deſte modo perſeverou quarenta dias continuos, com notavel fruto dos que o ouviaõ, e ſabiaõ do ſuccedido; que naõ deviaõ ſer taõ duros de coraçaõ, como aquelles de quem o Patriarca Abraham diſſe ao rico Avarento, quando lhe demandava hum prègador ſahido do outro mundo para convertellos: La tem a Moyſés, e aos Profetas, e ſe a eſtes naõ daõ credito, tambem o naõ daràõ aos mortos reſuſcitados. Purificado em fim aquelle eſpirito com eſta ſaudavel quareſma de penitencia, havendo tres dias antes dito quando ſe havia de partir,

no

no ultimo delles se desatou do corpo felizmente.

A Deste maravilhoso caso consta notoriamente a verdade de que só as obras de cada hum o acompanhaõ ao passar deste mundo, e a importancia summa de que as obras boas prevaleçaõ ás peccaminosas. Naõ porque os peccadores se naõ salvem só cõ hum Acto de verdadeira contriçaõ, que façaõ no ultimo instante de sua vida, ainda que esta fosse toda consumida em offensas de Deos; nem porque muitos se naõ salvem com menos exercicio de virtudes, que de vicios, hũa vez que a morte os colhesse em estado de graça: senaõ porque o dom da perseverança final, e o auxilio efficaz para fazer esse tal Acto de contriçaõ Deos, que o naõ deve de justiça, (pois he mera graça sua) por ventura que o naõ dará, ou naõ costuma dar, senaõ attendendo às balanças de nossas obras, cõtrapesando a das boas com a das peccaminosas. Por onde importa muito empregar bem o tempo em carregar daquellas, e descarregar destas: porque acabando-se o dia, e entrando a noyte, já nem hũa, nem outra diligencia se pôde fazer, como nos aviza nosso Salvador: *Venit nox, quando nemo potest operari.* Quanto mais, que bem sabe cada hum os peccados que commetteo, ao menos em confuso, e sem offender a verdade daquelle Texto: *Delicta quis intelligit?* Quem entende os delictos? Porèm, se lhe estaõ já perdoados, ou se he digno do amor, ou do odio de Deos, isso totalmente ignora; e por conseguinte sempre lhe importa andar solicito em fazer cada dia mais, e mais certa a sua eleiçaõ, e salvaçaõ por obras santas como nos admoesta o Principe dos Apostolos. E ainda C no caso, que de certo soubesse estar em amizade de Deos, sempre deve procurar adiantarse nella; pois nesta vida naõ tem limite certo, (como erradamente affirmaraõ os Begardos, ou Beguinos, condenados no Concilio Viennense, que congregou o Papa Clemente V.) e conforme forem agora em hũa alma as riquezas da caridade, seraõ depois os gràos, e augmentos de sua gloria. Naõ desprezemos pois este terceiro amigo, (que he o exercicio de boas obras) pois elle só he o fiel, e verdadeiro.

B

Joan. 9. 4.

Pſ. 18. 13.

Eccle. 9. 1. Nescit homo utrũ amore vel odio dignus sit.

Eccli. 5. 5. De propitiato peccato noli esse sine metu.

2. Pet. 10. Fratres magis fatagite, ut per bona opera certam vocationem, & electionẽ faciatis. *Anno de* 1311.

XXV.

De Saõ Baſilio Magno.

SAbendo eſte Santo Doutor que certo amigo ſeu andava muy atribulado com huma couſa de importancia, que pendia em juizo, acodio à defenſa ſem ſer chamado, metendo-ſe por iſſo em grave riſco. E eſtranhando-lhe alguns a acçaõ, reſpondeo: *Naõ aprendi a amar de outro modo.*

CONFIRMAÇAM.

CAſſiodoro: *Neceſſitas amicum probat, & intimæ charitatis ardorẽ ſplendor exhibita ſubventionis elucidat.* Quando hum amigo entra em aperto, entra o outro em exame, e ſe a caridade ardia dentro quanto aos affectos, entaõ reſplandece fòra quanto às obras. Seneca: *Pro amico omnia timui, pro me nihil.* Por parte de meus amigos temi até o danno mais leve; pela minha nem o mais grave. Quando nos contratos ſe determina dia certo, naõ he neceſſaria para induzir obrigaçaõ em hum dos pacifcentes nova citaçaõ, ou requerimento do outro. *Dies interpellat pro homine*: o meſmo dia chama, e cita em lugar do homem. Aſſim deve ſer entre os que profeſſaõ amizade: já na eſpecie deſta virtude vay embebido, que ſe haõ de ſoccorrer mutuamente nas neceſſidades; e o meſmo dia da tribulaçaõ chama pelo amigo: *Dies interpellat, &c.* Aquelle homem do Euangelho, que indo de Jeruſalem para Jericó, cahio em mãos de ſalteadores, que o roubáraõ, e feriraõ, naõ lemos que pediſſe remedio ao Samaritano que paſſava: eſte meſmo porque conſiderou em ſi a obrigaçaõ da caridade, e no proximo a neceſſidade della, eſpontaneamente tratou da ſua cura, que pe-

diaõ

dião tantas bocas, quantas erão as das ſuas feridas. Quem
A dirá que o brado, que ſahe da meſma tribulaçaõ, e neceſ-
ſidade, não he mais alto, mais claro, e verdadeiro, que o
de qualquer voz humana? Eſperar rogos neſtes cazos he
deſmentir, e ſuppor fingida ou a tribulação alheya, ou
a amizade propria. Que damos aos amigos, mais do que
aos eſtranhos, ſe ſò rogados acodirem? As irmãas de La-
zaro não pedirão a Chriſto que vieſſe curallo: fizeraõ-
lhe a ſaber que eſtava enfermo. Em ſer o Senhor amigo
de Lazaro, e poder neſta tribulação valer-lhe, jà iſſo eſ-
tava pedido, e ſeria aggravo da boa vontade do Senhor
ſuppor que ſe eſpertava com rogos. Và o recado com a
noticia da enfermidade, porque não nos conſta, * que
della lhe conſte: o mais que toca ao poder valerlhe, pois
B he tão milagroſo, e ao querer valer-lhe, pois he tão ſeu
amigo, muito ha que o não ignoramos.

Amanti tantum modo nuntiandum fuit... ſufficit ut noveris. Aug. tr. 49. in Joan.
* Vide Maldonat. in Joan. 11. 21.

XXVI.

De Diogenes Filoſofo.

PErguntado Diogenes, que tratamento dava ElRey Dionyſio a ſeus amigos, reſpondeo: *Uſa delles como de vaſos; em quanto cheyos, deſpejallos; quando jà vaſios, deſpedillos.*

C

REFLEXAM, E SINONYMOS.



Onfórme a iſto o eſtado de Dionyſio era de Rey: mas a condição era de vulgo: porque:

Vulgus amicitias utilitate probat: Ovid. 1. de Ponto

Para com o vulgo a amizade avalia-ſe pela utilidade. Mandava Deos antiguamente, que ninguem entraſſe na ſua preſença com as mãos vazias, e ſem offertar couſa algũa: *Non apparebis in conſpectu meo vacuus.* Exod. 28. 15. O que Deos pedia aos homens para exercitarem

citarem a virtude da Religiaõ, pedem os homens huns aos outros para alimentarem o vicio da cubiça, e aſſim quem naõ ſacrifica, naõ entra; quem naõ traz, naõ appa- A
rece: *Non apparebis in conſpectu meo vacuus.*

Em quanto Job eſteve debaixo da maõ de Deos, nu, e pobre, e enfermo, raſpando com hum pedaço de telha a podridaõ de ſuas chagas, atè ſua propria mulher, e parentes ſe affaſtàraõ; nem appareceraõ là mais que tres dos amigos a perſeguillo mais com ſuas diſputas importunas, e calumnias falſas. Porém tanto que o Senhor lhe reſtituhio os bens em dobro: *Addidit Dominus omnia*
Job.ult.v.10.&11. *quæcumque fuerunt Job duplicia*, olhay para elles; que eylos lá vem todos ſem faltar hum; irmãos, e irmãas, parentes, e conhecidos: *Venerunt autem, ad eum omnes fratres ſui, & univerſæ ſorores ſuæ, & cuncti qui noverant eum prius, & comederunt cum eo panem in domo ejus.* Repare-ſe como ata bem aquelle *Addidit Dominus* com aquelle *Ve-* B
nerunt autem. Empobreceu Job? Vaõ-ſe os amigos: Melhorou de fortuna? Cá vem outra vez amigos. Mais vergonha tivera eu deſta vinda, do que daquella auſencia: porque o fugir do miſeravel he ſò falta de caridade: mas voltar a buſcallo quando venturoſo, he ſobra de cubiça, que confirma, declara, e carrega no ſinete, exprimindo a razaõ total, porque entaõ me auzentey, e agora torno. E ſenaõ vejamos a que tornàraõ eſtes homens a comer com elle, porque jà tem paõ que lhes dar: *Et come-*
Comparaçoens dos amigos que ſomente o ſaõ da noſſa fazenda. *derunt panem in domo ejus:* Quando alguem tem paõ em ſua caſa, tem tambem em ſua caſa amigos.

Eſta caſta de amigos, naõ meus, ſenaõ do meu tem varias ſemelhanças, que declaraõ mais a ſua falſidade. Huns diſſeraõ que ſe pareciaõ com os golfinhos, que acompanhaõ feſtivamente aos meninos que andaõ na- C
dando, em quanto ha baſtante agua onde elles poſſaõ nadar tambem: mas tanto que eſta falta, ſe retiraõ ao alto, porque naõ querem dar em ſecco. Outros os comparaõ ao corvo, qne tornou para a Arca, e companhia de Noè, ſò em quanto naõ achou cadaveres que comer, porque o diluvio eſtava ainda ſobre a terra. Outros os comparaõ ao azougue, q̃ ſe pega muito ao ouro, onde quer que lhe

dá

dá o faro delle: mas se o metem no fogo, em hum momento voa. Ha hoje muitos amigos azougados, que no
A tempo do fogo da tribulaçaõ logo fogem. Outros os assemelhaó ás formigas, que nunca andaõ pelos celleyros vazios:

Horrea formicæ tendunt ad inania nunquam:
Nullus ad amissas ibit amicus opes. Ovid. 1. Trist. 8.

Daqui se infere claramente, que naõ ha que fiar de amigos, antes de serem provados. O como se provaõ, disse discretamente Namertes, o qual louvado de que tinha muitos amigos, respondeo: *Sabeis vòs como se conta, e por onde se conhece quantos, e quaes saõ? Pela fortuna adversa.*

Scilicet ut fulvum (disse Ovidio) *spectatur in ignibus aurum,* Ovid. Ibidem.
B *Tempore sic duro est inspicienda fides.*
Dum juvat, & vultu ridet fortuna sereno,
Inde illibatas cuncta sequuntur opes.
At simul intonuit, fugiunt, nec noscitur ulli
Agminibus comitum qui modo cinctus erat.

Usaõ como os Samaritanos com os Judeos; que quando a estes hia bem, dizião ser seus parentes; quando mal, o negavaõ. Em tempos de David, e Salomaõ Reys poderosos, tinha Israel muitos confederados, e tributarios: tanto que decahio, e Jerusalem se arruinou, logo Jere-
C mias a lamentou, dizendo, que de todos seus amigos, naõ havia hum só que a consolasse. Na Cea atè Judas esteve com Christo: no Horto atè Pedro dormio, e depois o negou. Aquelle aleijado da porta do Templo Especioso, tinha os olhos fitos nos Apostolos, porque esperava, q lhe dessem alguma cousa: *At ille intendebat in eos, sperans se aliquid accepturum ab eis.* Se hum homem naõ tem que esperar de outro, nem os olhos poem nelle; e isto he outra aleijaõ, q quasi todos padecemos, sem della nos envergonharmos.

Joseph. lib. 11. Antiquit. c. ult.

Thren. 1. 2. Non est qui cõsoletur eam ex omnibus charis ejus.

Act. 3. 5.

Astucia de huma velha pobre para ser bem tratada de seu genro.

Bem estava (ainda que á sua custa) neste conhecimento certa mulher, que dera á sua filha em dote quan-

to poſſuhia, e depois aſſim ella, como o genro a deſpreſavaõ, e lhes aborrecia em caſa, como carga inutil. A
Vendo iſto a velha: Jà ſey (diſſe conſigo) como emendar o meu erro. Dalli por diante fingia que ſe furtava aos olhos dos domeſticos, para ſe retirar a certo apoſento interior, onde tinha hũa arca com muitas fechaduras, cujas chaves recatava: alli de noyte a horas eſcuſas com diſſimulaçaõ affectada, abria, valava, contava, e tornava a guardar, em lugar de patacas, pedacinhos de louça quebrada; eſpreitando entretanto ſe fora ſentida a meſma que o deſejava ſer. Tambem entre converſação deixava ás vezes cahir algũas palavras prenhes, que indicavaõ teſtamento feito, ou quantidade de ſuffragios, e eſmolas, ou louvor dos que poupàraõ para a ſua velhice, ou outras ſemelhantes. Do que tudo vieraõ a filha, e o genro a entender, que a velha tinha dinheiro eſcondido, B
e logo deliberáraõ dar-lhe bom trato, e falar-lhe com agrado, e ſogeiçaõ Tanto que chegou o ſeu dia, e paſſou deſta vida, foraõ muy ſofregos regiſtrar o que havia na arca, ſuave tormento de ſuas eſperanças: mas o que achàraõ entre os telhos, foy ſò hum papel com eſtas palavras: *Filhos meus, ſe os tiverdes, naõ vos eſqueçais de vòs no darlhes eſtado: eſte deſengano que tenho, vos deixo em lugar do dinheiro que naõ tenho.*

XXVII.

De Dionyſio Rey de Sicilia. C

DAmaõ condenado à morte impetrou ir primeiro a ſua caza diſpor algumas couſas, ficando em refens no carcete ſeu grande amigo Pithias, que a iſſo ſe offereceu debaixo da meſma pena, e com effeito Damaõ tornou fielmente ao tempo promettido. Vendo taõ rara, e verdadeira amizade ElRey Dionyſio o mais velho, diſſe-

diſſelhes: *Eu perdoo o crime a troco de que me ad-*
A *mittais tambem por voſſo amigo.*

REFLEXAM.

TOdos tres obraraõ generoſamente: Pithias ſogeitando-ſe ao perigo da morte pelos commodos de Damaõ: Damaõ entregando a vida propria por livrallo deſſe perigo: Dionyſio perdoando o crime de hum a troco da amizade de ambos. Se Pithias ſe naõ offerecera ao carcere, naõ lográra Damaõ o heroico lance de tornar a elle; e porque tornou ao carcere, para perder a vida como criminoſo: ſahio delle, para melhor a lograr como amigo do Rey. Differentes, e admiraveis titulos de contrato houve na correſpõdencia deſtas tres Partes; Pithias fez as vezes de penhor; Damaõ as de paga; Dionyſio as de doaçaõ, e compra; de doaçaõ, porque naõ arrecadou a divida da juſtiça legal; de compra, porque por eſſa via adquirio a poſſeſſaõ de taõ precioſos amigos. Em Pithias reſplandece a confiança, que fez de Damaõ: em Damaõ a lealdade, com que deſempenhou a confiança de Pithias em Dionyſio a diſcriçaõ, com que premiou a fê de hum para com o outro, e ſolicitou para ſi a de ambos. Mais preſo eſtava Damaõ fôra do carcere pela ſua palavra, do que nelle pelo ſeu delicto, e Pithias mais ſeguro nas cadeas ſobre a fidelidade de Damaõ, do que fora dellas ſobre a liberdade propria. Se Damaõ naõ tornaſſe, perdia Pithias a vida, mas naõ a honra, e fama;
C antes tanto mais a augmentaria: quanto vay do empenhar ao pagar, e do affecto expoſto, ao effeito poſto, e ſe perdia tambem a hum amigo, pouco importava já q̃ o perdeſſe, pois elle ſalvando a vida propria á cuſta da alheya, naõ era fiel, e eſtimando menos a honra do que a vida, naõ era ſeu igual, e naõ ſendo fiel, nẽ ſeu igual, naõ era para amigo. Porèm Damaõ tornando, moſtrou ſer fiel, e igual a Pithias: ſalvou a honra propria, e a vida de ambos: a do amigo, repondo a ſua; a ſua, lucrando com eſte lance ſegundo amigo. Se hum Rey da terra

gentio, e peccador ſe agradou tanto de hum lance de caridade, que por elle perdoou delictos: o Rey dos Ceos piiſſimo, e ſantiſſimo, como naõ perdoarà noſſos peccados, movido da que tivermos com noſſos proximos? A
Prov. 10. 12. *Univerſa delicta operit charitas.*

XXVIII.

De Fernando II. Emperador.

VIera à ſua Corte certo Principe de Italia pretẽder a inveſtidura de hum rico feudo. Travàraõ entre ſi amizade taõ eſtreita, que todos davaõ por certo o bom exito da pretençaõ. Viſto porèm o merecimento da cauſa, negou-lhe o Emperador a mercè. Diſſeraõ-lhe alguns Corteſaõs: Como ha V. Mageſtade Cezarea tratar daqui por diante a eſte Principe? Reſpondeo: *Do meſmo modo que atèqui: porque nem eu pela amizade podia deſviarme da juſtiça: nem elle pode interpretar, que a juſtiça he falta de amizade.* B

CRISE.

Eccli. 41. 20. Ibidv. 2. 3.



Entença he do Eccleſiaſtico: que naõ he louvavel pejarſe hum de naõ obſervar algũs reſpeitos; porque nem tudo o bom agrada a todos: *Non eſt enim bonum omnem reverentiam obſervare, & non omnia omnibus beneplacent in fide.* E logo apontando varios caſos, em que he honeſto o pejo, conta entre elles o fazer hum injuſtiça a favor do amigo, ou ſocio, que della lhe conſta: *Erubeſce a ſocio & amico de injuſtitia.* Por onde, taõ longe eſtava eſte Emperador de ſe achar alcançado por naõ deferir à petiçaõ daquelle amigo; que antes teria juſta razaõ de envergonhar-ſe em ſua preſença ſe lhe deferira. C

Com

Com todos os homens manda o Apostolo, que conservemos paz, e amizade: mas prevendo logo, que naõ poderia isto ser, quando o proximo pede cousa injusta, accrescentou: Se for possivel, e quanto he da vossa parte: *Si fieri potest, quod ex vobis est, cum omnibus hominibus pacem habentes.* Porque assim como he certo o adagio: de que quando hum naõ quer, dous naõ baralhaõ; assim o naõ he menos estoutra sentença; que quando hum naõ quer, dous naõ concordaõ. Publio Rutilio Cidadaõ Romano, negou a hum seu amigo certa cousa injusta, que este lhe pedia. Disse este, dando-se por aggravado: Para que quero eu logo a vossa amizade, senaõ fazeis o que vos peço? Respondeu Rutilio: E eu para que quero a vossa, se me pedis cousa injusta? *Nulla excusatio peccati* (disse Cicero,) *si amici causa peccaveris: nam cùm conciliatrix amicitiæ virtutis opinio fuerit, difficile est amicitias permanere, si à virtute deflexeris:* Naõ he desculpa do peccado o fazerse por respeito do amigo: porque, se quem vinculou os animos foy a opiniaõ mutua da virtude; quebrando esta, como ficaraõ unidos? O mesmo em outra parte: *Hæc in amicitia lex sanciatur, ut neque rogemus res turpes, neque faciamus rogati:* Esta ley da amizade se estabeleça, e observe: Petiçaõ do que naõ he honesto, nem a façamos, nem a despachemos. Duas pedras de Cevar, juntas conservaõ, e augmentaõ a sua virtude. Mas he de notar, que naõ devem ajuntarse, virado o polo de huma para o da outra; porque entaõ se enfraquecem, e falsificaõ: senaõ virados os polos de ambas para o Ceo. Se hum amigo attende só a condescender com a condiçaõ do outro, naõ crescem na virtude, antes se pegaõ os defeitos: porèm se ambos se unem no respeito, e observancia da Ley de Deos, e caminho do Ceo, entaõ se ajudaõ, e reforçaõ grandemente.

Rom. 12. 18.

Discreta resposta de hum amigo a outro desarresoado.

P. Kirker l. 1. Art. magneticæ part. 2. theoremate 5. & 6.

XXIX.

De Luiz XII. Rey de França.

HAvendo eſte Principe alcançado em Italia aquella celebre vitoria de Ravenna, e ſabendo que na batalha morrera Gaſtaõ Fuxeo ſeu ſobrinho, Duque de Nemurs, grande ſoldado, e General do ſeu Exercito, abſteve-ſe das demonſtrações de goſto, que convinhão a vencedor, e diſſe com affecto de ſentimento: *Deſtas vitorias deſejo eu a meus inimigos: ſe deſte modo vencemos outra vez, ſomos vencidos.*

CENSURA.

Odorie. Rayn. to. 20. Continuat. Annal. Anno Domini 1512. n. 20. Guiciard. lib. 9.

SUccedeu eſta batalha dia de Paſcoa de Reſurreiçaõ onze de Abril de mil e quinhentos e doze, com taõ empenhado furor de ambos os campos, e taõ laſtimoſa inundaçaõ de ſangue Catholico, q̃ ſe ſe uniſſem as forças contra o Imperio Mahometano, puderaõ expugnar boa parte delle. Morreraõ dos Heſpanhoes (que defendiaõ as partes do Papa Julio II.) doze mil ſoldados velhos bem provados em Africa, e dos Francezes ſete mil, em que entrou a flor do eſforço, e nobreza do Reyno. Donde ſe moſtra, que o dito de Luis XII. naõ devia referirſe ſô ao ſentimento pela morte de ſeu amigo Fuxeo, ſenaõ tambem à de tantos, e tão illuſtres Cabos; com que o tempo mais proprio era de lutos, que de galas, e de exequias, que de triunfos.

De Filippe Rey de Macedonia ſe eſcreve, que havendo vencido em Cheronèa a Arquidamo filho de El-Rey de Lacedemonia Ageſilào, lhe eſcreveu huma carta mais ſoberba, e picante, do que permittem as boas leys

da

da modeſtia, que devem obſervar os vencedorès, vencendo a ſua meſma vitoria, e reprimindo os primeiros
A impetos ferozes, que coſtumaõ acompanhalla, conforme aquillo de Seneca. Plutarch. in Laconicis.

Victor feroces impetus primos habet. Senec. in Troade.

Ao que reſpondeu Arquidamo, que ſe elle vencedor mediſſe a ſua ſombra, havia de achalla tamanha como era de antes. Porèm no noſſo caſo, ſe El-Rey de França mediſſe a ſua depois deſta vitoria, muito menor a acharia; porque deſde entaõ naõ aſſombrou mais a Italia, e ao Pontifice Romano: o qual lhe abrogou o glorioſo titulo de Chriſtianiſſimo, que depois ſe lhe reſtituhio; o qual no anno de 740. tinha Gregorio III. concedido a Carlos Martello, e o paſſou a ElRey de Inglaterra, mais benemerito da Igreja naquelle tempo. Se bem já muito antes o meſmo titulo de Chriſtianiſſimo tinha dado o
B Papa Leaõ II. a Everigo Rey de Heſpanha, e Alexandre III. a ElRey de Sicilia, e os Concilios Bracarenſe, e Toletano a Recaredo tambem Rey de Heſpanha, e S. Ambroſio ao Emperador Graciano. Palavicinus lib. 2. Hiſt. Conc. Trid. c. 1. Bullar. Caſſin. to. 2. Conſtit. 185. Rodericus Sancius in illius vita. D. Ambr. epiſt. 26.

O dito ſentencioſo de Luis XII. em parte foy o meſmo, que o de Pyrrho famoſo Rey dos Epirotas, em parte ſemelhante aõ de Amurathes Emperador dos Turcos. Porque o primeiro havendo duas vezes vencido aos Romanos cõ grande eſtrago dos ſeus diſſe: Se vencemos mais outra vez, ſomos de todo vencidos. E o ſegundo alcançando junto ao mar Pontico vitoria contra Ladislão Rey de Ungria, e Joaõ Huniades, pelo preço cariſſimo de quarenta e duas mil vidas dos ſeus Capitães, e ſoldados, foy muy triſte, e queixoſo dizer ao ſeu Mafoma:
C Que daquellas vitorias, pediſſe elle muitas para ſeus inimigos. Plutarch. in Pyrrho. Sabellius l. 8. c. 5.

A

TITULO V.

AMOR DIVINO.

XXX.

Do Serafico Padre S. Francisco. B

PErguntado huma vez, como podia tolerar os rigores do Inverno com tão rota, e pobre tunica, respondeu: *Se a chãma da Celeste Patria nos forrára por dentro, facilmente supportariamos mayores frios.*

REFLEXAM, E APOSTROPHE.

CHãma da Celeste Patria he o Amor de Deos; como pelo contrario o amor sensual he chãma do infernal abysmo. E o coraçaõ de quem ama a Deos he o lar onde o Espirito Santo acende esta chãma: *Cor amantis* (disse S. Boaventura) *caminus est Dei inflammantis.* Naõ só he lar, senaõ tambem os carvões, que este Divino fogo investe cõ sua doce violencia, e reveste de sua pura semelhãça: *Carbones succensi sunt ab eo*, disse o Psalmista: *Hoc est* (explica S. Isidoro Pelusiota) *Sancti viri â Deo. Quoniam enim Deus noster ignis consumens est; idcirco qui per animi puritatẽ Deum contèplantur, carbones non abs re appellantur.* Porèm note-se, q̃ naõ disse o Santo q̃ esta chãma do Amor Divino o forra-

C

Ser. 2. feriæ 2. post Pascha.

Ps. 17. 9.
Lib. 1. epist. 2. Dorotheo.

o forrava por dentro: senão, que os que ella forraſſe não
ſentirião frio. Porque aſſim fallava mais humilde, e a-
A quella chãma, como tão pura, não lança fumos, e co-
mo he tão interior, cobre-ſe com cinzas.

Que do ſagrado fogo do Amor Divino, quando eſtá muy apoderado da alma, redunde tambem no corpo calor material, ha frequentes exemplos nas vidas dos Santos. A Virgem, e Doutora S. Catharina de Sena, pela continua, e proxima viſinhança de Deos, que lograva no trato familiar com ſua Divina Mageſtade, andava tão abrazada, que nem no coração do Inverno conſentia ſenão veſtidos muy poucos, e ſingellos. Tereſinha de JESUS (de quem acima fizemos menção) pegando nas mãos de hum menino em huma manhãa de Inverno, diſſe-lhe muy amoroſa, e compaſſiva: Tendes frio, minha
B vida? pois vinde cà para diante do Santiſſimo Sacramento, que alli aqueço eu. Meu glorioſo Padre S. Filippe Neri, ainda depois de velho trazia o peito deſabrochado, e tomava ar á janella em manhãas rigoroſas, e mais já o ſeu coraçaõ tinha aberto em duas coſtellas quebradas, aquelle admiravel reſpiradouro, por onde deſafogava. S. Joaõ Conego Regular, e Prior no Moſteiro de Bridlingthonia em Inglaterra, celebrava com tanto fervor de eſpirito, que ſe viaõ ſubir da ſua cabeça fumaças como de agua quente. S. Ignacio de Loyola ao ſair da Oraçaõ, trazia *ex conſortio ſermonis Domini* o roſtro deſpedindo chãmas vivas. O B. Stanislao Koska Noviço da Companhia de JESU (e já veterano no ſeu amor) applicava ao peito pannos molhados em agua fria, para o
C refrigerar dos ardores, que da viva fornalha de ſeu amante coração emanavão. Aquelle portento de contemplaçaõ, e penitencia S. Pedro de Alcantara muitas vezes metendo-ſe em tanques frios, fazia com o calor do frio ferver a agua. Daquella por muitos titulos illuſtre Dominica Napolitana Maria Villani já deixamos em outro lugar eſcrito, que para mitigar o exceſſivo calor de ſuas entranhas, cauſado dos incendios do Divino Amor, em que ſeu eſpirito Serafico felizmente ſe abrazava, bebia tal vez doze canadas de agua, e eſta ao cair dentro

No Apophthegma VIII.

Odorico Reynaudo na continuaçaõ dos Annaes, anno 1378.

P. Blanc. in Pſ. 38. v. 4.

Fr. Antonio Jacinto Zuazo, na vida deſta ſerva de Deos livro 2. c. 10. & livr. 3. c. ultimo.

dentro chiava, como ſe a lançaſſem ſobre algum forte brazido; e quando depois de morta foy neceſſario tirar-lhe as entranhas para embalſamarſe o corpo, o Cirurgiaõ, que attendia a eſta diligencia, ao pegarlhe incautamente do coraçaõ, fugio logo com a mão, porque ſe eſcaldava. Sejaõ pois, ou naõ ſejaõ fabuloſas as Pyrauſtas de Eſcaligero com Ariſtoteles, e Plinio, aves que dizem viver no fogo, e do fogo, e eſpirar em labindo delle; aqui as temos mais certas, e por modo mais admiravel, e ſublime. A

Scalig. exercit. 23. & 129. n. 4. Ariſt. lib. 5. de hiſt. Animal. c. 19. Plin. l. 6. c. 36. & 38.

Mas, oh que viva, e picante reprehençaõ temos neſtes exemplos todos os que no Amor de Deos eſtamos mais frios, que o Norte enregelado! Deſte Norte procedem todos os males da noſſa alma: *Ab Aquilone pandetur omne malum.* E deſte frio tão reconcentrado em noſſo coraçaõ, evidente final ſaõ as ancias, e fadigas com que buſcamos as couſas terrenas para nos arrouparmos com ellas: *Quid enim* (diſſe S. Gregorio) *ſunt terrena omnia, niſi quædam corporis indumenta?* E o peyor he, que quanto mais nos arroupamos, mais frio ſentimos, e queira Deos ainda aſſim, que o ſintamos. Grande couſa he ſer pobre de eſpirito, para ſer de eſpirito fervoroſo: nem ha mais util diligencia para aquecer, do que deſpir. *Quantos*, (diz o noſſo V. Padre Bartholomeu do Quental em hum ponto das ſuas Meditações) *que ſerviaõ a Deos com fervor, em quanto ſe conſervavaõ em pobreza de eſpirito, depois creſcendo as riquezas, e multiplicando os veſtidos, eſfriáraõ no ſerviço de Deos; porque os veſtidos, que aquentáraõ o corpo, eſfriáraõ o eſpirito!* E hum Poeta, naõ dos do tempo, que fazem mais cabedal de folhas, que de frutos, diſſe: B C

Medit. 1. da Paixaõ, ponto 3.

Son los pies de Amor Divino
Religion, y Caſtidad:
Mas quien no lleva contino
Deſcalça la voluntad,
No viene por buen camino.

Ledeſma nos conceitos eſpirituaes.

Amar a Deos, naõ he outra couſa, que ſeguir a Chriſto com a noſſa cruz atè o Calvario, e ſe nem a cruz mate-

rial

rial pòde levar o Emperador Heraclio, antes de ſe deſ-
pir, e deſcalçar, como poderemos nós levar a eſpiritual,
A indo taõ veſtidos, e calçados? Figura de Chriſto foy
o Capitaõ Jephté: e a eſte diz a Eſcritura que ſe aco-
lheraõ, e aggregáraõ os pobres, e vazios de bens terre- Judicum 11. 3.
nos: *Congregatique ſunt ad eum viri inopes.* Outra letra:
Collecti ſunt ad Jephte homines vacui: Se Joſeph naõ lar- Gen. 39. 12.
gára a capa nas mãos da infiel Egypcia, naõ ſey ſe guar-
daria fé a ſeu Senhor Putiphar. Pela capa nos pega o
mundo; pelos veſtidos, riquezas, e commodidades nos
attrahe: a alma, que naõ quizer ſer adultera em offenſa
de ſeu legitimo Eſpoſo o Amor Divino, largue eſſa ca-
pa, e fuja: *Ut evadas Ægyptiam dominam*, (diſſe Saõ Je-
ronymo) *ſæculi pallium derelinquis.* Finalmente o Eſ- In conſolatione
pirito Santo he ſymbolizado na letra Hebraica *Mem*, ad Julianum.
que ſe interpreta *Ignis ex ultimis*. Fogo procedido dos
ultimos; iſto he, como expõem Paſcaſio Rathberto,
B fogo, que conſumidas já as ultimas fezes do peccado, e Lib. 1. in Threnos.
concupiſcencia, entaõ ſe atêa mais copioſo, entaõ reſ-
plandece mais claro, entaõ rompe fóra mais activo. Aſ-
ſim ſuccedia àquelles Santos, cujos exemplos allegà-
mos. Porèm naquelles peccadores, em que eſte fogo,
nem ainda começou a desbaſtar as primeiras, e mais
groſſas materialidades, como pòde moſtrar fóra aquella
luz, e efficacia, que procede das ultimas já vencidas:
Ignis ex ultimis?

XXXI.

De S. Maria Magdalena de Pazzis.

C

DAndo huma Noviça conta de conſciencia a
eſta ſua eſpiritual Meſtra, diſſe-lhe como
na Oraçaõ ſe havia detido em ponderar o amor,
com que noſſo Senhor JESU Chriſto inſtitu-
hira o Santiſſimo Sacramento; e que naõ havia
podido paſſar com a conſideraçaõ adiante. Reſ-

pon-

pondeu a Santa: *Quando ſe pàra no Amor, naõ ſe póde andar mais avante: mas naõ ſe deve parar no Amor.* A

EXPLICAÇAM, E DOUTRINA.

QUiz dizer, que todas noſſas meditações, e exercicios eſpirituaes ſe ordenaõ ao nobiliſſimo fim de amarmos a Deos, como linhas que deſde a periferia ſe dirigem ao centro: porêm como eſte Senhor he infinito bem, e eſte centro he immenſamente profundo, ſempre devemos inſiſtir em amallo, e unir com elle o noſſo eſpirito mais, e mais. Attendendo â primeira parte deſta doutrina diſſe S. Agoſtinho, que o Amor de Deos era aquella perola, por cujo alcance, e logro deu o mercador prudente todas ſuas couſas, porque ella ſò lhe baſtava: *Hæc eſt charitas, quam ſi ſolam habueris, ſufficit tibi.* Attendendo â ſegunda diſſe S. Bernardo, que o modo de amar a Deos era amallo ſem modo; iſto he, ſem limitaçaõ, nem medida: *Modus diligendi Deum eſt diligere ſine modo.* Matth. 13. 46. B

A ſeus Diſcipulos diſſe Chriſto, que ficaſſem no ſeu Amor: *Manete in dilectione mea*; e aos ſeus diſſe S. Paulo, que andaſſem neſte Amor: *Ambulate in dilectione.* Por ventura ſaõ eſtas lições encontradas? Naõ por certo, ſenaõ muy conformes. Porque no Amor de Deos de tal modo havemos de andar para chegarmos, que nelle fiquemos depois de haver chegado: antes eſte meſmo ficar no amor he ir andando; aſſim como eſte meſmo ir andando he ficar no amor. Os impios faltaõ até à principal deſtas obrigaçoens, naõ andando; iſto he, naõ buſcando o Amor de Deos: os tibios faltaõ á outra, naõ ficando, iſto he, não perſeverando em buſcallo mais. Pois para que não incorramos na impiedade de huns, nem na tibieza de outros, andemos para o amor, e no amor fiquemos ainda andando: *Ambulate in dilectione: Manete in dilectione mea.* Deſte modo ſeremos Santos, como manda o Senhor no Levitico: *Sancti eſtote:* e cada dia mais Santos Joan. 15. 9. Epheſ. 4. 2. C Levit. 11. 44.

tos como pede no Apocalypse: *Sanctus sanctificetur adhuc:*
porque se ser hũa alma santa, naõ he outra cousa do que Apoc. 22. 11.
A amar a Deos; ser mais santa, que ha de ser, senaõ amallo
mais, e mais? Este pois amar a Deos sempre mais, e
mais he o modo de o amar sem modo; verificando que a
natureza do amor he como a do fogo, o qual naõ toma
na sua lingua a palavra *Basta: Ignis verò nunquam dicit*, Prov. 30. 16.
sufficit: he parar no amor, sem no amor parar; parar, por-
que ficamos, *Manete in dilectione*; naõ parar, porque va-
mos andando, *Ambulate in dilectione.*

Desta doutrina certa se mostra o erro estultissimo, *Aviso importante*
e clara illusaõ dos que orando se deixaõ ficar ociosos, *neste tempo, para os*
confundindo nesciamente a simplicidade da fê com o *que oraõ mentalmẽ-*
pasmo da ociosidade; e parecendolhes, que quanto mais *te.*
parados se achaõ na cova do quietismo, tanto mais vaõ
caminhando pelas regioẽs do amor. Tanto he isto orar,
B como he subir o descer: porque orar naõ he outra cou-
sa, que subir o espirito a Deos: *Oratio est ascensio mentis* D. Aug lib. de spi-
in Deum, e o espirito destes illusos, em vez de subir a ritu, & anim. c. 50.
Deos, desce para si mesmo. E estando assim consigo Veja-se Rusbro-
mesmo, tem a peyor companhia que pòde ser: porque se quio in tractatulo
na solidaõ verdadeira falla Deos com a alma (*Ducam* de quatuor subti-
eam in solitudinem, & ibi loquar ad cor ejus): na falsa, falla libus tẽtationibus
a alma consigo, e juntamente com o demonio, que he a tentatione 4.
serpente que morde em silencio: *Si mordeat serpens in si-* Ose. 2. 14.
lentio. Naõ lhe pareça (assim o protesto da parte da ver- Eccle. 10. 11.
dade) que està só, e quieto, quem deste modo està quie-
to, e sô. Està como Jerusalem quando a lamentou Je-
remias assentada, e solitaria, porêm cheya de povo: *Quo-* Thren. 1.
modo sedet sola Civitas plena populo? Assentada porque hũa
C das manhas destes illusos he assentarse logo na Oraçaõ
sem precisa necessidade: solitaria, porque nada cuidaõ
de Deos, util para a sua reforma, e salvaçaõ, e com tu-
do cheya de povo, porque he impossivel q̃ as potencias
internas cessem por industria humana de produzir os
seus actos vitaes, que na fantasia ainda saõ mais loucos, e
inquietos. Assim interpretou no sentido mystico este
lugar o Doutor Seraphico: *Anima plena est populo innu-* D. Bonavent. in c.
merabilium phantasmatum, & sola est dum nihil cogitat Dei. 1. Thren.

Oh

Oh alma enganada, oh lamentavel Jeruſalem! Naõ te vires para ti meſma, vira-te para teu Deos, e Senhor: *Hieruſalem, Hieruſalem, convertere ad Dominũ Deum tuũ.* A

Naõ foy aſſim a oraçaõ de Santa Maria Magdalena de Pazzis. Suppoſto que por eſpaço de cinco annos continuos lhe ſubtrahio Deos a devoçaõ ſenſivel, e todo o arrimo das conſolações eſpirituaes, ſempre a ſcintilla do ſeu eſpirito ſe conſervou viva, e ardente, porque a maõ de Deos occultamente a defendia, e fomentava. Hum dos Progenitores da nobiliſſima familia dos Pazzis tomando a Cruz no anno de 1098. e indo com o famoſo Gofredo de Bulhões à reſtauraçaõ da Terra Santa, foy o primeiro que animoſo ſubio as muralhas de Jeruſalem: pela qual façanha aquelle Capitaõ General lhe deu a Coroa Mural (que era de ouro) q̃ elle juntamente com o fogo Sagrado trouxe depois conſigo, e depoſitou para memoria no templo de S. Braz, onde atè o preſente ſe conſerva. E he eſtilo deſta meſma familia, em todos os Sabbados de Alleluya, tirarem com ſolemne rito deſta pedra chamada fogo Sagrado, o com que ſe acendem as alampadas, e mais luzes da Igreja, e o levaõ com grande acompanhamento de todos os parentes da caza à Igreja Metropolitana. O Sagrado fogo do Amor Divino procedido da Pedra Chriſto, de tal ſorte acendeo a alampada deſta prudente Virgem, que nunca mais ſe extinguio, por muito que a combateraõ os rijos ventos das contradiçoens, e trabalhos exteriores, e interiores, e aſſim cõ ella aceza, e de cada vez mais clara, e reſplandecente ſubio as muralhas, e portas da Jeruſalem triunfante, para cantar alli as Alleluyas da Paſcoa eterna. B C

Vguellus tom. 3. Italiæ ſacræ agens de Rainerio Epiſcopo colũna 113.

Varinus l. 3. penes Papebrochiũ die 25. Maij pag. 179.

DIGRES-

A

DIGRESSAM

De quanto importa aos que seguem a vida espiritual dar conta de consciencia a seus Directores.

AConta de consciencia dada aos Mestres, e Directores espirituaes, he necessaria a todos os que de veras desejaõ aproveitar na virtude: como Moysés foy necessario aos Israelitas para atravessarem o deserto, e entrarem na Terra de Promissaõ; e como o Anjo S. Raphael foy necessario a Tobias o moço, para salvar os perigos da sua peregrinaçaõ, e voltar della prosperamente. E porquê vejo que no presente tempo ha muitos, que querem ser Santos ao seu modo, e chegar a Deos sem sairem de si, descuidando-se de applicar os meyos ordinarios para o fim pretendido: julgo por necessario demonstrar-lhes a certeza, e importancia deste ponto, cuja praxe com grande dano, e perigo seu poem em esquecimento. O que farey com as razoens seguintes.

B

1 Que a principal regra dos acertos de nossas accoens, he o dictame, e luz das Sagradas Escrituras, e estas com sufficiente clareza nos insinuaõ a necessidade de Padre espiritual para aproveitar nas virtudes. Porque nellas vemos, que podendo Christo Salvador nosso ensinar per si mesmo a Saulo, e a Cornelio Centuriaõ, e ao Eunuco da Rainha Candaces: com tudo remetteo o primeiro a Ananias que habitava em Damasco, e o segundo ao Apostolo S. Pedro que estava em Joppe; e ao terceiro deparou milagrosamente quem lhe declarasse as Profecias, que foy S. Filippe Diacono: exemplos, que para provar este intento, traz Gerardo Zutphanience, varaõ naõ menos douto, que pio. E jà antiguamente em significaçaõ desta verdade ordenava Deos, que os Sacerdotes distinguissem entre lepra, e lepra: que he o mesmo espiritualmente, que agora fazem os

C

Act. 9. 7.
Act. 10. 5.
Act. 8. 29.

Lib. de spiritualibus ascensionibus c. 15.

Levit. 8. & 14. Deut. 17. 8.

os Confeſſores, e Directores diſcernindo os vicios, e julgando dos eſpiritos, vocaçoens, e tentações, em ordem á mayor limpeza, e ſaude da alma. Ao meſmo propoſito faz aquelle texto dos Cantares, onde a Eſpoſa diz, que encontrou com as ſentinellas, ou guardas que rondaõ a Cidade, das quaes ſe informou ſe tinhaõ viſto o ſeu Amado, a quem buſcava, e logo mais adiante o achou. Sabeis vòs (diz expondo eſte lugar o glorioſo S. Bernardo), que ſentinellas ſaõ eſtas de quem a Eſpoſa toma informaçaõ para encaminhar ſeus paſſos ao alcance que deſeja? Saõ os Directores, e Meſtres de eſpirito. Por tanto tome della exemplo quem buſca a Deos, reparando que o naõ achou, ſenaõ depois deſtas perguntas: *Videant proinde qui ejuſmodi ſunt, quomodo cautè ambulent, & de Sponſa exemplum ſumant, quæ non prius ad eum quem deſiderabat, ullo modo valuit pervenire, quam ſibi occurrerent quorum magiſterio uteretur ad cognoſcendum de Dilecto.* E logo accreſcenta: *Seductorì dat manum, qui dare diſſimulat Præceptori.* A maõ dá ao demonio que o engane, quem diſſimula dalla ao Meſtre que o governe.

A

Cant. 3. 3. Invenerunt me vigiles qui cuſtodiunt civitatem: Num quẽ diligit anima mea vidiſtis? Paululum cum pertranſiſſem eos, inveni quem diligit anima mea.

D. Bern. ſer. 77. ſup. Cant.

B

2 Que os Santos Padres, e Doutores ſagrados affirmaõ conſtantemente ſer neceſſario Director eſpiritual para caminhar com mais ſeguros, e felices progreſſos. *Igitur* (diz o allegado Gerardo dando diſſo teſtemunho) *cum aſcenſiones in corde diſponis, calum aſcenſurus, ductorem tibi elige hominem ſpiritualem, cujus eruditione, cujus monitione, & examinatione omnia tua exercitia perficere ſtudeas, & adimplere. Hæc eſt doctrina tutiſſima, & SS. PP. ſententia antiquitus approbata.* Mas ouçamos em particular alguns deſtes Santos, e outros allegaremos mais abaixo. S. Baſilio Magno diz aſſim: *Si Dei munere talem quempiam virũ inveneris, Magiſtrum bonorum operum, hoc apud te conſtãter teneto, ut nihil omnino quicquam præter illius ſententiam facias. Quidquid enim eo inſciente facis, id furtum, ac ſacrilegium eſt, tibique exitium, non autem utilitatem ullam apporiat.* Quer dizer: Se tù por beneficio de Deos achaſte algum Varaõ idoneo para o magiſterio dos Santos exercicios, aſſenta contigo firmemente eſte propoſito, que nada totalmente obres fòra da ſua direcçaõ, e parecer.

Loco ſupra citato

In ſermone commonitorio ad cõplexum monaſtici propoſiti.

C

Por-

Porque tudo o que fizeres ás ſuas eſcondidas, he como furto, e ſacrilegio, e taõ longe eſtá de te ſair em proA veito, que antes te cauſará ruina.

S. Dorotheo ponderando aquella ſentença do livro dos Proverbios: *Ubi non eſt gubernator, populus corruet: ſalus autem ubi multa conſilia.* Onde falta quem governe, padecerá ruina o povo: mas onde houver muitos conſelhos, ſerá ſalvo: diz aſſim: *Cavere nos admonet, ne nosmet-ipſos informemus, ne nos ſciolos habeamus, ne perſuadeamur eſſe nos ſatis nobis ad regimen noſtrum; opus enim nobis eſt auxilio præter Deum, opus coadjutoribus. Nihil eſt miſerabilius, nihil quod citiùs expugnari queat his, qui nullos duces, nullos authores habent ad viam Dei.* Quer dizer: Eſta ſentença nòs aviſa, q̃ nos guardemos de ſer regra, e molde de nós meſmos, fiando muito da noſſa prudencia ſinha; e perſuadindonos, q̃ para noſſa propria direcçaõ, temos ſufficiente capacidade. Neceſſario nos he, àlem do auxilio Divino, o de externos coadjutores, e naõ ha couſa mais miſeravel, nem facil de derribar, do que ſujeitos, que no caminho de Deos nenhuma guia tem, nem author ſeguem. Atê aqui eſte Santo. E porque alguem naõ imagine, que para quem trata de perfeiçaõ mayormente ſe he bizonho neſtas armas, baſta qualquer conta de conſciencia tocada ſuperficialmente *per ſumma capita* (como dizem a vulto, e em groſſo, acreſcento outra authoridade de S. Antão Abbade, que foy famoſo meſtre de muitos meſtres de eſpirito, o qual dizia (ſegundo refere S. Jeronymo): *Si fieri poteſt quantos paſſus ambulat Monachus, vel quot calices aquæ bibit in cella ſua, debet ſenioribus declarare, ut non deviet in ipſis.* Se póde ſer, que o Monge diga quantos paſſos andou, ou quantas vezes bebeo na ſua cella, deve declarallo aos mais velhos, para que niſſo naõ erre.

Prov. 11. 14.

D. Dorotheus doctrina 5.

B

Vitæ PP lib. 3. n. 176. aliàs p. 2. n. 166.

C

3 Que Deos N. Senhor, em cujas obras todas reſplandece a boa ordem, quer que os homens nos governemos por outros homens, para nos fundar mais em Humildade, e Caridade, que naſcem da dependencia, e communicaçaõ; e porque deſte modo ſe aproveitaõ melhor os dons da ſua graça, aprendendo mais os meſtres em quanto enſinaõ, e enſinãdo-ſe os diſcipulos a ſer me-

ſtres. Por iſſo quiz (como deixamos notado (que Saulo foſſe dirigido por Ananias, e Cornelio por S. Pedro; e tambem quando chamou a Samuel foy de tal sorte, A q̃ primeiro o Sacerdote Heli lhe enſinaſſe como ſe devia portar neſta vocaçaõ. Dous notaveis caſos a eſte propoſito ſe referem no Prado eſpiritual. O primeiro foy, que certo Sacerdote celebrando proferio algũas palavras, que moſtravaõ eſtar tocado da heregia, ſuppoſto que neſtes erros procedia ſô com ignorancia, e naõ com protervia do juizo. O Diâcono que lhe aſſiſtia o aviſou de que aquella doutrina naõ era confórme à da Igreja Catholica. Mas elle como via aſſiſtir Anjos ao ſacrificio, naõ fez caſo do aviſo, e foy continuando. Tornou a errar em outra palavra, e tornou o Diácono a dar-lhe correcçaõ. Com iſto entrou em duvida, e perguntou aos Anjos: os quaes lhe diſſeraõ, que eſcutaſſe o Diáco- B no. Replicou-lhes: Pois vòs, que por Divina diſpenſaçaõ ſois mandados a aſſiſtirme viſivelmente, como conſentieis eſte taõ ſubſtancial erro ſem me alumiardes? Reſponderaõ aquelles bemaventurados eſpiritos: Porque quer Deos, que os homens aprendais dos homens.

Vitæ PP. lib. 5. libello 15. n. 72.

O outro cazo foy, que hum Monge anciaõ deſejando entender o verdadeiro ſentido de humas palavras da Eſcritura Sagrada, jejuou para alcançar luz do Ceo ſettenta ſemanas, comendo huma ſô vez na ſemana. Porém quando vio, que Deos naõ fora ſervido revelarlho, e que depois de tanto levar o corpo às ſeccas, ainda o eſpirito ficava às eſcuras, diſſe entre ſi: Eys aqui trabalhey tanto, e nada me aproveitou: irey ter com algum irmaõ meu, que me enſine. Fechou com effeito a porta da cellinha para ir à de algum dos outros Monges, que por a- C quelle ermo habitavaõ: eys que lhe apparece o Anjo do Senhor, dizendo: As ſettenta ſemanas que jejuaſte naõ te chegáraõ para Deos: mas agora que te humilhaſte, e buſcando primeiro os meyos ordinarios, quizeſte ſer enſinado de outro homem, fuy mandado para te declarar a tua duvida. Deulhe luz, e deſappareceo. Mas a luz que deu, naõ foy ſô àquelle Monge ácerca da intelligencia da Eſcritura; ſenaõ a elle, e a nòs todos de co-

mo

mo devemos governar o noſſo eſpirito em quanto nos for poſſivel por miniſterio humano, naõ recorrendo de
A primeira inſtancia a meyos extraordinarios.

3 Que ſe nas artes liberaes, e ainda nos officios mais mecanicos, e baixos, ha meſtres, e diſcipulos, e ſuas difficuldades, em que a experiencia alheya he neceſſaria para evitar o erro proprio: como podemos preſumir, que ſò na arte de tratar a alma com Deos, e conſigo poſſa eſcuſar ſe eſte magiſterio? Por ventura as couſas inviſiveis, e interiores, ſaõ mais claras que as viſiveis, e palpaveis? ou diremos, que o erro, que ſe cõmetter no manejo das couſas materiaes, v. g. em malhetar hũa gaveta, ou aſſentar huma pedra, ou fazer hum debuxo importa mais que o q̃ ſe der nas eſpirituaes v. g. em deſcernir as tentaçoẽs, ordenar o methodo das virtudes, aſſentar os propoſitos,
B &c? Deſte argumento uſa Caſſiano: as ſuas palavras ſaõ eſtas: *Cùm omnes artes, ac diſciplinæ humano ingenio reperta, & quæ nihil ampliùs, quàm hujus vitæ commodis proſunt, licet manu palpari queant, & oculis pervideri, tamen a quoquam ſine inſtituentis doctrina nequeant comprehendi: quam ineptum eſt credere hanc ſolam non egere doctore, quæ & inviſibilis, & occulta eſt, & quæ non niſi corde puriſſimo perſpici poterit, cujus error non temporale damnum, nec quod facilè reparetur, ſed animæ perditionem parit, mortemque perpetuam?* Caſſian. collatione 2. c. 8.

5 Que o demonio, como ſente que pela oraçaõ, e mortificaçaõ lhe fogem das unhas tantas almas, as quaes
C depois vem a tirar-lhe mais outras, procura quanto cabe nas alturas de ſua aſtucia, e nas licenças da permiſſaõ Divina, enganar, e perverter as que ſe daõ a eſtes ſantos exercicios. E diſſo nos tem jà aviſado o Eſpirito Santo dizendo pelo Eccleſiaſtico: *Fili, accedens ad ſervitutem Dei, ſta in juſtitia & timore, & prepara animam tuam ad tentationem.* Filho, aſſim como determinaſte chegarte mais ao ſerviço de Deos, tem-te maõ na virtude com temor humilde, e prepara logo a tua alma para a tentaçaõ. E S Ceſario diſſe: *Diabolus tunc nos maximè impugnare conſuevit, quando nos contra ſe ſpiritualibus armis præparatos eſſe cognoverit.* O diabo entaõ coſtuma reſor- Eccli. 2. 1. Cæſarius hom. 30.

çar mais os combates, quando nos ve mais armados, e guarnecidos. Importa logo, que a alma tenha quem a ajude, e adeſtre no jogo deſtas armas: importa que o caminhante naõ faça eſta jornada deſacompanhado; ſenaõ com alguma guia que lhe deſcubra as emboſcadas, e lhe enſine os atalhos, e lhe dé a mão, ſe puzer o pè em falſo. *Cum audace* (diz outra vez o Eccleſiaſtico) *ne eas in deſertum: quoniam quaſi nihil eſt ante illum ſanguis, & ubi non eſt adjutorium, elidet te:* Com o atrevido naõ vas ao deſpovoado; porque derramar ſangue para elle he nada, e onde te vir ſem quem te acuda, te arrombará. Vós, homem de Oraçaõ, vòs Congregante, vòs Religioſa, ou Beata, ides ſem conſelho do Confeſſor, por nenhum vos governais, reconciliando-vos com tantos, commungais as vezes que quereis, fazeis as penitencias que vos parecem, ledes os livros de que mais goſtais, naõ os que mais vos ſervem, ſuſpendeis-vos na oraçaõ antes que Deos vos ſuſpenda, e que o Padre eſpiritual o examine, e approve: iſſo he hirdes ſô, iſſo he hirdes pelo deſerto: depois naõ vos queixeis ſe vos roubar, e ferir eſſe atrevido: *Cum audace ne eas in deſertum.*

Eccli 8. 19.

A

B

§. II.

DIrá alguem por ventura, que a falta de Director ſe ſupre ſufficientemente com bons livros; mayormente havendo juizo, e talento para os entender, e ſaber cada hum vigiarſe do inimigo. Mas a iſto ſe reſponde primeiramente: que ſe a falta de Director he preciſa, e forçoſa, bem ſupprida ficará com os livros eſpirituaes de bons Authores; porque neſte caſo faz o exercitante o que póde, e por conſeguinte naõ deſobriga a Deos de que o allumie: porém ſe a falta he eſcolhida por arbitrio proprio, digo que naõ eſtá boa a troca, e que álem dos livros he neceſſario o Director: porque o Director prova o exercitante, e os livros naõ. O Director ouve as propoſtas por modo mais caſeiro, e veſtido de circunſtancias, e confórme a iſſo reſponde, e os livros fallaõ mais abſtracta, e geralmente, porque naõ convinha deſcerem

C

cerem a miudezas impertinentes, ou declarallas demasiadamente; por onde muitas vezes necessitaõ de que o
A Director explique, e applique tal doutrina. E finalmento ao Director obedece, e rende-se o exercitante de pessoa a pessoa, e aos livros naõ. E neste rendimento, e Fè consiste a principal segurança do caminho espiritual; que por isso os mesmos Directores em quanto exercitantes necessitaõ de ser dirigidos, como os mesmos que curaõ, em quanto enfermos necessitaõ de ser curados por mão alheya. Logo quem póde governarse por voz viva do Padre espiritual, não deve contentarse só cõ a liçaõ dos livros.

E quanto ao ponto de que a discripçaõ, e talento proprio basta para hum se vigiar das traiçoens do inimigo, e adiantar-se nas virtudes, abertamente digo ser falso, e
B tenho por mim (alèm da razaõ, que logo apontarey) a authoridade de S. Vicente Ferrer, cujas saõ as seguintes palavras: *Sciendum est quod homo facilius in breviori tempore possit ad perfectionem pertingere, si haberet instructorem, cujus regimine duceretur, cujus obedientiam in omnibus actibus parvis, & magnis sequeretur, quam aliquis possit se ipsum perficere, quantumcumque vigeat acumine intellectus, & libros habeat, in quibus videat virtutum omnium structuram exaratam. Imò plus dico quod nunquam Christus suam gratiam ministrabit, si homo habet a quo possit instrui, & deduci, & negligit, vel non curat alterius ductatum amplecti, credens sibi sufficere, & per se posse investigare, & invenire quæ sunt utilia ad salutem.* Quer dizer: Devemos saber, que com menos trabalho, e em menos tempo poderà huma alma chegar á perfeiçaõ, se tiver Mestre, por cujo governo se
C guie, e cuja obediencia siga em todas as coulas grandes, e pequenas; do que regendo-se per si mesma, ainda que tenha grande perspicacia de entendimento, e livros em que veja delineada a fabrica de todas as virtudes. Antes digo mais, que se a pessoa tem quem a posla instruir, e guiar, e com tudo despresa, e se descuida de abraçar o governo de outrem, fiando-se da sufficiencia propria, e crendo que per si póde investigar, e descobrir o que lhe convem para o seu bem espiritual, nunca Christo ajudarà

S. Vincentius tr. de vita spirituali.

darà a eſte tal com a ſua graça. Iſto affirma com reſoluçaõ, e clareza eſte Santo, que no ſentido litteral foy hum dos Anjos, que S. Joaõ vio no Apocalypſe, como entendeo o doutiſſimo Gerſaõ, e de ſi ainda affirmou o meſmo Santo, comprovando o ſeu dito com a reſurreiçaõ de hum morto. A

Gerſon. 2. part. ep' ad Vincentium.

A razaõ do ſobredito he: porque dos laços do demonio nada eſcapa, ſenão unicamente a humildade, como diſſe o Senhor a S. Antão, quando em eſpirito vio cuberto delles todo o mundo. *Sed ſic eſt*, que o governar-ſe hũ per ſi meſmo, tendo peſſoa capaz que poſſa fazer eſte officio, claramente ſuppoem, e envolve confiança, e ſatisfaçaõ propria, fruto da ſoberba; logo ſem duvida naõ eſcaparà eſte tal dos laços do demonio. Oh, que o letrado, e o diſcreto vendo eſtes laços fugirà delles. Reſpondo primeiramente: que bem pòde hum ver o laço, e mais implicar-ſe nelle; de outro modo naõ houvera tentaçoẽs manifeſtas conſentidas. Reſpondo mais: que naõ ha entendimento tão agudo, e previſto, que poſſa tomar pè nas aſtucias do demonio. A eſte inimigo chamavaõ *Malataſca* S. Catharina de Sena, e a Serva de Deos Feliciana de JESUS Terceira Dominica, celebre nas Indias Occidentaes; e quer dizer, Algibeira de malicias. A eſta algibeira pois naõ ha achar-lhe fundo; porque vaſadas fòra hũas, lhe naſcem dentro outras malicias: algibeira ha para quantos letrados, e engenhoſos tem o mundo ſerem enganados, como huns meninos de teta. Nem ha delirio, necedade, ou abſurdo tam deſcompaſſado, e patente, que o *Mala taſca* naõ poſſa enxerir no entendimento do mayor letrado de ſorte, que alli pegue, e leve fructos, ſe Deos lhe der licença de applicar a ſua operaçaõ ſeductoria; e havendo ſoberba no homem, coſtuma Deos largar eſtas licenças para ſua cura, ou para ſeu caſtigo, e eſcarmento de outros. Que mayor abſurdo, que o que ſe contém neſta Propoſiçaõ hereticа, e blaſfema: *Deos deve obedecer ao demonio?* E com tudo coube no entendimento, e na lingua de Joaõ Vviclef, homem dotado de grande engenho, e eloquencia; ſuppoſto que abuſou de hum, e outro dom da natu-

Fr. Joaõ Melendez Theſoros verdaderos de las Indias, na vida deſta ſerva de Deos.

He a Propoſiçaõ 6. das 45. deſte hereſiarcha condenadas no Concilio Conſtancienſe anno 1380.

reza,

reza, como diz Gualterio. Que mayor delirio que perſuadir-ſe de veras hum homem, que Deos lhe offerecera
A a união hypoſtatica, e elle a recuſàra, e que Chriſto fora ſò Redemptor quanto à ſufficiencia, mas elle o havia de ſer quanto á efficacia? E com tudo enxerio o demonio iſto na cabeça daquelle grande Theologo do Perù, famoſo Eſcriturario, e oraculo conſultado de todos, e de tal ſòrte pegou, que ſem ſe deſdizer morreu queimado vivo. Que mayor necedade, que entender que as ultimas, e mais torpes, e externas abominaçoens contra a Caſtidade, admittidas voluntariamente, naõ ſaõ peccados? E com tudo diſſe-o, e enſinou-o em noſſos tempos Molinos em Roma, e mais proximamente outro miſeravel ſeu ſequaz neſte Reino, ambos Sacerdotes, e aliàs ſufficientemente doutos. He certo, que em todos eſtes
B havia ſoberba, e que naõ chegariaõ a tal demencia, ſe deſcobriſſem os principios da ſugeſtaõ diabolica, e naõ ſe regeſſem per ſi meſmos. Naõ baſta logo o bom entendimento ſem a ſugeiçaõ ao Padre eſpiritual.

Gualter. in collatione ad annum 1400. c. 14.

Veja-ſe o P. Joſeph da Coſta livro 2. dos Noviſſimos c. 11.

Nos Noviços das Sagradas Religioens, e bizonhos nos exercicios eſpirituaes, eſta conta de conſciencia deve ſer muito mais clara, miuda, e frequente: porque ſaõ arvoreſinhas plantadas de pouco, que neceſſitaõ de atar-ſe a algum arrimo direito, para que creſçaõ tambem direitas. Oviedo tratando da falſa religião de huns Indios Occidentaes, traz de huma feſta que fazião ao ſeu Idolo; e entre varias ſuperſtiçoens ridiculas, que alli uſavaõ, hũa era, que metiaõ hum páoſinho pela guella abaixo, com que ſe provocavaõ a vomito, para moſtrarem ao ſeu
C Deos, que nada traziaõ de mal eſcondido na ſua conſciencia. Ao intento. Quando hum Noviço vay dar conta de conſciencia, ha de fazer conta que tambem vaſa, ou troca fòra todo o ſeu interior em preſença de Deos, e de quem eſtà em ſeu lugar: naõ vay alli para juſtificar ſua innocencia, ſenaõ para moſtrar o bem, e o mal que houvèr dentro, e ajude-ſe a eſte ſaudavel vomito eſpiritual, revolvendo primeiro com o exame. Os frutos, e proveitos deſta diligencia ſaõ muitos.

O glorioſo Patriarca Saõ Lourenço Juſtiniano, ha-

vendo primeiro dito a fidelidade, e ſynceridade, com q̃ nella ſe deve proceder, aponta os ſeguintes; que ſaõ Alegria eſpiritual, Segurança de conſciencia, Amor dos proximos, Protecçaõ dos Anjos, Viſitas de Deos, facilidade nos exercicios da virtude, Sabedoria, e diſcripçaõ eſpiritual, Augmento da graça de Deos, e de tudo iſto tanto mais, quanto mais plena, e inteiramente nos rendermos aos que nos governaõ. *Hæc profecto* (ſaõ as palavras do Santo) *ſi fideliter adimplebunt, lætanter incedent, ſecurè* Laur. Juſt. lib. de Obed. c. 20. *quieſcent, diligentur á cunctis, ab Angelis protegentur, & viſitabuntur à Domino: nihil illis apparebit aſperum, nihil arduum, nihilque impoſſibile; ſine oculis utique implebuntur lumine, ſine diſcretione ornati erunt ſapientia, ſine voluntate erunt perfecti gratia eô abundantiore, quò libentius ſe ſubjiciẽt.*

A

B

XXXII.

De S. Nonno Biſpo de Heliopolis.

ESTando eſte Santo com outros Biſpos no portico do Templo de S. Julião Martyr na Cidade de Antioquia, paſſou pela praça Pelagia, moça gentia de rara fermoſura, e publica peccadora. A qual hia muy acompanhada de ſervos, ſentada em hum jumentinho ricamente adereçado, toda brilhando telas, e exhalando ambares, e cuberta de perolas, e precioſa pedraria conſtelada em joyas, e brincos de varios, e curioſos feitios. Aquelles veneraveis Prelados, por naõ enſangoentar-ſe nos abrolhos do eſcandalo com taõ provocativo, e picante objecto, abaixàraõ com prompta, e cauta modeſtia os olhos; menos o Santo, que com os ſeus a foy ſeguindo em quanto a alcançàraõ. E depois diſſe para elles: *Naõ vos deleitou grandemente a viſta deſta mulher?* Callà-

C

raõ

raõ os Biſpos, e o Santo inclinando a cabeça ſobre os joelhos, começou a chorar enternecidamẽte. Tornou logo a perguntar-lhes: *Naõ folgaſtes de ver o adorno daquella mulher? Pois a mim, vos affirmo, foy de grande proveito, porque me prègou dentro da alma eſta doutrina: Que he poſſivel que huma creatura por agradar a outras ſe eſmere tanto, e naõ haja pontinho de perfeiçaõ, que naõ ponha em ſe fazer fermoſa, e grata aos olhos mundanos, empregando neſte eſtudo muitas horas, e eu Chriſtão, Sacerdote, e Biſpo taõ deſcuidado vivo de me fazer agradavel aos olhos de meu Deos? Iſto he o que folguey de ver naquella miſeravel; porque eſtoutro he o que me peza ver em mim peccador miſerabiliſſimo.*

DOUTRINAS.

§. I.

ESte caſo nos eſtà dictando tres doutrinaes liçoens. A primeira he: Que quando os noſſos olhos nos não eſcandalizaõ, mas antes edificão, (como ſuccedeu a eſte Santo, e ao Abbade Pambo, de quem ſe refere ſemelhante reſpoſta em occaſiaõ ſemelhante) então naõ he neceſſario arrancallos. Porém atè os dos Santos ſò então eſtaraõ ſeguros de padecer eſcandalo, quando ſuperior inſtincto os mover a abrillos. Santo era Job, e mais dizia: Eu fiz concerto com os meus olhos, para que nem o penſamento empregaſſe em mulher virgem. Santo era David, quando diſſe: Deſviay, Senhor, os meus olhos, que não encontrem com a vaidade, e vivificayme no voſſo ſanto caminho. E em fim baſta ſer expreſſo aviſo do Eſpirito Santo, que diz por bocca do Eccleſiaſtico: *Averte faciem tuã à muliere compta, & ne circunſpicias ſpeciem alienam: propter ſpeciem mulieris multi perierunt, & ex hoc concu-*

Hiſtoria tripartita, lib. 2. c. 1.

Matth. 5. 29.

Job 31. 1. Pepigi fœdus cum oculis meis, ut ne cogitarem quidẽ de virgine.

Pſ. 118. 37. Averte oculos meos, ne videant vanitatẽ: in via tua vivifica me.

Eccli c. 9. v. 8.

concupiſcentia quaſi ignis exardeſcit. Deſvia o teu roſtro da mulher enfeitada, e naõ empregues a viſta na fermoſura alheya: por amor da fermoſura da mulher muitos ſe perderaõ, e daqui ſe atea como fogo a concupiſcencia. Por onde S. Gregorio Papa, e S. Hieronymo aſſentaõ neſta maxima: Que não deve ſer viſto o objecto, que naõ deve ſer appetecido: *Intueri non licet, quod non licet concupiſcere.* Excellente (ſe bem jà trivial) aquelle Diſtico ao meſmo propoſito, que ſe não póde conſtruir ſem ſe deſtruir.

S. Greg. lib. 21. Moral. c. 2. D. Hier. in c. 3. Threu.

Quid facies facies Veneris ſi veneris ante?
Ne ſedeas, ſed eas; ne pereas per eas.

He verdade que vay grande differença entre ver, e olhar; aſſim como entre ouvir, e eſcutar; e entre tocar, e palpar; e entre cheirar-me a flor v. g. e o cheiralla eu a ella. No primeiro caſo ha ſò deſcuido, e he hum acto natural, e ſimples da potencia: no ſegundo já coſtuma haver perigo, e alguma curioſidade reprehenſivel. Por iſſo (como advertio S. Joaõ Chryſoſtomo) naõ diſſe o Eccleſiaſtico no referido texto: *Ne videas.* Naõ vejas; ſenão, *Ne circunſpicias.* Naõ empregues os olhos. *Non dixit, Ne videas; id enim nonnunquam fit ultrò; ſed ne circunſpicias illam: tollens ne ſtudio animadvertamus, ne curioſè intuearis, ne cõtemplationi immoreris.* A meſma differẽça faz S. Agoſtinho: *Oculi veſtri etſi jaciuntur in aliquam fœminam, infigantur in nulla.* Porêm no noſſo caſo o Santo Biſpo Nonno, naõ ſó vio, ſenão olhou, e reparou, e foy ſeguindo com a viſta. E aſſim naõ podemos ſalvar a ſua modeſtia, ſenaõ recorrendo a particular movimento do Eſpirito Santo, que faz, que para os limpos todas as couſas ſejaõ limpas: *Omnia munda mundis;* e que ao homem juſto tudo ſirva, como pelo contrario, ao peccador tudo offenda: *Peccatori* (diſſe Hugo Cardeal) *omnis creatura hoſtis eſt: juſto autem ſerviunt omnia:*

Chryſoſt. homil. 3. de verbis Iſaiæ.

Aug. in Regul. 1. c. 21. ad finem 1. tom.

Hugo ſup. c. 3. Joſue.

A ſe-

§. II.

A Segunda liçaõ he: Que os eſpiritos habituados à preſença de Deos, de qualquer creatura fazem degràõ para ſubir a elle; por ventura que por iſſo diga o Pſalmiſta, que Deos todas as couſas meteo debaixo dos pés do homem: *Omnia ſubjeciſti ſub pedibus ejus:* iſto he, naõ ſò para que elle as domine, ſenaõ para que ellas o levantem, formando-lhe como eſcada, para onde ſuba à contemplaçaõ do Creador, e das couſas inſenſiveis, e eſpirituaes: *In conſideratione creaturarum* (diſſe S. Agoſtinho) *non vana, & peritura curioſitas, ſed gradus ad immortalia, & ſemper permanentia faciendus.* Iſto he o que S. Gregorio chamou ler, e eſtudar pelas creaturas: *Quaſi quædam fit lectio menti noſtræ ſpecies conſiderata creaturæ.* E ſenaõ ſabemos ler por eſte livro, vay de que a viſta do noſſo coraçaõ eſtà torcida para as meſmas creaturas, amando-as deſordenadamente: Kempis: *Si rectum cor tuum eſſet, tunc omnis creatura ſpeculum vitæ, & liber ſanctæ doctrinæ eſſet.*

De vera Religione c. 19.

Lib. 26. Mor. c. 8.

Lib. 2. de Imit. Chr. c. 4.

Porèm os Santos, e peſſoas muy dadas à introverſaõ andaõ deſtras neſte exercicio: imitando a ſolicita abelha, que de qualquer flor agreſte extrahe doces lucros para o lavor occulto do ſeu favo. De hum Monge ſe refere, que olhando para o tronco de hũa antigua arvore, correo alegre a abraçarſe com ella; porque aprehendeo vivamente como alli dentro eſtava o Creador alimentando com os influxos de ſeu Poder, Sabedoria, e Bondade aquella eſpecie vegetavel. O Beato Nicolào Factor vendo hũas cerejas, fez degràõ daquella cor taõ alegre, e rubicunda, e ſubio ligeiro a conſiderar quanta ſeria a belleza, e alegria do Creador, e neſte ponto ficou extatico por largo tempo. A Serva de Deos Maria de la Antigua eſtando à janella aparando a penna para eſcrever os cadernos da ſua vida, que enviava ao ſeu Confeſſor, (e depois ſe deraõ à eſtampa) reparou como as hervinhas do campo bulliçoſas com os ſopros da viraçaõ delicada formavaõ verdes ondas liſongeiras do ſentido: e pareceo-lhe que eſtas creaturas lhe trazião hum recado

da

da parte de ſeu Divino Eſpoſo; e que lhe dizião: *Aqui nos tens a teu ſerviço por beneficio de noſſo Creador.* Tal foy o abalo, que eſta conſideraçaõ cauſou em ſeu eſpirito, que ſe debulhava em lagrymas, e affogava em ſeus proprios affectos, e aguçada mais a ponta delles, formava amoroſo queixume, de que o Senhor lhe enviaſſe eſtes menſageiros, que não acabando de explicar-ſe, ſervião ſó de eſcalavrar a chaga de ſeu peito, podendo ſò curalla a maõ Divina que a tinha formado. Iſto meſmo parece ſer o q̃ dizia em huma Cançaõ o Beato Fr. Joaõ da Cruz fallando com o Senhor.

Ay quien podrâ ſanarme?
Acaba de entregarte ya de vero:
No quieras embiarme
De oy màs ya menſagero,
Que no ſabe dezirme lo que quiero;
Y todos quantos vagan
De ti me van mil gracias refiriendo:
Y todos más me llagan:
Y dexame muriendo
Un no ſè que, que queda balbuciendo.

Sirio á 17. de Abril.

Caminhando S. Anſelmo, vio brincar hum muchacho com hum paſſarinho, hora largando-lhe a linha, que tinha atada no pè, hora puxando-lhe por ella, e trazendo-o outra vez à mão, e diſſe para os da companhia: Víſtes iſto? Pois eys-aqui propriamente o que faz o demonio com-noſco preſos pelo peccado, deixando-nos fazer algumas obras boas, para nos ter mais enganados, e logo tornando a puxar pelo noſſo màos coſtume. Do Abbade Joaõ Pequeno ſe refere tinha particular graça de eſpiritualizar todas as couſas que via, e ouvia. Quizeraõ fazer diſſo experiencia outros Monges, e diſſeraõ-lhe: Graças damos a Deos, que chove muito eſte anno; teraõ bom rego as palmeiras, e daraõ copioſa folha para os Monges fazerem as ſuas obras. O Santo levantando logo o eſpirito a outra regiaõ mais alta, reſpondeo: Aſſim he propriamente, quando o Eſpirito Santo baixa aos cora-

Prado Eſpiritual livro 2. Flores da Contemplaçaõ c. 1.

corações dos Santos; que reverdecem, e se renovão, e dão folhas, e frutos de temor, e amor de Deos.

A Diante de todos estes exemplos foy Christo nosso Mestre para o seguirmos: o qual quando hum de seus Discipulos lhe mostrou a admiravel fabrica, e formosos marmores do Templo: *Magister, aspice quales lapides, & quales structuræ:* lhe levantou o espirito a considerar a destruiçaõ delle, em que naõ ficaria pedra sobre pedra: *Vides has omnes magnas ædificationes? Non relinquetur lapis super lapidem, qui non destruatur.* E outra vez quando seus Discipulos lhe rogáraõ, que comesse: *Rabbi manduca:* respondeu: Eu tenho ca outro sustento, que vos naõ sabeis: o meu comer he fazer a vontade de quem me mandou ao mundo, para comprir a sua obra. E quando a Magdalena lhe derramou sobre a cabeça o alabastro de unguento precioso, poz o sentido na unçaõ que lhe haB viaõ de fazer para o sepultarem: *Mittens enim hæc unguentum hoc in corpus meum, ad sepeliendum me fecit.* Porque em fim todas as acções do Senhor interiores, e exteriores como Theandricas, que eraõ, naõ podiaõ deixar de ser perfeitissimas: o Ceo de sua alma, como a terra de seu corpo se sustentavaõ, e regiaõ pelo principio do Verbo: *In principio creavit Deus Cælum, & terram.* Tomemos pois muito a peitos este exercicio, que he hum modo de Oraçaõ transeunte, que independe das solidões, e ermidas: he huma alquimia espiritual, mas verdadeira, que de qualquer metal de creaturas sabe extrahir ouro da presença de Deos: he hum andar no mundo fóra do mesmo mundo, achando luz nas suas trevas, limpeza nos seus horrores, verdade nos seus enganos, e sabedoria nas suas C estulticias: he finalmente hum modo de subir, como Zacheo, ao sycomoro, para dalli ver a Christo.

Marc. 13. 1-2.

Joan. 4. 32.

Matt. 26. 12.

Luc. 19. 4.

§ III.

A Terceira liçaõ he ver como he certo, que com muito menos custo pòde o homem servir, e agradar a Christo levando seu jugo suave, do que ao mundo suportando suas leys pezadissimas, e que os filhos deste seculo (como

Luc. 16. 8.

(como diſſe o meſmo Senhor) ſaõ mais diligentes, e deſvelados para o ſeu negocio, do que os filhos da luz no que lhes toca. Os caminhos da virtude ſaõ direitos: *Juſtum deduxit Dominus per vias rectas.* Os do vicio torcidos: *In circuitu impii ambulant*; e cheyos de difficuldades, e perigos, como os meſmos impios confeſſaõ: *Ambulavimus vias difficiles.* Naquelles ha deſcanço, e allivio: *Venite ad me omnes qui laboratis, & onerati eſtis, & ego reficiã vos:.. & invenietis requiem animabus veſtris.* Neſtes ha fadiga, e cançaſſo: *Laſſati ſumus in via iniquitatis, & perditionis.* Aquelles eſtaõ banhados de luz: *Juſtorum ſemita quaſi lux ſplendens.* Eſtes cubertos de eſcuridaõ: *Qui relinquunt iter rectum, & ambulant per vias tenebroſas.* E com tudo mais querem os mundanos andar torcidos, do que direitos; mais querem achar trabalho, que deſcanço; eſcolhem antes as trevas do que a luz: *Et dilexerunt homines magis tenebras, quam lucem.*

Sap. 10. 10. Pſ. 11. 9. — A

Sap. 5. 7. — Matth. 11. 28. — Sap. 5. 7. — Prov. 4. 18. Prov. 2. 13. — B

Luthero com igual audacia que impiedade chegou a dizer que ſe o ir ao Ceo lhe cuſtaſſe levantar do chaõ huma palha, naõ queria ir ao Ceo: *Si Cælum* (ſaõ palavras ſuas: ou para melhor dizer, vomitos de ſuas entranhas danadas) *apertum viderem, idque culmo ſtramineo de terra ſublato mereri poſſem, culmum nequaquam vellem tollere.* Mais he iſto na verdade, que o que David eſtranhava, e reprehendia no impio, dizendo: Que fingia trabalho na obſervancia da ley de Deos: *Fingis laborem in præcepto.* Porque eſte miſeravel naõ fingio ſenaõ facilidade, e tão leve como hũa palha, e ainda que a alampada de ſua fê eſtava apagada, mais que a das Virgens loucas, naõ repreſentava conſigo, que hia bater ás portas do Ceo fechadas, como ellas bateraõ: *Domine, Domine aperi nobis*; ſenaõ que as via patentes: *Si Cælum apertum viderem*, e nem ainda aſſim quiz entrar por ellas. E que de difficuldades, que de temores, que de perigos, que de remorſos, que de deſgraças lhes cuſtou o ir ao inferno? De ſórte, q para ſalvar-ſe naõ queria nem levantar hũa palha, e para perder-ſe meteo os punhos; e os peitos ao remo atè rebentar: para ir ao Ceo havia de ſer tendo hũa mão ſobre a outra: para ſervir ao demonio, afogou-ſe com obra, e

Joan. 3. 9.

Apud Caramuel in ſua Theologia fundamẽtali fundamento 3. ratione 6. n. 216.

com

com obras das ſuas mãos, porque ſe poz (como dizem muitos) o laço â garganta, qual outro Icariotes. Eys-
A aqui o jugo ſuave de Chriſto rejeitado, e o pezo intoleravel do demonio aceitado voluntariamente: eys-aqui as trevas preferidas á luz: *Dilexerunt homines magis tenebras, quam lucem.*

No ſeu tanto ha dentro da Igreja Catholica muitos imitadores de Luthero; que nao ſe atrevem com a leve carga dos Mandamentos da Ley de Deos, e ſe ſujeitaõ á eſcravidaõ do diabo por amor do ſeu appetite. Pòdem velar noytes inteiras ſobre as meſas do jogo: naõ ſe pòdem applicar meya hora a hum livro devoto. Naõ eſtimaõ aventurar a vida por deſempenhar hum pontinho de honra propria, e temem magoar a ſaude, para ſatisfazer por ſeus grandes peccados à honra de Deos. Para eu ganhar hum pouco de ar no applauſo publico,
B haõ de ter librés luzidas tantos lacayos meus, quantos dias conta o Sol no anno, e para eu ganhar o Reino da gloria, naõ ha de ter hum manto meu, ou capa, a viuva, ou Sacerdote pobres. Eſtas palhinhas não nos atrevemos a levantar do chaõ, nem para ir ao Ceo, e eſtoutros montes tomaõ-ſe às coſtas, naõ para ſubir ao Ceo (qual foy a intentona dos Encelados, Typheos, e Briareos); ſenaõ com a certeza de que ſe a morte nos colhe em máo eſtado, nos precipitamos no inferno. Leyo no Profeta Ezechiel, q̃ a Cidade de Tyro, propria figura do mundo (pois quer dizer anguſtia, tribulaçaõ, priſaõ, e apparencia, que he tudo o que nelle ha) ſe gaba de que nas ſuas galès andão remeiros, que vogaõ com os carvalhos potentes de Baſan feitos em remos: *Quercus de Baſan dolaverunt in remos.* Vedes vòs os que em ſerviço de Deos
C naõ podiaõ com huma palha? Là andaõ nas galês do mũdo muy forçoſos, e naõ forçados, ſenaõ voluntariamente ſugeitos a mil anguſtias, e tribulaçoẽs, e preſos a mil dependencias, e reſpeitos, puxando pela ſua ignominia, e confuſaõ, que iſſo quer dizer *Baſan.*

Ezech. 27. 6. Ex interpretatione nominum Hebraicorum. &c. t. 28. Bibliæ Maximæ.

Naõ ſe pôdem negar eſtas verdades, pois as teſtifica a confiſſaõ dos meſmos que as experimentaõ. Querem ver alguns deſtes remeiros, cada hum junto do ſeu tollete?

lete? Alli eſtà o aulico, ou cortezaõ: oh quanta paciencia, diſſimulaçaõ, diligencia, fidelidade, e perſeverança lhe he neceſſaria no ſerviço do Principe! Como haõ de A ſer medidas todas ſuas acçoens, e palavras! Quanto ha de
Cíb.2.de Ira c.23. eſtudar em adevinhar penſamentos, e deſcernir tençoens, e deſviar, ou vencer emulaçoens. Seneca diz de hum deſtes, que perguntado como chegára a envelhecer em Palacio, ſendo couſa taõ rara, reſpondeo: Sofrendo injurias, e rendendo graças: *Injurias, inquit, accipiendo, & gratias agendo.* Se eſte homem fizera outro tanto em ſerviço de Deos, quem duvida que era Santo? E naõ qual-
Epiſt.14. ad Sacellanos Regis Anglorum. quer Santo (accreſcenta Pedro Bleſſenſe) ſenaõ Martyr de Chriſto. *Pro vaniſſima vanitate militant hodie noſtri curiales in labore, & arumna, in periculis magnis, in vigiliis multis, atque in aliis vitæ diſcriminibus: in quibus gloriam martyrij mererentur, ſi hæc pro Chriſti nomine ſuſtinerent.* Acolà B eſtá o Soldado taõ obſervante das leys da obediancia, q̃ a antepoem à vida: ſe não deſpreza o ſeu corpo, naõ póde ſer ſoldado. Paſſai-o da campanha para o Noviciado de hũa Religiaõ reformada: logo ha de começar a gemer, e a queixar-ſe, e a olhar para a porta. Pois que diremos dos eſtatutos eſtreitiſſimos que ha de guardar hum pretendente dos deſpoſorios de alguma Senhora de Palacio? Aquelle andar gyrando-ſe a todos os caminhos, e paſſos della, como outra Clicie aos do Sol: aquelle naõ a perder de viſta nas Igrejas, ainda que por iſſo perca outras attençoens de ſuperior ordem a Chriſto Sacramentado, e expoſto: aquelle naõ cubrir a cabeça ao lado da ſua liteira, mas que o ſigno de Leaõ o morda em Julho, ou o de Aquario o enſope em Janeiro: aquelle naõ fallar-lhe, ſenaõ com ambos os geolhos em terra (q̃ para os Altares, e Sa- C gradas Imagẽs baſta-lhe inclinar hum, ou ameaçar que o inclina), e outras infinitas miudezas igualmente impertinentes, que ridiculas, qual foy v. g. a do outro que mandou dous pagẽs com caçoulas acezas acompanhar ás portinholas a liteira, onde hia a ſua Auriſtella. He certo que ametade deſtes obſequios (em ſeu devido modo, e ordem) feitos em honra da Virgem S. N. baſtava para hum merecer o nobiliſſimo titulo de ſeu devoto.

O

§. IV.

A O Meſmo diſcurſo podemos fazer na tarefa da mercancia por avareza, e na das letras por vaidade, e nos litigios prolongados por empenho, e em qualquer outro negocio, por ſervir à mammona, ou ao appetite. Mas cheguemonos já eſpecificamente ao caſo de Pelagia, e das que ſe parecem com ella no eſtudo dos enfeites, ainda que ſe naõ pareçaõ na gentilidade, nem na gentileza, nem profeſſem máo viver, ſenaõ ſòmente bem-parecer. Quanto he neceſſario de tempo, de eſtudo, de cuidado, de deſpezas, de trabalho, e afflicçaõ de eſpirito para ſe pór á vela huma deſtas náos? Bem lhe chamei naos; porque já la Plauto diſſe: *Navis, & mulier nunquam ſatis ornantur:* A nào, e a mulher nunca ſe dão por baſtantemente eſquipadas. E concorda o adagio de Terencio: *Dum moliuntur, dum comuntur, annus eſt:* Mulheres em quanto ſe apercebem, em quanto ſe enfeitão, la vay o anno. Os Romanos antiguamente, vendo que por opulentos que foſſem os pays, e maridos, naõ havia pano para tão largo cortar (porque nellas o ſeu giz, e tiſoura he o ſeu appetite, e teima,) ſahirão com a ley Oppia, ſendo Conſules Q. Fabio, e T. Sempronio, aſſim chamada de C. Oppio ſeu inſtituhidor, em que mandavão moderar eſtes exceſſivos gaſtos. Porêm tal foy a impaciencia, com que as Matronas reclamáraõ, tal o motim que levantàraõ ao redor do palacio dos Brutos, que dalli a poucos annos já a prematica eſtava antiquada.

Murmuraçaõ ſanta contra as demaſias do ornato femenino.

B

Livius lib. 34. in principio. Valer. Max. lib. 9. c. 1.

C

No capitulo terceiro de Iſaías eſtà lançado hum baſtante aranzel, ou rol deſtas galas, e adereços femininos. Porque indignado Deos de tanta vaidade, e luxo, ameaça caſtigallo com terriveis demonſtraçoens, e por principio dellas, diz que ha de deitar abaixo as fivellas, e topes do calçado, as luas, os collares, as gargantilhas, ou affogadores: *In illa die auferet Dominus ornamentum calceamentorum, & lunulas, & torques, & monilia:* os bracelletes, as mitras, os pentes, e fitas, que ſervem de apartar,

Iſai. 3. à v. 18.

e apertar as tranças, os fraldelins, os cordões de ouro, as pomas, e fraſquinhos de aguas de cheiro: *Et armillas,* Ibid. v.19. 20. *& mythras, & diſcriminalia, & periſcolidas, & murenulas, & olfactoriola:* as arrecadas, e chuveiros, os aneis, e memorias, as joyas de pedraria precioſa pendentes ſobre a teſta, as galas de feſta, os capotinhos, os volantes, e velilhos, as eſpadinhas, os eſpelhos, as toucas, os liſtões, vendas, e faxas, e os mantos finos: *Et inaures, & annulos, & gemmas in fronte pendentes, & mutatoria, & palliola, &* Ibid. v. 21. 22. 23. *linteamina, & acus, & ſpecula, & ſindones, & vittas, & theriſtra.* Porém neſte rol naõ eſtá a centeſima parte do aparelho, que pede eſta grande nào (chamemos-lhe Libentina, que era a Deidade de fazer cada hum o ſeu goſto) para velejar vento em popa nas ceruleas planicies do applauſo publico. E mais he de advertir, que o Profeta falla das mulheres, que andaõ em ſeu pês: *Ambulabant pedibus ſuis, & compoſito gradu incedebant:* que as que andaõ nos alheyos neceſſitaõ de muito mais enxarcia, enIbid. v. 16. frexadura, & amantilhos, de muito mais flamulas, e galhardetes, de muito mais guirnaldas, e faroes, e de melhores pavezes a hum, e outro bordo. E a maravilha he, que quanto a náo vay mais carregada, mais leveſinha vay; porque a meſma carga lhe faz ganhar vento; ſuppoſto que ſò em ſer mulher tinha já baſtante, confórme aquelle Diſtico:

Quid levius fumo? Flamen. Quid flamine? Ventus.
Quid vento? Mulier. Quid muliere? Nihil.

Tenho reparado, em que os Latinos a eſte ornato, e adereços da mulher chamáraõ Mundo: *Mundus muliebris*, e quer parecerme, que eſte nome naõ ſò quadra ao ſeu ſignificado, em quanto quer dizer limpeza; ſenaõ em quanto quer tambem dizer o meſmo mundo; porque de todo o mundo leva eſta náo generos, e todo o mundo he neceſſario concorrer para ornar huma mulher. Por onde ſe S. Gregorio achou com verdade, que a creatura humana era todo o mundo, por quanto com humas creaturas convem no ſer, com outras no creſcer, com outras no ſentir, e com outras no entender: participando tambem

Ulpianus l. 25. §. 4. ff. de auro, & argento. Varro l. 4. de lingua Latina. Tertullian. lib. de habitu muliebri.

bem o ornato de huma mulher de cada regiaõ do mundo
A alguma couſa, com razaõ, e verdade ſe chama eſſe orna-
to Mundo. Vejamolo mais em particular.

Dos Reynos do Decão, e Bilnagar, e de Golocondá na India Oriental, leva eſta diamantes: da Bactria, Scythia, e Egypto, eſmeraldas: dos Reynos de Pegù, e da Cidade de Calecut, e da Ilha de Ceilaõ, ſafiras: do Seyo Perſico entre Ormùz, e o Baſſorá, da Samatra, ou Taprobana, da Ilha Borneo, e em Europa, de Eſcocia, Silezia, e Bohemia, leva perolas: do porto de Julfar na Perſia, leva aljofar (que dahi ſe derivou eſte nome:) da Cidade de Syene no Egypto ſuperior, e do mar Thyrreno leva coraes, que ſe ſe deſterrárao já dos Rozarios, e bracelletes, ainda ſe admittem em brinquinhos, e veronicas: dos campos de Piza, e dos montes Alpes leva
B criſtaes do mar de Suevia, e de Lubeca leva alambres, que ſaõ as fabuloſas lagrymas da irmãa de Faetonte, choradas ſolemnemente cada anno pela ſua deſgraça: dos Reynos do Monomotapa, e Zofala na Cafraria, e da regiaõ de Saõ Paulo na noſſa America, leva ouro: do Cerro do Potoſi nas conquiſtas del-Rey Catholico, leva prata: de Alemanha, os Camafeos: de Moſcovia, as Zebellinas, e Martas, e do Palatinado as mais aperfeiçoadas: de Helvecia região dos Suizaros os Arminhos: do Braſil os Sauguins para manguitos, e os Coquilhos para contas: da Cidade de Tyro em Fenicia a Purpura; da Cerra da Arrabida Grãa: de Portugal, e Caſtella a Cor: de Veneza, e Hollanda os Eſpelhos: de Provença, e de Roma as Pomadas para fazer as mãos maſſias, e cheiroſas: de Cordova, e Hungria ao menos as receitas
C para as aguas odoriferas deſtes nomes: das Indias de Caſtella a Almeya, e oleo della para as mãos: de Tunquem o Almiſcar; do Maranhão, e Siará o Ambar; de Angola, Guiné, e Cabo Verde a Algalia: das noſſas Indias o Calabunco, e Aguila, os Canequins, e paninhos de Coco, e os Toribios: da Africa as pennas dos Aveſtruzes, para os cocares de plumas: da China os Los, os Leques, e as Chitas: de Granada os Tafetás: de Flandres as rendas: da Cidade de Cambray as teas finiſſimas, e candidiſſimas,

que tem eſte nome: de Guimarães as linhas: de Leaõ de França as primaveras: de Modabá na Perſia, e de Italia as Telas: da meſma Italia os Damaſcos: de Florença, Genova, e Napoles os Chamelotes: de França as luvas, os ſinaes para o roſto, e tambem os leques, huns mayores para o Veraõ, outros mais pequenos para o lar no tempo de Inverno: de Inglaterra ás meyas, fitas, e reloginhos de algibeira: da Arabia a Gõma, que tambem ſerve officio neſte mundo: da Batalha os Azeviches, para dar figas aos máos olhos. A

Que mais? He neceſſario que concorra tambem o Mar, não ſó com as Oſtras, que ſe esbulhem das Perolas; ſenaõ tambem com as Tartarugas, que deſarmem as coſtas para pentes, e cofrinhos, e com as Baleyas, que empenhem as barbas, para ſahir hum juſtilho, ou prepõem bem deſarrugado: ſaõ neceſſarios de varias partes varios materiaes para bucetas, eſcritorinhos, bauis, guardarroupas, para recolher nos camarins, e eſcaparates eſte mundo abbreviado: ſaõ neceſſarios vidrinhos, e garrafinhas, e rodomas, e bucetas, curioſa, e ricamente forradas, para toda a pharmacopolia de ingredientes liquidos, e ſeccos, ſimples, e confecionados, que ſervem de eſtender o dia da fermoſura, quando já vem cahindo mayores as ſombras dos altos montes da annoſidade, e de dizer na cara ao deſengano, que mente. Que mais? Saõ neceſſarias atê as nuvens do Ceo, para a primeira agua de Mayo, que opináraõ, fazia o carão luſtroſo: ſaõ neceſſarios atè os mortos, para as cabelleiras, ſe as não quizer o luxo antes tiradas das entranhas dos bichos, fazendo-as de ſeda. Eſtava para dizer, que ſaõ neceſſarios até os demonios; porque aſſim como a mão de Deos ajudou (como diz o Texto Sagrado) a fermoſura de Judith, porque ſe ordenava a intento Santo, e de ſua gloria: *Cui etiam Dominus contulit ſplendorem, quoniam omnis iſta compoſitio, non ex libidine, ſed ex virtute procedebat*: aſſim tenho para mim, que ſem a mão do demonio, naõ poderá o appetite humano inventar, e diſpor, e applicar tanta vaidade, e curioſidade. B C

Judith 10.4.

Em fim, eu me acho cançado de peregrinar por eſte mun-

mundo immundo, como lhe chamou Tertulliano. Dizei-lhe agora a Cayo Oppio, que chegue a bordo desta
A não com a sua prematica; verá com que salva de artelharia o recebe: dizey ás rendas do morgado mais Athlãte, que sustentem este mundo. A mulher prudente, sisuda, e amiga de sua casa he comparada por Salomaõ à não mercantil; porêm não, que de longe traz paõ: *Facta est quasi navis institoris de longè portans panem suum.* Mas a mulher vãa, e amiga de enfeites, e galas he não que de longe traz a fome; porq̃ a todas as partes do mundo faz desembolsos. Aquella o paõ que traz he seu: *Panem suum*; porque sobre ser bem ganhado, he bem conservado: esta a fome que traz he sua, e de seus filhos, e criados, e escravos; porque quanto se poem no superfluo, tanto se tira do necessario. Prov. 31. 14

Recolhendo-nos agora ao nosso principal ponto don-
B de saimos, pergunto: Para que he necessario a hũa mulher todo este mundo? Para parecer fermosa. Concedamos-lhe que o parece; e ainda mais, que o he: que naõ he pouco barato, pois sabemos com S. Gregorio Nazianzeno, que aquillo naõ he rosto, senaõ mascara: *Non facies, sed personas:* bem sabemos com Propercio, que daquellas fermosuras se mercaõ nas loges, e tendas, e boticas, e talvez para deitar a perder a natural:

Naturaque decus mercato perdere vultu.

E com Ovidio, que o menos que allli ha naquelle composto, he a mesma pessoa, porque quasi se sumio entre tantos atavios sobrepostos,

C *Auferimur cultu; gemmis, auroque teguntur*
Omnia: pars minima est ipsa puella sui.

Que tira ella em fim de ser, ou parecer fermosa? Vaidade. Naõ mais nada. Tira tambem enfermidades do corpo, perigo da alma, enfados, murmuraçoens, e depois tanto em penas do outro mundo, quanto este lhe deu em glorias: com esta differença entre outras muitas; que as

glorias foraõ falſas, e as penas ſeraõ verdadeiras. Pois naõ podèra eſta mulher com quatro lagrymas choradas debaixo do ſeu manto, com hum Crucifixo diante dos olhos em lugar de eſpelho, e com amar a verdade, que he a Ley de Deos, deixando-ſe ajudar da ſua graça; naõ puderà, digo, deſte modo mais facil, mais util, mais honeſto, e deleitoſo ſer fermoſa nos olhos de Deos? Podèra, e na meſma Pelagia temos o exemplo, cuja alma depois de convertida vio o meſmo S. Nonno em figura de huma candidiſſima pomba, vendo-a de antes ſordida, e feya. E ſe fallamos da fermoſura do corpo, he de fé que Chriſto na ultima victoria ha de redimir os noſſos corpos, e dotar os que o ſervirão, de luz, e fermoſura incomparavel, e eterna. Logo porque queremos antes a vaidade, e a mentira tanto à noſſa cuſta? Eſſa he a miſeria, eſſe o engano, que diziamos; que os caminhos do mundo difficultoſos ſe nos fazem faceis, e os faceis de Deos, difficultoſos: *Laſſati ſumus in via iniquitatis, & perditionis, & ambulavimus vias difficiles, viam autem Domini ignoravimus.* Para ſervir ao mundo temos forças, e arte, e ſofrimento: para ſervir a Deos, tudo ſaõ diſculpas, temores, e repugnancias.

Eſta peçadora foy bautizada por eſte S. Biſpo, e a celebra a Igreja por Santa a 8. de Outubro.

Daquellas vaccas que levavaõ a Arca de Deos, onde hiaõ as taboas da ley, diz o Sagrado Texto, que hiaõ andando, e bramando; mas ſempre pelo caminho direito, ſem declinar para hũa, nem para outra parte: *Pergentes, & mugientes: & non declinabant neque ad dexteram, neque ad ſiniſtram.* Já ſe nós foſſemos andando com a Ley de Deos às coſtas, e caminho direito, pudera-ſe diſſimular que foſſemos bramando, e gemendo, porque puxava por nós a natureza, como o amor dos bezerrinhos puxava pelas vacas: porèm gemer, e naõ andar; e ſó quando levamos o mundo às coſtas por caminhos torcidos, entaõ andar ſem gemer: iſto naõ ſò he grãde miſeria, ſenaõ grãde malicia. E ſe por malicia digno de caſtigo, por miſeria digno de lagrymas. Tal motivo tiveraõ as de S. Nonno, quando chorava, e dizia: *He poſſivel que eſta mulher ſe deſvele tanto por agradar ao mundo, e eu tão pouco por agradar a Deos?* Queira elle por ſua miſericordia que aprendamos eſtas liçoens.

Reg. 6. 12.

Do

XXXIII.

De hum Padre do Ermo.

CErto ancião dos habitadores da Metropole do Eſpirito Santo (que aſſim chamou o pio Drexelio à ſolidaõ) coſtumava todos os annos eſtar enfermo gravemente. Faltou-lhe hum anno a doença, e elle muy ſaudoſo, e deſconſolado dizia: *Deixou-me Deos; não me viſitou eſte anno: elle que não veyo por cà, ſe eſtarà mal comigo?*

PONDERAÇAM.

JAʼ os olhos deſte eſpirito eſtavaõ abertos, ẽ claros, por iſſo via a verdade, e naõ ſô a apparencia das couſas: por iſſo ſe receava da ſaude, mais que os mundanos da enfermidade; e na materia, ſobre que eſtes fazem votos, ſe veyo, fazia elle agouros, porque naõ viera. Porque como diſſe S. Agoſtinho: Quando o homem adoece, e Deos o cura, he grande indicio da piedade do Medico, e da ſaude do enfermo: *Ubi homo ægrotat, & Deus curat, magnum pietatis, & ſanitatis indicium eſt.* Coincide com eſta ſentença a de Hugo de S. Victor: *Salus humana eſt ſanitas carnis, ſalus Divina intregritas mentis. Hanc homo diligit, illam Deus tribuit: hanc homo conſervat moleſtias fugiendo, illam Deus confirmat moleſtias inferendo.* A ſaude humana conſiſte na boa diſpoſiçaõ do corpo, a Divina na do eſpirito; aquella buſca o homem, e eſta lhe dà Deos: aquella conſervamos nòs, fugindo de moleſtias, e eſta nos confirma Deos, obrigando nos a padecellas.

Sup. Pſ. 147.

Sup. Pſ. 17. c. 28.

Bem ſobrepoem o ſinete a eſta verdade o caſo, que refere Palladio, e anda no Prado Eſpiritual. Neſte monte de Nitria (diz eſte Biſpo) viveo hum varaõ admira-

Livro 3. c. 9.

vel, que ſe chamava Benjamin, o qual paſſou em muitos exercicios de virtude oytenta annos de ſua vida. Foy tal ſua ſantidade, que mereceo alcançar a graça de curar enfermidades de tal ſòrte, que com pôr a mão ſobre qualquer enfermo, ou dar-lhe do azeite que tinha benzido, ficava ſaõ de todo o mal. Eſte Santo Varaõ, que tanta graça tinha, ſe fez hydropico oyto mezes antes que morreſſe, e ſeu corpo inchou tanto, e foraõ tantas as dores que padecia, que ſe podia chamar hum Job dos noſſos tempos. O Biſpo Dioſcoro, que então era Sacerdote do monte de Nitria, pegou de mim, e de Evagrio, e nos diſſe: Anday cà, e vereis hum novo Job, que no meyo de taõ grandes males conſerva hũa paciencia immenſa, dando ſempre graças a Deos. Com effeito fomos, e vimos a grandeza, e pezo daquelle corpo, que era tal, que com ambas as mãos não podiamos abarcar hum dedo da ſua: e tão laſtimoſo, e opprimido eſtava, que naõ podiamos pòr os olhos nelle direitamente, e aſſim os voltavamos para outra parte. Como iſto ſentio Benjamin, nos diſſe: Rogay ao Senhor, filhos meus, q̃ o meu homem interior não ſe faça hydropico; que eſte meu corpo para nada me aproveitou quando eſtava bom, nem me fez dano algum, quando eſteve mal. Neſtes oyto mezes que eſteve inchado, lhe fizeraõ hum carretão largo, onde eſtava aſſentado continuamente, que deitado naõ podia ſer por cauſa das couſas neceſſarias ao corpo. E ainda q̃ eſtava doente, nem por iſſo deixava de curar os outros de quaeſquer enfermidades que tiveſſem. E quando morreo foy neceſſario derribar, e alargar a porta da caſa, para ſair o corpo. Atéqui Palladio.

Admiravel paciencia de Benjamin Monge de Nitria.

Donde ſe moſtra, como hum dos principaes inſtrumentos, de que uſa a mão de Deos, para nos purgar de peccados, e augmentar em dons, e merecimentos, he a enfermidade corporal, e pelo contrario a ſaude muy proſpera, e duravel coſtuma ſer ſeminario de vicios, occaſiaõ de abuſos, e incentivo de peccados: *Cùm corpus ſanum eſt, anima ægrotat* (diſſe S. Gregorio Nazianzeno): *cùm verò infirmatur, anima floret, & ad ſuperna reſpicit.* O P. Cornelio Viſhavèo Varaõ illuſtre da Companhia de JESU

Orat. 4. Cùm à Patre in conſortium aſſumptus, &c.

JESU chamava ao mundo lança do noſſo commum inimigo, e ao corpo eſpada: porque com aquelle peleja
A contra a alma de longe, e com eſte de perto. Segue-ſe logo, que quanto mais ſaõ, e valente corpo tivermos, tanto melhor eſpada tem contra nòs o demonio.

A ſapientiſſima Virgem S. Gertrudes (delicias da graça Divina) diz que por illuſtraçaõ do Senhor entendeo não huma ſò vez que a alma racional habitando no corpo humano he offuſcada, e eſcurecida, como huma peſſoa que eſtiveſſe no meyo de hum eſtreito apozento, o qual de todas as partes eſtiveſſe evaporando eſpeſſa nevoa, como fumos de olha fervendo. Quero pòr as meſmas palavras da Santa, porque o ſegundo livro das Inſinuaçoens (donde ſaõ tiradas) he compoſto por ella por mandado do Senhor, e acabada a tarefa certa de eſ-
B crever cada dia, não lhe occorria mais huma ſo palavra. *Illuſtrante gratiâ tuæ pietatis intellectum meum, pluries revelaſti mihi, qualiter anima manens in corpore humanæ fragilitatis offuſcatur ad inſtar unius, qui ſtans in medio angustæ habitationis, undique ſuſciperet in ſe tam circa, quam ſupra, & infra ſe nebulam, quam habitatio illa immitteret, velut coquens vaporem emittit.* Logo quanto o corpo tiver mais de corpo, tanto eſta nevoa ſerá mais eſpeſſa, cegando para as funcçoens eſpirituaes a pobre alma, que habita dentro. Lib. 2. Inſinuat. c. 14.

Que nevoas lançaria o corpo (ponhamos por exemplo) de hum Chiapino Vitelio Marquez de Cetona? de que ſe eſcreve que chegou a engordar de modo, que
C lhe era neceſſario ſuſtentar o ventre em huma liga pendente ao peſcoço; e ſó o que diminuhio no ſeu pezo pelo uzo de beber vinagre (porque temia affogar-ſe comſigo meſmo) foraõ perto de tres arrobas. Tambem de Dionyſio Tyranno de Heraclea ſe refere, que chegou a engordar tanto, que apenas com ponteiros cravados na carne o podião acordar do ſono que o opprimia, e que a gordura lhe cauſava. Eſtes Benjamins ſaõ de outra eſpecie, e naõ ſey ſe cabem pela porta do Ceo. Pelo menos o Cetona, que morreo caindo de huma cadeira, em que o levavão, não deixou bom nome em materia de pudicicia, Strada l. 8. de bello Belgico, ad finem. Phocius Bibliothe. c. 234.

e piedade. Deos nos livre de genio que ama exquiſitamente a ſaude, e commodos do corpo, e ſe diz a ſi meſmo por complacencia: A

Lupercio nas Rimas.

Pues que, ſi es dia en que la barba tundo,
Y corre licencioſa la navaja?
Cariſſimo individuo hende, y raxa;
Que rompes là mejor vida del mundo.

Porque eſtes curaõ pouco da ſaude da alma, que he o Amor de Deos: *Solicitudo exteriorum* (diſſe S. Bernardo) *certum mentis incultæ ſignum eſt.* Nem lhes ſobe aõ coraçaõ aquelle ſanto deſejo: *Sicut adipe, & pinguedine repleatur anima mea.* Nem advertem quanto melhor final he da ſalvação a doença, e trabalho, do que a ſaude, e deſcanço; pois o lavrador mete no jugo os boys que reſerva para ſi, e manda paſtar os que deſtina para o talho. B

In declamat. longe poſt medium.

Pſalm. 62. v. 6.

Aquella voz, *Se eſtará Deos mal comigo?* he digna de hum peito Chriſtaõ, e final muy provavel de que naõ eſtará o Senhor mal com quem a diz de coraçaõ. Porque, como enſina S. Thomàs, creſcendo a caridade, neceſſariamente ha de creſcer o temor de Deos filial; pois do augmento da cauſa ſe intere o do effeito, e quanto huma peſſoa mais ama a outra, mais recea offendella: *Timor filialis neceſſe eſt quòd creſcat, creſcente charitate, ſicut effectus creſcit, creſcente cauſa. Quanto enim aliquis magis aliquem diligit, tanto magis timet illum offendere, & ab eo ſeparari.* A graça de Deos muy deſejada ſuppoem de ordinario a meſma graça ja poſſuida: nem o Senhor ſe auſentou de todo de quem lhe daõ cuidado ſuas auſencias. C

Tem os aſtros (ſegundo alguns Mathematicos dizem) proprio movimento que chamão de trepidaçaõ. Eſta trepidaçaõ dos bons eſpiritos nos confirma que ſaõ aſtros do firmamento da Igreja, como falla o Apoſtolo: *Lucetis ſicut luminaria in mundo.* Manda Deos, que andemos ſolicitos com elle: *Indicabo tibi, ò homo, quid ſit bonum, & quid Deus requirat à te: utique... ſolicitum ambulare cum Deo tuo.* Logo aos que aſſim o fazem, o meſmo cuidado os póde tirar de cuidado.

Philip. 2. 15.

Mich. 6. 8.

Ver o que hum palaciano anda solicito se agrada, ou
A desagrada ao seu Principe, e ver o pouco cuidado que lhe dà se estarà, Deos mal com elle! Lá disse Horacio, q̃ não era o ultimo louvor de huma pessoa, o agradar aos Principes, e senhores:

Principibus placuisse viris, non ultima laus est.

Com ser pagaõ, e Poeta (isto he, falto de luz superior, e amigo de encarecimentos), não disse que este louvor era o primeiro; e muito menos diria, que o agradar aos Deoses era o ultimo. Mas oh lastima! quẽ o que hum Poeta pagaõ naõ diria acerca dos Deoses falsos, muitos Christãos Theologos o praticão âcerca do verdadeiro Deos. Quantos (ainda mal!) não guardão no seu coraçaõ para o agrado de Deos nem o lugar ultimo? Homẽ,
B que em teu coração dàs lugar ao agrado do Principe, ao agrado dos parentes, ao agrado dos amigos, ao agrado até dos cães, pois folgas que te conheção, e festejem: naõ haverà là no cabo hũ lugarsinho para o agrado de Deos? Porèm este coraçaõ he estalagem, e em estalagens não tem Deos lugar ainda na fórma de pequenino: *Non erat ei locus in diversorio.* Luc. 2. 7.

Mais digo. Pouco he (sendo tanto), que muitos homens não tenhaõ se quer por ultimo louvor o agradar, e servir a Deos: pois não faltão outros, que o chegaõ a ter por certo genero de vituperio. Ninguem me tape neste dito a bocca: ninguem lhe pareça, que trasphasso as linhas da verdade. Elle he certo, que muitos se envergonhaõ de fazer oraçaõ, e penitencia: de frequentar os
C Sacramentos: de ajoelhar, e benzer-se nas Igrejas como modo, que deve fazer-se: de fallar de Deos, e acompanhar com timoratos. E que he isto, senão, âlem de excluir totalmente o louvor do agrado de Deos, metelo em conta de materia de confusaõ, e vituperio? Mas ay! que destes, que se envergonhão do Euangelho diante de homens, se envergonharà Christo diante de seu Eterno Pay. Assim o tem promettido, e cairà o Ceo, mas não a sua palavra: *Qui me erubuerit, & meos sermones, hunc Filius* Luc. 9. 26.

lius hominis erubeſcet, cùm venerit in maieſtate ſua, & Patris, & Sanctorum Angelorum. Dirà que os não conhece, pois
Caſſiodor. lib. 25. variarũ Epiſt. 26. o deſconhecerão: *Neſcio vos.* E ſe como diſſe hum diſ- A creto, pouco vay do vivo ao morto, ſe o ſeu Principe o naõ conhece: *Penè ſimilis eſt mortuo qui â ſuo dominante neſcitur:* que ſerà ſe o naõ conhecer o ſeu Deos? Eſte ſim, que he verdadeiro morto; e tanto mais q̃ os mais mortos, quanto a ſeparaçaõ de Chriſto excede à ſeparaçaõ da alma.

Mas cingindonos outra vez ao noſſo ponto. Mais diſtancia vay entre o que importa a graça de Deos, e a dos homens, do que vay entre o que o mundo todo importa, e hum pouco de ciſco, que ſe vaza ao canto de hũa parede. E com tudo ha Chriſtãos, que neſte ciſco revolvem, nelle tem os olhos pregados, e o coraçaõ fumido, e de ſe eſtaõ, ou naõ em graça de Deos, aſſim ſe deſcuidaõ, como ſe nada lhes tocàra. Oh ſe o que retem B injuſtamente o alheyo ha tantos annos: ſe o que anda implicado em litigios injuſtos: ſe o que guarda no coraçaõ rancores antigos contra o ſeu proximo: ſe o coſtumado a tal, e tal torpeza, que nem o nomealla he decente, cuidaſſem de vagar neſte ponto quando ſe vão a deitar na cama! Deos eſtá mal comigo certamente: naõ creyo dormirião taõ a ſono ſolto, nem dilatariaõ de dia em dia o por-ſe bem com Deos por meyo de hũa confiſſaõ bem feita, e de hũa generoſa reſoluçaõ de mudança de vida. Hum homem, com quem Deos eſtà mal, anda bannido em qualquer parte do mundo. Milagre he da paciencia Divina, que qualquer creatura, com que encontra, ſe naõ levante contra elle, e o mate. Hum homem, com quem Deos eſtà mal, traz ao peito aboccadas as armas de fogo C da ſua ira: por momentos pòde deſparallas, e perdeo-ſe para ſempre. Hum homem, que anda fòra da graça de Deos, eſtà pendurado pelo delgado fio da ſua vida ſobre o inferno, que he aquelle formidavel poço, que abre o fundo, e tapa a bocca ſobre os que caem dentro. Sabe o Senhor que iſto naõ ſaõ encarecimentos; e com tudo tantos vivem neſte miſerabiliſſimo eſtado, com tal deſcuido, e repouſo, como ſe foraõ evidentes mentiras.

Mas

Mas eſte he o diſtinctivo proprio dos neſcios, tomar o ſalto por cima da Ley de Deos, e ficar muy confiados:
A como pelo contrario, he proprio dos Sabios, temer, e deſviarſe do mal: *Sapiens timet, & declinat à malo: ſtultus tranſilit, & confidit.* Prov. 14. 16.

XXXIV.

De Santa Secunda Virgem, e Martyr.

VEndo eſta illuſtre Romana, que ſua irmãa Santa Ruffina, com quem juntamente fora preza, era com deshumanos golpes açoutada pelos verdugos, e que ella ficava vendo ſó de fóra
B eſte glorioſo eſpectaculo: diſſe para o Prefeito Junio Donato: *Inimigo de Deos, ſe ſomos irmãas na Fé, e no ſangue, porque ha de levar ſó huma a honra, e outra a ignominia?* Reſpondeu o Tyranno: Conſórme vejo, ainda tu es mais douda, que tua irmãa. *Nem minha irmãa, nem eu* (replicou a Santa) *eſtamos faltas de juizo: porèm ambas confeſſamos ao meſmo Chriſto, e a honra do Nome Chriſtão: dos teus açoutes toma os ſeus augmentos: com que perder agora penas, que paſſão, he perder depois glorias, que permanecem.*

ENCOMIO.

C 

Eſta inveja, e loucura conceda Deos muito a todos os Fieis. Oh admiravel genero de morte a de qualquer Martyr, (exclama S. Agoſtinho) para quem he pouco naõ a contar entre os tormentos, ſe alem diſſo a naõ contar entre as delicias! *Quàm admirandi generis mors eſt, cui parum fuit non eſſe in pœnis, niſi eſſet inſuper in deliciis.* Por iſſo a incorrupta lingua daquelle Portuguez, que tanto

to teve deſta ſanta inveja, e naõ quiz Deos tirarlha, diſ-
D. Antoñ. ſer. in Dom. infra Octavam Nativit. Euſeb. de arte voluntatis lib. 6. c. 8. ſe, que para Eſtevaõ as pedras, para Lourenço as grelhas, para Vicente as brazas foraõ doces: *Lapides Stephano, craticula Laurentio, carbones ignis Vincentio dulces fuerunt.* Diſcretamente pondera o P. Euſebio Nierem-
berg, que aſſim como naõ era credito para os prezos, o ſerem ſoltos ſimpleſmente ſ ſenaõ por authoridade publica, e talvez por mão dos meſmos Emperadores, como fizeraõ Tito, e Veſpaſiano, quebrando as cadeas de Joſepho; aſſim tambem os ſervos de Chriſto naõ eſtimão, que a morte commua os ſolte das priſoens do corpo; ſenaõ que os Emperadores, e os Tyrannos lhas quebrem á força de tormentos.

Taõ alto he o conceito, que os Martyres tem da gloria de dar a vida por Chriſto, que não trocarião a ſua morte por todos os theſouros, todas as delicias, todas as dignidades do mundo, ainda que lhas conferiſſem com inveſtidura, e poſſe ſeguriſſima até o fim do meſmo mundo. S. Andrè, o primogenito do Santiſſimo Apoſtolado de Chriſto, aſſim temia ſer depoſto da ſua aſpa, como outros o temerião ſer do throno Imperial, ou do thalamo do mayor deſcanço, e refrigerio. Por iſſo orava ao Senhor inceſſantemente, que tal naõ conſentiſſe, e fez á força de rogos, e lagrymas, que ſe aquietaſſem os Fieis amotinados para o tirarem do poder de Ægeas Tyranno. Sant-Iago, que chamão o *Interciſo*, porque foy membro por membro eſpedaçado, aſſim como lhe hiaõ decepando hum artelho, reſpondia còm exceſſiva conſolação: Graças a Deos. Santa Martha, cujo triumfo celebra a Igreja a 19. de Janeiro, exhortando á paciencia no martyrio a ſeu marido, e filhos, aſſim como lhes corria o ſangue das feridas, ungia com elle a cabeça em final de eſtimação, e reverencia.

Inſigne he neſte genero o exemplo de S. Tiemo, ou Diemo, Monge Benedictino, depois Arcebiſpo de Salisburgo: o qual indo a Jeruſalem pelo tempo que muitos Fieis ſe moveraõ a fazer eſta peregrinaçaõ, quando Godefrido de Bulhões conquiſtou a Terra Santa, cahio em poder de certo Rey Gentio, que ſabendo como o

Illuſtre martyrio de S. Tiemo Arcebiſpo de Salisburgo.

Santo

Santo era deſtro pintor, e eſcultor, lhe mandou concertar hum ſeu idolo. Mas elle naõ perdendo taõ opportuna occaſiaõ de arrebatar a coroa de Martyr, pegou de hum martello, e a obra que fez nequella infame eſtatua, foy deſtruilla de todo; porque naõ ſe podia negar, que aſſim ficava perfeitamente acabada. Ardendo em furor aquelle barbaro, ſentia naõ achar para eſfera de ſeu deſafogo muitas vidas que tirar em hum ſô vivente. Para ſupprir eſte defeito, mandou que a ſua morte foſſe lenta. Applicaraõ-lhe certo unguento confecionado de varias venenoſas ſerpentes, com que toda a carne do Santo foy roida, e gaſtada, ficando esburgados os oſſos. Depois lhos foraõ partindo hum por hum, como ſe temeſſem errar a conta. Decepados já braços, e pernas, ficou ſô a cabeça, e corpo, como tronco de arvore ſem ramos.

B Ainda reſtão mais penas a Tiemo, porque miniſtrava Deos o calix, conforme lhe tinha dado a ſede. Deraõ-lhe huma tremenda cutilada no ventre; profunda naõ para que naõ foſſe mortal; mas comprida, para que abriſſe porta aos inteſtinos: eſtes foraõ dobando pouco, e pouco em novello. Entretanto o valeroſo mantenedor de Chriſto, que ſe hia armando mais com ſuas proprias penas, naõ ceſſava de render graças ao Altiſſimo pelo incomparavel beneficio de o admittir á honra de poder dar algum retorno ao amor de ſeu Unigenito Crucificado. Até que finalmente deſatado ſeu feliciſſimo eſpirito chegou a tocar a deſejada baliza, onde pendia a immortal laureola, deſtino de todos ſeus anhelos. E para que conſtaſſe qual dos dous contendores neſta cauſa tirou a ſua a

C limpo, ſe a Fé de Tiemo, ſe a perfidia do idolatra, e que a ira deſte fez o que pode, mas naõ o que quiz; na Igreja, onde os Chriſtãos enterráraõ as reliquias do Santo, nenhum idolo podia ſubſiſtir; porque logo ſe quebravaõ de ſórte, que a potencia tyrannica lhe tirou as mãos do corpo, mas naõ o martello das mãos.

Fr. Antonio de Yepes tom. 7. da Chronica fol. 43. no fim.

Porêm, naõ he muito que os Santos conheceſſem o preço da honra do martyrio, pois atè os tyrannos lhe ardia que a conſeguiſſem, e muitos quizeraõ inventar modo de coar neſta morte, o que tem de penal, do que

tem

tem de glorioſa, e que ficaſſe miſeria pura, qual o fogo do Inferno, que abraza, porém naõ reſplandece. Aſſim
Greg. Naz. Orat. in Concilio Conſtantin. t. habita. o procurárão antiguamente Juliano Apoſtata, e o Empe- A
rador Valente, valente Arriano, ordenando a ſeus impios miniſtros, que proſcreveſſem, & adjudicaſſem ao ultimo ſuplicio os Fieis, naõ a titulo verdadeiro de Fieis,
Yepes na Hiſtoria da perſeguiçaõ de Inglaterra. ſenaõ ao impoſto de criminoſos. Aſſim ſe uſou tambem na Gram-Bretanha em tempo da Rainha Iſabel, e ſe uſa no preſente; onde os Catholicos Romanos entraõ na queſtão, e padecem a ſentença, ſó pela fingida cauſa de
Gloſſ. Interl. ſup. Pſ. 68. traidores à Real Mageſtade; certo he que o louvor do martyrio eſtá na cauſa, e naõ na pena: *Laus eſt in bonitate cauſæ, & non in acerbitate pœnæ:* porèm tambem he certo, que eſſa cauſa eſtá na intençaõ do Martyr, e naõ no fingimento do tyranno.

Honeſtamente vingada fica a Igreja deſta perſeguiçaõ, e fraudulencia, com que nem fóra della póde haver Martyres, nem dentro, por haver muitos deixàraõ B
de ſe multiplicar ſeus filhos. Fóra da Igreja naõ póde haver hum ſó Martyr, ainda que haja alguns cegos obſtinados na pena, como na culpa: porque nella (na ſen-
Job. 28. 1. tença de S. Gregorio Magno) he aquelle certo lugar, onde ſe purga o ouro, como diz o S. Job: *Auro locus eſt, in quo purgatur.* E o meſmo he ſer alguem herege, q̃ perder eſte lugar, e deixar de ſer ouro; quanto mais ouro purgado com quantas penas quizer, ou cõ quantas naõ quer. Atrociſſimas foraõ as de Joaõ Hus, pay dos ſectarios Huſſitas, e perfilhado dos Uvaldenſes, Uviclefitas, cujas fezes referveu: atrociſſimas as de Jeronymo de Praga, ſocio do meſmo Hus: ambos (ainda que em differente C
anno) condenados pelo Concilio Conſtancienſe, e queimados vivos. Nunca ſe deſdiſeraõ, e nunca ſe purgáraõ; porque ainda que o ſeu lugar de pena era o fogo, o ſeu lugar da crença não era a Igreja: fogo dentro da Igreja
Lib. 18. Moral. c. 14. purga a S. Lourenço, e a S. Vicente como a ouro: fogo fóra da Igreja abraza, e denigre a Huſ, e a Praga como carvões. *Quiſquis* (ſaõ palavras de S. Gregorio) *extra unitatem Eccleſiæ patitur, pœnas pati poteſt, Martyr fieri non poteſt.* Tenha paciencia Beza, que ainda que recenſeou

a Hus

a Hus no cathalogo dos Martyres, e Inſtauradores (como elle diz) do Chriſtianiſmo: longe eſtà o ſeu dito de
A ſer Bulla de Canonizaçaõ Pontificia.

E dentro da Igreja nunca póde ſer diminuiçaõ dos filhos a multiplicaçaõ dos Martyres: porque antes o ſangue deſtes, que derramão, he ſementeita que plantão daquelles. Tertulliano: *Semen eſt ſanguis Chriſtianorum: plures efficimur, quoties metimur a tyrannis.* Saõ como as abelhas, que morrendo algumas no conflicto com as aranhas, ou com outras ſevandijas peçonhentas, então ſe renova melhor o enxame. In Apologetico adverſus gentes: c. 50.

Quo magis exhauſtæ fuerint, hoc acriùs omnes
Incumbunt generis lapſi ſarcire ruinas. Virg. 4. Georg.

Nas meſmas Santa Ruffina, e Secunda temos o exem-
B plo: as quaes depois de haverem padecido varios tormentos, foraõ lançadas no rio Tibre, alligadas ambas a hum pezado marmore; com o qual andàraõ illeſas ſobre as aguas, não lhe offendendo eſtas nem os veſtidos. E ſendo ultimamente degolladas, appareceraõ á Matrona Plautilla, e lhe diſſeraõ, que ſe converteſſe á Fè de Chriſto. E ella aſſim o fez promptamente, e deu a ſuas reliquias honorifico ſepulchro. Gloria a Chriſto Rey dos Martyres, que nelles peleja, vence, e triunfa ineffavelmente. Sur. 10. Jul. tom. 4.

XXXV.

C *Do B. Jacopone Religioſo Franciſcano.*

DEſde ſua converſaõ foy eſte ſervo de Deos do numero daquelles que a Sagrada Pagina chama Virados para o coraçaõ, e daquellas tres vias myſticas, que no monte da Gloria moſtrou o Anjo do Senhor à Beata Iſabel de Schonaugia; Eccli. 11. 7. Pſ. 84. 9. Iſai. 46. 8. In libro viarũ Dei, viſione 1.

N a ſaber

a ſaber, huma verde à ſua mão direita que era a dos que ſeguem a vida activa; outra purpurea à ſua maõ eſquerda, que era dos Martyres; e outra pelo meyo de cor do Ceo ſereno, que era a dos Contemplativos: elle pizava eſta com felicíſſimos progreſſos, e teve entre outros dons o de lagrymas copioſas. Perguntado pois huma vez, que porque chorava com tanto exceſſo, reſpondeo: *Choro, porque o Amor naõ he amado: choro, porque o Amor he offendido: choro, porque a cegueira do mundo não conhece ao Amor, antes o deſpreza.*

EXPENSAM.

DEos he o Amor, como diſſe o Diſcipulo amado, que aprendeo reclinando a cabeça no peito do meſmo Amor: *Deus charitas eſt:* iſto he o amor eſſencial: com que nos ama, não o amor creado com que nòs o amamos por graça daquelle meſmo Amor. Deos he o Amor, aſſim como Deos he a Sabedoria; a Omnipotencia, a Eternidade, e toda a perfeiçaõ, e bem. Eſte modo de fallar por predicados abſtractos eleva mais o noſſo conceito, e põem mais gràos da fòrma no ſujeito. Por iſſo a Igreja naõ ſe contentou com chamar fermoſa à Sacroſanta Humanidade de Chriſto; ſenão Fermoſura: *Omnis pulchritudo Domini exaltata eſt ſuper ſidera:* nem com chamar Virgem a MARIA Santiſſima, ſenão Virgindade: *Sancta, & immaculata Virginitas, quibus te laudibus efferam neſcio.* E pelo meſmo eſtylo S. Dionyſio Areopagita chamou a S. Joaõ Euangeliſta, naõ ſò Theologo; mas a meſma Theologia: *Theologus ſupremus Theologorum, & ipſamet Theologia:* e S. Joaõ Chryſoſtomo naõ quiz chamar a Satanás ſómente o màõ; ſenão o mal: *Non jam malus, ſed malum eſt, a quo eſt omne, quod malum eſt.* Mas em Deos noſſo Senhor, àlem de ſe elevar mais o noſſo conceito por via deſtas enũciaçoẽs abſtractas, declara-ſe melhor o ſimpliciſſimo

1. Joan. 4. 8.

Apud P. M. Silveira lib. 9. in Evang. c. 7. q. 5. n. 27. Exponens illud Orationis Dominicæ: Libera nos a malo.

ciſſimo modo ſem modo, de ſeu ſer Divino, no qual não
ha diſtinçaõ de formas, e ſujeito; de ſórte que huma
A couſa ſeja Deos amante, e outra o Amor com que
nos ama; huma couſa Deos ſabio, e outra a Sabedoria
com que he ſabio; huma couſa Deos Omnipotente, e ou-
tra a Omnipotencia, com que he Omnipotente: ſenaõ
que eſſe meſmo Amor, Sabedoria, Omnipotencia, &c.
ſaõ realmente a Divindade, e eſſa meſma Divindade real-
mente he Deos. Com que ſendo eſte Senhor fonte do
ſeu meſmo rio (como altamente diſſe Palcaſio Diacono: *Deus eſt fons fluminis ſui:*) eſſe rio de ſuas perfeiçoens não
ſe diſtingue da meſma fonte dellas. Aſſim o enſinou o fa-
moſo Concilio Rhemenſe, em que peſſoalmente preſi-
dio o Papa Eugenio III. a mil, e cem Prelados congre-
gados de toda a Chriſtandade: onde Gilliberto Porreta-
B no depois de largar diſputas, convencido eſpecialmente
pelo glorioſo S. Bernardo, ſe deſdiſſe do ſeu erro contra-
rio, e não foy privado da ſua Igreja (era Biſpo de Putiers)
porque ſuppoſto affirmava heregia, não foy herege, ha-
vendo proteſtado a principio, que eſtaria pelo que de-
terminaſſe o Concilio.

Lib. 2. de Spiritu Sancto c. 7.

Cabaſſutius in Noticia Eccleſiaſtica, ſæc. 12. fol. 408.

Paron. ann. Chriſti 1148. n. 33. & 12.

Sendo pois Deos o Amor, e ſendo o não amar a Deos
a mayor de todas as miſerias; por conſeguinte he para as
lagrymas a mais juſta de todas as cauzas. Que couſa pó-
de imaginar-ſe mais feya, nem mais torpe, nem mais
digno objecto de todas as abominaçoens, nem mais
propria origem de todos os males, do que naõ amar a crea-
tura racional a ſeu Deos que a ama, antes offendello, e
deſprezallo? Contemplemos eſta monſtruoſidade por
C partes, para hir cabendo na noſſa admiraçaõ.

Primeiramente iſto ſò Naõ amar, preciſo qualquer
outro reſpeito, indica hum animo não ſò brutal, mas fe-
rino, não ſó ferino, mas inſenſivel. E pouco diſſe em
tudo: porque ainda os meſmos brutos, e feras là tem o
ſeu amor natural huns para com outros; lá lhes im-
primio a natureza alguns veſtigios, e arremedos de a-
mor, e boa vontade para com as peſſoas que lhes fazem
bem: ha notaveis, e frequentes exemplos neſta mate-
ria.

Entre as creaturas inſenſiveis tambem ha ſuas ſympathias, e ſeu occulto magnatiſmo, com que humas ſe chegaõ para as outras, onde a ſua natureza melhor ſe A conſerva; como vemos no azougue, que ſe abraça com o ouro, nas palhinhas que ſe ajuntaõ ao alambre, na palD. Baſil. homil. 5. in Hexameron, longe à fine. Plin. l. 13. c. 5. meira femea, que he mais fecunda plantada junto da palmeira macho, e ſe as divide a diſtancia, baſta que ao menos as deſpoſe algũa corda atada de hũa â outra. De ſórte que em todas as creaturas ſe diviſa algum raſto, ou ſemelhança de amor, ſem o qual naõ pudera conſiſtir a maquina do univerſo, como naõ póde hum edificio ſem cal, ou betume, que liga entre ſi as pedras delle. Direy pois mais acertadamente, que iſto de *Naõ amar* indica hum animo diabolico: porque todas quantas creaturas encerra o univerſo, ſó os demonios unicamente naõ amaõ. Ser. 54. in Cant. Saõ montes de Gelboé já amaldiçoados (como diſſe S. B Bernardo,) onde nem huma ſó pinga deſte orvalho do amor apparece.

Pois ſe ſó preciſamente o naõ amar he de eſpirito diabolico, que ſerá o naõ amar a Deos? Demos que hum homem era de condição tam de ferro, que nem tratava com ſeus amigos, viſinhos, e compatriotas; nem correſpondia a ſeus parentes, e bemfeitores; nem amava a ſeus meſtres, irmãos, pays, e filhos; nem o ſeu affecto ſe abalava pela commiſeraçaõ dos trabalhos, e oppreſſoens graves do proximo; nem eraõ poderoſos para cauſar ſerenidade em ſeu coraçaõ os longes do firmamento eſtrellado, as proſpectivas dos campos Elyſios, as muſicas dos Amfioens, e Orfeos, as graças da candida innocencia dos mininos, a gentileza, e galhardia dos Abſaloens, C e Adonias, das Raqueis, e Eſtheres: ſempre ficava tam rijo, e immovel.

Quàm ſi dura ſilex, aut ſtet Marpeſia cautes.

Sò o figurar na fantaſia tal caſta de homem mete horror, e melancolia, e fica dizendo o eſpirito: Longe vas tu de mim para debaixo do polo arctico glacial, ou para as furnas das cimerias ſombras. E todavia eſte tal homem, que

que ſuppunhamos que a nada tinha amor, ainda aſſim
A devia render-ſe ao amor de Deos. Naõ entra em numero a bondade deſte Senhor, com a de qualquer outra couſa creada. Atrium fal cárroça de ſua amabilidade roda ſobre os cabeços dos mais elevados montes de outras quaeſquer poſſiveis prendas, e merecimentos de amor. A balança, em que poſta toda a redondeza da terra nenhum abalo, ou declinação cauzaſſe, todavia em chegando a porſe nella a imponderavel di vida do amor de Deos, logo havia de hir ao fundo. Deos he a honra, a gloria, e a mageſtade: Deos he o imperio, dominação, e ſoberania: Deos he a graça, a luz, e fermoſura: Deos he a virtude, fortaleza, e omnipotencia: Deos he a ſabedoria, eternidade, e immenſidade: Deos he todo o bem, e ſo-
B bre todo o bem, unicamente o bem: Deos não he couſa alguma do q̃ temos dito, ou podemos dizer, do modo que o ſentimos, ſenão por outro infinitamente remontado, e totalmente ineffavel. Ahi balas, e mais balas diſparando! Ahi ſettas, e mais ſettas chovendo! Que coraçaõ ha de fazer frente a eſta carga cerrada de merecimentos de amor, ſem render ſe, e ſem folgar de ſer priſioneiro de tão bom Senhor? Que abyſmo ſerà logo de dureza não amar ainda aſſim a Deos, e ficar-ſe o homem como ſe não fora homem, ou como ſe totalmente não fora? Contemplar eſta eſpecie de creatura (ſe pôde, ou deve chamarſe creatura) faz enjoo, e provoca a vomitos o eſtamago da memoria. Vem cá, Catoblepa * dos olhos carregados, e focinho derribado ſobre a terra: não ba-
C ſta a força de hum Deos, para os levantares a adorallo? nem te faz mòſſa no coração hum bem infinito conhecido por tè, para lhe moſtrares amor, e reſpeito? Bem ſe vè (do modo que na eſcuridade deſta vida ſe pôde ver) que iſto he grande miſeria.

* He huma fera aſſim chamada na Ethiopia, Heſperia, da qual diz Plinio lib. 8. c. 21. Caput prægrave, ægre ferens, id dejectum ſemper in terram, &c.

Porém procedamos com o noſſo diſcurſo. Atêqui ſò ponderavamos a inſenſibilidade de hum coraçaõ humano não amar, e a torpeza de não amar a Deos: reſta ainda ponderarmos a ingratidaõ de não amar a Deos que o ama, e que o ama comſigo meſmo, pois elle he o amor eſſencial. Se Deos, ſendo, como he, per ſi ſò infinita-

mente amavel, nos não amaſſe (que podia ſer, pois ſeu amor para com noſco he muito livre, e ſô a ſi meſmo neceſſariamente ſe ama) ainda aſſim devia ſer ſobre todas as couſas amado, adorado, e obedecido, por ſer elle quem he em ſi meſmo, e deſte modo o amão algumas almas na terra; que não ſe ſatisfazendo para motivo de ſeus affectos dos beneficios de Deos, o achão mais nobre, e efficaz na contemplação do bem que eſte Senhor he ab eterno dentro em ſi meſmo, preciſa toda a razão de lhes fazer bem. Porém accreſcendo para nôs ſobre aquelle titulo eſte ſegundo mais connatural ao noſſo modo, e ſobre ſer Deos tam amavel em ſi, ſer amante noſſo, e ainda aſſim naõ o amarmos! Aqui naõ ſey que diga deſta miſeria, e pòde ſer que mais ſe diria, dizendo nada. Peço ao leitor, que não paſſe por eſtas clauſulas aceleradamente. Naõ amar eu a meu Deos, que me ama! Meu Deos me tem amor, e elle he o meſmo amor, com que me ama, e eu não tenho amor a Deos! Creoume Deos à ſua imagem, e ſemelhança para o altiſſimo, e feliciſſimo fim de o gozar eternamente, e eu não amar a quem me creou! E para que eu conſeguiſſe eſte fim de o gozar, e ſer bemaventurado eternamente, baixar Deos à terra, e fazer-ſe homem; e eu não amar a Deos! E não ſómente fazer-ſe homem, mas minino, pobreſinho entre palhas, enfaxadinho em pannos, chorando, e tiritando, e tomando o peito da Virgem Mãy, para ſe fazer mais carinhoſo, meigo, e acceſſivel; e eu não amar a eſte Deos! E não ſô fazer-ſe homem por meu amor, ſenaõ eſcravo: *Filius hominis non venit miniſtrari, ſed miniſtrare.* Servindome, e acodindo fideliſſimamente a todas minhas utilidades, e trabalhos; para mi orando, jejuando, e prêgando; para mi fazendo milagres, para mi inſtituindo Sacramentos, e eu não amar a meu Deos! E traçar hum deſtes Sacramentos com tal artificio de amor, que pudeſſe eu comello, e bebello, ficando eu nelle, e elle em mim, para nutrirme a ſua ſuſtácia o meu eſpirito, e para penhorarme em ſua propria peſſoa, das magnificas promeſſas, que me tem feito, e eu naõ amar a meu Deos! E ſobre fazer-ſe meu eſcravo, querer parecer mão

A

B

C

Matth. 20. 28.

eſcravo

eſcravo levando açoutes; ſobre fazer do ſeu corpo, e ſangue meu alimento, fazer delles meu preço para me remir, e expor-ſe crucificado em hum lenho infame contra a ira juſta de ſeu Eterno Pay, para amparar-me della aparando-a em ſi, e finalmente queimar alli a vida em holocauſto para merecerme a eterna, e eu naõ amar a eſte Deos! Bem dizia eu, que eſtas couſas não ſe pódem ponderar dizendo. Neceſſaria he a eſte Senhor ſua paciencia infinita para ſofrernos, e neceſſario he tambem haver Inferno, para ſepultar ingratos.

A

Pois ainda eſta noſſa ingratidão baixa mais ao profundo: porque não ſòmente não amamos a Deos que nos ama; ſenão que o offendemos gravemente. Seneca Filoſofo contando as eſpecies de ingratidão, diſſe, que era ingrato o que nega haver recebido o beneficio, ingrato o que lhe não dà retorno, ingrato o que diſſimula; porèm ingratiſſimo o que delle ſe eſquece: *Ingratus eſt, qui beneficium accepiſſe ſe negat, quod accepit, ingratus qui non reddit, ingratus qui diſſimulat, ingratiſſimus omnium qui oblitus eſt.* Neſte ultimo calculo ſe enganou: porque he evidente, que muito mais alêm paſſa na ingratidão quem offende ao bemfeitor; do que quem ſe eſquece delle. Eſtes mais ingratos que os ingratiſſimos ſomos nôs, pois aos beneficios de Deos reſpondemos com agravos, e aos favores da ſua graça, com as injurias do noſſo peccado, como o meſmo Senhor ſe queixa: *Poſuerunt adverſum me mala pro bonis.* Somos o aveſſo do Euangelho, porque mandando o Evangelho, que façamos bem a noſſos inimigos: *Benefacite his qui oderunt vos:* nòs a Deos que nos faz bem, que nos honra, ajuda, e defende, offendemos, injuriamos, e deshonramos. E o que peyor he, os ſeus meſmos beneficios, e favores ordinariamente convertemos em armas para o peccado; que a juizo do meſmo Deos, não he menos que fazello ſervir á ſua meſma affronta: *Servire me feciſti in peccatis tuis, præbuiſti mihi laborem in iniquitatibus tuis.*

B Sen ec. de Benefic. lib. 3. cap. 1.

Pſ. 108. 4.

Luc. 6. 27.

C Iſai. 43. 24. A Lap. ibi: Nam ejus concurſu, naturâ, & donis ab eo acceptis peccatores abutuntur.

Difficultoſas de crer parecem eſtas couſas tomadas aſſim abſolutamente, e quem eſtiveſſe fòra deſte miſeravel mundo, ou não pertenceſſe ao fermento de Adão,

duvidaria que a creatura racional ſe abalançaſſe a tam demarcado exceſſo. Porèm he tam certo, como o ſaõ eſtes dous principios: hum, que nôs ſomos peccadores; A outro, que o peccado he verdadeira injuria, e deshonra de Deos. Naõ faz outra couſa, que fazernos bem, e nòs, quaſi não fazemos tambem outra couſa, que offendello, e ſobre offendello, nos rimos, e jactamos diſſo, e ainda eſcarnecemos de alguns que tem medo ao peccado, e nos cauzão tedio, murmuração, e detracçaõ outros que poem ſuas diligencias, e andão com vigilancia, por fugir deſta miſeria. Oh laſtimoſiſſima cegueira! E que deſtes cegos haja tantos, que andão pelas ruas topando huns com os outros! S. Luiz Rey de França edificou huma grande caza, ou hoſpital lô para cegos, e dizem que vivem alli recolhidos de trezentos atè quinhentos, occupando-ſe cada hum no para que he habil. B Mas que tem que ver eſte numero com o dos cegos deſtoutra caza do mundo? tantos ſaõ, que o Eſpirito Santo diz que não tem numero: *Perverſi difficilè corriguntur, & ſtultorum infinitus eſt numerus.* E nenhum delles ſe occupa no que deve, e no para que Deos o fez habil, que he amallo, e ſervillo; porque eſta meſma depravaçaõ, e abuſo vay envolvido na ſua cegueira.

Theofilo Raynaudo t. 9. f. 272. citando a Spondano ad annum 1250. Jacobo Gualterio nas taboas Chronologicas, citãdo os Annaes de Nicolao Egidio. Eccleſ. 1. 15.

Oh miſeria verdadeiramente digna de perpetuas lagrimas! Chora Jacopone, chora: nem ha para que te perguntemos porques: tu es quem deve perguntarnos porque não choramos nós. Mas ſe a cegueira der lugar à reſpoſta, a reſpoſta prompta eſtà para a pergunta. Choraõ os Santos, porque vem; e porque eſtamos cegos, não choramos. Eſtes dous officios dos olhos, ver, e chorar, coſtumão andar annexos. Quando Chriſto previo a Jeruſalem arrazada por amor de peccados, logo ſeus olhos ſe arrazàrão em lagrymas: *Videns civitatem, flevit ſuper illam*, e diſſe que ſe ella ſe vira, tambem choraria: *Si cognoviſſes & tu*, (ſupprem os Expoſitores) *utique fleres.* A Chriſto imitárão os Santos. Via miſerias do mundo hum Thalelleo Monge natural de Cilicia, e ſettenta annos que gaſtou em ſerviço de Deos, chorou quaſi continuamente. Via meu P. S. Filippe Neri, e tal dom

Luc. 19. 41. C

D. Luis Creſpi na vida do Santo l. 2. n. 4.

de

de lagrimas teve, que não podia fallar nem em particular, nem em publico de materias, que compungião, sem
A desfechar em pranto desfeito como hum minino açoutado de seu pay. Via huma S. Margarida Infanta de Ungria, e da corrente das lagrymas tinha as faces crestadas, e o vêo sempre andava como se o metessem em hum rio. Via huma Soror Joanna de JESUS MARIA, e muitas vezes chegou a chorar sangue pelos peccados do mundo, especialmente às Sestas feiras. Em fim certo he o que disse o Psalmista: Que Deos fizera os relampagos para a chuva: *Fulgura in pluviam fecit:* porque quanto Ps. 134. 7.
ao que passa no espirito, às luzes do conhecimento mais claro costumão seguir-se os chuveiros das lagrimas mais copiosas. E ainda que os Santos amavão muito a Deos, vião tambem, que nunca o limitado de sua paga podia commensurar-se ao infinito da sua divida; e por outra
B parte vião, que não ha cousa mais facilitada neste miseravel mundo, do que offender aquelle Senhor, a quem offender, devia parecernos impossivel.

Peçamos a Deos muy de coraçaõ, que nos tire delle a cegueira, para nos tirar delle a dureza; que nos abra os olhos da alma, para começarmos a chorar nossos peccados: peçamos-lhe, que jà que elle he o Amor increado para com nosco, gere em nôs o amor creado para com elle; e que sobre as mercés que nos faz continuamente, faça, a de lhe sermos agradecidos: porque amar o Amor he a mayor de todas as ditas; como naõ amallo a mayor de todas as miserias.

XXXVI.

C

De Saõ Joaõ de Deos.

VEndo este glorioso Santo a certo Cavalheyro moço fallar na rua com humas mulheres, das que nos seus vestidos, passos, e acçoens trazem comsigo o pregaõ de pouco honestas, disse-

lhe

lhe com zelo da honra de Deos: *Naõ he juſto dar tam em publico, tam ruim exemplo.* Enfadado elle com a reprehenſaõ, reſpondeo: Va-ſe dahi, maltrapilho, naõ julge o que naõ ſabe. Replicou o Santo: *Como poſſo eu deixar de ſaber o que vejo?* Accendeo-ſe o moço em colera, e levantando a maõ lhe deſcarregou huma bofetada. Mas que faria o Santo neſte paſſo? Poſto de joelhos, aparou a outra face, e diſſe: *Daime outra, e muitas, com tanto que naõ offendais a Deos.* Edificado então o moço, e reconhecendo o ſeu arrojo, ſe lançou aos pès do Santo, e lhe pedio perdaõ.

EXTRACTO, E DOUTRINA.

Eccli. 21. 7.

NO referido caſo ſe inculcaõ as ſeguintes verdades I. Que o peccador aborrece a correcçaõ, e niſſo moſtra mais clara a culpa, que deſejava encuberta. De ſórte, que na meſma ira, e indignaçaõ, com que a reprehenſaõ ſe toma, eſtaõ impreſſos os veſtigios da culpa, que ſe commetteo, confórme aquillo do Eccleſiaſtico: *Qui odit correptionem, veſtigium eſt peccatoris.*

B. Albert. Mag. l. 22. de Animalib. tract. 2. lit. B.

II. Que os eſcandaloſos logo acodem ao deſpique dos noſſos juizos temerarios, querendo fundar a innocencia propria na inſenſibilidade alheya, e que todos ſejamos cegos, em quanto elles forem feyos. E ſe os apertais com razoens, deſataõ-ſe em necedades, e deſcomedimentos. O Bonacho, animal ſemelhante á vacca, e com crinas como cavallo, quando os caçadores o perſeguem, ſolta de ſi tão peſtilente humor por largo eſpaço de terra, que os atordoa, e aſſim deixão de o ſeguir. Taes ſaõ os que quando os quereis reduzir à razão, de cada vez ſoltão mais deſpropoſitos, e fallão deſcomedidamente.

III. Que a vida dos Santos, e a doutrina do Euangelho, ſo ſe differençaõ (he penſamento do noſſo glorioſo

rioſo S. Franciſco de Sales) como a ſolfa cantada em vozes, da meſma ſolfa eſcrita em notas: pois ſe o Euangelho diz que demos correcçaõ ao proximo, que della neceſſita, que ſofra mos com paciencia as injurias, que offereçamos huma face a quem nos ferio na outra; iſto meſmo he o que fez aqui eſte Santo. Bem diſſe Salviano: *Hoc intra ſe habere ſanctam legem, quod ſancti homines in moribus:* que o que a ley ſanta tem nos Mandamentos, iſſo tem os homens ſantos nos procedimentos. Lib. 4. in Eccl. fin.

IV. Que quem ſofre, ſempre vence, e quem offende, ſempre he vencido: porque naõ ha couſa mais cobarde, e abatida, que o vicio; nem mais poderoſa, e dominante, que a virtude. *Et quis eſt qui vobis noceat,* (diſſe o Principe dos Apoſtolos S. Pedro) *ſi boni æmulatores fueritis? ſed & ſiquid patimini propter juſtitiam, beati.* 1. Petr. 3. 13.

XXXVII.

De Santo Eleazaro Conde de Ariano.

ESte grande ſervo de Deos (que com rara concordia ſoube unir a humildade de coraçaõ com o eſclarecido do ſangue, e as flores da virgindade com o jugo do matrimonio) achandoſe em monte Peſſulano auzente de ſua eſpoſa a B. Delfina, teve della huma carta, em que lhe perguntava de ſua ſaude, e porque dilatava tanto a ſua vinda. Reſpondeo-lhe: *Se me quereis ver, buſcaime nas Chagas de JESUS Chriſto: aqui me achareis ſempre, e de balde me buſcareis em outra parte.*

CON-

CONCEITO, E QUESTAM. A



Eſte eſpirito podemos dizer, que era como a pomba, a qual para fazer ſua habitaçaõ, buſca os buracos da pedra, e para alli convida a ſua conſôrte: *Columba mea in foraminibus petræ, in caverna* (S. Bernardo: *In cavernis*) *maceriæ*. Que goſtoſa (diz o meſmo S. Bernardo) he eſta morada para a alma, que conſidera como por eſtes buracos correo o preço de ſua redempção! *Quàm libens mente invisit foramina, per quæ ſibi ſacroſanctí ſanguinis pretium fluxit!* E não ſômente he eſta habitação deleitoſa, mas ſegura: era certo que em quanto Eleazaro, e Delfina alli moraſſem, conſervarião melhor os candores de ſua virginal limpeza, defendendoa das aves de rapina: *In his* B (diz em outro lugar o meſmo Doutor Melliſluo) *ſe columba tuetur, & circumvolitantem intrepida intuetur accipitrem.*

Cân. 2. 14.

D. Bern-Ser. 62. in Cant.

Ser. 61. in Cant.

Perguntarà alguem, como ſe faz eſta habitação da alma nas Chagas do Salvador? E reſponde-ſe, que de dous modos, hum infuſo, outro adquirido por diligencia humana mediante a graça Divina. O infuſo he huma ſobrenatural eſpecie, que Deos imprime na alma, pela qual tem aquelles eſpirituaes ſentimentos, como ſe eſtiveſſe recolhida nas cavernas daquella myſtica Pedra. Quem for digno da experiencia, o ſaberà explicar melhor. O adquirido conſiſte em frequentar a meditaçaõ affectuoſa de Chriſto crucificado, adorando ſuas preciolas Chagas, confiando no ſeu infinito valor, amparando-ſe dellas C nas tentaçoens, offerecendo as ao Eterno Pay em ſatisfação de noſſos peccados, e tomando dellas exemplo, e conforto para o exercicio da paciencia, e mais virtudes. O Padre Claudio Aqua viva, Geral que foy da Companhia de JESUS, reduzio iſto aos ſeguintes cinco pontos (como deixamos jà dito em outro lugar,) que tinha eſcritos ao pê de hum Crucifixo no ſeu Oratorio: *Adoro Maieſtatem, Stupeſco profunditatem, Amplector beni-*

Luz, e Calor 1. p. opuſc. 1. n. 272.

bonitatem, Libo ſuavitatem, Suſcipio utilitatem. Quer dizer: Adoro a mageſtade, Paſmo da profundidade, Abraço a
A bondade, Provo da ſuavidade, Recebo a utilidade. S. Gregorio funda mais a dita morada no ponto da imitaçaõ de Chriſto, que he o mais arduo, e o mais proveito- In prædict. loc. Cant.
ſo: *Et bene* (diz o Santo) *columba in foraminibus petræ, & in caverna maceriæ eſſe dicitur, quia cùm in crucis recordatione patientiam Chriſti imitatur, dum ipſa vulnera propter exemplum ad memoriam reducit, quaſi columba in foraminibus, ſic ſimplex anima in vulneribus nutrimentum, quo convaleſcat, invenit.*

Daqui ſe infere, que quanto mais huma alma ſe deſcuidar deſta imitaçaõ, mais eſtranha, e expulſa ſe achará daquella morada, e tanto póde andar fora vagueando pelas creaturas, que não atine depois com o ſeu an-
B tigo ninho, e ache cerrados para ſi os buracos da pedra.

AV Madre Anna de S. Agoſtinho coſtumava algum tempo ver no dia de Communhaõ a ſuaviſſima preſença de Chriſto S. N. e na chaga do lado toda metida dentro, em fórma de pomba, outra Religioſa que eſtava a ſeu cargo, e aquem ella por ſuas virtudes amava muito. Succedeo que huma vez a vio, não toda dentro, ſenão que o bico lhe ficava de fóra. E motivando-lhe reparo eſta eſpecialidade, o Senhor lhe deu a entender, que era porque naquelle dia tinha a dita Religioſa fallado algumas palavras, em que ſe miſturára alguma imperfeiçaõ, e vaidade. E foy o caſo, que tratando-ſe das ciladas que arma o inimigo commum, para entreprender as almas: a dita Religioſa diſſe algumas palavras em deſpreſo do de-
C monio, moſtrando que o não temia. E ſuppoſto que a ſua principal confiança eſtribava no amparo Divino: todavia parece, que ſe roçou por algum lado com o vicio da preſunçaõ propria. E como eſta falta foy da lingua, baſtou para que o bico da pomba não eſtiveſſe dentro da caverna daquelle lado ſacratiſſimo. Notavel couſa! como eſtaremos fóra deſta habitaçaõ os que abrimos o bico para mentiras, maldiçoens, turpiloquios, detracçoens graviſſimas, e frequentes perjurios? Que longe das chagas de Chriſto viveraõ os olhos que cubiçaõ, as mãos Livro 3. da ſua vid. da cap. 11.

que

que obrão, os pés que buſcão, o coraçaõ que ama aquillo ſó que ſerve de renovallas? Não ſaõ por certo eſtas almas pombas, que morão em Chriſto; ſenão *Stabula alta ferarum*, covís onde ſe eſcondem os infernaes dragoens, e baſiliſcos. E prouvera a Deos, que iſto fora ſó conſideraçaõ noſſa moral, e não verdade phyſica, que conſta do Euangelho. A

Matth. 12. 45. Aſſumit ſeptem alios ſpiritus ſecum nequiores ſe, & intrãtes habitant ibi.

XXXVIII.

Do Emperador Fernando II.

AOs primeiros dous filhos deſte grande Monarca ſe apagou a luz da vida, logo que recebèraõ a da Graça no Bautiſmo. Em perſonages de tão elevada eſfera coſtuma ſer eſte golpe muy ſenſivel, e occaſionado a queixas, e impaciencias. Mas elle, ſem dar moſtras de ſentimento, diſſe com animo reſignado, e agradecido: *Por grande ventura tenho, que com o naſcimento, e morte de meus filhos ſe augmente no Ceo o numero dos Innocentes, em cujos labios ſe formão os louvores de Deos.* B

DISCURSO.

C

2. Reg. 12. 23.

Onhecido exceſſo fez eſta acçaõ do Emperador Fernando àquella que a Divina Eſcritura refere del Rey David. Morreo hum filhinho eſpurio a eſte Rey, e àquelle Emperador morrêraõ dous legitimos. Conſolou-ſe David naquelle funeſto caſo, por conſiderar que jà ſua triſteza, e pranto era inutil; pois não podia revogar as execuçoens da morte, nem ligar o fio cortado avaramente pela Parca: *Nunquid potero revocare eum amplius? ego*

ego vadam magis ad eum: ille vero non revertetur ad me. Porêm eſtoutro Monarca levantou o eſpirito mais acima;
A conſiderando, que nos filhos que elle tinha menos, tinha Deos mais creaturas que o louvaſſem, e para a meſa, e goſto deſte Senhor, dava por bem desfrutado o ſeu pomar. Em David conſtanos haver ſido aquelle golpe pena do ſeu adulterio eſcandaloſo, e commutaçaõ da propria morte, que por iſſo merecia: *Verumtamen quoniam blaſphemare feciſti inimicos Domini, propter verbum hoc, filius, qui natus eſt tibi, morte morietur.* Neſte Catholico, e piiſſimo Emperador não podemos preſumir que foſſe ſemelhante a cauſa; ſenão exercicio de ſua virtude, e diſpoſiçaõ ſecreta da Divina Providencia. Finalmente David ſupportou o ſeu caſo como neceſſidade, e o Emperador Fernando eſtimou o ſeu como ventura. Ibid. v. 14.

E aqui tem os pays que ſobrevivem a ſeus filhinhos
B hum vivo, e efficaz motivo para mitigar ſaudades, e enxugar lagrymas. He eſte a fè certiſſima de que deſtas mortes tão em flor reſulta a Deos gloria grande, e àquelles mininos a mayor felicidade. Oh que grande gloria para Deos, levantar em hum inſtante deſde o pò da terra ao throno da gloria, os miſeraveis filhos de Adam, para ſerem filhos ſeus, e Principes no ſeu Reyno! Que grande gloria, ter o Cordeiro de Deos tantos cordeirinhos lavados com ſeu ſangue, e marcados com ſua Cruz, que o ſeguem para onde quer que elle for! Que grande gloria, louvarem a ſeu Creador no Ceo dos Ceos eſtas eſtrellas matutinas, que elle tinha ab eterno fechadas debaixo do firme ſignaculo de ſua predeſtinaçaõ! Orgãos ha, que entre ſeus varios regiſtros, tem tambem algum de vozes de paſſarinhos; formado tão ar-
C tificioſamente o interior dos canos, que ao entrar o vento, parece que cantão aves. As varias ordens, ou hierarquias dos Bemaventurados ſaõ huns como regiſtros da quelle maravilhoſo orgão da triumfante Igreja, onde perpetuamente ſoaõ os divinos louvores. Hum regiſtro ſe compoem de vozes de Profetas, outro de vozes de Martyres, outro de vozes de Virgens, &c. Que muito que houveſſe tambem o ſeu regiſtro de vozes de paſſarinhos?

Pſalm. 112. 7. & 8. Suſcitans à terra inopem, & de ſtercore erigens pauperem: ut collocet eum cum Principibus &c.

Apoc. 14. 4. Hi ſequuntur. Agnum quocumque ierit. Job 38. 7. Cùm me laudarent ſimul aſtra matutina, & jubilarent omnes filij Dei, & 9. 7. Stellas claudit quaſi ſub ſignaculo.

nhos? Eſtes ſaõ os Innocentes, que ainda não tinhaõ azas para ſair do ninho, e jà por beneficio de Deos as tiveraõ para ſe remontar ao Paraiſo. Toda a gloria redunda no artifice deſte myſtico orgaõ: *Laudate pueri Dominum, laudate nomen Domini.* A

Pſ. 122, 1.

Mas ſe para Deos he grande eſta gloria, para os meſmos Innocentes he a mayor felicidade. Eſtão dentro em Deos, e fòra do mundo: trocàraõ o valle de lagrymas pelo monte das alegrias; e o Ur dos Caldeos pelas ſeraficas chãmas do puro Amor Divino: elles achàraõ a Chriſto; e o demonio os perdeo a elles: vivem em poſſe pacifica da graça, e em liberdade ſegura do peccado: podiamos aqui dizer com o Portuguez Homero: *Olhay com quem, e ſem quem!*

For differentes titulos, e direitos (a noſſo modo de entender) entrão os Bemaventurados no Reyno dos Ceos; alem do titulo commum a todos, que he o da herança pelo teſtamento, e morte de Chriſto Senhor da Gloria, ſuppoſta a adopçaõ de ſua graça. Huns conquiſtão eſte Reino ás lançadas, e o arrebataõ por força, e ſaõ os Martyres, e os perfeitamente mortificados, que ſe fazem violencia a ſi meſmos: *Regnum cælorum vim patitur, & violenti rapiunt illud.* Outros o compraõ como o negociador prudẽte que deu toda ſua fazenda pela margarita precioſa, e eſtes ſaõ os grandes eſmoleres, e tal vez em alguns cazos ainda que a eſmola ſeja *de mammona iniquitatis.* Outros o furtão, qual aquella mulher que padecia fluxo de ſangue, chegando-ſe diſſimuladamente a Chriſto por entre as turbas, e tocando-lhe nas veſtiduras, alcançou ſaude, e eſtes ſaõ os que às eſcondidas oraõ, e fazem boas obras, ſem os ſentir o mundo, nem elles às vezes a ſi meſmos. Outros o levão por valias, e pedreiras, como aquelle paralytico, que pode chegar à preſença de Chriſto, porque quatro amigos ſeus ſubindo-ſe ao telhado, abrirão eſpaço baſtante por onde o dependuràraõ abaixo por cordas; ou como os dous Diſcipulos pretendião as cadeiras, fazendo fallar niſſo a ſua mãy, e eſtes ſaõ os que por interceſſaõ dos Santos, e de MARIA Santiſſima conſeguirão a ſalvaçaõ.

B

Heb. 1. 14. & 9. 10.

Matth. 11. 12.

Matth. 13. 46.

C

Marc. 5. 24.

Marc. 2. 4.

Matth. 20. 20.

Outros

Outros o adquirem por commutaçaõ, ou troca, e saõ os
A que renuncião o seculo pela vocaçaõ à perfeiçaõ Evan- Matth. 1. 9. 27.
gelica: por isso os Apostolos dizião: Eysaqui nòs largàmos tudo; agora que nos haveis de dar? Outros os obrigão a entrar; quaes os pobres, cegos, coxos, e aleijados na Cea grande: *Compelle intrare*, e saõ os que Deos Luc. 14. 23.
misericordiosamente castiga no temporal para não perderem o eterno. Outros o levão por petição, memorial, e despacho em alguma hora opportuna, ou dia grande, como succedeo ao bom Ladrão, e saõ os que por algum ex- Luc. 23. 42.
traordinario auxilio se convertem, e pegando-se com Christo crucificado clamão misericordia. E finalmente (parando no nosso ponto que diziamos), outros o achão Math. 18. 2.
venturosamente, como aquelle minino, que Christo Marc. 9. 33.
chamou, e abraçou: e estes saõ os Innocentes bautizados, que em cerrando os olhos a esta luz, abrirão os da al-
B ma à da Visaõ beatifica.

Que felicidade, logo, pòde ser mayor, que em hum fechar, e abrir de olhos encontrar a Deos, e achar-se feito quasi Deos por participação? Pòde haver thesouro nem mais precioso, nem mais barato? taõ precioso he, que val infinito; tão barato, que nada lhe custou á alma que o acha, nem ainda o cuidar nelle, ou desejallo.

Houve na antigua Roma huma estatua, ou imagem de bronze com esta inscripçaõ: KALENDIS MAIJ Aldrov. 1. de Mi-
ORIENTE SOLE, MIHI CAPUT ERIT AU- neral. l. 1. c. 2.
REUM: No primeiro de Mayo ao nascer o Sol terey a cabeça de ouro. Ludibrio foy dos engenhos por mui-
C to tempo este enigma: atê que hum mais porfiado na interpretação delle acertou a ser o seu Edipo. Esperou o mez, e dia finalados, e ao rayar o Sol no Orizonte, observou, e marcou o lugar onde vinha a cair a sombra da cabeça da imagem, e cavando depois, achou hum grande thesouro. Que alegre ficaria, aproveitando-se da sua boa sòrte, e prudente industria! Como se daria os parabens de o guiar a luz do Sol ao Sol dos metaes, e de atinar a imagem da sua cabeça com a cabeça daquella imagem! Porém que tem que ver esta dita com a de hum

Innocente achando pela morte temporal o theſouro da vida eterna? Chriſto na Cruz (figurado na imagem de bronze, que Moyſês exaltou no deſerto, e cuja cabeça, como diſſeraõ Salomão, e S. Paulo, he o ouro puriſſimo da Divindade: *Caput ejus aurum optimum: Caput verò Chriſti Deus*) foy o que lhe mereceo taõ precioſo achado; e ſe naõ fora a ſombra da ſua protecçaõ, impoſſivel era atinar com elle. Nenhum cuidado, nem applicaçaõ lhe cuſtou o deſcobrillo: no que lhe cavou ſeu pay Adaõ, naõ achou ſenão miſerias. E com tudo, ao manhecer o dia da eternidade, abrindo os olhos, achou ſe de repente com a inamiſſivel poſſe deſte ouro, que naõ tem liga, nem conſumo, pois a viſta de Deos he clara, e ſempiterna.

Num. 21. 9.

Cant. 5. 11. 1. Cor. 11. 3.

A

Grande ſôrte! E o venturoſo della ſe realça mais no conhecimento de que no meſmo inſtante em que eſte minino morreo, já bautizado, morreraõ outros muitos ſem eſte Sacramento; e não havendo eſtes entrado pela porta da Igreja, certo he que tambem naõ entrâraõ pela do Ceo. Quem diſcernio aquelle deſtes, para que hum achaſſe a vida eterna, e outros a perdeſſem; eſtes ſem culpa propria, e aquelle ſem proprios merecimentos? Aponto hum cazo, que expoem eſta deſigualdade mais ocularmente. Eſtando o P. Diogo Martins, Miſſionario da Companhia de JESUS, catequizando Indios, veyo de outra povoação delles certa mulher com huma criança nos braços, e lhe diſſe: Pari ha pouco duas creaturas juntas; huma logo eſpirou: aqui trago a outra para a bautizardes antes que morra. O Padre a bautizou a toda a preſſa, e immediatamente ſe ſoltou aquella ditoſa alma dos ſeus membros. Eyſaqui deſtes dous mininos gerados dos meſmos pays, e naſcidos no meſmo lugar, e tempo, *Unus aſſumitur, & alius relinquitur*, hum achou o theſouro ſem o cavar, e outro ſem culpa propria o perdeu. Porêm iſto meſmo he graça, e miſericordia; uzar Deos della com os que quer livremente, ſem obrigaçaõ de igualar os mais. Que todos por Adão pereceſſemos, eſſa era a juſtiça: que alguns por Chriſto não pereção, eſſa he a miſericordia, e que nòs não comprehendamos bem eſtes pontos, eſſa he a altura dos juizos Divinos.

B

Andrade nos Varoens illuſtres na vida deſte Servo de Deos.

C

Por

Por tanto, aquelle a quem coube a parte da miſericordia, deve ao Senhor duplicados louvores: pois naõ ſó igua-
A lou com os Santos, não merecendo como elles a gloria; ſenão, que o deſigualou dos outros mininos pagãos merecendo como elles a privaçaõ della.

Sendo logo para Deos tanta a gloria de ſalvar almas, e para as almas tanta a felicidade de ver a Deos: não devem os pays entregar-ſe ao demaſiado ſentimento, de que para as flores de ſeus filhinhos o tempo de cortadas quaſi foſſe o meſmo que o de apparecidas: *Flores apparuerunt in terra noſtra, tempus putationis advenit.* Naõ ſe arrancàraõ da terra, ſenão para ſe transplantarem no Ceo, e mais vivas, e fermoſas eſtão na mão de Deos, que as cortou, que nos olhos da vara, que as produzio. Deſta razaõ uſou diſcretamente S. Jeronymo para conſolar a ſeu a-
B migo Tyraſio na morte de huma ſua filha: *Exulta, quia placuiſſe cognoſcis tui participem ſanguinis Chriſto:* Alegrate na fé, e conhecimento de que agradou a Chriſto fazer participante de ſi a quem o hc de teu ſangue. E outra vez conſolando a S. Paula na morte de ſua filha Bleſilla, introduz o Salvador do mundo reprehendendo ſeu pranto com eſtas palavras: *Iraſceris, Paula, quia tua filia mea facta eſt filia? Indignaris de judicio meo, & rebellibus lachrymis facis injuriam poſſidenti?* Levas mal, ô Paula, que eu fizeſſe a tua filha minha filha? Julgas contra o que eu julguey, e contra a minha poſſe ſe rebellão injurioſamente as tuas lagrimas?

Cant. 2. 12

Hieron. ad Tyraſium t. 4.

Não ſe nega todavia aos pays neſte cazo o ſentimen-
C to juſto: condena-ſe o immoderado. Reſignados os quer o Senhor: porèm não inſenſiveis. Darem garrote à natureza não ſerà poſſivel: porêm darem entrada às luzes da Fé, e da razão não he difficil. Tudo o que ſobra à noſſa dor, he o que falta à noſſa fé (como diſſe o meſmo S. Jeronymo): *Mihi crede, ſola in omnibus incredulitas mœret, & ſicut non poteſt fides noſſe quod doleat, ſic diffidentia ſola doloribus invenitur ancilla.* Por onde os exceſſos de paixão, quando os filhos morrem, e as diligencias vãs, e ridiculas, para que não morrão, deixemolos à Gentilidade, que fazia ſuperſticioſas deprecaçoens, e votos

Ad Tyraſium ſup.

aos Deoſes para que os filhos ſobreviveſſem (por iſſo de
Cicero de natura Deorum l. 2. *ſuperſtes* ſe diſſe *ſuperſtitio*): deixemolos a hum Egeo Rey
dos Athenienſes, que na falſa ſuppoſiçaõ de ſer morto
Plutarc. in Theſeo. ſeu filho Theſeo, ſe precipitou do mirador da torre nas
ondas do mar: ou a huma Niobe, que pela morte de
Ovid. 6. Metamor. phoſeos. ſeus filhos ſolicitada pela inveja de Latona, ficou tão at-
tonita, e ſumergida na dor; que os Poetas tomàrão daqui
occaſião para fingirem ſe convertera em penedo. Nós-
outros os Chriſtãos ſigamos a admoeſtação do Apoſtolo,
2. Theſſ. 4. 12. que diz: *Nolumus autem vos ignorare, fratres, de dormientibus; ut non contriſtemini, ſicut & cæteri, qui ſpem non habent:* Não queremos, irmãos, vos entriſteçais pelos que
partem deſta vida, como ſe entriſtecem os mais, que não
tem eſperança de que ha outra eterna.

XXXIX.

Do Padre Affonſo Daça da Companhia de JESUS.

PErguntou o glorioſo S. Ignacio de Loyola
ao P. Diogo Lainez, que foy ſegundo Ge-
ral da meſma Companhia: Que eſcolheria no caſo,
que Deos lhe deixaſſe na ſua mão, ou hir logo pa-
ra o Ceo, ou fazer-lhe na terra hum grande ſervi-
ço, ficando porèm na incerteza de ſua ſalvaçaõ?
Eſcolheria (diſſe elle) hir logo para o Ceo. Pois
eu (replicou o Santo) eſcolheria ficar no mundo
com a tal incerteza. Referindo-ſe eſte cazo ao P.
Doutor Affonſo Daça da meſma Companhia, diſ-
ſe: *O P. Lainez reſpondeo como Querubim, e noſſo P. S. Ignacio como Seraſim.*

CRISE

A



Querubim interpreta-se Plenitud de sciencia: Serafim, Ardentes, ou Abrazados. E se o Padre Lainez attendeu mais aos pontos da Sciencia: Santo Ignacio advertio melhor os da Caridade. Porque a Sciencia Theologica dicta, que o primeiro serviço que Deos quer de huma alma, he que consiga o ultimo fim, para que a creou; que he ser della visto, amado, e louvado eternamente para mayor gloria sua. Dicta tambem, que sendo a salvação das almas tão gloriosa empreza de seu serviço, ainda assim pouco importará lucrar huma as de todo o mundo, com detrimento da propria: *Quid prodest homini, si mundum universum lucretur, anima verò suæ detrimentum patiatur?* Porêm a Caridade Divina estâ intimando, que a Gloria de Deos, e comprimento de sua Santissima vontade prepondêra â salvação propria, no caso que huma cousa implicasse com a outra. O certo he, que na Sciencia daquelle Querubim tambem ardião chammas de Caridade, e na Caridade deste Serafim tambem brilhavão resplandores de Sciencia. Porque quem se salva, começa a amar, e glorificar a Deos por modo perfeitissimo, e quem fica na terra pelo servir, quando mais parece que arrisca a salvação, mais a assegura; e se retarda os principios da sua posse, multiplica os augmentos do seu logro. Por isso Sephora, e Phua tiverão de Deos tão numerosa, e illustre descendencia de filhos, porque contra o mandado do impio Faraò, e com risco das proprias vidas, se determinàrão a salvar as dos meninos Israelitas, que

B

C elle mandava sepultar no rio: *Quia timuerunt obstetrices Deum, ædificavit eis domos.* Oh quantos edificàrão a sua casa no Ceo, porque acodirão ao reparo das de seus proximos! Seja exemplo, entre outros muitos, o que traz Baronio, de certo Prelado Ecclesiastico, em cuja morte, ao terrivel ponto de agonizar, se achàrão grandes catervas de demonios, os quaes diziaõ muy confiados, e or-

Exod. 1. 21. Neste sentido entendem este lugar Estio, Menochio, Tyrino, A Lapide, e outros. Baron. anno 716. Lobetius t. 7. fol. 136. fine.

orgulhoſos huns para os outros: He noſſo: he noſſo: o Abbade he noſſo. Todos os circunſtantes, que ouviaõ A
eſtas vozes, temeraõ, e deſconfiavaõ já da ſalvaçaõ daquella alma: quando de repente o ſoccorreu o ſeu Anjo Cuſtodio, com quem vinhaõ oito mil almas, que o dito moribundo ajudàra a ſalvar, e Deos as mandàra, para que o acompanhaſſem ao Ceo. E neſte ponto ceſſou a luta, e ſerenou-ſe a tormenta, aquelle eſpirito ſe deſatou em paz. Taõ certo he, que as deſpezas, que fizermos no trato de ſalvar almas, ſe cobrem muito bem com o que elle rende.

XL.

De hum Anonymo.

B

CAminhando dous Religioſos, diſſe hum para o outro: Hora, façamos daqui atè tal poſto trinta, ou quarenta Actos de Amor de Deos. Reſpondeu-lhe o outro: *Bom he iſſo, meu cariſſimo: mas advirtamos, que eſſa fazenda naõ a toma Deos por conta, ſenaõ a pezo.*

REFLEXAM.

QUeria dizer, que naõ eſtava o ponto em ſerem os Actos muitos; ſenaõ em ſerem verC
dadeiros, e fervoroſos. He neceſſario que ſejaõ verdadeiros; porque pòde ſucceder, (e aſſim temo, que ſucceda muitas vezes,) que ſò com a lingua interior digamos *Amavos meu Deos ſobre todas as couſas. Eu vos dedico, e entrego todo o meu coraçaõ, &c.* e com tudo não fazermos Acto elicito da vontade, e naõ he eſta a adoraçaõ, de que Deos ſe agrada; ſenaõ da que he feita em eſpirito, e verdade. Por iſſo, havendo dito o Pſalmiſta, que Deos eſtava perto de todos

Joan. 4. 14. Spiritus eſt Deus, & eos qui adorant eum, in ſpiritu, & veritate oportet adorare.

todos os que o invocaõ: *Propè eſt Dominus omnibus invocantibus eum*: acreſcentou logo, como quem ſe emenda, e reſtringe a ſua propoſiçaõ: De todos os que o invocaõ de verdade: *Omnibus invocantibus eum in veritate.* E aſſim veja quem ora, como ora; naõ lhe aconteça ajuntar palha para a fogueira, quando ſuppõem, que ajunta graõ para o celeiro. E entenda tambem da lingua, e voz interior deſacompanhada do eſpirito, aquelle diſtico, que traz o V. Beda. Pſalm. 143. 18.

Laus vera in Dominum depromitur ore precantis,
Si quæ voce fluunt, intima cordis habent.

E âlem de ſerem eſtes actos verdadeiros, convem que ſejaõ fervoroſos. Por iſſo o ouro, que Chriſto nos aconſelha, que lhe compremos (que he ſeu Divino Amor) he ouro com eſtas duas qualidades; de ſer provado, e de ſer em braza: *Suadeo tibi emere a me aurum ignitum probatum*: provado para o diſtinguirmos do adulterino; e em braza, para o diſtinguirmos do tibio. Eſtes actos pois de Amor Divino, toma-os, o Senhor a pezo: *Pondus, & ſtatera judicia Domini ſunt*: porque nelles ſó o amor lhe agrada, e ſó ao amor remunera, e elles ſó tem de pezo, o que tiverem de amor: conforme aquillo de Santo Agoſtinho: *Pondus meum, amor meus; eo feror quocumque feror.* Por iſſo diz o meſmo Santo Doutor: Onde ha amor, que couſa póde fazer falta: e onde o naõ ha, que couſa póde fazer proveito? *Ubi charitas eſt, quid eſt, quod poſſit deeſſe: ubi non eſt, quid eſt quod poſſit prodeſſe?* Quem duvida, que mais pezo de amor tinha, e melhor ouro era aquelle acto de S. Paulo: *Cupio diſſolvi, & eſſe cum Chriſto*: Deſejo deſatarme, e eſtar com Chriſto: ou aquelle do Serafico Padre S. Franciſco: *Deus meus, & omnia*: Deos meu, e todas minhas couſas: do que todos os que hum eſpirito ordinario faz em toda a ſua vida? E quem duvida tambem, que mais pezo de amor tinha, e ouro mais em braza era, aquelle acto da Virgem MARIA Senhora noſſa: *Magnificat anima mea Dominum*, que os que fizeraõ os outros Santos? Apoc. 3. 18. Prov. 16. 11. Lib. 13. Confeſſ. cap. 9. Idem tr. 8. in Joan. Ad Philip. 1. 23.

Naõ deve pois a peſſoa eſpiritual attender ſò a obrar muito, deſcuidando-ſe de obrar o melhor, e niſto he que ha de procurar imitar os Santos: que *Imitari numerum cuicumque poſſibile eſt.* Obras de empreitada coſtumaõ ſer imperfeitas. O General experimentado naõ confia nos ſoldados pela chuſma, ſenaõ pelo eſforço: contados por cabeça pòdem ſer muitos; e contados pelo peito, pòdem ſer muy poucos. Mais valèraõ os ſeiſcentos ſoldados de Leonides, que os quinhentos mil de Xerxes; pois eſtes foraõ derrotados por aquelles. As Orações jaculatorias, tem eſte nome, porque à maneira de ſettas ſe arremeſſaõ ao Ceo: porèm ha muita differença na altura a que chegaõ, porque ha muita differença na força com que ſe atiraõ. As Jaculatorias dos Santos, e Varões Apoſtolicos, e Almas contemplativas, podemos dizer, que ſaõ *Sagittæ in manu potentis*, ſettas de braço fôrte, e poderoſo: eſtas chegaõ muy alto, e penetraõ o Ceo. As dos eſpiritos froxos, e tibios, e que naõ ſabem puxar pelo arco; podemos pelo contrario dizer, que ſaõ *Sagittæ parvulorum*, ſettas com que os meninos brincaõ, que lhes cahem quaſi ao pê.

Clem. Rom. lib. 1. Recognitionum. A

B

Mas, nem por iſſo deixa de ſer louvavel, e util o uſo frequente deſtes actos, ainda que remiſſos. Porque àlem de ſerem reſpectivamente meritorios (ſuppoſtos os mais requiſitos neceſſarios) poderàõ impetrar de Deos auxilio, com que ſe venhaõ a fazer depois com fervor. Do Padre Diogo Martins, que pouco ha louvámos, ſe eſcreve (como deixamos notado em outro lugar) que fazia cada dia tres mil Actos; e depois ſubio a quatro, e a ſinco mil: com que feito o computo a nove annos deſte exercicio, acha-ſe, que fez nelles dez contos de Actos de Amor de Deos, e eraõ alguns taõ abrazados, que hindo o corpo arrebatado pela força do eſpirito, (qual foguete pela polvora) ſe levantava atè o tecto da caſa. Naõ he veroſimil, que a principio foſſem tantos, e taõ fortes (nem iſſo he o mais ſeguro para os exercitantes:) porque *Nemo repente fit ſummus*: mas o fogo ſe foy com eſtes ſopros acendendo de ſórte, que veyo a levantar eſte poderoſo incendio: o qual he hum efficaciſſimo remedio,

No Apophthegma 38.

Luz, & Calor. Doutrina 7. n. 150.

Andrade nos Varões illuſtres na Vida deſte Servo de Deos.

C

para

para se purgar a alma de todos os vicios, como disse Rabano: *Si vis perfecte purgari a vitiis, in quantum prævales, accende in te ignem Divini Amoris.*

A

Alem deste lucro emergente, tem o uso destes Actos de Amor de Deos, ainda que remissos, hum grande dano cessante; que he escusar a pessoa por entretanto, de estar reinando comsigo vaidade, ou malicia; que saõ as màs hervas, que leva a nossa terra, se lhe naõ semeamos bons pensamentos. Por isso diz o dictado: *Homo solus, aut Deus, aut bestia:* O homem que està só, ou se faz semelhante a Deos, ou a hum animal; porque ou occupa o coraçaõ com a presença de Deos em Actos pios, e meditações Santas; e então recebe muito de Deos: ou se deixa levar da natureza, cuidando em cousas inuteis, ou

B

perversas; e então se parece com os animaes, que ociosos criaõ malicia. Porèm não entendo, que està solitario, o homem que estiver com bons livros: porque isto he o mesmo, que conversar mudamente com os Varões Santos, ou Doutos, e discretos, que os compuzerão.

O fallar com os proximos, não sendo de Deos, ou por Amor de Deos, tambem costuma dar nos mesmos inconvenientes, e perigos de vaidade, distracção, e malicia. Particularmente os Religiosos, que caminhando por povoado, vão em silencio, parecem ter mais de Religiosos, e que juntamente vão fazendo com o espirito outro caminho pelas virtudes. Elles saõ companheiros, e com tudo vão solitarios; porque o hirem juntos não impede o hirem de persi. De ambos os modos edificão o povo: porque na companhia mostrão a paz, e ca-

C

ridade fraterna; no silencio, a oração, e modestia: indo juntos significão, que tem união entre si; indo callados, insinuão, que a tem com Deos.

De certo moço por nome Pedro Durando, filho de hum lavrador, e natural de Potiers, se escreve, que havendo nascido sem lingua totalmente, com tudo sabia fallar, e explicarse muito bem. E se Deos, que tudo pòde, naõ meteu aqui especial concurso: naõ sey como a natureza, ou arte pudessem suprir instrumento taõ necessario, para a locuçaõ humana. Porém no caso, em que

Mersennus lib. 8. Harmonicorum Propositione 15. fine. Rolandus in lib. Aglossostomographiæ.

que eſtavamos, he taõ facil o fallar ſem lingua, que antes ſem lingua ſe falla melhor: melhor com Deos, e melhor com os homens; com Deos, porque o ſilencio ajuda muito a Oraçaõ, e a Oraçaõ naõ he outra couſa, que colloquia entre a alma, e Deos: com os homens, porque o ſilencio dà exemplo de virtudes; e os exemplos ſaõ para os homens as vozes mais vivas, e mais claras. Por iſſo diſſe o Veneravel Kempis: *Quem bem vive, bem enſina.* E Tertulliano: *O Filoſofo*, (melhor podera dizer o varaõ eſpiritual) *o meſmo he vello, que ouvillo.*

Kempis in Hortulo roſarum c. 6. Qui bene vivit, bene doeet.

Tertul.... Philoſophus dum videtur, auditur.

XLI.

Do Veneravel Padre Meſtre Joaõ de Avila.

FAllava o Padre Frey Luiz de Granada com o Padre Meſtre Joaõ de Avila em varias materias eſpirituaes, e vindo a tratar da pobreza, diſſe: Entendo que as razões, que moveraõ ao Seraſico Padre Saõ Franciſco a amar taõ cordealmente eſta virtude, e fundar nella ſua Sagrada Religiaõ, foraõ eſtas duas: huma, por arrancar de raiz a cobiça, que he cauſa de tantos peccados: *Radix omnium malorum eſt cupiditas*: outra, porque deſembaraça o eſpirito das couſas da terra, para ſubir a contemplar as do Ceo. Reſpondeu o Padre Meſtre Avila: *Nenhum deſſes motivos me parece foy o principal: ſenaõ: que como aquelle Santo amava tanto a Chriſto Crucificado, quiz parecerſe, e unirſe com elle, pela gloria que niſſo lhe dava.*

1. Tim. 6. 10.

QUESTAM, E ADVERTENCIA.

DEsejarà alguem saber com fundamento, qual das sobreditas quatro intenções he mais nobre, e meritoria; assentemos primeiro em alguns principios certos. O primeiro he, que tal he a obra de cada hum, qual for (*cæteris partibus*) a qualidade da intençaõ, ou motivo, que influhio nelle para obrar: Santo Agostinho: *Non valdè attendas quid homo faciat: sed quid, cum facit, aspiciat:* Naõ te leve muito os olhos, o que o homem obra; senaõ, onde elle põem os seus, quando obra. O mesmo Santo Doutor em outro lugar: *Non quod quisque facit, sed quo animo facit, considerandum est:* Naõ vem em consideraçaõ, o que alguem faz, senaõ o com que tençaõ o faz. E S. Bernardo sobre aquillo dos Cantares: *Pulchræ sunt genæ tuæ:* Fermosas saõ (falla Deos com a Alma Santa) vossas faces. Estas faces (diz o Santo) saõ huma, o que a alma intenta obrar, e outra o fim que a leva nesse obrar: e daqui depende o ser fermosa, ou fea: *Duo in intentione (quàm faciem animæ esse diximus) requiruntur, tanquam duæ genæ; res, & causa id est, quid intendas; & propter quid. Ex his sanè duobus anima, vel decor, vel deformitas indicatur.* Exemplos. O homicidio, que fez David foy peccado, e teve castigo de Deos. O que fez Phinees filho de Eleazaro foy virtude, e teve premio. Porque David matou a Urias para encobrir o adulterio: Phinees matou aquelle Israelita em flagrante delicto, por zelo da honra de Deos. Judith, e Jezabel, ambas se enfeitàraõ: aquella he por isso louvada na Escritura, esta reprehendida; porque Judith intentou agradar a Holofernes, para livrar a sua patria, e povo de Infieis, e Jezabel intentou agradar a Jehu, para o attrahir ao seu amor. Destes exemplos ha innumeraveis. E de todos se vem a provar, que aquillo que o outro disse do dinheiro, que dava qualidade, e fermosura.

In Ps. 13. & de Serm. Domi c. 21.

Cant. 1. 9.

Num. 25. 8.

Et

Et genus, & formam regina pecunia donat:

melhor o podemos dizer da intençaõ; que ella he a que dâ a qualidade, ou vileza, e termoſura, ou deformidade das boas, ou màs obras:

Et genus, & formam regina intentio donat,

O ſegundo principio he: Que tanto a noſſa intençaõ terà de mais nobre, e meritoria, quanto (*cæteris paribus*) levar mais de Amor de Deos. A razaõ he: porque o Amor he o primeiro dom, do qual procedem os mais; e ſô eſte dom do Amor he, o que as creaturas racionaes pòdem dar a Deos; nem elle lhes pede ſenaõ o coraçaõ: Prov. 23. 26. *Præbe, fili mi, cor tuum mihi.* Iſto he o que enigmaticamente ſignificaõ aquelles veſos vulgares

Dimidium ſphæræ, ſphæram, cum principe Romæ
Ideſt C O R *Exigit a nobis totius Conditor Orbis.*

E mais brevemente o B. Fr. Egidio: *Unum uni*, hum para hum: iſto he, o coraçaõ a Deos. Por onde diſſe S. Agoſtinho: *Solus eſt amor ex omnibus animæ viribus, ſenſibus, atque affectibus, in quo poteſt creatura, etſi non ex æquo,* In Manuali c. 18. *reſpondere Auctori, vel ipſi mutuam rependere vicem.* De todas as forças, ſentidos, e affectos da alma, ſó o amor he, o em que ella pòde correſponder a ſeu Creador, e darlhe algum retorno. E Saõ Gregorio Magno: *Nec habet aliquid viriditatis ramus boni operis, ſi non manet in ra-* Hom. 27. in Euãg. *dice charitatis:* O amor he raiz: as boas obras ramos: naõ tem eſtes vital verdor, ſe daquella naõ procedem.

O terceiro principio he: Que as intençoens boas (como tambem as màs) pôdem concorrer muitas na meſma obra: porque huma virtude, quanto he de ſi, não implica com outra. Exemplo: Pòde huma peſſoa ir ouvir Miſſa por evitar a ocioſidade; e juntamente por ter a conſolaçaõ de viſitar a caſa de Deos; e por recordar a memoria do Sacrificio da Paixaõ de Chriſto; e por ajudar

ajudar ao Sacerdote, ſe lhe faltar acolyto; e por alcançar de Deos protecçaõ contra os perigos daquelle dia; A
e por participar das oraçoens, que a Igreja applica aos Fieis que ſe achão preſentes; e por applicar a ſatisfaçaõ daquella obra pelas almas do Purgatorio; e por outros muitos fins de outras virtudes. E ſe todos eſtes motivos influem na tal obra: de todas eſtas virtudes faz acto, e adquire habito, e receberá o premio: porque como tocha de muitos pavios, dà mayor claridade de gloria para Deos, e de graça para a alma. Porèm ſem embargo diſto, a alma que eſtà jà muy ſimplificada, e unida com Deos, naõ coſtuma multiplicar eſtas intençoens, e o ſeu motivo continuo, e indiſtincto, he fazer-lhe a vontade, e darlhe honra. E nem por iſſo merece menos; porque eſte pavio da ſua tocha he taõ groſſo, que iguala, ou vence os muitos das outras: eſte unido dos ſeus olhos em huma ſô viſta fere, e rende o coraçaõ de Deos: *Vulneraſti* B Cant. 4. 9.
cor meum in uno oculorum tuorum.

Iſto ſuppoſto, reſponde-ſe à queſtaõ: Que os dous motivos que apontava o P. Fr. Luis de Granada, para o Serafico Padre S. Franciſco amar tanto a pobreza, não excluem, nem contradizem os outros dous, que apontou o Padre Meſtre Joaõ de Avila. Porém ſe conſideramos huns ſeparados dos outros, he claro, que eſtes ſaõ muito mais altos, e meritorios que aquelles: porque levaõ ouro de amor de mais quilates. Menos he evitar huma alma as offenſas de Deos, do que o imitar a Chriſto, e menos finalmente he o imitar a Chriſto (parando ſô neſta imitaçaõ) do que o dar honra, e gloria a Deos, comprindo ſua ſantiſſima vontade: pois a eſte ultimo fim Prov. 16. 4.
ſe ordenàraõ as obras do meſmo Deos: *Univerſa propter* C
ſemetipſum operatus eſt Dominus, e tambem as de Chriſto Joan. 4. 34.
Senhor noſſo: *Meus cibus eſt ut faciam voluntatem ejus, qui miſit me, & perficiam opus ejus*, e iſto he o que nos enſina S. Paulo, dizendo: Ou comais, ou bebais, ou façais outra qualquer couſa, tudo referi, e dedicay à mayor gloria de Deos: *Sive manducatis, ſive bibitis, ſive aliud quid facitis: omnia in gloriam Dei facite.* De ſòrte que a purgação dos peccados ſe ordena à illuminaçaõ do trato I. Cor. 10. 31.

com

com Deos, e desta illuminaçaõ se sobe à imitaçaõ de Christo, e pela sua imitaçaõ vimos a dar honra, e gloria a Deos, conforme outro documento do mesmo Apostolo: *Omne quodcumque facitis in verbo, aut in opere, omnia in nomine Domini nostri JESU Christi, gratias agentes Deo, & Patri per ipsum.* Porque este Senhor he a forma, e signaculo, que a alma, que deseja santificar-se, ha de ter sobre o braço, e sobre o coraçaõ; isto he, nas obras exteriores, e interiores, para sairem gratas a Deos.

Ad Colloss. 3. 17.

Cant. 6. 8. Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum.

Advirta-se porém, que não excluhimos da classe dos motivos meritorios, e agradaveis a Deos outros mais inferiores. Disserão alguns modernamente, que o temor do Inferno não era sobrenatural, e que a intenção, com que alguem deteста o mal, e abraça o bem, meramente por alcançar a gloria do Ceo, naõ era recta, nem agradavel a Deos, e que todo o que serve a Deos por intuito da Bemaventurança eterna, se não tem charidade, não deixa de ter vicio todas as vezes que obra, ainda que seja pelo dito fim. Porèm todas estas tres Proposiçoens reprovou, e condenou o Papa Alexandre VIII. Ainda mais modernamente Francisco de Salignac Arcebispo Duque de Cambray, e Mestre dos Duques de Borgonha, de Anjou, e de Berry, no seu livro, que sahio em Pariz, anno de 1697. intitulado: *Maximas dos Santos sobre a via interior*, disse: Que se dava hum estado habitual de Amor de Deos, que he a caridade pura, e sem mistura alguma de motivo do proprio interesse: Nem o temor das penas, nem o desejo das remuneraçoens tem jà nelle parte: Jà se não ama a Deos por amor do merecimento, nem por amor da perfeiçaõ, nem por amor da felicidade, que se ha de achar em amallo: E que no estado da via contemplativa, ou unitiva, se perdia todo o motivo interessado de temor, e de esperança, e outras vinte e huma Proposiçoens semelhantes a estas. Porèm todas condenou o Papa Innocencio XII. e o mesmo Autor, tanto que soube do juizo da Sé Apostolica, as retratou publicamente. Tanto querem alguns espiritos

A

B

C

Saõ a 10. 13. & 14. das 31. que cõdenou por hum decreto em 7. de Dezembro de 1690.

Por hum decreto em 12. de Março de 1699.

adel-

adelgaçar neſta materia o fio, que o quebrão; tanto purgar o amor, que o entizicão. Mas bemdito ſeja Deos, que nos deixou em S. Pedro huma pedra immovel, onde topaõ, e ſe quebrantão eſtes erros, filhos da miſeravel Babylonia, iſto he, da diabolica malicia, antes que de parvulos ſe tornem gigantes, com mayor dano da Igreja.

Os Poetas de Muſa amatoria tambem affectão com as ſuas Cloris, e Dianas eſta pureza de amor alambicado, e no eſtado da ſolidão de toda a eſperança, e intereſſe. Mal empregado em ſemelhante aſſumpto, aquelle excellente (no ſeu genero) Soneto do Marquez de Alamquer, Conde de Salinas.

Nunca ofendi la fé con la eſperança,
Vivo preſente en olvidada auſencia:
Y tras eternidades de paciencia
No merezco quexarme de tardança.
Soy ſacrificio que arde en tu alabança:
Fuera no arder, morir con evidencia.
O' puro amor! ô nueva quinta eſſencia!
De Infierno ſacas Bienaventurança.
De cerca viſto, y lexos de mirado,
Ni de aggravios me vi favorecido,
Ni en tu olvido hallè de que olvidarſe.
Tu deſcuido encarece mi cuidado:
Quererte màs no puedo, ni he podido;
Que eſto es amarte, y lo demàs amarſe.

Não ha mais fino mentir. Mas como os Poetas o profeſſaõ, e não ignorão que ſeus leytores o não ignoramos, paſſão eſtes encarecimentos, não porque lhes demos credito, ſenão porque nos daõ deleite. E todavia lhes convinha não eſtirar, ou eſturrar tanto o conceito; que dentro de huma lizonja da creatura, meteſſem huma blasfemia do Creador.

Oh Deos meu, verdadeiro objecto de toda noſſa fê, eſperança, e amor! Oh Senhor unicamente digno de noſſos coraçoens, pois ſois unicamente bom, infinita, e eſſencialmente bom! Tanto em nos amardes, como em

vos

vos amarmos, mostrais vossa bondade: porque se vos amamos, he porque nos dais o vosso espirito, com que nos fazeis amarvos; e se nos amais, he porque pondes de vós em nòs que ameis em nòs. Mostramos, Senhor, por vossa bondade infinita muito della, para que muito a amemos: mostrainos mais, para que neste amor crescamos, e perseveremos: mostray-a em fim na Patria claramente, para que eternamente a gozemos, e glorifiquemos; que no nosso interesse está muito da vossa gloria, como na vossa gloria todo o nosso interesse.

TITULO VI.

ANNOS, IDADE, TEMPO.

XLII.

De Santa Marcella viuva.

PRetendendo certo fidalgo illustre, e rico, porèm já velho, as segundas bodas com Santa Marcella viuva de pouca idade: allegava em seu favor, Que tambem os moços pòdem morrer logo. Respondeo a Santa com promptidaõ, e modestia: *O moço póde morrer logo: mas o velho naõ pòde viver muito.*

ILLUS-

A ILLUSTRAÇAM.

§. I.



Matrimonio he jugo: para levarem ſuavemente o jugo buſcaõ-ſe boys parelhos. Ovidio:

Quám malè inæquales veniunt ad aratra juvenci:
Tam premitur magno conjuge nupta minor.

E logo preſcrevendo hum breve, e utiliſſimo dictame
B para ſerem felices os deſpoſorios, ajunta

Si qua voles aptè nubere, nube pari.

Serâ conducente que o entendaõ todos:

Senaõ queres cazar mal,
Caza com igual.

Naõ he neceſſario cavar muito, para achar a razaõ diſto. A ſemelhança he cauſa de amor, e os bons cazados devem ſer.

A pezar del amor, dos; Gongora.
A pezar del numero, uno.

C Todas as fórmas ſe introduzem nos ſogeitos tantõ mais ſuavemente, quanto mais proximas ſaõ as diſpoſiçoens para ellas. Cazem primeiro as idades, as condiçoens, as ſaudes, e as qualidades; e entaõ cazaràõ bem as peſſoas: de outro modo, jà de antemaõ levaõ o divorcio meyo feito.

Huma vez diſſe Deos ao Profeta Ezequiel: Toma hum lenho, e eſcreve nelle eſtas palavras: *Judas, & os filios* Ezech. 37. v. 15. & ſeqq.

lhos de Iſrael colligados com elle. Toma outro lenho, e eſcreve nelle: *Joſeph, cabeça da Tribu de Efraim, e os mais filhos de Iſrael que a ſeguem.* E logo ajunta os dous lenhos em huma ſó mão, unidos como ſe foraõ hum: *Et erunt in unionem in manu tua.* Iſto farás em publico, e ſe te perguntarem, que ſignifica: reſponderás: Iſto diz o Senhor: Eſtas Tribus que eſtavaõ divididas, a minha mão as uni-
Aſſim lè o Hebraico. rà, de ſórte que pareçaõ huma ſó: *Faciam eas in lignum unum, & erunt unum in manu mea.* Poderia neſte cazo reparar alguem, porque razão não mandou Deos ao Profeta fazer eſta eſcritura, e diligencia em hum lenho, e huma pedra? (pois o meſmo dedo de Deos já eſcreveo em pedra) ou em hum lenho, e hum ladrilho? (pois
Ezech. 4. 1. já em outra occaſiaõ o meſmo Senhor ao meſmo Ezequiel mandou eſcrever em hum ladrilho) ou em hum lenho, e em qualquer outra materia; ſenaõ em dous lenhos: *Lignum unum, & lignum alterum?* E eſta meſma paridade guardàraõ as verſoens, e expoſiçoens varias deſte Texto. De ſórte que os LXX. poem o cazo em duas varas: *Aſſume tibi virgam; & ſecundam virgam:* Tirino, em dous bordoens: *Scipionem unum, & ſcipionem alterum:* o Alapide em dous ſceptros. Pois para que era tanta ſemelhança, e igualdade, ſe entre as duas Tribus, e as outras dez havia tanta differença?

Mas reſponde-ſe, que o final, para ſer proprio, ha de concordar com o ſeu ſignificado, e como Deos por aquelle final queria dar a entender a união que havia de fazer entre aquellas gentes, reduzindo todas a hum modo de governo, e ley: era bem que o ſymbolizaſſe em corpos da meſma eſpecie, e figura. De outro modo não ficarião bem fechados na mão do Profeta, e eſtariaõ unidos ſó no lugar, e naõ no eſpirito da ſua moralidade. E a eſta traça ſaõ tambem os cazamentos, quando a maõ de Deos os faz: ajunta ſogeitos ſemelhantes, para que a união não lhes ſeja violenta; viſto que a violencia he contraria à perpetuidade, e a perpetuidade he intrinſeca áquelle eſtado. Caze lenho com lenho, ou pedra com pedra, e eſtaraõ unidos em Deos: *Et erunt unum in manu ejus.* Ajunte-ſe a peſſoa real, ou illuſtre, com outra tambem

bem illuſtre, ou real; que iſſo he ſceptro com ſceptro.
A Ajunte-ſe a caza de hum miniſtro com a de outro miniſtro; que iſſo he vara com vara. E eſte fidalgo que buſcava a S. Marcella, jà que era velho, buſcaſſe outra velha, que iſſo ſeria bordaõ com bordão: *Scipionem unum, & ſcipionem alterum.*

Do contrario reſultão tantos peccados, moleſtias, e deſaſtres; que na conſideração delles ordenàrão os Padres do Concilio Forolivienſe, ſe obſervaſſe a paridade dos annos entre os deſpoſados, quanto foſſe poſſivel. Canone 9. O melhor exemplo que neſta materia ſe póde allegar, he o primeiro matrimonio que houve no mundo, de que o meſmo Deos foy o Paranymfo. Pouca antecedencia tinha a vida de Adão à de Eva, e de ſua meſma coſta foy formada, para ſer mais ſua ſemelhante. E o dizer Deos:
B Não he bom que o homem eſteja ſó: façamos-lhe hum adjutorio ſeu ſemelhante: parece que foy dizer tacitamente; que não ſendo ſeu ſemelhante, não lhe ſerviria de adjutorio, ſenaõ de oppoſição, e empecilho; termos, em que jà para o homem melhor era eſtar ſó, que mal acompanhado. Depois quando os filhos de Deos cubiçârão, e receberão as filhas dos homens (iſto he, os virtuoſos, e tementes a Deos, as que naõ tinhão piedade, e bons coſtumes): logo ſe virão os perniciolos effeitos deſta deſigualdade: porque daqui naſcerão os gigantes, que corromperão o mundo, e forão a cauza de ſer neceſſario deſtruillo Deos, para reedificallo. Muito tem que ſofrer hum conſórte no outro, ainda quando a deſi-
C gualdade naõ he muita; por iſſo ſe mandou abrir eſte epitafio na pedra ſepulcral de dons cazados. Geneſ. 2. 18. Non eſt bonum eſſe hominem ſolum, faciamus ei adjutorũ ſimile ſibi.

HEUS VIATOR, MIRACULUM!
HIC VIR, ET UXOR NON LITIGANT. Jovianus Pontanus.

Olà caminhante, maravilha! Marido, e mulher aqui naõ brigão. Que ſerà ſe ella for huma Abigail liberal, e prudente, e elle hum Nabal miſeravel, e neſcio; ella huma Mariamne virtuoſa, e leal, e elle hum Herodes impio, e atraiçoado; elle hum Socrates reportado, e quieto,

e ella huma Xantippe colerica, e voluntaria? ou ſe houvèr outras notaveis differenças, de que coſtumaõ entre os caſados proceder as differenças, como ſe eſperarà aqui a paz, e concordia de eſpiritos? ſe atê dentro da ſepultura brigaſſem, naõ ſeria a primeira vez que brigàrão os cadaveres, e oſſos de defuntos. A

Hum caſo ſe pòde ver na Chronica dos Capuchinhos 3.p.liv.9.c.22.n. 150.

§. II.

POrèm no noſſo cazo, ainda ſuppondo que as idades foſſem proporcionadas, prudente regeitava a Santa ſegundas bodas, ſô por ſerem ſegundas. Verdade he que ſaõ licitas, contra o que enſinàrão Tertulliano (como eſcreve S. Agoſtinho), e Novato hereje, Presbytero Carthaginez, e os herejes Montaniſtas; e muito mais contra as ſeitas dos Marcioniſtas, Tacianos, Adamitas, Apoſtolicos, Hieracitas, e Maniqueos, que abſolutamente reprovàraõ o Matrimonio; inſtrumentos todos do diabo, que dezeja ſofrear o bruto da carne humana nos caminhos planos, para que ſe desboque nas fragoſidades; negando-lhe o que Deos concede, para que tome o que lhe prohibe. Por iſſo com muita razaõ huma corruptela, que em Milão havia, de apuparem os ſegundos noivos, quando ſe recolhião da Igreja para caza, com clamores, e tinnidos, e outras ridicularias, foy abrogada pelo zelo de S. Carlos em hum Concilio, como impeditiva do bem do Matrimonio, e injurioſa a eſte grande Sacramento. Mas ſem embargo diſſo, muitas couſas que tem toda a razão de licitas, não tem toda a de decentes; como a eſte propoſito diſſe S. Agoſtinho: *Non prohibemus ſecundas nuptias, ſed non probamus ſæpe repetitas: neque enim quidquid licet, & decet.* B C

S.Aug. hæreſi 86. S. Epiphan. hæreſi 59. §. 3. Baron. anno 254. n. 107. Caſtro verb. Nuptiæ, hæreſi 2.

Acta Mediolan. Eccleſiæ Concil. 4. p. 3. fol. 190.

E primeiramente a Igreja illuſtrada pelo Eſpirito Santo, ſenão prohibe as ſegundas bodas, tambem as não favorece, nem ainda as honra com as bençãos. Antes o Concilio Laodiceno (referindo-ſe ao que já tinha determinado a Synodo Neocezarienſe) ſuſpende da Sagrada Communhão os taes noivos por algum tempo, impondolhes certos jejuns, e oraçoens, atê ſerem admittidos por

Laodicen. can. 4. Neocæſ. Can. 3.

por benignidade. E S. Basilio nos Canones a Amfiloquio, apenas admitte a este Sacramento os cazados terA ceira vez, precedendo sinco annos de penitencia. Tam severamente zelava a primitiva Igreja a pureza da alma, e corpo, nos que haviaõ de participar de taõ divino mysterio. Hoje ainda persiste o impedimento da Bigamia verdadeira, e interpretativa, para subir âs Ordens sacras, e já de antes o era na ley escrita, para o Sacerdocio. C. Nuper. C. finale De Bigam. & c. 1. eodem tit. in 6. Levit. 21.

A isto se chega, que o Doutor das Gentes aconselha, que se hum està atado, naõ procure soltar-se: mas se està solto, naõ procure atar-se: *Alligatus es uxori? noli quærere solutionem. Solutus es ab uxore? noli quærere uxorem.* E a Escritura Santa louva a Judith, e a Anna Profetissa filha de Phanuel, porque permaneceraõ em viuves honesta; aquella atê cento e sinco annos de sua idade, e esta atè B os oytenta e quatro, e atè, quando falla nas offertas, que se faziaõ no Templo prefere na ordem (parece que naõ sem mysterio) as rolas ás pombas: *Par turturum, aut duos pullos columbarum:* porque a rola, morto seu consorte, não busca outro, como faz a pomba. E S. Hieronymo se dignou de dar particulares instrucçoens às viuvas, escrevendo a Paula, Melania, Eufrasia, e à sobredita Marcella, suas filhas espirituaes. E S. Agostinho empregou tambem a sua penna no mesmo assumpto, compondo hum particular livro *De bono viduitatis*; e comparou a sua excellencia com a da virgindade: *Non inferioris virtutis est abstinere conjugio, quod aliquando delectaverit, quàm conjugii oblectamenta nescire.* I. Cor. 7. 27. Judith. 16. v. 26. & 28. Luc. 2. 37. Luc. 2. 24. & Exod. 13. 2. & Genes. 15. 9. & Levit. 1. 14. & sæpe alibi. Augustin. De viduis circa initium.

Tambem nas historias Ecclesiasticas he celebrada a C famosa Olympia, que sendo de annos poucos, formosura rara, sciencia naõ vulgar, e riquezas amplissimas, naõ pode o Emperador Theosilo (nem ainda com lhe sequestrar os bens) reduzilla a dar a maõ a Elpidio seu parente: até que admirado de sua inexpugnavel constancia, a deixou em sua liberdade. Ella entaõ, havendo dispendido com larga maõ sua fazenda entre os pobres, se entregou ao obsequio divino, e mereceo subir ao grão de Diaconissa. O qual ainda que naõ tinha consagraçaõ, tiSpondanus Anno Christi 388. n. 4. Vide Hierolexicon Dominici Mæcri, verbo Diaconissa.

nha bençaõ, e era de grande honra: porque pertencia a eſte cargo levar os recados, e commiſſoens dos Biſpos, quando os ficis viviaõ eſcondidos por cauza da perſeguiçaõ dos tyrannos: deſcobrir as mulheres, quando era neceſſario para ſerem bautizadas, e ungidas: aſſiſtir à porta da Igreja, por onde entravaõ ſó as mulheres, e conduzillas ao lugar ſeparado, que lhes competia; e outras funcçoens ſemelhantes, de que ſe reputava digna a viuvez bem procedida, junta com a idade provecta. Neſte officio viveo, e morreo Olympia ſantamente.

Do ſobredito ſe moſtra a diſcreta eſcolha de Santa Marcella (e de todas as que a imitarem): a qual, ſuppoſto que naõ experimentou o pezo do matrimonio mais que ſette mezes, eſſes baſtariaõ para dizer com S. Ambroſio: *Bona vincula nuptiarum; ſed tamen vínçula:* Bom he o jugo do matrimonio, mas he jugo.

Lib. 3. de Virgin. ante medium.

XLIII.

De S. Barlaaõ Monge.

PErgutãdo eſte Santo pelo Principe Joſaphat, Que annos tinha, reſpondeo que naſcera havia jà quarenta, e ſinco annos. Diſſera eu (tornou o Principe) pelo que repreſentais, que paſſaveis de ſettenta. E o Santo lhe ſatisfez à duvida, dizendo: *Aſſim he, ſe contamos deſde que naſci ao mundo, reſpirando: mas eu naõ conto, ſe naõ deſde que naſci para Deos, amando-o.*

PARADOXOS, E INVECTIVA.

§. I.



Amor Divino he outro melhor Sol, de gyros mais accelerados, de reſplandores mais luminoſos, e de rayos mais abrazadores; por eſte ſe menſuraõ os annos, e idade da Alma: *Ætatem animæ numeramus*, diſſe Santo Ambroſio, *non pro ratione temporis, ſed pro qualitate virtutis.* Com eſta ſentença concorda a de Seneca (que ſe naõ foy Chriſtaõ occulto, e ſe carteou com S. Paulo, como eſcreveo hum Chronographo antigo; ao menos fallou como Chriſtaõ): *Senectus* (diz eſte Philoſopho) *non annis computanda, ſed factis:* Naõ devemos computar a idade pelos annos, ſenaõ pelos procedimentos. E outra vez: *Nihil turpius eſt, quàm grandis natu, qui nullum aliud habet argumentum, quo ſe probet diu vixiſſe, præter ætatem:* Naõ ha couſa mais torpe que hum velho, que nenhuma outra prova tem de que viveo muito, mais que a idade.

In illud Lucæ 1. Erit magnus, &c.

Flavius Lucius Dexter in Chronico ad ann. Chriſti 64.

Senec. l. de Tranquillitate vitę c. 3.

Daqui ſe infere que ha neſte mundo muitos vivos, que jà ſaõ mortos, e muitos velhos, que ainda ſaõ mininos; e muitos homens que naõ ſaõ homens, nem ainda creaturas. Todos eſtes paradoxos verifica a falta de Amor de Deos. Primeiramente ha muitos vivos, que jà ſaõ mortos. Taes eraõ aquelles por quem diſſe Chriſto Senhor noſſo, fallando com hum de ſeus diſcipulos, que lhe pedia licença para ir a enterrar a ſeu pay: *Sequere me, & dimitte mortuos ſepelire mortuos ſuos:* Segueme tu, e deixa lá aos mortos ſepultar os ſeus mortos. Tal hum Arrio hereſiarca, de quem avizou S. Pedro Alexãdrino a Achillas, e Alexandre ſeus futuros ſucceſſores no Patriarcado, Que nunca o admittiſſem à communicaçaõ dos fieis; porque ſabia de certo, que para Deos era já morto. E tal aquelloutro mancebo com galas, e ambares, que obrigou a que o Anjo ao paſſar por elle, tapaſſe

Matth. 8. 22.

Breviar. Rom. 26. Novemb.

os narizes, e perguntando S. Macario (a quem o Anjo acompanhava em figura humana) Porque fazia aquella demonſtraçaõ de nojo, reſpondeo: Porque he cadaver de muitos dias. A razaõ deſte primeiro paradoxo he; porque a caridade, e graça divina ſaõ vida da Alma: por iſſo o Senhor, que nos veyo dar a graça, diſſe que nos viera a dar a vida: *Ego veni, ut vitam habeant.* Logo os que vivem fóra da graça de Deos, ſaõ vivos mortos, e almas ſem alma: *Anima, quæ peccaverit, ipſa morietur.* A

Joan. 10. 10.

Ezech. 18. 4.

A eſtes ſe contrapoem os mortos que ſaõ vivos, e taes ſaõ os Bemaventurados na Patria, e os mortificados neſte deſterro. Os mortificados vivem na terra pela imitaçaõ de Chriſto: *Vita veſtra abſcondita eſt cum Chriſto in Deo*, e vivem no Ceo pela contemplaçaõ de Deos: *Noſtra autem converſatio in Cœlis eſt.* Os Bemaventurados vivem no Ceo por gloria: *Viſi ſunt oculis inſipientium mori; illi autem ſunt in pace*, e vivem na terra por fama: *In memoria æterna erit juſtus.* Oh quantos ſeculos ha que paſſaraõ deſte ſeculo hum Abel, ou hum Abraham, hum S. Joaõ Bautiſta, ou hum S. Eſtevaõ, e eſtaõ agora, e eſtaraõ ſempre bebendo na fonte da vida, que ſaõ he do roſtro de Deos! *Apud te eſt fons vitæ.* E na Igreja durará ſua memoria honorifica taõ nova, como ſe o tempo naõ foſſe tempo

Ad Colloſ. 2. 33.

Ad Philip. 3. 20.

Sap. 3. 2.

Pſ. 111. 7.

Pſ. 35. 10.

§. II.

EM ſegundo lugar ha no mundo muitos velhos moços, e ſaõ os que tem a madureza nos annos, e a verdura nos coſtumes. Ethnas nevados por fóra quanto ás cans, fogoſos por dentro quanto às paixoens: amando as couſas tranſitorias em lugar das eternas, profeſſaõ a filiaçaõ de Adaõ, negaõ a de Deos. Velho moço foy Caim, do qual entendem os Hebreos (e naõ impugna eſta expoſiçaõ S. Hieronymo, fazendo mençaõ della) aquelle difficultoſo texto do Geneſis: *Occidi virum in vulnus meum, & adoleſcentulum in livorem meum*, e dizem que o matou Lamech, o qual juntamente lhe chama varaõ,

Epiſt. ad Damaſ. quæſt. 1.

Gen. 4. 2.

varaõ,e moço: *Virum adoleſcentulum*, porque Caim ſendo ſeu quarto avo, ainda era moço na eſtulticia, e perverſidade. Velho moço foy tambem Caim, que tendo já cem annos, (como affirma Caetano) e ſendo mais velho que ſeu irmão Japhet, com tudo ſeu pay Noê lhe chamou menor: *Evigilans Noe ex vino, cùm didiciſſet quod fecerat filius ſuus minor, &c.* Mas eſta vez unica que lhe chamou menor, moſtra a razaõ porque. Fizera eſte filho huma rapazia indigna de filho, e digna da maldiçaõ de ſeu pay, qual foy deſcobrillo indecentemente. E aſſim eſteja vigilante (*Evigilans Noe*) já tornando em ſi ao meſmo tempo que lhe errou o nome, lhe acertou com elle, chamando menor a hum homem de cem annos. Gen. 9. 24.

Mas o peyor he que naõ ha ſó velhos moços, ſenaõ tambem velhos mininos: porque nunca ſe deſtetaõ do amor proprio, nem ſoltaõ a boca do peito das conſolaçoens terrenas, e do apego apparentes. Por iſſo com razaõ notou Procopio, que nunca na Sagrada Eſcritura ſe diz dos impios, como muitas vezes ſe diz dos Varoens Santos, que foraõ deſtetados: *Notandum eſt nullibi de impiis dici: Ablactati ſunt.* Porque eſtes taes nunca ſabem renunciar o amor proprio, nem ſoltar a boca do peito das conſolaçoens terrenas. Se viverem cem annos, cem annos gaſtaõ em peccados, e aſſim morrem mininos de cem annos, como diſſe o Profeta: *Puer centum annorum morietur, & peccator centum annorum morietur.* Eſta miſeria reconheceo tambem Seneca por aſſàs commua. *Auctoritatem habemus ſenum, vitia puerorum; nec puerorum tantùm, ſed infantium.* In c. 2. Gen. 1. Iſaiæ 65. 20. Lib. 1. epiſt. 4.

A eſtes ſe contrapoem os moços velhos, e mininos anciãos, e ſaõ os de quem diz a Divina Sabedoria, Que tem as cans no juizo, e a ſua vida immaculada he a ſua velhice veneravel; e que fizeraõ caber muito tempo em pouco: *Conſummatus in brevi, explevit tempora multa:* porque de ſuas ſantas obras a multidaõ frequente, ou a quãtidade continua parece condenſou do tempo a quantidade diſcreta, e quanto nelles naõ eſteve a graça de Deos vazia: *Gratia ejus in me vacua non fuit:* tanto os ſeus dias foraõ cheyos: *Dies pleni inveniuntur in eis.* Mininos Sap. 4. 8. Cani autem ſunt ſenſus hominis, & ætas ſenectutis vita immaculata. Ibid. v. 13. 1. Cor. 15. 10. Pſ. 72. 10.

an-

anciãos foraõ aquelles, a quem noſſo Senhor quiz anticipar o uſo da razaõ, e (o que piamente ſe cre) ſantificar com a ſua graça. Tal foy em Torout, lugar dos Eſtados de Flandes, aquelle celebre minino por nome Acàz, ou Acaſio, que ſendo de quatro annos alcançou à força de lagrimas lhe veſtiſſem o habito de S. Franciſco, e andava cingido com huma corda, deſcalcinho, obſervando em tudo o que podia a Regra do Serafico Padre. Prègava pelas ruas, dizendo com fervoroſa ſinceridade: Vinde filhos cariſſimos; que eu vos enſinarey o temor de Deos. As pregaçoens eraõ dos Noviſſimos, ditas com grande eſpirito: fazia tambem doutrinas, e nellas explicava os myſterios da Fè. Por ſeu meyo converteo Deos a ſi muitas almas, e taõ em breve conſummou as virtudes deſta para premiallas; que antes dos ſette annos já tinha entrado nos eternos. Mayor prodigio da Graça foy o inclyto Patriarca S. Bento, do qual diz o Menologio dos Gregos, que ſe conſagrou a Deos: *Puer adhuc, & pene incompleta infantiâ*, ainda minino, e quaſi dentro dos limites da infancia. E tanto madrugou para os louvores de Deos eſta celeſtial aveſinha, (cujas azas depois cubriraõ todo o mundo); que ainda antes de ſair a luz, e eſtando dentro do ninho, ou ventre materno, foy ouvido cantallos. Por onde diſcretamente hum ſeu panegyriſta diſſe que eſte Santo fora.

Thomas de Cantiprato l. 2. das abelhas c. 28. Veja-ſe Cornejo na 2. p. da Chronica l. 6. c. 27

A

B

Bened. Luſit. t. 1. tract. c. 1. 3.

Semejante al Baptiſta en gloria tanta:
Pues donde dança Juan, Benito canta.

P. Nicolao Bravo, canto 1. da ſua Benedictina.

Neſte meſmo banco dos mininos anciãos tem ſuperior lugar os que pelo martyrio veſtiraõ a flammante eſcarlata de ſeu ſangue: qual huma S. Inez, de quem canta a Igreja: *Infantia quidem computabatur in annis, ſed erat ſenectus mentis immenſa.* Pouco mayor idade tinhaõ dous muchachos recêm convertidos à Fè na Cochincina, Rafael de dezaſeis annos, e Eſtevaõ de quatorze: os quaes veſtindo-ſe de gala para feſtejarem o ſeu martyrio, foraõ preſentar-ſe ante os Governadores, que eſtavaõ em audiencia, e lhes diſſeraõ animoſamente: *Vimos pedir a*

C

voſſas

vossas mercès instantemente, que nos queirão mandar para o Ceo. E o que pertenderão conseguirão; porque logo os mandárão lançar aos Elefantes. Porêm muito menor idade tinha o cachopinho S. Barula, que como tal cuidárão os tyrannos vencello por açoutes. Como estes erão tão rijos, e aquella lesma tão tenrasinha, e a effusão do sangue lhe causava grande sede: levantou a voz, pedindo á may de beber. Mas esta piamente desapiadada lhe respondeo: Olà, não he tempo de beber nem huma pinga de agua: se não de derramar atè a ultima de sangue. Tapou a boca o minino; & (como se o não fora) sofrendo atè o fim, a foy pôrâ torrente dos deleites que o não tem. Tão perfeito louvor sabe Deos tirar de idades tão imperfeitas! Tanto se gloria o Esposo candido, e rubicundo de tingir com sangue atê o leite, e de sobrepor na prata da innocencia o purpureo esmalte do martyrio! Por estes moços velhos podemos com mayor razão dizer, o que là disse hum Ethnico, consolando a Livia na intempestiva morte de Druso:

A

B

Quid numeras annos? Vixi maturior annis:
Acta senem faciunt: hæc numeranda tibi.

Traduzido quanto à sustancia:

Não me contes annos; conta
Minhas excellentes obras,
Obras saõ cans: nestas sobras
Falta de annos se desconta.

C

Succedeo este martyrio anno 1664. consta de huma relaçaõ manuscripta, que enviarão os PP. da Companhia, cuja copia tenho.

Surio a 18. de Novembro.

Ps. 8. 3. Ex ore infantium, & lactentium perfecisti laudem.

Outros exemplos de mininos Santos se pòdem ver no P. Nicolao Serario no Commentario sobre o c. 7. do 2. l. dos Macab.

Ovidius.

§. III.

EM terceiro lugar, ha no mundo muitos homens que não saõ homens. Não o digo sô em razão da sua ignavia, e afeminação de costumes; segundo a qual lhes chamou mulheres Tertulliano: *Vertunt capillum, in acu lasciviore comam sibi inferunt, crinibus à fronte divisis apertam proferre mulieritatem:* nem só em razão da sua ira-

De virgin. velandis c. 12.

iracundia, e ferocidade, ſegundo a qual lhes puderamos chamar feras:

Ovid. *Candida pax homines, trux decet ira feras:*

Senaõ principalmente pela falta, que diziamos de Amor de Deos; porque em fim, tanto tem o homem de homem, quanto tiver de culto, e eſtimaçaõ deſte Senhor: *Deum time, & mandata ejus obſerva, hoc eſt enim omnis homo.* Eccl. 12. 13. E faltando eſte amor, naõ pódem faltar peccados; que faõ os que na Alma eſcurecem a ſemelhança de Deos, ſobrepondo-lhe as dos brutos: *Homo cùm in honore eſſet, non intellexit: comparatus eſt jumentis inſipientibus, & ſimilis factus eſt illis:* Pſalm. 148. e de tantos brutos a quantos vicios ſerve: ſe à ira, parece leaõ; ſe à aſtucia, rapoza; ſe à rapina, lobo; e aſſim no mais. E porque a Gentilidade, antes de ſer chamada ao Reino do Euangelho, ſe compunha de todo o genero de vicios, e enormidades: por iſſo foy moſtrada tres vezes a S. Pedro na vizaõ de hum conglobado de todos os bichos, ſerpentes, e animaes: *Velut linteum magnum... in quo erant omnia quadrupedia, & ſerpentia terræ, & volatilia cæli.* Grande miſeria por certo, a de hum homem naõ homem! E tanto mayor, quanto, apparecendo nos olhos de Deos, pois he verdadeira, naõ apparece nos noſſos, por ſer eſpiritual.

Eccli. 4. 35. Noli eſſe ſicut leo in domo tua, evertens domeſticos. Luc. 13. 32. Dicite vulpi illi. (Sc. Herodi.) Matth. 7. 15. Intrinſecus autem ſunt lupi rapaces. Act. 10. 15.

Porêm naõ ſô os que naõ amaõ a Deos, perdem moralmente o ſer de homem; ſenaõ tambem o de creatura. Porque quando Deos nos gera eſpiritualmente pela palavra da Verdade; que he o meſmo, que infundirnos o ſeu Sagrado Amor: entaõ he que em nós ha algum principio de ſer creaturas ſuas: *Voluntariè enim genuit nos verbo veritatis, ut ſimus initium aliquod creaturæ ejus.* Jac. 1. 18. Por iſſo fundando Chriſto a ſua Igreja na Gentilidade, cheya (como ponderavamos) de peccados, diſſe por Job, que fundára a terra ſobre nada: *Qui appendit terram ſuper nihilum.* Job 26. 7. Na expoſiçaõ de S. Greg. 17. Mor. 13. Que he logo o peccador em quanto peccador? Moralmente fallando, he nada; porque Deos he o Ser, e o peccado aparta o peccador de Deos. Todas as couſas fez Deos, nem podiaõ ſer feitas, ſenaõ por Deos. Sò o peccado nem

nem o fez, nem o podia fazer; porque o peccado he o
A nada, que nós fizemos sem Deos: *Omnia per ipsum facta sunt, & sine ipso factum est Nihil quod factum est (id est peccatum*, explica Santo Agostinho.) E como o peccado he nada, fez nada a quem o fez, e peyor ainda que nada, conforme aquelle oraculo da Verdade fallando de hum seu discipulo, que gerado pela sua palavra, teve principio de creatura, e depois teve o fim do peccado, que he a condenaçaõ eterna: *Bonum erat ei* (disse o Senhor) *si natus non fuisset homo ille:* Melhor fora para elle naõ haver nascido. Joan. 1. 3. Matth. 26. 24.

A estes homens naõ homens se contrapoem outros, que saõ mais que homens: naõ por seu natural esforço, e animosidade, conforme aquillo do nosso Poeta:

Em perigos, e guerras esforçados,
B Mais do que se permitte à força humana:

Nem em razaõ da graça *gratis data* de obrar milagres, pela qual os Apostolos S. Paulo, e S. Barnabè foraõ tidos dos de Lystria por Deoles: *Dij similes facti hominibus descenderunt ad nos:* senaõ em razaõ do eminente gráo do Amor divino, a que tem subido, que os faz semelhantes a Anjos, e ao mesmo Deos. Semelhantes a Anjos? Sim. Por ventura naõ saõ como Anjos os Virgens, e os Castos? He commua fràze dos Santos Padres. Naõ foy Anjo o grande Bautista? Disse-o o mesmo Christo: *Hic est enim, de quo scriptum est: Ecce ego mitto Angelum meum.* Naõ foy Anjo hum S. Vicente Ferrer, verdadeiro filho da familia dos Prègadores, e verdadeiro Prégador da familia de Deos? Disse-o elle mesmo desde o pulpito a
C hum auditorio numerosissimo; affirmando, que elle era no sentido literal aquelle Anjo do Apocalypse, que S. João vio voar pelo meyo do Ceo, prégando o temor de Deos, motivado pelo juizo final: *Timete Dominum, & date illi honorem, quia venit hora judicij eius.* E para que me creais (accrescentou o Santo): ide a tal lugar, e trazei aqui hum defunto, que agora levaõ a enterrar; que eu o resuscitarey em virtude do que he vida, e verdade. Como o disse Act. 14. 10. Matth. 11. 10. Fr. André Ferret de Valdecebro na vid. do S. l. 1. c. 32. Apoc. 14. 7.

o diſſe aſſim o fez: que para tal conceito, ſô tal prova ſervia.

Mas que muito que o Amor de Deos faça dos homens Anjos, ſe faz dos homens Deoſes? *Ego dixi: Dij eſtis, & filij Excelſi omnes.* Deſte texto do Real Profeta uzou Chriſto Senhor noſſo para adjudicar a todos os juſtos o nobiliſſimo titulo de filhos de Deos. E ſe ſaõ filhos, amão a Deos ſeu Pay celeſtial: como pelo contrario, ſe amão a Deos, ſaõ ſeus filhos, pois eſte amor anda com a Graça do Eſpirito Santo, que os perfilha. Sendo logo filhos de Deos, e amando a Deos, bem ſe infere que ſaõ Deoſes: porque não póde ſer filho o que não participa da meſma natureza do pay: nem póde ſer amor, o que não faz ſemelhante ao amado. Por iſſo diſſe S. Dionyſio Areopagita: *O amor he huma virtude que faz uniaõ*, e S. Agoſtinho: *Amas a terra? es terra. Amas o Ceo? es Ceo. Amas a Deos? que te hey de dizer, ſenaõ que es Deos.* Filhos de Deos, e amantes de Deos eraõ os Sagrados Apoſtolos: por iſſo Chriſto fez differença delles aos mais homens. Quem dizem os homens (lhes diſſe o Senhor huma vez) que he o Filho do Homem? E referindo elles varias, e erradas opinioens que delle corriaõ, repreguntou o Senhor: Vòs porém quem dizeis que ſou? *Vos autem quem me eſſe dicitis?* Aquella particula *Autem*, Porêm, como differencial, e adverſativa do que atraz fica dito, ſignifica que os Apoſtolos eraõ mais que homens, e como Deoſes. Aſſim o notaõ os Expoſitores com Saõ Jeronymo: *Illis quia homines ſunt humana opinantibus, vos qui Dij eſtis, quem me eſſe exiſtimatis?* Nem de fazer-ſe Deos homem convinha reſultar menor effeito, que fazer-ſe o homem Deos: *Factus eſt Deus Homo, ut homo fieret Deus:* diſſe S. Agoſtinho. E finalmente, aſſim como diziamos que a offenſa de Deos torna ao homem nada: aſſim o Amor de Deos o torna todas as couſas; conforme aquillo do Apoſtolo: *Omnibus omnia factus ſum, ut omnes facerem ſalvos.*

Sendo pois o Amor de Deos a vida, a idade, e o ſer das almas, para quando guardaõ tantas almas o applicar-ſe a amar a Deos? Em que nos occupamos os homens, que nos importe mais, que o ſer mais que homens,

Pſ. 81. 6.

Dionyſ. de divinis nomin. c. 4.

Matth. 16. 14.

Abulenſ. ibi q. 55. Silv. l. 6. in Evang. q. 9. n. 74.

Aug. Serm. 13. de tempore.

1. Cor. 9. 22.

e chegar a ſer como Deoſes? Em que fazemos emprego dos annos, que nos rendaõ, o que he certo nos renderaõ em ſerviço de Deos, que he huma eternidade bemaventurada? Fôra de me amar. (diſſe o Senhor a Santa Thereza) Tudo o mais, filha, he mentira, e vaidade. Naõ creyo que naõ cremos iſto: mas ſe o cremos, admiro-me, e pergunto: Como antepomos taõ porfiada, e cegamente a mentira á verdade? Admiro-me como fazem os velhos ainda tantas meninices! Como ſe rendem os homens a tantas couſas proprias de brutos? Como conſentem os vivos andarem tanto tempo mortos, fôra da Graça, e Amor de Deos? Oh quando, quando havemos de endireitar noſſos caminhos para o fim que Deos nos creou, que he amallo, e ſervillo neſta vida, vello, e gozallo na outra! Homem que naſceſte para o mundo ha ſincoenta, ſeſſenta ou ſettenta annos, e ainda naõ aborreces o peccado: onde determinas hir naſcer para Deos? Quando fazes conta de ter a vida da graça? por ventura quando perderes a do corpo? Quando has-de abrir os olhos à luz da razaõ? Por ventura quando os fecharés à da vida? Adverte que vàs errado: abre as portas do coraçaõ aos toques da inſpiraçaõ divina: abre hoje, abre logo. Começa a viver para Deos: pois Deos quiz dar a vida por nós, para que nós lhe deſſemos a vida.

XLIV.

De Clemente VIII. Summo Pontifice.

EM preſença ſua ſe laſtimàraõ alguns de varias perdas, e infortunios, que lhes tinhaõ proximamente acontecido. Dizia hum v. g. que perdera a novidade dos ſeus campos: dizia outro, que ſe lhe perdera no mar huma boa encomenda: acodia outro, que jà perdera o valimento com

com tal perſonagem &c. O Papa vendo, que niſto gaſtavaõ muito tempo, os atalhou dizendo: *Nada diſſo importa muito: a perda que he para ſentir, he da couſa que ſe naõ póde recuperar, que he o tempo.*

CONFIRMAÇAM, E AVISO.



Aſſim como a Eternidade naõ ſeria Eternidade, ſe pudeſſe perder-ſe: aſſim o tempo naõ ſeria tempo, ſe pudeſſe recobrar-ſe. No relogio de area, a ampulheta debaxo guarda o que vay perdendo a decima, para tornar a medir outra hora: porém no tempo medido o preſente ſe vaza no paſſado, ſem nunca tornar a ſer preſente. Bem diſſe hum Poeta:

Fugio a hora? jà agora
Naõ volverà mais a ſer:
Que em fugir, e naõ volvêr
Conſiſte o meſmo ſer hora.

E outro mais engenhoſamente:

Hæc quæ adeſt hodie, quod nomen habebat heri? Cras.
Cras Hodie quodnam nomen habebit? Heri
Cras lentũ quod adeſt nunquam, nec abeſt procùl unquam
Quonam appelletur nomine Cras? Hodie.

E Ovidio com a ſua clareza elegante:

——— Nec enim conſiſtere flumen,
Nec levis hora poteſt; ſed unda impellitur undâ,
Urgeturque prior veniente, urgetque priorem,
Tempora ſic fugiunt pariter, pariterque ſequuntur.

Phyſic. 4. text. 88.

Por onde diſſe Ariſtoteles, que o tempo, conſtando do pre-

preterito, que naõ he jà; e do futuro, que naõ he ainda, parece ser huma cousa que naõ he, pois tudo se lhe vay
A em irse. Este he o verdadeiro Saturno que come seus proprios filhos: porque (como notou Lactancio) os antigos Mythologos, mentiaõ nos nomes, mas fallavaõ verdade nas cousas. Saturno quer dizer o Tempo, e quem duvida, que o tempo vay devorando os mesmos dias, e annos que vay formando?

Tempus, cùm cõstet ex præterito, quod non est, & ex futuro, quod non adhuc est, videtur esse non ens. Lactant. l. 1. c. 11. & 19. Dempsterus lib. 2. Antiq. Rom. c. 4.

Daqui se infere, que quanto a nossa industria naõ pôde ser util para reparar o tempo: tanto o nosso cuidado deve ser solicito para o conservar, naõ deixando passar sem fruto a minima parte delle. He conselho do Espirito Santo pelo Ecclesiastico: *Fili, conserva tempus, & devita a malo. Particula boni diei non te prætereat.* E como se pôde conservar o tempo, se o tempo, como essencialmente fluido, sempre vay passando? O mesmo texto
B que nos dâ o conselho, nos ensina a praxe delle. *Conserva tempus*, conserva o tempo; este he o conselho: *Devita a malo:* foge do mal; esta he a praxe. O tempo que se emprega em fugir do mal gasta-se quanto ao uzo, mas conservase quanto ao fruto. Assim passa, como se naõ passara: porque fica na maõ de Deos posto a juro, para nos vencer os redditos da eternidade. E tempo que nos rende huma duraçaõ mayor que todos os tempos, taõ longe està de ser perdido, que ainda excede ao ser conservado. Se Deos nos desse aos homens neste mundo huma duraçaõ fixa, e consistente, a modo dos que chamaõ Instantes Angelicos, que pòdem durar muito sem movimento, e innovaçaõ de outro acto interior: porèm juntamente nos negasse o merecer: naõ nos daria tanto, como faz em darnos tempo, que qualquer partezinha delle
C póde rendernos a participaçaõ de sua divina Eternidade. Logo empregar bem o tempo he muito mais que conservallo, e bom he para nôs ser fluido, com tanto que pare em ser eterno. Logo huma vez que o tempo, e qualquer partezinha delle, he bom para isto, naõ he bom o deixallo passar sem fruto: *Particula boni diei non te prætereat.*

Ecclí. 4. 23. & 14. 14.

Mas oh! advirtamos bem, que se o tempo bem empregado nos lucra huma eternidade de gloria: tambem

deixado paſſar em culpas, nos precipita em outra de tormentos. Boecio definio o Tempo, *Nunc fluens*: Agora correndo, e definio a Eternidade, *Nunc ſtans*: Agora parado: como ſe o tempo foſſe rio, e a eternidade mar, para onde corre; e onde pàra eſte rio. Eſte pois *Nunc fluens* do tempo, para hum de dous mares he preciſo faça ſua corrente, conforme noſſas obras lhe abrirem o caminho: ſe ſaõ Santas, eſtas o levaõ para o *Nunc ſtans* da eternidade de glorias; porèm ſe perverſas, eſtas o levaõ para o *Nunc ſtans* da eternidade de penas. Oh quanto vay de hum mar a outro mar! Mas na noſſa mão eſtà encaminhar o rio para onde nos convem: *Dum tempus habemus, operemur bonum ad omnes*: Em quanto temos tempo, obremos bem para todos. Naõ guardemos eſtas contas para quando naõ teremos tempo de as fazer, ſem ficar nellas alcançados, como diſcretamente diſſe Lope:

Ad Galat. 6.10.

Pideme de mi miſmo el tiempo cuenta:
Si a darla voy, la cuenta pide tiempo:
Que quien gaſtò ſin cuenta largo tiempo,
Como darà ſin tiempo buena cuenta?

Hum eſpantoſo caſo a eſte propoſito refere Thomàs Cantipratenſe da Sagrada familia dos Prègadores, fiel Hiſtoriador das couſas do ſeu tempo. Paſſou aſſim. Havia em Alemanha certo Principe Eccleſiaſtico, de alto ſangue, e baixiſſimos coſtumes, e particularmente contra o ſexto, e ſetimo preceitos Divinos. Que mayor baixeza, que cubiçar o alheyo, quem tinha obrigaçaõ de diſtribuir o proprio? Que mayor baixeza, que ſervir à laſcivia, quem votàra continencia? Naõ ſe fez peſſimo de repente: mas pedra ſobre pedra edificou huma torre taõ firme, de malicia caldeada com o coſtume, que deſpois as balas dos aviſos de Deos reſurtiaõ ſem effeito, e ainda ſem abalo. Entrou pois a juſtiça de Deos por força, aonde naõ deixàraõ entrar ſua miſericordia por vontade. Conrado Biſpo Hildemenſe tinha ſe huma noite levantado a rezar Matinas, e acabada eſta tarefa, ſe occupou com a dos eſtudos, porque havia de prègar no ſeguinte

Lib. 1. c. 13. Drexel. t. 1. Damnrog. c. 7. §. 6.

guinte dia. Quando de repente ſe ſentio como alheado de ſeus ſentidos, e ſeu eſpirito obrigado a attender a eſ-
A ta viſaõ. Entrava no tribunal hum Juiz de grande mageſtade: ſeus miniſtros lhe preſentavaõ hum reo veſtido de Pontifical, e com Mitra na cabeça, porèm cuberto o roſto. Appareceraõ logo alli muitos fiſcaes, que com intrepida liberdade o accuſavaõ daquellas duas eſpecies de delictos. E entaõ diſſe o Juiz para os ſeus aſſeſſores, que examinaſſem, e ſentenceaſſem aquelle reo. O que ſem demôra alguma fizeraõ, e lhe notificàraõ a ſentença de condenaçaõ eterna, e o deſpojàraõ de Mitra, Anel, e mais inſignias Pontificaes, lançando-as todas aos pês do Juiz. E logo levantando-ſe dos ſeus lugares, hiaõ dizendo: *Dum tempus habemus, operemur bonum ad omnes:* Em quanto temos tempo, obremos bem
B para todos. Neſte tempo tornou em ſi Conrado, e reflectindo ſobre o que vira, diſcorria conſigo: Quem ſeria aquelle miſeravel, ſobre quem taõ dura ſentença tinha cahido? Eys-que lhe bate â porta hum criado daquelloutro Biſpo: o qual com muitas lagrymas lhe deu por nova, que ſeu ſenhor havendo-ſe retirado à ſua quinta, e caſa de prazer, na tarde antecedente, morrera aquella noite de repente. Conrado entendida a viſaõ, e todo traſpaſſado de medo, e eſpanto, ſe applicou dalli pordiante com mayor cuidado a empregar os dias, e as noites nas ſuas obrigações, e para ſe eſpertar a iſſo, repetia frequentemente: *Dum tempus habemus, operemur bonum ad omnes.*

C

XLV.

De Saõ Franciſco de Borja.

FAllando o Emperador Carlos V. com eſte Santo Padre recem entrado na Companhia de JESUS, lhe diſſe: Que me reſpondeis a iſto que ſe diz, que todos ſaõ moços na Companhia, e q̃ ſe naõ acha huma cãa em tantas cabeças? *Senhor,*

(reſpondeo elle), *ſe a Mãy, que he a Religiaõ, he moça: como ſeraõ velhos os filhos que lhe naſcem?* A

REFLEXAM, E APOLOGIA.

Euſeb. Nieremb. nos Varoens illuſtres na vida de S. Franciſco de Borja §. 3. e na vida de S. Ignacio c. 2.



EM diſſe: que a mãy era moça, porque o Santo profeſſou na Cõpanhia anno de 1547. por Breve do Summo Pontifice, para ficar ainda em ſua caſa adminiſtrando-a. E a Companhia foy confirmada a primeira vez por Paulo III. anno de 1540. E bem diſſe: os filhos que lhe naſcem: porque entrar em Religiaõ he naſcer de novo, como diſſe Hugo Cardeal: *Poſt nativitatem Religionis, moriendum eſt mundo, & parentibus.* Por iſſo o Beato Fr. Egidio Minorita dizia, que naſcera tres vezes, depois de haver jà naſcido: a primeira pelo Bautiſmo, a ſegunda B pela entrada, e profiſſaõ na Ordem, e a terceira naquelle ditoſo dia, em que o Senhor lhe deu o dom da contemplaçaõ infuſa. E naõ ſò he naſcer o entrar em Religiaõ; mas tambem bautizar-ſe, como diſſe o B. Alano: *Religio eſt quaſi alter Baptiſmus, quòd primum ad ingreſſum remiſſio culpæ fiat, ac pœnæ.*

Sup. Eccleſ. c. 3.

Compenſten. p. 4. fer. 3. c. 31. quinq. a Pſalt. 2.

Mas ſe eſte virtuoſo Duque eſtiveſſe ainda de fòra; á maõ tinha outra reſpoſta do Eſpirito Santo: *Cani ſunt ſenſus hominis:* Que as cãas ſaõ as virtudes, e deſtas cãas, tantas mais ha na Religiaõ, quanto he mais moça. Arvore nova carrega mais de frutos: as antigas parece que a natureza as dà por apozentadas, e ſe contenta com que moſtrem alguns para diſtintivo da eſpecie. Em qualquer das ſagradas familias, os Noviços coſtumaõ ſer os mais obſervantes, e os mais Religioſos antes de o ſerem: na C moderna todos procuraõ ſer obſervantes, porque todos ſaõ quaſi Noviços. E quando vay jà declinando para antigua, o ſugeito que dezeja perfeiçaõ, e eſpirito, deve tomar ſempre para a parte dos primitivos, aſſim nos dictames, como nos eſtylos, como na intelligencia da regra, por mais que o commum o diſſuada, e perſiga, e em cada lingua ſua ache hum Paſquim, em cada geſto hum

hum deos Momo. Aquelle primeiro ſeculo em todas as Religioens foy Santo: por tanto quem o deſeja ſer, vá
A para aquella parte: *In partes vade ſæculi ſancti.* Entaõ no vazio, e deſpejado das pobres cellas ſe via como os corações dos habitadores eſtavaõ vazios do amor proprio, e dos cuidados do mundo: depois entràraõ a commodidade, o ornato, e o aſſeyo: *Vade in partes ſæculi ſancti.* Entaõ todos entendiaõ a regra de hum ſó modo, porque olhavão para ella: depois tantas interpretaçoens, quantas cabeças, porque olhaõ para differentes partes: *Vade in partes ſæculi ſancti.* Entaõ baſtava o aceno de hum Superior para reger todo o Convento: depois naõ baſtaõ os preceitos, e cenſuras de muitos Prelados, para render hum ſubdito. Entaõ havia muito de ſuſtancia nos exercicios pios, pouco de accidentes de ceremonias, e ap-
B paratos: depois engroſſou eſta caſca, e deſvaneceo-ſe aquelle miollo. Entaõ eraõ as Miſſas mais compridas do que por ventura convinha à paciencia dos ouvintes: depois ſe fizeraõ mais curtas do que convem à ſua edificaçaõ. E aſſim no mais. Tu pois, quem quer que es, ó Religioſo, que o dezejas ſer no eſpirito, e naõ ſó no habito, amolda os teus procedimentos, e arrima os teus dictames à parte daquelle ſeculo ſanto: *Vade in partes ſæculi ſancti.* Naõ tenhas receyo de parecer ſingular; que as relaxaçoens, por muitas que ſejaõ, naõ fazem numero, huma vez que deitàraõ fòra a unidade da regra: e naõ he elle o fero ſingular, que devaſta eſſa vinha do Senhor. Pſ. 79. 14.

O que importa he que nem elle, nem outrem quem
C quer ſe eſcandalize deſta deſigualdade dos tempos, e deſcaimento da antiga reforma. Nenhum daquelles Santos Patriarcas tinha tanto eſpirito, e graça, como o Author, e fonte da meſma graça Chriſto Salvador noſſo. E ſem embargo vemos que a Religiaõ Chriſtãa, que elle fundou, differente fervor teve no eſtado primitivo, do que tem agora na obſervancia de ſeus preceitos, e conſelhos, e differente tem agora, do que terà naquelles ultimos tempos, que o Apoſtolo chama perigoſos, e dos quaes diſſe o meſmo Senhor, que apenas acharia fè na terra, quando vieſſe a julgar; e que ſerà neceſſario

Eccli. 17. 25.

2. Tim. 3. 1. Luc. c. 18. 8. Marc. 13. 20. Matth. 24. 24.

abreviallos, para que os predeſtinados naõ ſejaõ induzidos no meſmo erro. Na Igreja primitiva (como de S. Irineo referem Euſebio, e Niceforo) tinhaõ os Fieis a graça de reſuſcitar mortos, que agora tem alguns Santos mais abalizados. Ajuntava-ſe o Clero, e o povo; jejuavaõ, e oravaõ, e pediaõ a Deos a vida do defunto (ſe aſſim entendiaõ que convinha à ſua gloria) e elle lho concedia. As reſurreiçoens que agora fazem alguns nas Igrejas, ſaõ eſcandalos, e furtos; e outros exceſſos, que ſe nem nomeallos he decente, como ſerà o commettellos? e tanto naõ embarga a eſtes atrevimentos a preſença do SANTISSIMO expoſto; que antes por ſeu execravel abuſo, ſe ſervem della para facilitallos. Na Igreja primitiva o povo nos Templos cantava Pſalmos, e Hymnos: hoje queira Deos que ao menos as peſſoas Sagradas naõ diſcantem ſobre as vidas alheyas detrahindo, e murmurando. Entaõ alguns mais eſpirituaes, e doutos interpretavaõ as Eſcrituras, e exhortavaõ o povo: o qual quando ouvia alguma couza dita com piedade, e ſabedoria, acclamava *Amen, Amen*: hoje em muitas Igrejas nem oramos, nem deixamos orar, nem para os Officios Divinos ha o ſilencio que convem, porque dellas fazemos cazas de converſaçaõ; e em vez de darmos correcçaõ, dizemos huns aos outros os *Amens*. Logo aſſim como a Igreja Catholica nem por iſſo deixa de ſer Santa (ladrem quanto quizerem os herejes) e ſempre nella hà, e haverà Santos: aſſim qualquer particular Religiaõ, por abatida, e deſluſtrada que ſe conſidere, naõ deixa de ſer Santa, e della ha alguns eſpiritos amantes da reforma, e agradaveis a Deos. A ſua ſerva, e Eſpoza Santa Tereza de JESUS diſſe huma vez o Sendor: *Que aunque las Religiones* (ſaõ palavras da meſma Santa referindo as do Senhor) *eſtavan relaxadas, non penſaſſe ſe ſervia poco en ellas; que ſeria del mundo, ſi no fueſſe por los Religioſos.*

Alapide in 1. ad Cor. c. 14. v. 26. ex Juſtino, & Tertulliano.

Cap. 32. da ſua vida.

Recolhendonos ao noſſo ponto principal. Ridicula he logo (ſe naõ diſſermos antes deploravel) a eſtulticia daquelles, em cujo conceito perde huma Religiaõ por moderna, o que devera adquirir por obſervante. Tal foy o reparo, e objecçaõ, que oppunhaõ os infieis ao Rey-

no

no do Euangelho, quando começou a propagar-se: e lhes respondeo Arnobio: Que era defeito esse, de que
A forçosamente se hia emendando, e em que as suas proprias crenças algum dia tinhaõ encorrido; e que a Religiaõ se naõ devia estimar pelo predicamento do *Quando* começou a ensinarse: senaõ pelo da *Sustancia* que ensinava: *Nova res est, quam gerimus: quandoque & ipsa vetus fiet. Vetus, quam vos agitis: sed temporibus quibus cœpit, nova fuit Religionis autem auctoritas, non est tempore æstimãda, sed numine: nec colere qua die, sed quid cœperis convenit intueri.* O mesmo podemos dizer ao presente intento: ou mais especificamente com outro Douto: *Quod igitur hoc Monachorum genus novum esse dicitur, si verum est, non parva laus est nostri temporis. Non enim continuò bonum non est quod recens est, recens fuit mundus, recens lux, recens Euan-*
B *gelij prædicatio.* Quer dizer: A objecçaõ de que este genero de Monges he novo, antes redunda em mayor louvor, e credito dos nossos tempos. Porque naõ he legitima illaçaõ; este Instituto he moderno: logo naõ he bom. Moderno foy o mundo, moderna a luz, e moderna a prègaçaõ do Euangelho.

Arnob. lib. 1. contra gentes.

Jacob. Latomus in institut. Monac. c. 1.

XLVI.

Do Abbade Pastor Padre do ermo.

AGado Monge, ainda quando moço era muy sizudo, e silencioso. Succedeu, que o
C Abbade Pastor lhe deu huma vez o nome de Abbade, que era proprio sómente dos anciãos veneraveis: Perguntado porque o fizera, respondeu: *Naõ foy quem lhe deu esse nome, a minha lingua fallando; senaõ a sua callando-se.*

ETHYMOLOGIAS, E DOUTRINA.

§ I.

In cap. 4. ad Galatas.



O nome Abbade correſponde (como notou Saõ Jeronymo) no Hebraico *Ab*: no Syriaco, que era o Hebraico vulgar, *Abba*: e os Gregos, & Latinos, dando-lhe terminaçaõ a ſeu modo, diſſeraõ *Abbas*: Quer dizer *Pay*, como interpreta S. Paulo em dous lugares: que por iſſo lemos na Vulgata ambas eſtas dicções juntas, *Abba Pater*: não porque o noſſo interprete accreſcentaſſe de ſua caſa o *Pater*, para explicar o *Abba*: ſenaõ porque o meſmo Apoſtolo quiz declarar mais huma palavra com a outra. O meſmo fez primeiro Chriſto Salvador noſſo orando no Horto, como lemos no Texto de Saõ Marcos: *Abba Pater, omnia tibi poſſibilia ſunt.* Onde diz Santo Agoſtinho, que o Senhor fallou em Syriaco, e em Grego, e que eſta repetição enſinava o myſterio da paternal Caridade de Deos propagada, e moſtrada ás ovelhas de ambos os rebanhos, Gentilico, e Iſraelitico, que ſe havião de ajuntar debaixo de hum ſò Paſtor, Chriſto ſeu Unigenito, que actualmente orava pela ſalvação do mundo.

Rom. 8. 15. Galat. 4. 6.

Marc. 14. 36. Aug. lib. de Spiritu, & littera c. 32. & l. 3. de Euang. conſenſu c. 4. Scholiaſtes apud S. Hieronym. Hebraicè, & Græcè loquitur quia nõ eſt diſtinctio Judæi, & Græci.

Dava-ſe pois aos Superiores, e Prelados o titulo de Abbades: porque na idade, e no amor, e cuidado dos ſubditos (e tambem pela geraçaõ eſpiritual em razão da doutrina, e bom exemplo) erão, ou devião ſer Pays. Por eſte meſmo reſpeito deu Romulo o titulo de Pays àquelles cem Cidadãos mais velhos, e ſabios, que eſcolheu para ſeus conſelheiros, e miniſtros: *Delecti*, (eſcreveu Saluſtio) *quibus corpus annis infirmum, ingenium ſapientia validum erat, Reipublicæ conſultabant: hi, vel ætate, vel curæ ſimilitudine, Patres appellabantur.* Depois Tarquinio elegeo outros cem, e lhes chamou Patricios *minorum gentium* para differença dos outros, que ſe chamavão Patricios *maiorum gentium*. Ultimamente (expulſos os Reys)

De conjurat. Catil.

Livius lib. 2. Plutharc. in Publicola. Cornel. Tacit. lib. 11. Annal.

Reys) Junio Bruto, e Valerio Publicola escolherão para o Senado outros, que se chamárão *Patres conscripti:* por ventura porque seus nomes estavão escritos em alguma taboa, ou livro do Senado. E como a razão de Pay, e de Superior, e Ministro, e a capacidade para governar, suppoem ordinariamente idade provecta: por isso estes Pays da Republica, se diziáo Senadores, e o lugar onde se ajuntavão, Senado: tomada a derivação de *Senectus*, a velhice, como advertio João Saresberiense, e tocou Ovidio: *Nomen, & ætatis mite Senatus habet:* Porque em fim he certa aquella sentença de S. Gregorio M. que nem madeira verde serve para edificios, nem gente moça para governos. E disse bem quem disse:

Franc. Cennan. lib. 1. cap. 2. n. 3.

Saresberiensis l. 5. Policrat. c. 9.

D. Gregor. Ep. ad Æthereum Episc. Lugdun.

——*Tenero tractari pectore nescit*
Publica maiestas.——

Claudian.

B Tambem a palavra Anciaõ veyo de *Antianus*, Latim antiquado, e barbaro: onde a preposição *Ante*, indica que os Anciãos naõ vaõ diante nos annos, e ordinariamente tambem na dignidade, e honras. Semelhantemente dizemos da palavra Senhor, que he o mesmo que *Senior*, O mais velho, corrupto o i em h, e carregando o accento na final, como costumaõ os Hespanhoes, e Francezes. E porque os mais velhos saõ os que precedem, e governaõ, e dominaõ; já o nome Senhor veyo a naõ significar a idade maior, senaõ o dominio, e poder. E ainda que a pessoa nenhum dominio tenha, nem poder, nem ancianidade: todos querem ser nomeados por senhor. E ate nas cartas missivas se faz differença do lugar C em que vay escrito este titulo: porque no meyo da frente do papel denota mais reverencia de quem escreve, do que se o puzer á margem interior. Por isso certo fidalgo, a hum que lhe enviou a pedir o coche emprestado, e se descuidou desta ceremonia, respondeo escuzando-se com que as mulas andavaõ occupadas em acarretar o senhor para o meyo.

Acta Sanctorum in vita S. Juvenal. Episc. t. 1. Maii fol. 401. in notis lit. C.

Leitaõ de Andrade Dialogo 18. *da Miscellania, citando a Joaõ Marianna, e Bobadilha, e ao Abbade Biclarens. Veja-se tambem* Theoph. Raynaud. in Corona aurea Roman. Pontif. verbo Papa tom. operum 10. fol. 82.

Toque

§. II.

TOquemos tambem de caminho nas Ethymologias dos nomes Papa, Presbytero, e Nonno; que todos envolvem ancianidade, e preeminencia. *Papa*, dizem alguns, que he abbreviatura de *Pater Patrum:* Pay dos Pays, e lhe quadra bem o titulo, naõ ſò porque he o Prelado mayor entre todos os Prelados; ſenaõ porque os ordena, ou confirma. Porèm Thyophylo Raynaudo, e Macro no Hierolexicon, com Baronio refutão eſta Ethymologia com as palavras do Concilio de Epiro, em que os Padres eſcrevendo ao Papa Hormisdas, dizem aſſim na Inſcripçaõ: (*Synodus veteris Epiri Joannes, Matthæus, Conſtantius, &c. Domino noſtro per cuncta Sanctiſſimo, & beatiſſimo Patri Patrum, Comminiſtro, ac Principi Epiſcoporum Hormiſdæ Papæ*) onde ſe ve, que ſe o meſmo fora Papa, que Padre dos Padres, naõ ajuntárão os daquelle Concilio ambos eſtes nomes. Outros o dirivaõ da interjeiçaõ *Papè*, que ſignifica couſa admiravel; porque na verdade o he, hum homem com vezes de Deos na terra. Outros lhe buſcão outras fontes, que ſe pòdem ver em Theophilo no lugar citado, e em Ignacio Braccio, que deſta materia compoz hum erudito tratado. O que quer que ſignifique, antiguamente ſe attribuhia aos Biſpos, e ainda aos Sacerdotes: porèm hoje ſó compete ao Summo Pontifice Romano, Vigario de Chriſto. E ſuppoſto, que dizem, que os Patriarcas de Alexandria arrogão a ſi eſte titulo deſde hum Hierocla ſeu anteceſſor, que toca nos annos de Chriſto de 240. toda via mais antigos, e certos documentos ſe achão, de que os Pontifices Romanos o tinhaõ.

O nome Presbytero, quanto à derivação Grega, inculca peſſoa de mayor idade, e aſſim ſe toma às vezes nas Sagradas Eſcrituras: porêm outras vezes reſpeita ſó a madureza da prudencia: *Presbyter autem* (diſſe o Papa Innocencio III.) *non ab ætate dicitur, ſed a prudentia.* Por ambas as razões ficou proprio dos Sacerdotes; porque não ſubião a eſte grào, ſenão provectos em annos, e virtu-

Thomas Illyricus Tract. de Poteſtate Panæ §. Non igitur. Remigius Altiſſiodorenſis, De celebratione Miſſæ.

Theoph. Rayn. ubi ſupra. Dominicus Macer. V. Pap. Baron. in Notis ad Martyrol. 10. Januarii.

Sylveſter V. Papa. Hieronymus vide hymnum de Cathedra S. Petri. Nicolaus Eymericus Tract. de poteſtate Papæ q. 2. & 3. Baron. Ann. 165. n. 10. & Annot. ad Martyrol. 10. Jan.

Abraham Eccheleníis Maronita in Chronologia Eccleſiaſtica.

C. Porrò. Diſt. 84. Eccl. 4. 7. C. Quiſquis. Diſt. 84. Innoc. de Myſter. Miſſæ c. 3.

virtudes. E denota tal authoridade, que às vezes nas Escrituras se attribue tambem aos Bispos. Participou do mesmo titulo tambem o sexo feminino, e se chamavaõ Presbyteras as viuvas, e matronas honestas, e as que se separavaõ de seus maridos, se elles se ordenavaõ Sacerdotes, e particularmente as que se applicavaõ ao serviço da Igreja nos ministerios, que lhes podiaõ competir. O Concilio Laodicense lhes chamava *Univiras*, por amor que naõ tinhaõ cazado mais que huma vez: & *Matricurias*, em razaõ do cuidado, e vigilancia no tal officio.

Tit. 1.5. juxta expos. Hieronym. & Ambros. 1. Petr. 5. 1. juxta versione Oecumenij.

Baron. Anno 34. n. 289. Concil. Laod. c. 11. & refertur c. Mulieres Dist. 32.

O nome *Nonno* tambem significa Pay, ou Padre: e servia para denotar a reverencia filial em quem o dà; como interpretou o grande Patriarca S. Bento na sua Regra, que manda aos Monges moços, naõ chamem aos velhos sô pelos seus nomes simplezmente, porque seria mostrar familiaridade nimia, e falta de respeito: senaõ com o antenome de *Nonno*; como agora nas Communidades dizemos: O Padre fulano. Do mesmo modo as Religiosas anciãas, se chamavaõ *Nonnas*: como nòs agora chamamos Madres. Hoje em Italia Nonno he o mesmo que Avo. Por isso aquelle minino, a quem sarou milagrosamente apparecendo-lhe meu P. S. Filippe Neri: perguntado depois quem o saràra, dizia tartamudeando: O Nonno. Porque seu Pay, que era filho espiritual do Santo, costumava dizer-lhe, quando lhe mostrava o seu retrato, que aquelle era o Avo.

S. Bent. Reg. c. 63.

§. III.

TEmos do sobredito que aquelles titulos que significaõ reverencia, e respeito à pessoa a quem se attribuem (precizo outro algum officio, ou grão) commummente andaõ annexos à mayor idade. E nisto se fundava o reparo daquelles Monges àcerca do mancebo Agado. Porèm supria nelle a virtude os annos, como em outros os supre às vezes a malicia. E da virtude era bom final o silencio, segundo aquillo do Apostolo Sant-Iago: *Siquis in verbo non offendit, hic perfectus est vir.* Se alguẽ naõ cahe em peccado de lingua, esse he varaõ perfeito. Como

Jacob. 3. 2.

pelo

pelo contrario, a loquacidade moſtra poucos cabedaes de eſpirito: pois eſtes ſe ajuntaõ tratando muito com Deos, e pouco com as creaturas. Eſcreve ſe que os Ge-
Solorzano l. 1. de Jure Indiarum c. 10. num. 50.
tulos (certa Naçaõ de Indios Occidentaes) por amor do mão cheiro das entranhas, coſtumaõ trazer ſal na boca. Naõ cheira bem o interior daquella peſſoa, que na lingua naõ tem o ſal da prudencia, fallando ſò o que convem, e no tempo, e lugar que convem.

Aquelle animal pequeno no tamanho, mas grande na ferocidade, que os Latinos chamaõ *Hiſtrix*, e nòs Porco eſpinho entezando a pelle ſacode contra os caçadores os eſpinhos duriſſimos, e agudiſſimos, de que a natureza o armou todo. Por iſſo diſſe delle diſcretamente Claudiano: Que trazia em ſi meſmo a aljava, o arco, e mais as ſettas.

Ecce brevis proprijs munitur beſtia telis.
Externam nec quærit opem, fert omnia ſecum:
Se pharetrâ, ſeſe jaculo, ſeſe utitur arcu.

Porèm a lingua humana (ſe a naõ prendemos com grande eſtudo, e cautela) he peyor ainda que eſta fèra Porque naõ ſò traz conſigo aljava, arco, e ſettas: ſenaõ tambem herva, com que as envenena. Ao *Hiſtrix*, ſacodidos huns eſpinhos naõ naſcem logo outros: porèm a lingua, quanto mais palavras ſólta, mais lhe naſcem; naõ tem limite a ſua aljava. E finalmente (que he o que faz ao noſſo propoſito) o *Hiſtrix* atira ſò para fòra contra ſeus perſeguidores: porêm a lingua atira tambem para dentro; antes a primeira ferida que faz he na propria alma:
Prov. 19. In multiloquio non deerit peccatum.
porque onde ha muito fallar, naõ pòde deixar de haver peccado: e que outra couza he peccado, ſenaõ ferida
Sap. 1. 11. Os autẽ quod mentitur occidit animam.
da alma; e ferida mortal, ſe mortal for o peccado? Corretora do peccado chamou S. Baſilio à lingua: *Lena: & conciliatrix, quæ cooperatur peccato.* Logo a peſſoa que fal-
D. Baſil. in Pſ. 33.
la pouco, pouco commercio, ou corretagem tem com o peccado, e moſtra ter o ſeu interior mais ſaõ: e a que niſſo naõ tem recato, moſtra que eſtà cheya de feridas. Hum dia lhe cahe a mentira, outro a murmuraçaõ; agora a revelaçaõ dos ſegredos, agora a jactancia, ou o mexerico:

e tudo isto saõ espinhos ervados que o Histrix da propria lingua está disparando contra a alma da mesma pessoa que falla.

A

Particularmente he necessaria esta guarda da lingua aos que trataõ da oraçaõ, e devoçaõ, e aos moços que se achaõ em prezença de pessoas mais velhas. Do primeiro diz o Apostolo Sant-Iago na sua Canonica: *Se alguem se tem por Religioso* (isto he devoto, e amigo de Deos) *naõ refreando a sua lingua: o seu coraçaõ o engana, e a sua Religiaõ he vãa.* Do segundo diz o Ecclesiastico: *Adolescens loquere in tua causa vix: Si bis interrogatus fueris, habeat caput responsum tuum.* Onde poem quatro circunstancias com que ha de fallar para fallar bem: 1. No que lhe toca: *In tua causa.* 2. Pouco, e poucas vezes: *Vix.* 3. De vagar, e com consideraçaõ: *Si bis interrogatus fueris:* 4. Summaria, e resumidamente: *Habeat caput responsum tuum.* Observando isto, logo os velhos o teraõ tambem por velho, como Pastor disse daquelle seu discipulo.

B

Jacob. 1. 26. Siquis autem putat se religiosum esse, non refrænans linguã suam, sed seducens cor suũ huius vana est religio.

Eccl. 32. 10.

XLVII.

Do Papa Hadriano V.

ERa já muy velho, e achacado, quando foy assumpto ao throno Apostolico, e o naõ logrou mais que trinta e nove dias. Quando seus parentes vieraõ darlhe os parabens, respondeo:

C *Oxalà viesseis antes a mim Cardeal saõ, do que Papa moribundo.*

OBSER-

OBSERVAÇOENS.

§. I.

TRes verdades obſervo aqui demonſtradas. Primeira: Que a velhice he huma quaſi morte; aſſim como o crepuſculo veſpertino he huma quaſi noite. Como os montes daquella idade ſaõ mui altos, e o Sol da vida declina para o Occaſo: que muito que as ſombras da morte ſejaõ mayores.

Maioreſque cadunt altis de montibus umbræ.

Da vida toda, as fezes ſaõ as cançadas reſpirações de hum velho achacoſo, e quem chegou às fezes, certo que toca no fundo. O meſmo nome *Senex* o eſtà aviſando; porque val o meſmo que *Seminex* meya morte. *Quid eſt aliud* (diſſe hum Douto) *videre ſenem trementem, incurvum, infirmum, quàm cernere morientem vivum, aut viventem mortuum?* Que outra couſa he ver hum velho enfermo, encurvado, e tremulo, ſenaõ ver hum compoſto de vida, e morte? Por iſſo hum Poeta vendo a hum deſtes forcejando por andar com o ſeu bordaõ, diſſe:

Yuo Capucinus to. 4. Digeſti. ex Ciceronc.

Quid ferulâ moliris iter? Quid te magis urges?
Ad mortem gemino non ſatis ire pede?

Porque apertas mais contigo,
E eſſe pào na maõ te arraſta?
Ir em dous pès naõ te baſta,
Em buſca do teu jazigo?

E o outro perguntado, porque andariaõ os velhos com a cabeça baixa, olhando para o chaõ, reſpondeo graciosamente: *Buſcaõ onde enterrar-ſe.* Deſte olhar para o chaõ, e para as pedras da rua, ſe derivou por ventura aquelle nome, que Terencio deu a hum decrepito, chamando-lhe

Joan. Thuil. in commentariis ad Alciati Emblem. 117.
Terent. in Adelph.

lhe *Silicernio*, porque: *Silices cernit.* Os Latinos chamaõ tambem aos desta ultima idade *Capulares*, A pedir de tum- Calepin. v. Silicernium.

A ba: *de capulus* o esquife, ou tumba. Outras vezes velhos *Acherontios*; porque jà tem metido hum pè na barca de Charonte para passar à outra banda, que he a eternidade. E tal vez naõ faltou, quem os obrigasse a meter o outro pê tambem dentro; naõ aguardando a que estes meyo mortos o fossem de todo, para enterrallos.

He cazo bem singular, e lastimozo o que vou a referir. Antiguamente houve entre gentes barbaras este impiissimo costume, que os filhos enterravaõ vivos seus pays, quando estes por velhos, e enfermos naõ podiaõ ganhar de comer. E refere hum grave Historiador, que fazendo jornada a mulher do Conde Mansveldio pela Provincia Luneburgense, ouvio huma lastimosa voz, que B de entre a espessura de humas arvores, gemia, e pedia misericordia. E dezejando saber a cauza, mandou chegar para aquella parte a carroça: e vio a hum velhinho atado de pés, e mãos, pedindo a outro homem que lhe perdoasse a vida, e este, sem fazer disso cazo, lhe estava a toda a pressa abrindo huma cova. Que fazes homem? (lhe preguntou a Condeça.) E elle muito leve no cazo, e como quem entendia que naõ fazia mal, lhe respondeo, que queria enterrar a seu pay, porque era já de todo inutil. E reprehendido de taõ deshumana impiedade, accrescentou: Que naõ podia ganhar paõ para seus filhos, que eraõ muitos, e mais para seu pay. Entaõ a Condeça lhe deu algum dinheiro, para sustentar-se o velho. Aceitou o; mas com resalva; que o teria vivo, em quanto o dinheiro naõ espirasse. Note-se, que descuidado estava entaõ C este homem, de que seus filhos ao diante o mediriaõ tambem pela mesma razoira. E repare-se tambem na escacéz daquella Condeça, que ouvindo tal resposta, naõ levou aquelle miseravel do poder de filho taõ impio para sua caza. Porèm as nossas obras, ainda quando saõ de luz, esta luz muitas vezes naõ he mais que de Lua minguante, porque ellas saõ imperfeitas, e falidas.

Albert. Krantzius in sua Vvandalia; quem citat Spondanus in cõtinuatione, Anno 1308.

E tornando ao nosso ponto da affinidade, que a velh'ce tem com a morte: Hugo de S. Victor disse, que

tres

tres correyos, ou menſageiros tinha a morte: a ſaber, a Deſgraça, a Doença, e a Velhice. A Deſgraça annuncia A
que a morte eſtà eſcondida: a Doença diz, que jà apparece, e a Velhice diz que jà chega. *Tres ſunt nuntii mortis: Caſus, Infirmitas, Senectus: Caſus nuntiat mortem latentem, Infirmitas apparentem; Senectus præſentem.* E todos eſtes tres correyos tinha já recebido o Papa Hadriano. O da Velhice, porque era de muitos annos, o da Doença, porque tinha muitos achaques, e o da Deſgraça, porque com muitos annos, e muitos achaques, o fizeraõ Papa.

§. II.

SObre eſte ponto hea ſegunda verdade: Que quanto mais alto he o cume das honras, e dignidades, tanto mais arriſcado, e breve he ſeu logro: *Omnis potentatûs vita brevis*: affirma o Eccleſiaſtico. Diſcreto ſimil o de Cardano: *Quantò magis creſcimus, eò magis evaneſcimus, velut qua in lebete fervet aqua: quid eſt ad ſummum humanæ felicitatis perveniſſe, quam bullam factam eſſe?* Particularmente nos Summos Pontifices Romanos ſe comtempla iſto com evidencia. De 244. que atè o preſente tempo ſuccedéraõ a S. Pedro, (eſtamos em Clemente XI.) nenhum chegou aos annos da adminiſtraçaõ da Igreja, que elle a teve, que foraõ 25. perfeitos. Os mais que ſe aproximaraõ a eſte termo, foraõ Hadriano I. que governou 23. annos, dez mezes, e dezaſete dias, e S. Leaõ I. que governou 21. annos menos 32. dias, e S. Sylveſtre, que pelo computo de Baronio, governou 21. annos, C
onze mezes menos hum dia, e Urbano VIII. que governou 21. annos menos oyto dias. Aos mais ainda faltou muito, para entrarem em comparaçaõ. E muitos duràraõ taõ pouco, que de 70. Pontifices os annos juntos, naõ enchem a ſomma de 80. Porque ſe achaõ 14. delles, que ſò duràraõ a dous annos, e alguns mezes, e 18. que duràraõ cada hum ſeu anno, e poucos mezes, e 30. que nem ainda a anno chegàraõ, e 9. que nem ainda a hum mez; ſendo o ſeu gyro ſemelhante ao do anno Lunar: porque Pio III. teve a cadeira ſò 27. dias, e Leaõ

XI.

Eccli. 10. 11.
Cardan. Paralipomenon. lib. 2. c. 3.
Vide Honoratum Niquetium lib. 1. Phiſiognom. c. 10. n. 35.
Baron. anno Chriſti 336.

XI. só 25. e Damaso II. sò 20, e Marcello II. sò 22, e Theodoro II, e ambos os Sisinios só 20, e Celestino IV. A só 17, e Urbano VII. sò 13, e finalmente Estevaõ II. sò 3. Resta que haja ainda algum Pontifice ephemero, ou tambem horario. Tanta he a fragilidade das couzas do mundo, assim grande, como pequeno.

Sò pòde occorrer aqui a objecçaõ de que o Papa Benedicto XIII. teve este titulo 30. annos, porque entrou no de 1394. e falleceo no de 1424. Porèm he facil a resposta: porque naõ foy Pontifice legitimo, mas intruso: antes o mesmo haver excedido os annos de S. Pedro teve S. Antonino por final (naõ por prova convenciente) de naõ pertencer à serie dos verdadeiros Pontifices. Mas dado, e naõ concedido, que pertencesse, ainda assim naõ chegou à baliza de S. Pedro. Porque o Concilio B Constanciense, querendo pôr remedio naquelle perniciosissimo scisma, admittio a voluntaria renuncia de Gregorio XII. e Joaõ XXIII, e depoz a Benedicto, creando Papa a Martinho V. no anno de 1417: desde o qual, o Pontificado de Benedicto (fosse qual fosse) se desvaneceo, e ficou muy desviado de encher o dito termo de 25.

Dezejarà pois saber o curioso, qual será a razaõ desta como fatalidade. Tres se pòdem apontar, que senaõ valerem divididas, poderàõ valer conjunctas. A primeira he, especial disposiçaõ Divina, para abater a soberba humana, cujos ares pòdem correr mais pestilentes naquelle pinnaculo do Templo; e para exemplo, e temor dos fieis, que amaõ muito a felicidade, e gloria mun- C dana. Esta razaõ agradou a S. Pedro Damiaõ, escrevendo sobre esta mesma questaõ ao Papa Alexandre II. A segunda he a idade mayor, em que jà se achaõ os Pontifices, quando saõ eleitos. Esta razaõ he congruente, sem embargo de que alguns na sua entrada, ainda eraõ quasi moços, como foy Leaõ X. eleito de 37. annos, e de outro diz Baronio, que entrou *pene puer*, por escusar os tumultos, e violencias dos Condes Tusculanos. A terceira he o immenso pezo de molestias, cuidados, e afflicçoens de espirito, que aquella suprema dignidace traz

Petr. Dam. Ep. 24.

conſigo, baſtantes para encurvar os hombros de gigantes. *Romano Pontifice* (diſſe o famozo Saresberienſe) *nemo miſerabilior eſt; conditione ejus nulla miſerior. Et licet nihil aliud lædat, neceſſe eſt ut citiſſimè, vel ſolo labore deficiat.*

Polierat. lib. 8. c. 23.

Por tanto bem comparou hum erudito Author a cadeira Pontificia à de S. Aurea Virgem, e Abbadeſſa conſtituida por S. Eloy, ou Eligio. Tinha eſta do lado direito cincoenta pregos agudiſſimos, com as pontas armadas como puas para dentro: e do eſquerdo outros cincoenta: e no eſpaldar outros tantos. E aqui ſe aſſentou cada dia pelo deſcurſo de ſette annos, a rezar o Pſalterio: nos primeiros 50. Pſalmos ſe encoſtava para huma banda ſobre os prègos: nos ſegundos 50. para a outra: e nos ultimos ſe recoſtava para traz. Terrivel cadeyra eſta! Porêm muitas ventagens lhe leva no penoſo a do Summo Pontifice: porque os eſtimulos, e pontas, de que eſtà cercada, ſaõ muito mais, e mais continuas, e tocaõ naõ no corpo, mas na alma. Logo tinha o Papa Hadriano por correyos da morte impendente, naõ ſô os annos, e os achaques, ſe naõ tambem o infortunio de ſer poſto neſta cadeira, mais que aurea no reſplandor da dignidade; porêm peyor que a de S. Aurea na privaçaõ do deſcanço.

A B

§. III.

Job c. 6. v. 13.

A Terceira, e ultima verdade he: Que tanto que alguma peſſoa ſobe a mayor fortuna, logo ſaõ certos em ſua caza os parentes: como pelo contrario, ſe cahio della, todos deſapparecem. O Santo Job em hum lugar diz, que ſeus parentes o deſamparàraõ: *Neceſſarij quoque mei receſſerunt à me:* e ainda os do primeiro grão, como ſaõ os irmãos, diz que paſſàraõ por elle à preſſa: *Fratres mei prætierierunt me ſicut torrens, qui raptim tranſit in convallibus:* e o que mais he, ſua propria mulher deſviava delle o roſtro com tedio, e horror: *Halitum meum exhorruit uxor mea.* Mas o Sagrado Texto em outro lugar diz, que o vieraõ buſcar todos os ſeus parentes de ambos os ſexos; e até os que naõ tinhaõ com elle raſaõ de ſangue,

Ibid.

Ibid. c. 19. v. 17.

C

ſenaõ

senaõ só de conhecimento: *Venerunt autem ad eum omnes*
A *fratres sui, & universæ sorores suæ, & cuncti qui noverant* Ibid. c. 42. v. 11.
eum prius. Pois, que houve de novo para tal mudança; que de antes nem os irmãos o buscavaõ, e depois nem os conhecidos faltàraõ? A mudança naõ esteve principalmente da parte delles, senaõ da parte do mesmo Job: Job com os bens perdidos, ou Job com os bens restituidos em dobro: *Addidit Dominus omnia, quæcũque fuerant Job, du-* Ibid. v. 10.
plicia. Que muito logo, que naquelle estado todos o busquem, e neste todos o desamparem? Em quanto Job he rico de penas, e miserias, suppoem os parentes que consigo as póde gastar todas: mas em quanto rico de bens temporaes, entaõ lhes parece, que he necessario repartir com elles. E se naõ, advirtamos nós o que accrescenta o mesmo Texto. Diz que vieraõ a Job todos seus parentes, Ibid. v. 11.
e conhecidos: *Et comederunt cum eo panem in domo ejus.* E
B comeraõ com elle em sua caza. Eys-ahi ao que vem; a comer com elle. A padecer com elle; isso naõ: padeça elle só: mas a comer; todos de companhia: *Comederunt cum eo* Job no esterquilino com hum pedaço de telha na maõ, naõ esteja acompanhado: mas Job em sua caza com hum pedaço de paõ naõ esteja solitario.

Em Direito a Cognaçaõ, e Affinidade em certos gráos, he impedimento dirimente do matrimonio: e no estilo do mundo a pobreza he impedimento dirimente da Cognaçaõ, e Affinidade. Aquelle impedimento tem certos graos, de que naõ passa: mas estoutro, quantos mais grãos tem, mais dirime; porque quanto hum he mais pobre, tanto tem menos parentes. Fazey vós com a fortuna, que dispense neste impedimento da pobreza; e
C vereis quantos parentes se casaõ, ou encasaõ, bem comvosco: *Comederunt cum eo panem in domo ejus.*

Os Romanos chamavaõ sombras àquellas pessoas, que sem serem convidadas para o banquete, entravaõ pegando-se, e seguindo a outros seus amigos. E a Filippe pay de Alexandre Magno se pegàraõ huma vez tantas destas sombras, que o hospede ficou assombrado, porque naõ tinha feito prevençaõ para tantos. Mas Filippe o livrou de padecer vergonha, mandando por hum pagẽ, Mendoça Saturnalium Decade I. c. 5. ex Agellio lib. 13. c. 11. & Macrobio 1. Saturnal. c. 7.

dizer ao ouvido de cada hum, que guardaſſem fome para os ultimos pratos, por ſerem mais regalados. Com que todos, por comerem mais, comeraõ menos, e baſtou o pouco, onde o muito naõ baſtaria: ficando as ſombras às eſcuras, quando viraõ o engano às claras. As felicidades temporaes ſaõ hum banquete de varios pratos, que o mundo offerece. A poucos convida, e por pouco tempo: eſtes entaõ ſaõ os grandes, e mimoſos da fortuna, e ſeus parentes, amigos, e conhecidos ſaõ as ſombras, que os ſeguem para lamber os ſobejos dos pratos, e apanhar as migalhinhas, que caem da meſa. Naõ poucas vezes na Curia Romana, por eſperarem mayor bocado, ficaõ em jejum. E tanto que o convite ſe acabou (porque nas couzas do mundo naõ póde haver conſtancia) logo tambem as ſombras deſapparecem. Taes conſidero aos parentes do Pontifice Adriano, durando-lhe eſte hum ſó mez, e poucos dias.

XLVIII.

Do Irmaõ Affonſo Rodrigues da Companhia de JESUS.

PErguntou a eſte ſervo de Deos huma peſſoa grave; Donde era natural. Reſpondeo: *Do Ceo.* Perguntou mais que idade tinha? (Jà neſte tempo era de trinta annos, ou pouco menos.) Reſpondeo: *Nenhum anno tenho; porque ainda naõ comecey a ſervir a Deos.*

ANNOTAÇAM.

A QUalquer homem tem tres patrias: hũa da Origem, outra da Natureza, e outra do Direito. A patria da Origem he aquella onde noſſos maiores foraõ, e viveraõ: a da Natureza, he a terra, ou lugar onde cada hum naſce, a do Direito, he onde hum he naturalizado pelas leys, ou Principes, e onde ſerve, e merece, e coſtuma habitar: neſte ſentido diſſe Tullio de Cataõ, que tivera a Tuſculo por patria da Natureza; mas a Roma por patria de Direito. Cic. 2. de legibus.

B Quanto à patria da Origem, todos os homens ſomos do Ceo; porque alli eſtà, vive, e reina noſſo Pay celeſtial, que vay creando as almas, e unindoas a noſſos corpos. Atê alguns Poetas Gentios (como diz o Apoſtolo) conheceraõ ao homem por oriundo do Ceo: *Sicut, & quidam veſtrorum Poetarum dixerunt: Ipſius enim, & genus ſumus.* E Seneca chamou aos ſeus aſſento proprio das almas, e conſiderou nellas por eſta parte razaõ de parentesco com as eſtrellas: *Animus divina origine hauſtus, cui nec ſenectus ulla, nec mors, ponderoſi corporis vinculis exolutus, ad ſedes ſuas, & cognata ſidera recurret.* Nem eſte reſpeito fica ſõ nas almas; ſenaõ que ſe eſtende tambem aos corpos: pois o meſmo Deos que creou aquellas, fabricou eſtes: *Neque enim ego* (dizia aquella generoza Mãy dos Macabeos fallando com elles) *ſpiritum, & animam donavi vobis, & vitam, & ſingulorum mẽbra non ego ipſa compegi: ſed... mundi Creator, qui formavit hominis nativitatem, quique omnium invenit originem.* Por iſſo na genealogia de Chriſto, vay S. Lucas ſubindo atè chegar a Adaõ: e a eſte naõ achando outro aſcendente na terra, diſſe: *Qui fuit Dei*, q̃ procedeo de Deos. Claro he, que naõ falla das Almas (pois eſtas naõ ſe propagaõ) mas dos corpos E aſſim o homem, quanto á alma, e corpo he oriundo do Ceo.

Act. 17. 28. Seneca Suaſoria 6. 2. Machab. 7. 22. Luc. 3. v. ultim.

Quanto à ſegunda patria, fallando geralmente todos os homens ſomos da terra; por iſſo della fallamos taõ frequentemente: *Qui eſt de terra, de terra eſt, & de terra loquitur.* Joan. 3. 31.

quitur. Neſte ſentido todos os filhos de Adam ſomos compatriotas, ſem differença do Rey ao ruſtico, como diſſe hum que era grande Rey: *Et ego natus... in ſimiliter factam decidi terram.* Neſte ſentido tambem, os que dezejavaõ negar as imperfeiçoens do amor a tal, ou a tal terra em particular, ou por arrogancia, e faſto filoſofico, ou por mortificaçaõ religioſa, e ſanta, diſſeraõ que todo o mundo era patria ſua. Do primeiro temos exemplo em Socrates, que perguntado donde era, reſpondeo: *Do mundo; porque de todo o mundo ſou cidadaõ, e habitador.* E em Seneca que diſſe: *Magno animo nos non unius urbis mœnibus clauſimus, ſed in totius orbis commercium emiſimus, patriamque nobis mundum profeſſi ſumus, ut liceret latiorem virtuti campum dare:* Naõ encerramos a grandeza do animo nos muros de huma cidade; antes o deixamos livre para o cõmercio de todo o mundo; porque eſta he a patria que profeſſamos, para darmos campo mais largo à virtude. Do ſegundo temos exemplo em S. Baſilio, que ameaçado com deſterro pelo Prefeito do Emperador Valente, reſpondeo, como eſcreve Nazianzeno: *Exilium ſe non cognoſcere, qui nullo circunſcriptus eſſet.* Que não conhecia deſterro quem não eſtava addicto a certos lugares. Semelhante reſpoſta foy a do V. P. Fr. Antonio das Chagas, que avizado por certa peſſoa, naõ fallaſſe taõ acremente nos ſermões de Corte, porque ſe arriſcava a ſer deſterrado, diſſe muy ſeguramente: *Deſterrarme? para onde? Quem naõ tem aqui patria, não póde ter daqui deſterro.*

Sap. 1. 3. A

Lib. de Tranquillitate c. 3. B

Mas álem deſta patria do lugar commum, ha outra do particular, que he a terra onde cada hum naſceo. Quanto eſta he mais pequena, tanto une mais os ſeus filhos; de ſôrte que parece o meſmo ſer compatriotas, que ſer parentes; eſpecialmente quando ſe achaõ fora della. E parece-ſe eſte amor com a virtude da herva Tapſia, da qual eſcreve Theophraſto, que metida na panella com a carne a cozer, de tal modo conglutina os pedaços della, que para os tirar he neceſſario quebralla. Quando porèm a patria he terra mais populoſa, rica, e illuſtre, tanto coſtuma ſer materia de vaidade aos que poem a ſua gloria fòra de ſi. Aſſim ſe eſvaneciaõ os Arrianos da

C

ſua

ſua Conſtantinopla, lançando em roſtro a S. Gregorio Nazianzeno a ſua terrinha, que nem muros a cingiaõ.

A Porém o Santo Doutor lhes reſpondeo: que ſe iſſo era culpa nelle, tambem o ſeria no golfinho naõ haver naſcido na terra, e no boy naõ haver naſcido no mar: e pelo contrario, ſe nelles era gloria, tambem o ſeria para os jumentos da cidade aſſoberbarem os do campo: *Quis unquam, obſecro,* (conclue o Santo) *urbanus aſinus maioris fieri voluit, quam rure degens quiſpiam? Nimirum aſinus eſt aſinus, etiamſi in urbe habitet.* Orat. 25 a n. 22. Orat. de Epiſc. t. 2.

Quanto mais, que terras pequenas, e deſpreſiveis tambem produziraõ Varoens inſignes, e famozos aſſim entre os gentios, como entre os Chriſtãos: como Tuſculo a Cataõ, Stagiras, ou Stantiras a Ariſtoteles, Coos a Hippocrates, Arpina a Cicero, Ande a Virgilio, Apone a Tito Livio, Rama Rabatha ao Profeta Samuel, Fon-

B tana a S. Bernardo, Tabata ao grande Hilariaõ, Portello a S. Raymundo Nonnato, Paula a S. Franciſco Patriarca dos Minimos, Fonplana a S. Thomàs Arcebiſpo de Valença, e S. Pedro Thomàs da Ordem Carmelitana, Inquiſitor Geral, e Legado à latere, e Martyr de Chriſto, naſceo em hum lugar taõ humilde, que nem o nome ſe lhe ſabe. Mas para que eſcuſemos allegar outros muitos, baſte o Santo dos Santos Chriſto JESUS, cujas duas patrias, huma em que foy conhecido, e outra em que naſcido, ambas conſta ſerem terras humildes. De Bethlehem diſſe a Profecia de Micheas (ſegundo a cita S. Mattheos): *Tu Bethlehem terra de Judâ por certo, naõ es a minima entre os Principes de Judá, pois de ti ſaira o Capitaõ, que governe o meu povo de Iſrael.* Mich. 5. 2. Matth. 26.

C De Nazareth perguntou, e duvidou Nathanael ſe podia vir alguma couza boa: *A Nazareth poteſt aliquid boni eſſe?* E ainda que S. Agoſtinho entenda, que a eſta ſentença ſe deve tirar a interrogaçaõ, de ſôrte que faça eſte ſentido: De Nazareth bem póde vir algũa couza boa: ſempre fica provando o intento, de q̃ era terra humilde; como he claro a quem o ponderar. Com eſte exẽplo pois de Chriſto Salvador noſſo, fica cortada toda a occaſiaõ de vaidade, procedida de haver hũ naſcido em patria famoſa por armas, letras, ri-

Joan. 1. 46. Auguſt. in Pſ. 65. & Tract. 17. in Joan. in illud Pſalt. is: Date gloriam laudi ejus.

quezas, ou multidaõ de povo

Quanto à terceira patria, he eſta o lugar onde eſtamos naturalizados, por mercè da Republica, ou reſcripto dos Princepes, ou habitaçaõ continua; do modo que S. Antonio ſe chama de Padua, naõ ſendo ſenão de Lisboa, e S. Nicolao de Tolentino, ſendo de Sant-Angel. Tomando porêm iſto eſpiritualmente; onde cada hum habita com o eſpirito, e dezejo, da hi he natural. Por iſſo Chriſto diſſe a ſeus adverſarios, que elles eraõ cá de baixo? *Vos deorſum eſtis... vos de mundo hoc eſtis.* E pelo contrario a ſeus diſcipulos, que elles naõ eraõ deſte mundo: *De mundo non eſtis.* E S. Paulo em huma parte compara o Ceo para os fieis, com a terra de promiſſaõ para os Iſraelitas: *Nunc autem meliorem (ſc. patriam) appetunt, ideſt cæleſtem.* Em outro diſſe, que o ſeu trato, e communicaçaõ he no Ceo: *Converſatio noſtra* (Tertulliano: *Municipatus noſter*) *in cælis eſt.* Por onde diſſe excellentemente Hugo Victorino: que era muy delicado aquelle para quem a patria era doce; e Varaõ forte aquelle para quem o mundo todo era patria; porém varaõ perfeito aquelle, para quem todo o mundo era deſterro: e que o primeiro tinha o amor da terra determinado, o ſegundo o tinha eſpalhado, mas o terceiro o tinha apagado: *Delicatus ille adhuc, cui patria dulcis eſt; fortis autem, cui omne ſolum patria eſt; perfectus verò, cui totus mundus exilium eſt. Ille mundo amorem fixit, iſte ſparſit, hic extinxit.*

Joan. 8. 23.

Joan. 15. 19.

Hebr. 1. 16.

Hug. Vict. lib. 3. Didasc. c. 10.

Ponhamos alguns exemplos deſtas almas perfeitas que levaõ a vida em paciencia, e a morte no dezejo; porque tem o mundo por deſterro, e o Ceo por patria. A Serafica Madre S. Thereza de JESUS cantava.

Ay, que larga es eſta vida!
Que duros eſtos deſtierros!
Eſta carcel, y eſtos hierros,
En que el alma eſtà metida!
Solo eſperar la ſalida
Me cauza un dolor tan fiero,
Que muero, porque no muero.

Sua

Sua discipula Catharina de JESUS, grande serva de Deos, tambem dizem, q̃ compoz, e cantava esta copla.

Ven muerte tan escondida,
Que no te sienta venir:
Porque el gusto de morir
No me buelva a dar la vida.

O P. Ogilbeo Escocez da Companhia de JESUS, que morreo Martyr por defender contra o scisma Anglicano a Authoridade da Igreja Romana, perguntado por hum ministro se temia morrer, respondeo: *Tanto como tu temes os bons pratos, quando te assentas a cear com fome.* A razaõ porque os imperfeitos não sentem esta fome, e dezejo, he porque achaõ ainda que pastar nos deleites da terra. Por isso dizia meu P. S. Filippe Neri. *Se huma alma puder abster se totalmente de peccados ainda veniaes, e gostos do mundo, a sua mayor pena será entretella Deos nesta miseravel vida.*

De tudo o sobredito se mostra, que aquella pergunta que se fez ao V. Irmaõ Affonso Rodrigues, naõ foy muy espiritual; e muy espiritual foy a sua resposta, dizendo que era do Ceo; pois do Ceo procedera como creatura racional, para o Ceo caminhava como peregrino, e a elle suspirava como varaõ perfeito. E quanto à outra parte da sua resposta, em que disse, que nenhum anno tinha, pois ainda naõ começára a servir a Deos: já acima illustrámos este ponto, em semelhante resposta do Santo Anacoreta Barlaão. Baste accrescentar agora aquella divina sentença do Ecclesiastico: *Quid superveniet tibi in beneplacito Altissimi? Sive decem, sive centum, sive mille anni: non enim est in inferno accusatio vitæ:* Que augmentos, ou avanços te rendem a ti na graça de Deos, o viveres dez, ou cem, ou mil annos? La na outra vida naõ se faz computo dos espaços desta, mas dos merecimentos. Naõ se observa alli quantas vezes viste o Sol visitar os doze Signos; senaõ quantas fizeste à caridade encher os dez mandamentos. Naõ importa vivermos mais, ou menos; senaõ mal, ou bem; bem, ou melhor. Naõ

Eccli. 41. v. 6. & 7.

se arma

se arma nos livros de Deos á nossa conta pelas cifras dos 10, ou 100, ou 1000 annos, que vivessemos; senaõ pelo valor das boas obras que vivendo exercitamos. E se a brevidade dos annos for precisamente a cauza da pouquidade das obras: essa conta he de Deos para com o homem, e naõ do homem para com Deos. Porque em sua mão deixou Deos ficar os termos da nossa vida: *Numerus mensium ejus apud te est: constituisti terminos ejus, qui præteriri non poterunt:* e na nossa os procedimentos da nossa liberdade: *Apposuit tibi ignem, & aquam: ad quod voluerit porrige manum tuam.*

Job 14. 15.

Eccli. 15. 17.

XLIX.

De Considio Senador Romano.

O Emperador Julio Cezar nos principios de seu governo portou-se com moderaçaõ, e suavidade, attendendo á disposiçaõ das leys: depois naõ punha grande reparo em as quebrar, usando de absoluta authoridade, ou violencia. Hum Senador muy anciaõ por nome Considio, lhe disse livremente: *Senhor, sabey, que se o Senado vos naõ vay á maõ, he porque com o temor de vossas armas naõ nos ajuntamos a determinar o que convem.* Respondeo o Cezar: Pois como te naõ obriga o mesmo temor a estar em tua caza, e calar a bocca? *Com a muita idade* (disse Considio) *gastouseme o medo; porque a vida que posso perder, he já pouca.*

PON-

PONDERAÇAM, E PARERGO.

Anto Ambrosio: *Senectus ipsa in bonis omnibus dulcior est, in consiliis utilior, ad constantiam subeundæ mortis paratior.* Seneca: *Nihil habet quod speret, quem senectus ducit ad mortem.* Quando o jugador tem parado pouco, pouco se lhe dá que o lance proceda infeliz. Homem que naõ teme a morte, de todos he para temido: julga sem paixão, deliberase com presteza, falla, e obra com liberdade, e constancia. Quanto hum tiver menos de esperança, tanto menos terá de medo. Por isso he maxima do Capitaõ prudente, naõ dezesperar os vencidos, pelos naõ tornar vencedores, porque: *Una salus victis nullam sperare salutem.*

Lib. i. Hexameron. c. 8.

Epist. 30.

B

Este Emperador (que foy o primeiro dos Cezares de quem tomou o nome o mez de Julho, por haver nascido nelle, até entaõ chamado *Quintilis*: isto he, o quinto mez do anno, que por instituiçaõ de Romulo começava em Março: depois de haver feito proezas famosissimas, e triumfado das Espanhas, Gallias, Egypto, e Africa, e entrado em Roma, levando diante de si, em lugar de pagens de tocha, quarenta Elefantes com archotes acezos; e adquirido riquezas immensas, e honras quasi divinas: ultimamente morreo morte desastrada, tendo apunhalado dentro da mesma Curia com vinte, e tres feridas, pela conjuraçaõ de Bruto, e Cassio; naõ obstãte ser avisado della na mesma manhãa, por hum papel que na sua maõ foy achado. Porèm puxavaõ por esta morte trezentas mil, que se entende tinha custado a sua guerra civil contra Pompeio.

Macrobius lib. Saturnal. c. 1. 2.

Sueton. in Jul. n. 37. Ascenditq; capitolium ad lumina, quadragint. Elephantis dextra atque sinistra lychnos gestatibus.

C

Suet. in Julio c. 81. & 82. Mexia na Hist. Imperial c. 4. De Julio Cezar. Drexel. in Gimnasio patientiæ.

De

L.

De Demetrio Filoſofo.

VEndo eſte Filoſofo a hum mancebo diligente, e induſtrioſo, e inimigo do ocio, diſſe-lhe approvando o ſeu eſpirito: *Continuay, mancebo, e à noite da voſſa velhice achareis a cea bem feita, e a meſa poſta.*

INVECTIVA.



Oncorda a ſentença de Xenofonte, que dizia: Que o trabalho, e diligencia eraõ o cozinhado da boa velhice: *Labor ſenectutis obſonium.* Pelo contrario a velhice pobre, e deſamparada ordinariamente he conſequencia da mocidade ociosa, e inerte: porque como ha de achar o alqueire cheio, quem ſe aſſentou ſobre elle vazio? Ao homem remiſſo, e deſcuidado virà ſobre elle a pobreza pela poſta, e porque deu ao ſono o que devia dar ao trabalho; depois, achando-ſe em vazio, darà ao deſvelo, o que devia dar ao ſono. Huma, e outra doutrina he de Salomaõ nos Proverbios: *Paululum dormies, paululum dormitabis, paululum conſeres manus, ut dormias, & veniet tibi quaſi viator egeſtas, & pauperies quaſi vir armatus.* Onde pinta a ociosidade hora dormindo, hora toſcanejando, hora cruzando os braços, para tornar a accommodar-ſe a dormir: porque he proprio dos que gaſtaõ a vida froxamente, traçar varias repartições do ocio, como quem faz delle occupaçaõ, para paſſar o tempo. E compara a pobreza que lhes ſobrevem, ao caminhante, e ao homem de armas, pela preſſa com que chega, pela inſolencia com que entra, e ſe apoſenta, e pela oppreſſaõ com que executa, demandando cada dia o que

Prov. 6. v. 10. & 11.

naõ

não ha, com a mesma força, como se o houvera.

A Por tanto quem quer fugir desta opressaõ, quando os annos pedem descanço, naõ fuja daquella diligencia, quando elles sotrem trabalho: pois diz o adagio: Quem foge da mò, foge da farinha: *Qui fugit molam, fugit farinam.* E advirta que o Apostolo disse, que naõ atassemos a bocca ao boy que trilha: naõ ao boy que brinca. Antes em outro lugar disse: Que quem naõ trabalha, naõ coma. Advirta tambem, que até o mesmo Deos, que nem de trabalhar, nem de descançar necessita, toda via para nossa doutrina, primeiro trabalhou no opificio do mundo seis dias, e descançou depois ao septimo. E assim, quem affecta o descanço, sem primeiro arrostar ao trabalho, quer descançar mais, que o mesmo Deos. 1. Cor. 9. v. 9. *Non alligabis os bovi trituranti.*

B A mesma doutrina corre nos exercicios laboriosos das virtudes, para depois lograrmos os frutos delles na oraçaõ, e contemplaçaõ: verificando-se neste cazo aquillo do Deuteronomio: *Nephthali (id est, luctator) abundantia perfruetur:* Pagnino, e Arias: *Satur erit voluntate:* Quem suou na luta, descançara na abundancia: e quanto mais negou à sua vontade, mais a achará satisfeita. Por onde, a razaõ de haver hoje tantos pobres de virtudes, e dons do Espirito Santo, & taõ raras pessoas de oraçaõ infusa, naõ he outra, senaõ haver tantos que fogem do trabalho do exercicio, querendo levar este negocio mansamente, sem fadiga, nem custo, nem empenho, e quasi por hum milagre semelhante ao das codornizes, que choveraõ sobre os Israelitas, sem elles darem hum passo fóra dos arrayaes. Deuteron. 33. 23.

C E he o que disse S. Gregorio Magno: Que queremos ser humildes, porèm sem que alguem nos despreze; ser pobres, porèm sem padecer necessidade; ser castos, porèm sem maceraçaõ da carne; ser sofridos, porêm sem ouvir injuria, ou contumelia: *Esse quidem humiles, sed tamen sine despectu; esse contenti propriis, sed sine necessitate; esse casti, sed sine macerationc corporis; esse patientes, sed sine contumeliis volunt.* D. Greg. l. 7. Mor. cap. 14.

Entremos pois em desengano, e attendamos seriamente à exhortaçaõ do Apostolo, que fallando especificamente deste ponto, diz assim: *Omnis autem disciplina, in praesenti quidem* Ad Hebr. c. 12. v. 11. & 12.

dem videtur non eſſe gaudii, ſed mœroris: poſtea autem fructum pacatiſſimum per eam exercitatis reddet juſtitia. Propter quod remiſſas manus, & ſoluta genua erigite, & egreſſus rectos facite pedibus veſtris. Todo o eſtudo, e applicaçaõ no ſerviço de Deos, quanto ao preſente, naõ parece deleitoſo, ſenaõ triſte: porèm depois aos exercitados nelle renderà frutos de virtudes ſuaviſſimos. Por tanto levantay eſſes braços deſcaidos, confortay eſſes giolhos deſmanchados, e fazey ſaidas direitas a voſſos paſſos. A

Prov. 6. 6. Vade ad formicã ô piger, & conſidera vias ejus, & diſce ſapientiã: quæ... parat in æſtate cibum ſibi, & congregat in meſſe quod comedat.

Jà que eſtamos na materia de acculer a priguiça; eo Eſpirito Santo manda ao tocado deſte vicio, que conſidere nos caminhos da formiga, e tome della exemplo, para imitar a induſtrioſa diligencia, com que ajunta, e encelleira pelo Veraõ, o que ha de gaſtar no Inverno: quero referir aqui hum gracioſo litigio, ou

B

EXTRAORDINARIO PLEITO,

Que correu entre os Religioſos Menores da Provincia da Piedade no Maranhaõ, e as formigas daquelle terreno.

FOy o caſo (confórme narrou hum Sacerdote da meſma Religiaõ, e Provincia,) que naquella Capitania as formigas, que ſaõ muitas, e mui grandes, e daninhas, para eſtenderem o ſeu Reino ſubterraneo, e enſancharem os ſeus celeiros; de tal ſórte mináraõ a diſpença dos Frades, afaſtando a terra debaixo dos fundamentos, que ameaçava proxima ruina. E accreſcentando delicto a delicto, furtavaõ a farinha de pão, que alli eſtava guardada para quotidiano abaſto da Communidade. Como as turmas do inimigo eraõ taõ baſtas, e incançaveis a toda a hora de dia, e de noite. C

Horat. lib. 1. Sat. 1.

(*Parvula nam exemplo eſt magni formica laboris,*
Ore trahit quodcumque poteſt, atque addit acervo
Quem ſtruit ——————————)

Vieraõ

Vieraõ os Religioſos a padecer falta, e buſcar-lhe o remedio, e naõ aproveitando alguns, de que fizeraõ experiencia, porque em fim a concordia na multidaõ a torna inſuperavel: ultimamente por inſtincto ſuperior (ao que ſe pôde crer) ſahio hum Religioſo com eſte arbitrio. Que elles, reveſtindo-ſe daquelle eſpirito de humildade, e ſimplicidade, com que ſeu Serafico Patriarca a todas as creaturas chamava irmãs; irmão Sol, irmaõ Lobo, irmãa Andorinha, &c. Puzeſſem demanda àquellas irmãs formigas, perante o tribunal da Divina Providencia; e ſinalaſſem Procuradores aſſim por parte delles authores, como dellas reos; e o ſeu Prelado foſſe o Juiz, que em nome da Suprema Equidade, ouviſſe o proceſſado, e determinaſſe a preſente cauza.

A

Agradou a traça: e iſto aſſim diſpoſto, deu o Procu-

B

rador dos Padres Piedoſos libello contra as formigas, e conteſtada por parte dellas ademanda, veyo articulando; que elles Authores, conformando-ſe com o ſeu inſtituto mendicante, viviaõ de eſmolas, ajuntando-as com grande trabalho ſeu pelas roças daquelle paiz: e que as formigas, animal de eſpirito totalmente oppoſto ao do Euangelho, e por iſſo aborrecido de ſeu Padre S. Franciſco, naõ faziaõ mais que rouballos: e naõ ſómente procediaõ como ladroens formigueiros; ſenaõ que com manifeſta violencia os pertendiaõ expellir da caza, arruinando-a. E por tanto deſſem razaõ de ſi, ou quando naõ foſſem todas mortas com algum ar peſtilente, ou afogadas com alguma inundaçaõ, ou pelo menos exterminadas para ſempre daquelle deſtricto.

C

A iſto veyo contrariando o Procurador daquelle negro, e miudo povo, e allegou por ſua parte fielmente. Em primeiro lugar: que ellas huma vez recebido o beneficio da vida por ſeu Creador, tinhaõ direito natural a conſervalla por aquelles meyos, que o meſmo Senhor lhes enſinára. Item: que na praxe, e execuçaõ deſtes meyos ſerviaõ ao Creador, dando aos homens os exemplos das virtudes, que lhes mandára: a ſaber de prudencia, acautelando os futuros, e guardando para o tempo da neceſſidade: *Formicæ populus infirmus, qui præparat.* Prov. 30. 25.

rat in messe cibum sibi: de diligencia, ajuntandõ nesta vida merecimentos para a eterna: S. Hieronymo: *Formica dicitur strenuus quisque, & providus operarius, qui in* A
D.Hieron. in illud Prov.6. Vade ad formicam, &c.
præsenti vita velut in æstate, fructus justitiæ, quos in æternum recipiet, sibi recondit: de caridade, ajudando humas às outras, quando a carga he mayor que as forças: *Pacis, & concordiæ* (disse hum Douto) *vivum exemplum formica reliquit, quæ suum comparem, fortè plus justo oneratum, naturali quadam charitate alleviat:* e tambem de Religião, e piedade, dando sepultura aos mortos da sua especie, como escreveo Plinio: *Sepeliuntur inter se viventium sola, præter hominem,* e observou para sua doutrina o Monge Malco: *Hæ luctu celebri corpora defuncta deportabant.*

[Absalon Abbas apud Picinellum in Mundo Symbolico lib.8.c.10.

Plin.lib. 11. c. 3.

S. Hieron. in vita Malchi.

Item: que o trabalho, que ellas punhaõ na sua obra, era muito mayor respectivamente, que o delles Authores em ajuntar as esmolas; porque a carga muitas vezes era mayor que o corpo, e o animo que as forças. Item: que supposto, que elles eraõ irmãos mais nobres, e dignos, toda via diante de Deos tambem eraõ humas formigas; e que a ventagem do seu gráo racional, harto se descontava, e abatia com haverem offendido ao Creador, naõ observando as regras da razaõ, como ellas observavaõ as da natureza; pelo que se faziaõ indignos de que creatura alguma os servisse, e accõmodasse; pois mayor infidelidade era nelles defraudarem a gloria de Deos por tantas vias, do que nellas furtarem sua farinha. Item: que ellas estavaõ de posse daquelle sitio, antes delles Authores fundarem: e portanto naõ deviaõ ser delle esbulhadas, e da força que se lhes fizesse, appellariaõ para a Coroa da regalia do Creador, que tanto fez os pequenos, como os grandes, e a cada especie deputou seu Anjo conservador. E ultimamente concluiraõ, que defendessem elles a sua casa, e farinha, pelos modos humanos que soubessem, porque isso lhes naõ tolhiaõ: porèm que ellas sem embargo haviaõ de continuar as suas diligencias; pois do Senhor, e naõ delles, era a terra, e quanto ella cria: *Domini est terra, & plenitudo ejus.*

B

C

Psalm. 23.v. 1.

Sobre esta contrariedade houve replicas, e contra replicas, de sórte, que o Procurador dos Authores se vio aperta-

apertado: porque huma vez deduzida a contenda ao simplez foro de creaturas; e abstrahindo razões contempla-
A tivas com espirito de humildade, naõ estavaõ as formigas destituhidas de direito. Pelo que o Juiz, vistos os autos, e pondo-se com animo syncèro na equidade, que lhe pareceu mais racionavel, deu sentença que os Frades fossem obrigados a sinalar dentro da sua cerca sitio competente para vivenda das formigas; e que ellas, sobpena de excommunhaõ, mudassem logo habitaçaõ, visto que ambas partes podiaõ ficar accommodadas sem mutuo prejuizo: mayormente, porque elles Religiosos tinhaõ vindo alli por obediencia a semear o Graõ Euangelico, e era digno o operario do seu sustento; e o das formigas podia consignarse em outra parte, por meyo de sua industria a menos custo. Lançada esta sentença, foy outro Religioso de mandado do Juiz, intimalla em nome do Creador àquelle povo em voz sensivel nas bocas dos for-
B migueiros. Caso maravilhoso! e que mostra como se agradou deste requerimento aquelle Supremo Senhor, de quem està escrito, que brinca com as suas creaturas: *Ludens in orbe terrarum.* Immediatamente *It nigrum campis agmen*, sahiraõ a toda a pressa milhares de milhares daquelles animalejos, que formando longas, e grossas fieiras demandàraõ em direitura o sinalado campo, deixando as antiguas moradas, e livres de sua molestissima oppressaõ aquelles Santos Religiosos, que renderaõ a Deos as graças por tão admiravel manifestaçaõ de seu poder, e providencia. Prov. 2. v. 31.

ANTIDOTO.

C POderà algum Aristarco fazer irrisaõ deste caso, e taxar de ignorancia, ou superstiçaõ o meyo, de que usáraõ aquelles Religiosos: pois he certissimo entre os Theologos, que as creaturas irracionaes saõ sugeitos incapazes de Censura Ecclesiastica, assim por razaõ da culpa, que esta suppoem como essencial motivo, como por razaõ das privações, que saõ effeitos da mesma Censura, como tambem por esperança da emenda, que he o seu fim intrinseco. Sotus lib. 8. de Just. q. 3. a. 3. & lib. 5. q. 12. a. 2. Navarr. cõ. sil. 52. de sent. excõm. & in summa c. 27. n. 13. Heriq. l. 1. c. 25. Sanchez lib. 2. in Decalog. cap. 42. n. 39.

S Porém

Porém reſponde-ſe facilmente, que nem os que pedem eſte modo de excommunhaõ, nem os que a fulminaõ, nem os que a ouvem ler, ou contar, ficaõ entendendo ſer propria, e rigoroſa Cenſura Eccleſiaſtica; ſenaõ ſòmente hum arremedo, ou ſemelhança della, ou huma maldiçaõ imprecatoria. E he Deos muitas vezes ſervido de ouvir as ſupplicas dos miſeraveis, e deferir aos merecimentos dos Santos, e orações dos fieis, para os fazer mais temeroſos dos terriveis effeitos da excommunhaõ verdadeira, e mais actuados na fè de ſua Omnipotencia ſobre todas as creaturas. E o uſo de peſſoas Doutas, e pias, (ſeguindo-ſe bom effeito) tem approvado eſte remedio, com tal, que nelle ſe naõ miſturem acções, palavras, ou ceremonias ſuperſticioſas. Veja-ſe Caſſaneo, que traz muitos deſtes proceſſos, e ſentenças, dadas nos Biſpados Lugdunenſe, Matiſconenſe, e Heduenſe, onde affirma, que nenhuma duvida havia, de que eſte arbitrio ſe praticava licita, e utilmente, e outros andaõ no *Malleus maleficarum*; outro de verbo ad verbum refere Theophilo Raynaudo.

A

B

Caſſanæus Conſilio 1.

Malleus malef. t. 2.

Theoph. t. 1. Heterocl. Piet. p. 2. c. 12. n. 2.

Do dito remedio uſou S. Agricolo Biſpo de Avinhaõ contra as Cegonhas, e por iſſo ſe pinta com huma por inſignia, e S. Bernardo contra as moſcas, morrendo todas de repente pela força da ſua maldiçaõ, e S. Hugo Biſpo de Granoble, contra as ſerpentes, privando-as da peçonha, dentro do ſeu deſtricto, e hum Biſpo de Genebra (quando ainda Catholica) a ſeu requerimento, contra as enguias, que comiaõ todo o peixe miudo do lago Lemanico, ſuſtento daquella Cidade, e logo todas mudàraõ ſitio. Eſcreve-ſe tambem de certo Abbade rico, que ao lavar as mãos, poz de parte hum anel de preço, o qual naõ apparecendo, fulminou excõmunhaõ contra quem quer que o levàra, e logo hum Corvo começou a definhar, e perder a penna; ate que achado o anel no ſeu ninho, foy abſolvido, e recuperou a ſaude. Exemplos, de que até às plantas alcançaõ eſtes effeitos, ſe pódem ver no meſmo Theophilo, e outro de S. Antonino Arcebiſpo de Florença, que pronunciando a ſentença de excommunhaõ ſobre hum pão alvo, o tornou negriſſimo;

Ex hiſtoria Lerinenſis Monaſterii. Guilhelm. l. 1. vitæ S. Bernard. c. 12.

Caſſan. ubi ſupra.

Henriq. German. Lazarius 9. 19. n. 31.

C

e de-

e deſpois obſervando-o o reſtituhio à ſua primeira alvura; veja-ſe nos Actos dos Santos de Mayo. Iſto parece A ſufficiente para advertencia de huns leitores, e ſatisfaçaõ de outros. Act. Sanct. tom. 3. Maii f. 318.

LI.

De Diogenes Filoſofo.

PErſuadindo-lhe hum amigo, que ſe naõ exercitaſſe tanto no trabalho, pois era já velho, reſpondeu ſabiamente: *Se tu correras no eſtadio em competencia, por ventura pararias, ou afrouxarias eſtando já perto da raya, ou baliza? Antes apertarias mais o pè. Quanto menos reſta de vida, tanto devemos procurar ſeja mais honeſta.* B

REFLEXAM.

FAllou eſte Ethnico, como pudera hum bom Catholico. Reſtava que o fizeſſe confórme o dizia; porque aſſim como os bons Chriſtãos ſaõ Filoſofos nas obras, como diſſe S. Cypriano: *Philoſophi non verbis, ſed factis:* aſſim aquelles Filoſofos eraõ Chriſtãos ſò nas palavras. C Por iſſo Santo Agoſtinho chamou aos ſeus dogmas, e ſentenças eſtallos de boca: *Buccis crepantibus, &c.* e S. Jeronymo, folhagem, que logo perde o verdor, e murcha: *Totum flaccidum, marcidumque, & mollitum ebullit in olera, & in herbas, quæ citò areſcunt, & corruunt.* Tract. de bono Fidentiæ. Lib. 2. Comment. in c. 13. Matth.

Mas tomando o que eſte aviſo em ſi tem de bom, e verdadeiro: delle nos dà exemplo a natureza nos falcões da Noruega, que caçaõ mais, porque alli o dia he mais breve, e em todos os corpos graves, que precipitados do alto, tanto mayores diſtancias vencem no meſmo tempo, quanto ſe aviſinhaõ mais ao centro: ou ſeja,

que o appetite innato de alli deſcançarem ſe eſperta mais com a tal viſinhança: ou que a reſiſtencia do ar, que cortaõ, mingua quanto he menor ſua vaſtidaõ intermedia. A Aſſim nôs, cujo centro he Deos, e cuja preza he a vida eterna, tanto mais devemos ſuſpirar a eſte fim, e accelerar os voos em ſeu alcance, quanto mais perto ſentirmos eſtoutro fim da noſſa mortalidade. Nem nos falta para eſta diligencia o eſtimulo do demonio, que tenta mais as almas, quando preſume, que lhe reſta menos tempo de as tentar: *Deſcendit diabolus ad vos habens iram magnam, ſciens quòd modicum tempus habet.* Por iſſo junto às rayas da morte, nos acomete com toda a força. Neſte ſentido entendeu Alcuino o que diſſe Deos à Serpente: Que armaria traiçaõ ao calcanhar do homem; iſto he, à extrema parte de ſua vida: *Inſidiaberis calcaneo ejus.*

Apoc. 12. 12.

Gen. 3. 15

Saõ porém muito para ſe notar aqui duas couſas. B Huma he, que os curſores no eſtadio, ás vezes faziaõ partido de deſandarem a carreira deſde o fim della em continente para o principio, e ſe chamava entaõ o tal eſtadio Diaulo, (como ſe diſſeramos duplicado) e os taes curſores Diaulodromos. Porêm na carreira da vida humana naõ he poſſivel eſte partido: naõ he Diaulo, ſenaõ eſtadio ſimples, e continuado: ſempre a diante, a diante: o que huma vez ſe errou, ou tardou, ou torceu, quanto ao tempo naõ tem emenda. A outra couſa he, que os curſores no eſtadio bem ſabem quando eſtaõ mais perto da baliza: mas nós na preſente vida, naõ ſabemos em que diſtancia eſtamos da morte. Conſta, que o eſtadio tem 125. paſſos geometricos: (que ſaõ os que ſe contaõ de pègada a pégada do meſmo pè:) mas naõ conſta quantos C ſaõ os paſſos da carreira da noſſa vida. Por onde, ſe a cada paſſo póde eſtar fita a baliza, e poſto o premio, ſempre he neceſſario correr bem. Pouco importa haver corrido muito, ſe ſenaõ corre atè o fim: antes naõ correndo atè o fim, o meſmo ſerá haver corrido muito, que naõ haver corrido. E eſte correr até o fim, quando o fim he taõ incerto, depende de correr ſempre.

Philaſtrius lib. 5. cap. 11.

Mas ajuda muito a correr ſempre, ainda quando o fim ſe dilata muito, ſaber de certo, que a carreira vay pa-

rar

rar a huma eternidade, a qual em chegando, todo o tempo que ſe correu deſapparece, e ſe torna breviſſimo. Por-
A que as couſas, que indo paſſando, tem grande differença nas ſuas duraçõe, em ſendo paſſadas já não tem alguma. Taõ vaſio, e boquiaberto fica o cano quando correu por elle hum cantaro de agua, como quando houveſſem corrido cem mil. He o homem creado para os eſpaços ampliſſimos, e indefinidos da eternidade: nenhum tempo póde encherlhe o coraçaõ: paſſar por elle fim: mas o meſmo he paſſar, que naõ enchello. Nada ha grande, huma vez que tenha fim, e quem quizer que lhe pareçaõ pequenas as couſas, que a outros ſe repreſentão muy grandes, ponha-as diante da eternidade, e tão pequenas ficaráõ, que totalmente as perca de viſta; como ſe perde a terra a quem olha para baixo deſde o Firmamento. Eſ-
B ta he a razão, porque o Real Profeta diſſe, que mil annos nos olhos de Deos, ſaõ como o dia de hontem, que paſſou. Para que era neceſſario dizer, que paſſou, huma vez que tinha dito, Dia de hontem? Porèm quiz fazer reflexaõ, e reduplicar no dia de hontem, em quanto hontem, e em quanto já paſſado; porque em quanto já paſſado, já não he, e iſſo he, o que ſaõ mil annos à viſta da eternidade; iſſo he, o que he, qualquer outra duraçaõ temporal: he, a que não he, porque ſe compara com a que he, e ſerà ſempre. Que importa pois, ou que muito he correr, e ſuar no eſtadio 40. ou 60. ou 80. annos, ſe a baliza, e premio he a Eternidade, e em chegando à Eternidade tanto avultaõ alli mil annos, como o dia de hon-
C tem, que paſſou? Oh gloria, que não paſſas! tudo por ti ſe póde paſſar; mayormente ficando eſte tudo, convertido em nada, huma vez que he couſa, que paſſou. Por certo, tão de graça ſahe o premio comparado com o trabalho, que com ſer premio de juſtiça, juntamente he graça de miſericordia.

Naõ ſerà totalmente fôra de propoſito a ſeguinte digreſſaõ, onde ao curioſo ſe moſtrão juntos os nomes de varias duraçõe; âs quaes todas correſponde immovel o indiviſivel ponto da Eternidade.

Pſ. 89. 4. *Mille anni in conſpectu tuo tanquam dies heſterna, quæ præterit.*

PROSPECTIVA ONOMASTICA

De varias differenças de durações, ou medidas do QUANDO; em ordem a formarmos mais nobre conceito da Eternidade.

A

ATOMO, vocabulo Grego, he o meſmo que inſectil, ou impartivel. Por eſte nome explicamos a minima duraçaõ, que podemos conceber. 1. Cor. 15. 52. *In momento, in ictu oculi:* Saõ Jeronymo: *In atomo.* Mais commummente lhe chamamos Inſtante. Mas

Rom. 8. 38.

INSTANTE tem dous, ou tres ſignificados. Em hum ſe toma pelo tempo proximamente futuro, ou já imminente. Neſte ſentido diſtinguio o Apoſtolo os Inſtantes dos Futuros; chamando Inſtantes às couſas, que eſtaõ (digamo-lo aſſim) eſcorregando do eſtado da futurição para o da preſencialidade, e Futuros, às que haõ de tardar mais. No meſmo fallou Marciano, quando diſſe, que os tres pês da Tripode Delphica, donde ſe davaõ os Oraculos, denotavão as tres differenças de tempo; a ſaber Extante, Inſtante, e Rapto: quiz dizer: preſente, proximamente vindouro, e já paſſado. E eſqueceu ſe aqui do Futuro remoto. Mas em outro ſentido mais commum, Inſtante ſe toma pela duraçaõ preſente, preciſa de toda a que foy, e ha de ſer, e por conſeguinte naõ pôde ſer mais que hum àtomo, pois o tempo he eſſencialmente fluido. Por onde diſſe o Filoſofo, que o Inſtante, não ſe diſtinguindo do Tempo, comtudo naõ he verdadeiramente tempo, por carecer de ſucceſſaõ. Os Grammaticos, e Rhethoricos quando fallão do Inſtante, não ſe metem com eſtas eſpeculações Filoſoficas; ſenão que o tomão por duração breviſſima.

B

C

Apud Cælium, lib 8. cap. 15.

Ariſt. 4. Phyſicorum Textu 103.

Cicero 1. Divinationum, & 2. De oratore. Quintilianus lib. 5. Fabius lib. item 5.

INSTANTE ANGELICO, ou permanente, que couſa ſeja, diremos abaixo, quando fallarmos do Tempo diſcreto.

PON-

PONTO, he vocabulo commum á quantidade continua, e á ſucceſſiva. Na accepção antiga (como ſe vé
A em Beda) era o meſmo, que Quarto de hora; por amor dos pontos, ou ſinaes, que punhão no circulo do moſtrador dos Relogios. Agora, fallando-ſe do Tempo, o meſmo ſignifica Ponto, que Inſtante, ou Atomo. Lib. de Temp. c. 8

MOMENTO, tambem ſe uſa na meſma ſignificação. Mas rigoroſamente alguma duração mayor, parece que val; porque a hora ſe dividia em quarenta Momentos, ſendo incomparavelmente mais os ſeu Inſtantes. E S Paulo põem o peſtanejar dos olhos por ſynonymo do Momento: *In momento, in ictu oculi*: ſendo certo, que eſſe peſtanejar demanda muitos Inſtantes. Alem de que a palavra Momento applicada á quantidade continua, não ſignifica couſa indiviſivel: como ſe ve em Plinio, quando diz que o Sol naſce cada dia em outro mo-
B mento do Ceo: e quando em outro lugar diz, que ſe miſture em certa mezinha hum momento de reſina; iſto he parte pouquiſſima; e no Ven. Beda onde diz, que os Mathematicos tomão o Momento por certa parte do Zodiaco, e dividem cada hum em 60. Oſtentos. Logo parece, que quando fallamos da quantidade ſucceſſiva, Momento quer dizer tambem parte pequena, ſuppoſto que não indiviſivel. Plin. lib. 18. c. 34 & lib. 30. c. 7. Beda lib. de Temporum ratione c. 2.

MINUTO pela conta que uſaõ os Mathematicos, he a ſexageſſima parte de huma Hora: e aſſim como dividem a Hora em 60. minutos; aſſim ſubdividem o Minuto em 60. Segundos, e o Segundo em 60. Terceiros, e
C deſte modo procedem quanto julgão neceſſario para os ſeus calculos. Hum Minuto durará pouco mais de huma Ave Maria.

ESCRUPULO tambem ſe toma na meſma accepção, que Minuto. Porém na que uſou Ptolomeo, (e já eſta antiquada) Eſcrupulo erão dous quintos de hora, porque entravão 60 no dia de 24. horas. E cada hum deſtes Eſcrupulos primeiros, ſe dividia em outros 60. Eſcrupulos ſegundos.

ESCRUPULO JUDAICO, cabião delles em huma hora mil e oitenta. (Pouco menos Eſcrupulos cabem

 ás

às vezes em huma hora de conſciencia impertinente, e imaginativa, e a todos bautiza por eſcrupulos muy Chriſtãos.) A

QUADRANTE he o meſmo que quarto de hora.

HORA (vocabulo, que parece ſe derivou de *Horus*, que em Lingua Egypciaca quer dizer Sol, porque a carreira deſte faz as horas) pela antigua diviſaõ de Hermes Triſmegiſto, era a duodecima parte do dia inteiro, e valia por duas horas das noſſas: durou eſta conta muito tempo. Depois ſe dividio o dia civil em vinte e quatro horas: por onde Joaõ Noviomago, chamou á Hora meya onça do dia. Na Cochinchina ainda hoje cada Hora val por duas das noſſas Europeas, e aſſim o dia com a noite, naõ tem mais que doze, nem as chamaõ com os nomes numeraes huma, duas, tres, &c. mas com os de animaes, por eſta ordem, Bato, Bufaro, Tigre, Gato, B Dragaõ, Cobra, Cavallo, Cabra, Bugio, Gallinha, Cão, Porco. Os Romanos, com ſer povo taõ civil, e culto, eſtiveraõ mais de 300. annos ſem uſo de contar horas, como diz Giraldo com Cenſorino, e Plinio. Entre os Authores Latinos muitas vezes ſe toma Hora por qualquer eſpaço de tempo, ſeja do dia, ou da noite, pouco, ou muito.

Noticias ſummarias da Cochinchina Pag. 27.

Lib. Girald. diſſertatione de Annis, & Menſibus, fol. mihi 718.

HORAS DO ANNO, ſaõ as ſuas quatro Eſtações, cada huma de tres mezes, Inverno, Primavera, Eſtio, Outono. Por iſſo Homero na ſua Iliade (como explica Euſtathio) introduz quatro Deoſas Horas, que tinhaõ por officio, duas fechar o Anno, deſde que os dias minguaõ; e duas, abrillo, deſde que creſcem. C

HORAS DO DIA, E DA NOITE, para aquellas nações, que contaõ o dia deſde o amanhecer, ou deſde o anoitecer, e põem doze de luz, e doze de trevas, he conſequente, que ſejaõ de duraçaõ varia, humas mayores, e outras menores, e com razaõ diz Dechales, que eſte computo he deſaccommodadiſſimo para os uſos, e acções, aſſim aſtronomicas, como civis.

Mundi Mathematici Tractatu 31. Propoſitione 1.

HORAS DOS HEBREOS, em que dividiaõ o dia, cada huma abraçava tres das noſſas, e por conſeguinte eraõ quatro. Prima, que começava ao naſcer do Sol:

Ter-

Terça, que começava às nove da manhãa: Sexta, que começava ao meyo dia, e Nona, que começava às tres
A da tarde, e durava até as seis, e então se chamava Vespera. Daqui se mostra como concordaõ entre si os Euangelistas Saõ Marcos, e Saõ Joaõ no apontar a hora da crucifixaõ de Christo Salvador nosso: sem embargo de que Saõ Marcos diz, que foy à hora de Terça: *Erat autem hora tertia, & crucifigunt eum*, e S. Joaõ diz, que era hora quasi de Sexta. Alguns sentiraõ, que se havia de emendar o Texto de S. Joaõ pelo de S. Marcos; e pelo contrario outros com S. Jeronymo querem, que o de S. Marcos se emende pelo de S. Joaõ; (naõ porque sospeitem descuido dos Euangelistas ao escrever; senaõ dos Amanuenses ao copiar,) enganando-se com as letras numeraes de tres, e seis, que no Grego tem alguma semelhança. Porèm nem huma, nem outra cousa he necessaria, dizendo com os modernos Expositores, que Saõ
B Marcos fallou do fim da hora Terça, que he ao meyo dia, e Saõ Joaõ quasi do principio da hora Sexta, que he no mesmo tempo. Desde este ponto até as tres da tarde durou aquelle notavel eclypse; e então espirou Christo na Cruz ao mesmo tempo, que se entende haver Adam peccado na arvore vedada.

Marc. 15. 25.

Joan. 19. 14.

D. Hier. in Ps. 77. Petavius lib. 12. de doctrina temporum cap. 19. Sixtus lib. 6. Bibl. annotat. 131. Vid Suar. to. 2. in 3. part. d. 40. sect. 7. §. Quinta ergo.

A Lap. in Matth. c. 27. v. 50.

VIGILIAS DA NOITE entre os Hebreos, e Romanos erão tambem quatro, cada huma de tres horas: na nossa milicia lhe chamão quartos; e ao ultimo, o da modorra; porque sobre a madrugada carrega mais o sono.

Baron. anno 34. n. 157.

C ——— *Et jam nox humida cælo*
Præcipitat, suadentque cadentia sydera somnos.

Por ventura, que isto quizesse insinuar o Creador (que em todas as cousas materiaes poz sua signatura, ou divisa do prestimo, que tinhaõ) fazendo as dormideiras de feição de huma cabeça humana com huma Estrella emcima.

NOITE, naõ he outra cousa, que sombra da terra, pela opposição do Sol debaixo do Horizonte. Por isso os Poetas fingem ser a Noite filha da Terra, e o Sono, e

Mor-

Morte irmãos, e filhos da Noyte. Naõ tem duraçaõ certa, porque tambem a não tem eſta auſencia do Sol. Regioens ha, em que algumas Noites ſaõ tão breves, A que quaſi hum Crepuſculo toca no outro. Coſtumão os Authores dividir a noite em ſete, ou nove partes: a ſaber. Primeira. Crepuſculo nocturno, que he o meſmo que luz duvidoſa, de *Creperum* (diz Beda,) que he o meſmo que *Dubium*. Segunda. Veſpera, que he ao naſcer da Eſtrella Venus, a qual nos mezes, que vay a traz do Sol, ſe chama *Veſper*, ou *Heſperus*, e nòs lhe chamamos Boyeyra, porque então ſe vem recolhendo os lavradores com os ſeus boys; e nos mezes, que vem diante do Sol, ſe chama *Lucifer*, ou *Boſphorus*. Terceira. *Prima fax* ao acender as candeias. Quarta. *Nox concubia*, quando todos ſe vão recolhendo a dormir. Quinta. *Conticinium*, quando tudo ſe aquieta, e fica em ſilencio: (ainda que Dempſtero põem eſta parte la antes da madrugada.) Seiſta. *Intempeſtum*, que he o que nòs dizemos alta noite. Setima. *Gallicinium*, ao cantar os galos. Oitava. *Matutinum*, quando já declina para a madrugada. Nona. *Diluculum*, Ante aurora, ou Alva, quando aponta a primeira luz do dia. B

DIA CIVIL, ou *VULGAR* contém 24. horas: mas ha diverſidade entre as nações no principio por onde as começão a numerar. Os Hebreos, Babylonios, Perſas, e os Baleares (como diz Clavio) contão de naſcença de Sol a outra naſcença: os Egypcios de Occaſo a Occaſo: os Umbros, e Athenienſes, de meyo dia a meyo dia: os Romanos antigos, e todos os ſugeitos à Igreja, contamos de meya noite a meya noite, em ordem aos jejuns, celebração das Miſſas, computo das idades, &c. C

Clavius in 2. cap. de Sphæra.

DIA ARTIFICIAL ſe diz em quanto o Sol apparece ſobre o Orizonte, e ha luz para os tratos, e officios humanos.

DIA NATURAL he o ſemicirculo que deſcreve o Sol deſde o Naſcente até o Poente. Deſte falla o Chroniſta do mundo Moyſés, quando diz, que Deos chamou à luz Dia, e às trevas Noite, e logo hiſtoriando os ſeis dias da creação, a cada hum repete, que manhãa, e tarde compoz o tal dia: iſto he, as horas que ſòbem

deſde

deſde a naſcença do Sol até o meyo dia, e as que deſcem deſde o meyo dia atê o Occaſo.

A *DIA EGTPCIACO* era o primeiro de Janeiro, em que a Gentilidade fazia muitos ritos, e feſtas ſuperſticioſas, e ſe pediaõ, e davaõ janeiras. Iſto manda abrogar o Capitulo Legant, Diſt. 37. *Non obſervabitis dies, qui dicuntur Ægyptiaci, aut Kalendas Januarii.*

DIA AMPHIDRONCIO, he o quinto deſde o naſcimento da criança: no qual os parentes juntos ao lar, ou chaminè concordavaõ entre ſi o nome do recem naſcido, e lho impunhaõ: eſtylo Gentilico, e que ainda hoje ſe uſa entre os ruſticos de Malta. Omittimos eſtes, como tambem os Dias feriaes, faſtos, profeſtos, nefaſtos, comiciaes, criticos, atros, curiaes, poſtriduanos, decretorios, e outras appellações ſemelhantes, porque naõ indicaõ differença de tempo quanto â duraçaõ. Ex Dominic. Macro in Hierolexic.

B *DIA HUMANO*, na fraze de S. Paulo: *Mihi autem pro minimo eſt, ut â vobis judicer, aut ab humano die:* ou dia de Homem na do Profeta Jeremias: *Diem hominis non deſideravi: Tuſcis:* Quer dizer a duraçaõ do ſeculo; ou a vida dos mortaes: em quanto ſe contrapõem ao dia de Deos, em que ha de julgarnos. 1. Cor. 4. 3. Jerem. 17. 16.

DIAS DO LENHO, na fraze do Profeta Euangelico: *Secundum enim dies ligni erunt dies populi mei:* Conforme a Saõ Jeronymo, e outros, quer dizer a Eternidade dos Bemaventurados: conforme a S. Joaõ Damaſceno, quer dizer a duraçaõ da Ley da Graça, e Igreja Catholica; deſde que o Lenho da Cruz vivifica, appareceu no Calvario arvorada com o Redemptor do Mundo, atè que apparecerà outra vez no Ceo, diante do Senhor quando vier a julgallo: *Tunc parebit ſignum Filii hominis in Cælo.* As palavras do Santo ſaõ eſtas: *Dies, & tempus hujus vivifici Ligni Sanctæ Crucis, erunt dies Eccleſiæ, & populi Chriſtiani, qui ſine Cruce vivere, & ſtare non poſſet.* Huma, e outra interpretaçaõ tem fundamento na verſaõ Hebraica, que diz com articulo prenotante: *Illius ligni:* Daquelle Lenho, e na dos LXX. que accreſcentâraõ: *Ligni vitæ:* Lenho da vida: pelo qual, ou ſe póde entender a Viſaõ Beatifica, que he a Arvore da Vida no Para- Iſai. 65. 22. Procopius, Lyra, Oſorius. C Matth. 24. 30. Joan. Damaſc. lib. 4. de Fide Orthodox. cap. 12.

Paraiſo Celeſtial, e communica immortalidade aos que a gozão; ou a Santa Cruz, cujo expreſſo ſymbolo foy a meſma arvore no Paraiſo Terreal. A

DIAS DO CEO, E DIAS BONS, na fraze do Real Profeta (conforme interpretaõ muitos com Santo Agoſtinho) quer dizer tambem a Eternidade dos Bemaventurados: porque os dias da preſente vida mortal, mais propriamente ſe pòdem chamar da terra, defeituoſos, màos, e acompanhados de innumeraveis miſerias.

Pſ.88.30.& Pſ.33. 13.

Auguſt.ibi, & lib. 13. de Verbis Domini ſerm. 2. Job.24.1.Sanctus Odo l.16.in Job.

DIAS DE DEOS, na fraze do Santo Job, conforme a Vatablo, e S. Odo Abbade Cluniacenſe, e Bolducio, ſignificaõ a vida do meſmo Deos, que he a ſua Eternidade indiſtincta delle.

DIA GRANDE DE JOSUE', conforme S. Juſtino Martyr, teve 36 horas: conforme a Cornelio, e outros Eſcritores, teve ſó 28. porque o Texto do Eccleſiaſtico: *Una dies facta eſt quaſi duo*: Que aquelle dia valeu por dous: entende-ſe dos artificiaes; cada hum dos quaes, no tempo daquella batalha, que foy pelo Solſticio eſtivo, em Judea tem 14. horas. B

Joſuè 10.

Juſt. Dialogo contra Tryphonem. Eccl.46.5.

SEMANA, PARA COM TODAS AS NAÇOENS conſta de ſete dias civis, ou vulgares, e foy inſtituiçaõ do meſmo Deos, que creou o Mundo em ſeis, e deſcançou no ſetimo. Os Turcos contaõ de Seſta a Seſta feira: os Judeus de Sabbado a Sabbado: os Chriſtãos de Domingo a Domingo. He nobiliſſimo eſte dia; porque nelle começou Deos o opificio do mundo viſivel, nelle creou os Anjos, tirou ao povo de Iſrael do cativeiro de Egypto, e começou a chover Manná no Deſerto: nelle naſceu Chriſto da Virgem em Belem, e fez o primeiro milagre das bodas de Caná de Galilèa, e o dos cinco pães multiplicados. Ao Domingo tambem reſuſcitou (que he a Solemnidade das Solemnidades,) e entrou eſtando as portas fechadas, a viſitar ſeus Diſcipulos, e deu a S. joaõ (como elle meſmo diz) aquella maravilhoſa Viſaõ de viſões, ou Apocalypſe, em que ſaõ mais os Miſterios, que as palavras. E finalmente ao Domingo ſentem alguns, que ha de ſer o dia do Juizo. C

SEMANA DE SEMANAS eraõ os quarenta e nove

dias

dias antecedentes à Feſta de Pentecoſtes, no qual dia quinquageſimo ſubio Moyſès ao monte, e recebeu de
A Deos a Ley Eſcrita. Neſte ſeptenario myſtico, ou ſagrado circulo, como lhe chama a Igreja nos hymnos da meſma feſta, ſe figuravão os dias, que vão de Paſcoa até Pentecoſtes, em que o Eſpirito Santo baixou em linguas de fogo promulgando a nova Ley da Graça.

SEMANA DE MEZES, era a de que ſe falla no Capitulo 23. do Levitico, onde ao ſeptimo mez, recolhidos já os frutos, ſe celebrava o dia da Propiciaçaõ, que era o unico em todo o anno, em que o Summo Sacerdote entrava no *Sancta Sanctorum*, figura de Chriſto Senhor noſſo, que conſummada a diſpenſaçaõ da carne, entrou no Ceo, onde he propiciaçaõ por noſſos peccados diante de ſeu Eterno Pay. Beda lib. de Tempor. ration e c. 6.

SEMANA DE ANNOS era, a de que ſe falla no
B Capitulo 25. do Levitico, em cada ſetimo anno deſcançava a terra, e naõ havia lavouras, nem pòdas, e cavas, e os frutos que por ſi naſciaõ eraõ para os ſervos, forasteiros, animaes, e para todos. Levit. 25. v. 3. & ſeq.

SEMANA DE SEMANAS DE ANNOS, eraõ os 49. annos antecedentes ao do Jubileu, em que ſe tocavaõ trombetas, e tornava a poſſeſſaõ de todas as couſas a ſeus antigos donos, e naõ cultivavão naquelle anno as terras, nem havia trilhas, nem vindimas. Levit. 25. 8. & ſeq.

SEMANAS DE DANIEL tinha cada huma ſete annos, com que aquelles 70. encerravaõ 490. annos, que foy o tempo, que o Anjo apontou ao Profeta para ſinal
C da vinda do Meſſias, e unçaõ do Santo dos Santos Chriſto Salvador noſſo. No fazer eſtas contas ha difficuldade entre os Sagrados Interpretes, e naõ nos pertence o expendella. Cornelio A Lapide entrando a fazer o computo, diz, que conheceu certo Varão nobre, Catholico, e Letrado, que conſumidos muitos annos em entender eſta materia, vendo-ſe cada vez mais implicado, ultimamente endoudeceu, e apoſtatou para o Judaiſmo. Naõ o allumiaria Deos, porque procederia com preſumpçaõ das ſuas letras, ou eſpirito de curioſidade.

MEZ ASTRONOMICO, he o movimento, ou curſo ſynodico,

ſynodico, que faz a Lua deſde que ſe aparta do Sol, e torna a recorrer com elle, depois das ſuas phaſes, ou apparencias coſtumadas de Lua nova, Quarto creſcente, &c. Gaſta eſte Cyclo 29. dias, doze horas, 44. minutos, e 3. ſegundos. Serve para a conta de determinar as Luas novas, e as Cheyas, e os Eclypſes. A

MEZ CIVIL, he no que naõ podendo vulgarmente obſervarſe eſtas medidas Aſtronomicas, entra com os outros onze a compor o Anno ſolar; e diſtribuimos a huns 30. dias, que ſaõ Abril, Junho, Setembro, e Novembro; a outros 31. que ſaõ Janeiro, Março, Mayo, Julho, Agoſto, Outubro, e Dezembro; e a Fevereiro 28. ou 29. ſe he Anno Biſſexto. Os nomes Hebraicos deſtes 12 mezes, correſpondentes aos noſſos (ainda que naõ na igualdade delles) ſaõ os ſeguintes. *Nizan* correſponde a Abril (por aqui começavão o Anno, ſe bem o ſeu principio ás vezes correſpondia ao noſſo Março: *Iar*, a Mayo: *Sivan*, a Junho: *Thamul*, a Julho: *Aab*. a Agoſto: *Elul*, a Setembro: *Theſeri*, a Outubro: *Maravan*, a Novembro: *Caſſeu*, a Dezembro: *Tebeth*, a Janeiro: *Sabath*, a Fevereiro: *Adar*, a Março. B

ANNO SOLAR TROPICO tem 365. dias, e 6. horas, menos 11. minutos. Eſtes que faltaõ para perfazer a ſexta hora, deſprezados, e naõ ſe metendo em conta, vieraõ pelo decurſo dos annos, a creſcer de modo, que deſencaxàraõ de ſeu lugar proprio o Equinoccio eſpaço de dez dias: que ſaõ os que emendou, e retrotrahio o Kalendario Gregoriano no anno de 1582. mandando o Papa Gregorio XIII. que a 5. de Outubro do dito anno, ſe contaſſem 15. do mez. O P. Ricciolo dá ao anno ſolar 365. dias, 5. horas, 48. minutos, e 40. ſegundos. O modo de começar a contar eſtes dias, entre os Romanos, era de Inverno; entre os Hebreos, e a do Equinoccio verno: entre os Gregos, do Solſticio: entre os Egypcios, do Outono. Eſta diviſaõ do anno em 365. dias attribuem os Rabbinos Doutos a Henoch VI. neto de Adaõ: e em alluzaõ a ella fundou a Rainha Semiramis a ſua Corte em Babylonia, com muralhas de ambito de 365. eſtadios. Demophilo, Author antiquiſſimo, eſcre- C

Athan. Kirker. Turris Babel. lib. 2. cap. 4.

escreve, que na Cidade de Heliopolis, no Templo do Sol, havia huma artificiosa lucerna com 365. lumes a- Georgius de Sepibus Musæi Kircherian. p. 2. c. 2.
A cezos: para denotar o curso annual do mesmo Sol alluminando a grande casa deste Mundo. Da sumptuosissima Igreja Saresberiense diz Espondano, que tinha tantas janellas, quantos dias o anno; e tantas columnas de marmore, quantas horas; e tantas portas principaes, quantos mezes; e traz o seguinte Hexastico: Spondanus Anno Christi 1237. n. 12.

Mira canam: soles quot continet annus, in unâ
Tam numerosa (ferunt) ade feneſtra micat.
Marmoreaſque capit fuſas tot ab arte columnas,
Comprenſas horas quot vagus annus habet.
Totque patent portæ, quot menſibus annus abundat.
Res mira! At verâ res celebrata fide.

B *ANNO SOLAR SYDEREO* he o tempo, que gasta o Sol desde o digresso, que faz desde alguma certa estrella fixa, atè o regresso para a mesma; que saõ 365. dias, 6. horas, 9. minutos, 39. segundos, confórme o calculo de Dechales, e confórme a Ricciolo, os mesmos dias, e horas, porém sò 8. minutos, 57. segundos, e 25. terceiros. Leva alguma ventagem ao anno tropico, por quanto he necessario accrescentar na conta do curso do Sol, a do curso da tal Estrella por movimento proprio, a quem o Sol alcança, e se vem a ajuntar com ella. Vide P. Andream Taquet lib. 5. Astronomiæ c. 1. n. 15.

ANNO ROMANO PRISCO, em tempo de Romulo (de quem disse Ovidio, que sabia mais de manejo de armas, que de observaçaõ de Estrellas: *Scilicet arma magis, quàm ſydera Romule noras*) tinha só 354. dias, distribuhidos em 10. mezes. Numa meteu na mesma conta os dous mezes, que accrescentou de Janeiro, e Fevereiro.
C

ANNO POLITICO JULIANO, era o que introduzio o primeiro Emperador Julio Cezar, para emmendar isto, dando lhe 365. dias, e 6. horas, mas sem mais differença: de que se originou a confusaõ, que depois foy necessario desimplicar, como dissemos.

ANNO BISSEXTO tem mais hum dia, que o Solar ordinario, e este se conta em Fevereiro, visto ter menos

nos dias que os outros. Deſde a correcçaõ Gregoriana, cada quarto anno he Biſſexto: porque nelle ſe ajuntaõ as quatro ſeis horas que ſobravaõ a cada hum. Mas porque eſtas naõ eraõ perfeitas, e inteiras, foy neceſſario tornar a deſcontar eſta diminuiçaõ, naõ pondo o tal Biſſexto a cada centeſimo anno, ainda que alias, (por ſer o quarto) houveſſe de o ſer. Por iſſo no anno de 1700. naõ ſe deu Biſſexto; e o meſmo ſerà no de 1800. e no de 1900. mas no de 2000. (ſe lâ chegar a duraçaõ do ſeculo) haverà Biſſexto; porque he neceſſario tornar a retroceder com eſta dita regra, a cada 400. annos, por amor de outros quebrados mais miudos do ſobredito numero de ſeis horas. Chama-ſe Biſſexto, porque a 24. e 25. de Fevereiro do tal anno ſe repete a meſma conta das Kalendas de Março ſeguinte, dizendo: Sexto Kalendas Martias, &c. A

ANNO EGYPCIO teve varias medidas, ou denominações, conforme a ſciencia daquella gente foy creſcendo, ou aos arbitrios mudando-ſe. O Chronicon Alexandrino diz, que para elles cada dia ſe contava por anno; porque naõ ſabiaõ outra couſa. Depois chamavaõ anno a huma ſò idade da Lua, ou mez. Mas em fim o ſeu anno teve 365. dias, ſem appendiculos, nem Biſſexto: porque davaõ pariformemente a cada mez 30. dias, que ſomaõ 360. e no fim do anno accreſcentavaõ de fóra parte cinco dias, que chamavão Epagomenas. Os nomes dos ſeus mezes eraõ eſtes. B

1	Toth	7	Pharmuthi
2	Paophi	8	Phamenoch
3	Atur, ou Althor	9	Pachon, ou Paſons C
4	Choiat	10	Payni, ou Paoni
5	Tybi, ou Tobi	11	Epiphi
6	Mechir	12	Meſori.

ANNO TURQUESCO he contado pelas Luas, e tem 12. lunações, ſeis dellas cheyas, de 30. dias cada huma; ſeis minguantes, de 29. E fica ſendo o ſeu anno de 354. dias, que he 11. menos que o Juliano.

ANNO

ANNO ARABICO vay pelo meſmo computo
A que o Turqueſco, e contaõ a ſua era (digamolo aſſim)
deſde a fugida de Mafoma da caza de Mecca, que dizem
foy em huma Quinta feira, correſpondente a 25. de Ju-
lho do noſſo anno de Chriſto de 622: e logo à Sexta
feira, que he o ſeu Domingo, he o primeiro dia do ſeu
anno.

ANNO VAGO DE NABONASSAR, foy intro-
duzido antiguamente por hum homem, que teve ma- Tirinus in Chro-
nha para ſe enthronizar por Rey de Babylonia, e dei- nico c. 34.
xando o ſeu nome, tomou eſte de Nabonaſſar; e quiz
que o anno começaſſe deſde o dia deſta ſua felicidade,
que foy a 26. de Fevereiro: mas como naõ conſtava
mais que de 365 dias, ſem contar as horas que ſobejaõ,
veyo a mudar os eixos de ſòrte que 1461 annos deſtes,
B naõ faziaõ mais que 1460 dos Julianos. E por iſſo os Au-
thores lhe chamàraõ Vago.

ANNO DOS ARCADIOS, tem tres mezes; devião
chamar anno ao que nós chamamos Eſtações, e Home-
ro (como fica dito) chamou Horas do anno.

ANNOS IPHITOS, *E ANNOS AGONAES*
quaes ſejaõ, veja-ſe abaixo Olympiada.

ANNO SABBATICO entre os Iſraelitas, era cada
ſeptimo, como aſſima diſſemos da ſemana de annos: no
qual mandava Deos que deixaſſem deſcançar a terra: Levit. 25. 4.
Septimo autem anno ſabbatum erit terræ, requietionis Domi-
ni: agrum non ſeres, & vineam non putabis.

ANNO SANTO, que chamamos do Jubileo, come-
ça deſde as veſperas de Natal, em que o meſmo Summo
C Pontifice abre ſolemnemente a Porta Santa no Templo
de S. Pedro, até aquella hora fechada de pedra, e cal,
e fica aberta de dia, e de noyte atè ſemelhante tem-
po do ſeguinte anno, para as viſitas dos innumeraveis
Feis, que acodem a Roma. Outros muitos appellidos,
ou denominaçoens tem eſte Anno: porque ſe chama
Anno Sagrado, Magno, Puro, Fertil, Pleno; Anno de
benignidade de Deos, de bençaõ, de gozo, de coroa,
de deſcanço, de frutos, de redempçaõ; e anno que ex-
cede a todos os annos. Da qual materia ſe pòde ver

Rutilio Benzonio Bispo de Loreto, e Recanate, que delle escreveu ex profesło.

Lib. 5. cap. 9.

ANNO DE SATURNO dizem que tem 40. dos nossos annos communs, pela tardança, e vagar com que gira este Planeta. A

ANNO PLATONICO, ou *MAGNO*, queriaõ alguns, que tivesse 12954. annos dos nossos: outros differaõ que tinha 15000. outros o estendem ainda mais a 36000. Mede-se (naõ sey dizer como) pelo proprio, e particular movimento da oytava esféra, ainda que esta cada dia se revolva inteiramente, arrebatando ao primeiro Movel para a contraria parte.

Vide Ciceronem in Hortens. Macrobium lib. 2. cap. 11.

ANNO CLIMATERICO, he o que encerra algumas tantas vezes sette: v. g. o de 70. que encerra 10. setes; ou o de 35. que encerra 5. setes. E se tem por perigoso para a vida humana, de que trazem varias observações, que facilmente podiaõ ser acasos. Do mesmo modo. B

ANNO ENNEATICO, he aquelle que contèm algumas tantas vezes o numero de 9. v.g. o anno centesimo octuagesimo, que tinha o Patriarca Isaac de idade quando morreu, foy para elle Enneatico, porque encerra vinte vezes nove.

ANNO LUNAR ASTRONOMICO COMMUM tem 12. Luas, que saõ 354. dias, e 8. horas, 48. minutos, e 36. segundos. O civil conta só os ditos 354 dias.

EPACTA (nome que quer dizer dias passados, derivado da palavra Grega Epago) vem a ser o excesso de dias, que o anno commum solar faz ao anno commum lunar: ou por outro modo, os dias que se haõ de accrescentar ao curso da Lua no seu anno, para se igualar com o do Sol no seu. Por onde, saber quantos dias temos neste anno de Epacta, naõ he outra cousa, que saber quantos dias tinhaõ passado desde a Lua nova antecedente atè o primeiro de Janeiro, que he o principio do anno solar. Exemplo: se neste presente anno antecedesse a Lua ao Sol, hum só dia, tinhamos 1. de Epacta no tal anno, e como o anno da Lua commum he menor que o do Sol 11. dias, segue-se, q̃ para o seguinte anno, teriamos C

12. de

12. de Epacta, que saõ os ditos onze dias sobre o hum que levamos vencido deste anno, e do mesmo modo,
A para o outro terceiro anno solar teriamos 23. de Epacta, que saõ os ditos 11. sobre os 12. que já levamos vencidos do segundo anno. E assim se vay procedendo até que, chegando a tal numero de Epacta, que caiba nelle outra lunaçaõ, esta se abate, e o numero que della resta, he o da nova Epacta do tal anno.

CYCLO DECENNOVENAL, he o periodo de 19. annos, dentro do qual torna o anno lunar a concordar com o solar, pelo que este numero de 19. se chamou Aureo. V. g. no anno de 1691. começou o dito Cyclo, e tivemos 1. deste Aureo numero, e assim fomos contando atê o passado de 1700. em que tivemos 10. de Aureo numero, e quando chegarmos ao de 1710. tornaremos a começar novo Cyclo decennovenal.

B *INDICC,AM* he cyclo, ou periodo de 15. annos communs, os quaes acabados, começa outro semelhante. Dizem alguns, que teve origem de certos jogos, festas, ou espectaculos que os Emperadores faziaõ, em que repartiaõ grossos donativos, e mandavaõ abrir os carceres. Outros pelo contrario o referem à exacçaõ, que entaõ faziaõ de tributos. E alguma cousa favorece a esta significaçaõ o modo com que falla o Capitulo *Maiores* 16. *qu.* 17. Quando sua instituiçaõ começasse, tambem he duvidoso. Muitos a lançaõ no tempo de Constantino Magno, anno de Christo 312. Mas Baronio, e Scaligero a põem muito mais a traz, naõ negando estas indicções Constantinianas, e o mesmo haõ de sentir, os que
C derivaõ este uso das ditas largiçoens, ou donativos Imperatorios. Ha humas indicçoens Cezareas, ou Imperiaes, e outras Pontificias: aquellas se contavaõ desde 8. das Kalendas de Outubro, dia em que o dito Constantino alcançou aquella celebre vitoria contta Maxencio: estas ainda hoje se costumaõ contar, como se ve nos diplomas da Sè Apostolica, e começaõ sempre em Janeiro (e os Gregos as começaõ de Setembro.) O anno de 1582. começou este cyclo com a correcçaõ do Kalendario. Naõ se contaõ quantos cyclos, ou quinzena-

Baron. anno 312. num. 109.

rios vaõ correndo, como nas Olympiadas, (de que logo fallaremos) que fora bom para mayor diſtincçaõ dos tempos, e clareza das Hiſtorias: ſenaõ ſòmente quantos annos ſaõ da Indicçaõ corrente, ou quantos eraõ de outra qualquer jà paſſada, fazendo a pergunta ſobre certo anno de Chriſto. O que he facil ſaber por via deſta regra. Verb. grat. quero ſaber quantos annos temos de Indicçaõ no paſſado de 1700. accreſcentando-lhe 3. (porque tantos eraõ de Indicçaõ, quando o Senhor naſceu,) fazem 1703. eſtes reparto por 15. que he o numero do dito cyclo inteiro; e ficaõ por repartir 8. he pois o anno de 1700. o oitavo de Indicçaõ. A

Vejaõ-ſe Declales no Kalendario Propoſiçaõ 16. Beda lib. de temporum ratione cap. 46. & 47.

Baron. Anno 312. n. 106. 107. e 108.

ERA, he a conta dos annos de Auguſto Cezar para cà, aſſim dita pelos dinheiros, ou cobre (Æra), que recolhia do tributo annual. Eſta conta antecede à do Naſcimento de Chriſto 38 annos: v. g. quem diſſer: Nos annos de Chriſto 1600, ſe quizer contar por Era, ha de dizer: Na Era de Cezar 1638. Donde ſe moſtra (como notou o noſſo Leitaõ de Andrade) que falla impropriamente, quem diz na era de Chriſto, &c. B

Dempſt. lib. 5. Antiquitatum cap. 22. Euſeb. lib. 3. Vit. Conſt.

VICENNAS eraõ huns jogos, ou feſtas publicas que os Emperadores faziaõ ao vigeſimo anno do ſeu Imperio. Alguma couza toca deſta materia Dempſtero citando a Euzebio na vida de Conſtantino Magno.

PERIODO CALIPPICO, (aſſim dito de hum Calippo ſeu inventor) tem 76. annos, e 940. mezes lunares.

OLYMPIADA he eſpaço de 4. annos Gregos; porque de 4. em 4. faziaõ os Elienſes, ou Elidenſes (povo de Grecia, que tinha ſeu aſſento junto do monte Olympo, ou na Cidade Olympia) humas feſtas publicas em honra de Jupiter, cõcorrendo de toda a parte muitos mancebos a provar forças, e levar premio, e outros a aſſiſtir aos eſpectaculos. Com que ſe fez eſte exercicio taõ famoſo, que por elle contâvaõ os tempos. Começou-ſe eſte computo a os 5. annos do reinado de Ozias Rey de Judà, da creaçaõ do mundo (pelo calculo de Euſebio) 4424 antes da fundaçaõ de Roma 24. ou 25. antes do C

Tirinus in Chronico 1. cap. 29.

Naſci-

Naſcimento de Chriſto 778. Seguiaõ eſtes annos o modo de contar dos Gregos, que he começando o anno do
A Solſticio eſtivo, ou perto delle. Suppoem-ſe primeiro o dito jogo, ou feſta, e dahi até a ſeguinte, ſe chama primeira Olympiada. Chamaõ-ſe tambem eſtes annos Iphitos, porque Iphito os inſtaurou no de 777. antes de Chriſto. Domiciano Auguſto no quinto anno de ſeu Imperio, inſtituhio â imitaçaõ das Olympiadas, os Annos Agonaes; iſto he de lutas, e certame: cada jogo deſtes ſe fazia tambem de 4. em 4. annos: porèm começando de Janeiro: e as Olympiadas começavaõ do fim de Junho. Os que tem cada anno nove dias de recolhimento, para nelles ſe darem com fervor à Oraçaõ mental, e mais exercicios eſpirituaes (como ſe uſa na Companhia de JESUS, e na noſſa Congregaçaõ, e hoje o fazem muitas peſſoas ſeculares em ſuas caſas) pôdem chamarlhe as
B ſuas Olympiadas, ou Agonaes. Entaõ habitaõ muy perto do Olympo, e entraõ a provar, que forças de eſpirito tem adquirido, e a reſtaurar as que ſe perderaõ pelo decurſo do anno, lutando valeroſamente contra ſi meſmos.

Livius lib. 27. Pindarus Ode 3. Stropha 2.

Baron. Anno Chriſti 88. ex Cenſorin. De die natali c. 14.

TEKUFA (palavra uſada entre os Hebreos) era propriamente o ponto em que o Sol entra na quarta parte do Zodiaco, e aſſim punhaõ quatro Tekufas no decurſo do anno. Porém outros mais commummente põem ſó duas: huma quando o Sol entra no Signo de Aries, que he em Março: outra quando entra em Libra, que he em Setembro. A primeira ſervialhe para o anno civil, a outra para o Sagrado, ou Eccleſiaſtico.

TRIETERE (com a penultima longa) he eſpaço de
C tres annos.

Invida quem Lacheſis raptum trieteride nona
Dum numerat palmas, credidit eſſe ſenem:

Diſſe Marcial de hum famoſo Athleta, ou lutador, que morreu de vinte e ſete annos. Os jogos, e ſacrificios de Bacco eraõ trietericos, porque ſe celebravaõ de tres em tres annos.

LUSTRO he eſpaço de finco annos.

Luſtra ſex qui jam peregit
Tempus implens corporis: A

diz a Igreja em hum hymno fallando de Chriſto, que ſabio a obrar o myſterio de noſſa redempçaõ, havendo jà comprido os trinta annos.

JUBILEU ROMANO (nome Hebraico, que Lyra deriva de *Jobel*, que quer dizer a Corneta; porque ſe publicava com trombetas, e Joſefo de *Jobal*, que quer dizer liberdade, ou remiſſaõ, porque no anno de Jubileu ficavão livres os ſervos, e tornavaõ as poſſeſſoens a ſeus antigos donos) tem a ſua inſtituiçaõ antiquiſſima, de ſòrte que ſe ignora o ſeu principio: mas deſde o anno de 1300. o poz de cem em cem o Papa Bonifacio VIII. por huma Conſtituiçaõ, que começa: *Antiquorum habet fida relatio, &c.* donde veyo chamarem a Saõ Remigio Arcebiſpo de Rens, o Jubileu; porque chegando a viver 96. annos, ſe hia empare lhando com o centeſimo. E deſde o anno de 1450. por diſpoſiçaõ de Clemente VI. no anno I. do ſeu Pontificado, ſe poz de ſincoenta em cincoenta annos. E depois Urbano VI. o reſtringio a intervallo de 33. annos (como conſta da Conſtituiçaõ de Paulo II. que começa *Ineffabilis providentia, &c.* §.4. Atè que finalmente Sixto IV. conſiderando a brevidade, e incerteza da vida humana, ordenou no anno de 1474. que cada anno vigeſimo quinto, ou cada cinco luſtros, foſſe Jubileu, com que entraſſem quatro em cada ſeculo. He tal o concurſo, e piedade dos peregrinos de toda a Chriſtandade, que naquelle anno acodem a Roma; que muitos hereges indo ſò com animo curioſo, e calumniador, ſe reduziraõ ao gremio da Igreja verdadeira.

Joſeph. lib. 3. Antiquitatum c. 10.

Flodoradus lib. 1. Hiſt. Rhemenſis c. 17.

B

Bernard. Biſſus t. 2. Hierurgiæ v. Roman. Jubilæum. Quintanadueñas to. 1. in appendice tract. 8. dub. 1. n. 1. Caſal De ſacris ritibus c. 93.

C

SECULO, diz Santo Thomàs ſobre aquillo do Apoſtolo, *Ante tempora ſæcularia*, que he periodo de mil annos. O Author Incerto da gloza ſobre o livro de Beda *De Temporibus*, diz que he eſpaço de 220. annos. Sêrvio diz, que a vida de cada homem ſe pòde chamar Seculo. A commua accepçaõ conta tantos ſeculos, quantas centurias de annos.

1. Tim. 1. 9. & Tit. 1. 2.

SE-

SECULO DE SECULO, na fraſe do Real
A Profeta, e Seculos de Seculos, na de Tobias o moço, e de ſeu amigo Gabelo, val o meſmo que adoraçaõ eterna *a parte poſt* do Reyno de Deos, e de ſeu Filho JESU Chriſto. Aquila no citado lugar do Pſalmiſta verte do Hebraico: *In æternum & ultra*, que he o modo com que fallou Moyſès no ſeu Cantico, e os LXX. *In ſæculum, & adhuc.* Naõ porque a Eternidade poſſa creſcer: ſenaõ, que por eſta figura de Amplificaçaõ ſe denotaõ tres couſas: primeira, que queremos explicar (como expoem Cornelio) a Eternidade, naõ ſó do modo, que a concebemos, o qual he limitado, ſenaõ tambem do modo, que he realmente. Segunda, (como expoem o Padre Blanc) que queremos explicar a Eternidade naõ ſò pelo que he em ſi, ſenaõ pela certeza, e ſegurança, que della tem os que a lograõ. Terceira, que queremos explicar
B (como diz Santo Thomás) como a Eternidade de Deos por ſer de ſi meſmo, e toda inteira juntamente, paſſa álem, ou excede a duraçaõ das outras couſas coeternas, no caſo que as houveſſe, porque ſeria ſò eternidade participada: *Dicitur Deus* (ſaõ palavras do Angelico Doutor) *ultra æternum regnare, qui licèt aliquid aliud ſemper eſſet, ſicuti motum cæli quidam Philoſophi faciunt æternum, nihilominus tamen Deus ultra regnat, in quantum ejus regnum eſt totum ſimul.*

Pſalm. 44. 7. Tob. 8. 9. & 5. 9. vi 11. Exod. 15. 18. Blanc. in Pſ. 44. vi 7. Cornel. in Exod 15. 28. 1. p. q. 10. a. 2. ad 2.

IDADES DO MUNDO ſaõ ſeis, que os Padres comb naõ com as do Homem (pois he mundo pequeno,) e com os dias da Semana, obſervando a eſte pro-
C poſito muitas, e muy ajuſtadas analogias. Naõ convem os Authores no modo de as contar: porey o que traz Beda. A 1. idade foy deſde Adam até o diluvio, e durou 1656. annos. A 2. deſde o diluvio até o naſcimento de Abraham, e durou 292. ou metendo a geraçaõ de Cainan, 322. A 3. deſde Abraham atè David, e durou 942. A 4. deſde David até o cativeiro do Povo em Babylonia, e durou 473. A 5. deſde o dito cativeiro, até a vinda de Chriſto, e durou 589. A 6. que he de Chriſto Senhor noſſo, tem durado 1705. pelo computo, que ſegue a Igreja: naõ ſe ſabe quanto mais durará. Se ha de haver ſetima ida-

Vide D. Auguſt. l. 1. de Geneſi cõtra Manichæos c. 22. & ſeqq.

de, antes que o Senhor venha a julgar o mundo, tambem naõ conſta de certo; porque naõ ſabemos ſe haverà alguns ſucceſſos, ou mudanças taõ notaveis, que os homens façaõ eſta diſtincçaõ: nem que tempos reſtaõ acabada a perſeguiçaõ do Antichriſto, que ha de ſer a tarde tenebroſa da Seſta feira, a que correſponde eſta ſeiſta idade. S. Boaventura, Beda, e outros dizem, que jà agora com a ſeiſta idade vay juntamente correndo a ſetima, a qual he o deſcanço das almas no Ceo, em correſpondencia do Sabbado: e que deſpois entrarà a oytava, que he a reſurreiçaõ dos corpos, e vida eterna em correſpondencia do Domingo: o qual naõ terà ſucceſſaõ de tempos, nem fim. Pelo menos he certo, que ſe houver ſetima idade do mundo antes da ſegunda vinda de Chriſto, naõ ha de ſer, como arbitravaõ os Millenarios, reynando Chriſto com os Santos na terra: porque iſto eſtà condennado pelo Papa S. Damaſo no Concilio Romano. No mais, aquietemonos com o que diſſe o Senhor: *Non eſt veſtrum noſſe tempora vel momenta, quæ Pater poſuit in ſua poteſtate:* Naõ vos pertence ſaber os tempos, e momentos, que o Eterno Pay tem poſto debaixo do ſeu poder.

D.Bonav.ſer.15. in Hexameron.to. 1.

Beda lib. de temp. ratione, c. 66.

Baronian. 373.n. 14.

Act. 1. 7.

TEMPO, E TEMPOS, E MEYO TEMPO, na fraſe enigmatica de S. Joaõ, e do Profeta Daniel, he o meſmo que tres annos, e meyo, ou 42. mezes, ou 1260. dias, como o meſmo S. Joaõ diſſe em outros lugares. E os 7. tempos do meſmo Daniel em outro texto, he o meſmo que 7. annos, que faõ os que Nabucodonoſor viveu como féra entre as féras.

Apoc. 12. 14. & ibid. v. 6. & c. 11. v. 2.

Daniel. 4. 20. & c. 7. v. 25.

TEMPO ESPIRITUAL, ou *IMMATERIAL* he o que gaſta o Anjo, (ou a alma ſeparada,) movendo-ſe a ſi meſmo de hum lugar para outro com movimento proprio, e continuo, que ſe receba nelle meſmo. Por eſta razaõ, naõ póde ſer material, nem por conſeguinte a duraçaõ intrinſeca delle, pois eſta ſe naõ diſtingue da exiſtencia da couſa que dura. Mas ſe o Anjo mover algum corpo; verb. gr. andando com o Sol; e levando ao Profeta Abacuc pelos cabellos ao lago dos Leoens onde eſtava Daniel: entaõ com eſte movimento como ſe recebe

Ex Suario in Methaphyſ. diſp. 5. ſect. 8. n. 7.

cebe em couſa material, a ſua duraçaõ ſe medirà pelo
A noſſo tempo commum. Tempo eſpiritual ſerà tambem
aquella duraçaõ, que o Anjo gaſtar em fazer as ſuas o-
perações eſpirituaes mais intenſamente, indo acenden-
do-ſe, e pondo mais conato nellas; que he certo que o
pòde fazer, ainda que tambem póde logo do primeiro
jacto, pòr toda a ſua virtude.

TEMPOS SECULARES na fraſe do Apoſtolo, ſe- 1. Tim. 1. 9. & ad Tit. 1. 2.
gundo a Vulgata, he o meſmo (como expoem S. Chry-
ſoſtomo, S. Anſelmo, Theophylato, e outros) que a
duraçaõ do mundo deſde a ſua creaçaõ, em quanto ſe
contra-diſtingue de Evo, e Eternidade.

TEMPOS ETERNOS nos citados lugares de S. Pau- Hier. Ad Titũ 1. 2.
lo, ſegundo a verſaõ de S. Jeronymo, e S. Agoſtinho, Aug. 16. De Civi-
ſaõ no ſentir do meſmo S. Jeronymo, os Evos dos An- tate 16.
jos, que elle chama Eternidades precedentes, e origens
B dos ſeculos, em que aquellas bemaventuradas Intelli-
gencias já conheciaõ, amavaõ, e louvavão a Deos. As
palavras do Santo Doutor ſaõ eſtas: *Sex millia nondum noſtri temporis implentur annorum: & quantas priùs æterni-tates, quantas ſæculorum origines fuiſſe cogitandum eſt, in quibus Angeli, Throni, Dominationes, cæteræque Virtutes ſervierunt Deo, & abſque temporum vicibus, atque menſuris, Deo jubente, ſubſtiterunt.* Porém fallou o Santo (como diz
o Meſtre das Sentenças) naõ no proprio ſentir, ſenaõ no Magiſter D. 2. Baſil. Nazian. Chry-
de Origenes, a quem ſeguiraõ alguns Padres, eſpecial- ſoſt.
mente Gregos; e na meſma ſuppoſiçaõ parece ir Joaõ Sa- Decade 8. Expoſi-
piente, ou Cypariſſiota: por amor dos quaes (eſpecial- tionis materiatæ, inrerprete Franc.
mente pela authoridade de S. Gregorio Nazianzeno) Turriano.
C naõ ſe atreveu Santo Thomàs a condenar de erroneo eſ- D. Thom. 1. p. q. 61. art. 3. in corp.
te parecer; que os Anjos naõ foraõ creados antes do mun-
do, conforme enſina o Concilio Lateranenſe ſub Inno-
centio III. cap. 1. *Creator omnium inviſibilium ſpiritua-lium, & corporalium, ſua omnipotenti virtute, ſimul ab ini-tio temporis utramque de nihilo condidit creaturam, ſpiritu-alem, & corporalem, Angelicam videlicet, & humanam.* E no ſentir de Santo Agoſtinho já citado, Tempos eter-
nos, ſaõ aquelles que precederaõ â creaçaõ do mundo,
e dos Anjos, e todavia naõ ſaõ coeternos a Deos.

Se

Se perguntamos, que tempos foraõ eſtes? (viſto que antes do mundo não houve tempo, ſenão ſòmente Deos, que he a ſua meſma eternidade:) reſponde o A Lapide, A que fallando realmente aſſim he, que nada houve; mas no conceito humano (para o qual podia fallar o Apoſtolo, quando diſſe: *Ante tempora æterna*,) houve tempo imaginario, que fingimos coexiſtir ao meſmo Deos, no qual elle pudera fazer, e ter feito o mundo infinitamente, antes de quando o fez, e aſſim eſtes ſaõ os Tempos eternos. E ſe alguem inſta, que eſtes taes tempos imaginarios ſaõ coeternos a Deos, e iſſo he, o que nega o Apoſtolo, pois diz, que antes delles já o Senhor tinha promettida, iſto he decretado dar, a ſua graça, e a vida eterna: reſponde-ſe, que ſaõ coeternos a Deos eſſes tempos tomados de por junto, e confuſamente; mas naõ tomados diſtinctamente, e por partes tambem imaginarias; porque deſte modo ſempre vaõ infinitamente andando para traz ſem nunca alcançarem a coexiſtencia primordial de Deos, que lhes precede, e já debaixo deſte reſpeito tinha Deos feito os ſeus decretos.

Ferrarienſis, Cano Molina apud Herincx part. 1. tract. 3. diſp. 2. q. 1. n. 8.

B

TEMPO DISCRETO, chamão os Theologos com Santo Thomàs, à ſucceſſaõ que reſulta de muitos Inſtantes Angelicos, em quanto o Anjo paſſa de hum acto livre do ſeu entendimento, ou vontade, a outro acto tambem livre: a qual ſucceſſaõ, ou paſſagem entre as durações dos taes actos, naõ he continua, pois he entre couſas indiviſiveis, mas diſcreta, a modo das unidades, de que conſta o numero E por iſſo ſe chamou Tempo diſcreto, para differença do noſſo tempo, que he continuo. Iſto ficarà mais claro, entendendo-ſe, que couſa ſejaõ os ditos Inſtantes, como abaixo diremos.

D. Th. 1. p. q. 10. a. 5. ad 1. & q. 56. a 3 Henric. quodl. 12. q. 8. Suar. Diſp. 50. Metaph. ſect. 7. n. 9

C

INSTANTES ANGELICOS, ſaõ as durações intrinſecas dos ſobreditos actos livres do entendimento, ou da vontade do Anjo: nos quaes elle póde perſeverar mais, ou menos, ſe olhamos para a medida extrinſeca do noſſo tempo, que entre tanto paſſou, e lhes coexiſtio. Mas cada hum deſtes Inſtantes em ſi naõ tem variaçaõ, nem diviſibilidade; ſenaõ que o Anjo, ſem peſtanejar (expliquemonos

Becan. Tract. 3. de Angel. c. 1. q. 3. n. 2.

pliquemonos assim,) nem segundar o acto, nem por mais conato nelle para o fazer mais intenso, persiste en-
A tendendo o que entende, e amando o que ama. Por amor desta indivisibilidade, e invariaçaõ se chamaõ Instantes, e por amor que naõ passaõ indivisivelmente como os do nosso tempo, se chamaõ Angelicos, e porque nos taes actos póde o Anjo parar cessando delles, por isso se naõ medem pela duraçaõ do Evo, que logo explicaremos. A collecçaõ pois destes Instantes, ou deste *Nunc*, e daquelle *Nunc*, em que o Anjo conhece, ou ama algum objecto livremente, quer se meta entre elles tempo, quer naõ, e quer digaõ huns ordem aos outros, quer nenhuma ordem digaõ, he a que chamavamos Tempo discreto. O que dissemos dos actos do Anjo, dizemos tambem da nossa Alma separada do corpo: e ainda estando unida a elle, se a dependencia que tem da fantasia, a
B deixar subitamente fazer hum acto, e permanecer nelle do modo sobredito, será a sua duraçaõ intrinseca, Instante, como os Angelicos.

EVO he duraçaõ creada indivisivel, e indefectivel. Em ser creada se distingue da Eternidade de Deos: em ser indivisivel se distingue do tempo: em ser indefectivel, se distingue dos Instantes Angelicos, e Tempo discreto, que delles resulta; porque estes pódem cessar. Por esta duraçaõ se mede a permanencia do ser Angelico, e da Alma racional; e a das operações necessarias com que o Anjo se conhece, e ama a si mesmo. Nem obsta, que os Anjos naõ duráraõ tanto como Deos, e
C duráraõ mais que as Almas: logo parece, que o *Evo* naõ he duraçaõ indivisivel, pois o que he indivisivel, naõ he capaz de mais, e menos, e de crescer, ou diminuir. Porque se responde, que esse mais, ou menos, e esse crescer, ou diminuir, naõ he da duraçaõ do Anjo em si mesmo, senaõ da medida extrinseca do tempo, a que corresponde no nosso conceito. O que se mostra claramente; porque he certo, que Deos durou mais que todas as creaturas, e com tudo tambem he certo, que a duraçaõ de Deos he indivisivel, e toda junta.

Ex Becano Tract. 2. de Angelis c. 1. q. 3. n. 4. & 5.

ETERNIDADE PARTICIPADA he a duraçaõ dos

dos actos beatificos aſſim nos Anjos, como nos mais Santos; que ſaõ Viſaõ, Amor, e Gozo de Deos: a qual ainda que he accidentaria, com tudo he de tal ſórte permanente, e indiviſivel, que nenhuma variaçaõ admitte *ab intrinſeco*, nem admittirà eternamente; porque nem o Bemaventurado pòde por ſeu arbitrio ceſſar de ver, e amar a Deos, pois ninguem póde deixar de ſer bemaventurado: nem fazer, que o Lume da Gloria ceſſe de lhe elevar o entendimento; pois eſta moçaõ he ſobrenatural, e preoccupa a liberdade do meſmo arbitrio, e que obra o ſeu effeito neceſſariamente, ſem dependencia de eſpecies de couſas creadas, ſenaõ ſó da Eſſencia Divina, que concorre em lugar de eſpecie. Por eſta indiviſibilidade, e indefectibilidade diſſe Eſcoto, que a tal duraçaõ era o meſmo *Evo* já explicado. Porém a commua accepçaõ dos Theologos com Santo Thomàs, lhe deu nome eſpecial de Eternidade participada (iſto he hum bocado da eternidade ſimplez de Deos;) aſſim porque he duraçaõ ſobrenatural, como porque he em ſeu modo de Ordem Divina; o que naõ tem o *Evo*.

D.Thom.1. 2.q.5. a.4. in corp.

Scot.in 2.diſt.2. q. 4.& in 4. diſt. 49. q. 6.

D.Thom.1.p.q.10. art.5.ad 1.& Opuſc. 36. c.1.

A

B

CLAUSULA PARENETICA.

DEriva-ſe eſta Eternidade participada daquelle immenſo, e invadeavel lago da Eternidade ſimplez, e propria de Deos: a qual he huma Poſſeſſaõ perfeita, e toda junta da vida interminavel; ou huma Duraçaõ ſimultanea, que intrinſecamente carece de principio, e fim: iſto he, que por força, e virtude do meſmo Ser Divino, he immutavel, e indiviſivel; taõ ſimples, e ſem partes, como ſe foſſe ſó inſtantanea; taõ eſtendida, como ſe conſtaſſe de infinitas; e taõ recolhida, como ſe as ennovelaſſe em hum ſó ponto. Em quanto comprehende todas as mais duraçoes, parece circulo que as fecha, e em quanto correſponde toda a todas, parece centro que as funda. Ainda que no caſo, que os Anjos foſſem ab æterno, naõ lograriaõ eſta eternidade; porque a ſua não ſeria intrinſecamente indefectivel, e por conſeguinte naõ ſeria perfeita poſſeſſaõ da vida, pois naõ he perfeito

C

o que

o que se pòde perder: nem tambem seria possessaõ de vida toda junta, porque naõ possuiriaõ simultaneamente
A todos os actos della, se naõ sòmente os beatificos. Porèm Deos vive de si, e persi no àtomo de sua eternidade toda a vida, que a nosso modo de dizer, tem vivido infinitamente antes, e viverá infinitamente depois, e he possivel viver; naõ havendo nella tal antes, nem tal depois, nem tal possivel, pois toda he actualidade sem futurição, nem preterito.

Desta fonte pois, ou lago (como diziamos) corre sem cessar a Eternidade participada, que lograõ os Bemaventurados vendo o rosto de Deos: que he como huma pintura perfeitissima da Divindade nas bem preparadas laminas daquelles espiritos: ou para o dizer menos impropriamente, he hum Sol increado, apparecido por illapso
B dentro daquelles cristaes diafanos, e tersissimos, transformando-os em outros tantos soes permanentes. Oh Eternidade! Eternidade! Verdadeiramente tu es o Anno Santo do Jubileu plenissimo; pois em ti as almas tornaõ para Deos, que he a sua herança, e Deos para as almas, que saõ a sua possessaõ, e entaõ os que eramos escravos do tempo, ficamos com liberdade de filhos do mesmo Deos. Tu es o Anno, que vences todos os annos, pois o Sol da Vitaõ beatifica, que te fòrma, naõ corre varios signos, nem conhece jà mais occaso. Tu es a oytava perfeitissima de todas as Semanas dos Seculos: tu a vitoria dos tempos: tu o Lethes, q̃ põem em esquecimento todos os bens, e males transitorios: tu o premio que coroas a todos os que corrèraõ bem no estadio da vida humana. Em
C fim, como em ti naõ haverà fim, nem pòde haver mudança, tu es a participaçaõ da vida do mesmo Deos. Ditosos aquelles a quem o Senhor deu graça para obrarem bẽ nos seis dias de trabalho; porque vendo elle depois, e approvãdo por boas essas obras, os meterà cõsigo no descanço deste Sabbado delicado, e interminavel. *Tunc* (concluo com as palavras de S. Agostinho) *requiescent cũ Christo ab omnibus operibus suis ii, quibus dictum est: Estote perfecti sicut Pater vester, qui in Cœlis est. Tales enim faciunt opera bona valde: post enim talia opera speranda est requies in die septimo, qui vesperam non habet.* Lib. 1. de Genesi contrr Manichæos, cap. 22.

Ti-

TITULO VII.

APPETITES.

LII.

De Thomàs Moro, Martyr de Chriſto.

JActava-ſe o impio, e peſtilencial Luthero, de que era couſa milagroſa, e effeito de ſuperior moçaõ, que todo o povo de Inglaterra abraçaſſe taõ facilmente a ſua ſeita. E reſpondendo a eſte diſparate o inclyto Thomàs Moro, em huma carta ſua para outra peſſoa, diſſe: *Por certo, taõ grande milagre he eſſe, como hirem as pedras para baixo.*

INVECTIVA, E APPENDIX.

TUdo o que he ſervir, e amar a Deos, he caminho coſta arriba para a noſſa natureza enfêzada pelo amor proprio, e propenſa ao mal. Querer virtude, e naõ querer trabalho, e difficuldade, o meſmo he, que naõ querer virtude. Eſta verdade atê os olhos quaſi cegos da Gentilidade a reconheceraõ.

A *Ante virtutem* (diſſe Heſiodo) *Dii ſudorem poſuerunt*
Immortales: longa, & ardua via ad ipſum.

E Silio Italico: Lib. 12. Belli Punici.

Perge, age, vince omnem miles virtute laborem:
Et quantum humani poſſunt ſe tendere paſſus,
Arduus accelera.

Antes Seneca diſſe, que a Virtude tinha fome das difficuldades, e dellas ſuſtentava a ſua gloria: *Avida eſt periculi Virtus: & quò tendat, non quid paſſura ſit, cogitat; quoniam & quod paſſura eſt, gloriæ pars eſt.* Lib. De Provident. cap. 4.

Logo ſe Luthero com ſeus dogmas falſiſſimos, punha a virtude, e a ſalvaçaõ, e ainda a perfeiçaõ Euangelica, taõ facil, taõ accommodada, e taõ raſteira: que
B muito era correſſem para alli os corações pezados, e terrenos? Se o caminho do Ceo he eſtreito, e o da perdiçaõ muy largo; que milagre, que por eſte entrem muitos, e por aquelle muy poucos? Se o alvo da verdade conſiſte em hum ſò ponto, e para o naõ acertar ha innumeraveis deſcaminhos: que milagre he, achar quem o errou de propoſito, muitos companheiros, que ás cegas tambem o erraſſem? A Luthero ſeguio grande parte de Inglaterra; a Mafoma ſeguio, e ſegue grande parte do Mundo; a Lucifer ſeguio, ſegue, e ſeguirà a terceira parte dos Anjos. Se aquillo foy milagre em Luthero, mayores Apoc. 12. 4. milagres foraõ os de Mafoma, e Lucifer; porém todos da meſma laya.

Attribuhia aquelle miſeravel o ſequito de outros
C miſeraveis a moçaõ ſuperior. Necedade mayor de marca! Naõ lhe lembrava a ſentença do Eſpirito Santo, que o numero dos neſcios he infinito: porque elle era hum do numero. A moçaõ que a natureza humana tem para deſapertarſe de preceitos, e naõ ſometerſe a obrigações, he a meſma que tem hum novilho para naõ entrar no arado; ou hum potro, para naõ admittir freyo, eſpora, cavalleiro, e vara. Veja là eſte impio, ſe eſta moçaõ he ſuperior. A moçaõ, que tem os hereges para ſe naõ render à Igreja Catholica Romana, he a meſma que Eccli. 1. 15.

teve

teve o Diabo, para deſobedecer a Deos, e naõ adorara Chriſto. Veja Luthero, ſe eſta moção foy ſuperior. Lucifer lá no principio da ſua via, ſendo lhe impoſto por Deos o preceito da adoraçaõ, e rendimento a Chriſto, Homem Deos, determinou-ſe a quebrar o jugo da obediencia, e diſſe com audacia ſoberbiſſima: Naõ hey de ſogeitarme: *A ſæculo confregiſti jugum, rupiſti vincula mea, & dixiſti: Non ſerviam.* Por iſſo tem nas Eſcrituras por nome *Belial*, que quer dizer, O que recuza, ou ſacode fóra o jugo, ou O Apoſtata, ou O que revolve penſamentos de prevaricar: *Mente pertractans prævaricationem.* O meſmo foy Luthero cõtra a Igreja Catholica Romana, prevaricando, apoſtatando, e ſacodindo fóra o jugo, como filho verdadeiro de Belial. Naõ quiz o jugo da authoridade dos Prelados, e ſucceſſores dos Apoſtolos, dizendo, que ſe lhes naõ devia ſogeiçaõ: nem o da obrigaçaõ ás leys, dizendo, que era livre a cada hum viver como quizeſſe: nem o do temor das excommunhões, dizendo que antes a peſſoa devia folgar com ellas, e procurallas: nem o da dependẽcia do favor dos Santos, dizendo, ſer ſuperfluo o culto, e invocaçaõ delles, e que ſe deviaõ abrogar as ſuas feſtas: nem o da determinaçaõ dos Concilios geraes, ou Ecumenicos, dizendo, que podiaõ errar aſſim nos pontos da Fè, como dos coſtumes: nem o da neceſſidade das boas obras, dizendo, que baſta a Fé para a ſalvaçaõ: nem o dos preceitos Euangelicos, dizendo, que nenhum ha no Teſtamento novo: nem o do conſelho da Caſtidade, affirmando, que o celibado he prohibido, e a virgindade couza mà, e contraria aos mandamentos de Deos: nem o do exame, confiſſaõ, e peniten tia para chegar diſpoſto à Communhaõ Sagrada, dizendo, que naõ he neceſſaria: nem o do temor de poder condenarſe, dizendo, que o Chriſtaõ hũa vez que tenha Fé, he impoſſivel perder-ſe, ainda que queira. Em fim quanto pregou, e eſcreveo Luthero, tudo he liberdade, tudo reino da carne, e ſangue. Eylo aqui o Belial *abſque jugo*: eylo aqui apoſtata quebrando os vinculos, e ateimando em que naõ quer ſogeiçaõ: *Rupiſti vincula mea, & dixiſti: Non ſerviam.* Que muito logo, que eſte Belial tiveſſe

filhos

Suar. lib. 7. de Angel. c. 13. a n. 13. Molin. 1. p. q. 63. a 3. memb. 5. Guil. Pariſ. 1. 2. de Univerſo p. 2. principali. Alex. Menſ. 3. p. q. 2. meb. 13. Aſcan. Martin. in Gloſ. magna gen. 1. ſub tit. de bello Angl. Jerem. 2. 20. Beli, id eſt, Non, vel ſine: Hal, ideſt Jugum. Judic. 19. 22. Prov. 6. 12. Nahum 1. 11. Médoça in 1. Reg. c. 2. n. 2.

Caſtro in verbis Sancti Excommunicatio, Spes, Opera, Euangelium, Euchariſtia, Virginitas. Sanderus hæreſi 182. Gualter in collatione ſæculi 16. c. 1.

filhos a quem agradaſſe tanta largueza? Que muito que eſte Lucifer tiveſſe eſtrellas, que ſe deixaſſem arraſtar
A da ſua cauda?

Tinha Luthero jactancia de o ſeguirem muitos: ſe a terá agora no Inferno de o haverem ſeguido? He certo, que quantas almas alli ſe forem despenhando, porque tropeçáraõ nelle, tantos fexes de lenha ſe amontoaõ à ſua fogueira. O erro naõ deixa de ſer erro, porque muitos o daõ; nem a mentira de ſer mentira, porque muitos a affirmaõ. No Concilio Conſtantinopolitano, que ſe celebrou ſendo Summo Pontifice Hadriano II. e Emperador Baſilio Macedo, vieraõ aſſiſtir dos Biſpos, que haviaõ ſeguido a Igreja Romana, ſómente doze, e dos que haviaõ ſeguido a Phocio hereſiarca, cento e dous. Aqui eravaõ os muitos, naõ obſtante ſerem muitos, e atinavaõ os poucos ſem embargo de ſerem poucos. Na Arca
B de Noê ſe recolheu elle ſó, com outras ſete peſſoas, e eſtas ſe ſalvàraõ do diluvio: a todas as mais (que era o reſto do mundo) pareceu aquella fabrica inutil, e o terror vaõ, e todas pereceraõ. A propagaçaõ da Fè Catholica Romana hoje quaſi ſe mede com os ambitos do mundo: mas cazo, que tornaſſe a ſeus limitados principios, ou andaſſe eſcondida pelos cantos, covas, e deſertos, nunca ſe atrôtaria da multidaõ de ſeus inimigos, e perſeguidores. E ſe por poſſivel, ou impoſſivel, hum ſó fiel houveſſe neſta myſtica Arca, eſſe unico (acompanhando a fè com boas obras) eſcaparia do naufragio da morte eterna.

Acreſcentemos a iſto: que ainda que ſaõ tantos os que ſe perdem; por iſſo meſmo que ſe perdem, ficaõ naõ ſendo muitos: antes taõ longe eſtaõ de ſerem muitos, que
C todos pela ſua perdiçaõ ſe reduzem totalmente a nada. S. Agoſtinho: *Nunquam multi ſunt, qui ad non eſſe tendunt. Quid enim tam obnoxium paucitati, quam quod eſt debitum perditioni?* Sobre eſta ſentença (digna por certo de ſeu Author) diz S. Proſpero nos Epigrammas.

Baron. t. 10. An. no Dñi. 869. n. 18.

1. Petri. 3.

Epigram. 11.

Nam qui juſtitiam ſpernunt, non eſſe laborant:
Inque nihil tendunt, & nihil eſſe queunt:
Non ergo illorum poterit pars multa videri,
Quorum in Sanctorum nullus erit numero.

Em vulgar ſe pòde ler aſſim:

Dos que a eterna Ley Sagrada
Rompem, admittindo peccado;
Fica o ſer aniquilado,
Pois o ſer da culpa he nada.
Pela juſtiça violada
Perdendo a Deos, perdem o ſer.
Naõ pòdem pois parecer
Muitos, bem que ſejaõ tantos:
Se nenhum delles com os Santos
Numero chega a fazer.

REVELAÇAM

Sobre a reducçaõ do Reyno de Inglaterra ao gremio da Igreja Catholica Romana.

PAra conſolaçaõ dos que deſejaõ a extirpaçaõ das heregias, e a gloria do Reyno de Chriſto nas melhoras, e augmentos de ſua Igreja, quero trasladar aqui huma revelaçaõ, que anda entre as da Veneravel Virgem D. Marinha de Eſcobar, peſſoa de acreditado eſpirito, e abalizada virtude, que floreceu nos principios do ſeculo paſſado em Valhadolid, debaixo do magiſterio do V. P. Luis de la Puente ſeu Confeſſor, por cuja ordem ella meſma as eſcrevcu. Deixemos porèm o juizo, e approvaçaõ della â meſma Igreja. Diz aſſim:

Tom. 1. l. 5. c. 10. f. 3.

Outra vez me deu noſſo Senhor humas ancias taõ grandes da converſaõ dos infieis, que ſe me arrancava a alma com ellas. Iſto pedia eu ao Senhor com as mayores veras que eu podia. O Senhor me dizia, que tambem ſua juſtiça lhe pedia o caſtigo deſſes infieis. Eu dizia a noſſo Senhor: Naõ Senhor, V Mageſtade lhes ha de perdoar, e convertellos à ſua Igreja. *Em particular ſe me offereciaõ ao penſamento os Infieis do Japaõ, e China, e os hereges de França, Inglaterra, e Alemanha, e muy*

e muy de ordinario faço esta Oraçaõ ao Senhor.

Outro dia me chamou o Senhor pelo meu nome, e me disse: A Ouves, alma? *Eu respondi:* Si meu Senhor. *Repliccou o Senhor*: Queres vir commigo? *Respondi:* Si Senhor. *E o Senhor tornou:* Iràs aonde eu te levar? *Respondi:* Si Senhor. *E logo o Senhor se unio commigo com hum modo de uniaõ admiravel, e me levou comsigo a huma parte, e dalli me mostrou todo o mundo muy clara, e distinctamente por mayor, e me disse:* Ves alli a França, Inglaterra, e Turquia, (*e assim todas as partes do mundo, e provincias, onde falta a Fè:*) agora dize-me: Qual queres destas Provincias, que eu por ti converta à Fè? *Eu respondi:* Todas, Senhor, quizera que te conhecessem, e amassem. *O Senhor respondeu:* Isso naõ convem à minha justiça: dize tu qual destas queres. *Eu, ainda que se me hiaõ os olhos a França, com tudo isso pedi por Inglaterra, e disse:* Senhor, Inglaterra. *O Senhor me respondeu:* B Naõ tem disposiçaõ para isso (*dando-me a entender a sua grande perdiçaõ, e do Rey que agora vive.*) *Porèm cõ tudo isso o Senhor me disse.* Que se faria; porèm naõ nesta idade, senaõ em outra. *Eu repliquey:* Sempre V. Magestade me diz, que ha de fazer cousas, que eu naõ hey de ver! (*E lembroume, que me havia o Senhor dito outra semelhante cousa.*) *O Senhor me disse, que assim convinha, que naõ visse algumas cousas, que elle me dizia: porèm, que outras via; e esta de Inglaterra seria assim; que se havia converter ao Senhor nas idades futuras: naõ sinalando quando, mas só que naõ seria na vida deste Rey, que agora Reyna.*

Acõmodava-se o Senhor ao espirito, & genio desta sua serva, que era candidissimo, e como de hũa creatura de poucos annos.

Notese a chaneza cõ que esta alma tratava com Deos, porque: Cum simplicibus sermocinatio ejus; e o amor he muy cõfiado.

Atê aqui a Serva de Deos: a qual teve esta visaõ no anno de 1618. Donde se infere, que o Rey, que nesse tempo governava toda a graõ Bretanha, era Jacobo VI. de Escocia, e I. de Inglaterra, herege sem embargo de ser filho de pays Catholicos, e de sua mãy ser Martyr: o qual foy chamado a esta coroa no anno de 1603. e morreu no de 1625. O miseravilissimo estado em que o Reyno se achava (que he a indisposiçaõ, que o Senhor disse, para recuperar a Fè) descreve, e lamenta gravemente o V.P. Bento de Confeld, Capuchinho Inglez, que alcançou ainda os tempos do dito Rey, e convertido jà à Religiaõ Catholica compoz hum soliloquio, digno por certo

Spondan. in Prolusione ad sæculum 17. anno 1603. n. 3. & anno 1625. n. 9. Gaulter in Appendice ad Tabul. Chronographicas col. 9. Zachar. Bover. na Chronic. p. 3. *pela translaçaõ de Moncada liv. 9. c. 4. §. 15. & no cap. 14. §. 66.*

certo de se ler, para mais claro desengano, de como a desobediencia ao Romano Pontifice transverte a mais bem ordenada Monarquia, na mais confusa, e cega Babylonia. A

LIII.

Do Serafico Padre S. Francisco.

PErguntado este gsoriosissimo Santo: Porque se negava ao necessario para a sustentaçaõ da vida humana; Respondeu: *Difficultosa cousa he satisfazer à necessidade do corpo, e naõ obedecer à ley dos appetites.* B

EXPOSIÇAM, E COROLLARIO.



Sta sentença se parece com a de S. Nilo Abbade, em que diz que se maravilha, que alguem abastando-se de pão, e agua, possa domar suas paixões: *Admiror quippe, quòd quis, si pane, & aquâ satiatus fuerit, possit coronam assequi carentia passionum.* Que dissera do fartarse, naõ de paõ, e agua, senaõ de tantas, e taõ exquisitas differenças de iguarias; que he necessario imprimir Artes de cosinha, (ou Rituaes do Deos ventre) para naõ errar no officio? E jà houve mestre delle, que se jactava de fazer sô de ovos seiscentas differenças. Que dissera dos capões, que mandava lardear hum Rey com tanta copia de ambar, que cada hum lhe custava cem escudos? He de crer, que na outra vida, a mais custo seu o haviaõ lardear de enxofre. Que dissera, de que jà houve Naçaõ, em que chamar a hum homem publicamente ladraõ, ou adultero, nenhum aggravo era: mas dizerlhe que naõ era bom comedor, se reputava por afronta grave? Nestas, e em semelhantes pessoas estaraõ as paixões taõ dominantes, C

In capitibus de diversis malignis cogitationib. c. 25.

Historia Pontificia 2. p. lib. 6. cap. 27.

Caufino livro 2. da Corte Santa. Embaraço 3.

e enthronizadas, que naõ haverá hum minimo acto de
A renitencia que boqueje contra ellas; entrarà, e sairà o
anno sem se ouvir hum Não quero do espirito contra a
carne; pois taõ carne he jà elle, como ella.

Difficultosa couza he (disse o Serafico Padre) satisfazer à necessidade do corpo, e naõ obedecer á ley dos appetites. Dezejarà alguem saber, em que consista esta difficuldade; visto que em satisfazer áquella necessidade naõ ha peccado, e ha peccado no obedecer a esta ley: e naõ parece facil a passagem do extremo que naõ he vicioso, para o extremo que o he; tendo nós o livre arbitrio que resista, a ley de Deos que refree, e a sua graça que ajude. Respondese, que este discurso he sò apparente; e porque se naõ apalpa a materia, por isso se não acha a difficuldade.

B Primeiramente he muy difficultoso discernir quaes saõ os precisos limites por onde confrontaõ estes dous visinhos, *Necessidade*, e *Appetite*: porque ambos se fundão na natureza, e o mesmo ramo que leva huns frutos bons, ou indifferentes, leva outros ruins, e venenosos. Quem ha de definir ao justo: Atè qui he necessidade de comer, ou beber, ou dormir, ou conversar: daqui por diante jà he vicio. Mayormente sendo quem ha de dar esta sentença taõ antigo domestico do amor proprio, que he ladraõ mais cadimo, que o mais destro sigano. Declarome com este simil. No Prado espiritual se conta de hum virtuozo Monge, a quem o seu Abbade mandou guardar os cochinos do Convento, que andavaõ pa-
C stando debaxo dos bolotaes da mesma caza. Alguns vizinhos, cujas fazendas do mesmo genero confinavaõ com aquella, instigados da inveja, e malicia, se punhaõ à espreita, para que tanto que algum daquelles animaes saisse fôra dos seus limites, tomallo por perdido, e matallo. Andando os dias dezejou o Monge pegureiro subir ao seu convento para tomar alguma refeiçaõ de espirito com os santos exercicios, que costumava. Naõ tendo porém, quem por entretanto ficasse de guarda, confiado na virtude Divina, chamou a toda a grey, e lhe intimou da parte do Senhor, que atè elle tornar, nenhum

delles paſſaſſe de tal, e tal marco, que eraõ os das proprias terras. Caſo maravilhoſo! Taõ pontuaes obedeceraõ todos, que em chegando alli em buſca da lande, A nem hum ſó pé punhaõ fora, e logo revoltavaõ para dentro. Atè que os viſinhos enfadados da eſpera, entràraõ, e às vergaſtadas os procuràvaõ deſencaminhar para fòra: porèm por muita inſtancia que niſto puzeraõ, nũca o poderaõ conſeguir: porque tanto que os perſeguidos animaes chegavaõ ao termo ſinalado pelo Monge, como ſe topaſſem com hum muro de pedra, e cal, tornavaõ a fugir para dentro. Reconhecida em fim a maravilha, pediraõ aquelles homens perdaõ do ſeu depravado intento, contando o caſo. E applicando eu eſte ao noſſo, digo: Que ſe os brutos dos noſſos appetites foraõ taes, que lhes poderamos impor ſemelhante preceito: Atê aqui chegay, atè aqui naõ, facil fora largar à natu- B reza o que lhe compete, ſem perigo de ſe deſmandar. Porêm eſte màogado anda ſolto à bolota, ſem diſtinguir a que he ſua, da que he alheya, e quanto mais engorda, mais grunhe, e naõ ſe diviſaõ bem os marcos deſtes dous terrenos. Logo he conveniente encurtar o da neceſſidade, para que ſe naõ confunda com o do appetite.

A eſta difficuldade de diſtinguir o neceſſario do ſuperfluo accreſce outra, que he de negar o ſuperfluo, e illicito, ſe nos não negarmos tambem em parte no licito, e neceſſario. Uſemos para o declarar de outros ſimiles. Quero endireitar huma vara que eſtá torcida: baſtarà por ventura trazella com moderada força atè àquelle põto, em que fique direita? Naõ por certo; ſenaõ que he neceſſario repuxar para a parte contraria, como ſe a mi- C nha tençaõ foſſe, naõ tirar-lhe o torcimento, ſenaõ trocallo por outro. Quero paſſar hum rio caudeloſo de ribeira a ribeira: baſtará meter a proa em direitura da paragem onde pretendo deſembarcar? Naõ por certo; ſenaõ que he neceſſario metella muito mais arriba, porque a força da corrente ma farà inſenſivelmente vir deſcaindo. Pois aſſim tambem, para huma peſſoa endireitar as ſuas màs inclinações, naõ baſta q̃ procure pòr a natureza em huma mediania racionavel; ſenaõ que he neceſſario pu-

xar

xar para o extremo contrario, e para vir a sahir com a mortificaçaõ, ou negaçaõ do illicito, he necessario
A emproar mais alto, abraçando a negaçaõ do licito. Verb. gr. para que o appetite naõ peça o almoço, que era superfluo, he bem negar à natureza a cea, que era necessaria. Porque o oppetite naõ cubice o alheyo, que he illicito, he bem negar à nutureſa ajuntar, e guardar o proprio, que he licito. *De* semelhante industria usava Saõ Pedro de Alcantara, que quando o corpo lhe pedia mais roupa, porque estava frio, tirava o manto, e ficava mais frio, e quando depois lho restituhia, jà ficava satisfeito, e contente com aquillo mesmo, que de antes lhe naõ bastava.

Deste modo se vencem os appetites. E deo naõ observarmos assim procede, que a cabo de vinte, ou trinta annos de santos exercicios, ainda naõ estamos senhores
B de nossas paixões. Porque sempre queremos conservar os fòros da natureza, e necessidade com que os appetites alli estaõ escondidos, mas naõ attenuados; cubertos, mas naõ opprimidos: antes em se offerecendo occasiaõ, sahem de repente a accometer o espirito, e este se ve em perigo de consentir. Esta he pois a difficuldade que o Serafico Padre dizia, de naõ obedecer à ley dos appetites, quem sempre defere à necessidade da natureza.

Daqui se infere, que para os do seculo he difficultosa a virtude, porque elles mesmos a fazem difficultosa. Mostro-o em casos particulares. Naõ he difficultoso guardar os Mandamentos de Christo, quem se determinar a guardar os seus conselhos: eu naõ quero guardar os seus conselhos; eys-ahi ponho sobre mim a difficuldade
C em guardar os Mandamentos. Naõ he difficultoso evitar as quedas, fugindo das occasiões: eu naõ quero fugir das occasioens; eys-ahi a difficuldade em evitar as quedas. Naõ he difficultoso vencer as tentaçoens, recorrendo à Oraçaõ, e frequencia de Sacramentos; mas eu recuso chegarme aos Sacramentos, e à Oraçaõ: logo como naõ hey de sentir difficuldade em vencer as tentaçoens? Confessando-me a miudo, naõ he difficultoso, lembrarme dos peccados: eu quero que me lembrem, mas quero tambem

confeſſarem de tarde em tarde, ſenaõ for de anno em anno: como naõ ha de ſer iſto difficultoſo, ou como ha de ter eſta confiſſaõ a integridade neceſſaria, ſem o neceſſario exame de todo eſſe tempo? A

Aſſim he em tudo o mais, ſe bem o quizermos conſiderar. Por onde com muita razaõ, ainda que jà com nenhum fruto, confeſſaràõ os reprobos no fim da ſua vida cheya de peccados, e no principio da ſua eternidade cheia de tormentos, que andàraõ por caminhos difficultoſos, e cançados, e ignoràraõ o caminho de Deos facil, e lhano. Porque na verdade o jugo de Chriſto tanto para nôs terà de pezado, quanto lhe furtarmos os hombros, e pelo contrario tanto lhe acharemos de ſuave, quanto lhos ſometermos: *Tollite jugum meum ſuper vos... & invenietis requiem animabus veſtris.* Leitor meu, que chegaſte a eſtas regras. Se te ſervem para o teu eſpirito, e ſe fallaõ com o teu coraçaõ, naõ pares ſô em as ler: confiança em Deos, e mãos á obra. B

Sap. 5. 7. Laſſati ſumus in via perditionis, & iniquitatis, & ambulavimus vias difficiles viam autem Domini ignoravimus

Matth. 11. 29.

LIV.

De hum Santo Prelado de certo Moſteiro.

SAnto Dorotheo, ſendo Monge, pedio ao ſeu Abbade licença para ter hum canivete curioſo, que lhe agradava, e dizia podia ſervir para a caſa da convaleſcença. Pegou o Superior do cabo do canivete, e diſſe-lhe: *Levate o coraçaõ, oh Dorotheo? Queres ſer ſervo deſte brinquinho, em lugar de ſer ſervo de Chriſto? Naõ te envergonha, que huma couſa taõ pouca te domine, & cative?* C

CEN-

CENSURA.

A

COm este canivete se pòdem dar por picados, e feridos muitos Religiosos, e Religiosas, cujas cellas, mais do que cellas parecêm caxas de boforinheiro, ou tendas da capella em Lisboa. Quantas curiosidades, e bugiarias alli guardaõ, e estimaõ, por tantas bocas, sem o querer, estaõ publicando que naõ amaõ a Deos, como deveraõ, nem trataõ dos empregos proprios do seu estado, que saõ Oraçaõ, Mortificaçaõ, fuga do seculo, e as mais virtudes. Nem pòde deixar de ser assim: porque do desvelarse por cousas vãas, e ridiculas, que se ha de seguir, senaõ descuidarse das serias, e importantes? *Curiosus* (disse S. Boaventura) *non curanda curat, necessaria negligit.* E S. Nilo: *Amans quæ non oportent, minime adamabis quæ oportent.* E he difficultoso de quebrar o cordel tresdobrado, de curiosidade, gosto, e vaidade, como disse S. Bernardo: *Funiculus triplex difficile rumpitur, curiositatis, voluptatis, & vanitatis.*

B

In Speculo disciplinæ p. 2. cap. 5.

In sententiis spiritualib. tom. 27. Biblioth. PP. fol. 253.

Quiz Eduardo Rey de Inglaterra experimentar o genio de sua filha Hedburga, cuja idade em leite mais do que em flor, naõ passava entaõ de tres Primaveras. Para este intento tinha posto em hum bofete hum livro dos Euangelhos, e muitos brinquinhos de ouro, e outros dixes proprios de mininos. E entrando Hebdurga nos braços da ama, differaõ-lhe que escolhesse, e a minina fazendo màõ rosto às outras cousas, estendeu a mãosinha, e pegou dos Euangelhos. De que muy contente o pay disse: Vay para onde te chama Deos; que eu, e tua mãy nos daremos por muy ditosos de que nos venças em piedade. Confirmou-se o presagio com o effeito; porque foy Freira, e Santa: que em fogeitos de semelhante esfèra, o muito que deixaõ por Deos obriga ao muito de Deos que alcançaõ. Se do despreso daquellas curiosidades inferio bem aquelle Rey a vocaçaõ de sua filha ao estado de Religiaõ: tambem pelo contrario, do amor, e estimaçaõ dellas se pòde inferir sem temeridade, o pouco

C

Serm. i. de Annnnciatione, paulò post initium.

Vilhelmus Maldesburiensis lib. 2. de Rebus gestis Regum Anglorum, cap. 12.

que

que ſe tem a Religiaõ, que jà profeſſáraõ. Porque he pequena a mão humana para abarcar o Euangelho, ſe já pegou, e ainda naõ larga as couſas do ſeculo. Sabiamente S. Agoſtinho: *Intendite amorem hominis: ſic putate quaſi manum animæ: ſi aliquid tenet, tenere aliud non poteſt: ut autem poſſit tenere quod datur, dimittat quod tenet. Qui amat ſæculum, amare Deum non poteſt: occupatam habet manum. Dicit illi Deus: Tene quod do: non vult dimittere quod tenebat? non poteſt accipere quod offertur.* A

Apud Novarinum Anatomia ſpiritualis, n. 195.

Nem pareça a algum inexperto, que eſtas couſas vis, e de pouco preço, ou momento, naõ tem força para puxar pelo coraçaõ humano. Porque he taõ facil eſte de pegar-ſe a qualquer couſa, que homens ainda prudentes, parecem neſte particular meninos, ou pretos de Angola. Hum menino vão-ſe-lhe os olhos onde vio caſtanhas, ou cerejas, ou algum aſſobio: e ſe lho daõ, fica contentiſſimo, e os da meſma idade, que alli ſe achaõ, correm atraz delle, a participar daquella ventura, vendo, e brincando. Hum preto, ou Indio da America, fica muy ufano, e glorioſo com dous fios de miſſanga, e a certo Rey daquellas gentes, pendurâraõ os noſſos Portuguezes, que alli tinhaõ dado à coſta, huma mão de almofariz ao peſcoço, que elle eſtimou tanto, como ſe fora o Tuſaõ. E outro vendo huma garraſa de perçolana, naõ ceſſava de admirar-ſe, e cubiçalla, e quando facilmente lha deraõ, a guardou com grande eſtima, e cuidado. O meſmo, em ſeu tanto, paſſa às vezes entre peſſoas graves, e eſpirituaes, com a affeiçaõ de couſinhas bem limitadas, a que inſenſivelmente ſe deixàraõ prender: como foy certa ſenhora de qualidade, que eſcapando de huma doença perigoſa, perguntada pelo Confeſſor, ſe ſentira naquella hora o coraçaõ pegado a alguma creatura, reſpondeu, que aos vidros do ſeu Oratorio; e elle entaõ levantando o bordaõ, lhos foy quebrando hum por hum à ſua viſta. B C

Caſtellus in Amalthæo V. Pica.

Tenho para mim, que aſſim como ha infirmidade particular (os Medicos lhe chamão *Picatio*, ou *Malacia*) de que procede às mulheres pejadas o appetite depravado, e vicioſo de comerem couſas ineptas para a nutriçaõ

triçaõ, como saõ barro, cal, torrões, couro podre, e ainda moscas, e aranhas; e tal houve, que lhe deu o antojo em tomar com a bocca aberta o ar de huns folles que ella mesma movia: assim tambem ha malacia espiritual, que nos faz appetecer viciosamente couzas vis, curiosas, e vãas. E se aquella malacia procede de certa infecçaõ do fermento do ventriculo: estoutra nasce do amor proprio, que enfeza as potencias da Alma, tornando as menos aptas para os dezejos do Amor Divino. Pelo que he necessario purgarse o espirito com o amargoso da abnegaçaõ, registrando tudo o que dezeja pela obediencia, e conta fiel ao Director espiritual, como no nosso cazo fazia S. Dorotheo. Lampridio escreve, que Heliogabalo Emperador, de puro ocioso, e vaõ lhe deo no gosto mandar a seus criados caçar, e ajuntar quantas aranhas pudessem achar em Roma. E havendo elles ajuntado dez mil libras dellas, disse o Emperador muy ufano: Por aqui se conhecerà quanta he a grandeza de Roma. Mandou outra vez colher, e recolher grandes enxames de moscas vivas (a que chamava abelhas manssas) accusando de crueldade a seu antecessor Domiciano, que se occupava em as fisgar com ponteiro, e balestilha. Eysaqui em termos a malacia que diziamos, das aranhas, e moscas, trocada de corporal infirmidade, em antojo da alma. E tal he o daquellas pessoas que professando vida espiritual, e sequela das virtudes, se deixaõ cativar do affecto a couzas terrenas, vis, e ridiculas, deitando a perder com isso a suavidade da interior unçaõ do Espirito Santo, que sempre nos pretende levar ao amor das eternas: *Musca morientes perdunt suavitatem unguenti.* Eccles. 10.

A Henric. Oldemburg. Act. Philos. An. 1667. Mens. Novembr.

B Apud Balthasarum Rhodiginum lib. 8. historiæ ludicræ cap. 1. Fides est penes authorem.

C

LV.

De certo Anciaõ do ermo.

HUm Monge velho, e enfermo, foy contra a vontade, e conſelho de ſeu Superior, curarſe em caſa de huma devota donzella; dizendo, que ſua muita idade, gravada em cima com dores, e miſerias, eſtava fòra do tiro das tentações; e por tanto naõ queria ſer moleſto aos companheiros. Convaleſcendo jà, obràraõ a fragilidade do barro de Adaõ, e a malicia da ſerpente antigua, o que facilmente ſe deixa entender. O que viera ſò a tratar da conſervaçaõ do individuo, tratou da cõſervaçaõ da eſpecie, e tornou com hum filho para o Moſteiro, a fazer penitencia. E a quem lhe perguntava, que minino era aquelle? Reſpondia com lagrimas: *He filho da deſobedienia: eſcarmentay em mim, que fuy moço quando jà era velho, e oray por mim, para que ſaiba merecer miſericordia.*

NOTAS.

POm Prelado eſte, pois tinha bom entendimento, e boa vontade; parelha que naõ he muito ordinario acharſe. Tinha bom entendimento, porque antevia cõ eſpiritual prudencia os perigos de que o Monge velho ſe naõ acautelava: e boa vontade, porque antes queria a ſaude da alma daquelle ſubdito, do que o ſeu regalo, e commodidade: que he o aveſſo do que ordinariamente fazem os pays carnaes: e muitos Prelados lhes naõ peza com eſtas auzencias dos ſubditos, antes as facilitaõ, e inſinuaõ, para alleviar a caza de gaſtos, e a ſi de moleſtias.

Naõ

Naõ ſeguir eſte Monge o conſelho do ſeu Superior,
A jà era erro claro: quanto mais o ſeria repugnar, e expugnar o ſeu preceito? E em reſponder que naõ perigava, pela idade ſer muita, deſcobrio outro par de erros. Porque primeiramente moſtrou eſtar coſtumado a obedecer naõ ao preceito, ſenaõ à razaõ delle: como ſe diſſeſſe: O Superior funda-ſe na preſunçaõ, e temor do meu perigo, o qual acho ſer irracionavel, e mal fundado. E tanto que hum ſubdito appella do preceito para a razaõ delle, conſtitue-ſe Juiz *ad quem* de mór alçada: porque faz conta que elle, e o Superior ambos ſaõ ſubditos da razaõ, e que deſta ninguem póde conhecer melhor, que o proprio entendimento. Porèm eſta conta vay errada, aſſim no que ſuppoem, como no que infere. Suppoem, que a obrigaçaõ da obediencia ſe funda na racionabilidade do preceito, naõ ſe fundando, ſenaõ na authoridade
B do Superior, que eſtà em lugar de Deos. E infere, que o ſentenciar eſta racionabilidade pertence ao entendimento proprio, naõ pertencendo ſenaõ ao do meſmo Prelado, naõ ſómente porque o he, ſenaõ porque o meu querer naõ póde inclinar o entendimento alheyo, como póde, e coſtuma inclinar, e torcer o entendimento proprio. Aſſentemos pois neſta maxima todos os ſubditos, que deſejamos acertar: *A noſſa obediencia encaminhe-ſe ao que ſe manda, e naõ ao porque ſe manda.* Todo o mais eſpecular razaõ, he contra outras razões mais altas, e ſeguras.

Mas contentemonos já com que eſte Monge obedeça ſò por razão humana. Ainda aſſim moſtrou eſtar em outro erro; que era ſuppor, que a muita idade he razaõ de naõ perigar a fragilidade humana: como ſe o Ethna naõ
C pudeſſe oſtentar por fòra neves, e encobrir por dentro incendios: ou como ſe o ſopro do demonio, naõ pudeſſe afaſtar as cinzas, e acender os carvões, conforme aquillo do Profeta: *Ecce ego creavi fabrum ſufflantem in igne prunas.* E aquillo de Job: *Halitus ejus prunas ardère facit, & flamma de ore ejus egreditur.* Ahi eſtaõ por teſtemunhas deſta verdade nas Divinas letras Salomaõ depravado depois de velho pelas mulheres alienigenas, e os Juizes

Iſai. 54. 16. juxta D. Hieron. ibi. Job 41. 10. juxta D. Greg. 33. Mor. 21 3. Reg. 4. Dan. 13.

Sede-

Sedecias, e Achab, a pezar do grave de ſeus annos, e of-
Jerem. 29. 21. juxta Orig. & Hieron. ficio, eſpreitando, e commettendo a caſta Suzanna: para
Athenæus Dipnoſophiſta lib. 13. cap. 22. que deixamos nas humanas, a Anacreonte, e a Sofocles A
Liſius Gregorius in hiſtoria Poetarum. Poeta com a ſua Archippe, que foraõ juſta irriſaõ dos que
Natal. Comit. lib. 6. Mytholog. c. 7. viaõ em troncos ſeccos luxuriar verduras, e a Egeo Rey
de Athenas com Medea, da qual por iſſo ſe dizia, que
transformava os velhos em moços por virtude de ſuas
hervas maleficas: e aquelloutro de quem cantou Tibullo:
Eleg. 2. lib. 1.

Vidi ego, qui juvenum miſeros luſiſſet amores,
Poſt Veneris vinclis ſubdere colla ſenem.

Tem os noſſos olhos (como diſcretamente diſſe Eu-
Euſeb. Stromate. 8. cap. 5. ſebio) naõ ſey que da natureza da pedra de ferir, que to-
cados com a preſença, e agrado do outro ſexo, despe-
dem faiſcas, que accendem o coraçaõ, e abrazaõ as vir-
tudes: *Egenere ſiliceo viſus eſt, atque illiſus formæ parturit* B
ignes. E devemos aſſentar, que contra o violento, e re-
pentino deſtas chammas, naõ he ſegura defença a ancia-
nidade: a Humildade ſim, e a Oraçaõ, e Penitencia, e
o declinar as occaſiões: porque o declinar as occaſiões
afaſta o fogo, a Penitencia diminue a lenha, e a Oraçaõ,
e Humildade reprimem os ſopros do inimigo.

Daqui ſe ve, que o naõ ver eſte Monge o ſeu perigo,
era proxima diſpoſiçaõ para cahir nelle: pois neſta ma-
teria a ſegurança ſò naſce do temor: *Timor virtutis cuſtos,*
ſecuritas ad lapſum facilis; diſſe S. Jeronymo, e Tertul-
Epiſt. 129. ad Fabiolam. liano: *Qui præſumit, minus veretur, minus præcavet, plus pe-*
Tertull. De cultu fœmin. *riclitatur*: Quem confia menos recea, menos ſe acautela,
e por conſeguinte mais periga. Quanto hum for mais
Santo, tanto deve creſcer neſte temor Santo. Aquelle
verſo de David, *Rex virtutum dilecti, dilecti*, verte C
Flamminio, *Reges virtutum fugient, fugient.* Das occa-
ſiões fugir, e mais fugir; fugir quando moços, e fugir
Pſalm. 67. quando jà velhos; fugir ſãos, e fugir infermos; fugir das
laſcivias, e fugir tambem das honeſtas. Menos diſto, po-
derà ſer que os Senhores das virtudes paſem em eſcravos
dos vicios.

O pretexto de eſcuſar moleſtias aos outros Monges,
pode

pòde ser naõ vieſſe de ſe compadecer delles; ſenaõ de naõ
A que er padecer com elles, e naõ ſeria ſobra de caridade,
ſenaõ falta de mortificaçaõ. Eſtaria maſcarado o proprio
commodo que buſcava, debaixo do incommodo alheyo,
que ſalvava. Por ventura naõ era tambem proxima a
Donzella ſobre quem havia de carregar todo o trabalho?
ou teria mais virtudes, e mãos para o ſolevar? Logo
porque razaõ em caſa della ſim; e no Moſteiro naõ? He
que alli gozaria de mais quietaçaõ, mais carinho, mais
pontualidade, e eſſas mãos ſeriaõ mais limpas, e delica-
das; e aos gemidos do enfermo reſponderia amoroſo eco
nos da enfermeira; e as viandas levariaõ o perrexil dos
ſeus rogos, os quaes naõ podiaõ ſer melhor agradecidos,
do que ſendo aceitos. Eys-aqui a maſcara fóra, e às cla-
ras o amor proprio: pois nada diſto pertencia direita-
B mente ao allivio dos outros Monges, ſenaõ ao da ſua
pelle.

Graves ſaõ os inconvenientes, e perigos que tem a
cura de Religioſos em caſa de parentes, e devotos. Ver-
dadeiramente iſto naõ he curar-ſe, ſenaõ obedecer mais,
e talvez cahir na morte, como neſte caſo ſuccedeu. Por-
que aſſim como Deos, occultando o beneficio, ſàra quan-
do fere: *Ipſe vulnerat, & medetur; percutit, & manus ejus ſa-*
nabunt: Aſſim o demonio, occultando a tentaçaõ, fere Job 5. v. 18.
quando ſara. Oh quantas utilidades rende ao bom Reli-
gioſo a ſua clauſura! Ella he aquelles grilhões, em que
metido o pè, ſe tornaõ de grilhões em eſcudo de amparo,
e defença: *Injice pedem tuum in compedes illius... & erunt* Eccl. 6. v. 25. & 30.
C *tibi compedes illius in protectionem fortitudinis.* He aquella
bem-afortunada neceſſidade, que nos compelle a ſer vir-
tuoſos, como diſſe S. Agoſtinho: *Felix neceſſitas, quæ in* Epiſt. Ad Arm. &
meliora compellit. He aquelle terreno fertil, e abrigado, Paulin.
onde os eſpiritos, como plantas, ſe coroaõ de virtudes,
como de flores: *Plantati in domo Domini, in atriis domûs Dei* Pſ. 91. 14.
noſtri florebunt. Por ſymbolo deſta virtude pintou hum
diſcreto hũa flor no canteiro de hum jardim, ajuntando- P. Silveſter à Petra
lhe a epigrafe: *NON ALIBI MELIUS: Fòra daqui naõ* Sancta.
me vay melhor.

Ao Monge do noſſo caſo, naõ ſò lhe naõ foy melhor,

ſenaõ

ſenaõ peſſimamente. Mào foy cahir em eſtupro, contrà a Caſtidade; peyor em ſacrilegio (ſe he que aquelles Religioſos tinhaõ voto,) contra a Religiaõ; peſſimo em eſcandalo, contra a Caridade. Pela deſobediencia, filha da ſoberba, naõ pòde vir bom ſucceſſo: pois he formalmente vontade propria, implicada com a de Deos, que eſtà no Superior: *Qui vos ſpernit, me ſpernit.* Huma Deoſa fingio Homero, por nome *Ate*, que quer dizer Lezão; dizendo, que por onde quer que paſſava, tudo deſtruhia, e inficionava, como ar peſtilente. Eſta adorada Deoſa, naõ fabuloſa, mas verdadeira, me parece ſer a Vontade propria. Quem poderá explicar o pernicioſo de ſeus efeitos onde quer que toca? Atè o halito, e viſta ſaõ venenozos, como no Regulo; porque o deſobediente, e voluntario, Regulo he, que ſe amotina contra Deos. Quanto he de ſi meſma, atè ao meſmo Deos mata a vontade propria: S. Bernardo: *Et ipſum quantum in ipſa eſt, Deum perimit voluntas propria.* Parecerà ſentença hyperbolica, e he pontual verdade; porque quem tirou a vida a Chriſto, ſenaõ a vontade propria de ſeus emulos? *Tolle, tolle, crucifige eum:* E antes diſſo a de noſſo primeiro pay: *Tulit de fructus illius, & comedit.*

A

B

Luc. 10. 16.

Cælius Rhodigin. Antiq. lect. l. 2. c. 7. & lib. 2. c. 26.

Greg. Gyrald. De hiſtoria Deorum Syntagmate 1.

Homer. Iliad 19.

D. Bern. ſerm. 3. de Reſur.

Outro caſo direitamente contrario a eſte anda no Prado Eſpiritual, que traſlado aqui, porque os oppoſtos confrontando-ſe, ficaõ mais illuſtrados. Era hum famoſo Ermitaõ que vivia com hum ſeu humilde diſcipulo, ſuſtentando-ſe ambos das eſmolas, e aparelhos para trabalhar, que de certos em certos dias, lhes trazia hum devoto ſecular morador em huma povoaçaõ viſinha daquelle ermo. Succedeu que huma vez tardou muito eſte coſtumado ſubſidio, e por mais que a tolerancia do Ermitaõ foy diſſimulando com a fome, ſe determinou em fim a enviar aquelle diſcipulo a ſaber a cauſa, e procurar o remedio. Perguntoulhe primeiro, ſe ſe achava com animo de ir a povoado? Reſpondeu: Farey, Padre, o que me mandares. Naõ quiz todavia o prudente meſtre uſar logo deſta indifferença do diſcipulo, temendo por elle quanto elle por ſi naõ temia. Porèm creſcendo a neceſſidade mais depreſſa que os dias, e tornada a explorar a von-

C

Joan. 19. 15.

Gen. 3. 6.

Livro 2. c. 10.

Caſo maravilhoſo de como a obediencia ſalva dos perigos.

vontade do diſcipulo, o dirigio àquelle lugar, dizendo-lhe: Confio em Deos que te livrarà de toda a tentaçaõ.
A E lhe lançou a bençaõ, e ficou orando por elle. Havendo pois chegado o obediente diſcipulo a caza daquelle bemfeitor, ſoube que elle com ſua familia tinha ido a celebrar hum Anniverſario por ſeus antepaſſados. Naõ ficàra em caza mais que hũa filha ſua, a qual ſaindo à porta, lhe rogou que entraſſe, e tomaſſe algum deſcanço. Recuzava o Monge eſte perigoſo lance: porèm ella inſiſtio taõ porfioſa, pegandolhe pelo habito, que houve de entrar mais levado, do que por ſua vontade. E logo o tentador ſe declarou pela boca, e braços daquella màhoſpeda, mais do que convem declararſe aqui por eſcrito. Vio o pobre Monge titubear o caſtello da ſua caſtidade, ao rebentar de baxo eſta eſcondida mina de polvora infernal. Gemeo, e deu vozes ao Ceo, dizendo: *Deos do meu ſuperior, ſalvame neſta hora.* Cazo maravilhoſo! no meſmo ponto que proferio eſtas palavras, ſe achou,
B ſem ſaber como, junto de hum rio, que eſtava entre aquelle lugar, e a ſua cella. E entrou à preſença do ſeu Meſtre, qual naufrago nas prayas, ſalvo ſobre a fiel taboa da ſua obediencia.

Naõ concluhio o negocio a que ſaira do deſerto, porèm tambem o demonio naõ concluhio o ſeu, para que entràra no coraçaõ daquella mulher. Baſtante eſmola levou de Deos, em ſe levar a ſi para o deſerto, podendo ficar perdido no povoado. De junto de huma fogueira ſe achou milagroſamente tranſpoſto junto de hum rio: quanto a agua apaga o fogo, tanto a fugida as tentaçoens da carne. Naõ erràra em vir do deſerto a povoado: errou porêm em entrar da porta à dentro em caza, ſabendo já naõ eſtava alli quem buſcava para a eſmolla, e eſtar
C quem o podia buſcar para a ruina. Em caſtigo deſta imprudencia experimentou os apertos da tentaçaõ, mas em abono daquella obediencia eſcapou victorioſo della: *Vir obediens loquetur victorias.* Note ſe pois neſtes dous cazos quanto vay de ſair da clauſura com bençaõ, ou ſem ella; por vontade alheya, ou pela propria; pelo Deos do noſſo ſuperior, ou pela Deoſa Ate do noſſo appetite. Prov. 21. 28.

Mas em fim tambem o noſſo primeiro Monge depois do s ſeus erros de homem, teve por miſericordia divina os ſeus acertos de Santo. Reconhecer, e deteſtar a cauza do ſeu mal, naõ obſtinarſe nelle, emproar outra vez para o porto, a pezar dos furores de taõ procelloſa tempeſtade, levar comſigo o filhinho, letreiro vivo, e permanente do ſeu delicto paſſado, em o qual quantas vezes empregaſſe os olhos, tantas diria com elles lagrymoſos: *Iniquitatem meam ego cognoſco, & peccatum meum contra me eſt ſemper:* pedir orações para conduzir as ſuas ao divino acatamento: tudo foraõ actos de fina humildade, e verdadeira penitencia, tornando a rebentar, e a florecer pelos vigores da graça a arvore, que arejâra pela malignidade do peccado.

Pſ. 50. v. 5.

LVI.

De S. Macario Abbade.

EVagrio indo de longe viſitar a S. Macario famoſo Anacoreta, chegou cançado no fervor do meyo dia, e pediolhe agua. Diſſelhe o Santo com muita manſidaõ, e agrado: *Filho, contenta-te com eſta ſombra, que muitos peregrinos, e navegantes a dezejaõ, e naõ tem.*

REFLEXAM, E MORALIDADE.

DEulhe de beber: porèm outra agua mais pura, e ſalutifera, que foy a doutrina da paciencia, e temperança, manando da fonte de ſua ſabedoria: porque: *Aqua profunda verba in ore viri, & torrens redundans fons ſapientiæ.*

Prov. 18. v. 14.

Div. Aug. hæreſi 64. Div. Epiphan. hæreſi 46. & 47.

Hereges houve, q̃ no Calix Euchariſtico offereciaõ ſò agua, chamados por iſſo Aquarios. De nenhũ fruto era este calix. Offerecer porêm a Deos, naõ agua, mas a ſede della

della em tempo de cançaſſo, e calma, naõ deixa de ſer ſacrificio agradavel; como ſe vio em David, encontrando
A a que os tres valentes lhe trouxeraõ da ciſterna de Belem. Opportuno alivio para os que padecem alguma neceſſidade, conſiderar que outros a padecem mayor. Aſſim aquelloutro Ermitaõ (paſſemos o cazo da ſede para a fome), que lhe parecia extrema penuria comer ſò huma maçãa cada dia, depois ſoube que iſto era regalo, porque outro ſolitario paſſava ſô com as aparas della, q̃ lhe hiaõ pelo rio abaxo, onde as eſperava.

2. Reg. 23. 16. Ait ille noluit bibere, ſed libavit eam Domino.

Tambem a peſſoa eſpiritual, que cançada com os exercicios da vida activa, ſuſpira por algum refrigerio da contemplaçaõ, e naõ acha mais que huma eſcura ſombra da preſença de Deos, pòde applicar a ſi eſta ſentença de S. Macario: *Filho contentate com eſta ſombra, que no de-*
B *ſerto, e mar deſte ſeculo, muitos peregrinos, e navegantes a tomaraõ, que a naõ tem.*

LVII.

De certos Filoſofos de Grecia.

HAvendo Alexandre Magno perguntado a huns Filoſofos de grande nome varias queſtoens, e ouvido com ſatisfaçaõ, e agrado ſuas diſcretas reſpoſtas, quiz premiallas, e lhes mandou pediſſem o que quizeſſem. *Pedimos* (diſſeraõ
C elles) *que nos faças immortaes.* Agora (replicou Alexandre) perco o bom conceito que de voſſa ſabedoria tinha formado: porque como poſſo eu dar o que naõ tenho? Inferiraõ os Filoſofos: *Logo mortal es tu?* Naõ o nego (diſſe o Emperador). *Pois ſe es mortal,* (tornàraõ elles) *para que vives como immortal, conquiſtando o mundo, affectando ſeres adorado, e ſeguindo teus antojos, e appetites?*

PARERGO.

A

MUitos Alexandres houve ſempre, cada qual ancioſo, e occupado em conquiſta do ſeu mundinho; huns quanto às honras, outros quanto aos goſtos, outros quanto às riquezas; e todos eſquecidos da morte: porque ſe entràra eſte deſengano, deſapparecerão aquelles appetites. Por iſſo a primeira diligencia que o diabo fez, para que o homem começaſſe a appetecer, foy tirarlhe da apprehenſaõ que havia de morrer: *Nequaquam morte moriemini.* Quem determina naõ mudar de caſas, trata de as accõmodar com armações, pinturas, jardins, varandas, miradores, e outras bemfeitorias ſemelhantes. Se todo o noſſo eſtudo, e deſvello he preparar ao noſſo logro as couſas deſta vida, certo he que naõ cuidamos em que nos B havemos mudar della, para a caſa da noſſa eternidade: *Ibit homo in domum æternitatis ſuæ.* Decidio Conſtantino em huma ley, que toſſe valioſo o teſtamento do ſoldado eſcrito no pó da campanha. Todo o homem neſta vida he ſoldado; e o mundo, e o pó da ſua carne propria, ſaõ a campanha onde milita: *Militia eſt vita hominis ſuper terram.* Sò os deſenganados eſcrevem no ſeu pó, tendo a morte proxima na ſua conſideraçaõ: e o que entaõ diſpoem de ſi, e de ſuas couzas, iſſo he o que val.

Gen. 3. v. 4.

Eccl. 12. v. 5. L. Milites cod. De teſtam. milit.

Job 7. v. 6.

A immortalidade da Alma muitos impiamente negaraõ, como foraõ os hereges Arabicos, e os Thnetopſychitas, e mais modernamente hum Hermano Riſſuic Olandez, e os Deiſtas, ou novos Arrianos, que no anno de 1564. romperaõ em Polonia. Porêm a mortali- C dade do corpo naõ ſerà facil encontrar nas hiſtorias, quem ſe atreveſſe a negalla: porque ao redor de nòs, e dentro em nòs temos continuamente o contrario deſengano: e ainda que alguns affectàraõ parecer Deoſes, ſempre o ſeu coraçaõ os deſmentia. E por muito, que alguns Reys, e Emperadores barbaros ſe gloriaſſem de intitularſe com appellidos, e elogios ſoberbiſſimos, naõ ſey que ouzaſſem de tomar entre elles o de immortal.

Sander. hæreſ. 1811 & 228. Prateol V. Herm. Riſſuic Auguſt hæreſi 88. Geneb. in Pio IV.

Seja

Seja exemplo hum Sapor Rey de Perſia, que eſcreven-
A do ao Emperador Conſtantino, começou aſſim a carta:
O Rey de Reys Sapor, participante das Eſtrellas, irmão
do Sol, e da Lua, a Conſtantino meu irmaõ ſaude, &c. Petr. Jarric. tom. 1. Theſauri eorum.
E hum Rey de Biſnaga na Aſia, o qual ſe intitulava Indicarum.
Eſpoſo da boa fortuna, Deos das grandes provincias,
Rey de Reys potentiſſimos, Senhor de todas as cavallarias, Meſtre, e Doutor dos que naõ ſabem fallar, Emperador de tres Emperadores, Conquiſtador de tudo o que ve, e Conſervador de tudo o conquiſtado, de quem as oyto partes do mundo tem medo, Cavalleiro que não tem par, Deſtroçador de quaeſquer fortiſſimos, Caçador de Elefantes, Senhor do Oriente, do Auſtro, e Septentriaõ, e Occidente, e de todo o mar, &c. Eys-aqui como entre tanta variedade de flammantes plumas, e folhagens, naõ puzeraõ eſtes homens no paquife do
B ſeu elmo, o titulo de Immortal, ou izento do ſenhorio da morte. Pois por certo que naõ ficou à mingua de ſoberba, nem de dezejo deſte nunca viſto, e ſempre appetecido privilegio: mas o coraçaõ naõ podia arribar a crer, e eſperar contra o que o perpetuo fluxo de todas as couzas tranſitorias lhe eſtava proteſtando.

Huma noticia muy rara neſte particular nos deraõ os Padres Alberto Dorville, e Joaõ Grubero da Companhia de JESUS (de que jà fallàmos), os quaes voltando da China para Europa no anno de 1661. paſſàraõ pelo Reino de Tanchut, que he hum dos do Preſte Joaõ. E viraõ como ha naquelle Imperio dous Reys, hum que adminiſtra todo o temporal, outro que faz figura como
C de Summo Pontifice, a que chamaõ o Deos Pay, ou celeſte, e commummente o graõ Lama. Eſte em toda a Tartaria, e nos Reynos conviſinhos tem tal veneraçaõ, que qualquer Rey, e ainda o meſmo Emperador, naõ póde coroarſe, nem exercer ſeu officio, ſem primeiro mandarlhe eſpeciaes Embaxadores a pedirlhe a inveſtidura, ou inauguraçaõ, com preſentes precioſiſſimos. Vive ſempre nos delicioſos retiros do ſeu palacio, e a muy raras peſſoas ſe moſtra por favor grande em huma riquiſſima tribuna rodeada de alãpadas, ſentado como mulher

Athan. Kirker nè ſua China illuſtrada.

ſobre hum coxim precioſiſſimo; e recebe em tudo culto, e ritos, e ceremonias como Divindade. E a taõ alto grão de eſtima ſubio a noſſa veneraçaõ, (pondere-ſe a illuſaõ do noſſo inimigo commum, com que ſempre procura fazer contumelia à natureza humana) que até os ſeus excrementos ſe entende, e cre que ſervem contra todo o genero de enfermidades: e por conſeguinte os applicaõ miſturados em todos os medicamentos; e naõ ſe envergonhaõ, antes ſe gloriaõ de os trazer em bucetinhas de prata, e ouro pendentes ao peſcoço, como certiſſimo amuleto contra todo o máo ſucceſſo. Mas porque a morte com a ſua irreverente gadanha naõ deite abaxo toda eſta falſa tramoya de Divindade: tanto que o Graõ Lama morre, os ſeus familiares, que vivem groſſamente das gajes deſte embeleco, tem jà preparado outro homem que ſe pareça com elle, e o ſuſtituem no ſeu throno, affirmando ſer o meſmo, porêm reſuſcitado: de ſórte que o que reinava no tempo que os ditos Padres alli ſe achàraõ, era jà reſuſcitado ſette vezes. Nem ſe atreve peſſoa alguma a ſoſpeitar niſto falſidade, ſobpena de apoſtaſia da ſua fé. E temos hum homem, ſenaõ immortal ſimpleſmente, ao menos redivivo a foro de Fenix, ou que traz a immortalidade em prazo de muitas vidas, quantas a malicia, e cegueira daquellas gentes quizer, huma, e outra effeitos do Demonio, que as domina, e dementa. A B

Plutarco eſcreve, que a grande Deoſa Iſis andando na terrra disfarçada, foy tomada por ama de leyte de hum minino filho delRey Malcandro, e da Rainha Aſtartes: e que ella em lugar de peito, lhe metia o dedo na boquinha, e huma vez o rodeou de celeſtiaes labaredas, para conſumir nelle toda a immortalidade. Porêm a mãy ao ver abrazarſe o minino, deu repentinas vozes, com que a Deoſa deſappareceo, e a creatura ficou, por eſta inadvertencia da mãy, defraudáda de taõ grande dita. Quando a Natureza Divina formou a Humana, no Paraiſo terreal, lhe poz que meteſſe na bocca, com que pudeſſe ſer immortal. Porque os frutos da arvore da vida tinhaõ concreada por Deos virtude natural, para C

In Commentario de Iſide, & Oſiri-Ie.

D. Thom. 1. p. q. 102. a. 1. Cajetan. Salian. Alap. Valeſius deſacra Philoſophia.

para sustentar as forças, preservar de doenças, restaurar o humido radical, e conservar em perfeito equilibrio a-
A quelles quatro pezos dos humores, com que se governa o relogio da nossa vida. Se o homem (innocente até alli, como minino) guardando o divino preceito naõ perdesse a original justiça, todos gostosamente chupariamos do dedo omnipotente desta soberana, e naõ fabulosa Isis: e a seu tempo, segundo o beneplacito divino, seriamos trasladados ao Paraiso superior, sem passar pelas portas da morte; que he o que todos dezejamos, como disse o Apostolo, naõ despir o corpo, mas revestillo de immortalidade: *Nolumus expoliari, sed supervestiri.* Ad Cor. 2. c. 5. v. 4.

Já agora desappareceo aquelle feliz estado, entrando a morte chamada pela culpa: e assim quantos saõ os garsos de Adam, tantos saõ os tributarios da mortalidade.
B Porém graças à Divina Misericordia, que onde abundou a culpa, fez superabundar a graça. Naõ pereceo o bom proposito de Deos para com o homem, antes o melhorou, pondonos no Paraiso da Igreja outra melhor arvore da vida, que he o Sacramento ineffavel da EUCARISTIA, da qual quem come com disposiçaõ, recebe a vivifica semente da Divindade, de que a seu tempo ha de brotar a resurreiçaõ dos corpos gloriosa. Este verdadeiramente he o peito racional, como disse S. Pedro, e o peito de Reys, como disse Isaias, *Mãm lla Regum*, com que os fieis somos criados, e nutridos, para que naõ se convertendo este sustento em nòs, como os mais, senaõ nòs nelle, seja nossa mortalidade absorta, e abrazada da Divindade, por admiravel obra do seu amor, que seja bendito eternamente.
C

Vid. D. Irenæum lib. 4. c. 34. Greg. Niss. Or. magnæ catechet. c. 37. Cyrill. Alex. l. 4. in Joan. c. 14. 1. Petr. 2. 2. Isai. 60. 16. Vid. Turrian. l. 2. de Eucharistia c. 20. & 21. Salmerõ, in 1. Petr. 2. Theoph. Raynaud. tr. de Agno certo c. 5.

A

TITULO VIII.

ARMAS.

LVIII.

De Dom Joaõ de Caſtro Governador da India.

B

ESTando de partida para aquelle Eſtado eſte memoravel Heroy, ao paſſar por huma rua de Lisboa, vio à porta de hum alfayate hum jubaõ riquiſſimo. Pedio que lho moſtraſſem, perguntou cujo era: reſpondeu o official, que era de hum filho de ſua Senhoria, que ſe embarcava para a India: como iſto ouvio o fidalgo, pegou da tezoura que alli eſtava, e fez o jubaõ em tiras, e diſſe: *Dizey a meu filho que compre armas, e mais armas; que eſtas ſaõ para homens, e iſſo he ſó para mulheres.*

ENCOMIO, E VEXAME.

C

ESte Caſtro he huma das animadas eſtatuas que ennobrecem o templo da fama; de quem o Portuguez Homero cantou:

Albuquerque terrivel, Caſtro fórte,
E outros em quem poder naõ teve a morte.

Foy o que para defender Dio cançada com taõ prolongado

gado sitio, pedio a Goa vinte mil pardaos empreſtados
A sobre huma gadelha da ſua barba, que cortou, e enviou na carta, e a Cidade lhe tornou a mandar taõ veneravel penhor, juntamente com o ſubſidio que pedira, avantejado. Hoje naõ ſerà facil achar gadelhas na cabeça dos Portuguezes, quanto mais nas barbas, ainda que as buſquem pelos 20U pardaos. Queira Deos naõ ſe auzentaſſem com as barbas tambem o valor, e a ſizudeza: conforme aquelle dito de Hieronymo Rheto, Profeſſor na Academia de Baſilèa, que perguntado porque criava barba branca taõ comprida, reſpondeo: *Barba, para não obrar como mulher, branca, para naõ obrar como muchacho.* Faria t. 2. da Aſia Portugueza p. 2. c. 3. n. 11.

Como o noſſo Caſtro era tal, queria tal o filho; porque os filhos ſaõ parte maxima dos pays, ou a meſma peſſoa moralmente. E os veſtidos molles, ou ſuppoem,
B ou fazem molle tambem o eſpirito: nem ao corpo ſe daria taõ precioſo culto de galas, ſe ao animo ſe dêſſe cultura de virtudes, como diſſe S. Bernardo: *Mollia indumenta animi mollitiem indicant; nec tantùm curaretur corporis cultus, niſi prius neglecta fuiſſet mens inculta virtutibus.* Mas ſe aquella tezoura houveſſe hoje de continuar ſua cenſura, quantas tiras, e retalhos haveria? Nós em vez de a metermos pela demaſia das galas, a metemos pelas pregmaticas; e havendo de cortar pelo vicio que nos deſtroe, cortamos pela ley que o emenda; e para iſto tanto importa ſer filhos de officiaes, como de Governadores; tanto paſſear pela corte, como embarcar para a India. Bern. in Apolog.

Diſſe, que compraſſe ſeu filho armas, e mais armas:
C porque aſſim como os letrados folgaõ de ajuntar livros, e os tratantes fazendas, e os caçadores muitos cães; aſſim quem profeſſa a vida militar, deve ſer curioſo, e afeiçoado a armas, e mais armas. Com eſte genio Xenofonte Athenienſe, valeroſo Capitaõ dos Gregos contra Artaxerxes ſe prezava do ſeu broquel Argolico, e peito Atico, e do capacete forjado pelos famozos artifices de Beocia, e do ſeu cavallo Epidaurio: e dizia, que ſe ſuccedeſſe morrer na batalha, em ſuas proprias armas tinha honrado monumento. Aſſim Homero celebra a machadinha de Piſandro, as ſettas de Meroina, a lança Ælian. lib. 3. de varia hiſt.

de

de Aquilles, e a espada de Memnon, aquella conservada no Templo de Minerva, esta no de Esculapio. Assim tambem Silio Italico pinta a hum famoso Capitaõ deleitandose com hum prezente de armas, q̃ lhe offereceraõ. A

Ecce autem clypeum sævo fulgore micantem
Oceani gentes ductori dona ferebant,
Sil. lib. 2. *Callaicæ telluris opus; galeamque coruscis*
Subnixam cristis, vibrant cui vertice coni
Albentes niveæ tremulo nutamine pennæ,
Ensem unum, ac multis fatalem millibus hastam;
Præterea textam nodis, auroque trilicem
Loricam, & nulli tegmen penetrabile telo:
Hæc ære, & duri calybis perfecta metallo,
Atque opibus perfusa Tagi, per singula latis
Lustrat ovans oculis———— B

E do modo que os homens dados à litteratura ajuntaõ formosas Bibliothecas, e instituem curiosos Musèos: assim os estudiosos da profissaõ Marcial, fazem, e provêm armazens insignes. No que fez o illustre Cavalleiro Henrique Ranzovio em Bredemberga, onde està muita, e grossa artelharia, se lem estes versos.

Longa domus belli capit instrumenta cruenti,
Dum bona tranquillæ tempora pacis eunt.
Grandia stant illic. uteris tormenta cavatis,
Et nunc, ceu placido pressa sopore, tacent.
At subeant hostes, mox longa silentia rumpent,
Et piceas flammas ore, pilasque vomen. C

Disse tambem, que os jubões ricos eraõ só para mulheres, porque fallava em tempo que ellas traziaõ juboens. Hoje quem senaõ acautela de levantar os olhos, o que vê naõ saõ jubões, senaõ huma mençaõ delles, ou huns principios que o intentavaõ ser, mas cortàraõ-lhe as esperanças, por senaõ afogar a vaidade, que quer nadar nua à sua vontade. O mais anda como na seita dos Hereges Adamianos, que professaõ a desnudez de nosso pay Adam

no

no Paraiſo, dizendo, que paraizo he a Igreja Catholica,
A e cuidaõ ſendo hereges, que eſtaõ na Igreja: aſſim nus oraõ, ouvem os ſermoens, e recebem os ſeus ſacramentos. Aſſim fazem as noſſas Adamianas, porque a meſma deſnudez he o ſeu paraizo: nem ſe pejaõ de chegar à tremenda Meſa Eucariſtica deſpeitoradas, e com as cabeças meyo deſcubertas, affectando que o manto, ou capinha deſobedeçaõ às diligencias de ſe chegarem, quando he cuidado de propoſito, o que parece caſual deſcuido. Mas o cuſto que forraõ na deſnudez na parte ſuperior da eſtatua, cemdobraõ no precioſo dos mais veſtidos, e adornos. Em Roma naõ ha muito tempo (diz Cauſſino) ſe achou huma urna, ou jazigo de marmore, de oyto pès de comprimento: e dentro huma rica veſtidura, da qual queimada ſe tiràraõ trinta, e ſeis libras de ouro: acha-
B raõ-ſe mais quarenta aneis de ouro, e hum cintilho de eſmeraldas: e entre toda eſta riqueza os oſſos de huma defunta. Moſtravaõ ſer mulher alguns veſtigios do epitafio: e quem era, parece que tanto amava o ornato em vida, que o naõ quiz deixar nem depois de morta. Porque, como diſſe hum dos amigos de Job: os vicios de cada hum naturalizados pelo coſtume, vaõ dormir com os ſeus oſſos no pó da ſepultura: *Oſſa ejus implebuntur vi-* Job 20. 11.
tiis adoleſcentiæ ejus, & cum eo in pulvere dormient.

LIX.

C *De Affonſo de Albuquerque primeiro Governador da India.*

EDificando eſte grande Capitaõ huma Fortaleza em Ormùs, Coje Atar, que governava em lugar delRey Ceyfadim, e que niſſo tinha conſentido mais por medo do que por vontade, fazendo-ſe juntamente tributario a ElRey de Por-

Portugal em dezaſette mil Xerafins cada anno,
Xerafim val tres toſtoens. uſou deſta aſtucia para divertir a obra, e iſentar-
se do tributo. Fingio ſerem vindos os Embaxado-
res de ElRey de Perſia, a cobrar o tributo que co-
ſtumava pagarlhe: e enviou a dizer ao Albuquer-
que, que reſpondeſſe elle, viſto que Ormùs ſe a-
chava debaxo da vaſſallagem delRey de Portugal.
Suſpeitou o Albuquerque o dolo, e diſſe, que lhe
remetteſſe os ditos Embaxadores, ou quaeſquer
outras peſſoas em ſeu nome, para levarem a repoſ-
ta. Mandou Coje as que lhe pareceo, por ſuſten-
tar o eſtratagema: e elle lhe encheo as mãos de ba-
las, dardos, ferros de lanças, e farpões de ſettas; e
lhes diſſe: *Bem podeis aſſegurar là, como neſta moe-
da pagaremos o tributo, ſe quizerem vir cobrallo.*

NOTICIAS.

Fr. Anton. de S. Roman na hiſtoria Oriental. Fr. Seraſim de Freitas De juſto Luſitan. Imp. c. 1. n. fin. Macedo Flores de Heſpanha c. 5. n. 5.

NAõ foy eſte ſò Rey o tributario à ſoberania do Imperio Luſitano: outros 28 Sceptros reconheceraõ eſta vaſſallagem: e della podiaõ gloriarſe, como là dizia Ovidio dos inimigos vencidos por Auguſto:

Ovid. 2. de Triſtib. ad Auguſt.

Utque tuus gaudet miles, cùm vicerit hoſtem:
Sic cur ſe victum gaudeat hoſtis habet.

Antonio de Souſa na Tragicomedia pag. 126.

Com eſte meſmo penſamento introduz fallando a eſtè Rey Ceifadin quando admittio o dito tributo, o Author daquella celebre Tragicomedia, que ſe reprezentou em Lisboa a ElRey Filippe o Prudente, em que entràraõ mais de 350. figuras, riquiſſimamente ornadas.

Ad Luſitanas poſui diademata plantas
Perſica progenies, nuſquam virtutis avorum
Immemor: æqualem patriæ quæſivit honorem
Rex Ceifadinus, Luſo cùm tradidit Urbem,
Ac ſi de victum ſua ſub juga mitteret Orbem.

Baſtava

Baſtava ſer Ormùz de gente Mahometana, para que ainda preciza a proſpera fortuna, e grande valor do in-
A clyto Albuquerque, foſſe conquiſta, e trofeo das armas Portuguezas. Porque eſtas foraõ por Deos eſpecialmente elegidas para perſeguiçaõ, e eſtrago daquella impia, e ſordida Gentilidade: e aſſim em quanto os Portuguezes ſeguirem com juſto direito eſta vocaçaõ, podem eſperar feliciſſimo exito de ſuas emprezas. Logo deſde os berços deſta Monarquia abonáraõ os effeitos eſſa verdade. Sò o Conde D. Henrique, nobiliſſimo tronco da Real arvore dos Monarchas Portuguezes, venceo contra Mouros 17 batalhas campaes. Na celebre do campo de Ourique venceo, e deſtroçou ElRey Dom Affonſo Henriques com 10U infantes, e 1U cavallos, a 400U Mahometanos: iſto pelo computo de quem mais abate eſte numero (a), que outros o ſobem a 600U,
B (b) e outros (c) dizem que havia para cada Chriſtaõ cem infieis. Na tomada de Liſboa (que foy no anno de Chriſto 1148. a 25. de Outubro) morreraõ 200U Mouros. (d) O meſmo Rey desbaratou hum exercito de 40U cavallos, e 60U infantes, com que ElRey mouro de Badajoz vinha ſoccorrer a Cezimbra (e): E em diverſas occaſiões elle ſò venceo a 30 Reys (para que naõ foſſe ſingular neſta gloria o famoſo Joſué Capitaõ do povo de Deos (f): nem podemos attribuir eſtas victorias á pouca gente dos exercitos contrarios; porque compenſando huns com outros, lhe tocaõ a cada hum 50U homens (g). No tempo delRey Dom Affonſo II. foraõ vencidos em Salacia (Alcaçar do Sal) mais do 60U mouros (h). E na celebre batalha do Salado, em que ElRey
C D. Affonſo IV. de Portugal ajudou nervoſamente a ElRey de Caſtella, morreraõ 200U (i), pelo computo mais eſcaço. Reinando D. Affonſo V, cercou ElRey de Fèz a Alcacer Ceguer com 30U cavallos, e innumeraveis de pé; mas ſaindo de dentro pouco mais de 30 cavalleiros Portuguezes.

(*Exigui numero, ſed bello vivida virtus*),

matàraõ tantos, (l) que os outros com medo levantàraõ o cerco. A meſma felicidade ſe vio na tomada de Seu-

(a) Valdes de dignitate reg. c. 15. num. 22.
(b) *Brito Cronica de Ciſter p. 1. l. 3. c.*
(c) Reſende De Antiquit. Luſit. l. 4.
(d) *Macedo, Flores de Heſpanha c. 14. n. 1.*
(e) *Duarte Nunes ſobre as Luſiadas de Camões cant. 3. eſtancia 65.*
(f) *Joſue 12. 24. onde ſe diz que venceu a 31. Reis.*
(g) *Marianna lib. 2. cap. 16.*
(h) *Maris Dialogo 2. cap. 2.*
(i) *Duarte Nunes Cronica de D. Affonſo IV. Vaſconcellos in Affonſ. IV. à n. 4. Virg. 5. Æneid.*
(l) *Ruy de Pina na Cronica de D. Affonſo V. cap. 124. &* 125.

ta

ta em tempo delRey Dom Joaõ I, e nas de Arzila, e Tanger, em tempo do dito D. Aſſonſo V, e nos famoſos ſitios que ſuſtentâraõ noſſos Capitães neſtas praças, e na de Mazagaõ (ou Aula real, que iſſo quer dizer em Arabigo Mazagaõ (m), e nas de Dio, Calecut, Chaul, Columbo, Cananor, Cochim, Malaca, contra muy poderozos inimigos.

(m) *Alvares na vida do Infante D. Fernando o Santo.*

Para que mais particularmente conſte de que parece que Deos creou a Naçaõ Portugueza para eſtrago, deſpreſo, e relè da Sarracena, quero referir aqui alguns cazos, que dentro das meſmas ferocidades de Marte, deſcobrem hum naõ ſey que de comica graciozidade.

Na batalha que Dom Franciſco de Menezes Capitaõ de Baçaim, venceo contra hum poderoſo campo do Nizamora: hum fulano Trancozo, depois de haver bem pelejado, pode alcançar com hum braço a hum mouro pela petrina (que era hum cinto que uſavaõ de muitas voltas): e como era agigantado de membros, e fiava de ſuas forças, o levantou no ar por rodella, e ſe lançou entre os mouros, matando muitos a ſeu ſalvo; porque os golpes que lhe atiravaõ, recebia com deſtreza no miſeravel corpo do agarrado: o qual era juntamente ſeu inimigo de vontade, e ſeu protector contra vontade: porque o braço a que ſervia de rodella, lhe dava tantas cutiladas, quantas fazia que aparaſſe. Com que aſſim eſte mouro, como os mais que ſe chegáraõ, eraõ todos em ajuda do Trancozo: eſte, porque o defendia dos mais; e os mais, porque dando neſte, lhe eſcuſavaõ eſſe trabalho. Raro modo de fazer do couro alheyo çoura propria! Là dizia huma valeroſa Matrona Lacena embraçando o eſcudo a ſeu filho, que partia para a guerra: *Aut cum hoc, aut in hoc:* Vede que ou haveis de tornar vivo com eſte, ou morto ſobre elle. No noſſo caſo pouco ſe lhe dava ao Trâcozo de deixar na refrega o eſcudo; antes quanto mais lho rachaſſem, tanto mais folgado, e contente ſe recolheria.

Faria Aſia Portug. tom. 2. p. 1. c. 4. §. 6.

Era entre os Lacedemonios, e Eſpartanos grãde infamia tornar da guerra deixando o eſcudo.

Em Seuta indo D. Affonſo da Cunha em certo recontro atraz de hum mouro, ao atirar-lhe huma cutilada, lhe reſvalou a eſpada, e ſaltou fôra da maõ: mas em vez

D. Agoſt. Man. Vida delRey D. Duarte lib. 1. n. 19.

de

de assustarse com o cazo, tomou mayor colera, e gritou
ao mouro dizendolhe: Oh caõ, levanta, e traze aqui
A logo. E o mouro temendo, que se naõ obedecesse, tinha
a morte mais certa, voltou humilde, levantou do chaõ a
espada, e lha entregou. E o Cunha entaõ compadecido
o deixou hir livre. De sorte que este Portuguez usava
daquelle mouro como de inimigo para o recontro belli-
cozo, como de escravo para o mando senhoril, e como
de liberto para a manumissaõ facil: ou fazia conta, que
aquelle infiel era juntamente caça, e cão; caça para cor-
rer perseguindoa; e cão para lhe trazer o que cahisse. Ao
cão chamou S. Gregorio Nysseno espada viva do ho- Lib. de hominis
mem: *Hominis gladium vivum.* Como aqui o Christaõ opif. c. 17.
era o homem, e o mouro o cão: no caõ achou o homem
à maõ hũa espada, quando vio outra fòra da mão: e man-
dou à sua espada viva, que lhe trouxesse a sua inanimada.

B No cerco de Dio, que sustentou o grande Capitaõ *Barros Decada 4. li-*
Antonio da Sylveira, sendo Fernaõ Penteado ferido *vro 10. c. 16.*
gravemente na cabeça, foy ao Cirurgiaõ que o curasse: e
achando-o occupado na cura de outros, em quanto a-
guardava a sua vez, ouvio estrondo de hum rebate que
os Turcos davaõ: e naõ lhe sofrendo o coraçaõ naõ se a-
char nelle, correo áquella parte, onde envolvido na re-
frega, ganhou segunda ferida grave na cabeça. Com que
apertado tornou ao Cirurgiaõ, a quem achou ainda mais
occupado que antes. E como neste tempo os Turcos a-
pertassem muito com os nossos; elle tornou a acodir cõ
grande alvoroço, onde recebeo terceira cutilada no bra-
ço direito: e veyo curarse de todas tres. De sórte que
assim hia este soldado buscar mais feridas, como se achã-
C do o Cirurgiaõ ocioso, quizesse darlhe em que se occu-
par, e mais falta fazia ao seu natural a briga, do que â
sua cabeça o sangue, querendo antes ferirse depressa, do
que curarse de vagar. A Tarantula, ainda depois de es-
magada, salta se lhe tangem: este animoso guerreiro,
ainda rota a cabeça pullava, se ouvia estrondos militares,
porque eraõ musica para elle.

No mesmo cerco outro Portuguez, cujo nome se *Barros no dito liv.*
lhe naõ sabe, acabandose lhe as balas, e naõ tendo á mão 10. c. 16.

com

com que carregar o moſquete, aballou, e deſarraigou hũ dente, e com elle em lugar de balla fez o tiro, e acertou em hum turco; para o qual naõ foy favo doce, ſenaõ bocado amargoſo iſto que ſahio da bocca deſte leaõ. Adoptou na do moſquete o dente da ſua, mandando-lhe que mordeſſe ao longe, jà que naõ podia de perto. A

Outros muitos cazos ſemelhantes omitto, porque ao meu intento baſtaõ os referidos. Agora o que eſperamos he, que a ultima, e total ruina do Imperio Othománo, ſe deva tambem por eleiçaõ divina ãs armas Portuguezas, conforme os meſmos Mouros temem, e ſe diz terem diſſo tradiçaõ antigua. Do vaticinio do Santo Fr. Gil Portuguez, Religioſo da ſagrada Ordem dos Prègadores, que entre elles corre por ſer de tempo immemoriavel (e eſcuſo trasladar por ſer taõ ſabido) vimos de proximo verificadas, e compridas as clauſulas que tocão a Ungria, França, e Inglaterra. Seguemſe outras que tocaõ à Luſitania, entre as quaes huma he a ruina do dito Imperio: *Imperium Othomanum ruet*, e outra que a caza de Deos ſerá recuperada: *Domus Dei recuperabitur*. Nem deve fazer duvida, que a latinidade deſſe papel he mais limada, do que naquelle tempo ſe uſava em Portugal; porque o Santo eſtudou em Pariz, onde ſe abalizou nas letras, e teve pacto com o demonio para aprender as ſciencias facilmente, e deſpois foy ſua converſaõ maravilhoſa, e teve notaveis, e frequentes extaſis, e revelações: cuja qualificaçaõ deixamos com animo rendido ao juizo da Santa Sè Apoſtolica, a quem privativamente toca.

Veja-ſe Sebaſtiaõ de Paiva na ſua Monarquia.

B

E tornando ao noſſo grande Affonſo de Albuquerque, tanta fama ganhou de conquiſtador valeroſo, que a Cidade de Goa não queria largar ſeus oſſos para ſe traſladarem à de Lisboa: como ſe lhe pareceſſe, que nelles, ainda que ſecos, e frios, conſervava hum certo genero de preſidio cõtra as barbaras invaſoens de ſeus inimigos, e vinculado hum como prazo de vencellos. Mas dizem que obrigada por cenſuras os deixou levar, e deſcançaõ no Convento de N. Senhora da Graça. Naõ teve na terra premio competente a ſuas acções heroicas. A cauſa parece que ſe colhe ſufficientemente de hum dito ſeu em occa-

Faria tom. 1. da Aſia Portugueza p. 2. c. 10.

C

occaſiaõ que acabavs de ler certa carta del-Rey Dom Manoel. Fulano, e fulano (diſſe elle para alguns circunſtantes) que eu enviey para o Reyno prezos por graves culpas, tornaõ cà, hum por Capitaõ de Cochim, outro por Secretario? Eys-aqui fico eu mal com ElRey por amor dos homens, e mal com os homens por amor del-Rey. Velho, acolhe-te à Igreja; jâ he tempo de morrer, pois aſſim importa à tua honra: e eu ſey que naõ deixaràs tu de fazer, o que à tua honra importa.

LX.

Do Papa Celeſtino III. e Ricardo Rey de Inglaterra.

EScrevendo o Papa Celeſtino III. a Ricardo Rey de Inglaterra ſobre que ſe dignaſſe dimittir a Filippe Biſpo Bellovacenſe, o qual havendo ſahido à guerra como ſoldado, ficàra priſioneiro: dava na carta ao dito Biſpo o piedoſo nome de filho ſeu, e da Igreja Catholica; para abrandar mais ao Rey. Porèm eſte remeteu ao Papa a ſaya de malha, que o Biſpo levava, juntamente com eſte recado: *Vide utrùm tunica filii tui ſit, an non?* Alludindo a ſemelhante recado que levou a Jacob o menſageiro que lhe moſtrou a tunica do ſeu Joſeph enſanguentada. E o Papa ſabendo que a guerra era juſta da parte dos Inglezes, naõ teve que replicar, ſenaõ confeſſando: *Quanto pela tunica naõ he Filippe meu filho, nem da Igreja; nem ſoldado de Chriſto, mas de Marte.*

ADDIÇAM, E COMMENTARIOS.

A

Matthæus Paris apud Baronium Anno 1196.

Mesmo Summo Pontifice, escrevendo-lhe o dito Bispo sobre o requerimento de sua liberdade, e accuzando-o de que mostrava Sua Santidade proceder neste negocio, como quem lhe naõ dohia muito a sua prizaõ; respondeu entre outras clausulas, a seguinte: *Huma vez que vós vestistes capacete por mythra, espada por estola, rodela por manipulo, saya de malha por alva, e lança por bago, esperay com mais paciencia* seguindo aquillo de hum Poeta:

Lenitor ex merito, quidquid patiare ferendum est:
Quæ venit indignè pœna dolenda venit.

B

§. I.

Bellarm. lib. 3. de laicis c. 15. contr. 2. generali.

LIcita, e honesta he a guerra, ainda que seja entre Christãos, e puramente humana, se nella concorrerem quatro condições: a saber, authoridade legitima, causa justa, intençaõ boa, e devido modo. Por falta de legitima authoridade naõ pódem fazer guerra os que naõ saõ cabeças soberanas das republicas: salvo for defensiva, porque para defenderse ainda qualquer pessoa particular tem natural direito. Por falta de causa justa, naõ he licita a guerra, quando a paz (á qual ella deve ordenarse) se póde conseguir por outros meyos, menos perniciosos ao bem publico; ou quando naõ serve de atalhar, C ou recompensar os damnos, e injurias que faz o inimigo; e em outros semelhantes cazos. Por falta de intençaõ boa, naõ he licita a guerra, quando se faz por exercitar a soldadesca, enriquecer o reino, dilatar o Imperio, ou fazer mal algum. Por falta do devido modo, naõ he licito na guerra, violar os juramentos, nos termos em que obrigaõ, profanar os lugares Sagrados, offender os innocentes, e que naõ pertencem à Republica inimiga, nem os que carecem de prestimo para ajudalla, como saõ mulheres, meninos, entrèvados, e outras pessoas semelhantes;

tes; nem os que exceptua o Direito Canonico, que saõ
A Presbyteros, Monges, Converſos, e peregrinos.

Poſtas eſtas quatro condições, couza ridicula he por certo, que os Hereges, que naõ ſabem fazer outra couza, ſenaõ raſgar a tunica inconſutil de Chriſto, turbar a paz, deſunir os Principes Chriſtãos, e commetter quantas crueldades, e inſolencias pòdem, ſem perdoar ao Sagrado, e divino, ſe moſtrem por outra parte taõ eſcrupuloſos, e eſpirituaes, que nem admittaõ ſer licita a guerra, e calumniem neſte particular a Igreja Catholica. Porém que importa que iſto diceſſem antiguamente os Maniquêos, e mais de proximo os Anabaptiſtas, e com particular eſtudo ſe empenhaſſe a defendello Eraſmo? ſe o contrario enſinaõ S. Agoſtinho, S. Ambroſio, S.
B Gregorio Magno, S. Gregorio Nazianzeno, S. Joaõ Chryſoſtomo, e outros muitos Padres, e naõ ſómente o enſinaõ os Santos com a doutrina, ſe naõ o praticàraõ com a obra, fazendo tambem guerra, quando importou aſſim; do que ſaõ exemplos no Teſtamento Velho Abrahaõ, Moyſés, Joſué, Gedeaõ, David, Joſias, e os Macabeos: e na Ley da graça S. Mauricio, General da famoſa Legiaõ Thebèa, S. George o graõ Martyr, S. Luiz Rey de França, S. Fernando de Caſtella, S. Carlos Magno, e S. Henrique Emperadores, S. Claudio, S. Sebaſtiaõ, S. Theodoro, e outros muitos. Acazo Eraſmo com a ſua Grammatica era mais douto que a-
C que.les Doutores; ou com as ſuas cavillaçoens, e mordacidades (pelas quaes Catharino lhe chamou cenior do Ceo, e da terra), e com as ſuas ſilenciozas complacencias em Luthero, era mais pio que eſtoutros Santos? Perguntaſe a Alberto Pio Conde de Carpi, Varaõ igualmente douto, que illuſtre, que lhe ſoube bem conſtruir o eſpirito, e cujas reprehenſoens lhe arderaõ tanto. Mas paſſemos a outro ponto.

Na guerra, em que entraõ tambem Sacerdotes, e Religioſos, requere-ſe alem das ſobreditas condições, para ſer licita, que ſeja defenſiva, e ſô entrem por neceſſidade. E ſe for aggreſſiva, naõ baſta que ſeja juſta, ſendo puramente humana. No tempo del Rey Dom Joaõ oI.

Cap. Innovamus De Treuga, & pac.

Auguſt. lib. 22. cõtra Fauſtum c. 74. Eraſm. in annotationib. ad c. 3. & 22. Lucæ.

D. Greg. epiſt. 72. ad Gennadiũ l. 1. D. Ambr. ſer. 7. & lib. 1. de Offic. c. 40. & 41. D. Aug. epiſt. 5. ad Marcellinum. D. Nazianz. Or. 32 de Pacè. D. Chryſoſt. in Euang. de Nuptiis Joan. 2.

de Portugal,e delRey de Caſtella Dom Joaõ o I.ſciſmatico, por ſer da noſſa parte a guerra defenſiva, e haver neceſſidade de gente, entrou nella o Arcebiſpo de Braga Dom Lourenço, a quem deraõ huma cutilada na cara: mas a quem lha deo reſpondeo de ſorte, que, como elle meſmo dizia, naõ foy depois contar o caſo à ſoalheira. Por ſer guerra, não puramente humana, mas envolver a cauza de Religiaõ Catholica, entrou na guerra contra o Turco S. Joaõ Capiſtrano, da Ordem Serafica, governando elle o corno eſquerdo do exercito, e Joaõ Huniades o direito: e naõ ſò animava como bom Prêgador, levando arvorada a Cruz; ſenaõ que talvez com huma companhia de Sacerdotes, fez tambem ſeu dever como bom ſoldado, em hum lance de grande perigo dos noſſos junto ao Danubio.

D. Rodrigo da Cunha na hiſtoria dos Arcebiſpos de Braga p. 2.

A

B

Ajunto a eſtes, outros dous caſos, pelo que tem de engraçados. O primeiro he de Eunomio Varaõ Santiſſimo, e milagroſo Biſpo de Theodoſia. A qual achando-ſe cercada por Gororanes, com muita gente, e grandes maquinas de guerra para aſſolar as fortificaçoens: o Santo, á falta de ſoccorro dos que lho podiaõ dar, ſe vio neceſſitado a ſuſtentar o ſitio, fazendo todas as partes de hum bom Capitaõ. Havia no campo contrario hum principal Cabo, que naõ ceſſava (qual outro Rhabſaces, ou Sennaquerib) de blasfemar do nome Santo de Deos, e ameaçar deſtruiçaõ dos ſeus Templos. Ouvindo iſto Eunomio, mandou aſſeſtar na muralha huma balliſta (era certo engenho de atirar pedras, como agora a noſſa artilharia ballas) a qual tinha por nome, o Apoſtolo S. Thomè: e alli poſta a pontaria àquelle blasfemo, ao meſmo tempo que elle eſtava eſcumando bravatas, e injurias, lhe diſparou hum fermoſo ſeixo, taõ em dir eitura, que lhe acertou em cheyo na boca, narizes, e teſta, e lhe converteu os caſcos em caſcas, vazando-lhe os miollos. E àviſta deſta converſaõ, que fizera aquelle Apoſtolo, tambem o barbaro Gororanes converteu ſeus intentos, mandando levantar o cerco.

Theodoret. lib. 5. Hiſt. c. 36.

Havia baliſta taõ poderoſa, que arremeſſava pedra de 8. arrobas de peſo diſtancia de hum eſtadio que ſaõ 125. paſſos.

Joſeph Laurent. us lib. 4. Polimathiæ ſynopſi 2.

C

O outro caſo he de Saõ Germaõ Biſpo, e Monge de Saõ Bento: que ſuppoſto venceu com armas eſpirituaes,

Beda lib. 1. Hiſt. Eccl. Angl. c. 20.

como

como logo veremos, com tudo elle foy o Capitaõ General, e com o tal dispoz todas as couzas. Os infieis Saxo-
A nios, que habitavaõ naquelle tempo em Inglaterra, confederados com os Pictos, que faõ os que agora chamamos Escocezes, tinhaõ invadido iniquamente os Britanos, que habitavaõ na parte occidental da meſma Ilha, a que agora chamaõ Wallia. E eſtes, que nenhum partido tinhaõ com aquelles, eſtavaõ encurralados nos arrayaes, temendo cada dia ſeu ultimo deſtroço. Pediraõ pois auxilio a S. Germaõ: o qual reſpeitando a que muitos delles eraõ recem Chriſtãos, e outros Cathecumenos, acodio prompto, e animou a todos, e deu as ordens convenientes: e entretanto ſe foraõ convertendo, e catequizando os mais. Era iſto pela Quareſma, e quando ſe ſolemnizou a Paſcoa, todos jà eſtavaõ bautizados, que
B eraõ outras armas, mais brancas, e mais fòrtes, com que ficáraõ armados por dentro. Os inimigos eſcarneciaõ deſta que elles chamavaõ, molhadura. Porém o Santo aſſentou o ſeu arrayal em hum valle, e deu ordem a todos, que em certo dia, no meſmo ponto que elle exclamaſſe dizendo *Alleluya*, todos repetiſſem o meſmo com a mayor voz que pudeſſem. Veyo pois o inimigo de noite, parecendo-lhe naõ ſer ſentido, nem eſperado, e que ao meſmo ponto que chegaſſe, todos os Bretões ſeriaõ degollados como carneiros. Mas o Santo General avizado do Ceo, levantou o clamor, e diſſe: *Alleluya*: e todos os ſeus ao meſmo ponto deraõ huma carga de Alleluyas, que reſonou com tremendo boato entre as anguſtias daquelles altos montes. Repetio S. Germaõ outro
C *Alleluya*, e o exercito diſparou outra ſurriada de Alleluyas. Jà o inimigo eſpantado, e pavoroſo, com o terror que o Senhor dos exercitos lhe meteu nos corações, lançava a fugir precipitadamente: quando o Santo, que era o tiro mayor, ou colubrina meſtra de todo o mais trem, disparou terceiro *Alleluya*, a que ſe ſeguio terceira carga: com que os medroſos apertáraõ a fugir com tal furia, que ſe atroppellavaõ huns aos outros, e quebravaõ braços, e pernas, e cabeças por aquellas barrocas, e frágas dos montes; e muitos tomando o ſalto mayor

Alexander Natalis Hiſt. Eccl. ſæcula 7. c. 8. §. 2.

que convinha, cahiaõ rebentados; e outros lançandoſe no rio, ſe afogàraõ; que foy para elles bem differente bautiſmo, do que o de que eſcarnecèraõ; pois em vez de lhes conferir a graça primeira, os deſpenhava na ultima deſgraça. E deſte modo ſe alcançou aquella memoravel victoria para gloria mayor da que Chriſto Redemptor noſſo alcançou de ſeus emulos com ſua Reſurreiçaõ triunfante. Cheguemonos jà mais perto ao noſſo ponto principal.

§. II.

Innoc. 1. Epiſt. ad Victricium c. 7. Adrian. 1. Epiſt. ad Carolum Magnũ Nicol. 1. Epiſt. ad Michaelem Imperatorem. Cõcil. Calcedon. can. 7. Mogũtinum 1. c. 17. Turonenſe 1. can. 5. Sulpitius l. de Vit. S. Martini.

QUando a guerra he puramente humana, naõ pôdem licitamente entrar nella ſem neceſſidade as peſſoas dedicadas a Deos, ainda que ſeja juſta. Aſſim o determinaõ os decretos Pontificios, e Conciliares: aſſim o enſina a ſentença commua dos Doutores, Theologos, e Canoniſtas: e aſſim tambem o confirma a praxe dos Santos, e timoratos. Apontarey alguns exemplos. Seja o primeiro do glorioſo S. Martinho, o qual ſendo jà bautizado dous annos antes, e profeſſando a vida monaſtica, ſe deteve ainda no exercito do Emperador Juliano, em traje ſecular, por lucrar para Deos o ſeu Tribuno cujo camarada era, e que lhe tinha promettido fazer o meſmo em acabando aquelle officio. Neſte comenos repartio o Emperador hum donativo aos ſoldados, como era coſtume: e Martinho conſiderando, que aceitallo, era obrigar-ſe à milicia, uſou da boa occaſiaõ para pedir em lugar de donativo, a licença de ſahirſe do exercito. E aſſim diſſe ao Cezar, naõ as palavras que traz Eraſmo corrompendo-as para o ſeu falſo aſſumpto, q̃ pretendia provar: *Receba o voſſo donativo quem ha-de pelejar: eu ſou Chriſtaõ, naõ me he licito eſſe exercicio:* ſenaõ eſtoutras, que traz Severo Sulpìcio: *Atègora militey em voſſo ſerviço, o Emperador: agora havei por bem que milite em ſerviço de Deos: ſoldado ſou de Chriſto, naõ me he licito pelejar.* Onde por milicia de Chriſto, entende, naõ o bautiſmo, ſenaõ a ſequela do ſeu Euãgelho na profiſſaõ de Mõge. Ouvindo eſta deſpedida o Ceſar, ſe indignou, e lho attri-

Donativum tuum militaturus accipiat: ego Chriſti anus ſũ; mihi pugnare non licet. Hactenus militavi tibi: nunc patere, ut militẽ Deo. Chriſti miles ego ſum; mihi pugnare non licet.

attribuhio a covardia de animo, por naõ entrar em batalha, que ſe havia de romper no ſeguinte dia. Porèm o
A Santo tomando mayor animo com a injuria, lhe diſſe. *Pois â manhãa irei diante da primeira fileira, ſem mais armas que o ſinal da Cruz, e verás a ſegurança com que entro por meyo dos eſquadroens inimigos.* Na qual ſentença moſtrou o Santo a todos os Eccleſiaſticos, quaes devem ſer as ſuas armas, huma vez, que ſe dedicáraõ a taõ ſuperior milicia.

Bellarm. Cent. 2. gener. l. 3. delaicis c. 14. Baron. anno 351.

Eſtas pêgadas ſeguio Chriſtiano Biſpo de Mogun-
Acta Sancti Arnulphi c. 17.
cia, o qual chamado pelo ſeu Rey para huma expediçaõ bellica, ſe eſcuſou dizendo: *Naõ he proprio do Sacerdote cauzar incendios, eſtragos, e mortandade: ajudarey com o que me toca, que he uſando da eſpada do eſpirito.* E inſtando o Rey que exemplos tinha em ſeus anteceſſores para o-
B bedecerlhe neſta acçaõ, reſpondeu o Santo Biſpo: *O meu exemplar he Chriſto, o qual naõ diſſe a Pedro: Fere; ſenaõ: Embainha.* E em concluſaõ antes quiz ſer depoſto da dignidade, do que admittir couſa indigna della.

Com outro genero de exemplos ſe póde confirmar eſta meſma verdade: e ſaõ os do calamitozo, e deſaſtrado fim, que tiveraõ as peſſoas, que huma vez aliſtadas na bandeira de Chriſto, ainda quizeraõ ſeguir a de Marte. Taes foraõ Wernero Biſpo de Argentina, q̃ recuſando
Trithemius in Chronico Hirſaugienſi ann. 1. Gebardi Abbatis.
os ſoldados aſſaltear o celebre Moſteiro de Hirſaugia, pelo horror que tinhaõ a acçaõ taõ temeraria, e ſacrilega, elle ſe veſtio de armas, e montou a cavallo, e clamou: *Todo o que me naõ ſeguir, he reo de leſa Mageſtade.* E logo metendo as eſporas ao bruto, correo furioſamen-
C te a executar ſeu intento: mas ao acometter, foy ferido da maõ de outra mais excelſa, e mais offendida Mageſtade: e dando hum eſpantoſo berro, cahio morto de repente.
Petrus Venerabil. lib. miraculorum Exemploiz. & 15.

Poncio Abbade Cluniacenſe, que tambem feito Capitaõ de ſoldados inveſtio o Moſteiro violentamente, ſem perdoar ao profano, nem ao ſagrado, e veyo a morrer depoſto, excommungado Por Honorio Papa, e obſtinado em ſeus máos procedimentos. Joaõ Vitelleſchi Cardeal muy valido de Eugenio IV, que ſempre ſe me-
Bzovius Anno 1440. à n. 94.

teu com armas, e pendencias, atê que em huma eſgrimindo a eſpada o alcançou outra de ſeu inimigo, que pouco depois lhe acabou de cortar os mal tecidos fios de ſua eſcandaloſa vida. Alexandre Arcebiſpo, filho de Jacobo V. Rey de Eſcocia, que ſeguindo a ſeu pay na guerra contra os Inglezes, o ſeguio tambem na deſgraçada morte que alli tiveraõ. Siſenando Arcebiſpo de Compoſtella: Zeno Diàcono da Igreja de Pavia: Ebroino, Monge Benedictino de Luxeul em Fontenaco: em nenhum deſtes ſe conformou a vida com a profiſſaõ: e em todos ſe conformou a morte com a vida.

A

Eraſmus, in Adagio. Spartam nactus es, hanc cole.

Morales l. 6. de rebus Hiſpaniæ c. 32. Baron. Anno 591. Raynaud. in Tractatu de Apoſtatis, c. 4.

Dom Antonio de Acunha Biſpo de Zamora, merece eſpecial menção: porque na verdade mais devia ler por Vegecio *De re militari*, do que por Santo Agoſtinho *De Doctrina Chriſtiana*, como delle com razaõ diſſe Guevàra. Foy hum dos principaes fautores das Cõmunidades, iſto he da façaõ dos populares, contra a parte dos Cavalheiros, que eſtava por Carlos V. em que ſuccederaõ hoſtilidades, e deſgraças ſem conto: pois ſò de huma vez morreraõ abrazados vivos dentro de hum templo algumas tres mil peſſoas, a mayor parte mulheres, e meninos, que ſe tinhaõ acolhido dentro. Era o Zamora de eſpirito taõ bellicozo, que já de ſeſſenta annos, e com achaques, folgava de aproveitar as occaſioens da guerra: e huma vez capitaneou huma tropa de trezentos Clerigos. A prata das Igrejas o pagava aqui em ſoldos; mas depois elle o pagaria no outro mundo em tormentos. Depois que Joaõ de Padilha (que era o General deſta rebelliaõ) foy degollado, e ſua mulher D. Maria Pacheco de Mendoça, que nunca ceſſàra de o acender nella, veyo fugitiva a Portugal, onde depois morreu deſamparada, e miſeravelmente: o Biſpo, carregado das riquezas que roubàra, buſcou tambem o eſcape na fugida para França. Mas ſem embargo de ir diſfarçado, foy conhecido, e prezo na Fortaleza de Simancas: onde hum dia eſtando ao brazeiro em boa converſaçaõ com o Alcaide de repente lhe quebrou a cabeça com hum ladrilho, que tinha metido para eſſe effeito na bolſa do ſeu Breviario. Ao ruido acodio hum filho do meſmo Alcaide, que ven-

B

Sandoval na Chronica de Carlos V. liv. 9. §. 28. & c. 32.

Theoph. Raynaud De Religioſ. loricato, Apodex 8.

C

do

do a ſeu pay morto, e que o Biſpo hia a ſahirſe do carce-
A re; teve tanto dezembaraço, e prudencia, que naõ at-
tendeu mais, que a tornar a fechar a porta com ſumma
ligeireza, ſahindo-ſe elle, e deixando ao matador dentro.
Alli meſmo pois lhe deraõ garrote a vinte e ſete de Mar-
ço de 1526. e morto o penduràraõ de huma ameya, para
que todos o viſſem. E verificou-ſe aqui o Proverbio de
Salomaõ: Quem anda por màos caminhos, huma vez
cahe, que ſe naõ levanta mais: *Qui perverſis graditur viis, concidet ſemel.* Plov. c. 28. v. 18.

A eſta claſſe pois pertence aquelle Biſpo Bellovacen-
ſe, por quem obrigado mais da piedade, que da razaõ,
intercedia o Papa Celeſtino. Biſpo com laya de malha
em guerra injuſta, e aggreſſiva! Màos ſagradas, e con-
ſagrantes com piſtòlas, e bacamartes! Religioſos com
B catanas! Monſtruoſidades ſaõ, que eſcapàraõ ao curio-
ſo Ulyſſes Aldrovando, para as eſtampar no ſeu tomo
De Monſtris: quimêras em realidade, que excedem à-
quella da fabula, filha de Echidna, e Triphon. Porque
ſe aquella (como cantou Heſiodo) era compoſta de leaõ,
cabra, e baſiliſco:

Huic tria erant capita: primum fuit acre leonis,
Aſt aliud capræ, atque aliud caput inde chelydri:

Heſiod. de ortu Deorum apud Natalem Comitem l. 9. Mythologiæ c. 4.

Muito mais diſforme he eſtoutra, que ſe compoem de
C capacete, ou murriaõ no lugar da Mythra, ou coroa cle-
rical; guerra, guerra na boca que diz por officio: *Pax vobis*; catana debaixo do habito mendicante, e ladrilho
no lugar do Breviario. E bem inveſtigada a origem deſ-
tas diſformidades, là vay parar em outra quimêra inte-
rior, que ſaõ os vicios, que nós deixamos reinar na alma;
principalmente o leaõ da ira, a cabra da ſenſualidade, e
o baſiliſco, ou regulo da ambiçaõ; filhos todos da von-
tade propria caſada com o demonio, que he o Triphon
junto com a Echidna. Oh! bem ſey eu com que ſettas po-
dia morrer atraveſſada eſta quimèra (como la aquellou-
tra com as de Bellerophonte) com as do Amor Divino, Apollodorus lib. 2.
que ſe forjaõ na frâgua da Oraçaõ. Tiveramos os Ec-

cleſia-

cleſiaſticos todos huma hora de oraçaõ cada dia: logo o amor de Deos naſcerà, e tomará forças; e logo as de ſeus inimigos pereceraõ.

LXI.

Do Marquez de Baſto, General na conquiſta de Goleta.

ANdando neſta occaſiaõ eſcaramuçando os cavalleiros Imperiaes com os Alarabes, aqueceraõ tanto em colera, que aquelles meterão mão às eſpadas, e eſtes aos alfanges, e cimitarras, e ſe revolverão de modo, que de longe ſò pelos veſtidos ſe differençavão. Vendo iſto o Marquez de Baſto, ſubio em hum cavallo, e correo a recolher a ſua gente. E os barbaros o apertàrão de modo, que foy neceſſario eſcapar a unha de cavallo, deixando là o chapeo com huma medalha. Diſſelhe hum Italiano: Olhe V. Excellencia por ſi, e guarde-ſe. Reſpondeo: *Iſſo podeis vòs fazer, e qualquer outro particular: mas a hum General pertence guardar os outros mais que a ſi.*

CRISE.

AMeſma reſpoſta deu antiguamente o Capitaõ Pelopides partindo para a guerra, a ſua mulher, que como tal lhe aconſelhou ſe reſguardaſſe dos perigos: *Alij* (diſſe elle) *ut iſtud faciant monendi ſunt: nam Dux hortandus eſt potiùs ut ſervet cives.* A outros, ſenhora, convirà eſſe avizo: que o Capitaõ antes deve ſer exhortado a que reſguarde a ſua patria, e os ſeus ſoldados.

Plutarch. in Pelopida.

Summa

Summá differença vay da peſſoa particular á publica; aquella cuida de ſi ſòmente; eſta deve cuidar de muitos: A aſſim como no corpo humano, cada membro ſe deſvia da leſaõ, pelo ſentido do tacto; mas a cabeça deſvia a todos. pelo da viſta. A' fidelidade, vigilancia, e valor de hum General (diz Vegecio fallando neſte ponto) eſtaõ entregues, e commettidas as vidas dos ſoldados, as fazendas dos povos, a defenſa das cidades, e o credito da Republica: quanto importarà logo, que ande ſolicito pelo bem naõ ſò de todos em commum, mas ainda de cada hum em particular? porque do mal que ſucceder aos outros por ſeu deſcuido, nelle carrega a culpa, e a todos faz injuria: *Dux, cujus fidei, atque virtuti poſſeſſorum fortuna, tutelæ urbium, ſalus militum, reipublicæ creditur gloria, non tantùm pro univerſo exercitu, ſed etiam pro ſingulis* B *cõtubernalibus debet eſſe ſolicitus. Si quid enim illis eveniat in malo, & ipſius culpa, & publica videtur injuria.* Por iſſo diſſe tambem Polybio, que a covardia, que em qualquer ſoldado fora ſò ignominioſa, no Capitaõ paſſa a ſer cauza de grandes eſtragos: *Timiditas, atque formido, in privatis quidem hominibus opprobrij, atque turpidinis plena: at in Duce exercitus maximarum cladium aliquando cauſa eſt.* E importa ter bem entendido (como adverte Tito Livio) que os ſoldados reparaõ, e eſtão obſervando ſe tem no ſeu General ſòmente a quem ouvir as ordens, ou a quem imitar as obras; e ſe he ſómente alentado nas exhortaçoens, ou ſe vay diante delles nos perigos, e ſabe manejar a lança, e haverſe bem no ardente, e vivo da batalha: *Militum eſt intueri, cujus ductu, auſpicioque ineunda pugna ſit:* C *utrum qui audiendus duntaxat magnificus adhortator ſit, verbis tantùm ferox, operum militarium expers: an qui & ipſe tela tractare, procedere ante ſigna, verſari media in mole pugnæ ſciat.* Por iſſo introduz Lucano a Catão dizendo aos ſeus, quando cançados, e ſequiosos marchavaõ por areaes deſertos, que ſe ſerviſſem da ſua vida para apalparem com ella o perigo proprio; e que da ſede, da calma, e do cançaço ſe queixaſſe aquelle, que o viſſe bebendo, ou aſſentado à ſombra, ou a cavallo diante dos peões, ou finalmẽte achaſſe nelle quanto ao trabalho algũa differẽça de General a ſoldado.

Vegetius de re militari l. 3. c. 10.

Polybius l. 3.

Livius Decade 1. l. 7.

Primus

Lucan. 9. Pharſ.

Primas arenas
Ingrediar, primuſque gradus in pulvere ponam.
Me calor æthereus feriat, mihi plena veneno A
Occurrat ſerpens; fatoque pericula veſtra
Prætentate meo: ſitiat quicunque bibentem
Viderit, aut umbras nemoris quicunque petentem
Æſtuet, aut equitem peditum præcedere turmas
Deficiat, ſi quo fuerit diſcrimine notum
Dux, an miles eam———

Naõ contradiz a eſte valor, e fortaleza em hum Capitaõ, a prudencia com que tambem naõ deve arrojarſe temerariamente a lances, onde mayores ſeráõ os danos do ſeu infortunio, do que os proveitos do ſeu exemplo. Porque aſſim como guardando elle aos ſeus ſoldados, a ſi ſe guarda, do meſmo modo naõ ſe guardando a ſi, a todos arruina. *Dux* (diſſe Plutarco) *ſi temere pericula adeat, non ſui ipſius, ſed omnium eorum, quorum ſalus ab ipſo pendet, curam abjeciſſe videbitur.* E Polybio: *Inutilis eſt princeps, aut dux, qui non ſingula diſcrimina intelligit, à quibus ducem potiſſimum abeſſe oportet, ne ſimul cum eo univerſa rerum ſumma periclitetur.* E fazer as exequias ao infortunio com o verſinho, *Naõ cuidey*, ou, *Quem havia preſumir tal?* He boa conſolaçaõ, para que o Capitaõ naõ ſeja tido por traidor, mas naõ para que ſeja avaliado por prudente. Nem a prudencia he o principal louvor de hum ſoldado, nem a robuſtez, e audacia, o principal de hum Capitaõ. Por iſſo Timotheo, parecendo bem aos Athenienſes para ſeu General hum certo Charetes, por ſer mancebo robuſto, e alentado, diſſe livremente: *Eu naõ quero General para levar parte da bagagem; ſenaõ hum que tenha olhos nas coſtas, como no roſto.* Queria dizer: homem que preveja, e decline os perigos. Aquella acçaõ do Marquez naõ parece foy taõ diſcreta como a ſua reſpoſta (ſalvo as circunſtancias do caſo viſtas de perto a deſculpaſſem.) Pudera facilmente ficarlhe a cabeça, onde lhe ficou o chapeo; ſem mais neceſſidade q̃ recolher quatro eſcaramuçadores. Por ventura, que ſe o livrou do riſco hum cavallo filho do vẽto, o meteo nelle algum brio filho de outro vento.

B

C

Plutarc. in Pelopida.
Polyb. l. 10.

Manutius in adagio: Imperator bonus, & ipſe robuſtus miles.

A

LXII.

De Alexandre Magno.

OUvindo este Monarca, que Dario alistava contra elle innumeravel soldadesca, disse alvoroçado: *Mayor victoria me aparelha: não teme hum lobo muitas ovelhas.*

AMPLIFICAÇAM.

B

QUasi o mesmo respondeo o Marquez de Aguilar, quando o campo de Carlos V. avistou o de Barba roxa, e hum dos nossos se espantou da multidaõ dos Sarracenos: disselhe o Marquez: *Assim venceremos a mais: e quanto mais mouros, mais despojos.* *Prudencio de Sandoval na Chronica de Carlos V. livro 22. §. 37.*

Naõ está o ponto nos quantos, mas nos quaes. Hum Hercules venceo aos tres Geriões em Hespanha. No exercito do Emperador Frederico, pelejou hum soldado Alemaõ contra sincoenta Turcos: e partindo a hum pelo meyo com huma poderosa cutilada, acabou de afugentar os mais. Aristomenes Messenio matou a trezentos Lacedemonios, se damos credito a Plinio que o refere. Para que mendigamos exemplos externos, se abũdaõ os domesticos, mais acreditados, e naõ menos admiraveis? Duzentos, e sincoenta soldados delRey de Bintaõ inimigo dos Portuguezes estavaõ de cillada em hum bosque: passáraõ por alli seis dos nossos, que vendo-se assalteados pelejáraõ com tal valor, que degollando a quatorze, puzeraõ em vergonhosa fugida os mais: morreo porèm hum dos seis. No Reyno de Zofala trinta, e cinco Portuguezes fizeraõ rosto a cinco mil barbaros: os que livráraõ a vida nas azas do medo foraõ dizer ao Rey: *Que para que os mandára batalhar com Deos?* Marianna de rebus Hispan. l. 1. c. 8. Duplex, anno 1591

C Plin. lib. 11. c. 37.

Faria Asia Portugueza t. 1. p. 3. c. 10. n. 3.

Ainda

Ainda me puxa pela penna outro exemplo, por ſer
Faria Aſia Portugueza t. 1. p. 1. c. 7. digniſſimo de memoria. Duarte Pacheco Pereira trou- A
xe por muito tempo guerra com ElRey de Calecut (por
outro nome o Çamori) hum dos ſenhores mais poderoſos da India. Numerava eſte debaxo de ſuas tremolantes bandeiras cincoenta mil combatentes bem diſciplinados: o poder do animozo Pacheco ſe reduzia a cem Portuguezes, ou poucos mais: varias foraõ as batalhas, mas ſempre huma a fortuna, ficando o Çamori vencido, e derrotado. Occaſiaõ houve em que quarenta noſſos mataraõ a mais de 650. dos inimigos, pondo a muitos milhares em fugida. Outra batalha tiveraõ por mar, com tão deſigual partido, que o Çamori parecia querer aſſombrar, e opprimir as ondas com huma armada de quaſi 300 baxeis artelhados de groſſas peças, e prevenidos com varios engenhos de fogo: e alem diſto tinha poſ- B
tos na campanha nas ribeiras do rio trinta mil ſoldados. O Pacheco regia ſó tres navios pobres de polvora, e de outros apreſtos neceſſarios. Mas, *Si Deus pro nobis, quis contra nos?* O braço do Senhor ſe moſtrou taõ manifeſto, que foraõ metidos apique muitos navios, e mortos muitos milhares de inimigos, com pouco dano, e nem huma ſó morte dos noſſos.

Da notavel deſigualdade do exercito delRey Dom Affonſo Henriques no Campo de Ourique, comparado com o de Iſmar, ou Iſmael ſeu adverſario, a quem acompanhavaõ outros quatro Reys poderoſos, já acima dei-
Apophthegm. LIX. xamos feita mençaõ. Seguio com tudo a victoria naõ ao numero, mas ao valor, ou para o dizer melhor, à cauza da batalha; porque aquelle noſſo primeiro Rey C
peleJava por Chriſto, e Chriſto por elle. Por iſſo da Cruz formou o ſeu eſcudo, e de cinco eſcudos a Cruz: ſignificando, que elle a defenderia, e della ſeria defendido. Aſſim o pondera hum Diſtico do ſeu antigo epitafio.

Macedo Luſitan. liberata Procemio 2. n. 7.

Quòd Crucis hic tutor fuerit, nec non Cruce tutus
Ipſius clypeo Crux clypeata docet.

Guarda,

Guardadora, e mais guardada
A Foy de Affonſo a Cruz em tudo:
Por iſſo ſe armou de eſcudo,
Que a poem de eſcudos armada.

De ſerem ſinco osReys vencidos teve occaſiaõ o erro de Marianna Chroniſta de Heſpanha, e alguns outros Hiſtoriadores eſtrangeiros, que ſuppoem (mas naõ provaõ) ſer eſſa ſignificaçaõ das noſſas Quinas. Porêm outra he muito mais alta, e decoroſa, e que pòde meter inveja a todos os mais Reacs Eſcudos da Chriſtandade. Significaõ as cinco adoraveis, e precioſiſſimas Chagas do Rey dos Reys, com que venceo a morte, reſgatou o mundo, e deſtruhio o reino do peccado. E os 30 pontos, ou arB ruellas, que vaõ diſtribuidas de cinco em cinco pelos eſcudetes (contando-ſe os do meyo duas vezes) repreſentaõ os trinta dinheiros, porque o Senhor foy vendido. Conſta expreſſamente do juramento authentico do meſmo Rey D. Affonſo, que ſe conſervou no archivo do real Moſteiro de Alcobaça: atè que Filippe II. eſtando em poſſe deſta coroa, o mandou buſcar, e depoſitar no Eſcurial, ficandonos copia authenticada. Com a qual concordaõ os noſſos Eſcritores, e tambem muitos dos Eſtrangeiros, de que Macedo cita até numero de 29; advertindo que alguns delles eſcreveraõ antes de ſe deſcobrir o dito original: donde ſe moſtra ſer iſto tradiçaõ antigua, e conſtante, como diz Faria. Nem ha para que fazer cazo da authoridade de Marianna, a qual he pouca C nas couzas tocantes a Portugal: e aſſim como deo hum erro, dizendo, que a orla dos caſtellos que cerca o eſcudo, a poz ElRey D. Sancho II, naõ ſendo ſenaõ D. Affonſo III: e logo deu outro erro, dizendo, que o campo do eſcudo he azul, naõ ſendo ſenaõ branco: que muito que cahiſſe tambem em terceiro erro, dizendo, que os cinco eſcudos ſignificaõ os cinco Reys Mouros vencidos, naõ ſignificando ſenaõ as cinco Chagas de Chriſto vencedoras?

Macedo Elores de Heſpanha c. 5. Excellencia 4. e na Luſitania liberata loco ſupra cit. Faria, Europa tom. 2. p. 1. c. 5. n. 32.

E porque naõ faça duvida o modo de contar os trinta dinhei-

dinheiros, duplicando os cinco da aſpa do meyo, por eſtarem em lugar commum ás duas linhas, direita, e tranſverſal: lea o curioſo ſemelhante cazo na vida de S. Hildegardis, a maravilhoſa viſaõ que teve hum Sacerdote: o qual a horas intempeſtivas entrando na ſua Igreja, que tinha deixado bem fechada, achou no altar as luzes acezas, e os corporaes eſtendidos, e nelles eſtas cinco letras ſituadas em Cruz, ſem ſer por obra humana. A

Chryſoſt. Henriq. t. 1. Lilior. Ciſterc. l. 1. diſt. 7. c. 11.

K Sette dias duràraõ aſſim, e no oytavo dezappa-
A P H receraõ. Penſativo, e ſolicito o Sacerdote, de-
D zejou muito achar quem lhe deſcifraſſe aquelle enigma: atè que paſſados 16 annos, S. Hildegardis Religioſa de S. Bernardo, celebre em revelaçoens, e illuſtraçoens do Ceo, foy o Daniel daquellas cinco myſterioſas letras, interpretandoas neſta fórma, e contando a do meyo duas vezes com differentes ſignificações: a ſaber, K. *Kevium* P. *Presbyter* D. *Deriſit.* A. *Aſcendat* P. *Pœnitens.* H. *Homo.* Quer quizer. O Sacerdote deſprezou ao Senhor: ſuba o homem a fazer penitencia. Tanto que aquelle Sacerdote ouvio a interpretaçaõ, logo penetrou o ſentido della, e ſe recolheo à vida eſpiritual, e penitente. Com que temos, que atè pelo eſtilo do Ceo, onde ha figura de Cruz, o lugar do meyo val por dous lugares. B

Com eſtas armas pois da Cruz, venceo aquelle piiſſimo Rey as de innumeraveis inimigos della. Sirva eſta amplificaçaõ para moſtrar, como outros Alexandres houve, taõ grandes, ou mayores, que o Magno: e que a gloria militar, ſe temera os grandes riſcos, naõ lográra os grandes triumfos. C

A

LXIII.

De Ageſilão Rey de Lacedemonia.

PErguntado, como podia hum Principe andar ſeguro, ſem veſtir-ſe de armas, e ſem alabardeiros, e ſoldados da guarda, reſpondeo: *Se de tal ſórte manda a ſeus vaſſallos, como o faz hum pay para com ſeus filhos.*

CONFIRMAÇAM.

B

NAõ ha tal ſegurança, como a que ſe gera do amor:

——— Bene ſervit amor:
Abſque jugo poſita eſt ditionis amica voluntas,
Quæ viget affectu, nec gemit imperio:

diſſe Propercio. Por onde aſſim como, para hum ſer amado, he neceſſario ſer amante, ou pelo menos amavel:

——— Ut ameris, amabilis eſto: Ovidius.

aſſim, para o Rey andar ſeguro dos vaſſallos, primeiro haõ os vaſſallos de darſe por ſeguros do Rey. Que he o

C

que diſſe Sẽneca, que huma ſegurança vinha a concerto por outra: *Securitas ſecuritate paciſcenda eſt.* E em outra parte mais ao noſſo ponto: *Errat ſiquis exiſtimat tutum eſſe ibi Regem, ubi nihil a Rege tutum eſt.* Diſcretamente expende eſta politica o P. Euſebio Nieremberg, dizendo: *Quomodo publica ſalutis, & ſecuritatis faber Rex erit, ſi per ipſum publica res non ſit tuta? Nec tuta erit, ſi non ametur: ſed nec Rex ſecurus erit ſine amore, & fide populi; hæc non erit, niſi Rex præamaverit. Sola animi innocentiâ, benevolentiâque muniatur Princeps: non timebit cives, qui pro civibus timet, quem cives non timent, pro quo timent. Infeliciſſimum*

Lib. 1. De clemẽtia c. 19. Epiſt. 19. à medio.

Theopolt. p. 2. l. 1. c. 11.

eſt, ut quas curas pro Republica tuenda Rex impendere debet, pro ſe uno tuendo conſumat.

LXIV.

De Scipiaõ, famoſo Capitaõ Romano.

MOſtrou hum ſoldado a Scipiaõ hum broquel, dizendo: Vede como he fòrte, e leve, e bem feito. Reſpondeu-lhe ſizudo: *O Cidadaõ Romano ha de confiar na ſua mão direita, e naõ na ſua eſquerda.*

MORALIDADE, E EXEMPLO.

QUeria dizer: Mais na eſpada, e lança, para inveſtir, que no eſcudo para cubrirſe. Aſſim o Chriſtaõ mais ha de confiar na efficacia da graça Divina, do que nas forças da ſua liberdade; mais nos merecimentos de Chriſto, do que nos proprios: que por iſſo David pedia a Deos que o livraſſe, naõ em virtude da ſua juſtiça, ſenaõ na do meſmo Deos, que nos adquirio Chriſto, cujos merecimentos eſtavaõ já previſtos, e aceitos: *In juſtitia tua libera me.* Do meſmo modo: quem trata da perfeiçaõ eſpiritual, naõ ſe ha de contentar com reſiſtir às tentações, que eſſe he o broquel: ſenaõ que ha de procurar degollar vicios, e conſeguir virtudes; que eſta he a eſpada.

Pſalm. 30. v. 2.

Mas (voltando do allegorico para o litteral) naõ obſtante que deve o bom ſoldado confiar mais na eſpada, que no broquel: mais que no broquel, e eſpada, deve confiar em Deos. Porque Deos, ſe a cauſa he juſta, ſerà a ſua eſpada, e o ſeu broquel: *Quis ſimilis tui populo, qui ſalvaris in Domino? Scutum auxilii tui, & gladius gloriæ tuæ:* diſſe Moyſès abençoando as doze Tribus. E nem por iſſo deve o homem dezacompanhar a ſua fortaleza, e confiança, da ſua boa induſtria, e direcçaõ: porque

Deuteron. c. 33. v. 29.

Deos

Deos quer ajudarnos pondo a sua mão sobre as nossas; como o Profeta Eliseu poz as suas sobre as del Rey Joàs. Superposuit Eliæus manus suas manibus Regis. 4. Reg. c. 13. n. 17.

A Mostro aos curiosos hum notavel caso, em que juntando-se fortaleza, industria, e confiança em Deos, se vio

FELIZ, E GLORIOSO SUCCESSO

Da espada de hum combatente em hum novo, e arriscadissimo desafio.

NA Ilha de Rhodes, naõ longe da Igreja de S. Estevaõ ha huma imminente, e soberba rocha, solapada nas raizes com huma cova profundissima, donde,
B como de funeral garganta, mana hum regato de moderada corrente. Nesta cova tinha sua morada subterranea hum Dragaõ taõ horrendo, disforme, e formidavel, que naõ sómente infestava toda a parte oriental da Ilha com ruina, e mortandade dos homens, e dos gados: mas ainda sô com o halito venenoso corrompia os ares de modo, que sem manifesto risco da vida ninguem podia chegarse àquelle sitio: causa, porque o graõ Mestre da Religiaõ Jerosolymitana, por publico edicto seu, fizera defezo aquelle passo a qualquer condiçaõ de pessoas, cõminando aos mesmos Cavalleiros da Ordem pena de privaçaõ do habito, e de morte: por onde foy chamado commummente aquelle lugar, Mal passo.

Havia naquelle tempo hum Cavalleiro, mancebo nobilissimo, natural de Gauscunha, dotado de forças assim
C do coraçaõ, como do corpo, por nome Frey Adeodato de Gozon. Reputou este por cousa indigna, e de naõ leve opprobrio para os Cavalleiros da Ordem, que entre tantos, e taõ esforçados naõ houvesse algum, que ouzasse oppor-se a esta commua calamidade, para reparar os damnos publicos, e inflammado do desejo de honra, e fama immortal, e tambem do amor da Republica, entendeu que naõ podia offerecer-se melhor occasiaõ de livrar a Ilha de oppressaõ taõ grave, e adquirir nome esclarecido, que sahindo com hum novo, e estu-

pendo deſafio a pelejar com eſte monſtro ; confiando do favor do Ceo, e juſtiça da cauza, que ſua fortaleza, e induſtria teriaõ feliz exito neſta nunca ouvida empreza. A Porêm porque o edicto do graõ Meſtre obſtava a ſeus intentos, ſe os communicaſſe, começou a maquinar, como poderia ſó, e ſem dar parte a alguem, conſeguir o fim delles.

Primeiramente chegando ao lugar da rocha com cautela, e ſegredo, obſervou, como deſde huma atalaya, a grandeza, e fórma do Dragaõ, a qual era eſta, como ſe vio depois mais perto. O corpo tinha a groſſura de hum grande boy: o collo comprido, e aſpero acabava em cabeça de ſerpente; e nella tinha orelhas compridas à ſemelhança de mu: a boca muy raſgada, e armada de aguditſimas prezas: os olhos grandes, e atrozes, fuzilando lume: tinha quatro pès à maneira dos de Urſo, cõ unhas B como fouces afiadas: o mais corpo, e cauda totalmente como de crocodilo; porèm todo elle cuberto (ou digamos, catafracto (de huma continuada malha de conchas impenetraveis, ſobrepoſtas humas a outras com travaçaõ fortiſſima. Das ilhargas ſe eſtendiaõ duas azas de groſſa cartilagem, com barbatanas, como as dos golfinhos, pela parte de cima azul, pela debaixo de ſangue miſturado de pallido; e deſta cor era o mais corpo, com ſuas malhas. Corria taõ velozmente (porque juntamente ſe aproveitava dos pès, e das azas), que hum cavallo fugindo com o mais dezapoderado impeto lhe naõ eſcapava. Quando eſte irracional Caco ſahia da ſua caverna a buſcar preza, com o ruido das duras eſcamas, e com o ſilvo pavoroſo quaſi matava de medo os animaes, C que ainda de longe o ouviaõ. Temos propoſto a fórma do monſtro, vejamos o dezafio.

O valeroſo Adeodato, havendo-já obſervado quanto lhe era neceſſario, alcançou licença do graõ Meſtre para deterſe algum tempo na Patria, ſob pretexto de negocios domeſticos: e partindo logo ſem demora, começou a prevençaõ da deſtinada obra. Mandou figurar de eſtopa, e paſta o feitio proprio da fera, remedando quãto foy poſſivel á ſemelhança natural, que trazia impreſ-

ſa

sa em sua fantasia. Logo comprou o mais fogoso, e forte cavallo, que pode achar, e dous mastins de Inglaterra corpulentos, e ferozes (dizem, que para lairem de melhor raça atão alli às arvores as cadellas no tempo do cio, onde as possão achar os tigres). Isto assim aparelhado, fazia por industria de alguns criados fieis, entrar, e sair de huma cova o dragão fingido, e por meyo de cordas, e varios engenhos, abrir a boca, bater as azas, torcer a cauda, &c. Logo instigava os cães, e picava o cavallo, e brandia a lança, e se exercitava em fingido cõflicto com aquelle mentiroso monstro. Neste ensayo continuou dous mezes atè que estando bem adestrado, voltou para Rhodes: onde sem interpor demora, se armou de armas defensivas, e offensivas, e na dita Igreja de S. Estevão com larga oração se encomendou a Deos, por intercessão do mesmo glorioso Proto-Martyr, e do Patrão da Ordem S. Joaõ Bautista. E logo montando naquelle mesmo cavallo, foy a demandar animoso a cova do dragão: dando primeiro ordem aos criados, que subindose à rocha, vissem o successo do desafio, no qual se elle morresse, ficando a fera viva, tratassem de salvarse fugindo: mas se vissem que elle ficava desacordado, por cauza do pestifero alento do dragão, acodissem promptamente com poderosos contravenenos, de que hião apercebidos para confortallo.

Entra pois o esforçado cavalleiro pelo boqueirão da bruta caverna: e não sentindo couza alguma, fez ruido, e deu vozes para provocar a fera. E logo pelo arrojar do escamoso corpo, e pelo silvo horrivel, sentio que vinha subindo pela garganta da tenebrosa gruta. Então se sahio com presteza, e esperou fóra em huma planicie ao seu competidor. O qual dando a preza já por pasto de suas vorazes entranhas, correndo, e voando juntamente envestio a elle com furibunda sanha. Porèm o intrepido antagonista metendo pernas ao genete, e instigando aos colericos mastins, que de tão largo tempo adestrados não estranhàraõ o horrivel, e disforme do monstro abalou contra elle, e lhe descarregou sobre as conchas huma tão poderoza, e valente lançada, que a

lança, bem que firme, eſtalou em pedaços, deixando aquelle robuſto braço deſtituido da principal peſſa de ſuas armas. Mas porque os alões tinhaõ ferrado fortemente dos genitaes da fera, e a atormentavaõ duramente: em quanto ſe defendia delles, teve Adeodato lugar de apearſe, e metendo mão a huma eſpada larga, começar novo, e mais empenhado combate. Entaõ a fera, chamejando-lhe os olhos aſcuas vivas de ira, ergueu ſe ſobre os pès, e dezembainhando as garras das mãos, pretendeu com huma pegar-lhe do broquel, e com a outra derribar em terra ao ſeu competidor. Mas elle, tomando coragem do ſeu meſmo perigo, e vendo-lhe deſcuberta a parte anterior do collo, que era mais molle, lhe enſopou nelle a eſpada taõ felizmente, que logo começou a vazar-ſe em eſpadanas de ſangoeira. E toda via eſtimulado o dragaõ com nova ira cauſada da dor, ergueu o collo, forcejando por chegar a ſeu contrario: mas iſſo meſmo lhe fez a ferida mais vaſta, e raſgada. Porque ſuſtentando Adeodato a eſpada firme, mais lhe ſervia jà de ſerra, do que de eſpada; com que lhe veyo a eſcalar toda a garganta, por onde exhauſta já de ſangue, cahio em ſim morta, levando debaixo a Adeodato: que cançado do conflito, e attenuadas as forças com o muito diſpendio de eſpiritos, que o ardor da luta derramára, naõ pode ſuſtentar o grave pezo da diſfórme beſta, e ficou deſmayado pela actividade do peſtifero fartum que exhalava.

Era eſte o preciſo ponto, em que neceſſitava da fidelidade, e diligencia de ſeus criados, (que ſe foſſem igualmente animoſos como ſeu amo, por ventura lhe naõ guardariaõ taõ pontualmente a palavra de naõ acodir antes.) Deſcem promptos, apartaõ com trabalho aquelle cadaveroſo volume, que tantas vidas ſepultára, e ainda jazendo immovel, afugentava os olhos, e mãos dos que o arrojavaõ. Tiraõ debaixo a Adeodato, quaſi ſem ſinaes de vivo, porêm jà com glorias de vencedor. Trazem nos chapeos agua fria da viſinha fonte, que lançada ſobre o roſto, e applicados os antidotos, o fez tornar em ſi. E paſſado o tempo, que foy neceſſario para os mais

fomen-

fomentos convenientes, voltàraõ em fim para a Cidade,
A onde o graõ Meſtre ſoube logo do que havia paſſado. E podendo Adeodato daqui eſperar honra, e favor, ſuccedeu pelo contrario: porque elle convocando os do ſeu concelho, em preſença de todos o reprehendeu aſperamente, aſſim pela ouzadia preſumptuoſa, como pela violaçaõ do Edital: em cujo comprimento foy privado do habito, e prezo em hum duro carcere.

Entretanto divulgada a façanha por toda a Ilha, e alvoroçados os corações com alegria, acclamavaõ, e applaudiaõ a ſeu libertador. Com que o graõ Meſtre havendo dado jà lugar baſtante aos rigores da juſtiça, tornou ſobre ſi, conſiderando, naõ tanto os meyos arriſcados, quanto o proſpero fim daquella proeza, e o grande trabalho, e merecimento do Cavalleiro, de que redun-
B dava a toda a Ordem grande credito. E naõ ſómente o ſoltou, e reſtituhio ao habito, mas o honrou com novas dignidades. Nellas ſe portou com tal prudencia, e eſforço nas occaſiões que ſe offereceraõ, que paſſados quatro annos, no de 1349. por morte do grão Meſtre, foy eleito em ſeu lugar com os votos a froxo.

Aconteceu o dito caſo pelos de 1345. ſendo Summo Pontifice Clemente VI. e graõ Meſtre da Ordem Jeroſolymitana Elion de Villa-nova. Refere o Bozio na hiſtoria da dita Religiaõ, e delle o tranſcreveu o Padre Athanaſio Kirker da Companhia, o qual traz eſtampa do dragaõ communicada por hum Cavalleiro da meſma Re-
C ligiaõ. Jeronymo Megiſſero traz algumas inſcripções em elogio de Adeodato, de que ſe confirma a verdade da hiſtoria. Foy Rhodes celebre na antiguidade pela ſoberba fabrica do Coloſſo, ou eſtatua do Sol, que fundio de metal Cares Lydio, de ſetenta covados de altura. E neſta Ilha tinha ſeu aſſento a Ordem, a qual em tempo do graõ Meſtre Guilhelmo Villarecio a tomàra ao Turco pelos annos de 1300 e a conſervou atê o de 1522. em que paſſou para Malta, concedida por Carlos V. e della ſe intitulaõ Maltezes os que antes ſe chamavaõ Cavalleiros Rhodios.

Athan. Mundi ſub terranei t. 2. l. 8. ſect. 4. cap. 2. Póde verſe Eſtefano Menochio na Miſcellanea, Centuria 5. cap. 78. E o P. Lyreo lib. 2 De Imitatione Jeſu patientis c. 10. fol. m/hij 99.

LXV.

A

Do Emperador Carlos Magno.

TRazia eſte Monarca o ſinete das ſuas armas aberto no pomo da ſua eſpada. Perguntado que myſterio, ou cifra continha o eſtar alli, reſpondeu: *He dizer que para ſe obſervarem minhas ordens, e decretos, ſenaõ baſtar a authoridade do ſinete, uſarey da violencia da eſpada.*

COMPROVAÇAM, E ELOGIO.

B

NAõ ſem myſterioſa diſpoſiçaõ da Natureza, eſtà na mão o dedo Pollex junto do Index para ajudallo, e ſoccorrello. Em quem governa, pouco importarà a força directiva, ſe a naõ acompanhar a coactiva. Promulgar leis, e naõ propugnar eſſas leis, fazendo que ſe guardem, mais he vituperio do Legislador, do que adminiſtraçaõ da Republica: Saõ Paulo diz, que quem naõ quizer andar temeroſo do Principe, ou Magiſtrado, tem facil o remedio, obrando bem: porque os fios da eſpada, que elle traz, naõ cortaõ ſenaõ pelo mal: *Vis autem non timere poteſtatem? Bonum fac, & habebis laudem ex illa.* Mas quem obra mal, razaõ he que tema; pois eſſa eſpada naõ he ſò para amoſtra, ſenaõ para effeito: *Si autem malum feceris, time: non enim ſine cauſa gladium portat.* Por iſſo Theodorico Rey, eſcrevendo a hum ſeu Miniſtro, lhe recommenda, que debaixo da moderaçaõ de animo, moſtre alguma ira, e junto com a madureza efficacia: porque naõ quer ſòmente que ſuas diſpoſiçõens ſejaõ bem avaliadas, ſenaõ muy temidas: *Sub continentia iraſcere, ſub maturitate diſtringe: timeri tam amplius volumus, quàm probari.* E em outra parte diz, que ſò o medo cohibe aos que

Ad Rom. 13. v. 3.

Ibidem. v. 4.

C

Caſſiodor. lib. 12. Epiſt. 13.

que a lealdade promettida naõ ſuſtenta: *Solus metus cohibet quos fides promiſſa non retinet.* Lib. 2. Epiſt. 5.

A Naõ parece juſto paſſarmos deſte lugar, ſem recordar honorificamente a memoria deſte Santo Emperador Carlos Magno, que nas virtudes proprias de hum Principe Catholico verdadeiramente foy maximo. Santo lhe chamey, porque eſtà canonizado por Paſcoal III. o qual, ainda que naõ foy legitimo Pontifice. pois neſſe tempo o era Alexandre tambem III, todavia, como eraõ tantas, e taõ notorias as virtudes do ſogeito, e o ſeu culto publico eſtava já introduzido, e propagado pelas Igrejas de França, e Germania, os Romanos Pontifices o tolerâraõ. E aſſim o pediaõ ſeus merecimentos inſignes àcerca da Igreja Romana, à qual acodio repetidas vezes

B em ſeus apertos, e a recebeu debaixo de ſua tutella, defendendo-a de ſeus inimigos, e amplificando-a na converſaõ das gentes de Saxonia, Bohemia, e Hunnia, e reprimindo as hereſias, que devaſtavaõ o Occidente, e collaborando a tudo que era reflorecer a piedade Chriſtãa, e diſciplina Eccleſiaſtica, por aquelles tempos muy deſcahida. Quatro vezes veyo por voto a Roma, onde deixou inſignes exemplos de ſua Religiaõ, e munificencia. Viſitou tambem o ſepulcro do Patraõ das Hespanhas em Cõpoſtella, levando veſtido hum aſpero cilicio. Aſſiſtia quanto lhe era poſſivel aos Divinos Officios, e Horas Canonicas aſſim diurnas como nocturnas, com ſumma atençaõ, e reverencia. E como era perito na muſica, e na praxe dos ritos Eccleſiaſticos, reduzio tudo a melhor

C fórma. Trouxe a Toloſa os corpos de cinco Apoſtolos; a ſaber, de S. Simaõ, S. Thadeo, S. Filippe, Santiago Menor, e a cabeça de S. Bartholomeu, havidos em varios deſpojos, e victorias. Levantou em Alemanha nove Igrejas Epiſcopaes, e duas Metropolitanas, e edificou outras 27 Igrejas principaes, e a famoſa Baſilica de noſſa Senhora em Aquiſgran, que he de arquitectura magnificentiſſima, e reſtaurou outras innumeraveis quaſi arruinadas por ſua antiguidade. Recebeu com ſumma veneraçaõ, e amor ao Papa Leaõ III. que ſe acolheu ao ſeu amparo, a quem reſtituhio à ſua dignidade, havendo punido

Saõ eſtas noticias ſumariamẽte recolhidas do Martyrologio Galicano de André Sauſaio, em Bollando a 18. de Janeiro §. 3. à num. 5.

Derivou-ſe eſte nome de Campus Stellæ.

aos

aos que o tinhaõ vexado. De todos os deſpojos da guerra contra os Hunnos fez donativo á Igreja de S. Pedro em Roma. Alcançou de Deos com ſua oraçaõ, qual outro Moyſès, hum milagroſo rio de aguá para o ſeu exercito, que perecia à ſede. Logrou apparições de muitos Santos, e entre elles a de Suviberto, cuja canonizaçaõ ſolicitava, e o meſmo Chriſto ſe dignou de o honrar, e conſolar com ſua preſença beatiſſima em fórma de menino, ao receber elle a Communhaõ ſagrada em dia de Paſcoa. Finalmente riquiſſimo de obra ſantas, e glorioſos merecimentos, paſſou a melhor Imperio no anno do Senhor de 1814. aos 70. de ſua idade, 48. do reinado de França, e 14. da Ceſarea Monarquia. A

LXVI. B

De George Caſtrioto Principe de Albania, e Rey de Epyro.

DEſejou muito o Emperador dos Turcos ver a eſpada deſte inſigne guerreiro, pelas notaveis façanhas, que delle a fama celebrava: e Caſtrioto facilmente lha enviou ſobre bons penhores. Mas na aula de Mahometes, havendo concorrido muitos Senhores, e Capitaens a vella, e tratalla, nenhum ſabia ageitarſe a ella, nem achava couza particular de que admirarſe, e o meſmo Emperador ſuſpeitou que naõ ſeria a verdadeira, mas outra ſuppoſta. Soube diſto o famoſo Albanez, e lhe enviou a dizer *Que elle mandára a ſua eſpada, porèm naõ o ſeu braço, com o qual eſperava brevemente continuar contra elle os meſmos, e ainda mayores eſtragos.* C

RE-

A

REFLEXAM, E ELOGIO.

AMão chamaõ os Anatomicos Orgaõ de todos os orgãos, assim como ao entendimento Especie de todas as especies. Faltando pois o principal orgaõ, ou instrumento, inuteis ficaõ os outros. Se bastára o instrumento inanimado fóra da mão do artifice, todos na cithara de Orfêo tocaramos como Orfêo; ou com o pincel de Rubens, e penna de Morante, escreveramos como Morante, ou pintaramos como Rubens. A Moysés quando havia de dividir o mar Roxo, naõ mandou Deos levantar a vara sómente, senaõ tambem estender a mão: *Eleva virgam tuam, & extende manum tuam super mare, & divide illud:* porque fóra da sua mão naõ se tinha Deos obrigado a fazer aquella vara milagroza. Exod. 14. 16.

B

Este esclarecido Heroe, a quem o Sultaõ Amurathes, quando o mandou circuncidar (porque sendo pequenino ficára por refens em seu poder) impoz o nome de Scander Bego, que quer dizer, O Senhor Alexandre, até no proprio nome representava ruidos de bellicoso; pois Castrioto soa a *Castra* os arrayaes, ou as fortalezas; e de S. George sabemos haver professado a vida militar; e que invocado ajuda as armas Catholicas contra os infieis. Escrevem os Authores, que nunca engeitou batalha, e nem o medo lhe vio a cara, nem o inimigo as costas; e que ou fosse a cavallo, ou desmontado, nenhum lhe parava diante: Leonclavius in Pandectis Turcicis. Paulus Jovius in elogiis illustr. virorum. Barletus in ejus vita. & ex eis Stengelius t. 2. de Judiciis Divinis c. 50. num. 15.

C

——— *Non illi quisquam se impune tulisset*
Obvius armato, seu cum pedes iret in hostem,
Seu spumantis equi foderet calcaribus armos. Virg. 6. Æn.

Trouxe incançavel conflicto contra dous potentissimos Emperadores, Amurathes, & Machometes: e lhes destroçou sete grandes exercitos, vencendo a sete dos seus Baxàs mais afamados Dizem tambem q̃ por sua propria mão em diversas batalhas matou mais de tres mil Turcos: nem lhe

lhe era neceſſario, para cada morte, ſegundo golpe: porque ſuccedia partillos deſde o hombro até o embigo, ou a travez fazellos em metades. Tanto terror, e fama ganhou entre ſeus inimigos, que até depois de morto havendo eſtes tomado a Epyro, onde ſua ſepultura eſtava, concorriaõ a ver naõ ſem eſpanto, o ſeu eſqueleto: de cujos oſſos quem podia levar algum pedacinho, ſe dava por bem armado para entrar nas batalhss, trazendo-o pendente ao peſcoço. A

Morreo no anno 1463, ou 1467, tendo 63 de idade; foy ſepultado na Igreja de S. Nicolao Lyjſenſe.

Naõ deſdiz da tempera deſta eſpada, nem da força deſte braço, a do Conde da Torre, primeiro Marquez de Fronteira, que de huma ſò cutilada deſcabeçava hum Touro. Aſſim ſe vio nos jogos publicos diante de Palacio: e chegou a eſpada, depois de partir o bruto, a riſcar a terra: acçaõ que certo Engenho deſcreveu neſte Soneto: B

Du Cãge commẽtario de Familiis Bizantinis p. 349.

Foy para o rayo de aço curta eſfera
A vida de hum ſò bruto limitada:
Queixa-ſe da materia a cutilada:
Mais funda entràra, ſe mais fundo houvera.
Torna (ſe pôdes) a viver, ô fera;
Vay buſcar mais peſcoços à manada:
Que no reſto das iras deſta eſpada,
Nova morte ſem nova acçaõ te eſpera.
Mas jà que ao ferro do melhor Mavorte,
Depois de ſorver vidas, inda dura
Vaſta, e anelante a ſede de ſeu còrte;
Que èmpregos achará força taõ dura?
Raſgue o boy, e abra a terra: deſta ſòrte
Sae das ſobras da morte a ſepultura. C

Por occaſiaõ deſtas tres famozas eſpadas, huma de Adeodato cavalleiro Maltez, outra do Emperador Carlos, outra do Principe Caſtrioto, damos aqui ao leitor curioſo, em que divirta os olhos do entendimento, paſſando-os por eſte.

RE-

REPOSITO

A

De varias memoraveis eſpadas, que as Hiſtorias divinas, e humanas celebraõ.

A cada huma poremos ſeu rotulo, ou epitheto: e ſeja a primeira.

ESPADA TAVMATVRGA, a de S. Pedro, cõ a qual foy a paciencia, e mãſidaõ de Chriſto vulnerada em Malco (como diſſe Tertulliano) *Vulnerata eſt in Malcho patientia Chriſti.* Guardava-ſe em Cõſtantinopla, obrando Deos por ella muitos milagres; de que ſe gloria em huma oraçaõ S. Proclo Patriarca daquella Igreja,

B como diz o Cardeal Baronio, ainda que Surio com Simeaõ Metafraſtes a attribue a S. Joaõ Chryſoſtomo. He curta, e pouco viſtoza; mas nem por iſſo menos para reſpeitada, como alli diz o Santo: *Quòd ſi brevis & informis videtur gladius ille, non eſt propterea deſpiciendus. Apoſtolicam enim miraculorum vim, & potentiam ſecum continet.* Surio a 1. de Agoſto. Baron. ann. 459.

ESPADA SACRILEGA, a com que o Doutor das Gentes, e Vaſo de eleiçaõ S. Paulo foy degollado em Roma, imperando Nero. Levou-a depois o Cardeal Albornoz para Heſpanha, e nella ſe vem eſculpidas eſtas letras: *NERONIS CÆSARIS MVCRO.* S. Vicente Ferrer diz que o Apoſtolo acabando de ſer degollado, e recolhendo-ſe o Emperador a palacio, lhe apparecera, offerecendolhe da parte de Deos a ſalvaçaõ, ſe quizeſſe converterſe. Porém deſte cazo naõ acho

C menção nos Hiſtoriadores Eccleſiaſticos. Nos Actos de S. Lino ſe diz que lhe appareceo, intimandolhe a ſua condenaçaõ eterna: porém eſtes Actos ſaõ apocrifos, conforme a Bellarmino, e Baronio. Niceforo Callixto tambem falla deſta appariçaõ, porèm naõ do dito cazo. Petrus Alcocerin. Hiſt Toletan. l. 2. cap. 27. S. Vicent. Ferrer in ſerm. de commemorat. S. Pauli, nõ longè à fine. Tom. 1. Bibliot. PP Niceph. l. 2. hiſt. c. 36.

ESPADA CRVCIFERA, a de S. Ephyſio Martyr em Cerdenha, ao qual eſtando para entrar em batalha contra os barbaros infieis, appareceo hum Anjo mon-

tado Acta Sanct. 15. Januarij fol. 1000. num. 15.

tado em hum generoſo cavallo branco, e lhe trouxe, e entregou huma eſpada, que no remate tinha huma Cruz; dizendo que lha mandava o ſoberano Rey de todos os homens, para vencer ſeus inimigos. E o Santo apeando-ſe adorou a Cruz, e recebeu com ſumma veneraçaõ o dom: e logo indo juntamente com o Anjo afrontar-ſe com os eſquadrões do campo contrario, eſte ſó de os ver cobrou tal pavor, que lançou a fugir. E aſſim ficàraõ livres de ſeu tyrannico poder aquelles Islenhos. A

ESPADA ENIGMATICA, a de S. Maximo Martyr, que ſe celebra entre os Gregos a trinta de Abril, diſtincto de outro S. Maximo, que ſe celebra em Janeiro. Por ſuperior inſtincto prognoſticou de ſi q̃ havia de ſer Martyr, traſpaſſado pelo ventre com huma eſpada; porque no ventre, iſto he no meyo do ſeu nome MAXIMO, eſtava a ſyllaba *Xi*, que era abbreviatura de *Xiphus*, que em Grego quer dizer eſpada. Confirmou o ſucceſſo ao prognoſtico. B

Acta Sanctorũ die 30. Aprilis.

ESPADA PONTE, a de S. Guntrano, ou Cõtramo, antigo Rey de Burgundia: o qual dormindo a ſèſta em hum ſitio ameno à margem de hum regato, vio hum pagem ſeu mimoſo (em cujo regaço tinha a cabeça recoſtada,) que da boca lhe ſahia huma lagartixa: a qual queria paſſar á outra parte do regato, mas naõ podia: e o pagem obſervando ſuas inquietas diligencias, a ſoccorreu atraveſſando de margem a margem a eſpada, pela qual paſſou, e entrou pelos buracos de huns penedos que alli eſtavaõ. E havendo la eſtado tempo conſideravel, tornou a ſahir, e a paſſar pela meſma eſpada, e a recolherſe pela boca do Rey. O qual neſte ponto acordou muito alegre, dizendo que tivera hum extraordinario ſonho: porque lhe parecia, que paſſando por huma ponte de ferro muy eſtreita, achàra hum riquiſſimo theſouro, em hum monte debaixo de huns penedos ſendidos. Referio-lhe entaõ o pagem o que vira: e conferindo huma couſa com outra, pareceu-lhes que o caſo encerrava myſterio. Mandou pois o Rey cavar naquelle monte, onde a lagartixa ſe eſcondera, e achou verificado o ſonho. Era aquella bruta penedia occulto depoſito C

O Author dos Symbolos Hierographicos, na primeira parte fol. 138. traz o deſte Rey, que ſe forma de humã eſpada, e hũa lagartixa andando por ella: e por letra Sic ſuper irreptat.

Yepes Chron. de S. Bent. tom. 1. cent. 2 fol. mihi 366. col. 4.

depoſito de hum antigo thezouro ; com o qual pode
A Guntrano fazer muitas, enſignes obras do ſerviço de Deos.

ESPADA VOCAC,AM, a de S. Franciſco de Sales Biſpo, e Principe de Genèbra: o qual caminhando a cavallo por eſtrada plana, lhe cahio da cinta a eſpada; e deſembainhando-ſe, ficou no chaõ formada della, e da bainha huma Cruz perfeita. Dahi a pouco lhe ſuccedeu o meſmo: e já entaõ o Santo fez reparo. Mas repetindo-ſe terceira vez o cazo, entendeo que Chriſto da vida ſecular o chamava para a Eccleſiaſtica, em que abraçado com a Cruz, ſeguiſſe os caminhos da perfeiçaõ Evangelica. *Carlos Auguſto de Sales na ſua vida, liv. 1. fol. 38.*

ESPADA PESTIFERA, a que vio David na mão de hum Anjo, com que por ordem divina, e em caſtigo de hum peccado de haver numerado o povo com altivez,
B e preſumpçaõ de eſpirito, matou de peſte em tres dias ſettenta mil homens: *Levanſque David* (diz o Texto Sagrado) *oculos ſuos, vidit Angelum Domini ſtantem inter cælum, & terram, & evaginatum gladium in manu ejus.* 1. Paralip. 21. 16. 2. Reg. 24. 16.

ESPADA CONTRA OS PRIMOGENITOS, a com que o Anjo percurſor no ponto da meya noite matou de repente todos os do Egypto, ſalvando ſò as caſas que tinhaõ nas portas o ſinal do ſangue do Cordeiro Paſcoal. *Gladius acutus* (diz o livro da Sabedoria) *in ſimulatum imperium tuum portans, & ſtans replevit omnia morte.* Sap. 18. 16.

ESPADA TEMENTE A DEOS, E RELIGIOSA, a de Abraham, com que reſolutamente hia a matar a ſeu
C dilectiſſimo filho Iſaac, em obſequio fiel do Divino mandato, e crendo (como diz o Apoſtolo) na eſperança contra a meſma eſperança. Por eſte filho que ſacrificava, lhe deu o Senhor tantos como as eſtrellas do Ceo, e areas do mar: e o que mais he, lhe deu o ſeu Unigenito Filho, feito homem da ſua geraçaõ: *Semen Abrahæ apprehendit*; no qual todas as da terra foraõ abençoadas: *Benedicentur in SEMINE TUO omnes gentes terræ, quia obediſti voci meæ.* Ad Rom. 4. 18. Ad Hebr. 2. 16. Gen. 22. 18. 1. Reg. 21. 9. Non eſt huic alter ſimilis.

ESPADA SEM SEMELHANTE, a de Goliath, cõ que

que David lhe destroncou a cabeça; figura de Christo, que venceu ao diabo com a sua mesma malicia. *In adventu Christi* (disse S. Augustinho) *suo gladio diabolus victus est, qui per nequitiam suam, & injustam persecutionem, quam exercuit in Christum, omnium in eum credentium perdidit principatum.* A

Aug. Ser. 197. ste tempore.

ESPADA FLAMMEA, E VERSATIL, a dos Querubins que guardaõ o Paraizo terrestre. No sentir de Tertulliano, e S. Thomás he a Zona torrida: no de Lyra, e Abulense he fogo que rodea aquelle lugar: no de Theodoreto, e Procopio saõ huns espectros, ou fantasmas horrendos, que metem terror aos que se chegaõ: no de Lilio Gregorio Giraldo he a vingança Divina: no de S. Agostinho, e S. Chrysostomo, e Ruperto he flamma com figura de espada nas mãos dos Anjos, ou espada que vibra, e despede rayos, e luzes. B

Gen. 3.24. Tertull. in Apologetico D. Thom. 2. 2. q. 165. a ult.

Vide Pererium lib 6. in Genesim Disput. de Cherubim, & gladio. Girald. in interpretatione Symb. Pythagor. tom. 2.

ESPADA SANTA, a que o magnanimo Judas Macabeu vio em sonhos, que lhe entregava da parte de Deos o Profeta Jeremias, com promessa de vencer os inimigos do povo de Israel: *Accipe sanctum gladium munus a Deo, in quo dejicies adversarios populi mei Israel.*

2. Machab. 15. 16.

ESPADA TRIUNFAL, a de S. Fernando Rey de Castella, e Leaõ. Leva-se em procissaõ solemne em Sevilha, todos os annos, a vinte e tres de Novembro, que foy o dia em que o dito Rey no de 1248. a tomou aos Mouros. A pessoa que a leva no dito triunfo, primeiro que lha entreguem, faz juramento de a repor fielmente, e disso se forma instrumento por Notario publico. No anno de 1508. a levou o Catholico Rey D. Fernando, que alli se achava presente. C

Papebroch. die 30. Maii, fol. 351. in Annotatis lit. B. & fol. 356. n. 128.

ESPADA BENTA, a de S. Joaõ Carlos Conde em Polonia, Capitaõ da Samogicia: o qual havendo de pelejar contra Carlos Sudermanno, e os hereges seus sequazes, procurou que o Bispo de Vilna Benedicto Voina, lhe benzesse a espada, debaixo do patrocinio de S. Casimiro: o que elle fez ao celebrar Missa, com particulares ceremonias, e oraçõcs pias; e no fim, havendo o Conde recebido a sagrada Communhaõ, e estando ajoelhado ante o altar, lha entregou, mandando lhe, que sem temor

Acta Sanctorum die 4. Martii fol. 356. num. 31.

mor algum pugnaſſe pela cauza de Deos, e da Patria.

A O religioſo, e pio deſte acto acompanhàraõ os circunſtantes com lagrymas, e deprecaçoens. E o Conde ficou taõ confortado, e animoſo, que ſaindo logo á campanha, deſpio as armas, e arregaçando o braço direito atè o cotovello, arremeteo aos inimigos, e fez nelles geral eſtrago.

ESPADA PROMPTA, podemos chamar às dos Cavalleiros Polacos, que coſtumaõ quando aſſiſtem à Miſſa, e ſe começa a cantar o Euangelho, arrancar meya eſpada, como em proteſtaçaõ do animo prompto para defendello contra ſeus inimigos. Começou (diz Chromero) eſte eſtilo desde Miercislao Rey de Polonia. Baron-Anno Chriſti 1041. n. 11. Chomer. lib. 3.

ESPADA REPUGNANTE, OU CONTRA PRODUCENTEM podemos chamar à

B de hum dos homicidas que foraõ matar a S. Maximo Abbade, e Martyr em França. Diſſelhe com arrogancia colerica: *Onde eſtà agora quem te poſſa livrar das minhas mãos?* Reſpondeo facilmente o Santo: *Aqui eſtà preſente quem pòde.* Elle arrancando foy a ferillo: mas a eſpada lhe reſilio da maõ, e as mãos, e pès, e peſcoço ſe lhe torceraõ, e huma denſa nuvem o cegou por eſpaço de 4. horas. Acta Sanctorũ die 2. Januar. ol. 94.

ESPADA SEGA-VIDAS, a del Rey Arturo de Bretanha, que viveo pelos annos de 1470. matou em huma batalha 470. inimigos. Sigibert. in Chron

ESPADA INVIOLAVEL, a de Rolando

C neto de Carlos Magno; chamavalhe Durandolo; e era taõ dura, e forte, que querendo quebralla em humas penhas, eſtas ſe quebravaõ, e ella naõ. Conſervaſe no Moſteiro de S. Romaõ na Cidade de Blaienſe, pendente no ſeu ſepulchro. Giraldus l. 3. Hiſt Franc.

ESPADA METAPHORICA. Claudio Marcello entre os Romanos era chamado Eſpada: e Fabio Maximo Cunctator, Eſcudo: porque aquelle era eſperto, e acometedor dos perigos, e eſtoutro pacato, acautelado, e ſofrido. O meſmo nome de eſpada podemos dar a Alexandre Magno, que era vulgarmente chamado, a Eſpada de Ariſtoteles, porque eſte como Meſtre Sabellicus Ænead. 5. l. 4. ex Poſſidonio. Theop. De Glaucio & Pileo §. 5.

obrava por ſeu meyo o que queria, e era delle defendido.

ESPADA NO ALTAR. O Biſpo Herbipolenſe coſ- A
tuma ao celebrar Miſſa, ter diante de ſi no meſmo altar
huma eſpada nua: naõ ſey ſe para inſignia do ſeu domi-
nio temporal, porque juntamente he Duque de Fran-
conia, ou ſe com aquelle eſpirito, com que ſe diz no li-
vro dos Proverbios: *Quando ſederis, ut comedas cum Prin-
cipe, diligenter attende, quæ appoſita ſunt ante faciem tuam,
& ſtatue cultrum in gutture tuo:* Quando te achares à meſa
do Rey, adverte bem no que ſe te poem diante, e faze
conta que tens hum cutello à garganta. Porque na ver-
dade aquelle ſoberano manjar Euchariſtico, para os bons
he vida, porèm morte para os impios: *Mors eſt malis,
vita bonis: vide paris ſumptionis, quàm ſit diſpar exitus.*

ESPADA ANDROGINA, podemos chamar ás de B
que indifferentemente ſe cingiraõ, e uſáraõ homens, e
mulheres em certa guerra, de que faz mençaõ Syneſio,
para a qual tambem o ſexo feminino entrou em liſta,
e rezenha, e teſtemunha o dito Author, que vio mui-
tas vezes huma mulher juntamente com a dita eſpada
na cinta, e huma criança ao collo dando-lhe de ma-
mar.

ESPADA METRO DAS VIDAS. Na Gallia anti- C
ga era coſtume medir a eſtatura dos ſoldados vencidos
pela eſpada do Rey vencedor. E ſò aos que a naõ exce-
diaõ perdoava. Com que por eſta conta nenhum Zaqueu
ſe trocaria com nenhum Og: e na verdade diante de Reys
nunca foy ſeguro avultar muito.

ESPADA ENCANTADA. Os gentios dados à arte
magica coſtumavaõ encantar com certos verſos as eſpa-
das, para que naõ pudeſſem ferir. Del-Rio diz, que
alguns ſoldados de conſciencia rota, e amigos de gloria
mundana ſe fazem invulneraveis por mas artes: e que
huma dellas he trazerem a camiza toda eſcrita, ou pin-
tada de horrendas imagens, a que chamão a camiza do
Inferno: e outra, certas orações compoſtas dos nomes,
e attributos de Deos, de que falçamente daõ por Au-
thores a Saõ Lcaõ Papa, e a Carlos Magno. Obſervà-

raõ

Hermanus Schedel Ætate 6. Vide Theoph. Raynaud de Gladio, & Pileo §. 6. Prov. 23. v. 1.

Ex Sequentia Eccleſiæ in Miſſa.

Syneſius in deſcriptione Pentapolitanæ calamitatis.

Raynaud. De Gladio & Pileo f. 543 tom. 10. operum.

Deut. 3. 11.

Jamblicus lib. de Myſteriis Ægyptiorum.

Del-Rio l. 2. Diſq. Mag. q. 21.

raõ alguns, que por isso Deos N. S. amansando muitas vezes as fêras, e os elementos para que naõ offendessem
A aos seus Martyres; e todavia quando em fim eraõ postos debaixo dos fios da espada, naõ queria que esta lhes perdoasse: para que os Gentios que sabiaõ encantar as espadas naõ attribuissem o milagre à mesma causa. Mais verosimil parece, que Deos nosso Senhor ostentava seu poder com maravilhas para consolaçaõ dos Fieis, confusaõ dos inimigos, e conversaõ de alguns Gentios: mas em fim deixava obrar a espada, para acabar de coroar a seus Santos com hum genero de morte menos cruel, e mais propria da Justiça punitiva, que os tyranos affectaõ exercitar.

Alanus Copus Dialogo 3. c. 9.

ESPADA IDOLATRADA. Os Scythas, e
B os Sarmatas, gentes por extremo barbaras, naõ adoraõ outra Divindade mais que a sua espada, pregando-a para isso no chaõ: e por ella juraõ, como se fosse algum Numen soberano. E sendo que * tudo entre si tem commum atê os filhos, e as mulheres confusamente; só a espada, e o copo nunca trocaõ. Tambem os Amonitas costumavaõ beijar a sua espada quando venciaõ aos Israelitas, na qual tinhaõ esculpida a fórma dos seus idolos, em reconhecimento de que estes eraõ os Authores da victoria.

S. Clem. Alex. in Exhortat. ad Gêtes Bissonius lib. 3. de Regno Persico. Arnobius lib. 6. Amianus lib. 31. * Cælius Rhodiginius lib. 18. Antiquarum lectionum cap. 24. Novarin. lib. 9. Sacrorũ Electorum n. 364.

ESPADA TRAVECEIRO, OU CABECEIRA. Era estylo pôr a espada dos varões abalizados em armas debaixo da sua cabeça na sepultura, ou à cabeceira do mesmo sepulchro. Neste sentido entendem alguns
C aquelle Texto de Ezequiel: *Et non dormient cum fortibus, cadentibusque, & incircumcisis, qui descenderunt ad infernum* (Vatablo: *sepulchrum*) *cum armis suis, & posuerunt gladios suos sub capitibus suis.*

Ezech. 32. 27. Menochius Lyra, & ex eodem Novatin. l. 8. Elect. c. 8. n. 59.

ESPADA INTERDICTA. Quando o grande Pompeio marchava por Sicilia, e veyo a saber as grandes insolencias, que as suas tropas faziaõ pelos caminhos, mandou fechar com o sello do seu anel as espadas de muitos soldados que hiaõ diante, para que naõ pudessem usar dellas. Devia ser o sello posto em fórma, que ao arrancar da bainha logo se visse quebrado.

Radulphus Forrerius l. 1. Rerum quotidian. c. 29.

ESPADA DE DEOS, ſe intitulou arrogantemente Calebo ſucceſſor de Mafoma; e na verdade o foy quanto á permiſſaõ, porque fez innumeraveis males na Chriſtandade: porèm mais propriamente foy eſpada de Satanas, ou inſtrumento de ſua maldade

Theoph. ſupracit. fol. 539. A

ESPADA DE PAM, foy a que ſonhou hum ſoldado dos Madianitas, e contando a outro ſeu camarada o ſonho, diſſe que vira hum pão de cevada, virſe revolvendo, atè dar no tabernaculo do ſeu Principe, e derruballo: e outro lhe interpretou o ſonho, dizendo, que aquelle pão naõ era outra couſa, ſenaõ a eſpada de Gedeaõ, que havia de deſtruillos. E aſſim ſuccedeu com effeito. Joaõ Wilhelmo Ruremundenſe, hum dos Capitães dos Anabaptiſtas, pelos annos de 1580. entre outras eſtulticias dizia, que a ſua eſpada era a de Gedeaõ: e aſſim mandava a ſeus diſcipulos ſaltear, e roubar: e elles o executavaõ dizendo, que era em virtude da eſpada de Gedeaõ.

Judicum 7. v. 13. & ſeqq.

Theoph. ſupracit. §. 7.

B

ESPADAS DE CARNE; foraõ duas, que cruzadas em aſpa, e finaladas na terra, trouxe deſde o ventre de ſua mãy hum menino de illuſtre ſangue, cuja proſapia tinha por armas eſta meſma figura; na qual devia a mãy empregar a apprehenſaõ taõ vivamente, que ſe trasladou á teſta do filho, por occulta, maravilhoſa operaçaõ da natureza.

Georg. Stãgel to. 2. de Judiciis divinii. c. 51. n. 11.

ESPADA DE PEIXE. O doutiſſimo Aldrovando citando a Fernaõ Lopes diz, que huns Indios do Brazil uſaõ de eſpadas feitas de oſſos de peixe, em talabartes de pelle de lobo marinho.

Aldrov. l. 1. de quadrupedibus digitatis c. 10. opes p. 2. da Hiſtoria dos Judios lib. 5. c. 16.

ESPADA A PEDIR DE BOCA, podemos chamar a que por diſpoſiçaõ Divina matou a certo Eccleſiaſtico bellicoſo, que refere S. Pedro Damiaõ, Reſumido o caſo, foy, que tomando eſte Clerigo armas para uſurpar os bens da Igreja de S. Mauricio; hum dia que aſſiſtio à Miſſa com outros camaradas, ouvio que liaõ no Euangelho a quellas palavras de Chriſto: *Omnis qui ſe exaltat, humiliabitur; & qui ſe humiliat, exaltabitur*: Todo o que ſe exalta, ſerà humilhado; e o que ſe humilha, ſerà exaltado. E logo com blasfema lingua, ſahio dizendo:

Opuſculo 34. p. 1. cap. 4.

Luc. 14. v. 11.

C

zendo: Esta sentença he falsa; porque se eu me humilhasse a meus adversarios, naõ teria hoje tanta fazenda,
A e vassallos. Succedeu pois que entrando logo na batalha em hum poderoso cavallo, este se abalançou a beber em huma ribeira, porque tinha na antecedente noyte comido sal: e ao forcejar o cavalleiro por sustentar-lhe as redeas, abaixou a maõ da adarga, e descobrio o rosto: e logo huma espada, que se naõ soube que mão a governàra, lhe entrou pela boca, e o derribou morto: verificando naõ sòmente a sentença de Christo, senaõ tambem a do Sabio, quando disse: *Os autem, quod mentitur, occidit animam.* A boca que mente mata à alma. Sapient. c. 1. u. 11.

ESPADA NOS DENTES DO CERBERO INFERNAL, se vè do seguinte caso, qual foste. Costu-
B mava certo amante entrar de noite em caza de huma mulher bem reputada. Quiz a piedade Divina desatar o mão laço desta amizade: e dispoz que lhe sahisse dentro ao encontro hum ferocissimo sabujo, o qual se arremeçou à garganta do moço: e elle ainda que assustado, levou da espada para defender-se: mas o cão, que era o demonio, lhe pegou della com os dentes, e com summa facilidade lhe arrancou a folha, deixando-lhe os copos na mão. O moço escapou por onde pode fugindo. Eo bom exito, que o caso teve, fica jà referido no Tratado que tem por titulo Armas da Castidade Pergunta XVII. *Vida da serva de Deos Soror Anna de S. Agostinho livro 3. c. 18.*

ESPADA COM AZA, a que o magnanimo Rey D. Affonso Henriques vio pelejar junto a si, na celebre ba-
C talha que venceu nos campos de Santarem, contra Albarc Rey Mouro de Sevilha. Depoz o mesmo Rey D. Affonso (e o mesmo affirmàraõ muitos Mouros que ficàraõ cativos) que vira apar do seu braço direito outro armado, que se rematava junto ao hombro, com huma aza de cor purpurea, o qual o ajudava de fôrte, que matou, e ferio a innumeraveis, e ninguem o ferio a elle. Por onde entendeo ser do seu Anjo Custodio, ou do Arcanjo Saõ Miguel, aos quaes tinha pedido auxilio antes de entrar na batalha. Para memoria do beneficio instituhio no anno de Christo de 1167. a Or- *Brito na Chronica de Cister p. 1. livro 5. c. 18. & 19.*

dem dos Cavalleiros da Ala, com particulares eſtatutos, os quaes traziaõ no peito a inſignia da Ala de cor purpurea com rayos de ouro. Mas brevemente ſe extinguio, por morte do dito Rey, porque lhe naõ aſſinou commendas. A

ESPADA COM SOBREPELLIZ. Na noite de Natal, entre a ſolemnidade das Matinas, benze o Papa a eſpada, que ha de mandar de prezente a algum grande Principe da Chriſtandade. E ſe eſte ſe acha prezente, veſte ſobrepelliz, e ſobre ella cinge eſpada, e logo toma Pluvial branco, e ſendo Duque, poem a ſua gorra, ou pileo, e tomada a bençaõ ao Summo Pontifice, vay cantar ſolemnemente a quinta liçaõ: tirando antes diſſo a gorra, que entrega a hum Miniſtro, e logo arrancando a eſpada, eſgrime com ella ferindo a terra, e o ar tres vezes. E ſendo Emperador, uſa das meſmas ceremonias; mas naõ leva gorra, por ſer inſignia Ducal; e canta a ſetima liçaõ: *Exiit edictum a Cæſare Auguſto*, ao menos a Homilia, continuando o mais hum de dous Cardeaes Diaconos, que o acompanhaõ à eſtante. Aſſim ſe praticou em tempo do Papa Paulo II. com o Emperador Federico III. B

Dominic. Macer. in Dictionario ſacro, verbo Lectio.

Luc. cap. 2. v. 1.

ESPADA RESTITUIDORA, ſe pòde intitular a que conſta do que refere Roberto Gaguino, e delle o famoſo Chroniſta da eſclarecida, e antiquiſſima Ordem Benedictina Fr. Antonio de Yepes. Dizem, que ao ſer dèpoſto no ſepulchro na Abbadia de S. Dionyſio o corpo de Carlos VIII. Rey de França (cuja pompa funeral foy taõ magnifica, que antes de acabar de ſahir de Pariz, já chegava ao dito Moſteiro diſtante legoa e meya,) todos os Reys de armas deixáraõ os ſeus eſcudos, todas as Juſtiças as ſuas varas, todos os criados, e Officiaes del-Rey as inſignias dos ſeus officios, e as proſtraraõ ao pé do meſmo ſepulchro. E feita eſta obſequioſa ceremonia, o Miniſtro, que levava a eſpada real, levantando-a diſſe com grande authoridade: *Viva ElRey.* E logo todos tornàraõ a tomar as ſuas inſignias. C

Gaguinus in Carolo VIII. Yepes Anno de Chriſto 1644. cap. 2.

ESPADA RACIONAL, a com que Salomaõ mandando partir o menino, naõ partio ſenaõ a contenda

entre

entre as duas mães; discernindo-se no exame dos seus filos, qual era a affectante, e qual a verdadeira. Servio
A tambem esta espada de tocha, que em semelhante duvida, e demanda alumiou a Dom Affonso o Sabio, de Aragaõ, & Napoles. Pedia-lhe certa escrava liberdade, a titulo de haver parido de seu senhor hum filho. E naõ podendo o Rey determinar o direito, porque o Patraõ negava o facto, mandou por voz de pregoeiro vender o novo escravo para seu real fisco. E o pay querendo logo lançar nelle, e comprallo, se deu a conhecer por tal, e foy a serva libertada.

3. Regum cap. 3. v. 16. & seqq.

ESPADA PREGADORA, a que os Doutores, e Predicantes da falsa, e sordida seita Mahometana levaõ ao pulpito, e tem na maõ desembainhada, em quanto explicaõ os pontos, e delyrios do seu Alcoraõ.

Richardus in confutation. legis Saracenorum cap. 10

B *ESPADA SACERDOTAL CONTRA O AC,OUTE DE DEOS*, a que Attila Rey dos Hunnos, chamado o Açoute de Deos, vio na mão de hũa Celestial pessoa ornada com vestiduras Sacerdotaes, a qual estava ao lado de Saõ Leaõ Papa, ameaçando-o de morte, se lhe naõ obedecesse, mandando retirar o seu exercito, com que vinha a devastar toda Italia.

Breviarium Romanum die XI. Aprilis.

ESPADA MONSTRUOSA, a que trouxe sinalada no braço direito hum menino, que naceu neste Reyno no anno de mil e seis centos e vinte e oito: tinha tambem sinalado no pè direito a letra S. e hum sô olho na testa.

Eusebio Nierembergo, liv. 3. da Curiosa Filosofia c. 5.

ESPADA DESESPERADA, a de D. Alvaro Vaz de Almada Conde de Arronches, em quem se verificou aquillo do grande Politico Contzen: *Postquam*
C *salutem despondit, exitij solatia quærit, comitesque mortis.* Porque achando-se na batalha da Alfarrobeira, e sabendo que tinhaõ morto ao Infante D. Pedro Tio delRey D. Affonso V. de Portugal, quiz vingar bem a sua morte, e naõ sobreviver a taõ bom amigo: e assim recolhendo-se ao seu alojamento, a esforçarse com alguns bocados, sahio logo a pé em campo aberto, com a espada na mão fazendo tal estrago nos inimigos, que nenhum delles o acometeu duas vezes, porque o mesmo era darlhe,

P. Adamus Contzen lib. 9. Politicorum cap. 15.

que matallo atè q̃ cançado diſſe em alta voz ao ſeu meſmo corpo: *Bem vejo que jà naõ pòdes mais; e tu ò alma minha, já tardas.* E com iſto ſe deixou eſtender no chaõ. Mas porque o eſpirito toda via ainda eſtava em pè, diſſe para os inimigos, q̃ eraõ innumeraveis ſobre elle: *Fartar rapazes.* E logo ſeu corpo foy feito em miudas poſtas. A

Nobiliario do Conde D. Pedro Titul. 64. Severim nas Noticias de Portugal Diſcurſo 3. §. 16.

ESPADA DO MORTO MATADORA. Deſcendem os da Familia dos Valles, de hum Martim do Valle Espada, chamado aſſim, porque eſtando em ſerviço de hum Conde, a quem outro Conde ſeu inimigo matou: elle, naõ puxando da ſua espada, ſenaõ da de ſeu amo morto, brigou com o matador, e o matou. Donde ſeus deſcendentes trazem por armas as tres eſpadas; a do dito Martim do Valle, a do Conde ſeu amo, e a do outro Conde a quem elle venceu.

Parte 1. in Hierographia Regum Burgundiæ ſymbolo 2. fol. 138.

ESPADA INFLEXIVEL, E RIGIDISSIMA a de Baſsano Rey dos Sycambros, que naõ duvidou degollar ſeu proprio filho, porque violando a ley o merecia. O Author dos Symbolos, ou Emprezas dos Pontifices, e Reis, traz a deſte, que conſta de huma eſpada empunhada, de que pendem dous latigos, ou azorragues; e por letra: *Diſcite Juſtitiam moniti.* B

Hieronymo Plato lib. De bono ſtatu Relig. 33. Cornejo na primeyra parte das Chronicas livro 5. c. 4.

ESPADA PAULINA, E FRANCISCANA, OU DAS VIDRAC,AS CONVERSANDO. Foy o cazo, que certo Bispo grande perſeguidor da Ordem Seraphica, ſendo chamado ao Concilio, tinha determinado fazer quanto pudeſſe pela deſtruir: e os Religioſos depois de haver ſofrido muitos gravames, e injurias, naõ tinhaõ com que ſe defender ſenaõ com a paciencia, e oraçaõ, clamando ao Ceo pelo remedio. Succedeo que na noyte antecedente à partida do Biſpo para o Concilio, entrando o Sacriſtaõ de certa Igreja daquella Cidade a prover as alampadas, ſentio vozes como de dous homens que converſavaõ. Temeo foſſem ladroens que tinhaõ ficado dentro, ou entrado por alguma janella; e applicando o ouvido para aquella parte, veyo em fim a averiguar que as vozes ſoavaõ de cima, e ſahiaõ de duas imagens, que eſtavaõ formadas nas vidraças de huma claraboya. E reparou, que hũa dellas (que era do Apoſto-

lo S.

lo S. Paulo) dizia para a outra, que era do Serafico Padre S. Francisco: *Que he isto, Francisco? como naõ cuidas*
A *da tua Religiaõ, sabendo que o Bispo N solicita a sua ruina, e descredito neste Concilio?* Respondeu S. Francisco: *Bem o vejo: porèm eu naõ tenho mais armas para a defender que esta Cruz, e estas chagas, em que deixey a meus filhos exemplo de humildade, & paciencia; & naõ valem para a vingança.* Replicava o Apostolo: *Santa he a paciencia, e a humildade: mas naõ quer Deos, que usando mal dellas a malicia, triunfe com deshonra da virtude. Por tanto toma esta minha espada, e dàme a tua Cruz, e castigue a justiça o que naõ pòde emendar o sofrimento.* E ditas estas palavras vio, que os Santos trocavaõ as insignias. Recolheo-se a caza cheyo de pavor, e suspensaõ. Pela manhãa saindo a
B buscar pessoa de satisfaçaõ, a quem communicar o cazo, vio que jà corria fama da repentina, e lastimosa morte daquelle Bispo, que fora achado degollado na sua cama: e que as Justiças andavaõ fazendo pesquizas, e naõ podiaõ descobrir o homicida. Tornou pois para a Igreja, e olhou com mais attençaõ para aquellas Imagens: e vio, que na real verdade, S. Paulo tinha na maõ a Cruz de S. Francisco, e S. Francisco a espada de S. Paulo, mas de cor de sangue, que de antes naõ tinha. Bem inteirado jà da maravilha deu conta ao Magistrado, porque se naõ procedesse contra alguns innocentes. Vieraõ ministros, reconheceraõ a portentosa troca das insignias dos Santos: e depois revolvendo os papeis do Bispo defunto,
C achàraõ a polvora, que tinha junta para destruir a Ordem, e que eraõ muitos os confederados para o mesmo danado intento.

Basta de digressaõ nesta materia, deixando para os que saõ doutos o proleguilla.

TI-

TITULO IX.

ASTUCIA.

LXVII.

Do Papa Sixto Quinto.

ESte Summo Pontifice, que de antes ſe chamava Felix Peretto, andava com bordaõ, e cabeça baixa, fingindo-ſe enfermo, e para pouco; e que neceſſitava (ſendo aſſumpto) de que os Cardeaes governaſſem por elle, e elle tiveſſe ſò o titulo honorifico ſem o exercicio laborioſo. Mas tanto que foy eleito, e ſe declaràraõ os votos, arremeçou de ſi o bordaõ, e endireitou a cabeça, e diſſe com deſpejo: *Atègora andava inclinado para o chaõ, porque buſcava as chaves de Saõ Pedro; agora me levanto, porque buſco a fechadura, e quero abrir a porta do Ceo.*

APPENDIX,

ESte Summo Pontifice naturalmente foy de genio vivo, e acre, e amigo da razaõ, e de caſtigar inſultos, e deſcobrir dolos. Chamava-ſe antes Felix Peretto, filho de Franciſco Peretto, e Marianna de Camerino, gente humilde. Sendo de dez annos, e vendo a hum Religioſo Fran-

Franciſcano, que naõ atinava com o caminho nos campos de Aſcoli, acodio correndo a enſinallo. Admirado
A elle da eſperteza, e bom modo do menino, perguntou-lhe: *Queres vir para Aſcoli?* Reſpondeu ſem detença: *Quero ſubir atè os Ceos, por alcançar a virtude. E queres* (tornou o Padre) *fazer os votos, que fazem os Frades?* Reſpondeu: *Quero de boa vontade.* Inſtou-lhe o Religioſo: *Sim, mas olha que tens muito que padecer.* Reſpondeu o menino: *Nem animo, nem forças me faltaõ para padecer, mas que ſeja o fogo do Purgatorio, com tanto que alcance virtudes.* Vendo entaõ aquelle Religioſo que taes reſpoſtas em tal idade promettiaõ muito, ſe o ſugeito foſſe cultivado, diſſelhe: *Pois alto, vay recolher o gado de teu pay, e vem comigo.* E Felix ſem curar do primeiro executou o ſegundo, e veyo atê o Convento. Onde ſabido que naõ andava fugi-
B tivo, e que ſeus pays já de antes o tinhaõ offerecido à vida religioſa, o aceitàraõ por pupillo: e depois de profeſſo, foy de gráo em degráo creſcendo tanto nas letras, e virtudes, que chegou a ſer Papa: ſendo para elle a Quarta feira dia fatal; porque neſte naſceu, e profeſſou, e foy eleito por Pio V. Vigario geral de toda a Ordem, e ſubio à purpura Cardinalicia, e ao Throno Apoſtolico, e ultimamente foy coroado.

Spondan. Anno Dñi 1585. n. 14. *Luis de Bavia na Hiſt. Pontif. 3. part. no de 1585. c. 1.*

Mas o arremeçar logo o bordaõ, e declarar a tençaõ, com que o trouxera, foy acçaõ, que por accelerada, e intempeſtiva pudera turbar tudo, e converter a ſorte deſte feliz parto em deſgraçado aborto. Porque (como eſcreve hum Author grave) *Ad mutationem Montalti fluctuarunt & vota. Hinc Farneſius Cardinalis Decanus, qui vota*
C *numerabat, pœnitentiam ſuſpicatus in eligentibus, clamare cœpit, Vitioſum eſſe ſcrutinium. Montalius verò gravitate judicis, ac maieſtate Pontificis repoſuit: Silentium: nullus error, eodem tempore inſonans: Te Deum laudamus.* Como quem ſabia muito bem que ſuppoſta a eleiçaõ com duas partes dos votos do Conclave, naõ lhe vinha aquella ſuprema Poteſtade, e Jurisdicçaõ por homens, ſenaõ de Deos immediatamente. E chegando hum Meſtre de Ceremonias a perguntarlhe ſe eſtava pela eleiçaõ, e aceitava o Pontificado, reſpondeu abſoluto: *Naõ podemos aceitar o que ja eſtà aceito.*

Joan. Palatius Geſta Roman. Pontif. in Sixto V. n. 7.

Cap. licet de elect.

Deſ-

Deſde o primeiro ponto em que ſe vio Pontifice, começou logo a ganhar (como dizem) o barlavento aos Cardeaes, naõ lhes dando confianças, e izentando-ſe de tudo o que podiaõ interpretar por valimento, ou familiaridade, para que naõ meteſſem mão no governo. E aſſim dizendo-lhe os Cardeaes Alexandrino, e Ruſticucio, que ſe recolheſſe a deſcançar, reſpondeu muy inteiro: *No meſmo trabalho temos o deſcanço.* E replicando Alexandrino, que naõ fallava Sua Santidade aſſim hontem, e antehontem, reſpondeu: *Hontem, e antehontem naõ era Papa.* E a Ruſticucio, que ſe chegou a compor lhe as veſtiduras, carregando-lhe hum pouco com a mão ſobre o hombro, diſſe com deſagrado: *Eſta familiaridade para com hum Pontifice he impropria.* E dando os meſmos Cardeaes algumas ordens aos miniſtros ſobre armar huns panos na ſala, acodio dizendo-lhes: *Deixay, nòs baſtamos para mandar.* De tarde mandou convidar para a ceia aos ditos dous, e aos Cardeaes Medices, Eſtenſe, Altemps, e outros: e na meſa em lugar de regalos, lhes fez huma pratica ſevera, ſendo o aſſumpto a Primazia de S. Pedro, e o thema: *Tu es Petrus, & ſuper hanc petram ædificabo Eccleſiam meam, &c.* inculcando repetidamente como a cabeça naõ era mais que huma. E replicando Ruſticucio, que antes da eleiçaõ ſempre S. Santidade fallava em quam neceſſarios eraõ os coadjutores para taõ pezado officio: reſpondeu livremente: *He verdade que aſſim o diſſemos, mas agora o revogamos. Da mentira officioſa nos abſolverá o noſſo Penitenciario: & adverti vós outros, que ſe acaſo nos dèſtes o Pontificado a ujuras, nós proteſtamos que o naõ aceitamos ſenaõ de graça.*

Deſòrte que a intenção deſte Summo Pontifice era reformar, e endireitar muitas couſas que via deſencaminhadas: e como por natural ſagacidade, e muito uſo da Corte Romana, tinha bem comprehendidos os meyos para iſto neceſſarios; e por outra parte achava em ſi valor para ſe oppor ao mal: naõ duvidou aſpirar áquella ſuprema dignidade, que para todos deve ſer formidavel. E aſſim quando no dia da ſua coroaçaõ lhe fizeraõ a ſolemne ceremonia de queimar a eſtoppa, dizendo: *Beatiſſimo*

mo Padre, aſſim paſſa a gloria do mundo: elle (ſem ſer coſ-
A tume reſponderſe couſa alguma) reſpondeu muy inteiro: *A minha gloria naõ ha de paſſar; porque a minha intençaõ he ſó adminiſtrar juſtiça.* Neſtas reſpoſtas ſe deixa bem obſervar a praxe de huma importante maxima, para quem tiver governo publico. E he, nunca moſtrar fraqueza de coraçaõ, nem pobreza de talentos para exercer o ſeu officio. Eſſe humilde, e verdadeiro reconhecimento guarde-o debaixo de muitas chaves, para ſi, e ſeu Deos, e ſeu Confeſſor: que nos collateraes, e mais aulicos, e amigos communs, naõ ha de achar commiſeraçaõ, e ſubſidio, ſenaõ murmuraçaõ, e deſeſtima; e quanto mais lhe entregar o braço, mais lho haõ de torcer.

B

LXVIII.

De hum Anonymo.

NO tempo del-Rey D. Affonſo de Aragaõ, houve em Agrigento (Cidade de Sicilia) hum cego aſtutiſſimo, e que pelo tino ſabia as eſtradas de toda aquella Ilha, de modo que ſervia de guiar aos mais paſſageiros. Eſte tendo juntos huns quinhentos cruzados, os enterrou, porque lhos naõ furtaſſem. Porèm hum compadre ſeu, que morava perto, vio o enterro, ou depoſito; e logo
C no ſeguinte dia lho tomou. Achando o cego a falta, conjecturou a verdade. Para certificarſe della, foy tomar conſelho com o meſmo ladrão, dizendo: *Compadre, eu tenho enterrada em certo lugar huma quantia de dinheiro: deixey outra comigo pelo que podia ſucceder: agora, como em fim ſou cego, temo que ma furtem: naõ ſey ſe farey melhor em a pòr onde a outra eſtà; ou ſe a deixe em minha caza.* O conſultor, vendo offerecida opportunidade de lhe tomar tudo

do, reſpondeu: Por melhor tenho, que a enterreis. E para que o cego naõ achaſſe menos o primeiro depoſito, e confiadamente lhe ajuntaſſe o ſegundo, repoz alli o que tiràra, e vigiou a hora em que o cego hia dar à execuçaõ o ſeu conſelho. Porèm eſte que naõ hia a guardar de novo, ſenão a recuperar o antigo, tanto que o achou, levantou o ſaco na mão, para aquella parte, onde ſuppunha q̃ o viſinho o eſtava vigiando (como na verdade eſtava,) e diſſe em voz alta: *Oh Compadre, quanto eſta vez, mais vejo eu cego, que vòs cõ ambos os olhos.*

REFLEXAM, E PARALLELO.

A Qual dos dous armava cambapè ao outro, ſe bem hum com dolo bom, e outro com màо: e eſte naõ cahio em que cahia, ſenaõ depois que ſe vio eſtirado. O ladraõ reſtituhia parte, para furtar tudo: e o cego offerecia tudo para naõ perder couza alguma. Cegou-ſe o que vigiava, porque o cego era mais previſto; e tomou conſelho fóra, como ignorante, tendo-o já tomado comſigo, como prudente. Fingio que naõ ſabia, para acabar de ſaber; porque quando o ladraõ lhe aconſelhou que enterraſſe o dinheiro, entaõ lhe moſtrou deſenterrada a ſua maldade; e quando repoz o furto para naõ ſer ſentido, entaõ o deu mais a ſentir. Naõ ſó recuperou o cego o dinheiro perdido, ſenaõ que deſcobrio o ladraõ compadre: a quem moſtrar o ſaco na mão, era o meſmo, que darlhe com o crime na cara: e em quam alta voz lhe diſſe que via mais que elle, de taõ bom ſom lhe chamou ladraõ. Mas eſte mais ſentiria ficar ſem o dinheiro alheyo, do que com o ſeu nome proprio: porque eſta caſta de gente toma ao revez aquella ſentença dos Proverbios: *Mais val reputaçaõ boa, do que fazenda muita.*

Prov. 22. 1. *Melius eſt nomen bonũ, quàm divitiæ multæ.*

Vemos tambem aqui exemplificado o apologo do cão, que levava nos dentes a gaivota; e vendo na agua a ſombra della, quiz tambem pegarlhe: mas ao abrir a boca

boca perdeu o que jà tinha, e deſapareceu-lhe o que imaginava. Naõ era aquelle dinheiro do ladraõ ſenaõ quanto à poſſe: e aſſim, neſte ſentido, adequado lhe vem o ſeguinte Tetraſtico, ſô com a differença de ſoltar dos dentes, ou ſoltar das unhas.

Os canis implet anas: aliam capturus hiabat:
Non capit hanc; & quam ceperat ore, fugit.
Sic miſer in terra, dum rem captas alienam,
Sæpiùs, & meritò, perdis, Avare, tuam.

Do inelyto Thomàs Moro no livro dos Epigrãmas.

Pareceu-ſe tambem a condiçaõ deſte falſo amigo com a do lobo cerval, que os Francezes chamão *Luop cervin*, e Geſnero diz que vio hum em caſa do Biſpo de Trento, onde lhe chamavão *lobogato*, por parecer-ſe alguma couſa com o gato nas unhas, e focinho. He atraveſſado (ou eterogeno, como dizem os Gregos) de cervo, e loba, ou de lobo, e cerva: ſe bem outros querem que o nome de cerval lhe naõ vem por deſcendencia dos cervos; ſenaõ pela cruel antipathia que tem com elles. Coſtuma eſta féra (como dizem os naturaes) eſquecerſe repentinamente da preza que tinha jà nas unhas, ſe acazo voltando a cabeça vio outra ao longe: e aſſim em quanto vay caçar eſta, perde huma, e outra. Do meſmo modo eſte atraveſſado, ou meſtiço de ladraõ, e compadre, era lobogato, lobo pela fòme do alheyo, gato pela manha de o pilhar. Tanto que vio ao longe a eſperança de nova preza, largou a que tinha jà nas unhas; e indo em ſeu ſeguimento ficou fruſtrado de ambas.

Aldrovando lib. 1. de Quadrupedib. digitatis c. 3. de Lynce.

Plin. lib. 8. c. 22. Solin. c. 18. Polyhiſt.

Iſto de furtar ao meſmo ladraõ, e fazello repòr com mão fiel o que tinha levado com mão enganoſa, tem tanta graça, que move a dezejos de premiarſe. Neſte genero naõ tenho lido melhor inventada ſutileza, que a que refere hum noſſo Hiſtoriador grave, fallando do grande engenho, de que a natureza dotou os Chinas. Foy o cazo, que na China veyo certo Miniſtro real por Viſitador de huma Cidade: pelo qual officio lhe ganhou tal odio o Governador della, que deſejava empecerlhe em quanto pudeſſe, e deſtruillo, ainda que os ſinaes, que deſta oppoſi-

Manoel de Faria no Imperio da China, p. 2. cap. 1.

poſiçaõ dava, naõ eraõ manifeſtos; conforme o genio daquella Naçaõ, que deſejarà hum comer as entranhas ao outro, e com tudo lhe naõ faltará a hum ponto de cortezia, e ſe aſſentarà por convidado à ſua meſa. Correndo pois aquelle Viſitador com as obrigaçoens do ſeu Tribunal, de repente adoaceo, e naõ deſpachava ainda que foſſe qualquer papel ordinario. Durando iſto tempo conſideravel com o detrimento das partes, quiz hum ſeu amigo ſaber a cauſa. A eſte fim procurou viſitallo: porêm o acceſſo lhe foy negado, por ſecreta ordem que o meſmo Miniſtro tinha dado a ſeus criados. Com eſta repulſa entrou em vehemente ſoſpeita, de que a doença era ſuppoſta, e daqui inferia que a primeira origem era mais alta, e por ventura ſem conſelho alheyo ſe faria irremediavel. Valeoſe pois da importunaçaõ, e veyo em fim a entrar; e perguntou-lhe com ingenuidade amigavel a cauſa de haver ceſſado de exercer as obrigações do ſeu cargo. Allegou logo o outro a diſculpa da ſua infirmidade. Eu naõ vejo (replicou o amigo) ſinaes alguns diſſo, pois a meſma viſta me eſtà deſenganando: bem vos podeis abrir comigo, que póde ſer vos aconſelhe ultimamente. Deixou-ſe em fim o Miniſtro ſangrar, porque a lanceta do amigo vinha bem apontada, e jà lhe tinha bem apertada a fita com ſuas repetidas inſtancias. Sabereis (diſſe,) que tinha o ſello real em hum cofreſinho fechado; e hum dia, ao querer uſar delle para huma proviſaõ, naõ o achey dentro, ſendo que o cofre fechado eſtava como dantes, e eſtou certo, que o deixey dentro. Fiz occultamente pelo achar quantas diligencias me enſinou a importancia do meſmo caſo, e a afflicçaõ do meu animo: porêm todas atègora foraõ baldadas. Se iſto rompe fóra, bem ſabeis que me perco. e toda a minha caſa; porque certiſſimamente (naõ fallando nas mais penas) me depoem do officio, e fico deſacreditado, e incapaz de ſubir aos mais bancos. Neſtes termos me naõ occorreu melhor arbitrio, que fingirme doente, para eſcuſarme de ſellar papeis; e negarme a viſitas, para eſcuſar examinadores da doença. Bem vejo, que naõ he remedio duravel: mas occupa tempo, que he o inventor de todos.

Admi-

Admirado ouvia o amigo eſta propoſta: e deſpois de
A conſiderar hum breve eſpaço na difficuldade della, ſahio perguntando: Tendes algum inimigo neſta Cidade? Sim tenho, (reſpondeu elle;) o Governador della, ſuppoſto que naõ temos chegado a deſcompoſiçaõ alguma. Hora pois (tornou o amigo) ſem falta, nem detença alguma, fazey o que vos digo. Manday recolher a alguma parte mais ſegura do voſſo palacio, o mais importante, e precioſo do voſſo fato: e pela outra que ficar deſpejada, pegay fogo, como ſe fora incendio caſual. O Governador ha de ſer dos primeiros que acudaõ a apagallo; e ſenaõ acodir, a hi tendes com que vos vingar delle, denunciando que faltou a eſta ſua obrigaçaõ. Tanto que vier, clamay a altas vozes com o cofreſinho nas mãos, dizendo-lhe que ſe entregue do Sello Real, para o ſal-
B var; ſe elle o naõ aceita, tendes deſculpa notoria, dizendo, haver-ſe queimado, ou perdido por culpa do Governador requerido a eſſe intento. Se o aceita, quando vos tornar a fazer entrega delle, abri-o diante de teſtemunhas. E entaõ, ou o Sello naõ vem dentro, ou vem (como entendo que he o mais certo:) ſe naõ vem o Sello dentro, ſempre tendes acçaõ publica contra o Governador, deſcarregando ſobre elle a culpa, quer elle a tiveſſe, por naõ reſtituir; quer a naõ tiveſſe, por naõ haver furtado o Sello. Mas ſe o Sello vem dentro, tendes arrecadado o furto, e deſcuberto o ladraõ.

Contentou de modo o facil, e bem dirigido deſte arbitrio, que o Miniſtro logo o deu á execuçaõ. Atea-ſe o incendio, rompem fóra immenſas linguas de fogo, que o publicáraõ, creſcem os clamores de dentro, e de
C fóra, amotina-ſe a viſinhança. Naõ tardou o Governador, bem alheyo de que de ſua caſa, ainda que diſtante, ſe havia de alijar a principal peça, em que aquelle fogo prendia. Naõ pode eſcuzar-ſe de depoſitario do cofre, ſem embargo de ſaber, que eſte o naõ era do Sello; affectando a meſma promptidaõ, e reſpeito, como ſe eſtiveſſe alli encerrado; viſto que naõ havia lugar de buſcar chave, e regiſtrar o que recebia. No ſeguinte dia apagado o incendio, veyo o cofre com o Sello dentro, que elle ti-

nha roubado por interpoſta peſſoa com chave falſa. E cada hum fechou debaixo da do ſilencio a malicia do outro, por naõ descobrir a propria. Eys-aqui em praxe a ſentença de Salomaõ nos Proverbios: A rectidaõ dos juſtos os livrarà: e no ſeu meſmo laço ſeraõ colhidos os impios: *Juſtitia rectorum liberabit eos: & in inſidiis ſuis capientur iniqui.*

Prov. cap. 11. v. 6.

LXIX.

De Filippe Rey de França.

VAgando a Abbadia de S. Dionyſio em Paris, muitos a pertendèraõ por ſer Eſpoſa illuſtre, e com bom dote. Foy logo o Prior da meſma caſa ter com El-Rey Filippe, e pelo modo mais cortezaõ que ſoube, lhe inſinuou ſerviria a Sua Mageſtade com quinhentos marcos de prata, dignando-ſe de aprezentallo naquelle lugar. El-Rey diſſimulou, e diſſe-lhe com algum agrado: Entregay o dinheiro ao meu Theſoureiro. E aſſim ſe fez. Veyo no outro dia o Celleireiro, ou Procurador com a meſma pertençaõ, e offerta; e levou a meſma reſpoſta. Veyo ultimamente o Sacriſtaõ mor armado tambem com as meſmas armas brancas (q̃ eraõ outros quinhentos;) e lhe reſpondeu do meſmo modo. Nomeado dia em que El-Rey havia de ir a Capitulo fazer apreſentaçaõ, puzeraõ-ſe apar delle os tres pertenſores, ſem ſaber huns dos outros, e cada qual tendo por certo, que em abrindo El Rey a boca, era conſtituido Abbade. Correo elle com os olhos o Capitulo, e reparou que eſtava no ultimo lugar hum Monge deſpreſivel, que na modeſtia do roſto, e quietaçaõ do corpo moſtrava

trava estar em presença de Deos. Chamou-o, e
A disse-lhe: *Eu vos nomeyo por Abbade.* Ficou o pobre assustadissimo, e começou a allegar sua total insufficiencia. Porèm com isto se confirmou mais o Rey, dizendo: *Vos, que entendeis que naõ servis, sois o que servis.* Em fim houve de aceitar violentado: mas logo declarou, que a casa tinha grandes empenhos, os quaes elle por pobre naõ podia satisfazer, e como Religioso nao determinava implicar-se em negocios seculares para esse effeito. Entaõ o Rey mandou ao seu Thesoureiro que vazasse os sacos da moeda, que recebera em deposito, e disse para o novo Eleito: *Aqui tendes mil e*
B *quinhentos marcos de prata; QUE SE DA CASA SAHIRAM, BEM HE QUE PARA A CASA TORNEM: & eu darey o mais que vos for necessario.*

GLOSA.

AQui temos outro furto santo, e feito a ladrões, que professavaõ aspirar a ser Santos. Glosemos o cazo todo.

De quam opulenta fosse a dita Abbadia, basta para o entendermos, terem nella seus jazigos, e mausoleos tantas pessoas illustres, que só de
C Reys recensêa o Doutissimo Yepes 45. e he certo, que todos honravaõ, e favoreciaõ a dita caza com magnificos dons, izenções, e preeminencias: chegou a ter a El-Rey Ludovico Crasso por seu feudatario do Condado de Velocacino, que a mesma caza possuhia. *Yepes Centuria 2. anno de Christo 644.*

Como havia tantos favos nesta colmèa, difficil era deixar de emmelar-se os colmeeiros, querendo crestalla cada hum pela sua parte às escondidas dos outros. Por ventura, que naõ ficasse na mão de cada hum menos quantia da que poz na do Rey. Que soma importasem os 1500 marcos naquelle tempo, e Reyno, mal nos pòde

conſtar: mas reduzidos ao valor da moeda que hoje tem entre nós a prata de onze dinheiros, importaõ vinte, e dous mil, e quinhentos cruzados. E ainda que entaõ valeſſem menos quanto à eſtimaçaõ da ley, pòde ſer que valeſſem tanto, e mais, quanto ao preſtimo, e uſo civil: pois vemos que mais ricas, e fartas eraõ as cazas antiguamente com poucos redditos, do que hoje o ſaõ cõ muitos. A

Por hũa ley do Senhor Rey D. Pedro II, paſſada a 4 de Agoſto de 1688.

Aſſim que aquella creſta naõ era pequena para quem eſtava ainda fóra da Prelazia: quanto mayor eſperariaõ, chegando a eſtar dentro? Na ponta da vara q̃ tinha na ſua mão goſtou Jonathas hũ pouco de mel: *Guſtans guſtavi in ſummitate virgæ, quæ erat in manu mea, paululum mellis:* e np mais alto da juriſdiçaõ, e governo goſtaõ tambem alguns Prelados, e Miniſtros naõ pouco deſtoutro mel. Mas com eſta differença, que Jonathas em provando, ſe lhe eſclareceraõ os olhos: *Et illuminati ſunt oculi ejus:* e eſtoutros quanto mais provaõ, mais ſe lhe eſcurecem. Que mayor eſcuridade, e cegueira, que tomar neſte caſo o alheyo quem profeſſava renunciar o proprio? Que mayor cegueira, que comprar a eſte fim o eſpiritual, ſem repararem na lepra peyor que Giezitica, de que todos eſtavaõ gafos; pois a ſimonia de Giezi no parecer do Alapide foy ſò mental, e a delles era real claramente?

1. Reg. 14. 43. & 28.

B

4. Reg. 5. 27. Vide Alap. ibidem.

Repare-ſe em que todos elles tinhaõ officio de manejar os bens da caza. O Procurador, e Celleireiro haviaõ de correr com as demandas, cobrar as dividas, cenſos, juros, e legados, recolher as novidades, comprar os uſuaes, e prover as officinas. O Sacriſtaõ mór havia de cobrar os eſtipendios das Miſſas, e Officios, ſe os houveſſe, arrecadar as offertas, e luctuoſas, e guardar a prata, cera, ornamentos, e toda a mais alfaya ſagrada. O Prior havia tomar eſtas contas, e rever os roes, e fallar pelos pretendentes do habito, e votar deciſivamente em capitulo em materias de fazenda, compras, cobranças, empreſtimos, aforamentos, e poderia em tudo fazer amizade a quem lha fizeſſe a elle. Em fim que todos tres tinhaõ a mão na maſſa; por iſſo ſe lhe pegava; e ſe a meteſſem atè o cotovello, eſperavaõ ſe pegaſſe mais. Perigoſiſſima he logo a condiçaõ dos bens temporaes, junta com a

C

dos

dos ſogeitos que naõ tem muito de eſpirituaes. Daſme
A colchetes macho, e femea? eu vos darey feita a prezilha.
Daiſme iſca perto da faiſca? eu vos darey atea-do o fogo.
Por tanto afaſte-ſe quem puder; que as occaſiões fazem
do juſto peccador, e diz o Eſpirito Santo: *Qui tetigerit* Eccli. 13. 1.
picem, inquinabitur ab ea.

Mas offerecerem todos quantidades iguaes, donde procederia? Naõ parece feito ſenaõ de propoſito; e foy acazo: porque a ſaber huns dos outros, cada qual levantaria o lanço por levar a arrematação. Salvo foſſe conchavo occulto, e parçaria amigavel, como fazem os que cercaõ os atuns no dia da peſca, para que em qualquer dos barcos que ſucceda faltarem quando os fiſgaõ, comão todos igualmente. Porém naõ adivinhemos contra o litteral da hiſtoria, que ſuppoem ignorancias de parte a
B parte: como os tres eſtavaõ unidos *per ſe* na intenção, *per accidens* ficàraõ unidos na acção.

Mas hum Monge a hum Rey offerecer dinheiro, por conſeguir dignidade, e mando, ſendo eſpiritual eſte direito do Padroado! como ſe lhe naõ fizeraõ as faces vermelhas? Sim fariaõ, mas: *Actio eſt a vincente* (como dizem os Filoſofos): e aqui a ambiçaõ era mais que a vergonha. Ou tambem fariaõ conta, que a vergonha paſſaria, e a dignidade ficava, a vergonha ſô ElRey a via, e a dignidade a veriaõ todos. Tudo iſto vay na ſuppoſiçaõ de que os ditos pretenſores tinhaõ cara; que dos impios coſtumados à maldade eſtà eſcrito que naõ tem mais cara que a da mulher ruim: *Faciei mulieris meretricis facta* Jerem. 3. 3.
C *eſt tibi, noluiſti erubeſcere.* Por iſſo Cataõ a hum atrevido que por deſpreſo cuſpio nelle, diſſe (jugando do equivoco da palavra *Os*, que ſignifica cara, e boca) que jà agora ficavaõ deſmentidos os que diziaõ delle, que naõ tinha cara: *Affirmabo tibi, Lentule, mentiri eos, qui te os habere negant.* Os que conhecendo o mal, ſe naõ retiraõ delle, encaraõ muito no demonio: e aſſim eſte, a quem S. Joaõ Chryſoſtomo chamou deſcarado (*os impudens*) os Homil 1. ad Popul. Antioch.
figurou ao ſeu modo. Vi huma vez a hum Sacerdote dar huma rija bofetada a huma poſſeſſa do demonio, q̃ tinha proferido hũa horrenda blasfemia: e reparey que ficou

taõ immovel, e ſegura, ſem fazer geſto, nem moſtrar reſentimento, como ſe a deſſem em hum bronze. Que muito logo que os que ſervem ao demonio, levem ſem A as ſoffrir, as boſetadas da infamia?

O Rey no modo com que ſe portou, deu novo luſtro à ſua coroa. Note-ſe como rebaixou altivezes de ſua real condiçaõ, para que as prateadas agoas da moeda alheya, que eſtavaõ rebalçadas naquelles tres charcos, tomaſſem para alli corrente, e na ſua mão ſe fizeſſe dellas arca, e repuxo, donde, aberto depois o regiſtro, tornaſſem a fecundar os campos em que naſceraõ. Diſſe poucas palavras; mas eſſenciaes, e effectivas, que he o modo proprio de fallarem os Reys. Por naõ mentir, naõ prometteu: por naõ afugentar, naõ negou: houve-ſe ſuperficial no modo, profundo no deſignio: ſe concebiaõ eſperança falſa, elles ſe enganavaõ: ſe ſuppunhaõ Rey B mercador, elles ſe deſenganariaõ.

Naquelle dia para elles bem eſperado, e mal ſuccedido, tomàraõ lugar perto do Rey, ou para ſe fazerem mais lembrados, ou porque ſe ſuppunhaõ bem viſtos. Porèm do ſeu affecto já de antes eſtavaõ longe, e agora muito mais: pouco obra a immediaçaõ do ſuppoſto, onde falta a da virtude: nem todos os que tem bom lugar na aula, o tem no coraçaõ do Principe. Todos tres eſperavaõ naquelle dia por hoſpeda a boa ventura: mas ella paſſou de largo, e foy tomar pouſada la a hum cantinho. Cada hum ſe fazia Rey daquella caſa, acompanhado dos quinhentos de ſua guarda, que indo diante abriaõ melhor o caminho: e eſſes foraõ os que lho fechàraõ. Tinhão vindo gordos do verde da ſua eſperança: C como eſta ſe lhes ſeccou, ficàraõ ſem o que haviaõ de comer, e ſem o que tinhaõ já comido; ſem o que haviaõ de comer na meſa traveſſa como Prelados, e ſem o que tinhaõ já comido pela porta traveſſa como màos officiaes.

Buſcou o Rey com os olhos o Monge que lhe pareceu de mais virtudes: e aquelle aſſentou ſeria de mais virtude, que mais em preſença de Deos eſtiveſſe: *Magnitudinis, multitudiniſque bonorum & initium, & finis eſt indeſi-*

Libro De migratione Abrahæ.

deſinens Dei memoria, atque invocatio ſuperni auxilii (diſſe Philo Alexandrino.) Quem entre os homens perſevera
A com Deos, eſſe para com Deos he mais apto para governar homens: quem nos publicos ſabe conſervarſe interior, eſſe mais ſeguramente ſe expoem aos publicos. Os outros chegaraõ-ſe ao Rey, e ſahiraõ excluſos: eſte chegou-ſe a Deos, ſahio admittido.

Mas quando o Rey nomeou o ultimo por primeiro, conforme o eſtilo de Deos: *Erunt primi noviſſimi*, que bala daria nos peitos do Prior, do Procurador, e do Sacriſtaõ? O Prior ficou poſterior ao poſtremo: o Procurador, e Celleireiro procurou, e encelleirou para outrem: o Sacriſtaõ mamaraõ-lhe as galhetas: como nenhum fizera vaſa com o Rey, capazes eſtavaõ os tres de jogar a renegada. Marc. 10. 31.

B Eſcuſava-ſe o novo eleito com a ſua inſufficiencia: mais verdadeira fora, ſe delle fora menos conhecida. Julgou o Rey pelo allegado contra o meſmo allegante: e aſſim como na Parabola Euangelica diſſe aquelloutro Rey: *Da tua boca te julgo ſervo mào:* aſſim eſte poderia dizer: *Da tua boca te julgo ſervo bom.* Quem naõ teme officios grandes, naõ os tem conhecido bem: e como ſerà adminiſtrado bem o que he conhecido mal? Nem o meſmo Deos governaria bem o ſeu mundo, ſe por impoſſivel naõ conheceſſe bem eſſe mundo.

Note-ſe que nas communidades dos Religioſos, ainda depois de deſcahir a primitiva obſervancia, naõ faltão bons entre os màos. O malignante genio dos hereges (a quem he ſummamente odioſo o eſtado das ſagradas familias aſſim monacaes, como mendicantes, e atê o nome
C de votos os enjoa) jubila, e pede-ſe alviçaras, quando encontra nas hiſtorias alguma podridaõ deſte genero, em que picar como corvos, ou alguma immundicia que revolver como eſcaravelhos: naõ advertindo que mayor peccado he o das ſuas heregias, e com tudo importa que as haja, como diſſe o Apoſtolo: *Oportet hæreſes eſſe*, para muy altos fins da divina Providencia. Neſta meſma caſa, de que vamos fallando, floreceraõ em grande numero Varoens eſclarecidos em virtudes. Eſtes naõ lem- 1. Cor. 11. 19.

braõ aos hereges para os louvarem, e imitarem; ſenaõ alguns menos obſervantes para ſe eſcandalizarem, e calumniar toda a Igreja. Atè no Apoſtolado houve hum Judas. Ser o lugar o meſmo, naõ faz ſer o meſmo eſpirito. A

Et canis venatur, ſervat:
in ſylvis & omnia
Et lupus nutritur, vaſtat.

Diz a hiſtoria ao principio que aquella Abbadia era riquiſſima: e diz depois que eſtava muito empenhada. Notavel paradoxo! ſe tinha taõ groſſas rendas, porq̃ havia de ter grandes empenhos? Porèm torno a dizer: como naõ havia de ter grandes empenhos, ſe tinha mais adminiſtradores? Que naõ importa que a fonte ſeja copioſa, e perenne; ſenaõ que os canos naõ eſtejaõ rotos. Os grandes rios, como o Nilo, por iſſo ſe fazem grandes, porque correm muita terra: mas iſto de fazenda, por quantas mais mãos correr, mais ſe irà diminuindo: e tambem o Nilo ſe tivera no caminho as ſete bocas por onde vaza no Mediterraneo, naõ chegaria lá com pinga. Riome dos que por deſviar eſtes deſvios, dobraõ guardas: pois he tanto como ſe dobraſſem os ladrões. Com bom regimento pôde atê o pouco baſtar para muitos; ſem elle, nem a poucos alcança o muito. Todo o exceſſo nos particulares, cauza no commum penuria. De dous que eſtaõ no meſmo leito, ſe hum puxa muito pela roupa para ſi, he força que o outro fique deſcuberto. Por iſſo a pelle de huns anda creſtada, porque a de outros anda anafada: *Dum ſuperbit impius, incenditur pauper.* B C

Ff. ſecundũ Hebr. 10. 2.

Tendo pois empenhos a caza, recuſava o novo eleito o cargo: jà niſto moſtrava preſtar para elle: porque vendo a ſua obrigaçaõ de ſuſtentar a caza, naõ via o modo de comprir com eſta obrigaçaõ. Galante couza he por certo, que huns façaõ os furtos por ſeu goſto, e outros lhe corra obrigaçaõ de remediar os danos por ſua honra: que huns metaõ a maõ onde naõ devem, e outros o hombro onde naõ pôdem. *Princeps eſto noſter* (diziaõ aquelles de que falla Iſaias) *ruina autem hæc ſub manu tua.*

Iſaiæ c. 3. v. 6.

nũ tua. Porêm o que elegiaõ lhes reſpondeo: *Non ſum medicus, & in domo mea non eſt panis, neque veſtimentum: nolite me conſtituere principem populi:* Naõ me porhais no governo, que a caza padece grandes infirmidades, e eu não ſou medico; acha-ſe muy falta, e neceſſitada; e eu naõ tenho paõ, nem pano, para lhe acodir. Ide pois pôr a coroa na cabeça a quem naõ premedita eſtes inconvenientes.

Mas no noſſo cazo logrouſe a eleiçaõ, porque o Rey vinha prevenido; e naõ recebera os 1500. marcos por peita, ſenaõ por ſoſpeita, de que eraõ da caza, a cujo bem quiz ſer ſeu depoſitario, e agora os reſtituhio. Neſta acçaõ exercitou muitas de varias, e excellentes virtudes; de juſtiça diſtributiva, provendo a dignidade no digno; de juſtiça commutativa, reſtituindo o alheyo a ſeu dono; e de caridade, e prudencia com os tres ſimoniacos, livrando-os opportunamente do encargo preſente, e do perigo futuro, e caſtigando-os ſem os infamar claramente.

TITULO X.

AVAREZA.

LXX.

De Santo Hilariaõ Abbade.

TInha eſte milagroſo Santo expellido de hum Fidalgo chamado Oriono huma legiaõ inteira de demonios, que o poſſuhiaõ: e elle em final de animo agradecido, lhe offereceu grande quantidade de dinheiro: Diſſe-lhe o Santo: *Por certo bom eſtà o agradecimento: queres que entrem em mim os demonios, que de ti ſahiraõ?* Replicou Oriano com lagrimas: Pois ſirva ſò de o dares a pobres. *Dalho tu*, (tornou Hilariaõ) *que vives em povoado, e os conheces melhor: e ſabe que muitos por via de eſmoleres ſe fizeraõ avarentos.*

REFLEXAM, E ESCOLIO.

§. I.

RAcionavel, e bem fundado era o temor do Santo: pois tambem a Giezi famulo de Eliſeo ſe lhe pegou a lepra de Naaman Syro, porque aceitou delle dadivas, em agradecimento de ficar limpo della por orações do dito Profeta. Mas ainda preciſo eſſe temor, obrou o

4. Reg. 5.

Santo

Santo discretamente: porque observou mais ao pé da letra o preceito Euangelico: *De graça day o que de graça recebestes.* E tambem porque aos Orionos, quando encarregaõ semelhantes distribuições, naõ lhes consta da pureza da intençaõ em quem aceita, nem do comprimento fiel do tal encargo: e sempre o beneficio que receberaõ, fica hum pouco desluſtrado, e amodo de roido, como falla S. Ambrosio. Alem de que, sublevar a miseria do pobre, he obra santa: porèm muito mais santo he abraçar a pobreza, que necessita desses subsidios, e os naõ deseja: porque o grão dos pobres de espirito he mais eminente que o dos misericordiosos. E por outra parte como o dinheiro he servo traidor (segundo lhe chamou S. Agostinho:) pòde succeder, mandallo eu servir a meu proximo, e voltarse contra mim maltratando a minha consciencia. As abelhas, se acaso se envisca6 no mel, he necessario lavallas, e enxugallas ao Sol. Os que manejaõ fazenda alheya, ainda que só para repartir esmolas, pódese-lhes pegar alguma cousa: e jà isso he ser abelha emmelada, a quem se pòde dizer:

Matth. 10. 8. *Gratis accepistis gratis date.*

Lib. 1. de Abraham cap. 3. *Minuit enim fructum triumphi, mercedis susceptio, & beneficii arrodit gratiam.*

Tract. 27. sup. Euang. Joan.

Et vos pro vobis mellificatis apes:

e serà forçoso restituir, que isso he lavarse; e tratar da emenda, que isso he enxugarse. Finalmente o Serafico amante da pobreza S. Francisco, fallando de experiencia neste ponto, dizia: *Que para o servo de Deos o mesmo era dinheiro, que demonio.* E naõ sem mysterio os antigos fingiaõ a Plutaõ juntamente Deos das riquezas, e do Inferno: como quem diz, que naõ estando longe os destrictos, bem os podia reger hum só senhor. E finalmente, da mesma regiaõ, donde o Santo Job disse que vinha o ouro, *Ab Aquilone aurum venit*, disse o Profeta Jeremias que vinha o mal, *Ab Aquilone pandetur malum.*

In Opusc. Apophthegmate 38.

Job. 37. 22.

Jerem. 1. 14.

§. II.

LEgiaõ (nome que se tomou da milicia Romana, e se deriva *A legendo milite*, da escolha, e lista, que se fazia dos soldados) diz Polybio que tinha 4200. Infantes, e 300.

Varro l. 4. de lingua Latina. Polyb. lib. 6.

Veget. lib. 2. de re militari. Alex. ab Alex. l. 1. Genialium c. 8. D. Hieron. in illud Matth. 26. *Et ex hibebit mihi modò pluſquàm duodecim legiones Angelorum.* Cornel. ibid.

e 300. cavallos: diz Vegecio com S. Hieronymo, que tinha 6000 homens: diz Alexandre ab Alexandro, que tinha 10. cohortes, cada huma de 550 infantes, e 66. cavallos; diz-m outros que 12500, porque cada legiaõ ſe compunha de 10 cohortes, ou Terços; e cada cohorte de 50. manipulos, ou companhias pequenas, cada huma de 25 ſoldados. Iſto ſuppoſto, perguntarà alguem, a que fim, ou propoſito entraõ em hum corpo humano ſeis mil, ou doze mil demonios? porque tanto mal pòdem alli fazer poucos, como muitos, ſe Deos lho permitte: e ſe Deos lho naõ permitte, todo o inferno lhe naõ farà mal a hum ſò cabello da cabeça. A

Reſponde-ſe primeiramente, que quando ſe diz que do corpo deſte obſeſſo foy expulſa huma legiaõ de eſpiritos malignos, naõ he dizer que eraõ preciſamente 6000 ou 12500: ſe naõ que eraõ muitos em quantidade; tomandoſe o numero certo pelo incerto: aſſim como os Expoſitores o tomaõ naquelloutro obſeſſo do Euangelho, que perguntando Chriſto S. Noſſo ao inimigo, como ſe chamava, (naõ porque o naõ ſoubeſſe, ſenaõ para conſtar aos circunſtantes que naõ era hum ſò) reſpondeo, chamome legiaõ, porque ſomos muitos. Deſejaõ porêm os demonios entrar muitos no corpo humano (e ſó a falta de licença o naõ fazem) pelo entrahavel, e refinadiſſimo odio que tem ao genero humano. E aſſim como no lugar immundo, em que jaz o cadaver, ou eſqueleto de algum animal, ſe ajuntaõ innumeraveis moſcas zunidoras, porque ſe deleitaõ com a podridaõ, e ſe cevaõ nella: aſſim no corpo, e alma que ſervem à immundicia dos vicios, concorrem muitos demonios, porque alli ſe achaõ a ſeu goſto, converſaõ huns com outros. E ainda que naõ tenhaõ licença para entrar de poſſe, ſempre entraõ como de viſita, e ao menos ſe poem nas paredes de fóra, ſe o tal corpo ama as delicias dos cheiros ſuaves, manjares regalados, veſtidos precioſos, e cama branda, e outras couzas ſemelhantes, que elles meſmos ſuggerem, e perſuadem, e ſe coſtumaõ occaſionar de dous muitos, e dous poucos; muito dinheiro, e ocioſidade; pouco uſo dos Sacramentos, e da meditaçaõ dos B

Marc. 5. 9.

C

noſſos

noſſos noviſſimos. Ouçamos neſte particular a Euſebio
A Cezarienſe: *Sunt corpora hominum dæmonibus plena, & maximè illorum, qui delicatis cibis vivunt: comedentibus enim nobis adveniunt, & inhærent corpori: idcircò jejunium, & caſtitas maximè laudantur; non quia principaliter Deus his bonis placetur, ſed ut recedant illi, qui ſanguine, & immunditiâ gaudentes, ut his fruantur in utentium corpora ingrediuntur.* Lib. 4. Præparat. Euangel. cap. 12.

He tambem de ſaber, que he tal eſte odio dos demonios aos homens, porque Deos ſe unio a nòs, e nos chama para as cadeiras do Ceo, que elles perdéraõ,

(*Nam quòd corruerit proditor angelus,*
Conceſſis meritò pulſus honoribus;
Ardens invidia pellere nititur
Quos cælo Deus advocat:) Eccleſ. in Hymn. Angel. Cuſt.

B que naõ ſô fazem obſeſſos aos noſſos corpos, ſenaõ por amor de nós tambem às vezes os dos brutos, e das plantas. Eſta propoſiçaõ, e dogma he do meſmo S. Hilariaõ, como na ſua vida refere S. Jeronymo: *Docebat autem ſenex hominum cauſa diabolum etiam jumenta corripere: & tanto eorum ardere odio, ut non ſolùm ipſos, ſed & ea quæ ipſorum eſſent, cuperet interire.* D. Hieronym. in vita Hilarionis. Tomo operum 1. E de hum, e outro genero ſe poem alli exemplos. Trouxeraõ huma vez ao Santo hum camelo de Bactria endemoninhado, para que o curaſſe. Era de enorme grandeza: os olhos offuscados com ſangue, a boca cheya de eſcumas, a lingua inchada, e revoltando-ſe, e o bramido atroador, e temerozo. Vinha ſojugado com eſpias, e contra espias fortiſſimas, de cujos extremos pegavaõ ao longe trinta homens robuſtos,
C huns a huma parte, e outros à outra. Os quaes tanto que o puzeraõ em prezença do Santo, fugindo ſe puzeraõ em ſalvo, fazendo o meſmo toda a gente que com elle eſtava. O qual ſem turbaçaõ alguma ſe poz diante, dizendo: *Naõ me metes medo, demonio, porque ou venhas metido em huma vil rapoza, ou em hum bravo camelo, ſempre es o meſmo.* Arremetteu a elle a beſta furioſamente, mas tanto que chegou ſe proſtrou com a cabeça a ſeus pés, e ſahio della o inimigo vencido.

Outra

Outra vez lhe poz na meſa ſeu diſcipulo Heſychio huns chicharos verdes, que havia trazido de primicias da ſua horta hum avarento. E tanto que o Santo os vio, diſſe que naõ podia aturar o máo cheiro que de ſi lançavaõ; e para que Heſychio creſſe, mandou que os puzeſſem na manjedoura aos boys. Aſſim o fez por obedecerlhe: mas os boys preſentindo o meſmo fartùm intoleravel, ſe inquietàraõ de modo, que quebràraõ as priſoens, e ſahiraõ pelo campo fòra dando horriveis mugidos. No que ſe vè, que o demonio ſe tinha metido naquellas hervas, por ſerem infectas com o vicio da avareza de ſeu dono,

Joſeph. lib. 7. de bello Judaico cap. 25. Zonaras to. 1. De excidio Hieroſolymitano. Simon Mayolus Colloquio 20. de Herbis.

Mais claro, e notavel he na preſente materia, o exemplo da herva Baaras, aſſim chamada do verbo Hebraico Baar, que ſignifica arder, ou chamejar: e della tomou o nome o lugar Baaras, em que ſe acha no monte Libano. Eſcreve Joſefo, e delle Zonaras, e Simaõ Mayolo, que eſta planta he da cor de fogo, a qual de noite ſe acende mais de fòrte, que parece reſplandecer. Aos que a buſcaõ deſapparece de entre as mãos, ſumindo-ſe pela meſma terra. O que póde arrancalla certamente morre logo, ſalvo leva já na mão pendurada outra raiz da meſma herva. Applicada a qualquer endemoninhado, ſubitamente o livra. Eſte grande preſtimo fez aos homens inventar modo de evadir daquelle grande perigo. Cavaõ ao redor de fórte, que a raiz fique bem deſcuberta, à qual ataõ hum cão faminto, o qual querendo despois chegar â carne, que alli lhe deixaõ perto, tanto puxa, até que a arranca: porêm morre, como havia morrer a peſſoa que por ſua mão a arrancaſſe. Monſiur Moreri, Author Francez accreſcenta algumas circunſtancias mais, dizendo, que naſce eſta planta no monte Libano, mais acima do caminho, que leva para a Cidade de Damasco; e que ſó ſe começa a ver no mez de Mayo, quando a neve eſtà já derretida; e que tanto que anoitece começa a acenderſe, e a dar luz, como huma tocha pequena; porém amanhecendo, deſapparece eſta luz, e a herva ſe faz inviſivel: e as mesmas folhas della embrulhadas em lenços, ſe lômem ſem ſaber-ſe como; com que

No ſeu Diccionario Hiſtorico.

ſe

se authoriza a opiniaõ dos que sentem, que esta planta he
A obsessa dos demonios; por quanto tem tambem huma
propriedade occulta, para desfazer os encantos, & sortile-
gios. Outros affirmaõ, que tem virtude para transmutar
os metaes em ouro: e por esta razaõ os Arabes lhe cha-
maõ a Herva de ouro. Mas naõ se atrevem a colhella,
nem ainda a chegar apar della, por terem experimentado
varias vezes, que faz morrer subitamente a quem a ar-
ranca sem applicar as prevençoens necessarias. Atêqui o
dito Author. Gesnero lhe parece ser esta a *Aglaophotis* de Gesnerus in Com-
Eliano, e Plinio (que este diz se dà em Arabia, e lhe cha- mentariolo de Lu-
maõ alli *Marmaritin*) Thomàs Bartholino o nega: mas nariis herbis.
ambos convem, em que a Baaras he suspeitosa demagica. Ælianus lib. 14.
de hist. animal. c.
24.

He certo, que nas cousas materiaes naõ ha virtude Plin. l. 24. cap. 17.
natural poderosa para expellir espiritos malignos: sup- Bartholinus lib. 1.
B posto que Deos podia imprimir em algumas algum final de luce hominum
espiritual, que vindo em conhecimento dellas, os vexe, & brutorum cap. 31.
e afugente: e deste modo era o fumo do figado assado do
peixe de Tobias. Por onde no nosso cazo bem se ve, que
està bem fundada esta opiniaõ de ser esta herva obsessa
dos demonios, para causar as mortes repentinas dos que
a arrancaõ, e induzir aos homens em observaçoes super-
sticiosas com o desejo de colhella: e se acaso tem em si im-
presso o dito final, por este modo vem tambem a impedir
o seu prestimo para a expulsaõ de outros demonios. Ao
que se accrescenta o que diz o mesmo Joseto, que a dita
planta *Tandiu refugit, nec prius manet, quàm siquis urinam*
muliebrem, vel menstruum sanguinem super eam fuderit. E
C esta condiçaõ bem parece ser daquelles de quem dizia
Eusebio, que folgavaõ com o sangue, e immundicia:
Qui sanguine, & immunditiâ gaudentes, &c. Pois se os de-
monios em odio do homem, até nas plantas, e nos bru-
tos entraõ; que faràõ no mesmo homem, tanto que os
prohibir a mão divina?

§. III.

ADvirta-se tambem, que huma, e muitas legiões de
demonios, em comparaçaõ do innumeravel nu-
mero delles, he quantidade muy limitada. Quando foraõ

preci-

precipitados das alturas, todo eſte mundo ſublunar encheraõ. Huns ficàraõ neſſas vaſtiſſimas regiões do ar, e ſaõ os que coſtumaõ excitar as tempeſtades, e furacões, A que por iſſo a Igreja ordenou contra elles eſpecial exorciſmo. A Serva de Deos Marianna de JESUS, da Terceira Ordem de S. Francisco, os vio huma vez em figura de bizouros, e moſcões em bandos taõ eſpeſſos, e numeroſos, que por onde voavaõ eſcureciaõ o Sol, e parecia ſer de noite. Outros ficáraõ na agua, outros na ſuperficie da terra, outros nas cavernas dos montes, outros finalmente deſceraõ ás profundezas do abyſmo: e deſtes diz outra grande Serva de Deos, do Carmelo reformado, em huma notabiliſſima viſaõ que teve do Inferno, que eraõ tantos, que enchiaõ todo aquelle eſpaço, como atomos o ar.

Na ſua vida p. 1. livro 1. cap. 16.

Pòde-ſe ver o livrinho intitulado Paõ Partido, onde eſta viſaõ ſe relata.

Em razaõ das differentes eſtancias, ou manſões dos demonios, conſtituhio Michael Pſello ſeis eſpecies delles: B a ſaber, Igneos, Aereos, Terreſtres, Aqueos, Subterraneos, e Lucifugos. A cauſa verdadeira de naõ haverem todos ſido recluſos, e amarrados no ventre da terra, e funeſtiſſima enxovia do Inferno; e ſe ſeguio eſta differença à varia ordem da ſua natureza angelica, ou antes á varia deſordem da ſua vontade peccando, ſó Deos, que os creou, e condenou, o ſabe. Alguma couſa ſe deixa inveſtigar, do que diſſe S. Franciſca Romana, e na ſua vida refere Joaõ Mattiotti ſeu Confeſſor. *Illi ſpiritus,* (diz a Santa, e he ponto digno de ſe notar) *qui ſequuti ſunt Luciferum ex propria malitia liberæ, & abſolutæ licentiæ, ſunt recluſi in inferno, a quo nunquam exeunt, niſi quando ex permiſſione divina deberet fieri in mundo aliqua magna ruina, propter hominum peccata: & tales dæmones ſunt peſſimi, & iniqui. Sed eorum ſpirituum qui ſtant in regione aerea, & illorum qui ſunt inter nos in hoc mundo, ſunt duæ partes; & ſunt ii qui inter Deum, & Luciferum nullam receperunt partem, ſed tacuerunt.* E mais abaixo torna a dizer: *Qui ſunt in aere., fuerunt muti & tacentes, dum Lucifer diſcederet a Domino, & neutram receperunt partem inter Luciferum, & Dominũ.* Quer dizer: Aquelles eſpiritos que ſeguiraõ a Lucifer por malicia propria, com livre, e abſoluto querer, foraõ fecha-

In Dialogo de operatione dæmonum, contra Manetem, & Euchytas.

Lib. 3. c. 8. n. 78. & 79. Vide Actas Sanctorum die 9. Martii.

fechados no inferno; do qual nunca saem, senaõ quando
alguma vez, por disposiçaõ divina, se ha-de fazer no
A mundo alguma notavel ruina, ou calamidade por cau-
za dos peccados dos homens: e estes taes demonios saõ
pessimos, e por extremo malvados. Porèm aquelles ou-
tros espiritos, que ficàraõ na regiaõ do ar, e outros que
andaõ entre nòs neste mundo, saõ duas differentes partes:
e saõ os que entre Deos, e Lucifer ficáraõ neutraes, e se
callaraõ. Os que estaõ no ar, saõ os mudos, que ao apar-
tarse Lucifer do Senhor a nenhuma parte se encostà-
raõ.

A cega Gentilidade, cujos Deoses todos eraõ demo-
nios, dava-lhes differentes nomes conforme as varias
fórmas, e lugares em que lhe appareciaõ; crendo que
B alli tinhaõ particular presidẽcia. As Nymfas Dryades, e
Hamadryades, nos bosques; as Napèas, nos valles; as Le-
moniades, nos campos, e prados; as Dorides, e Nerei-
des, ou Nerinas, no mar; as Potamides, nos rios; as Naia-
des nas fontes (*Fontana nymphæ Jovis natæ*, lhes chamou
Homero): as Limnades, ou Limnèas, nos tanques, e
lagos; as Corycedes, na grutta, ou caverna Coryscia do
monte Parnaso; as Anigrides, em outra caverna junto do
rio Angrio; os Lares, e Penates na propria caza de cada
pessoa; os Faunos, nos bosques; os Tityros, e Silenos
com seus gestos ridiculos; os Semicapros, Sylvanos, e
Satyros petulantes, de que falla Camões nas Eglogas
em pessoa de Agrario; os Dusios em França, de que fal-
la S. Agostinho, os Tervictos em Normania, de que faz
C menção Alberto Krantzio, amigos de fazer peças, e lu-
dibrios, que póde ser sejaõ os que chamamos Fradinhos
da maõ furada, e os Castelhanos Duendes; as Harpyas,
Furias, e Diras, que os Poetas denominaõ Cadellas de
Jupiter, tudo saõ nomes que denotaõ varias figuras,
e lugares, em que os demonios apparecem, e varias
condições que mostraõ: suppostо que naõ negamos pò-
dem alguma vez ser animaes monstruosos, e adulterina
geraçaõ de duas especies. Vejam-se da materia os erudi-
tos Gregorio Gyraldo, e Natal Comite, que a trataõ
usque ad satietatem.

Ps. 95. 5. Omnes dij gentiũ dæmonia.

Camões Eglog. 6.
D. August. lib. 15. de Civitate Dei c. 23.
Krantz. in Dania lib. 2. c. 24.
Virg. Hor. Lucan.

Gyrald. in Histor. Deorum.
Natal's Comes in Mytologia.

O P. Joſeph da Coſta da Companhia de JESUS refere entre as noticias do mundo novo, que ſe vem andar vagando pelos boſques muitos deſtes eſpiritos, a que os naturaes chamaõ Curopirà: e outros nas aguas a que chamaõ Igpupiarà: e outros nas prayas do mar, e ribeiras dos rios, que chamaõ Baetatà: eſtes levaõ diante de ſi fogo inquieto, que diſcorre a huma, e outra parte: e todos mataõ aos que ſuccede encontrarem. Nas minas coſtumaõ tambem apparecer aos trabalhadores duas eſpecies delles de condiçaõ contraria; porque huns ſaõ ferozes, e horrendos, e fazem o mal que pódem, arruinando, e matádo, chamaõlhe os Alemaés Suebergios: outros moſtraõ ſer manſos, e ſe os naõ aſlanhaõ com alguma pedrada, ou rizo, naõ impedem a obra dos mineiros, antes parece, que ſe afadigaõ muito em os ajudar, cavando, e trabucando de huma a outra parte; mas em realidade nada fazem. Apparecem frequentemente em figura de anãos montanhezes (que iſſo quer dizer o nome Bergmanlin, que lhe daõ os Alemães) cingidos com o ſeu avental de couro, como q̃ tambem trabalhaõ na mina: e vemſe às vezes as ſuas pegadas, como de meninos de tres, ou quatro annos, impreſſas na terra molle, là naquellas furnas, e concavidades, onde nunca entrou gente: alguns lhe chamaõ Gutelos, ou Trullas. Coſtumaõ em algumas partes os mineiros porlhes em lugar certo particular raçaõ, para almoçarem, achando por experiencia, que a levaõ pontualmente, como por contrato para naõ fazerem mal. Porém iſto he engano, e illuſaõ diabolica, com que aquella gente ignorante vem a ter correſpondencia com os inimigos de Deos, que he grande offenſa ſua.

A Coſta no tom. 3. das Annas.

A

B

C

Athanaſius Kir Ker lib. 8. Mundi ſubterranei ſect. 4. c. 4. Ex Georgio, Agricola, Cyſato, & aliis.

§. IV.

COncluirey eſta materia, referindo dous cazos notaveis, em confirmaçaõ de que ha demonios Potamides, que habitaõ nos rios, e demonios Nereides, que habitaõ no mar, procurando ſempre huns, e outros o noſſo mal. Refere S. Pedro Damiaõ, que lhe contára Hugo

Petr. Dam. Tractatu de uiſuſdimiraculis, apud Surium tom. ult.

Hugo Prelado do famoſo Moſteiro Cluniacenſe, que
A certo Biſpo de vida exemplar, e religioſa, fazendo jornada, quiz deſcançar do trabalho junto da ribeira de hum rio, convidado da amenidade do lugar, e alegre corrente de ſuas aguas. Quando do fundo delles ouvio claramente huma voz, que dizia, como quem ſe admira: *A hora he chegada, o homem naõ vem.* Eſpantado de que a tal hora, e em tal lugar ſoaſſe aquella voz taõ clara na pronunciaçaõ, como eſcura no ſignificado, diſcurſou cõ luz ſuperior o que poderia ſer, porque alli ſem duvida havia myſterio; e com diligencia ſe poz a eſperar, e vigiar o que ſuccedia. Eyſ que vê vir, daquella meſma banda do rio, hum Clerigo correndo a cavallo, ao qual apertava mais com as eſporas, e vinha em direitura a paſſar
B o váo. Entaõ o Biſpo acenando aos da ſua comitiva, lhes mandou, que em nenhum cazo o deixaſſem entrar na agua; e aſſim pegandolhe das redeas fortemente o detiveraõ: e elle impaciente, e reluctando dizia: *Deixem-me, deixem-me paſſar; que a ordem del Rey tem preſſa: apartem-ſe; que naõ he negocio que ſofra dilaçaõ para outro dia: he hum ſegredo del Rey; he força inevitavel.* Porém o Biſpo, confirmando-ſe com iſto mais na preſumpçaõ q̃ concebera, o conſtrangeo violentamente a hoſpedarſe com elle. Levado à pouzada, deraõlhe hum apoſento bem fechado: de madrugada indo a deſpertallo, viraõ que eſtava afogado, com a cabeça metida em huma bacia de agua, que eſtava no meſmo apozento. Formar juizo certo neſte
C cazo, he impoſſivel: mas veroſimilmente ſe póde entender, que Lucifer, ou outro algum demonarca, cõ quem eſte Clerigo tinha pacto, ou immediato, ou por outros feiticeiros ſeus internuncios, o mandou a algum negocio, tendo avilado a outro demonio, que o afogaſſe na paſſagem do vào. E como eſta ſe lhe impedio, naõ deu por fruſtrado ſeu traidor intento: e por ſi, ou por outro maligno eſpirito, lhe deu em caza o meſmo genero de morte, que tinha determinado darlhe no rio.

O outro caſo referem tambem graves Authores: e paſſou aſſim. Em Sicilia certo mancebo robuſto, e animoſo, e grande nadador, ſaira à prima noyte a banharſe

Vincent. l. 3. hiſt. Vvierus l. 2. c. 46. De præſtigijs dæmonum.

nhar-se no mar por despicarse com este refrigerio, das calmas do dia. Começou pois a brincar lascivamente com as ondas, e a lavarse por ventura com menos temperança de que pedia a presença de Deos, que hum Christaõ em toda a parte deve trazer diante dos olhos. Eys-que à luz da Lua, cujos serenos rayos parecia estarem tambem brincando com o tremulo espelho das aguas, vio q̃ a traz de si vinha nadando outra pessoa, e que pegando delle o procurava mergulhar como por zombaria, do modo que o costumaõ fazer os muchachos, quando andaõ traveceando huns com outros nas liquidas campanhas de Thetis. Lancandolhe pois a maõ aos cabellos, a foy levãdo á toa para terra; onde saindo reconheceo que era mulher, e por extremo fermosa. Com que jà os perigos chegavaõ a meya duzia; ocio, noyte, solidaõ, sexo, forma, desnudez; atirando todos a converter o nadar em danar. Assentados ambos na praya, mas elle sem soltar os cabellos, perguntoulhe: *Quem es?* Naõ respondeo. *Como te chamas?* Naõ respondeo. *Donde vieste, e quem veyo aqui comtigo?* Perseverava muda. Instou com outras varias perguntas mollificadas com carinhos: mas naõ teve nem aquella diminuta satisfaçaõ, que pòde dar huma parede, ou hum monte, com os eccos que delle resultaõ. E ainda que este mesmo silencio era sufficiente resposta, para se entender, que o empenho neste caso naõ era seguro, todavia cegouse a razaõ: e a mesma razaõ dicta que tomemos aqui a emprestimo o silencio, de quem occasionou a ruina. Levou-a despois para caza, cuberta com a sua capa (deixemolo; que despois saberà o que leva): e naõ se contentando com menos que com recebella por sua mulher; achando, que sobre a sua rara fermosura, bem raro era tambem o dote de saber callar, e naõ lhe conhecerem parentes. E a seu tempo teve della hum filho muy lindo, com que vivia contente da eleiçaõ que fizera: e jà naõ reparava no perpetuo silencio de sua cõsorte, attribuindo a defeito natural, com que havia nascido.

Steng-lius t. 2. de judicijs divinis c. 43. n. 8.

A

B

C

Succedeo pois que hum dia vindo a visitallo hum amigo seu, homem douto, e prudente, lhe perguntou a propo-

a propoſito do que ſe converſava, de que patria, e geraçaõ era ſua mulher. Atégora (reſpondeu elle) naõ o
A ſey porque a peſquey do mar, como enguia. Sorrio-ſe o amigo, parecendo-lhe que gracejava. Ha tantos annos (proſeguio o marido) que vivemos bem caſados, e ainda eſtà por ouvirſe a primeira palavra da ſua boca. Que dizeis, (tornou o amigo) he encarecimento, ou verdade liza? Dirvos-hey o que paſſou (reſpondeu elle:) e contou-lhe o caſo todo. De que admirado o amigo, rompeu dizendo: Pelo que eu vejo, eſſa naõ he mulher, mas demonio em figura della. Naõ eſtranho porém tanto a ſua malicia, como a voſſa demencia. Eu havia de eſtar aſſim com eſſe peixe mulher, ſem obrigalla a romper taõ obſtinado ſilencio? Temos aqui as Deoſas Tacita, e Muda, que a Gentilidade dizia ſer mãy dos Lares; ou outra An-
B gerona, que pintavão com o dedo ſobre a boca? Ah bons açoutes nella, e logo o tirarà fóra, e veremos claro o embuſte. O pobre marido ouvindo eſtas palavras ficou como quem começa a acordar de hum pezado ſonho. E logo entrando em colera, pegou de huma adaga nua, e ameaçou a mulher, mandando-a que fallaſſe. E murmurando ella entre dentes humas ſemipalavras barbaras, que ſe naõ deixavaõ entender: elle lhe intimou que ſe naõ reſpondeſſe claramente, lhe havia de apunhalar o filho diante de ſeus olhos. Entaõ ſe abrio mais, dizendo: *Ay de ti miſeravel! que por obrigarme a fallar, perdes huma mulher, que te eſtava bem. Comtigo ficava, ſe permitiſſes que obſervaſſe o ſilencio, que me encarregàraõ: mas jà agora naõ me verás*
C *mais:* Acabar eſtas palavras, e deſapparecer desfeita em vento, foy o meſmo. Deixa-ſe à noſſa ponderaçaõ o aſſombro com que eſte homem ficou, e viveu dalli por diante.

Macrobius in caturnalibus. Ovid. 2. Faſt.

Mas do filhinho, que faria? Naõ quiz negallo por ſeu, huma vez que em ſuas acçoens moſtrava naõ ſer fantaſma, mas de ſua meſma eſpecie. He de crer, que neſte ponto ſe aconſelharia com o meſmo amigo, q̃ foy quem o tirou a elle de outro mar de enganos, pegando-lhe por outros cabellos de ſeus penſamentos communicados: o qual lhe poderia dizer, que eſte caſo era eſtupendo ſim,

De Merlindo celebre Poeta Inglez, dizẽ ſer filho de demonio incubo; Curſ.

porèm naõ ſingular: e que os taes procedidos de demonio incubo, ou ſuccubo, naõ eraõ verdadeiramente filhos ſeus, ſenaõ daquelles que concorrem com os principios da geraçaõ humana, ſuppoſto que o demonio adminiſtraſſe o mais que ſe requeria para fomento, e nutriçaõ da creatura (que he doutrina de Santo Thomás.) Deixou com tudo alguma duvida ſe era, ou naõ era eſte filho outro demonio em corpo apparente, o caſo que depois lhe ſuccedeu. E foy, que creſcendo em annos, e ſeguindo os coſtumes do pay, quando hum dia andava nadando com outros, veyo de repente aquella meſma Serea, e à viſta de todos o levou comſigo, onde nunca mais foy viſto. A

Conimbric. De generatione lib. 1. c. 4. q. 10. a ult. O meſmo referem de Homero Plutarco na ſua vida, e Angelo Policiano, Præfatione in Homerum. De Luthero dizem muitos o meſmo, eſpecialmẽte Genebrardo lib. 4. Canonic. cap. 9. apud Fagundes lib. 6. in Decalog. c. 9. n. 26. D. Thom. in ſecũdum ſentent. Diſt. 8. art. 4.

Eys-aqui o que eraõ na verdade as Nymfas Potamides, e Nerinas, que a Gentilidade venerava. Eys-aqui a innumeravel multidaõ de eſpiritos malignos (*Rectores tenebrarum harum*, como lhe chamou o Apoſtolo) que occupaõ eſte miſeravel mundo, e em todo o lugar procuraõ enganar, e fazer mal ao homem; que ſò dos que davão falſas reſpoſtas pelos Idolos, diz Heſiodo, ſerem trinta mil. Naõ ha logo que admirar, de que por ruina noſſa ſe aliſtem em legiões: ſenaõ, de que ſabendo nós qual he o caminho da verdade, e que ſervindo a Deos com virtudes, elle nos livrarà da oppreſſaõ de noſſos inimigos: *In ſanctitate ſerviamus Domino, & liberabit nos de inimicis noſtris:* vivamos toda via taõ deſcuidados, e a noſſo prazer, entregando-nos às delicias, e amando a vaidade, como ſe viveramos em huma caſa onde tudo he paz, e felicidade, e ſegurança. Que a oraçaõ vença as tentaçoens, naõ o ignoramos; nem que o uſo da agua benta, e final da Cruz afugenta os màos eſpiritos; nem que o jejum, e auſteridade da vida lhes jarreta os nervos. Mas nem por iſſo pegamos deſtas armas, para ſair animoſos ao combate: ſenaõ, que pretendemos com huma cega pertinacia, ou temulencia habituada, vencer ao demonio, ſem vencer a noſſa carne, e o mundo, traidores com que elle eſtà inſeparavelmente colligado. Iſto he o que merece naõ ſò admiraçaõ, mas laſtima. Porque na verdade, ſe houvera mais vencedores de ſi, melhores exhor-

B

Ad Epheſ. 6. 12.

Apud Clem. Alex. in Exhortatoria ad Gentes. Euſeb. Cæſar. de præparat. Euang. l. 5. cap. 15.

C

exorciſtas houvera do demonio. Saõ as obras de Deos
A em tudo bem ordenadas: e naõ parece boa ordem (ſalvos outros reſpeitos particulares,) que o Senhor conceda a hum homem imperio ſobre o demonio, a quem em muitas couſas eſtà ſervindo, e fazendo a vontade. Verdade, que ao gràò da tal ordem anda annexo o dito poder: porêm muitas vezes naõ ſerà Deos ſervido de concorrer com elle, pela dita razaõ, ou por outras, patentes a ſua altiſſima Sabedoria.

LXXI.

De hum mendigo anonymo.

B

EStavaõ huns pobres mendigos aſſentados em rancho, tratando entre ſi das peſſoas que havia naquella Cidade mais eſmoleres, e mais avarentas. Levantava hum delles a antifona, e dizia: Abençoada ſeja tal caſa, onde ſempre nos fazem caridade. E reſpondiaõ todos: Abençoada. Segundava logo: Maldita ſeja em tal rua, tal caſa, onde nos deſpedem com aſpereza. Repetiaõ todos: Maldita. E por eſte modo hiaõ entretecendo hũa como ladainha de bẽçãos, e maldições. Atè q̃ chegàraõ a fallar em hum grande avarento, por
C nome Pedro o Publicano: e diſſe hum da roda: Eſſe naõ he Pedro, ſenaõ pedra: naõ hajais vòs medo, que ninguem lhe tire real das unhas. Reſpondeu outro: Quanto eu nunca vi delle hũa fatia de paõ. Nem eu, nem eu taõ pouco; foraõ reſpondendo os mais. Mas hum delles ſahio, dizendo: Hora, que apoſtais vòs-outros, e eu me offereço a ſacar delle eſmola? Naõ haveis de tirar: Sim heide tirar: fez-ſe a apoſta. E o provocante foy logo em demanda da caſa do Publicano, e chegou em tão boa occaſiaõ,

que elle vinha de fòra, e juntamente entrava hũa carga de pão cofido para a familia. Poz-ſe o pobre A diante de Pedro, nem muito perto, nem muito longe; e ſem fallar palavra, pelo naõ indignar, ſò por geitos, e meneyos compaſſivos lhe pedia eſmola, eſtendendo a mão, encolhendo os hombros, e pondo os olhos meyo choroſos, hora no pão, hora em ſi, hora no meſmo Publicano. Queria eſte livrarſe de importunaçaõ tão efficaz: mas o mendigo ſe lhe offerecia ſempre diante com huma inſinuaçaõ tão viva, que em fim, por ſe não deixar penetrar mais da compaixão, pegou de hum pão, e lhe atirou cõ elle como quem diz: Toma, e deixame. Levantou B o mendigo o pão com oſculo de agradecimento, e partio logo correndo aonde os companheiros o aguardavão: e dando pullos para o ar, com o pão levantado em alto, diſſe: *Eylo, eylo: fiz o milagre que naõ quiz fazer Chriſto, tornando as pedras em pão.*

OBSERVAÇOENS,
e continuação da hiſtoria.

REpare-ſe primeiramente como os que ſervem ao vicio da avareza, trazem comſigo em C ſeus coſtumes ſordidos hum ſambenito de infamia; e todos os murmuraõ, e aborrecem, porque para nada preſtão, nem para ſi meſmos.

Eurip. in Ixione, Interprete Geſnero, apud Stobæũ.

Quiſquis (diſſe Euripides) *ambitioſum, & avarum ingenium habet,*
Nihil ille juſtum ſapit, neque cupit,
Difficiliſque eſt amicis, & toti civitati.

E ainda que eſtes mendigos naõ faziaõ bem em ſe entreter naquelle jogo: tal póde ſer a occaſiaõ, e anguſtia do pobre, que Deos ouça as ſuas maldiçoens, e cayaõ ſobre

sobre o avarento. *Dominus... deprecationem læsi exaudiet*
A (diz o Ecclesiastico..) *Nonnè lacrymæ viduæ ad maxillam* Eccl. 35. v. 16. 21.
descendunt, & exclamatio ejus super deducentem eas?

Pondere-se tambem, como a petiçaõ feita por insinuaçoens mudas, quanto tem mais de espiritual, tanto mais tem de penetrativa. Conduz esta advertencia para os que oraõ: porque todos nôs somos mendigos de Deos, e como taes nos importa chegar às portas de sua misericordia a pedir o pão de cada dia. E o mesmo Senhor nos ensina, que ao pedir-lhe naõ usemos de muitas palavras. Matth. 6. 7. Orantes autem nolite multum loqui.
E às vezes convirà fallar nenhuma; senaõ sómente porse o pobre em sua presença, mostrando-lhe as suas chagas, e necessidades; que isso mesmo he pedir-lhe que as cure, e que as remedee. Assim o fez aquelle aleijado do Euan-
B gelho, que tinha huma mão secca, e para Christo a sarar não lhe pedio mais diligencia, que porse em sua presença. Luc. 6. 8. Surge', & sta in medio, & surgens stetit.

Naõ he menos digna de reparo, neste caso, a miseria, e curteza de animo a que o vicio da avareza reduz a hum rico. Dohia-lhe pelo coraçaõ a este Publicano o largar hum pão ao pobre, como se houvesse de perecer á fome dando-lho; ou como se o pobre naõ fosse seu irmão, filho do mesmo Christo, que nos deixou preceito rigoroso de dar esmola, e promessa fiel de a remunerar. Por tudo rompe este maldito vicio, nem respeita a Ley de Deos, nem se compadece da afflicçaõ do proximo. He o que disse Constantino Manasses: *Avarus, & sordidus animus* In Annal. f. 824.
C *leges amoris mutui non reveretur, oculos Dei non metuit, coarctationem, & compressionem afflicti cordis non miseretur.*

Mas sobre tudo he muito para notar, como Deos N. S. que queria fazer outro mayor milagre no povoado convertendo a Pedro por meyo de hum pão, do que o que naõ quiz fazer no deserto convertendo as pedras em pão, dispoz as circunstancias deste caso de sôrte, que se effeituasse a esmola, para que se obrasse a sua conversaõ. Porque se Pedro estivesse ausente de casa, já o pobre naõ fazia a sua petiçaõ: e pelo contrario, se Pedro estivesse recolhido em casa, já esta petiçaõ naõ se fazia por acenos compassivos, dos quaes pendia o seu despacho: bateria ás por-

portas; ſe lhas abriſſem, daria o ſeu recado; ſe lho levaſſem dentro, por ventura naõ reſponderia; ſe reſpondeſſe, ſeria quando menos, hum *Perdoe* dito ſecca, e deſabridamente. Ordenou pois a providencia Divina as couſas em hum tal meyo, que Pedro eſtiveſſe, e naõ eſtiveſſe em caſa: eſtiveſſe para poder dar; e naõ eſtiveſſe dentro, para naõ poder negar. Mas porque, ainda aſſim, nada daria, ſenaõ tiveſſe muito à mão que dar, e muito de que dar: trouxe-lhe o Senhor no meſmo tempo pão, e muito pão; paõ, que he a propria eſmola de pobres da porta, e que com menos razão ſe lhes nega; e muito pão, para que à viſta do mais que ficava, naõ difficultaſſe tanto, o pouco que largava. A graça dada neſtas opportunidades, em que o Senhor antevè que ha de ſair vencedora, he a que ſe chama efficaz. Conſtituido pois jà Pedro neſtes apertos, a mão de Deos militou confederando-ſe com a do pobre, e eſta puxando de fòra, aquella impellindo de dentro, deſemperrou em fim a pezadiſſima condiçaõ deſte avarento, e veyo a diſparar hum pão. Hora louvado ſeja Deos; que aqui tem de que pegar ſua bondade, para obrar as maravilhas que agora ouviremos. A B

CONVERSAM ADMIRAVEL

De Pedro Publicano para exemplo de quanto Deos ſe agrada da eſmola, ſua Graça triunfa da noſſa natureza.

DAlli a poucos dias, que Pedro deu aquella eſmola, cahio enfermo, e de taõ grave accidente, que aviſáraõ os Medicos ſer perigoſo, e mortal. Chegou aos ultimos apertos, e ſe lhe amorteceraõ os ſentidos, e potencias, e por inſtantes aguardavaõ em ſua caſa, que paſſaſſe. Eſtando aſſim, jà ſem acordo algum, foy levado a juizo particular, comparecendo ſua alma no pavoroſo Tribunal da Divina Juſtiça. Preſidia Chriſto noſſo bem, aſſentado como Juiz: ſua Mãy Santiſſima muy de perto aſſiſtindo: os Santos em ſeus lugares mais abaixo: C

os

os Anjos em pé à mão direita : os demonios à eſquerda
A accuſando: Pedro maniatado, ſuſpenſo, e atribulado no meyo. Hum Anjo ſuperior aos mais (claro eſtá que ſeria o Principe S. Miguel Arcanjo) tinha humas balanças * na mão, e diſſe aos demonios: Ponde deſta parte as culpas, que tendes contra eſte homem. Oh temeroſo paſſo! Puzeraõ grandes, e innumeraveis peccados; iras, juramentos, pragas, palavras inſolentes, deshoneſtas, ociosas; oppreſſoens, vinganças, ſenſualidades, dolos, embuſtes, rancores, cubiça, e outras culpas, ſem que ſe achaſſe (como elle deſpois contava,) que deſde que teve uſo de razão, houveſſe couſa alguma, que por ligeira que foſſe, lhes eſqueceſſe aos demonios, nem de obra, nem de palavra, nem de penſamento. Eſtando a balança das culpas taõ carregada, e taõ levantada a contraria,
B diſſe Chriſto N. Senhor: *Deitay boas obras na outra parte.*

Pedro tremendo do rigor do juizo, e receoſo da pronunciaçaõ da ſentença, buſcava, e revolvia na memoria com toda a attençaõ, que deitaria naquella balança, e nada achava; com que ſua pena, e deſconſolaçaõ era acerbiſſima. Reſponderaõ os Anjos: *Senhor, naõ achamos que pòr deſta banda.* Pedro ouvindo iſto, tremia mais, e ſe traſpaſſava de pura confuſaõ, e ſentimento. Acodio hum Anjo, dizendo: *Senhor, eſtoutro dia atirou eſte homem a hum pobre com hum pão de eſmola.* Diſſe o Salvador: *Venha eſſe pão, e ponha-ſe na balança das boas obras.* Neſte caſo Pedro já de boa vontade tomàra haver dado ao pobre toda a carga, e ainda toda a ſua fazenda. Puzeraõ pois o
C paõ: e lentamente foy deſcendo aquella balança atè igualar ouro fio com a outra dos peccados. Entaõ ouvio, que lhe diſſe o Salvador: *Pedro, poem mais pão* deſta banda, e eſcarmenta: porque ſenaõ, aquelles que eſtaõ alli* (apontando para os demonios) *te haõ de levar comſigo á pena, e condenaçaõ eterna.* E neſte tempo deſappareceu a viſaõ.

Melhorou de ſaude Pedro, tornou em ſi, e começou a diſcorrer, e reconhecer o miſeravel eſtado de ſua vida, e de ſua alma; e já com mais luz dizia: *Oh Senhor, ſe hum pão arremeſſado com enfado, mais do que dado por miſericor-*

* Prov. 16. 11. Pondus, & ſtatera judicia Domini ſunt.

* Dan. 4. 24. Peccata tua eleemoſynis redime, & iniquitates tuas miſericordiis pauperum.

ricordia, peza tanto; quem naõ dará de esmola quanto tem sò por vos dar gosto? A este pão se inclinou vossa piedade, e misericordia, e por ella vierão a igualarse as balanças? Pois eu inclinarey, e renderey a minha alma, e o meu coraçaõ a soccorrer os vossos pobres, e mendigos. A

Era este Publicano riquissimo, e naõ tinha mulher, nem filhos: e assim em convalescendo, ordenou que às suas portas se soccorresse largamente cada dia, sem limite, nem differença a todos os pobres da cidade; naõ só de pão, e mais viandas, mas tambem de vestidos, e dinheiro. Succedeu em huma occasiaõ que hia ver ao porto dous navios seus, que tinhaõ vindo carregados; chegando-se a elle hum pobre nù, que tinha assim escapado de hum naufragio, lhe pedio alguma esmola. No mesmo ponto Pedro acendendo-se no amor de Deos, e do proximo despio a purpura de que hia vestido, e cubrio com ella ao pobre; e àlem disso lhe deu com que vestir-se, e voltou a casa a pedir outro vestido. E logo à tarde sahindo à praça, e sabendo que o pobre vendera a purpura que lhe havia dado, entristeceu-se, pelo grande desejo que tinha de que elle a lograsse, e disse com sentimento: *He possivel, que naõ tive eu a ventura de que o pobre lograsse o vestido que lhe dey?* Foy para casa: e aquella noite lhe appareceu nosso Senhor Jesu Christo vestido com aquella mesma purpura; e com alegre rosto lhe disse: *Pedro, quem te disse que o pobre vendeu a purpura? Naõ he assim: a mim* a deu, e desde essa hora a trago vestida.* Pedro enternecido de ver tal bondade, respondeu: *Taõ curtas finezas, Senhor, vos obrigaõ tanto? Eu procurarey cada dia accrescentallas.* B C

* D.Hieron.l.3. in Matth. c. 10. Qui carnalia pro Salvatore dimiserit, spiritualia recipiet.

* Matth. 25. 40. Quandiu fecistis uni ex his fratribus meis minimis, mihi fecistis.

No seguinte dia começou a discorrer comsigo: Que farey eu por servir, e dar gosto a taõ bom Senhor? (e aqui as lagrymas cahiaõ quatro a quatro) Dar tudo quãto tenho he muy pouco: darme-hey a mim mesmo,* vendendo-me para com o preço soccorrer mais aos pobres: e que muito será, se o mesmo Senhor se me deu a si proprio, e por meu bem quiz ser vendido, e crucificado? Chamou pois ao seu Mordomo, que era o mais confidente escravo que tinha, e lhe disse: *Tu has de fazer o que eu te man-*

* D.Greg. Homil. 21. in Euangelia. Fortasse laboriosum non est homini relinquere sua: sed valde laboriosum est relinquere semetipsum.

te mandar, ſobpena de que te entregarey aos barbaros, em cujo poder padeças toda a miſeria. Reſpondeo o eſcravo, que
A obedeceria ſem falta. *Tu has de venderme* (diſſe Pedro) *em Jeruſalem; o preço procedido dallo a pobres: neſte navio partiremos diſſimuladamente: entretanto darey ordem em minha fazenda, para que ſe reparta toda em obras pias, e tu voltaras com poderes meus para acabar de executallo: e has de jurar de naõ deſcobrir iſto a peſſoa alguma.* O mordomo, ainda que aos principios difficultou, ultimamente ſe rendeo aos preceitos de ſeu ſenhor, e tomou o juramento de guardar ſegredo.

Partidos jà do porto, e deſembarcados no que eſtà mais viſinho a Jeruſalem naquella coſta, chegáraõ em fim àquella cidade, onde o criado de Pedro tinha hum ſeu conhecido ourives da prata, e lhe foy fallar ſobre a ſua venda, levando-o comſigo. Reſpondeo o homem que
B deſde a ultima vez que ſe tinhaõ viſto, lhe haviaõ ſuccedido grandes trabalhos, e perdas com que ſe achava tão apurado de cabedaes, que naõ podia comprar eſcravos. Animou-o eſtoutro, dizendo, que o daria barato porque tambem neceſſitava (e a tudo ſe achava Pedro preſente). *Quanto quereis por elle?* (diſſe o ourives): reſpondeo o criado: *Trinta dinheiros.* Pagou-os logo o ourives, entendendo que ſempre na revenda ganharia: e ficou Pedro em ſua caza por eſcravo, mais contente diſſo, do que ſeu novo Patraõ podia imaginar. E o antigo mordomo fallando outro dia com elle à parte ſe entregou dos papeis, e clarezas neceſſarias para o diſtrate de ſuas fazendas, * com ordem de que as repartiſſe todas a pobres ſem ficarem de fóra os * trinta dinheiros da ſua
C venda; e a elle lhe deu liberdade. O qual chegado outra vez áquella cidade donde partira, executou fielmente o que ſeu ſenhor lhe tinha encarregado; e logo ſe auzentou para a ſua patria. Com que naõ houve lugar, nem via, por onde ſe ſoubeſſe que era feito de Pedro, naõ obſtante, que depois de alguns mezes foy ſentida a ſua falta, e ſe fizeraõ exactas diligencias para deſcobrillo, por parte do Emperador, que já delle tinha conhecimento.

Non bene pro toto libertas venditur auro: Sed bene pro Chriſto libertas venditur uno.

* Ad Phil. 37. Quæ mihi fuerunt lucra, hæc arbitratus ſum propter Chriſtum detrimenta.

* Zach. 11. 13. Tuli triginta argenteos, & projeci illos in domum Domini.

Mas

Mas tornando a Jeruſalem, onde Pedro fica ſervindo em caza daquelle ourives: naõ tardou muito que eſta começaſſe a luzir, e creſcer em * felicidades por bençaõ do Ceo: com tal abundancia, e riqueza, que o amo deixando o officio, poz mayor caza, e tomou muitos criados, e entre elles hum mudo, e ſurdo *a nativitate*, ſô para guardar a porta. Foy couza notavel a oppoſiçaõ que todos * elles tinhaõ com Pedro; tudo eraõ mexericos, e calumnias, e pendencias que com elle armavaõ. E Pedro a tudo diſſimulava; e para lhes cauzar menos embaraço, eſcolheo para cama hum canto da eſtrevaria, na ultima manjedoura. E alli retirado, quando ſe via mais perſeguido, dizia a Deos: *Senhor do meu coraçaõ, aſſim me deſamparais?* E logo lhe apparecia o Salvador do mundo veſtido com aquella meſma purpura, e na maõ com os trinta dinheiros, pelos quaes ſe vendera Pedro, e lhe dizia amoroſamente: *Aqui eſtou comtigo, Pedro, o teu veſtido me cobre, o teu dinheiro me ſoccorre, naõ te entriſteças, padece por mim, pois eu padeci por ti.*

A

B

Dalli a alguns annos vieraõ dous homens principaes da corte de Conſtantinopla a viſitar aquelles ſantos lugares: hoſpedaraõ-ſe em caza do amo de Pedro, que era jà o mais eſtimado daquella terra. E eſtando elle à meza com os ditos hoſpedes, e Pedro miniſtrando o neceſſario, reparou neſte hum delles, parecendolhe que o conhecia; e dizia entre ſi: *Naõ he eſte Pedro o Publicano, porquem o Emperador mandou fazer tantas diligencias?* E logo em ſegredo para o ſeu companheiro: *Reparay neſte eſcravo; naõ vos parece Pedro o Publicano?* Encarou eſte com attençaõ em Pedro, e diſſe: *Eſte he, naõ ha que duvidar.* Quiz o amo de Pedro ſaber o que os dous entre ſi fallavaõ, e elles lho diſſeraõ: *Eſte eſcravo* (replicou o amo de Pedro) *me vendeo hum moço meu conhecido haverà tantos annos.* Pedro neſte paſſo entendendo que eſtava conhecido, ſahio logo da ſala, e ſe foy à porta da caza, para fugir: * e encontrando alli aquelle mudo, e ſurdo, lhe diſſe: (ao que parece inſpirado de Deos) *Surdo, e mudo, ouve, e falla, e abre a porta.* E elle lhe reſpondeo: *Já ouço, e fallo, e abro:* e cô effeito abrio a porta. E Pedro accreſcentandoſe-

C

* Eccli. 20. 12. Eſt qui multa redimat modico pretio.

* D. Greg. lib. 10. Mor. c. 17. Sæpe cõtingit ut electus quiſque, qui ad æternam felicitatẽ ducitur, continua hic adverſitate deprimatur.

* D. Greg. ſupra. Honorari metuit, deſpici non refugit.

tandoſe-lhe o medo com eſte repentino milagre, ſe lahio com toda a preſſa da cidade; e ao que ſe entende, ſe
A foy para o deſerto aperfeiçoar em vida contemplativa as ſuas virtudes.

O mudo ſahio à falla, onde os hoſpedes eſtavaõ com ſeu amo: e como todos ſabiaõ do ſeu natural impedimento, e o viaõ agora fallar, e ouvir perfeitamente, admirados lhe perguntàraõ a cauſa. Reſpondeu, que Pedro ao deſcer lhe mandou em nome de Deos, que ouviſſe, e fallaſſe * e lhe abriſſe a porta; e que no meſmo inſtante vira ſair lhe do roſto hum como relampago de luz, o qual lhe tiràra os impedimentos que tinha na lingua, e ouvidos, e logo ſe ſentira capaz do uſo deſtes ſentidos. Buſ-
B càraõ a Pedro, e o naõ acharaõ: aviſàraõ ao Emperador, e feitas diligencias, naõ deſcobriraõ noticias delle. Unicamente o Mordomo, que o vendeo, eſcreveo o cazo atè onde elle alcançou, e Pedro lhe tinha communicado. No dia grande do Senhor, em que ſe haõ de revelar todas noſſas obras, apparecerà claro o progreſſo, e fim deſta hiſtoria, para gloria da graça do meſmo Senhor, honra deſte ſeu ſervo, e confuſaõ dos que havendo o ſeguido na carreira dos vicios, nas das virtudes o naõ ſeguiraõ.

* Marc. 7. 37. Bene omnia fecit: & ſurdos fecit audire, & mutos loquí.

Eſta he a memoravel hiſtoria de Pedro o Publicano, que com ameaças, e promeſſas comprou o venderſe, e com milagres, e fugida remio o naõ ſer remido. Quando eſcravo ficou livre, opulento quando neceſſitado, e
C deſterrandoſe da patria, ſe empadroou cidadaõ na que o he de todos os Santos. Foy baxel que alijou muita carga, por naõ fazer naufragio, e depois toda por fazer melhor viagem. Por achar mais a Deos, ſe naõ deixou achar dos homens: naõ buſcou de balde a Chriſto, como a elle Cezar. Ao principio trajava purpura como o Avarento do Euangelho, e negava ſoccorro aos famintos, como Nabal: mas depois que foy poſto em balança como Balthazar, logo deixou o telonio como Mattheos, e veſtio a Chriſto, como Martinho, atè chegar a venderſe aos barbaros como Serapiaõ. Gloria ſeja a ti, ó Deos admiravel em teus Santos: bem he, que em quanto Au-

thor

thor da Graça te excedas ati meſmo em quanto Author da natureza: e pois de hum graõ de trigo entregue á terra vens a povoar os campos de ſearas, tambem de hum A
paõ entregue na maõ do pobre, venhas a encher huma alma de immenſos cumulos de virtudes.

LXXII.

De hum Anonymo pay de familias.

CErto homem nobre, e rico tinha dado a hũ ſeu filho por varias vezes boas quantidades de moeda, para que correſſe com os gaſtos, e adminiſtração da caza, como mais activo que B
era, e deſoccupado. Mas elle encurtando a mão quanto podia, hia enterrando o mais em lugar occulto. Succedeo ſer neceſſario a eſte avarento fazer jornada longe. Entretanto o pay, que já preſumia o mal, buſcando-o por veſtigios, veyo a dar com o theſouro: e delle pagou logo ſalarios de criados, reformou moveis da caza, e repartio eſmolas: e depois enchendo os meſmos ſaccos de area, os repoz no ſeu lugar. Recolhendoſe da jornada o filho, foy logo fazer eſtação, e viſita ao ſeu depozito, porque là tinha o coração; mas não achando mais que area, à primeira viſta ficou paſmado, e quaſi eſmorecido; e depois toda a caza C
confundia com gritos, queixas, e deſeſperaçoens. Acodio então o pay, dizendo-lhe muy ao fleimatico: *De que te amofinas, filho meu, ou porque te enfureces? tens mais, que imaginar que ainda là eſtà o dinheiro; porque ſe os ſaccos, e o volume, e o lugar, e o preſtimo, ou uzo ſempre he o meſmo, que mais monta ter ouro, que ter area?*

RE-

REFLEXAM, E INVECTIVA.

A

Iscretamente subſtituhio area por ouro: porque a area he eſteril: e eſteril he tambem o ouro em poder do avarento. A area he o carcere, e grilhões, que Deos poz às ondas do mar: e o ouro he a prizaõ, e cativeiro dos corações mundanos: *Diabolus* (diſſe S. Bernardo) *laqueum poſuit in auro, & argento, & cũ illis malè delectamur, illaqueamur.* A area faz o caminho muy cançado, e moleſto aos paſſageiros; e o ouro faz difficultoza a jornada para o Ceo, porque atraza os paſſos da virtude: ouçamos a S. Joaõ Chryſoſtomo: *Gravis eſt aurum: virtus contra levis, & apta in ſublime ferri: ergo ſi nobis aſcendenda ſunt ſublimia, ea, quæ deorſum trahunt, abjiciamus.* As

B areas em algũs deſertos ſaõ taõ movediças com o vento, que paſſandoſe de huma a outra parte, de repente confundem os caminhos, e ſepultaõ os caminhantes: as riquezas tambem padecem eſta inconſtancia pela variedade dos ſopros da fortuna, de ſôrte que os que ha pouco eraõ riquiſſimos, de repente ſe achaõ pobres: *Ut pulvis à turbine,* (diſſe Nazianzeno (*ſic opes ab alijs ad alios ſubinde ventilantur, atque jactantur.*

Jerem. 5. v. 21.

Lib. Medit. c. 11.

Apud Stobæum ſermone 55.

Na ſatisfaçaõ com que eſte pay conſolava ao filho, moſtrou que ſe fundava na maxima de Filoſofo Romano, o qual affirma, que o avarento tanto lhe falta o que tem, como o que naõ tem; porque o luxurioſo gaſtador de muitas couzas carece: mas o avarento guardador ca-

C rece de todas: *Tam deeſt avaro quod habet, quàm quod non habet: deſunt luxuriæ multa, avaritiæ omnia.*

Seneca lib. 3. controverſ. 18.

Mas conſiderada mais attentamente a natureza deſte infame vicio, acho que ainda he mayor a falta que o avarento padece do que tem, que a do que naõ tem. Porque naõ ter hum o que naõ tem, naõ he mais que hũa ſimples carencia negativa: mas naõ ter iſſo meſmo que tem, he carencia privativa, e as privaçoens induzem mayor falta no ſojeito, do que as negaçoens. Por iſſo mayor tormento era a ſede, e fome de Tantalo no meyo das

aguas,e entre as mẽzas cheyas de iguarias,do que a do povo de Iſrael no meyo do deſerto: porque o povo carecia de agua, e manjares que naõ tinha; e Tantalo, da meſma agua, e manjares que tinha, carecia: A

Tibullus lib. 1.

Tantalus eſt illic, & circum ſtagna, ſed aerem
Jam jam poturo deſerit unda ſitim:

diſſe Tibullo: & Virgilio com mais ſoberbo metro.

Virg. 6. Æneid.

——— Lucent genealibus aliis
Aurea fulcra thoris, epulaque ante ora parata B
Regifico luxu: Furiarum maxima juxta
Accubat: & manibus prohibet contingere menſas.

E tal he o avarento; pobre no meyo dos ſeus thezouros, faminto entre as ſuas abundancias, como diſſe o Papa Innocencio III. *Tantalus ſitit in undis, & avarus eget in opibus.* Alem de que, o faltar-lhe ao avarento o que naõ tem, póde vir da fortuna, ou de outras cauſas extrinſecas: mas o faltar-lhe iſſo meſmo que tem, vem-lhe delle meſmo. Com q̃ de ſi meſmo carece para ſeu remedio: e naõ ſô naõ ſaõ ſuas as ſuas riquezas, como o naõ ſaõ tambem as alheas; ſenaõ que elle meſmo naõ he ſeu, ſenaõ dellas: S. Boaventura: *Divitiæ non ſunt avarorum, ſed avari ſunt divitiarum.* Aſſim diſſe tambem antiguamente hum ſabio vendo a hum rico miſeravel: *Hic facultates ſuas non poſſidet; ſed ipſum poſſident facultates.* E tanto naõ he o avarento ſeu, ſenaõ das riquezas; que ſe ellas ſe perdem, elle ſe dà por perdido: S. Hilario: *Avarus carituras ſe ipſo, carere timet pecuniâ.* Por iſſo o Apoſtolo definio a avareza, dizendo, ſer ſervidaõ dos Idolos: *Quod eſt idolorum ſervitus:* porque aſſim como o Idolo de nada ſerve ao idolatra ſenaõ o idolatra ao Idolo: aſſim o ouro naõ ſerve ao avarento, ſenaõ o avarento ſerve, e adora ao ouro.

Lib. 2. de contemptu mundi c. 11.

In Diæta tit. 1. c. 6.

Bion Boryſthenites

Sup. Pſ. 123. ante medium.

Ad Epheſ. 5. 5.

C

A gloriosa Virgem, e Martyr Santa Martinha ſendo preza, e levada diante do famoſo Idolo de Apollo, para que o adoraſſe, diſſe eſcarnecendo delle em preſença do Emperador Alexandre: *Iſto adorais vòs-outros?*

Bollandus in vita S. Martinæ 1. Januarij c. 1. n. 8. & 10.

outros? *Naõ he mais que hum pouco de lodo, entupido, e cerrado com taciturnidade perpetua, e lodo que mancha aos que*
A *nelle crem: Lutum eſt enim taciturnitate obſtructum, & fœdans credentes in eum.* Viſto que o ouro he obra de Apollo (pois o Sol o gera nas entranhas da terra): bem podemos dizer do ouro, o que eſta Santa diſſe do Idolo de Apollo. Porque verdadeiramente para o avarento o ſeu Idolo he o ouro, porque o adora; e o ſeu ouro he lodo, porque de nada ſerve; e eſte lodo he entupido, e cerrado com perpetua taciturnidade, porque nem tinnir, nem apparecer o deixa; e finalmente mancha aos que nelle crem, ou confiaõ, porque naõ ha couza mais ſordida que o animo avarento, e eſte he o ſeu epiteto proprio. Daquelle Idolo de Apollo ſaindo o demonio por orações da Santa queixouſe de o privarem de ſua anti-
B gua, e pacifica poſſe: e declarou diante de todos os que aſſiſtiaõ a eſte eſpectaculo, que noventa, e outo annos havia, que eſtava alli de morada; reinando nas almas cõ taõ dilatado imperio, que tinha à ſua ordem quatrocentos, e ſettenta demonios inferiores, cada hum dos quaes lhe ganhava cada dia para o inferno ſettenta almas: e o Cabo, ou Tenente deſte eſquadraõ, que era o outro feroz demonio por nome Esfigon, lhe ganhava, de fòra parte, cada dia trinta, e ſeis almas. Iſto diſſe aquelle expulſo por S. Martinha. E feito o computo das almas que attrahio, e condenou naquelle Idolo de Apollo (oh miſeravel cegueira, e eſcravidaõ daquella vaſtiſſima Gentilidade do antigo Imperio Romano!) ſomaõ mil, e cento, e outenta, e tres milhoens, e cento, e vinte outo 1: 183, 128, 520
C mil, e quinhentas, e vinte almas.

Aqui juſto he que o leitor ſe admire, e ſe laſtime. Porèm he certo, que o Idolo de ouro (filho de Apollo) muitas mais almas attrahe, engana, e condena. Quem pòde duvidallo? o ſeu reinado dura deſde que o mundo he mundo: e naõ ſe propagou pela Gentilidade ſòmente; ſenaõ até entre muitos Chriſtãos, e naõ poucos Sacerdotes, e Religioſos. Se he encarecimento dizer, e ſentir, que os homens, geralmente fallando, mais ſervem, e obedecem ao ouro, do que a Chriſto, aſſim o

tentio, e diſſe o Serafico Doutor S. Boaventura: *Magis homines obediunt auro, quàm Chriſto.* Se he injuria chamar aos filhos de Adam, caſta avarenta, e ambicioſa: aſſim lhes chamou S. Bernardo: *Filij Adam genus avarum, & ambitioſum.* Finalmente Prudencio dà por tributaria aos reſpeitos, e amor deſte Idolo pelo vicio da avareza, toda a ſórte de homens:

Ser. 1. de SS. Apoſtolis ſub finem.

D. Bern. 1. ſer. 4. de Adventu.

In Pſycomachia De avaritiæ, & largitatis pugna;

Omne hominum rapit illa genus, mortalia cuncta.
Occupat interitu: neque enim eſt violentius ullum
Terrarum vitium, quod tantis cladibus ævum
Mundani involvat populi, damnetque gehenna.

E daqui vem (diſſe diſcretamente o Poeta Lyrico) que com ſer hum avarento manifeſtamente minguado de juizo, todavia naõ ha onde o pareça, à falta de ſizudos:

Horat. Satyra 3. l. 2.

Nimirum inſanus paucis videatur, eò quòd
Maxima pars hominum morbo jactatur eodem.

LXXIII.

De Thomàs Moro Cancellario de Inglaterra.

PErguntado eſte diſcreto, com que ſe parecia hum avarento, reſpondeo: *Com o fogo; que quanto mais lenha ſe lhe lança, mais lenha pede.* Outro à meſma pergunta reſpondeo: *Como o porco; porque ſó aproveita morto.*

A

ANALOGIAS.

§. I.

A Avareza vicio insaciavel.

DA insaciabilidade deste vicio diz Salomaõ nos Proverbios: *Sanguisugæ duæ sunt filiæ, dicentes: Affer, Affer:* Duas bocas tem a sanguisuga, que estaõ dizendo sempre: Venha mais, venha mais. Isto he (como no dito lugar explicaõ Lyra, A lapide, e outros) a concupiscencia huma he da carne, outra dos bens terrenos; e nenhuma dellas se dà jà mais por contente, e satisfeita. Diz huma destas bocas (que he a da avareza, de que agora fallamos) Venhaõ juros, foros, censos, usuras, *Affer:* Venhaõ officios, commendas, e tenças, *Affer:* Venhaõ heranças, legados, dotes quantiosos, *Affer:* Venhaõ moveis de caza, alfayas, joyas, pinturas, tapeçarias, *Affer:* Venhaõ escravos, criados, cavallos, gados: Venhaõ lucros da mercancia, dinheiro, e generos; despois de hũs cofres cheyos, enchaõ-se outros cofres: cresça a massa, dobrem-se os cabedaes. Por ventura basta jà isto? Sempre fica dizendo: *Affer, Affer:* Venha mais, venha mais. Logo bem se compàra ao fogo, o qual tambem nunca diz Basta, antes cresce mais com o pasto que devora: *Ignis nunquam dicit, sufficit.* Prov. 30. 15. B C Prov. ibid.

S. Gregorio Nazianzeno usou de outro simil muy proprio, que he o da serpente Dypsas, que quer dizer, *Sede:* porque o mordido della padece tal sede, que quanto mais bebe, mais suspira por beber, atè que rebenta.

Perit bibendo quisquis hac ictus fuit,
Aquis repertis totus in eas irruens
Quousque nimio turgidus potu crepet
Vita cadente, sæva sic cadit sitis.

Ao meſmo propoſito elegantemente Boecio:

Lib. 2. Metro 2.

Quanvis vota libens excipiat Deus A
Multi prodigus auri,
Et claris avidos ornet honoribus,
Nil jam parta videntur:
Sed quæſita vorans ſæva rapacitas
Alios pandit hiatus.
Quæ jam præcipitem frena cupidinem
Certo fine retentent:
Largis cùm potiùs muneribus fluens
Sitis ardeſcit habendi?

Serm. 15. de diverſis cap. 4.

E Santo Agoſtinho: *Maior pecunia fauces avaritiæ non claudit, ſed extendit; non irrigat, ſed accendit:* muito dinheiro não tapa a garganta da avareza, ſenaõ que a enſancha; naõ lhe ſerve de refrigerio, ſenaõ de inflammaçaõ. E. S. Bernardo: *Non prius ſatiabuntur corda hominum auro, quàm aurâ corpora ſatientur.* B

Lib. de concord. Cler. cap. 21.

A razaõ de ſe acender mais eſta ſede com o beber, he porque a agua que ſe bebe neſte mundo he ſalgada: os bens terrenos naõ ſaõ connaturaes, e adequados à capacidade do coraçaõ humano: e aſſim em vez de ſatisfazer à natureza, irritaõ o appetite. Quando Joſeph dizia a ſeus irmãos, que ſe mudaſſem para o Egypto, onde elle era Vice-Rey, encomendou-lhes, que naõ deixaſſem na ſua terra couſa alguma do ſeu movel: *Nec dimittatis quidquam de ſupellectili veſtra.* E acreſcentou, dando a razaõ: Porque todas as riquezas do Egypto haõ de ſer voſſas: *Quia omnes opes Ægypti veſtræ erunt.* Pois, porque no Egypto os eſperavaõ tantas riquezas, por iſſo haviaõ de ter o ſentido em que lhes naõ ficaſſe nada por trazer da ſua terra? Parece que havia de dizer lhes o contrario: Naõ vos dé cuidado o que la ficar, porque tudo cà ſerà voſſo. Mas em fim eraõ riquezas do Egypto, *Opes Ægypti*; iſto he do mundo: e as riquezas do mundo, quanto mais ſe tem, mais ſe appetecem. Depois de moradores jà no Egypto os irmãos de Joſeph, por muito que alli tiveſſem, ſe lhes ficaſſe alguma couſa na patria, ha-

Gen. 45. 20.

C

havião de dizer: Oh, que puderamos nòs trazer iſto, e
A eſtoutro que lá deixàmos. Pois naõ deixem la nada, ainda que ca hajão de ter tudo: porque o tudo do mundo para o coraçaõ humano he nada. Por iſſo o demonio, que lhe conhecia a condiçaõ, quando chegou a tentar promettendo, prometteo tudo: *Hæc omnia tibi dabo:* julgando, que menos que tudo, onde houveſſe cubiça, ſeria o meſmo que nada.

§. II.

O avarento retratado em hum porco.

B QUanto ao outro ſimil do porco (eſta vez me perdoem os Catharos, ou limpos do noſſo tempo; quero dizer os Criticos, e Academicos: que naõ quero uſar de nome mais melindroſo, para ſignificar a natureza, e coſtume deſte animal) certo he que mais aproveita morto, do que vivo, pois não dà lãa, nem o ſeu leite preſta; pelo que diſſe Phile que a vida lhe ſervia de ſal, para que naõ apodreceſſe.

Phile cap. 14. de natus latinitate ab Aldrovando.

Fortè anſeres hos altiles, inquam, videns,
Porcoſque diſtentos ſaginâ, duxerit
Nil eſſe carnem præter illos quipiam,
Quæ pro ſale animam acceperit, putredine
C *Ne colliqueſcat.*

Aſſim tambem o avarento não ſerve ſenaõ de ajuntar, e guardar, o que os outros haõ de comerlhe depois de morto. Bem diſſe S. Ambroſio: Ordinariamente o que ajuntou o avarento com ſummo deſvelo, derrama o perdulario herdeiro com precipitados deſembolſos: *Sæpe quod avarus ſummâ congeſſit ſolicitudine, præcipiti effuſione dilapidat hæres luxurioſus.* Concorda aquillo de Gongora.

D. Ambr. lib. 2. officio cap. 49.

Gongora nas letrilhas.

Que junte un rico avariento
Los doblones ciento a ciento,
Bien puede ſer.
Mas que el ſucceſſor gentil
No los gaſte mil a mil,
No puede ſer. A

S. Aſterio Biſpo deſcrevendo a condiçaõ do avarento, diz que *Propinquis eſt odioſus, famulis gravis, amicis inutilis, exteris difficilis, & vix affabilis, vicinis moleſtus, uxori malus contubernalis, liberorum parcus atque ſordidus educator, ſui ipſius malignus curator, noctu, interdiuque ſolicitus, & cogitabundus:* Para os parentes he odioſo, para os ſervos pezado, para os amigos inutil, para os eſtranhos difficil, e inacceſſivel, para os viſinhos moleſto, para ſua propria mulher mão companheiro, na educaçaõ de ſeus filhos miſero, e cainho, no trato de ſi proprio cruel, e eſcaço, e todo o dia, e toda a noite ſolicito, e penſativo. Morrendo pois o avarento, todas eſtas oppreſſões ceſſaõ: porque huns entraõ na herança, a outros ſe pagaõ os ſalarios, os acredores arrecadaõ, os devedores reſpeitaõ, a mulher eſconde o que pòde, e os ſervos o que naõ podiaõ; o coveiro tem tambem o ſeu gancho, e os da Paroquia a ſua offerta; e atê o cadaver mais em paz fica com os bichos da ſepultura, do que eſtava com a alma ſua inquilina. Finalmente hum avarento naõ faz couſa mais acertada em toda a ſua vida, do que ſahirſe della. Logo por eſta parte bem ſe parece com o porco. B C

Libro de Avaritia.

Vejamos mais outras ſemelhanças. O porco (como o meſmo nome declara) he animal immundiſſimo. *Porcus* (diſſe S. Iſidoro) *quaſi ſpurcus; ingurgitat enim ſe cœno, luto immergit, limo illinit.* O regalo, e alivio que o homem tem em lavarſe, tem elle em enlodarſe, como ponderou Varraõ: *Ut voluntentur in luto, quæ eſt illorum requies, ut lavatio hominis.* E Lucrecio.

Iſidor. lib. 3. c. 14.

Lucret. lib. 6.

At contra nobis cœnum teterrima cùm ſit
Spurcities, eadem ſubus hæc res munda videtur
Inſatiabiliter toti ut volvantur ibidem.

Aſſim

Assim tambem o avarento. Que revolve, em que
A cuida, em que trata, senaõ em ajuntar dinheiro? E que he o dinheiro, e todos os bens terrenos, senaõ lodo? *Nec luto melius aurum esse cogitemus*, disse Chrysostomo. E o Homil. 21. ad Pop.
Profeta Habacuc, ao ajuntar fazenda anciosamente, naõ pul.
lhe chamou senaõ atascarse no lodaçal espesso: *Væ ei, qui multiplicat non sua! Usquequò, & aggravat contra se densum lutum?* Como será pois odioso a Deos, e intoleravel Hab. 26.
o mào cheiro da avareza? a Deos, que he purissimo espirito, e tambem aos espiritos que tiverem alguma cousa de Deos? Do tartum gravissimo, e horrivel bafio que S. Hilariaõ sentio na offerta de hum avarento, já assima fallàmos: no que Deos sente a nosso modo de entender, abominando este vicio, ouçamos a S. Pedro Damiaõ:
B *Nulla sanè putredo vulneris in Dei naribus intolerabilius fœtet, quàm stercus avaritiæ, & cupidus quisque, dum sordentis pecuniæ quæstus accumulat, vertens exedram in latrinã, quasi molem stercoris coacervans.* Construirey como puder: Nenhuma chaga ha (diz o Santo) taõ corrupta, que ao olfato de Deos naõ seja mais intoleravel o vicio da avareza: e qualquer espirito infecto delle, o que fez amontoando os seus lucros sordidos, naõ he outra cousa, que converter as bancas, e gavetões do seu telonio em latrinas. E com tudo aqui he onde elle se refresca; isto he o que lhe recende, e o consola. *Lucri bonus odor ex re* Satyra 14.
qualibet, satyrizou Juvenal, alludindo àquella vilissima acçaõ do Emperador Vespasiano, que havendo-lhe seu filho Tito estranhado que impuzesse, e arrecadasse tri-
C butos atè dos prostibulos das mulheres erradas, e de outras cousas immundas, elle lhe chegou o dinheiro aos narizes, dizendo: *E pois isto cheira mal?* Logo tambem por este titulo naõ póde negar o avarento que he porco.

Quando este animal anda pastando, se outro vem a fossar alli tambem, logo lhe ronca, grunhe, e o afasta com huma fucinhada. E he tanta a sua voracidade, que se lhe falta que comer, come os animaes da sua mesma especie, ainda que sejaõ filhos; que he brutalidade cruel, Ælian. lib. 7. c. 19.
e contra toda a ordem da natureza. Assim o escrevem Plin. lib. 8. cap. 51.
Eliano, Plinio, e Columella: *Sues ex omnibus pecudibus* Colum. lib. 7. c. 12.

(saõ

(ſaõ as palavras deſte ultimo Author) *ſunt impatientiſſimæ famis, ita ut aliquando, ſi indigeant pabulis, non tantùm alienam, ſi liceat, ſobolem, ſed etiam ſuam conſumant.* Aſſim A fazem os avarentos, quando hum quer tirar o lucro ao outro: injuriaõ-ſe, demandaõ-ſe, acutilaõ ſe. Gracioſo caſo neſte particular o que ſuccedeu a hum Miniſtro do dito Veſpaſiano. Tinha pactado interceder por elle ſobre o deſpacho de certo pretendente que lhe promettera boas luvas: e para que naõ ſe ſuspeitaſſe que ſallava peitado, fingio ſer ſeu irmão. Mas o Emperador que penetrou o eſtratagema, chamou a ſi o dito pretendente, e lhe tomou as luvas promettendo o deſpacho. E quando o interceſſor quiz fazer o ſeu officio, lhe diſſe: *Buſcay outro irmaõ; que eſſe era meu, e naõ voſſo, e vos enganaſtes com elle.* Eys-aqui hum porco dando fucinhada B no outro, pelo naõ deixar comer. E o que he peyor, naõ ſuccede iſto ſò entre eſtranhos; ſenaõ que hum avarento naõ ſe forra nem com ſeus amigos, parentes, e irmãos.

Ovidius. *Vivitur ex rapto, non hoſpes ab hoſpite tutus,*
Non ſocer a genero, fratrum quoque gratia rara eſt.

Para apaziguar a dous irmãos, que contendiaõ ſobre ſer deſte, ou daquelle huma lagoa de muita peſca, foy neceſſario a S. Gregorio Taumaturgo ſecalla milagroſamente com ſuas oraçoens. Nem os proprios filhos eſcapaõ; porque os paes ſe ſaõ avarentos álem de os tratarem C com muita miſeria, (como à pouco diziamos com Saõ Aſterio: *Liberorum parcus, atque ſorditus educator*) os metem a todo o trabalho para comerem delles. Naõ fallo já de outro mais abominavel modo de comerem dos corpos de ſeus filhos, e filhas tambem por avareza; verificando-ſe em ſentido mais horrendo, e deploravel, o Baruch. 2. 2. que diſſe Baruch Profeta: *Ut manducaret homo carnes filii ſui, & carnes filiæ ſuæ.*

Coſtumavaõ os Romanos nos ſeus eſpectaculos lançar na praça hum touro atado com hum urſo, para os ver pelejar: e quando já eſtavaõ cançados, e feridos, lhes ſol- Lib. 3. de Ira c. 43. tavam hum porco, que os acabava de matar. *Ridére ſolemus*

lemus (diz Seneca) *inter matutina arenæ spectacula, tauri,*
A *& ursi pugnam inter se colligatorum, quòs cùm alter alterum vexarit, ſus confector expectat.* Aſſim no coraçaõ do avarento coſtuma eſte vicio vencer, ou pelo menos reprimir os vicios da ira, e luxuria. Porque o miſeravel treme de meterſe em empenhos, alargarſe em dadivas, ſuſtentar brios, e talvez mudar caſa, e perder patria. E aſſim muitas vezes obſerva o quinto, e ſexto mandamento, por continuar em quebrantar o ſeptimo. Mais: o porco tem os olhos muy abatidos para a terra: e o avarento naõ pòde levantar o penſamento, e affecto às couſas do Ceo. Por iſſo David clamava: *Inclina cor meum* Pſalm. 118. v. 36.
in teſtimonia tua, & non in avaritiam: Inclinay, Senhor, o meu coraçaõ às voſſas palavras, e doutrina, e naõ para a avareza. E ainda hum Gentio acertou a dizer: *Nemo* Terencio.
B *extollere ſe ſe, & divina mortalis attingere poteſt, niſi omiſſis pecuniæ, & corporis gaudiis:* Nenhum mortal póde levantarſe a contemplar as couſas divinas, ſem primeiro renunciar a conſolaçaõ, que tem no ſeu dinheiro, e no ſeu corpo.

Marco Varraõ nos livros de *Re ruſtica* eſcreve, como couſa que ſoube de certo, que houve em Arcadia, Provincia de Grecia, huma porca tão grande, e groſſa, que naõ ſó ſe naõ podia jà levantar do chaõ, onde comia, e dormia; ſenaõ que huma rata, roendo-lhe o couro, e carne, fez alli o ſeu ninho, onde pario, e criou os ſeus filhinhos, ſem que a ſua hoſpeda por ſua muita corpulencia os pudeſſe lançar de ſi. Aſſim o avarento creſce às vezes tanto em ſubſtancia de cabedaes, que ſe naõ pòde ar-
C rojar, nem revolver com elles: e ſuccede vir entaõ hum criado, ou criada, ou parenta meterſe em caſa onde occultamente o vay roendo, contente de achar alli onde á conta alheya ſuſtente, e agaſalhe ſeus filhos, e adherentes, que por pobres, e famintos ſe pòdem comparar aos ratos, confórme aquillo do livro de Judith: *Egreſſi mures de cavernis ſuis auſi ſunt provocare nos.* E aquillo do livro Judith 14. 12.
de Job: *Egeſtate, & fame ſteriles, qui rodebant in ſolitudine.* Job 30. 3.

Finalmente o porco quando ſente, ou preſume que o levaõ para o degolladouro, levanta o grito taõ alto, que

Varro 2. de Re ruſtica, e delle Macedo nas Excellencias de Portugal, cap. 3. Excell. 6.

eſtruge

eſtruge, e ainda com a boca açaimada, naõ ceſſa de grunhir o que pôde. E o avarento quando chega o ponto da morte, todo ſe turba, e afflige, tudo ſaõ ays, e gemidos, não pôde conformarſe, ſente por extremo perder neſte mundo o bom lugar que achava, e achar no outro o mão lugar que teme. Por iſſo diſſe o Eccleſiaſtico: Oh morte, quam deſconſolada, e amargoſa he a tua memoria ao homem que tem poſta a ſua paz na ſua fazenda! *Oh mors, quàm amara eſt memoria tua homini pacem habenti in ſubſtantiis ſuis!* Quem quizer ver hum deſtes porcos, muy gordo por amor do paſto ſer muito, e grunhindo por amor do golpe eſtar proximo, traga à memoria o caſo de Agag tremendo diante del-Rey Saul, e lamentando-ſe: He poſſivel que aſſim ſepara a morte amargoſa! *Oblatus eſt ei Agag pinguiſſimus, & tremens: & dixit Agag: Siccinè ſeparat amara mors?* E às vezes he tal eſte grunhir, que chega a deſeſperações, e blasfemias, como veremos nos dous ſeguintes caſos.

Eccleſ. 41. v. 1.

1. Reg. 15. 32.

A

B

O noſſo V. P. Bartholomeu do Quental, Fundador, e primeiro Prepoſito deſta Congregaçaõ, aſſiſtio a certo moribundo avarento, que tinha ſentido por extremo haver dotado huma filha mais quantioſamente do que quizera; porque as circunſtancias da occaſiaõ indeclinavel o conſtrangeraõ ao deſembolſo. Por mais que inſtou em perſuadirlhe que ſe confeſſaſſe, nunca o pode reduſir: atè que diſſe a ſeu companheiro (que era o V. P. Franciſco Gomes, Varaõ de conhecidas virtudes, e zelo das almas) que entraſſe de novo a trabalhar com elle, por quanto a graça de Deos quereria concorrer por ventura com outro Sacerdote. Obedeceu o Padre: porêm tambem naõ pode. Moſtrou-lhe hum Crucifixo, exhortando-o á contriçaõ de ſeus peccados. Porèm o enfermo de cada vez mais inquieto, e impaciente, meteu a mão de permeyo, e apartou de ſi com deſprezo a Sagrada imagem, dizendo: *Tire para la, Padre.* E aſſim morreu repetindo muitas vezes eſtas unicas palavras: *Já naõ tem remedio.*

C

Aringo Mortes peſsimæ t. 1. l. 1. c. 14. n. 13. ex Franciſco Coſtero Ser. Dominic. Sexag.

Outro moribundo avarento, fazendo-lhe o Confeſſor os recordos, e amoeſtaçoens que importaõ naquella tremenda

menda hora, virava o roſto para a contraria parte, e naõ
A queria ouvir fallar, ſenaõ do ſeu dinheiro. E aſſim mandou, que lhe trouxeſſem huma gamella cheya de dobrões: e como quem ſe naõ podia acabar de deſpedir delles, dizia com voz tremula, e laudoſa: *Oh meu dinheiro! em ti eſtà o meu auxilio, digaõ os Sacerdotes o que quizerem.* E logo chegando o roſto para os dobrões, huma inviſivel mão (que devia ſer a do demonio) lhe marrou com a cabeça na gamella: e eſpirou o miſeravel. Eſtas ſaõ as vozes blaſfemas, e deſeſperadas, ou grunhidos do avarento, quãdo vay arraſtado para a morte. Logo verdadeiramente he hum porco.

§. III.

B

Alguns lugares lodoſos, onde o porco avarento ſe revolve, e engorda.

APontaõ-ſe aqui alguns cazos particulares, ou occaſioens, em que a ſordidez deſte vicio ſe exercita, para que huns o deixem, outros o evitem, e todos o abominem. Primeiramente, começando da caza de Deos, he avareza.

Exercitar o Clerigo negociaçaõ, e mercancia: e dos Beneficios Eccleſiaſticos enthezourar o remanecente
C à ſua congrua, e honeſta ſuſtentaçaõ, devendoſe dar de eſmolas aos pobres, conſórme a ſentença de todos os Theologos, ou por obrigaçaõ de juſtiça, como huns dizem, ou ao menos de caridade, como dizem outros.

Fazer exactos exames, e averiguaçoens dos procedimentos do pobre, para lhe haver de dar qualquer ordinario ſubſidio: que he contra o que nos enſinaõ, e praticaõ os Santos.

As authoridades de muitos ſe acharaõ citadas quando chegarmos ao Titulo Caridade.

Obrigar os criados, eſcravos, e aprendizes a trabalhar nos dias de guarda, ſem racionavel neceſſidade, ſó para accreſcentar os lucros; ameaçando caſtigo, ou expulſaõ ſenaõ obedecerem; como ſe naõ eſtiveſſem primeiro

primeiro lugar obrigados a obedecer ao preceito divino e eccleſiaſtico.

Uſar das couzas alheyas, que eſtaõ em dépoſito, e padecem detrimento com o uſo, por reſguardar entretanto as proprias, ou por naõ ſe privar daquella commodidade. A

Quando ſou repartidor de eſmolas alheyas, occupar os pobres, que prefiro a outros, em couzas de meu ſerviço, que me haviaõ de fazer deſpeza; que he o meſmo que venderlhes a eſmola.

Levar o Juiz dinheiro, ou outro qualquer premio por dar ſentença a favor do litigante, quando elle, e ſeu contendor tem por ſi opinioens igualmente provaveis.

Supprir a reſtituiçaõ que o Beneficiado devia, por haver deixado de rezar o Officio divino, com quaeſquer outras eſmolas, que elle tinha dado antecedentemente dos frutos do ſeu Beneficio. B

Levar hum que empreſta dinheiro, mais do principal que empreſtou, a titulo de que ſe obriga a naõ pedir eſſe principal atè certo tempo.

Levar dous eſtipendios por huma Miſſa, a titulo de que applico em ſatisfaçaõ do ſegundo, a parte eſpecialiſſima do fruto que me tocava como a celebrante. Ou quando o eſtipendio he pingue, mandar dizer a Miſſa por outro Sacerdote dandolhe o eſtipendio ordinario, e reſervando para mi o mais. As propoſiçoens que davaõ por couza licita, o que ſe ſuppoem neſtes dous cazos, e nos outros tres proximè antecedentes: eſtaõ condenadas pelo Papa Alexandre VII.

Deſejar a morte do pay, naõ porque a elle lhe venha mal; ſenaõ para que ao filho venha a herança. C

Furtarem os criados, e criadas a ſeus amos, para ſe recompenſarem occultamente do ſeu trabalho, que avaliaõ por mayor que o ſeu ſalario.

Naõ reſtituir o que foy furtando aos poucos, parecendolhe ao ladraõ ſer couza leve, ainda que venhaõ a fazer ſoma grande.

Naõ ſatisfazer eu o dano grave, que fez outra peſſoa movida, e induzida do meu conſelho.

Levar

A Levar o acredor uſuras à peſſoa a quem empreſtou, a titulo de q̃ o dinheiro preſente, e de contado val mais que o futuro, e que ſe ha-de contar: ou a titulo do agradecimento que o mutuatario lhe deve. As propoſiçoens, que davaõ por licito o que ſe ſuppoem neſtes dous cazos, e nos outros quatro proximé antecedentes, eſtaõ condenadas pelo Papa Innocencio XI.

Dilatar para deſpois o que poſſo pagar logo; ou pagar ſó ás pagellas, o que ſem dano meu poſſo ſatisfazer por junto.

Obrigar os donos do achado a darem premio a quem achou, naõ havendo niſſo tido trabalho, nem feito deſpeza.

B Abrir no dia ſanto as tendas que naõ ſaõ de couzas comeſtiveis, e neceſſarias em qualquer dia, ſô por lucrar mais.

Divertir das logeas, e tendas dos viſinhos os compradores, com máos modos, para que acudaõ à minha.

Levar mayores preços ao amigo, ou conhecido; porque ſey que ſe fiarà da minha verdade: e eſpera que lhe faça nelles alguma aquidade

Recompenſarme com maõ encuberta da diligencia, favor, ou interceſſaõ, que o amigo racionavelmente cuida lhe faço por amizade.

Deſconhecer, e deſprezar os parentes pobres, porque ſe naõ valhaõ de mim, nem eu os ajude.

C Naõ declarar ás partes o que devem de alguma aſſinatura, ou certidaõ, ou outro qualquer papel, ainda que ellas o perguntaõ; para que ſe envergonhem de offerecer pouco, e dem o que naõ devem, cuidando que o devem.

Tambem he avareza, e ſordidez de eſpirito, pelejar, e praguejar os domeſticos, por quaeſquer ninharias que naõ aproveitàraõ, e trazellos continuamente atormentados com deſconfianças da ſua fidelidade: e pedir às mãys de familias taõ exacta, e miudamente contas dos gaſtos quotidianos, como ſe foraõ eſcravas, e naõ companheiras: e comprar couzas nocivas à ſaude para o ſuſtento, ſô por attender à barateza, e eſcolher o peyor

para

para dar ao pobre; e de propoſito naõ prover a bolſa, para lhe poder dizer que naõ tem: e eſſe pouco que ſolta da maõ dallo com triſteza de roſto, e pezo de coraçaõ; e ficar ſempre com o ſentido na remuneraçaõ. E outras muitas couzas, que ſe houveramos de proſeguir, nunca acabariamos: e todas naſcem da forte apprehẽſaõ, e grande eſtima que a peſſoa tem feito de ter dinheiro, que he em que conſiſte a avareza, como diſſe Cicero: *Avaritia eſt opinio vehemens de pecunia.* A

Tuſcul.

Mas naõ quero omittir ainda outro acto de avareza muy prejudicial ao bem publico, que ha tantos annos padecemos neſta Cidade, e he o dos que atraveſſaõ o paõ no tempo da eſterilidade, ou outro qualquer genero, quando ha falta delle, para tirar proveito ſeu do dano alheyo, e edificar a ſua caza, arruinando as dos proximos. Porém niſſo meſmo padecem enorme engano: porque a ſi proprios ſe arruinaõ: que o mal adquirido naõ luz, nem permanece; e coſtuma Deos caſtigallos com màõ fim, para eſcarmento dos outros. No anno de 1683. em que meyado Abril, foy o Senhor ſervido ouvir os clamores, e preces dos que lhe pediaõ chuva, pela grande ſeca, que até entaõ havia, e ſe trocou de repente em agua copioſa: dizem que certo homem avarento, havendo metido todo o ſeu cabedal em comprar trigo a cruzado, com a mira nos grandes avanços que eſperava na revenda; como vio mudado o tempo, e alegre o povo, ſe deixou penetrar tanto da triſteza, e ſentimento, que veyo a deſeſperar, e enforcar-ſe: e accreſcentaõ, que a ſepultura expulſou o cadaver não ſó huma vez, porque a naõ merecia em ſagrado. Eſte cazo (a quem naõ faltaõ parallelos nas hiſtorias) referio neſta noſſa Congregaçaõ peſſoa fidedigna, que ouvio prẽgar deſde o pulpito de S. Roque naquelles dias. E naõ poſſo preſumir, que entre Padres taõ doutos, e graves, ſe creſſe, e publicaſſe ligeiramente, e ſem baſtante inteireza da verdade. B C

Matth. 10. 13.

A qual ſuppoſta, podemos entender q̃ a eſte tal avarento dizia Deos: *Amice, non facio tibi injuriam... An non licet mihi quod volo facere? An oculus tuus nequam eſt, quia*

ego

ego bonus sum? Amigo, que injuria te faço eu, em man-
A dar ás minhas nuvens que chovão? Naõ me he licito fa-
zer o que quero? Ou porque eu sou misericordioso, por Job 7. 15.
isso tu es maligno? E elle podia dizer: *Desperavi... Quam-obrem suspendium elegit anima mea:* Desesperey; por isso escolhi por remedio para sahir de tantas penas, o enforcarme. E nòs a Deos nosso Senhor: *Confundantur, & revereantur simul, qui gratulantur malis meis:* Dos que se ale- Psalm. 34. 26.
graõ com o nosso mal, huns sejaõ confundidos, e outros ao mesmo tempo fiquem tremendo. E o Senhor a nós: *Vocabo frumentum, & multiplicabo illud, & non imponam vobis famem:* Mandarey recado ao trigo que venha, e acodirá em abundancia, e naõ vos imporey o pezado Ezech. 36. 29.
jugo da fome. Tambem se póde ajuizar na expulsaõ da-
B quelle corpo, que a terra fechando seu seyo, naõ quiz receber como mãy, a quem queria que ella fosse esteril. Se já naõ foy, que Deos, para mayor tormento daquelle mifero, quiz que até sobre os ossos chovesse. E finalmente, se o porco ao nadar succede muitas vezes degollarse com suas proprias unhas: que muito que as do avarento, e o mal ganhado que entrou nellas, se enviem contra elle mesmo, pois tambem he porco?

LXXIV.

De Luiz XI. Rey de França.

C NIcolão Paulino Burgense Cancellario de Borgonha, erigio, e dotou hum Hospital, para receber pobres peregrinos, e forasteiros. Fallando-se nesta occasiaõ em presença de Luiz XI. Rey de França, o qual sabia que o dito fundador era rigoroso em arrecadar, nada facil para o perdaõ das dividas, ou espera dos pagamentos, e misero com os de sua familia, disse: *Está posto em razaõ, que quem fez muitos pobres, lhes fizesse casa, onde os recolher.*

VEXAME.

ALgum tanto de mordaz, e abatido parece ter eſte dito daquelle Rey contra o que nos advertio Seneca: *Sales tui ſine dente ſint, joci ſine vilitate.* A mordacidade eſteve no que diſſe, porque era falta do proximo (ainda que ſeria jà conhecida) o abatimento eſteve em quem diſſe, porque era Rey; e hum Rey murmurando, ou ouvindo murmurar, naõ o parece. Quanto a peſſoa he de mais ſuperior hyerarquia, tanto mais medidas, e pezadas devem ſer ſuas palavras: porque ficaõ impreſſas nas memorias dos ouvintes, e deſta primeira impreſſaõ, paſſaõ depois à ſegunda na memoria dos ſeculos: ſe aſſim naõ fora, naõ chegàra agora eſta palavra à noſſa noticia. O Eccleſiaſtico nos encomenda, que fundamos o ouro, e prata que tivermos, e da maſſa deſtes dous metaes façamos humas balanças, para pezar todas noſſas palavras: *Aurum tuum, & argentum tuum confla, & verbis tuis facito ſtateram.* Que ſignifica neſte lugar o ouro, ſenaõ a caridade? que ſe ſymboliza na prata, ſenaõ a discriçaõ, ou prudencia? De ouro pois, e de prata juntamente haõ de ſer formadas eſtas balanças: porque com caridade, e discriçaõ, haõ de ir pezadas noſſas palavras. Pois ſe das palavras de qualquer peſſoa eſtas haõ de ſer as balanças: quaes devem ſer as palavras de hum Rey, de que os ouvintes coſtumão fazer balança para o credito, e reputaçaõ, preſtimo, e talentos das peſſoas?

Eccli. 28. 29.

Hugo Card. in illud Iſaiæ 54. 12. Ponam iaſpidem propugnacula tua. Lauret. in Alleg.

§. I.

MAs voltando nos à peſſoa do dito Cancellario, ſeparemos principalmente o precioſo do vil, como faz a boca de Deos: *Si ſeparaveris pretioſum à vili, quaſi os meum eris.* A obra do hoſpital erigido, e dotado, muito louvavel era: *De bono opere non lapidamus te.* Mas o tratar os devedores com oppreſſaõ, e os domeſticos com miſeria, naõ era bom hoſpital, nem para curar aquelles, nem para agaſalhar eſtes.

Jerem. 15. 19.

Joan. 10. 33.

Quan-

Quanto ao primeiro cargo tem eſte acredor rigoro-
A ſo, e todos os que o imitaõ (que naõ coſtumaõ ſer pou-
cos) contra ſi as Eſcrituras Divinas, e as leys humanas,
e a razaõ de ſua meſma conveniencia. Que dizem as
Eſcrituras? Que naõ queiramos ſer muy juſtos (diz o
Eccleſiaſtes) *Noli eſſe juſtus multum.* E pois ſe o ſer juſto
he bom, como naõ he bom o ſer muy juſto? Porque ne- Eccleſ. 7.17.
ſte cazo a ſobra vem a ſer mingua, e o exceſſivo ſe con-
verteu em diminuto:

Eſt modus in rebus, ſunt certi denique fines,
Quos ultra, citraque nequit conſiſtere Virtus.

Ha homens, que para a ſatisfaçaõ que lhe deve ſeu pro-
B ximo, querem, e demandaõ huma pontualidade taõ aper-
tada, que rebenta; huma rectidaõ taõ em ponto, que ſe
encandila. E jà eſta juſtiça muita, naõ he muita juſtiça;
porque quanto paſſou dos limites, tanto retrocedeu, e
naõ chegou a elles. Aquella he a juſtiça juſta, que par-
ticipa da equidade: e tal he a de Deos N. S. para com
noſco ſeus devedores; que até quando irado naõ ſe eſque-
ce de compaſſivo: *Cùm iratus fueris, miſericordiæ recorda-* Habac. 3. 2.
beris: e todos ſeus mandamentos naõ ſaõ de rigor, mas
de equidade: *Omnia mandata tua æquitas.* Pſalm. 118. 172.

No Eccleſiaſtico temos outro ſemelhante documen-
to mais contrahido à preſente materia: *Multi* (diz o Tex- Eccl. 29. 10.
to Sagrado) *non cauſâ nequitiæ, non fœnerati ſunt, ſed frau-*
C *dari gratis timuerunt.* Muitos ſe eſcuzaõ de empreſtar di-
nheiro a juro, naõ por ſerem de ruim condiçaõ, e fal-
tos de benignidade; ſenaõ por recearem ficarem defrau-
dados, tanto dos avanços, como do principal, quando
menos mereciaõ eſta mà correſpondencia. Atèqui pa-
rece que o Eccleſiaſtico favorece, e approva o dictame
deſtes homens, que naõ querem empreſtar, e allegaõ
por ſi o proverbio: Se queres ter inimigos, empreſta o
teu. Mas ouçaõ a correcçaõ que ſe ſegue logo: *Verum-* Ibid. v. 11.
tamen ſuper humilem animo fortior eſto, & pro eleemoſyna
non trabas illum. Todavia, naõ obſtante eſſa difficulda-
de no arrecadar, ſe vires a coitado, que te roga, e ſe te

rende, digote, que tenhas para com elle coraçaõ mais largo, e magnanimo: e na caridade, ou quita, que lhe houveres de fazer por esmola, antes seja mais cedo, que mais tarde: para que he andallo arraſtando? Aſſim explicaõ eſte lugar os Expoſitores, e concorda a verſaõ Tigurina: *Verumtamen erga ſupplicem clementiâ utitor, nec eum expectatione benignitatis extrahas.* E eſte ultimo ponto, he o de que discretamente ſe queixava o outro, que havendo-lhe promettido o ſeu acredor darlhe os ſeus escritos, a palavra veyo a parar ſó em palavras.

Eſt Nummus nomen, verbum Promittere: Quintus,
A quo ſperabam nomina, verba dedit.

Oven. *O titulo do Diſtico diz*: Creditor debitum non remittens.

Por muitas razões que o homem difficil para empreſtar, e rigoroſo para arrecadar, allegue em patrocinio do ſeu dictame, naõ creyo ſerà taõ atrevido, que negue ſer eſte do Espirito Santo, melhor que o ſeu.

E na verdade eſte opprimir os devedores impoſſibilitados, mais proprio parece de gentios, q̃ de Chriſtãos. Os antigos Romanos procediaõ neſte particular taõ fóra de equidade, e (digamolo aſſim) *Lemnia manu*, ou *Budoro more*, cruelmente, ou como quem eſfolla rezes; que tanto que paſſavaõ os 30. dias, que chamavaõ *Juſtos*, naõ ſó podia o acredor prendellos, e carregallos de ferros; ſenaõ que naõ acodindo em fim com a paga, ficavaõ ſeus escravos; e ſendo os acredores muitos, e o devedor hum ſó, podiaõ esquartejallo, levando cada hum ſua parte, como fêras. Couza horrenda por certo, e difficultoſa de crer! Mas as palavras de Celio Rhodiginio, que o traz de Tertulliano, ſaõ eſtas: *Etenim ſi plures forẽt, quibus reus eſſet judicatus, ſecare, ſi vellent, atque partiri corpus addicti ſibi hominis permittebatur.* E as da ley que o permittia, eraõ eſtas: *Tertiis nundinis partes ſecanto; ſi plus minuſve ſecuerunt, ſine fraude eſto.* Os Judeos q̃ eraõ ſojeitos aos Romanos no tempo q̃ o Verbo humanado lhes prégava, tambem entregavaõ os devedores ao verdugo, que os açoutava cruelmente. Por iſſo o Senhor na Parabola do ſervo devedor de dez mil talentos, proſeguindo a meta-

Videſis Paul. Manut. in Adag.

Cælius l. 12. c. 20. Tertull. in Apologetico.

à metafora, diſſe coherentemente, que o entregaſſem
A aos verdugos: *Tradidit eum tortoribus.* E muitas vezes, Matth. 18. 34.
naõ ſò o devedor era prezo, e vencido, ſenaõ tambem ſua mulher, e filhos, como da meſma parabola conſta.

Muitos deſtes rigores abrogou o meſmo tempo. Cõſtantino Magno tirou a pena de açoutes. Solon Athenienſe promulgou hum eſtatuto, pelo qual ſe reduziaõ as dividas a menos quantidade; julgando que prejudicava Cælius ubi ſupra.
ao bem publico haver muitos quebrados com o peſo de uſuras das meſmas uſuras convertidas em novas dividas, e muitos fugitivos, que ſe convertiaõ em ſalteadores, e muitas viuvas, e pupillos por eſta cauza deſamparados. O dito eſtatuto ſe chamou *Siſachthèa*; que ſe interpreta *Crivo*; como quem diz, que por meyo deſte inſtrumento
B ficava em cima ſò o mais groſſo da divida, cahindo em baixo o reſto como perdido. Por outro nome ſe chamava *Chreocopia*, que val o meſmo que *Cerceyo*, ou apartas da divida. E reſultou daqui tal contento nos Cidadãos alcançados, que em acçaõ de graças inſtituiraõ hum eſpecial ſacrificio aos Deoſes, chamado tambem *Siſachtèa*. Ordenou tambem o meſmo Solon, que naõ pagaſſem os corpos, dos que naõ pagavaõ as uſuras.

Veyo deſpois aos Romanos a Equidade do Pretor, para interpretar benignamente a ſeveridade das leys, attemperando-as às circunſtancias individuaes dos caſos, que ellas naõ podiaõ attender, nem determinar plena-
mente: *Lex enim* (diſſe S. Agoſtinho) *quia ſe ipſam mol-* Lib. qq. Veteris Teſtamenti c. 15.
C *lire non poteſt, à nobis mitiganda eſt, ut poſſit prodeſſe ſub ſe agentibus.* E por eſta razaõ, ainda que a Equidade certa pelo Direito, que chamamos *Jus ſtrictum*, naõ ſe pòde dizer que he contraria ao meſmo Direito; ſenaõ que antes a ampara, e conſerva, e melhora como diſſe Ariſtoteles: *Æquum & bonum cùm alicui juri accommodatur,* Ariſt. 5. Ethic. cap. 10.
tum ipſum jus melius eſt. E mais abaixo: *Habitus in hoc genere æquitas nominatur, quæ eadem juſtitia dicitur.* E muito menos ſerà contraria à mente dos legisladores, dos quaes ſe deve preſumir, que deixavaõ reſervada eſta Chreocopia (chamemos-lhe tambem aſſim) á prudencia, e benignidade dos Juizes executores. Por iſſo

diſſe com energia Quintiliano: *Adeone injuſtos atque imprudentes exiſtimatis legum latores fuiſſe, ut neceſſitate præſtringerent ea, qua præſtari non poſſunt?* Taõ neſcios, e deſarrezoados imaginamos os Authores das leys, que quizeſſem já deſde aquelle tempo cingirnos com huma abſoluta neceſſidade, em pontos que agora naõ ſe pòdem pòr em effeito?

Quintil. Declamatione 249.

A

Eſta Equidade pois, que naõ he outra couſa, que o dictame da razaõ natural na mente, ou conſciencia do bom Varaõ, obrigado a mitigar a ley quando he neceſſario, deve o Juiz ter diante dos olhos, todas as vezes que condena, ou abſolve: e no principio do ſeu officio deve jurar de guardalla: e por ella ha de interpretar os pactos: e por amor della ſe ha de afaſtar às vezes do que pede de ſi a natureza dos contractos, ou o theor das verbas do teſtador: e tambem outras vezes deſprezar as ſolemnidades que o Direito pedia: e finalmente ha de fazer conta que a juſtiça (como diſcretamente diſſe hum * Douto) he regua, naõ de bronze, nem de chumbo, mas de madeira: naõ de bronze, porque eſte nunca dà de ſi, nem cede: naõ de chumbo, porque tambem amolga facilmente, e aſſim amolgado fica: mas de madeira, porque nas occaſioens que he neceſſario, averga, e ſe arquea, e logo per ſi torna a indireitarſe.

L. 4. §. Fin. De eo quod certo loco. Novel. 8. §. Et ſubditos. L. 81. ff. Pro ſocio. L. 32. ff. Si cert. petat. L. 7. ff. De integr. reſtitut. * Caramuel, in Theologia fundamentali. Cap. 5.

B

Iſto ſuppoſto, fórmo daqui o argumento para o noſſo ponto. Se a Equidade ha de eſtar tanto na mente do Juiz: porque ha de eſtar taõ pouco no coraçaõ do accredor? e ſe o Juiz ha de uſar de regua de pào: porque ha de o accredor uſar ſô da de bronze? Porque ha-de ſô attender ás razões da juſtiça com que requere o devedor diante do Juiz: e nunca ás da miſericordia com que o requere o devedor diante de Deos? De que ſerve opprimir, e afogar ao miſeravel, quando por mais que o apertem, naõ paga, porque naõ tem: ou ſe vem a ter, he ſô variando de cruzes, e fazendo calvarios? Vemos eſſe tronco, e cadeas cheas de gente miſeravel, que quaſi naõ tem de comer, nem com que ſe cubraõ, e topa a ſua liberdade muitas vezes no em que topava (ou ainda menos) a daquelle devedor do Euangelho, a quem ſeu accredor,

C

dor, lançandolhe as mãos à garganta, queria afogar: *Te-*
A *nens suffocabat eum;* que erão quatro mil reis. Por ven- Matth. 18. 28.
tura o afogallo, era melhor arbitrio, para cobrar delle, do que o esperar lhe, como elle prostrado a seus pès lhe rogava: *Patientiam habe in me, & omnia reddam tibi?* Por ventura a fome do pobre he prato do rico? ou o padecer Ibid. v. 29.
aquelle, he arrecadar este? Queremos acaso renovar aqui por outro modo, aquillo que fez o Emperador Federico, quando oppugnava Italia, que à falta de dinheiro para os soldos, mandou acunhar moeda de couro, Spondanus Anno 1241. S. Antonin. 3.p.tit.19.c.6.§.1. Naucler.gener.42. Mayol. colloq.23.
para que à vista della pagasse despois quando tivesse? Queremos (digo) renovar este arbitrio fazendo dinheiro do coiro do pobre entalado na cadea? Oh! saibamos
B fazer da necessidade, naõ digo jà virtude, mas ainda conveniencia: que asslás conveniencia he escuzar-se a demandas, poupar despezas de dinheiro, e de tempo, que saõ mais consideraveis, conservar amigos, e obrigados, e ter melhor, e mais seguramente armada a conta para com Deos, quando a pedir do que lhe devemos: porque como disse S. Gregorio: Nisso mesmo, que parece vivermos justificados, se acha culpa, se entrando em exame, o naõ escuzar a Divina Misericordia: *Hoc ipsum quod juste* D. Greg. lib. 3. Moral. Cap. 15.
videmur vivere culpa est, si vitam nostram cum judicat, hanc apud se Divina Misericordia non excusat.

Recommendo esta doutrina a favor dos pobres, especialmente quando consta serem bem procedidos, e quando o perdaõ, a quita, ou espera que pedem topa em
C pouquidades: porque se estes naõ saõ os termos em que a Justiça ha de amainar a bandeira à Caridade, naõ sey por certo quaes sejaõ. E para que se veja quam feya, e odiosa fica a Justiça quando assim o naõ faz, sendo de si virtude taõ formosa, e amavel: ajunto o seguinte exemplo. Refere-se nas Chronicas dos Menores Capuchinhos, 1. Part. lib. 12. Cap. 11. n. 91.
que visitando a Provincia de Milaõ o V. P. Fr. Bernardino Astense Varaõ de admiraveis prodigios, e santidade, segundo Geral daquella Serafica Familia, succedeu desferrar-se-lhe o burricho, em que hia por necessidade. Chegou ao banco de hum Ferrador para remediar esta falta: e elle o fez logo, cuidando que lhe pagaria o Re-

ligioſo : e eſte pelo contrario cuidava que lho faria de eſmola. Quando vio deſpoes, que lhe demandava o cuſ- A
to dos cravos, e do trabalho das ſuas mãos, deſculpou-ſe humildemente, dizendo que nada tinha de ſeu, nem podia trazer comſigo dinheiro : porèm que o encomendaria a Deos noſſo Senhor para que pagaſſe por elle, pois por ſeu amor ſe havia feito pobre. Reſpondeu o villaõ muy encolerizado, que elle naõ comia, nem bebia orações, nem boas palavras ; e aſſim trataſſe de lhe pagar logo. E por mais que o Servo de Deos lhe rogou que perdoaſſe, ou eſperaſſe algum outro paſſageiro, com cuja eſmola pudeſſe ſatisfazer lhe : nunca o pode reduzir nem aquietar. Atè que o Religioſo vendo ſe apertado recorreu a Deos, pedindo-lhe dentro do ſeu coraçaõ, que lhe valeſſe : e logo com ſingella confiança, B
mandou ao jumentinho, que ſe deſcalçaſſe : e o animal obedecendo facodio dos pês as ferraduras com toda a facilidade. Entaõ o homem admirado, e feito condiſcipulo de Balaõ aprendeu de ſemelhante meſtre, que tinha cahido em erro : pedio delle perdaõ, e o emmendou tornando a ferrar o jumentinho. Eys-aqui como o ſer demaſiadamente juſto, naõ he ſer juſto ; e como Deos ſe naõ agrada de que façamos da neceſſidade do pobre cordel para lhe dar garrote.

§. II.

QUanto ao outro cargo, que era tratar os domeſti- C
cos com meſquinhez, e miſeria : tambem contra eſte vicio temos doutrina nas divinas, e humanas letras. S. Paulo diz, que ſe alguem não tem eſpecial cuidado da ſua familia, he peyor que o infiel. Onde por aquella palavra *Cuidado* naõ ſe entende ſó o de lhe dar
1. ad Timoth. 5. doutrina, reprehenſaõ, e caſtigo quando he merecido : ſenaõ tambem o comer, e veſtir, confórme for neceſſario. Em outro lugar, havendo amoeſtado aos eſcravos, e criados, que amem, obedeçaõ, e ſirvaõ aos ſenhores: amoeſta igualmente a eſtes, q̃ uſem com elles dos meſ-
Ad Epheſ. 6. 9. mos bons termos reſpectivamente : *Et vos domini eadem*

faci-

facite illis, &c. E Salomaõ descrevendo huma boa mãy
A de familias, poem entre outros seus louvores, o levantarse de noite a tratar do bom provimento de suas criadas Prov. 31. v. 15.
e de todos seus domesticos: *Et de nocte surrexit, deditque prædam domesticis suis, & cibaria ancillis suis:* e o naõ padecerem elles o rigor do frio, porque todos desde o mayor atè o infimo tem vestidos dobrados: *Non timebit domui suæ à frigoribus nivis: omnes enim domestici ejus vestiti sunt duplicibus:* e atè o deixar de noite luz aceza: *Non extinguetur in nocte lucerna ejus*, naõ escapou ao seu repa- Ibid. v. 18.
ro, para louvar a sua prudente economia. Quando o servo he sizudo, e bem procedido, naõ se contenta o Ecclesiastico, com que seu senhor o trate bem; senaõ, que o remunere, e o naõ deixe pobre por sua morte: Eccles. 7. 23.
B *Servus sensatus sit tibi dilectus quasi anima tua, nõ defraudes illum libertate, neque inopem derelinquas illum.*

S. Bernardo (ou quem quer que he o Author da carta que anda entre as suas obras, *Ad Raimundum militem*) estende a obrigaçaõ deste cuidado atè aos brutos animaes: *Habeas curam de animalibus tuis, quæ sitiunt, & esuriunt, & petere non noverunt.* Que diflera logo dos criados, e servos? Se bem alguns senhores, e amos ha, que pertencendo tambem ao numero dos brutos, naõ val para com elles este argumento. Porque tratando bem os seus cães, e cavallos, e passaros, se esquecem dos seus servos, e criados; antes os praguejaõ, amaldiçoaõ, e espancaõ se faltàraõ no serviço daquelles. Jà houve pessoa que
C deixou no seu testamento hum legado à sua gata de qui- Drexelius in Prodomo ęternitatis. Cap. 3. §. 10.
nhentos escudos de ouro, para que lhe dessem sempre de comer em abundancia. Tenho para mim, que naõ usaria da mesma providencia com qualquer servo seu: antes me parece certo, que huma vez que este animalejo era taõ amado, por seu respeito haveria em casa naõ poucos enfados, e pelejas: porque tanto que ha desordem por hum extremo, naõ para atè chegar a outro extremo contrario: e de amar aos animaes, que se ha de seguir, senaõ naõ amar aos proximos? Mais ridiculo he ainda estoutro caso. O Emperador Caligula tinha hum cavallo, por nome Incitató, ao qual convidava para comer, e lhe punha

a ceva-

a cevada, e vinho em vaſos de ouro, e prata, e jurava A
que o havia de fazer conſul. E porque naõ pareceſſe que
zombava; quando ſe fez ſacerdote a ſi meſmo, nomeou
por collega no ſeu ſacerdocio ao dito Incitato, e como a
tal mandava cada dia parte das offertas, como aves ten-
ras, e outras couſas de regallo para elle comer. Pergunto
eu agora: hum animo taõ beſtial, e abjecto, e com di-
ctames taõ aveſſos, e deſpropoſitados, que caſo havia de
fazer das razões da caridade, e clemencia, ou que eſti-
maçaõ de ſeus criados?

Antes muitas vezes trataõ a ſeus domeſticos com tal
miſeria, e aperto, que ſe deshonraõ a ſi meſmos, e fazem
aſſumpto de murmuraçaõ, e ludribio. Albico, que de
Medico ſobio a Arcebiſpo de Praga em Bohemia, vivia B
Illeſcas 2. p. da taõ coarctado nos rigidos grilhões da ſua meſquinhez, q̃
Hiſt. Pontific. lib. 6 de nimguem fiava a chave da ſua despença: e ſe lhe offe-
Cap. 101. reciaõ de preſente alguma caça, naõ ſe atrevia a comella,
e mandava que ſe vendeſſe. E despedio hum coſinheiro,
porque lhe gaſtava muita lenha, e em ſeu lugar re-
colheu huma velha, para lhe fazer de comer. E dizia, que
naõ havia para elle mais enfadoſa muſica, e ſom mais
moleſto, e deſagradavel, que o marchar, ou trincar dos
dentes dos criados, quando comiaõ. De outro avarento
me contàraõ, que coſtumava dizer aos da familia: *Façamos eſta noite huma peça aos olhos? Va, naõ ſe acenda candea.* Outra vez dizia: *Façamos eſta noite huma peça à boca? Va, naõ ceemos.* De ſórte que a peça naõ empeça ſõ nelle, ſe-
naõ nos criados. Veja-ſe que haviaõ de fazer ás eſcuras, e C
em vaſio toda a noite, ſenaõ hum rir, outro praguejar, e
outro eſtudar como ſe vingaria da peça que lhe pregàra
na boca, despregando-lhe as gavetas, e armarios? O Ab-
bade Antonio Moreira Camello no ſeu livro intitullado
Tratado 1. p. 2. c. Paroco perfeito, traz alguns outros caſos de ſemelhantes
§. documento 2. Amos meſquinhos, e entre elles hum rol de 44. artigos,
ou addições, que foy achado a certo Beneficiado de ſan-
gue illuſtre em que taxava varias mulctas pecuniarias à
ſua ama, por deſcuidos que tivera em leviſſimas couſas
da ſua caſa. Porèm outros naõ levaõ iſto por pena pecu-
niaria; ſenaõ de açoites; e ſe o reo he ſeu eſcravo, e ſe

impa-

impacienta, ou inciſte em negar com verdade, ou men-
A tira, o que contra elle ſe preſume, a hi he o acender-ſe a colera do ſenhor, e caſtigallo deſapiadamente, atè quaſi o pôr no precipio da deſeſperaçaõ; ſem attender a que a differença da fortuna naõ pode prevalecer à ſemelhança da natureza; e que o bem de huma alma val mais que muita fazenda.

Contarey a eſte propoſito hum caſo, que pelo q̃ tem de tragico, e laſtimoſo, ſervirà tambem de contrapezar o jovial, e comico dos outros jà referidos. Certo Cidadaõ de Malhorca, que vivia com ſua familia no campo, açoutàra riguroſamente a hum ſeu mouro, por naõ ſey que deſmancho, ou infidelidade nas couſas de caſa. Donde recreſceu em ſeu peito taõ dura indignaçaõ, que ſe reſolveu a buſcar a liberdade, e vingança por hum cami-
B nho ſummamente barbaro, e execravel. Obſervada, e offerecida opportuna occaſiaõ, em que ſeu ſenhor eſtava auſente, amarrou com fortiſſimos cordeis a mãy de familias, e tres filhinhos ſeus, cada peſſoa de per ſi: e levou a todos à parte mais alta da caſa, fechadas primeiro as portas della com toda a ſegurança: e alli, ſem fazer caſo das vozes, lagrymas, e ameaças da mulher, eſperou ao ſeu patraõ. Chegando pois eſte de fòra, e achando as portas fechadas, chamou pelo ſervo, e logo lhe começou a prometter caſtigo. Appareceu elle la decima à janella, e cõ grande liberdade, e deſengano lhe diſſe: *Tu te agaſtas de taõ pouco? pois brevemente farey, que atè a vida te aborreça.* E ſem mais detença, precipitou deſde o alto da torre a
C dois mininos, que cahindo aos pês do pay, logo morreraõ: e pegou do terceiro para lhe fazer o meſmo. Naõ ſabia o deſgraçado pay que conſelho tomaſſe no repentino e grave de tal ſucceſſo: arrombar as portas era-lhe impoſſivel, buſcar naquelle deſcampado quem o ajudaſſe, naõ ſalvava do perigo, antes o fazia mais preſente. Começou com rogos, e lagrymas a pedirlhe perdaõ do paſſado, e jurou de lhe dar liberdade, com tanto q̃ ceſſaſſe daquelle furor. Porèm o mouro, que ſobre impio, era aſtuto, e tinha bem eſtudada a tragedia, fingio ſe compadecia hũ pouco; e ponderando-lhe, que a raiva que tinha era ſò

Pontanus in Attiis bellariis.

con-

contra elle; a quem ſe pudera fazer algum mal, ſem duvida nenhum faria aos innocentes, veyo em fim a capitular, que ſe contentava com que elle ſeu patraõ cortaſſe os narizes, e com iſto ſe daria por ſatisfeito, perdoando as outras duas mortes, que eſtava determinado a fazer. E quanto à promeſſa que lhe fazia de liberdade, lhe declarou que o naõ fazia por amor della; porque ſoubeſſe de certo, que jà de antes tinha prevenido o modo certiſſimo de a conſeguir, ſem que alguem pudeſſe impedillo. Em fim o deſgraçado homem, quaſi deſatinado ſe deixou enganar: e tirando hum eſtojo, fez o que o ſeu eſcravo lhe demandara, parecendo-lhe que eſſe defeito teria deſpois algum artificial remedio. Porèm apenas aſſim o fez, quando vio cahir do alto o terceiro filhinho, juntamente com ſua mãy, que logo morreraõ. Então foy o ſeu clamor, e raiva, o ſeu implorar a vozes auxilio ao Ceo, e à terra, e o ameaçar quantas atrocidades lhe cabiaõ na imaginaçaõ, e lingua. Diſſe-lhe o eſcravo com hum deſenganq muy aſſentado, e ſeguro: *Naõ te diſſeja, que eſtava premeditado o modo, com que nenhum mal me podes fazer, nem tirar a liberdade? Pois olha.* E dizendo iſto deſpenhou-ſe tambem da torre, e rebentou nas mãos do demonio, que foy o author de toda eſta funeſtiſſima tragedia.

Naõ proſegue mais a hiſtoria; taõ horrivel por certo, que naõ he facil acharlhe muitas ſemelhantes. Mas buſcada a origem delle, vem a dar na imprudencia, ou avareza daquelle pay de familias, e falta de caridade cõ o ſeu ſervo, cujo erro pudera diſſimular, ou perdoar, ou punir mais levemente. Verdadeiramente o homem meſquinho he tres vezes miſeravel, como lemos em Stobèo: *Parcus ter miſer:* miſeravel pelo que naõ dà; miſeravel pelo q̃ ganhàra, ſe dera; e miſeravel pelo que perde, porque naõ deu: ou tambem miſeravel com o ſeu corpo, miſeravel com a ſua alma, e miſeravel com a ſua familia. Conſiderem pois os taes, como nem ao ſeu ſerviço, nem ao ſeu credito, nem à ſua fazenda póde eſtar bem eſte modo de proceder. Ao ſeu ſerviço, naõ; porque os bons ſervos, e criados ſaõ os que tem amor: e ſò tem amor os

que

que ſaõ bem tratados. Ao ſeu credito, naõ porque pe-
A la fòme, e desluzimento dos domeſticos, ſe conhece claramente a miſeria do amo: e elles ſaõ os primeiros que a murmuraõ, e publicão. A ſua fazenda, tambem naõ; porque tudo o que elle forra por huma parte, lhe furtaõ pela outra: e os fragmentos que o Senhor no Euangelho mandou recolher, ſaõ os que ſobràraõ da eſmola, despois de bem abaſtadas as turbas; e naõ o que ſe cizaõ, e defraudaõ do neceſſario, que eſtes danificaõ o outro paõ a que ſe ajuntaõ. E ainda ſem ſer por via de ſalario devido, ſenaõ a titulo de eſmola, bem empregada fica eſta nos criados, que ſem duvida o naõ ſeriaõ ſeus, ſe a neceſſidade os não obrigaſſe a ſervir; e naõ he menos trabalhoſo, antes mais util para a Repu-
B blica, o merecer o paõ ſervindo nas cazas, do que o mendigallo pedindo pelas portas.

Joan. 6. 12. Colligite quę ſuperaverunt fragmenta ne pereant.

LXXV.

Do meſmo Luiz XI. Rey de França.

OFfereceu hum ruſtico a eſte Monarca dos frutos do ſeu campo hum ràbaõ, por ſer de grandeza monſtruoſa, e gigante (digamolo aſſim) na ſua eſpecie. Elle attendendo à ſua boa
C vontade, e pobreza, lhe mandou dar mil cruzados. Vio eſta acçaõ certo Fidalgo, e parecendo-lhe que lograria ſemelhante uſura proporcionada, deu a El-Rey hum bom cavallo: El-Rey entendendo o lance, e o fim onde atirava, mandoù-lhe dar aquelle ràbaõ, dizendo: *Ahi tendes valor de mil cruzados, que he muito mais que o do voſſo cavallo.*

RE-

REFLEXAM.

A

QUanto eſte ſegundo lance teve de discreto, e gracioſo, tanto aquelle primeiro de liberal, e magnifico. Mas oh quam avantajada he a remuneraçaõ de Deos a quem lhe offerta algum dom, ou faz algum ſerviço! Se fallamos da temporal; por hum cavallo, que Rodolfo Conde de Abspurg deu ao Sacerdote que levava longe o Santiſſimo Viatico, lhe deu o Imperio, que hoje permanece na ſua caſa de Auſtria, como o mesmo Sacerdote lhe prometteu entaõ com espirito profetico: ſe da espiritual, por hum pão ao pobre em ſeu nome dà hum Reyno eterno: *Oh commutatio!* (exclama Saõ Lourenço Novarienſe) *panem dediſti eſurienti, & percepiſti regnum.*

Eneas Sylvio. Pedro Mexia. Euſeb. Nieremb. Virtud coronada Cap. 1.

Homil. De eleemoſyna tom. 9. Bibliot. PP.

B

Mas tornando ao noſſo caſo: houve nelle huma juſta proporçaõ, que o realça mais. E he, que o ruſtico procedeu como cortezaõ; por iſſo levou premio de corte, que he o ouro: e o cortezaõ como ruſtico; por iſſo levou premio do campo, que he o ràbaõ. E todavia neſſe pouco levou mais do que à primeira viſta parece. Darey a razão do meu dito. Eſte fidalgo ruſtico moveo-ſe da cobiça: à cobiça chamou S. Ambroſio febre: *Febris noſtra avaritia eſt*: e ſe he febre, naõ deixa de ſer maligna, conforme o que aſſima diziamos com S. Aſterio, que o avarento he maligno atè comſigo meſmo: *Sui ipſius malignus curator*: mayormente eſtando complicada com a inveja do que levou os mil cruzados, que he vicio tambem malignante, como lhe chamou S. Joaõ: *Sicut Cain, qui ex maligno erat.* Iſto ſuppoſto: contra a febre maligna he util o ràbaõ (como dizem os Doutores) applicando as caſcas às ſolas dos pès. Quem duvida pois que, ſe aquelle cavalheiro quizeſſe esbrugar bem eſte caſo, que lhe ſuccedeu com o ràbaõ, achando-ſe envergonhado diante do Rey, e em caſa ſem o ſeu cavallo, tiraria deſengano, com que mitigar a febre da ſua cobiça.

1. Joan. 3. 12.

C

Crato lib. 3. conſilio 16. Franco Camp. Elyſ. qu. 83. n. 5.

Toquemos tambem alguma couſa dos frutos da terra de grandeza portentoza. Em Mayolo citan do varios Au-

thores,

thores, achamos melões, que hum só carrega a hum ho-
A mem: daõ-se na ilha Hispaniola, que he no novo mun-
do: e nabos, que pezaõ quarenta arrates: e malvas, co-
mo arvores, de altura de vinte pés: e cardos de doze co-
vados de altura, e quatro palmos de grossura no talo: e
sem irmos à terra de promissaõ, cachos de uvas de dous
covados, e conforme a esta grandeza, era a da vide, por-
que lhe naõ abarcavaõ o pè dous homens. Justo Lipsio,
e outros fazem memoria de hum pomo, que certo pobre
peregrino offereceu ao Emperador Theodosio o mais
moço indo para a Igreja com toda sua comitiva hum dia
de Reys: era de tal grandeza, e fermosura, que o remet-
teu logo à Emperatriz Eudoxia, havendo remunerado
o peregrino com cento e cincoenta dobrões. Mas nem
a grandeza do premio, nem a do pomo, he a principal
B cauza de andar nas historias: senaõ huma que daqui teve
seu principio, taõ calamitosa, e tragica, que podia pare-
cer este pomo procedido de alguma pevide daquelle que
meteu discordia entre Deos, e o genero humano. Por-
que Eudoxia fez presente do mesmo pomo a Paulino
Varaõ illustre, a quem amava por sua erudiçaõ, e virtu-
des: e perguntada pelo Emperador onde puzera o pomo,
respondeu (por evitar ruins suspeitas) que o comera. Po-
rém em vez de as extinguir, as acendeu: porque Paulino,
sem saber do que passava, jà tinha mandado ao mesmo
Emperador o pomo. Graviſſima, e muy cega costuma
ser esta paixrõ de zelos em qualquer outra pessoa, quan-
to mais nas de soberana hyerarquia. Em fim Eudoxia a
bom livrar foy degradada, e Paulino sem provar da ma-
C çãa, lhe amargou tanto, que o pagou com a vida. Ponde-
re-se attentamente, que pessimos frutos nascem de qual-
quer peccado, ainda que seja huma sô mentira officiosa.

Dierum canicularium tom. 1. colloquio 20. ad finem.
Ovet. hist. Indic. Cap. 81.
Plin. lib. 19. cap. 2.
Strabo lib. 17.
Idem Strabo apud Raderum in Comment. Curtij.

Just. Lipsi. in Monitis politicis lib. 1. cap. 5.
Matthæus Raderus in aula sancta Theodosij cap. 16.
Hierem. Drexel. in Phaetonte c. 36. §. 4.

FIM.

IN-

INDEX

DAS COUSAS NOTAVEIS QUE ESTE Livro contém.

O numero significa a pagina, as letras A. B. C. a terça parte de cada pagina a que correspondem.

A

Abbade QUe nome he, e que significa? 248. *A.B.* Porque o uzou Chriſto em duas linguas? 248. *B.*

Abſtinencia Do Cardeal Bellarmino às Quartas, Sextas, e Sabbados, 1. *B.* De chocolate em D. Joaõ de Palafox, e porque? 9. *A.* de S. Othaõ em beneficio dos pobres, 15. *B.* Vide *Jejum.*

Abſtracto Qual ſeja a energia da ſua ſignificaçaõ, 194. *B. C.*

Acaſio Menino em Flandes prèga com grande efficacia, e fruto. 234. *A.*

Acratos Monſtros diante da carroça de Bacco, 20. *A.*

S. Adelardo Sempre alegre, 38. *C.*

Adeodato Matou hum dragaõ formidavel com raro valor, e induſtria, 355. & ſeq. O premio que teve foy ſer prezo, 359. *A.* Depois foy eleito Graõ Meſtre de Malta, 359. *B.*

Adulterio Julgava a ley ter cõmetido a mulher que bebia vinho, 19. *A.* Se innovou Chriſto no Euangelho algũa couſa do que àcerca delle diſpoem a ley antiga? 83. *A. B.* Quanta ſeja a ſua graveza? 139. *A.* Por ſuſpeitas fallas de hũ cõ a Emperatriz Eudoxia foy morto Paulino, 447. *B. C.*

Affonſo de Albuquerque, Induſtria cõ que rebateo a malicia de Coje Atar, 332. *A. B.* Trasladaõ-ſe ſeus oſſos para Lisboa contra vontade dos Cidadãos de Goa, 336. *C.* Cauſa de naõ ſer premiado

miado inferida de hum dito seu, 336. C. & 337. A.
Affonso da Cunha Como se houve cõ hum Mouro, a quem errou huma cutilada, 334. C. & seq.
Affonso Daza Qualifica o espirito de S. Ignacio, e do Padre Diogo Laines, 212. C.
D. Affonso Henriques Vence com 11000. soldados a 400000. Mouros, 333. B. Formou da Cruz o seu escudo, e de cinco escudos a Cruz, 350. C. Vio pelejar junto a si hũa espada cõ aza, 373. C. Instituhio a Ordem dos Cavalleiros da Ala, 373. C.
Affonso Rodrigues Dizia que era natural do Ceo, e que nenhum anno tinha, e porque? 260. C.
D. Affonso Sabio De que modo averiguou de quem era filho hum menino, 375. A.
Agado Monge venerado por silencioso, 247. C.
Agesilao Mais fiava no amor de seus vassallos do q nas armas, 353. A.
S. Agostinho Naõ queria ser arbitro em contendas de amigos, mas sim de inimigos, 105 B.
Agradecimento Vide *Beneficios.*
Agua Devese lançar no vinho, 11. & seq. Quem diz que a do Caliz se pode converter immediatamente em sangue, 11. B.
Albico Arcebispo muito miseravel para com os de sua caza, 442.
Alche Que animal seja? 14. B. Symbolo dos mundanos, 14. B.
Alchimia Espiritual qual seja, 173.
Alegria De Teresinha de Jesu na morte de sua Mãy, e porq? 24. B. C. Figura da alegria podia ser esta serva de Deos, 25. A. Como pintavaõ os antigos a alegria, 25. A. A verdadeira alegria se alcança pela devoçaõ de N. Senhora, 24. C. Murta symbolo della nos banquetes, 25. B. A verdadeira deve pedirse a Deos, 26. B. Porque se em Deos se acha? 28. C. 29. A. Com ella quer Deos q o sirvamos, 27. 28. Dilata o coraçaõ, 27. A. Dá fortaleza para pelejar contra o demonio, 27. B. C. He necessaria aos principiantes, 27. C. Em que consiste a espiritual? 28. A. Tiveraõ-na atê os Monges no deserto; exemplos de muitos, 28. B. E. de S. Eugendo, e S. Adelardo, 38. C. De S. Deicola Abbade, 38. A. De hum Monge na morte, e razões disso notaveis, 43. A. B. De outros Santos morrẽdo, 43. C. 44. 45. Da Mãy de S. Simeaõ Estylita depois de morta, 44. B. C. De S. Filemon no Martyrio, 49. & seq. Deve havella nos trabalhos, 30. & seq. Nelles a recomenda Christo, 30. A. E muitos Santos, 31. Donde proceda? 30. C. Na morte a tẽ os que choràraõ em vida, 43. C. A do peccador he fingida, 41. 42. E he figurada na herva Sardonia que mata rindo, 42.
Alemaõ Sendo-o naõ bebia vinho o Emperador Frederico III. 17. C.

Alexandra Teve só o nome de Rainha usurpado o Reino pelos Fariseos, 6. *A.*

Alexandre Magno. Como o desenganáraõ huns Filosofos de q̃ era mortal ? 323. *C.* Chamaõ-lhe espada de Aristoteles, e porque? 369. *C.*

Alexandre Arcebispo morreo na guerra desgraçadamẽte, 344. *A.*

Alma Qual seja o seu comer? 10. *B.* A sua fermosura ignoraõ os mundanos, 14. *B.* Quam estimavel seja? 67. 68. 72. *B. C.* He emprego de toda a Santissima Trindade, 68. *C.* Quanto a estimou o Filho de Deos ? 72. *B.* Por hũa só morreria se fosse necessario, 68. Quanta estimaçaõ fazia de qualquer S. Francisco Xavier ? 72. *A.* Para a ter segura requeria tres cousas S. Fr. Gil, e quaes fossem? 74. *B.* Que salvasse a sua persuadio com liberdade S. Nilo ao Emperador Ottaõ, 79. *A.* Por thesouro a teve o P. Joaõ Cardim, 88. *A.* Para a assegurar a entregou ao Confessor, 88. *A.* Seu preço excessivo? 88. *A. B.* Pouco estimada atè dos Christãos, 88. *C.* Mas muito da Madre Frimiota, 94. *C.* Convem-lhe as propriedades da perola com excellencia, 95. & seq. He verdadeira fórma do corpo, 95. *C.* 96. *A.* He só huma em cada corpo, 96. *B.* Tambem em Christo, 96. *C.* 97. *A. B.* He substancial, 97. *B.* Espiritual, 97. *C.* Immortal, 98. Atê os que lhe negaõ a immortalidade lha conhecem, 99. Como póde ser vista, e o foy a de Samuel, 99. He creada de nada, 100. *A.* E em q̃ tempo? 100. *C.* A' imagem, e semelhança de Deos Uno, e Trino, 101. Esta imagem naõ perde pelo peccado, 102. *A. B.* Naõ he parte da Divindade, nem se deriva de pays a filhos, 100. De que modo encorre o peccado original ? 100. *B. C.* Erros de muitos Filosofos àcerca della, 96. & seq. A sua transmigraçaõ admitio Pithagoras, 97. *A.* Daniel Monge offerece a sua alma por fiadora da de Eulogio, 127. *B.* Para o juizo a acompanhaõ os Anjos, 138. A de hum soldado tem horror ao seu corpo, 140. *A. B.* As dos defuntos ajudaõ na morte aos que as ajudáraõ a salvar em vida, 214. *A.* Que hereges lhe negáraõ a immortalidade ? 324. *C.* A sua patria he o Ceo, 261. *B.* Qual seja o seu tempo espiritual despois de separada, 296. *C.* Quaes os seus instantes, 299. *B.* Por meyo de hum idolo levou o demonio ao inferno muitos milhões dellas, 419. *B.*

D. Alvaro Vaz de Almada, Valor cõ que mata, e morre em huma batalha, 375. *C.*

Amigos Naõ he bom ser arbitro nas suas contendas, 105. *B.* He a melhor fazenda, 105. *C.* 106. *A.*

Dictâmes para os eſcolher bons, 106. *B.* & ſeq. Devem ſer virtuoſos, 106. *B.* Naõ tenha quebrado com outros, 107. *A.* Naõ ſeja notavelmente mais honrado, 107. *B.* Senaõ quanto puder ſer ſemelhantes, 107. *C.* 108. *A. B.* Devem acompanharſe nos trabalhos, 108. *C.* Naõ he ſeguro o grangeado com comer, e beber, 109 Eſcolhaſe com bom natural, 110. *A.* Fiemſe-lhe os ſegredos, 111. *A. B.* Naõ ſeja chocalheiro, 110. *C.* 111. *C.* Acuda pelo amigo, 111. *C.* 112. *A.* Ainda ſem ſer chamado, 142. 143. Avize-o de ſuas faltas, 112. *B.* Tenhaõ cõdeſcendencia mutua, 112. *C.* Sejaõ poucos, e inimigo nenhũ, 113. Exemplos de amigos celebres, 108. *B. C.* Qual ſeja a differença entre os verdadeiros, e falſos, 121. *B.* Naõ ſervem para a outra vida, 130. *C.* Os que o ſaõ por intereſſe naõ ſaõ verdadeiros, 143. *C.* Na tribulaçaõ ſe conhecem, 145. *A.* Por ſer com perda de hum ſentio Luiz XII. hũa victoria, 150. *A. B.* Muitos buſcados por conveniencias, 258. *C.* 259. Amigos que ſe tiráraõ a vida na morte de outros amigos, 131. *C.* 132.

Amizade Só he verdadeira a dos q̃ ſe amaõ em Deos, 149. Sem a de Deos a naõ pòde haver entre os homens, 106. *B. C.* A particular nociva entre Religioſas, 115. & ſeq. Naõ baſtou ao Emperador Fernando II. para torcer a juſtiça, 148. *B.* Ponderaſe a de Damaõ, e Pithias, 147. Procurou-a ter com elles Dionyſio tyranno, 146. *C.*
Vide *Amigo.*

Amor Naõ ſabè ter modo, 20. *A.* O deſintereſſe do ſeu deſcreve hum Poeta, 223. *B. C.* O das couſas viſiveis nocivo, o das eternas proveitoſo, 77. 78. O dos filhos foy cauſa de ſe perder hum rico, 92. Atè as creaturas irracionaes o tem, 195. *C.* E de algum modo as inſenſiveis, 196. *A. B.* Sò os demonios o naõ tem, 196. *B.* O naõ telo he mõſtruoſidade, eſta ſe deſcreve, 196. *B. C.* Gera ſegurança, 353. *B.* O que Deos nos moſtra, ſe pondera, 198. Veſe atè quando nos envia enfermidades, 183.

Amor de Deos Naõ ſe compadece ás vezes com o particular das creaturas, 115. & ſeq. Quam grande foy o de S. Franciſco? 152. *B.* E o de muitos Santos, de q̃ ſe referem exemplos, 153. Quam pouco o dos que amaõ as riquezas, e bens do mũdo? 154. *B. C.* He fogo do Ceo, 152. *C.* Que redunda muitas vezes no corpo, 153. A pobreza de eſpirito o conſerva, 154. 155. He perola preciola, 156. *B.* Devemos procurallo ſem parar, 156. Quam grande foy o de Santa Maria Magdalena de Pazzis, 158. *A.* falta que delle ha nos homens chora

chora o B. Jacopone, 194. Por elle se vive muito em poucos annos, e sem elle pouco em muitos, 232. 233. Augmenta o merecimento das obras, 220. Os seus actos toma Deos mais a pezo, que por conta, 214. *B.* Devem ser verdadeiros, fervorosos, e frequentes, 214. *C.* 215. *B. C.* 216. *C.* Pondera-se a sua utilidade, 217. *A. B.* O mesmo Deos he amor, 194. *B. C.* 195. *A. B.* Persuade-se o amor de Deos, 197. & seq. 238. *C.* 239.

Amor proprio. Se cobre com a capa do alivio alheyo, 319. *A. B.*

Amonitas Beijavaõ as espadas quãdo venciaõ, e porque? 371. *B.*

Amos Naõ devem ser para os servos nimiamente rigorosos, prova-se com hum caso horrendo, 443. *B.* Nem miseraveis; exemplos de alguns q̃ o foraõ, 440. *C.* 442 *B.*

Amurathes Sente hũa victoria que alcançou pela perda que teve, 151. *C.*

Anastasio Emperador reprehendido de herege por hum S. Bispo, 136. *B.*

Anciaõ. Donde se deriva esta palavra? 249. *B.*

S. André Seus desejos de padecer, 190. *B.*

Angerona Que deosa foy? 405. *B.*

Anieno Rio levado a Roma por aqueductos de 14. legoas, 135. *C.*

Animaes. Vide *Brutos.*

Anjo Livra a S. Ermellinde de hũ perigo contra a castidade, 3. *B.* Assistem-lhe à morte, e daõlhe sepultura, 3. *C.* Foraõ criados à imagem de Deos, 101. *C.* Acõpanhaõ a alma a juizo, 138. Assistem ao sacrificio da Missa, 162. *A. B.* Naõ quer Deos que nos governemos por elles, mas por homens, 162. Os da guarda defendem na morte aos seus encomendados. Exemplo disto, 214. Os Santos chegaõ a parecer Anjos, 237. *B. C.* S. Vicente Ferrer foy o do Apocalypse, 237. *C.* Qual seja o tempo espiritual continuo dos Anjos? 296. *C.* Qual o discreto? 298. *C.* Quaes os seus instantes? 298. *C.*

Anna Mãy de Samuel o que nella era tribulaçaõ parecia vinho, 20. *B.*

Anna de S. Agostinho Procura atalhar amizades particulares de Religiosas, 118. & seq..

Annos Naõ se mede por elles a vida senaõ pelo amor de Deos, 230. *C.* & seq. De que modo pòdem ser muitos sendo a vida pouca? 231. 232. E poucos com vida larga, 233. 234. Nenhum tem, quem naõ serve a Deos, 260. *C.* 265. *C.* Explicaõ-se varias differenças de annos, 286. & seq. Qual seja anno solar Tropico? 286. *C.* E solar Sydereo? 287. *B.* Qual o Romano Prisco 287. *C.* E o politico de Juliano? 287. *C.* Qual o Bissexto? 287. *C.* 288. *A.* Qual o Egypcio, & Turquesco? 288. *B. C.* Quaes Iphitos, & Agonaes?

Agonaes? 289. *B.* 293. *A.* O Sabbatico entre os Iſraelitas qual foſſe? 289. *B.* Quando começa o anno Santo, e ſeus epithetos? 289. *C.* Quantos dos noſſos tem o de Saturno? 290. *A.* Quantos o Platonico? 290. *A.* Qual ſeja o Climaterico, e Enneatico? 290. *B.* Qual o Lunar Aſtronomico commum? 290. *B.* Qual ſeja o anno vago? 289. *B.* Foy introduzido por Nabonaſſar, 289. *B.*

S. Antaõ Alegria de ſeu roſtro, 28. *B.*

Antiochia Quam grande Cidade foy? 84. *C.*

D. Antonio da Cunha Biſpo de Zamora ſua vida eſcandaloſa: foy muy dado à guerra, e morreo enforcado, 344. *B. C.* & ſeq.

Apollinar Admittio muitas almas em Chriſto, 96. *C.*

Apologo Com que S. Filemon explicou ao tyranno a protecçaõ divina, 58. *C.* Das cotovias applicado à reſidencia dos Biſpos, 70. *C.* 71. *A.* Apologo da verdadeira amizade, 107. *C.*

Apollonio Diacono teme o martyrio, 52. *A.* Anima-ſe com o exemplo de S. Filemon, e morre Martyr glorioſo, 56. *C.* & ſeqq.

Apoſtolos Inſtituiraõ jejũ nas quartas, e ſextas, e porq̃ càuſas? 7. *B.*

Appetites. Por ſerem conformea elles, entendia Thomás Moro ſeguiaõ muitos as heregias, 302. *B. C.* Por naõ vencer o da carne cahio hum Monge deſpois de velhos que naõ tinha cahido em moço, 316. *B.* Quem ſatisfaz ao q̃ o corpo pede, he difficultoſo naõ obedecer à ley do appetite, 308. *B.* Em que conſiſte eſta difficuldade? 309. *A. B.* Moſtra-ſe por hum exemplo, 309. *C.* 310. *A. B.*

Aqueductos Vide *Rio.*

Arabes Como contaõ o ſeu anno? 289. *A.*

Arcadios. O ſeu anno qual ſeja? 289. *B.*

Ariano Preſidẽte da Thebaida martyriza a S. Filemon, 51. *C.* & ſeq. Deſpois ſe converte, 60. *C.* Profetiza o ſeu martyrio, 62. *C.* Seu valor diãte de Diocleciano, 62. *C.* He ſepultado vivo, e da cova milagroſamente levado ao leyto de Diocleciano, 63. Lançado no mar com 4. cõpanheiros ſaõ levados todos por golfinhos a Alexandria, 65.

Ariſtomenes Meſſenio ſó, matou a 300. Lacedemonios, 349. *C.*

Armas As com que pelejavaõ punhaõ nas ſepulturas os Heroes, 371. *C.* Naõ tanto nellas ſe deve por a confiança quanto em Deos, 354. *C.*

Armas de Portugal Sua origem, e ſignificaçaõ, 351. *B.* Reprova-ſe a mà intelligencia que lhe dà o Padre Mariana, 351. *B. C.*

Arminho Nomes que tem, e que animal he? 2. *B.* Como o caçaõ? 2. *B,* Quanto eſtima a pureza? 2. *C.*

Arte Sua differença da natureza, 6. *B.*

Artur Rey de Bretanha só per si matou 470. inimigos em hũa batalha, 369. *C.*

Asaron Nome proprio do ramo de murta nos banquetes, 25. *B*

S. Aselas Cõ sua oraçaõ torna immoveis hũas barcas, 53. *A.* Obriga ao tyranno a adorar a Christo, 53. *A.*

Asello Peixe tem o coraçaõ no vẽtre, 17. *A.* Symbolo do guloso, 16. *C.*

Astucia Sutil com que hum amigo China livrou outro de hũ grande aperto, 383. *C.* & seq. He caso notavel. De Sixto V. quando foy eleito Papa, 378. *B. C.* De hum cego para recuperar o dinheiro que lhe tinhaõ furtado, 381. *C.* De huma velha para ser bem tratada de sua filha, 146. *A. B.* De D. Affonso Sabio para conhecer de quem era filho hũ menino, 375. *A.*
Vide *Industria.*

Ate Deosa que fingio Homero que destruhia tudo, 320. *A.*

Atomo Que parte do tempo seja? 278. *A.*

Atravessar, *Atravessadores* Do pão em tempo de esterilidade se reprehendem, 432. *C.* Fim desestrado q̃ teve hum delles, 432. *C.*

Attila Vio hũa espada que o ameaçava: aonde, e quando? 375. *B.*

Attributos Se affirmaõ de Deos em abstracto, 194. 195.

Avarentos. Nos frutos da terra de hũm entràraõ os demonios; de que atè os brutos fugiraõ, 398. *A.* Perdẽ às vezes tudo por quererem ter mais, 383. *A.* Saõ infames, e inuteis atê para si mesmos, 408. *C.* Para elles tanto monta ter ouro como area, 416. *B. C.* Mais lhes falta o que tem, que o que naõ tem, 417. *C.* Saõ como Tantalo das suas riquezas, 417. *C.* Elles saõ das riquezas, e naõ as riquezas delles, 418. *C.* Exemplo de Pedro Publicano grande avarento, mas cõvertido, 408. 410. He o avarento semelhante ao porco, e em que? 423. *B.* & seq. O que ajunta estraga seu herdeiro, 423. *C.* Dous avarentos morrem desestradamente com aferro ao seu dinheiro, 428. *C.* A traça de que hum uzava para poupar o azeite, e a cea, 442. Exemplos dos que foraõ avarentos com seus domesticos, os quaes se reprehendem, 440. *C.* & seq.

Avareza Reprehẽdida, 122. & seq. A de seu genro castiga hũa velha com notavel industria, 146. *A. B.* He vicio insaciavel, e por isso semelhante ao fogo, 421. *A.* Acções, em que se descobre este vicio, 429. & seq.

Averroes Admittio hũa só alma em todos os corpos, 97. *B.*

Avinhaõ. Gregorio XI. mudou desta Cidade cadeira para Roma, 71. *B. C.*

S. Aurea. Descreve-se a sua notavel cadeira, 258. *A. B.*

Aureo numero Que couſa ſeja? 291. *B.*

B

Baaras HErva de notavel qualidade, e ſuas propriedades, 398. *B.*

Babylonia O tamanho de ſeus muros, 286. *C.*

Bacco Porque ſe diz cazado com Nymfas? 11. *C.* As ſuas feſtas celebravaõ-ſe jũto do Têplo de Venus, 8. *C.* Significaçaõ deſte nome, e de outros q̃ tem, 19. *C.* Deſcreve-ſe a ſua carroça, 19. *C.* Os ſeus jogos, e ſacrificios eraõ trietericos? 293. *C.*

Banquetes Quaes eraõ nelles as ſombras, 259.
Vide *Convites.*

Barbas. Empenhou huma gadelha da ſua D. Joaõ de Caſtro, 329. *A.* Saõ ſinal de animo varonil, 329. *A.*

Barlaam Inſtrue a Joſaphat no modo, e cuidado de obrar bem, 121. Sò os annos que ſervira a Deos julgava de vida, 230.

S. Baſilio Defende a hum amigo ſô porque o era, 142. *A.*

Baſſano Rey degollou a hum filho ſeu por quebrar hũa ley, 376. *B.*

Batalha De Francezes com Heſpanhoes, 150. *B. C.* De Pyrrho cõ os Romanos, 151. *B.* De Amurathes com Ladislao, 151. *C.*

Bautiſmo Neceſſario para a ſalvação, e como? 54. *C.* Pelo naõ ter de agua ſe vè tentado S. Filemon, 54 *C.* Conſegue-o maravilhoſamente envolto em huma nuvem, 55. *B. C.*

Bebida. De chocolate, Vide *Chocolate* De vinho, Vide *Vinho.*

Belial Que ſignifica? 304. *A.*

Bellarmino, Ethymologia de ſeu nome, 2. *A.* Sua nobreza, e dignidades, 3. *A.* Pureza grande de ſua conſciencia, 3. *A.* Jejuava tres vezes na ſemana. 1. *B.* Dizia que ſó aſſim excederia a ſua virtude à do Fariſeo, 1. *B.*

Bemaventurança Vide *Gloria*, e *Bẽs do Ceo.*

Bemaventurados Vide *Santos.*

Beneficios De Deos obrigaõ ao homem a amallo, 198. & ſeq.

Benjamin Monge ſua grande paciencia em hũa enfermidade, 184.

Bens do Ceo Quãto devem ſer amados? 77. *B. C.* Quanto os eſtimava David? 104. Alguns os rejeitaõ pelos do mundo, 103.
Vide *Gloria.*

Bens do mundo Faceis de perder, 39. *B.* Miſturados com trabalhos, 39. *C.* Naõ devem ſer amados, 77. *B. C.* Impedem o amor de Deos, 154. 155. Quanto mais ſe poſſuem, mais ſe dezejaõ, 422. *C.* Vide *Mundo*, *Riqueza*, *e Avareza.*

S. Bento Canta no vẽtre de ſua Mãy 234. *B.* Dedica-ſe a Deos ainda menino, 234. *B.*

Bento de Canfelá Lamenta em hum ſoliloquio o eſtado de Inglaterra, 307. *C.*

Bernardino Aſtenſe Caſo, que lhe ſuccedeu com hum ferrador que não quiz fazerlhe de graça certa obra, 439. *C.*

Biſpo Seja ſobrio na meſa, 16. *B.* E porque? 16. *C.* Exemplo de hũ grande eſmoler, e ſobrio neſte Reyno, 16. *B.* Obrigações que tem de dar bom exemplo, 16. *C.* 17. *A. B.* Deve reſidir, 67. *B. C.* A ſua reſidencia he de direito Divino, 69. Naõ reſidir cauſa de grandes danos, 70. 71. Liberdade com que hum reſpondeu ao Papa Gregorio XI. 71. *B.* Deve reſidir per ſi naõ ſe fiando ſò de outrem, 70. *B. C.* Apologo ao intento, 70. *C.* 71. *A.* Alguns foraõ à guerra licitamente, e caſtigos que tiveraõ os que foraõ de outra ſórte, 344. & ſeq. Armados ſoldados ſaõ chymeras mais diſformes que a fabuloſa, 345. *C.* O Herbipolenſe tem no altar hũa eſpada quando diz Miſſa, 370. *A.* Raro caſtigo de hum que pretendia deſtruir a Religiaõ Serafica, 376. *C.* & ſeq.

Blasfemo Caſtigado na guerra gravemente pelo Biſpo Eunomio, 340. *C.* Outro como o caſtigou Deos, 372. *C.*

Bonacho Animal como ſe defende dos caçadores? 202. *C.*

Bria Certa medida, 13. *A.*

Brutos Hade-ſe ter cuidado delles, mas naõ com a nimiedade que alguns tiveraõ, de que ſe referem exemplos, 441. *C.* Nelles ſe convertem os peccadores, 236 *A. B.* Algumas vezes obſeſſos dos demonios, 397. *B. C.* Em que ſentido ſe excommungaõ naõ ſendo capazes de cenſura? 273. *C.* 274.

C

Caça DO Arminho como ſe faz? 2. *B.* A do Bonacho difficultoſa, e porque? 202. *C.*

Cadeira Notavel de S. Aurea, 258. *A. B.* Fórma das que eſtavaõ nas ſynagogas, 5. *A.*

Caim Triſte por haver peccado, 38. *C.*

Calebo Se intitulou eſpada de Deos, 372. *A.*

Caligula Exceſſos ridiculos que fez por hum cavallo, 441. *C.*

Camizas Do Inferno quaes ſejaõ? 370. *C.*

Cantigas Ao Divino de Thereſinha de Jesv, 16. *C.* 26. *A.* As profanas ſe reprehendem, 26. *A.*

Capitaõ Na guerra deve cuidar mais dos outros que de ſi, 348. Naõ deve ſer temerario, 348. *B.*

Cardeaes Quando ſe lhes começou a fallar por Eminencia, 67. *C.*

Cardos De notavel grandeza, 447. *A.*

Caridade Por naõ faltar a ella não reparou ſo Abbade Sylvano faltar ao jejum, que naõ era de preceito, 21. *C.* 22. *A. B.* Por ella perdoa Deos os peccados, 148. *A* He mais geral do que a amizade, 113. *B.* Da falta della para hum ſervo ſeu, ſe ſeguio a hum pay de fa-

familias dano graviſſimo. He caſo horrendo, 443. *B.*
Vide *Amor*, *Amizade*, *& Correcçaõ.*

S. Carlos Borromeo Eſtimaçaõ que fazia de huma alma, 67. *B. A.* miudeza que queria em ſeus criados, 9. *C.* Reprehende a hũ Prelado por naõ reſidir, 67. *B. C.*

Carlos Conde Reprehende a hũ Abbade por naõ reſidir, 69. *C.* Ameaça hum ſoldado por perſeguir hum Moſteiro, 70. *A.*

Carlos Magno Myſterio com q̃ trazia o finete de ſuas armas no pomo de ſua eſpada, 360. *A.* Elogio de ſuas virtudes, 361.

CarlosVIII. A pompa de ſeu enterro, e o que nelle ſe fez, 374. *C.*

S. Carpo Pedindo caſtigo de certo peccador foy moderado por Chriſto, 68. *A.*

Carroça De Bacco ſe deſcreve, 19. *C.*

Cartas. Diverſidade com que nellas ſe eſcreve *Senhor*, 249. *C.*

Caſtidade de S. Ermellinde, 3. *B.* Dos Fariſeos por alguns annos com que remedios conſervada, 4. *C.* O vinho peleja contra ella, 18. *B. C.* 19. A de dous cazados de Arverno atê a morte, 45. *A.* Naõ quiz hum Monge que lhe ceſſaſſem as tentaçoens contra ella pelo proveito que lhe faziaõ, 74. *C.* Deve guardarſe com grande recato nos olhos, 169. 170.

Caſtrioto Vide *George Caſtrioto.*

Cataõ O que reſpondeo a hũ atrevido que o cuſpio, 389. *C.*

S. Catharina de Sena Por ſeu conſelho mudou o Papa Gregorio XI. a Cadeira para Roma, 71. *C.* Seu grãde amor de Deos, 153. *A.*

Catoblepa Que animal ſeja? 197. *C.*

Cazados Dous enterrados em diverſos ſepulchros ſe achãraõ jũtos, 45. *B.*
Vide *Matrimonio.*

Cego. Aſtucia com que hum enganou a hum ſeu compadre, 381. *C.* Sò para cegos fez S. Luiz hũ hoſpital, 200. *B.*

Cegueyra Do Preſidẽte Ariano por modo maravilhoſo, 60. *A.* Livrou-o della S. Filemon com mayor milagre, 60. *C.*

Ceifadim Tributario a El-Rey de Portugal, 332. *C.*

Celeſtino III. Deſconhece por filho ſeu, e da Igreja a hum Biſpo q̃ pelejava em guerra injuſta, 337. *B.*

Cenſura Vide *Excommunhaõ.*

Centro Do homem he Deos, 276. *A.* Quãto mais perto eſtaõ as couzas delle, mais ſe apreſſaõ, 276. *A. B.*

Ceo Por entrar nelle naõ queria Luthero nem levantar hũa palha, 174. *B.* Diverſos titulos, porque os homens o levaõ, 208. 209. Eſcolhe S. Ignacio naõ ir logo para elle por ſervir a Deos neſte mundo, 212. *C.* He patria dos Juſtos por muitas razoens, 261. *B. C.*

Ceſar Reprehendido com liberdade

de de Confidio por ſua inſolencia, 266. C.
Chagas de Chriſto Vide *Chriſto.*
Na do Lado apparecia hũa Religioſa no dia de communhaõ, 205. B. Por hũa leve falta ſe lhe diminuío eſte favor, 205. C. Saõ os buracos da pedra, em que as almas como pombas habitaõ, 204. A. B. Só nellas queria que o buſcaſſem S. Eleazaro, 203. C.
Cheapino Vitelio Extremoſamente gordo, 185. C.
Cherubim Como ſe interpreta? 213. A. Em que ſentido o foy o eſpirito do Padre Lainez? 213. Qual ſeja, e que ſignifique a eſpada com que hum guarda o Paraizo? 368. A.
Chocalheiro. Naõ he bom para amigo, 110. C.
Chocarrice Quanto pelas ſuas era eſtimado Filemon! 53.
Vide *Diſſolução.*
Chocolate Bebida dominante, 9. A. Naõ o tomava D. Joaõ de Palafox, e porque? 9. A. Na Puebla de los Angeles ha os ſeus melhores ingredientes, 9. A. 10. A. Abſurdo de quem encareceo os ſeus elogios, 10. B. Huma fonte delle na celebridade de humas vodas, 10. A. Reprehende-ſe o abuſo que ha em algumas partes de o tomarem na Igreja, 9. B.
Chorar Vide *Lagrimas.*
Chreocopia Que couſa ſeja? 437. B.
Chriſto. Com que fundamento foy reputado algum dos Profetas já defuntos? 5. B. Perſeguido pelos Fariſeos, 5. C. Reprehenſoens que lhes deu, 6. C. Em memoria de ſua morte ſe jejuavaõ as ſextas feiras, 7. B. He cauſa da verdadeira alegria, 38. A. B. 39. Ninguem o póde perder ſenaõ por ſua culpa, 39. C. 40. B. He poſſeſſaõ, e juntamente poſſuidor do juſto, 40. A. A eſtimaçaõ que fez de huma alma, 68. 72. Na ſua Cruz ſe pezáraõ as almas, 73. A. Se emendou ſó as tradiçoens dos Judeos, ou tambem a ſua ley, 83. A. B. Teve huma ſó alma, 96. C. Só nas ſuas Chagas queria que o buſcaſſem S. Eleazaro, 203. C. A imitaçaõ de Chriſto ſe recomenda, 205. Por ſe parecer com elle ſe fez pobre S. Fráciſco, 218. C. Porque chamou pay a Deos em duas linguas? 248. B. Sua caridade para com todas as Naçoens, 248. B. De que modo habitaõ as almas nas ſuas Chagas? 204. C.
Chriſtãos Saõ Filoſofos nas obras, como os Filoſofos eraõ Chriſtãos nas palavras, 275. C.
Chriſtianiſſimo. Que Reys tiveraõ eſte titulo? 151. B.
Chriſtiano Biſpo, o que reſpondeu a ſeu Rey q̃ queria foſſe à guerra, 343. B. Antes quiz ſer depoſto do Biſpado, que obedecerlhe niſto, 343. B.
Chimera De quem foy filha, e de q̃ animaes ſe compunha? 345. B. Matou-a Bellorophonte cõ ſet-

tas, 345. C.
Claudio Marcello Era chamado espada, 369. C.
Clauſura Religioſa quam util, e neceſſaria ſeja aos que a profeſſaõ? 319. C. Hum ſymbolo deſta virtude, 319. C.
Clemente VIII. Sente ſò a perda do tempo por irreparavel, 240. A.
Clerigo Blasfemo como foy caſtigado por Deos, 372. C.
Còbalos Monſtros diante da Carroça de Bacco, 20. A.
Cobiça Cauſa da condenaçaõ de hũ Biſpo, 242. C. 243. A. B. He a que concilia amizade com grandes, 259. C.
Vide *Avareza*, e *Bens do mundo.*
Santa Coleta O ſeu jejum, 14. C.
Coloſſo Do Sol quem o fez, e ſua altura? 359. C.
Comer. O dos entendimentos qual ſeja? 10. B. Uſaõ-no com pena os Santos, com goſto os mundanos, 13. & ſeq. Iſidoro Abbade, Job, e David choravaõ em comendo, 13. C. Os Santos o naõ appeteciaõ com os olhos nas delicias do Ceo, 14. A. Saõ Bernardo naõ diſtinguia as iguarias, 14. C. S. Pedro de Alcantara ſò comia, de tres a tres dias, 14. C. Santa Coleta ſó paõ, e agua na Quareſma, 14. C. E em toda ella nada comia Santa Iſabel, 14. C.
Vide *Jejum*, *Abſtinencia*, e *Meſa.*
Communhaõ. Quanta pureza he neceſſaria para ella? 205. B. C. No ſeu dia apparecia hũa Religioſa na chaga do Lado de Chriſto, 205. B. C.
Companhia De imperfeitos perjudicial, 115. & ſeq. Naõ a fazem boa as riquezas, 125. A de huma pedra de cevar quando enfraquece a outra, 149. C.
Compoſtella, Que ſignifica eſte nome? 361. C.
Compoſto Naõ o he Deos, 195.
Concilio Rhemenſe de mil e cem Padres, 195. B. No Conſtantinopolitano aſſiſtiraõ ſò doze Biſpos Catholicos, e cento e dous que ſeguiaõ a Phocio, 305. B.
Condenados. Quam grande ſeja o ſeu numero? 86. A. B. 305. C. Em que ſentido ſaõ poucos? 305. C.
Vide *Inferno.*
Condeſcendencia Deve haver entre amigos, 112. C.
Confiſſaõ, Peccados que a naõ fizeraõ à hora da morte fruſtrando as diligencias dos Confeſſores, 90. 91. & ſeq.
Confiança Mais ſe deve ter na graça de Deos que nas noſſas forças, 354.
Conformidade Enſina Eccardo apparecendo ao B. Henrique Suzo, 37. A.
Vide *Paciencia.*
Conſciencia Qual ſeja boa? 29. C. Qual a ſua paz verdadeira? 29. C. Qual a falça? 30. A.
Vide *Conta da Conſciencia.*
Conſidio Reprehende com liberdade

dade a Cesar, 266. *B. C.* A visinhança da morte lhe tirou o medo dos homens, 266. *C.*

Consolaçaõ A póde haver nos trabalhos por serem communs a todos, 46. *C.* 47. E muito mais, porque outros os padecem mayores, 322. *C.* 323. *A. B.* Vide *Gosto*, *Alegria.*

Constantino Resolveu que fosse valido o testamento do soldado feito no pó, 324. *B.*

Conta da consciencia Necessaria para a vida espiritual, 159. & seq.

Contentamento Vide *Gosto*, *Alegria*, *Consolaçaõ.*

Contrario Se conhece melhor pelo seu opposto, 95. *C.* Vide *Inimigo.*

Conveniencia Vide *Interesse.*

Conversaõ De S. Filemon por occasiaõ de hũa farça, 52. De Apolnio com o exemplo de S. Filemon, 56. *C.* De Ariano pelas orações, e milagres do mesmo Santo, 60. *C.* De outros pelas orações, e exemplo de S. Ariano, 64. *B.* De hum herege por ouvir prègar a S. Francisco de Sales a poucos ouvintes, 73. *B.* De hum Monge com hum seu proprio Sermaõ, 73. *C.* Admiravel de Pedro Publicano, 410. *C.* De Eulogio cahindo em pobreza, 130.

Convites. Passava nelles de mão em mão hum ramo de murta cantando os que o recebiaõ, 25. *B.* Quaes eraõ nelles as sombras? 259. *C.*

Coraçaõ Lese claramente no vinho 20. *C.* He só o que Deos nos pede, 220. *B.* Pega-se a cousas viz, de que se referem alguns similes, 314. *B. C.*

Corpo. Ao seu teve horror a alma de hum soldado, 140. *A. B.* He arma do demonio, e inimigo do homem, 185. A sua saude he para a alma enfirmidade, 185. Offusca a alma, 185. *B.* O de Cheapino Vitellio extremosamente gordo, 185. *C.* E tambem o de Dionysio tyranno, 185. *C.* O do Monge Benjamin hydropico cõ extremo, 184. A sua mortalidade naõ negaraõ os hereges, negando muitos a immortalidade da alma, 324. *C.*

Correcçaõ Se deve dar ao inimigo, e como? 112. *B.* Liberdade com que a deu S. Joaõ de Deos, 202. *A.* Aborrecea o peccador, 202. *B.*

Cortesaõ Seu trabalho, e paciencia, 176. *A.*

Costume E suas forças nas cousas q̃ deleitaõ, 9. *C.*

Creaçaõ Da alma Vide *Alma.*

Creaturas. Abstracçaõ dellas que teve Fr. Joaõ de Luca, 113. *B.* Muito importante a pessoas Religiosas, 115. & seq. Saõ degràos para subirmos ao Creador, 171. & seq.

Criados De ordinario saõ mal mandados, 71. *A.* Naõ devem ser tratados com nimio rigor, e miseria. Referem-se alguns casos,

e entre elles hum horrendo, 440. & seq.

Cruz. Todos temos a nossa, 49. *A.* Foy balança em que se pezàraõ as almas, 73. *A.* Com que mysterio houve tres no monte Calvario, 49. *A.* Formou della escudo El-Rey D. Affonso Henriques, 350. *C.* Appareceraõ em fórma de Cruz cinco letras que decifrou S. Hildegardis, 352. *B.*

Cuidado Da salvaçaõ. Vide *Salvaçaõ*

Culpa. Nem por se commetter hũa se devem commetter mais, 23. *B.* Vide *Peccado.*

Coraçaõ dos Deoses Que cousa seja? 8. *C.*

Cursores Com que leys corriaõ no estadio? 275. *B.* 276. *B. C.*

Cyclo Decem-novenal q̃ cousa seja? 291. *B.*

D

Dadivas. EStima-se nellas mais q̃ tudo a võtade, 145. *C.* Pelas aceitar de Naaman fica Giezi leproso, 394. *C.*

Damaõ. Verdadeiro amigo de Pithias, 146. *C.* Torna para o carcere em que o deixàra por penhor, 146. *C.* Pondera-se esta acçaõ de amizade, 147.

Daniel Anacoreta pede riquezas para Eulogio, 127. *B.* Fica por seu fiador diante de Deos, e encorre por isso em grave perigo, 127. *B.* 128. *C.* Amoesta-o que se emende, 129. Pede a Deos que lhe tire as riquezas, e converte-o, 130.

David Chorava quando comia, 13. *C.*

Defuntos. Vide *Mortos.*

S. Deicola Sempre alegre, e porque? 38. *A.*

Deleites Porque os appetecem os mundanos? 14. Por vencer este appetite instituiraõ os Apostolos o jejum de sexta seyra, 7. *B.* Naõ sabem ter modo, 9. *C.*

Delfim. Vide *Golfinho.*

B. Delfina Casada, e Virgem, 203. *C.* Escreve-lhe seu marido que o busque sô nas Chagas de Christo, 203. *C.*

Delicias Saõ attractivos para os demonios entrarem no corpo humano, 396. *B.* Occasionaõ-se de dous poucos, e de dous muitos, e quaes sejaõ? 396. *C.*

Demonios Acculaõ huma alma em juizo, 138. Tentaõ mais aos que se daõ a Deos, 163. *C.* Quanta seja a sua malicia, 166. *B.* Hum em figura de cão tira a espada a hum moço divertido, 373. Porque desejaõ entrar no corpo humano, 396. *B.* Que se entende por legiaõ de Demonios? 396. *B.* Pelo odio que tem aos homens entraõ tambem nos brutos, de que se poem exemplo, 397. *B. C.* Aonde ficaraõ quando cairaõ do Ceo, 400. *A.* Seis especies delles, e quaes saõ? 400. *B.* Como se houveraõ no seguimẽto de Lucifer, 400. *C.* Nomes varios que os

os Gentios lhes davaõ adorando-os por Deoses, 401. *B.* Assistem nas minas, e em que fórma? 402. *B.* Onde habitem os Potamides, e Nereides. Referem-se dous casos raros na materia, 402. & seq. Incubos, e succubos se pódem ter filhos? Apontaõ-se exemplos, 406. *A.* Os que respondiaõ pelos idolos eraõ trinta mil, 406. *B.* Hum incluso no idolo de Apollo levou ao inferno muitos milhoens de almas, 419. *B. C.* Com que armas se vencem? 406. *C.*

Deos He o manjar das almas, 10. *B.* O dos Judeos disse impiamente Simaõ Mago que era màõ, 8. *A.* A protecçaõ q̃ tem dos seus servos explica S. Filemon com hũ apologo, 58. *C.* He o ultimo fim do homem, 102. *C.* Deve ser estimado sobre tudo, 104. *A. B.* Os que o servem costumão ser mais tentados, 163. *C.* A elle sobem os Santos pela consideraçaõ das creaturas, 171. & seq. Quanto menos trabalho he necessario para o servir, q̃ ao mundo, 174. & seq. Ama aos que manda enfermidades, 183. A sua graça deve ser procurada muito mais que a dos homẽs, 186. 187. Persuade-se o temor de perdela, 188. Que os homẽs o naõ amem chora o B. Jacopone, 194. *A.* He o mesmo amor, 194. *B. C.* Delle se affirmaõ seus attributos em abstracto, 194. *B. C.* 195. Explica-se sua simplicidade, 195. *A. B.* Persuade-se o seu amor, 197. & seq. Terà no Ceo grande gloria pelos meninos innocentes, 207. Quam de veras deve ser amado? 214. *C.* 215. *A.* Com quanto fervor, e frequencia, 216. *C.* Sò nos pede o coraçaõ, 220. *B.* He centro do homem, 276. *A.* Quãto se parecem com elle os Santos? 238. Admiravel modo com que converteu a Pedro Publicano, 409. *C.* Dá premio incomparavelmente maior pelo q̃ se faz em seu obsequio, 446. *A.*

Vide *Amor de Deos, Graça de Deos.*

Dependencia Que temos huns dos outros para a direcçaõ, 159. & seq. Atè os grandes a pódem ter dos pequenos, 113. *C.*

Desafio De dous a beber vinho, 13. *A.*

Desapego Devemos ter das couzas do mundo, 77. 78. Quam grande foy o de S. Nilo, 78. *C.* 79. A Muito conveniente a pessoas Religiosas, 114.

Vide *Desprezo, Bens do mundo.*

Descuido Da salvaçaõ Vide *Salvaçaõ.*

Desculpa Muito para estranhar nos Virtuosos, 22. *C.* 23. He o escudo a quem queima o fogo do zelo, 22. *C.* Impede o curarse a lepra da culpa, 22. *B.* He maior maldade que a mesma maldade, 23. *A.* Atê com Deos se desculpa hum imperfeito, 23. *C.* Ponderaõ-se as que costumaõ dar os Prelados.

Prelados que naõ reſidem, 69. Logo o peccador a buſca para o ſeu peccado, 202. C.

Deſeſperaçaõ De alguns peccadores à hora da morte, 92. & ſeq.

Deſintereſſe Demaſiado quizeraõ alguns modernos nas boas obras, 222. B. O do ſeu amor encarece hum poeta, 223. B. C.

Deſſoſado. Ceremonias impertinentes que o obſerva, 176. C.

Deſpreſo Naõ deve ter o grande do pequeno, porque o póde haver miſter, 113. C. Dos bens do mũdo grande na Madre Frimiota, 94. C.

Vide *Deſapego. Bens do mundo.*

Deſſemelhança Vide *Semelhança.*

Devedores Naõ ſe devem oprimir. Refere-ſe o rigor dos Romanos, e Judeos neſta parte, 435. A. 436. C.

Dia Civil como ſe mede em varias Naçoens, 282. B. C. O artificial qual ſeja, e qual o natural? 282. Qual o Egypciaco, Amphidroncio, e Humano? 283. A. B. Quaes os dias do Lenho? 283. C. Quaes os do Ceo, os bons, e os de Deos? 284. A. Qual o grande de Joſué? 284. B.

S. Tiemo Vide *Tiemo.*

Dignidade Quanto mais alta, mais breve tempo ſe logra, 256. 257. A de Summo Pôtifice ninguem teve tantos annos como S. Pedro, 256. C. 257. A. Compara-ſe eſta à cadeira de S. Aurea, e porque? 258. A. B. Devem darſe aos dignos, 386. B. Os mais humildes o ſaõ mais, 387. A. Induſtria de Filippe Rey de França na proviſaõ de hũa, que naõ quiz fazer por dinheiro, 386. B. & ſeq. Os que as lograõ ſaõ buſcados dos outros por conveniencias, 258.

Diligencia Quam neceſſaria nos ſeja? 268. & ſeq.

Dinheiro. Couſa que cuſtaſſe muito naõ queria S. Ottaõ na ſua meſa. 15. B. Finge huma velha que o tem para ſer bem tratada, 146. A. B. He o que dà qualidade, e fermoſura, 219. C. Pegaſe muito às mãos de quem o tem. Nomes q̃ por iſſo lhe deraõ alguns Santos, 395. B. Naõ quiz Fillippe Rey de França dar por elle huma dignidade: e deſtreza que para iſſo uſou, 386. B. & ſeq. Federico Emperador o mandou fazer de couro, 439. A.

Vide *Riquezas, Avarento, Bens do mundo.* Nem para eſmolas o aceitou S. Hilariaõ, e porqne? 394. A.

Diogenes O conceito que formou da amizade de Dionyſio tyranno, 143. C. Quanto mais velho mais trabalhava, e porque? 257. B.

Diogo Lainez. Queſtaõ que teve com Santo Ignacio àcerca da ſalvaçaõ, 212. C.

Dionyſio Sò pelo proveito tratava dos amigos, 143. C. Perdoa a morte a Damão, e Pithias por hum

hum lance de amizade, 146. C. Pondere-se a generosidade desta acçaõ, 147. Quanta interessava na amizade de ambos, 147.
Dionysio Heracleota Extremolamente gordo, 185. C.
Dionyso Nome de Bacco que significa? 19. C.
Director Necessario para a vida espiritual, 159. & seq. Cada hum de si o naõ póde ser, 165. Quando falta, como se póde suprir? 146. C.
Disputa De S. Pedro cõ Simaõ Mago, 99.
Dissoluçaõ Reprehendida, 28. A.
Distracçoens Na oraçaõ tem os que estaõ nella ociosos, 157. C.
Doença Vide *Enfermidade.*
Domesticos Naõ se tratem com muita miseria, 440. C. & seq. Exemplos de amos miseraveis para os domesticos, 442. B. Grave dano que a hum se seguio de ser miseravel para os domesticos, 443. B.
Domingo. Nelle he prohibido o jejum, 7. C.
Domingos de JESV MARIA Muito estimado dos Emperadores em vida, e morte, 80. C.
S. Dorotheo Quiz ter hum canivete curioso, e resposta que lhe deu o Abbade, 312. C.
Doudice Vide *Loucura.*
Dragaõ formidavel em Rhodes, valor, e industria com q̃ foy morto, 355. 356. & seq.
Duarte Pacheco. Seu valor, e fortuna na guerra contra ElRey de Calecut, 350. A. B.
Dypsas serpente. O mordido della quãto mais bebe, mais sede tem, 421. C.

E

Ebrio. SUa ethymologia, 13. A.
Eccardo Apparece ao B. Henrique Suso, & lhe ensina a conformidade, 37. A.
Eduardo Como experimentou o genio de sua filha Hedburga? 313. C.
S. Efrem. Pede a Deos lhe restitua as tentaçoens, 75. B.
S. Eleasaro cazado, e virgem, 203. C. Sò nas Chagas de Christo queria que o buscasse sua esposa, 203. C.
Elienses, ou Elidenses Celebráraõ em honra de Jupiter os jogos Olimpicos, 292.
Emenda Pela disculpa se impede, 22. C.
Emperador Chegou a ser Justino havendo sido vaqueiro, 126. C.
Enfermidade He mimo do Ceo, 183. Utilidades que traz, 183. & seq. Purga os peccados, 184. C. Paciencia com que levou hũa o Monge Benjamin, 184. A de hum homem que sò via olhando para cima, e naõ para baixo 77. C.
Enfeites de Pelagia peccadora, 168. C. Para os de huma mulher se empenha todo o mundo, 178. &

seq. Mais tiraõ do que daõ à verdadeira fermosura, 181. *B. C.* Ley dos Romanos contra elles abrogada, e porque? 177. *B.* Vide *Mulheres.*

Enigma Da vida, e martyrio de S. Filemon, 50. *C.* 51. Pelo de hũa estatua decifrado se acha hum thesouro, 209. *C.* Vide *Apologo.*

Epacta Donde se derive, e que cousa seja? 290. *C.*

S. Ephysio Martyr Trazlhe hum Anjo huma espada com que vença aos infieis, 365. *C.*

Equidade Que cousa seja? 438. *A.* A do Pretor para que se introdusio? 437. *C.* Deve o Juiz tela à vista quando absolve, ou condena, 438. *A. B.*

Era Porque se chama assim, e como se conta? 292. *B.*

Erasmo Diz naõ ser licita a guerra: Refuta-se com exẽplos de Santos, e censura-se sua malicia, 339. *B. C.* Cita viciadas humas palavras de S. Martinho, 342. *C.*

S. Ermelinde Sua castidade, 3. *B.*

Erro. Naõ deixa de o ser pelo seguirem muitos, 305. *A.* Prova-se com hum exemplo, 305. *B.* Deraõ em muitos os que se fiáraõ do seu juizo, 166. *C.* 167. *A. B.*

Escandalo. Para o evitar quando, e de que modo se devem tirar os olhos? 169. *C.* Os que o daõ, se desculpaõ com os juizos temerarios dos outros, 202. *C.*

Escritura. A sagrada com humilde he que se entende, 162. *C.* Refere se a de hum casamento, em que se concede beber vinho à mulher com certas condiçoens, 19. *B.*

Escrupulo Parte do tempo o que he? 279.

Escudo Celebre do Capitaõ Mirtillo, 112. *A.* Palavras resolutas com que huma mãy o embraçou a hum filho seu, 334. *C.*

Esmola. Empregue-se nella o que se poupa com o jejum, 15. 16. Deu a Eulogio sendo pobre, e negou-a sendo rico, 127. 128. Naõ a daõ os mesmos que gastão muito em vaidades, 175. *B.* Aceitallas para as dar pòde ter incõveniente, 395. *B.* Por meyo de huma converteu Deos hum Avarento, 409. *C.*

Espadas. Varias memoraveis de que as divinas, e humanas letras fazem mençaõ, 365. & seq.

Esperança Em Deos na morte teve o P. Camillo de Lelis com a vista de hum notavel quadro, 45. *C.*

Espirito Santo Significado na letra *Mem*, 155. *B.*

Espirituaes. Nem sempre lhes convem o que he licito, segundo os Moralistas, 23. *B.*

Estadio Que comprimento tinha? 276. *C.* Em que fórma corriaõ nelle os Curiores? 276. *B.*

Estatua. Pela sombra de huma se descobre hum thesouro, 209. *C.*

Estimaçaõ Que muitos Reis fizeraõ de homẽs Santos ainda em vida, 79. *C.*

79. C. 80. A que fazem dos bens da terra os peccadores, 103.
Eſtratagema Vide *Aſtucia, Induſtria.*
Eternidade. Do Ceo, e do Inferno conforme as noſſas obras, 241. 242. He incomparavel com o tempo, 277. Qual ſeja a participada? 299. C. 300. 301. Quaes os tempos eternos? 297. B. Deſcreveſe a de Deos, 300. C.
Euangelho ſe acreſcentou alguma couza aos preceitos da Ley antiga? 83. A B. He ſolfa, de que a vida dos Santos he a letra, 203. A.
Euchariſtia He arvore da vida, 327. B.
Eudoxia Emperatriz deſterrada por hũa deſgraça caſual, 447. B.
S. Eugendo Sempre alegre, 38. C.
Eulogio, Sua hiſtoria admiravel, 126. & ſeq. Sendo pobre era eſmoler, 126. C. Acha hum theſouro, 127. C. Perverteſe cõ as riquezas, 128. He avizado por hum Monge, 129. Torna a cair em pobreza, e emendaſe, 130.
Eunomio Como caſtigou na guerra a hum blasfemo? 340. B. C.
Evo Que couza ſeja? 299. C.
Excommunhaõ. Naõ ſaõ dellas capazes os brutos, 273. C. Em q̃ ſentido ſe poem a alguns, 274 A. B. Santos que uzáraõ deſte remedio, 274. B. C.
Exemplo Quanto o deve dar o Biſpo, 16. C. 17. A. B. A ſua efficacia mayor que a da doutrina, 17. A. B. 218. A. O de S. Filemon Martyr dá animo a Apollonio, 57. Converte a Ariano, 60. C. O de Ariano aos quatro Protectores do Imperio, 64. B. Pelo dar da reſidencia, ſe paſſou o Papa Gregorio XI. de Avinhaõ para Roma, 71. B.
Experiencia He a que melhor enſina, 127. C.
Extaſi Do B. Nicolao Factor vendo humas cerejas, 171. C.

F

Fabio MAximo era muy pacato, e lhe chamavaõ eſcudo, 369. C.
Fado. A ſua força temida dos Fariſeos, 5. B.
Fallar muito coſtuma ſer effeito do vinho, 20. C.
Vide *Lingua, Silencio.*
Faltas. Nem por ſe commetter hũa ſe devem commetter outras, 23. B. Ainda as muito leves impedem os favores divinos na Communhaõ, 205. B. C.
Familia Dos Valles donde deſcende? 376. B.
Farça Com que Filemon ſe preſentou ao tyranno fingindo ſer Apollonio, 52. B. C. Convertida em veras, 53. & ſeq.
Farçante Vide *Chocarreiro.*
Fariſeos Como deve a noſſa virtude exceder a ſua 1. B. Jejuavaõ dous dias na ſemana, e porque fim? 1. C. Donde tem o nome;

e ſeus coſtumes, 4. *A.* Uſurpaõ o governo de Judea no tempo de Alexandra, 6. A. Mortes que cauſâraõ, 6. A. Temiaõ a força do fado, 5. *B.* Reprehendidos de Chriſto, 6. *C.*

Feitiços. A elles attribuem os tyrannos as maravilhas dos Santos Martyres, 56. *C.* 60. *A.* 64. *A.* Cõ elles ſe encantavaõ as eſpadas, e alguns a ſi para nao ſerem feridos, e como? 370. *C.*

Felicidade Mundana ſempre junta com trabalhos, 39. *C.*
Vide *Mundo*, *bens do mundo.*

Felicidade eterna Vide *Ceo*, *Gloria.*

S. Fernando. A ſua eſpada ſe leva em prociſſaõ, e como? 368. *C.*

Fernando II. Emperador naõ torceo a juſtiça pela amizade, 148. *B.* Leva com paciencia a morte de dous filhos, 206. *B.*

Fernaõ Penteado Seu grande valor, 335. *C.*

Ferver Do eſtomago equivocado com o da oraçaõ, 20. *B.* Deſcair o de algũas Religioens naõ deve cauſar eſcandalo, 245 *C.* 246. Quanto tenha faltado o dos fieis, 246.

S. Filemon Martir. Sua vida em enigma, 50. *C.* 51. A meſma em hiſtoria que he notavel, 51. & ſeq. Alegria com que ſofre as bofetadas, 49. *C.* Offerece-ſe ao Preſidente por farça, e faz ſe Chriſtaõ de veras, 52. *B. C.* Tenta-o o demonio com que naõ eſtava ainda bautizado, 55. *A.* Bautizaſe metido em huma nuvem, 55. *B. C.* Pede fogo do Ceo q̃ queime as ſuas frautas, e he ouvido, 56. *B.* Com ſeu exemplo ſe anima o Diacono Apollonio, 57. Com hum gracioſo exemplo comprova em ſi a protecçaõ divina, 58. *C.* He aſſeteado ſem dano, 59. *B. C.* Morre degollado, 60. *B.* Depois de ſua morte o tyranno ſe converte, 60. *C.*

Filhos. O amor delles he cauſa da perdiçaõ de hum rico, 92. Algumas vezes mortos em caſtigo dos paes, 206. *C.* A ſua morte podem os paes ſentir, 211. *C.* Mas nella por muitas razoens ſe devem conſolar, 207. & ſeq. Na de dous teve grande paciencia Fernando II. 206. *B.* Crueldade dos que enterravaõ vivos aos paes em ſendo velhos, 255. *B. C.* A hũ ſeu que quebràra huma ley, naõ perdoou El-Rey Baſſãno, 376. *B.*

S. Filippe Neri Seu grande amor de Deos, 153. *B.* Exceſſo de ſuas lagrimas, 201. *A.* Reſuſcita hum menino apparecendolhe, 251. *B.*

Filippe Biſpo. A ſaya de malha, com que foy à guerra, mandou El-Rey Ricardo ao Papa, e com que recado? 337. *C.*

Filippe de Macedonia Reprehendido de Archidamo por lhe eſcrever com ſoberba de vencedor, 151. *A.*

Filippe Rey de França Deſtreza cõ q̃ proveo bẽ hũa Abbadia, 386. *B.*

Filoſofos Eraõ Chriſtãos nas palavras, e os bons Chriſtãos ſaõ Filoſofos nas obras, 275. *C.*

Fim. O ultimo do homem qual ſeja? 102. *C.*
Vide *Ceo, Gloria, Deos, Morte, Intençaõ.*

Fogo. Nelle vivem alguns animaes, 154. *A.* O do Ceo queima as frautas de S. Filemon, 56. *B.*

Fogo do amor de Deos. Vide *Amor de Deos.*

Forma Verdadeira do corpo he a alma, 95. *C.* 96. *A.*

Formigas Symbolo da diligencia, 270. Pleito notavel com ellas de huns Religioſos no Maranhaõ, 270. & ſeq.

Formoſura de Pelagia, 168. *C.* Diſpendio que fazem as mulheres pela ter, 177. & ſeq.

Fortaleza Do coraçaõ effeito da alegria, 27, *B. C.*

S. Franciſco de Aſſiz Reprehendia a triſteza nos ſeus Religioſos, 26. *B. C.* Com o fogo do amor de Deos ſupportava o frio, 152. *B.* Sua pobreza, e porq̃ fim? 218. *B. C.* Negava ao corpo o neceſſario, por lhe naõ conceder o ſuperfluo, 308. *B.* Com hũa eſpada, que lhe deu S. Paulo, degolla hũ perſeguidor da ſua Religiaõ, 376. *C.*

S. Franciſco de Sales Prega ſò cõ ſette ouvintes, e faz fruto, 73. *B.* Sua vocaçaõ por cair varias vezes ſobre a eſpada em cruz, 367. *A.*

S. Franciſco Xavier Por ſalvar hũa alma deu por bem empregada ſua navegaçaõ à India, 72. *A.*

S. Franciſco de Borja Satisfaz ao reparo de ſerem moços os da Cõpanhia, 244. *A.*

Friderico II. Faltandolhe dinheiro mandou fazer moeda de couro, 439. *A.*

Friderico III. Naõ bebia vinho, 17. *C.*

Frimiota. Vide *Joanna Franciſca Frimiota.*

Frio Vencia S. Franciſco com o fogo do amor de Deos, 152. *B.* Tereſinha de Jeſus com a preſença do Santiſſimo Sacramento, 153. *B.* O de tanques enregelados S. Pedro de Alcantara com o calor de ſeu eſpirito, 153. *C.* Do que temos no amor de Deos nos procede todo o mal, 154. *B.* Do qual ás vezes ſaõ cauzas os muitos veſtidos, 154. *C.*

Frutos Varios da terra de notavel grandeza, 446. *C.*

G

Galeaõ S. Filippe REndido ſe vay a pique, e porque? 12. *C.*

Gallia. Na antiga perdoavaõ aos vencidos, menores que a eſpada do Rey vencedor, 370. *C.*

Gaſtaõ Fuchen Vence os Heſpanhoes com morte ſua, 150. *A. B.* Quanto ſentio ſua morte Luiz XII. por ſer ſeu amigo, 150. *A. B.*

Gaſtos Em vaidades, e naõ em eſmolas, 175. De mulheres em enfeites, 177. & ſeq. De hũ Rey em gula, 308. *C.*

Gata. Legado que ſe deixou a hũa para ſeu ſuſtento, 441. *C.*

General Na guerra deve cuidar mais dos outros que de ſi, 347. Mas naõ deve ſer temerario, 348. *B.* O de França morre em huma batalha vencendo os Heſpanhoes, 150. *A. B.*

Gentios Adoravaõ os demonios por deoſes, e nomes que lhes davaõ, 401. *B. C.*

George Caſtrioto Ethymologia de ſeus nomes, e elogio de ſeu valor, 363. *C.* Manda a ſua eſpada ao grão Turco, 362. *B.* Mas advertelhe que lhe naõ mandava o braço em que mais fiava, 362. *C.*

S. Germaõ. Eſtratagema ſanto de q̃ uza para conſeguir huma vitoria, 341.

Giezi Por aceitar as dadivas de Naaman fica leproſo, 394. *C.*

S. Fr. Gilo Franciſcano Pede tres couzas para aſſegurar huma alma, e quaes ſejaõ? 74. *B.* O Dominico vaticina a ruina do Imperio Otomano, 336. *B. C.*

Gloria Serà fartura das almas, 10. *B. C.* Appetecida dos Santos, 14. Para ella foy creado o homem, 102 *C.* Muitos vivem como ſe o naõ creraõ, 103. *A. B.* E a trocaõ pelos bens temporaes, 103. *B. C.* Os que a tem neſta vida correm perigo de a naõ ter na outra, 78. *A. B.* Para ella he atalho a conformidade, 37. *A.*

Gloria do Martyrio, Vide *Martyrio.*

Golfinho. Falla hũ maravilhoſamente, 65. *C.* Cinco levaõ os corpos de S. Ariano, e ſeus cõpanheiros a Alexandria, 65. *B.*

Goſtos Da gloria appetecidos dos Santos, 14.

Vide *Gloria.* Quam grande he o com que os Santos padecem, 190. Os do mundo ſaõ tranſitorios, 126. *A. B.*

Vide *Deleites, Delicias, Alegria.*

Governo De huns homens por outros ordenado por Deos, 161. *C.* Para elle naõ coſtumaõ ſer capazes os moços, 249. Com elle o pouco baſta, ſem elle o muito naõ chega, 392. *C.*

Gozo Vide *Alegria.*

Graça. A de Deos he a couza mais precioſa, e mais barata, 89. *B. C.* Incerteza que della temos, 141. *B.* O temor de perdela a conſerva, 186. Devemos trabalhar por augmentala, 141. *C.* O dezejo de a ter he ſinal de poſſuila, 186. & ſeq. Accomoda-ſe á natureza melhorando-a ſem perdella, 49. *C.* Exemplo diſto em muitos Santos, 50. O Cardeal Bellarmino a conſervou toda a vida, 2. *C.* A final ſe naõ deve annexar ſò ao culto de qualquer Santo, 8. *C.* Muitos procuraõ mais a dos homens que a de Deos, 187. Na divina ſe ha de pór toda a confiãça mais q̃ nas noſſas forças, 354. *B.*

triunfa da natureza. Moſtra-ſe em a converſaõ de Pedro Publicano, 410. C.
Vide *Peccado.*

S. Gregorio Taumaturgo Secou hũa lagoa para quietar dous irmãos que contendiaõ ſobre ella, 426. C.

Gregorio XI. Mudou a Cadeira de Avinhaõ para Roma, e porque? 71. B. C.

Gruntano. Myſterioſo ſonho que teve, e como ſe verificou, 366. C.

Guerra Em que circunſtancias he licita, 338. & ſeq. Exemplos dos Santos contra os hereges, que dizem ſer ſempre illicita, 339. B. A ella naõ pòdem ir Sacerdotes, e Religioſos, ſalvo ſendo defenſiva, e com neceſſidade, 339. 342. B.

Gula. Quem a naõ vence, naõ alcãça a ſabedoria, 16. C. He ſemelhante ao peyxe Aſello, 16. C. Quanto deve o Biſpo fugilla, 16. B. C. 17. A. B. Para dar eſmolas a evitava S. Ottaõ, 15. B. Quãta ſeja ſua demaſia pelas iguarias inventadas, 308. C. Alguns tiveraõ por afronta o naõ ſer comedores, 308. C. Exemplo de hum Rey a quem cuſtou hum Capaõ cem eſcudos, 308. C.
Vide *Jejum*, *Comer*, *Abſtinencia.*

H

Hadriano V. EM ſe vendo Papa ſe cõſiderou moribundo, 253. C.

S. Hedburga Sendo menina antes quiz o livro dos Euangelhos que outros brincos, 313. C.

Heli Julgou mal de Anna, 20. B.

Heliogabalo Juntou dez mil libras de aranhas por conhecer a grandeza de Roma, 315. B. Chamava ás moſcas abelhas manſas, e queixava-ſe de quem as matava, 315.

Henrique Conde de Portugal venceu 17. batalhas contra Mouros, 333. B.

Hereges Aquarios faziaõ o Caliz ſò com agua, 322. C. Adamianos andavaõ ſempae nus, 331. A. Saõ inimigos das Religiões, 391. C.

Herodes. Sò os Fariſeos lhe naõ juràraõ fidelidade, 6. A.

Heſpanha. Os ſeus Reys tiveraõ titulo de Chriſtianiſſimos, 151. B.

Heſpaniola Ilha em que ſe daõ frutos de notavel grandeza, 447. A.

Hydropeſia Eſtupenda do Monge Benjamin levada com paciencia, 184.

Hieronymo Recto Criava barba grãde, e branca, e porque? 329. A.

S. Hilariaõ Nem para dar eſmolas quiz aceitar dinheiro, porque lhe

lhe naõ entraſſe o demonio, 394. *A. B.* Lança de alguns animaes obleſſos o demonio, 397. *C.*

S. Hildegardis Deſcifra cinco letras que ſe viraõ em hum Altar, 352. *B.*

Hipocriſia. Sua differença da virtude, 6. *B.*

Homem Naõ conſta ſò d'alma, mas tambem de corpo, 95. *C.* 96. *A.* Cada hum tem huma ſò, 96. *B.* No ſeu corpo tem o ſeu mayor inimigo, 185. A graça dos homens he mais procurada que a de Deos, 187. Homens naõ homens ſaõ os peccadores, 235. & ſeq. Alguns parecem mulheres nos enfeites, 235. *C.* O peccado os converte em brutos, 236. *A. B.* Homens mais que homens, homens Anjos, e como Deos ſaõ os Santos, 237. 238.

Homero Filho de hum demonio incubo, 406. *A.*

Honra Vide *Dignidade, Eſtimaçaõ.*

Hora Quanto val, e que nomes tem em varias Nações? 280. *A. B.* Quaes as dos Hebreos? 280. *C.* 281. *A. B.* Qual foy a da Crucifixaõ de Chriſto? 281. *A. B.*

Hoſpital. Hum ſò para cegos fez S. Luiz, 200. B.

Hoſpitalidade De Eulogio cabouqueiro, 127.

Humildade Proveitoſa para a alma, 75. *C.* 76. 78 *B.* Cheganos mais a Deos, 162. *C.* He mais poderoſa que o jejum, 162. *C.* Livranos de tentações, 166. *A. B.* Faz aos homẽs mais capazes das dignidades, 387. *A.* 391.

Huniades Vide *Joaõ Huniades.*

I

Jacobo VI. EM que anno começou a Reinar, e em que anno faleceo, 307. *C.*

B. Jacopone Chora porq̃ Deos naõ he amado, 194. *A.*

Jaculatorias, Sua importancia, 216. *A. B.* Frequencia das do Padre Diogo Martins, 216. *C.*

S. Jago Interciſo Seu ſoſſego no martyrio, 190. *C.*

Idade. O ſer muita nos naõ livra do perigo das tentações, 317. *C.* Vide *Annos.*

Idolos. Os demonios, que por elles reſpondiaõ, eraõ trinta mil, 406. *B.* Por meyo de hum de Apollo ſe perderaõ muitos milhoens de almas, 419. *B. C.* Nenhum ſe pôde pôr no lugar do ſepulchro de S. Tiemo, 191. *C.*

Jejum. Quam diverſos ſaõ os motivos, porque os homens jejuaõ, 1. *C.* Qual era o dos Fariſeos, 1. *C.* O das quartas, e ſextas eſtilo dos Apoſtolos, 7. *A.* E iſſo ou por ſerem dias de Mercurio, e de Venus, ou em memoria da Payxaõ, 7. *B.* Forma antiga delle, 7. *B.* O dos Domingos prohibido, e tambem o do Sabbado, e porque? 7 *C.* 8. *A.* Depois o do Sabbado introduzido, e porque

porque cauſa? 8. *B.* Abuzáraõ alguns do das quartas, e ſabbados, e porque modo? 8. *C.* Quaes foſſẽ os de Fariſeos, Manicheos, e Gentios? 8. *C.* O de S. Pedro de Alcantara, S. Coleta, S. Izabel, 14. *C.* Ceda em utilidade dos pobres o que nelle ſe poupa, 16. *A.* Quando deve cede à caridade, 21. *C.* 22. *A. B.* Atê o beber quebrava o de alguns, 21. *C.* A pouca quantidade por urbanidade naõ quebra em opiniaõ de muitos, 22. *B.* Mais que elle póde com Deos a humildade, 162. *C.*

Vide *Abſtinencia.*

S. Ignacio Martir Dezafia os tormẽtos, 32. *C.*

S. Ignacio de Loyola Como deſpreſava as couzas do mundo, 14 *C.* 15. *A* Seu grande amor de Deos, 153. *C.* Cazo em que eſcolhia antes ficar neſte mundo do que ir para o Ceo, 212. *C.*

Igreja. Reprehendeſe o comer nella, 10. *B. C.* Ponderaſe o fervor da primitiva comparado com o eſtado preſente, 246. A novidade lhe naõ prejudicou em ſeus principios, 247. *A. B.* Hũa com tantas janellas, columnas, e portas, quantos ſaõ no anno os dias, horas, e mezes, 287. *A.*

Igualdade Deve haver entre amigos, 107. *B. C.*

Illuſaõ Padecem os ociosos na Oraçaõ, 157. *C.*

Imagem De Deos he a alma, e em que ſentido? 101. Tambem a mulher, e os Anjos, 101. *C.* 102. *A.* A natural naõ ſe perde em nos pelo peccado, 102. *A. B.*

Iman Vide *Pedra de Cevar.*

Immortal Quer parecer o graõ Lama, e porque traça, 325 *C.* 326. *A. B.* He-o verdadeiramente a alma. Vide *Alma.*

Imperfeiçoens Muito leves impedem os favores divinos na Communhaõ. 205. *B.* Os que naõ reparaõ nellas prejudiciaes aos bons Religioſos, 115. & ſeq.

Indiçaõ Que couza ſeja, ſua origem, e eſpecies? 291. *C.*

Indios Uzaõ alguns de eſpadas feitas de oſſos de peixes, 372. *C.*

Induſtria Notavel de hũa velha para ſer bem tratada, 146. De Adeodato para matar hum formidavel dragaõ, 355 & ſeq. A com que S. Germaõ conſeguio hũa vitoria, 341.

Vide *Aſtucia.* Do Emperador Veſpaſiano para enganar hum intereſſeiro, 426. *A. B.*

Inferno. Deſcripçaõ de ſuas penas em hum horrendo cazo, 139. Condena-ſe a elle hum rico, 92. Os muitos que vaõ a elle, 86. *B.* Perſuade-ſe o ſeu temor, 188. A elle foraõ muitos milhões de almas por amor de hum idolo, 419. *B. C.*

Inglaterra Revela Deos a ſua cõverſaõ a D. Marina de Eſcobar, 306.

Ingratidaõ Do homem naõ amar a Deos que o ama, 197. & ſeq.

Inimigos. Entre elles naõ duvidava ſer arbitro S. Agoſtinho, 105. *B.*

Injurias Quem as ſofre ſempre vence, 203. *A.* Sofre-as S. Joaõ de Deos cõ grãde paciẽcia, 202. *A.*

Inteireza Vide *Juſtiça.*

Intereſſe. Os que ſõ o buſcaõ naõ ſaõ verdadeiros amigos, 144. 145. Por elle ſaõ os grandes cortejados, 258. *C.* O eſpiritual he louvavel procurallo, 222. *B.C.* Como caſtigou Luiz XI. o de hũ Cavalheiro, 445. *C.* E Veſpaſiano o de outro, 426. *A. B.*

Intençaõ Recta a ſua importancia, 219. & ſeq. Qual he a mais nobre? 219. & ſeq. Dà grande valor à obra, 219. A meſma obra pòde ter muitas, 221. & ſeq.

Inſtante Que ſignificados tem? 278. *B. C.* Os Angelicos quaes ſejaõ? 298. *C.*

Inveja Tinhaõ os tyrannos da gloria do martyrio dos Santos, 192. *A.* Boa a teve S. Secunda de ver padecer ſua irmãa, 189. *B.*

Joanna Franciſca Frimiota Sua paciencia ouvindo palavras deſcomedidas, 94. *C.* Eſtimaçaõ que fazia de hũa alma, 94. *C.* Dezapego dos bens do mundo, 94. *C.*

Joanna de JESU MARIA Chora ſangue pelos peccados do mundo, 201. *A.*

Joanneo Mata oytocẽtos Cidadãos, 6. *A.*

S. Joaõ Capriſtano Foy á guerra, e pelejou contra os Turcos, 340. *B.*

S. Joaõ Carlos O que fez quando recebeo a eſpada benta da mão do Biſpo, 368.

B. Joaõ da Cruz. As creaturas lhe faziaõ ſaudades do Creador, 172. *B.*

S. Joaõ Conego Regular. Seu grande amor de Deos, 153. *B.*

S. Joaõ de Deos Reprehende hũ peccador com liberdade, 202. Sua paciencia nas injurias, 202. *A.* Como praticou bem os conſelhos Euangelicos, 203. *A.*

Joaõ de Avila O que ſentio da pobreza de S. Franciſco, 218. *C.*

Joaõ Berchmans. Pureza de ſua conſciencia, 3. A.

Joaõ Cardim Preparaſe bem para a morte, ſendo ainda menino, 87. *C.* Eſtima a ſua alma como hum theſouro, 88. *A.*

D. Joaõ de Caſtro Manda a ſeu filho q̃ compre armas, e naõ telas, 328. *C.* Empenha huma gadelha de ſua barba para defender a Dio, 329. *A.*

Joaõ Huniades Vencido por Amurathes a grande cuſto, 151. *C.*

Joaõ de Luca Grandemente abſtrahido das creaturas, 114. *B.*

Joaõ Pequeno Abbade tudo eſpiritualizava, 172. *C.*

Joaõ Viteleſchi Cardeal ſempre ſe metia em pendencias, e morreo em hũa, 343. *C.* 344. *A.*

Joaõ Uvilhelmo Dizia que a ſua eſpada era a de Gedeaõ, 372. *B.*

Job Suſpirava quando comia, 13. *C.*

Jogos Olympicos Faziaõ os Elienſes, 292. *C.*

Ira He contra a amizade, 110. *C.*
Isaac Morreo em Anno Enneatico, 290. *B.*
Isidoro Abbade Sempre chorava quando comia, 13. *C.*
Isis Deosa Como quiz fazer immortal a hum menino, 326. *C.* Espiritualiza-se esta fabula, 326. *C.* 327.
Jubileo Donde se deriva? 294. *A.* Antiguidade que tem, e tempo em que he o Romano, 294. *B. C.*
Judeos. Suas seitas, 4. *A.* Rigor cõ que tratavaõ aos devedores, 436. *C.*
Juiz Deve trazer â vista a equidade quando absolve, e condena, 438. *B. C.*
Juizo. O particular se representa a hum soldado com notaveis circunstancias, 138. O que Deos fez de hum Bispo em huma tremenda visaõ, 242. *C.* 243. *A. B.* Quanto nos devemos preparar para elle, 242. *B.* O proprio he perigoso governar por elle, 166. *B. C.* 167. *A B.* O que formamos dos outros quando deyxa de ser temerario, 202. *A. C.* Com a temeridade dos alheios se desculpa o peccador, 202. *C.*
Julio II. Defendido pelos Hespanhoes contra Luiz XII. 150. *B. C.* Tiralhe o titulo de Christianissimo, 151. *B.*
Julio Cesar Reprehendido de Cõsidio, e porque? 266. *B. C.* Suas proezas, triunfos, e morte, 267. *B. C.*
Justiça. Naõ a torceo o Emperador Fernando II. pela amizade, 148. *B.*
Vide *Juizo.*
Justino De vaqueiro foy Emperador, 126. *C.*
S. Izabel de Schonaugia Vé tres escadas figura das tres vias mysticas, 193. *C.*

L

Ladislao VEncido do Turco com grande perda, 151. *C.*
Lagrymas Em vida, causaõ alegria na morte, 43. *C.* Do B. Jacopone por Deos naõ ser amado, 194. A. De Thalalleo por cincoenta annos continuos, 200. *C.* De S. Filippe Neri com grande excesso, 201. *A.* de S. Margarida até lhe crestarem as faces, 201. *A.* De sangue de Sor Joanna de JESUS MARIA, 201. A. Choraõ-nas os Santos, porque vem as miserias do mundo, 200. *C.*
Lama Rey na China quem seja, ceremonias com que se mostra, e como affecta immortalidade? 325. *C.* 326. *A. B.*
Lascivia. Por ella corre perigo de condenarse hum soldado, 138. Cauza da condenaçaõ de hum Bispo, 242. *C.* 243. *A. B.* Até os de mayor idade naõ estaõ livres de seus perigos: mostra-se por exemplos, 317. *C.* 318. *A.* Re-

medios contra eſte vicio, 318. *B. C.*
Vide *Caſtidade.*
Legiaõ. Sua ethymologia, e de que ſoldados conſta? 395. *C.* Pela de demonios quando entra em hũ corpo, que ſe entende? 396. *B.*
Leonor Emperatriz Nem para ter filhos bebeo vinho por ſer mulher, e Portugueza, 17. *C.*
Leproſo De que modo mandava a Ley que andaſſe, 22. *C.* Ficou-o Giezi por aceitar as dadivas de Naaman, 394. *C.*
Leis. Naõ baſta promulgallas, ſenaõ fazellas guardar, 360. *B. C.* Porque tinha quebrado huma degollou El Rey Baſſano a ſeu proprio filho, 376. *B.*
Leyto. No ſeu acha o Emperador Diocleciano a S. Ariano q̃ deixara enterrado, 63. *C.*
Liberdade Com que hum Biſpo reſpondeo ao Papa Gregorio XI. 71. *B.* De outro Biſpo reprehendendo o Emperador Anaſtaſio, 136. *B.* De Jonathas em defender a David, 112. *A.* De Archidamo reprehendendo a inſolencia Del-Rey Filippe, 150. *C.* De S. Joaõ de Deos reprehendendo a hũ peccador, 202. *A.* de Conſidio Romano reprehendendo a Julio Ceſar, 266. *C.* Só cõ a noſſa podemos perder a Chriſto, 40. *B.* Em tudo a queria Luthero como filho de Belial, 304. *B. C.*
Libero Nome de Bacco que ſignifica? 19. *C.*
Liçaõ. De livros naõ baſta a quem póde ter Director, 164. *C.*
Lingua. Sem ella ſoube fallar hum homem, 217. *C.* Com Deos he iſto facil, 318. *A.* Fallando muito he cauza do peccado, 252. Circunſtancias com que ha de fallar, 253. *A. B.*
Vide *Silencio.*
Lobo Cerval Que animal ſeja, ſua figura, e propriedade, 383. *B.*
Loquacidade Vide *Lingua*, *Silencio.*
Loucura Julgavaõ os tyrannos a conſtancia dos Martyres, 189. *B.*
D. Lourenço Arcebiſpo de Braga o que fez a quem lhe deu na guerra hũa cutilada, 340. *A.*
S. Luiz Rey Fez hum hoſpital ſò para cegos, 200. *B.*
Luiz XI Dito ſeu picante contra hum acredor rigoroſo, 433. *C.* Dà mil cruzados por hum preſente limitado, 445. *C.* Caſtiga com ſutileza hum intereſſeiro, 445. *C.*
Luiz XII. Sente huma vitoria ſua pela morte de hum amigo, 150. Vence aos Heſpanhoes em Ravenna, 150. Tiralhe o Papa Julio II. o nome de Chriſtianiſſimo, 151. *B.*
Fr. Luiz de Granada O que ſentio da pobreza de S. Franciſco, 218. *B.*
Luſtro Quanto tempo ſeja? 293. *C.*
Luthero Foy filho de hum demonio incubo, 406. *A.* Com quanta propriedade foy filho de Belial, 304. *B.* Semelhante a Lucifer

ſer, em tudo quiz liberdade, 304. *B.C.* Attribuhia a milagre ſeguirem ſeus erros, 302. *B.* Que lhe reſpondeo a iſto Thomàs Moro? 302. *C.* Para ir ao Ceo nem huma palha queria levantar, 174. *B.*

Luxuria. Vide *Laſcivia.*

M

Mãy MOrrendo a de Tereſinha de Jeſus, eſta ſe alegra, e porque? 24. *B. C.* Por ſua tinha a Virgem MARIA S. N. que he Mãy de alegria, 24. *C.* A de S. Barula Menino o anima no martyrio com deſapego, 235. *A.* Dezapego de S. Simeaõ Eſtilita com a ſua, e porque razaõ? 44. *B. C.*

Maſoma. Os ſeus predicantes tem no pulpito huma eſpada deſembainhada, 375. *B.*

Magdalena de Urſinis. Folgava de ver rir as Noviças, 27. *C.*

Magica Vide *Feitiços, Simaõ Mago*

Malacia Que enfermidade ſeja? 314. *C.* Applicaſe a ſentido eſpiritual, 315.

Maltezes. Sua origem, 359. *C.*

Malvas De altura extraordinaria, 447. *A.*

Maniqueos Fingiraõ muitas almas em cada homem, 96. *B.*

Maõ He orgaõ dos orgãos, 363 *A.*

Mar Que lãça tudo á praya figura do vinho que deſcobre os ſegredos, 20. *C.*

S. Marcella Regeita ſegũdas vodas, 224. *C.*

S. Margarida Tinha as faces creſtadas de chorar, 201. *A.*

Margarita Vide *Perola.*

Marianna Tem pouca authoridade nas couſas de Portugal: moſtraõ-ſe dous erros que nellas deu, 351. *C.*

Marinna de Eſcobar Quando floreceo, e aonde? 306. *C.* Revelaçaõ que teve ſobre a reducçaõ de Inglaterra, 306. 307.

MARIA Santiſſima he Mãy que naõ morre, 24. *C.* Por ſua a tinha Tereſinha de Jeſus, 24. *C.* He Mãy de alegria, 24. *C.* Quãto nos importa a ſua filiaçaõ mais que a de Eva, 24. *C.* 25. *A.*

Maria de la Antigua Cõ ver as hervas do campo ſe afervorava grãdemente, 171. *C.*

S. Maria Magdalena de Pazzis. Nobreza de ſua familia, 158. *A. B.* Securas de eſpirito em que viveo cinco annos, 158. *A.* Conſelho que deu a huma Noviça ſobre o Amor de Deos, 155. *C.* Quam grande foy o que ella teve? 158. *B.*

S. Maria Oegniacenſe Rio-ſe na morte, 44. *A.*

Maria Villani. Grande Amor de Deos que lhe abrazava o coraçaõ, 153. *C.* 154. *A.*

Marido Podia matar a mulher que bebeſſe vinho, 19. *A.* Por eſcritura o concede hum à ſua com certas condiçoens, 19. *B.*

Marquez de Aguilar Anima a poucos Christãos cõtra muitos Mouros, 349. *B.*

Marquez do Basto Sendo General mais guardava os outros, que a si, 346. *B.*

S. Martha. Estimaçaõ que fez do seu martyrio, 190. *C.*

S. Martinha Como zombou do idolo de Apollo, 418. *C.* Lança delle o demonio, por quẽ se tinhaõ perdido muitos milhões de almas, 419. *B. C.*

S. Martinho Turonense Naõ quiz militar por ser Monge, 342. *B.C.*

S. Martinho Dumiense Reprehende o mostrar a tristeza, 26. *C.*

Martyres. Sua gloria invejada, e escurecida dos tyrannos, 192. *A.* Só na Igreja Catholica os ha verdadeiros, 192. *B. C.* Com o numero delles cresce o dos Christãos, 193. *A.B.* Os Hereges tambem fingem os seus, 192 *C.* Porque morriaõ degollados os mesmos a quem naõ faziaõ mal outros tormentos? 371. *A.*

Martyrio Notavel de S. Filemon, 49. & seq. De S. Apollonio, 57. de S. Ariano, 61. De S. Tiemo, 191. De meninos com grãde valor, 234 *C.* 235 *A. B.* Teve S. Secunda inveja do de S. Rufina, 189. *B.* Tem-no os Sãtos por delicias, 189. *C.* Mas a sua constancia julgaõ os tyrannos loucura, 189. *B.*

Mastins De Inglaterra dizem ter força de Tigres, 357 *A.*

Matrimonio. Escritura de hum em q̃ se concede vinho à mulher com certas condições, 19. *B.* Seja entre iguaes, 225. 226 Incõvenientes de o naõ ser, principalmente a discordia entre cazados, 227. O segundo dos viuvos he licito, 228. *B.* Mas a Igreja o naõ favorece, 228. *C.* Nem S. Paulo o aconselha, 229. *B.* Muitas Santas o recusaraõ, 229. *B C.* Entre ellas S. Marcella, 224. *C.*

S. Maximo Pronostica o seu martyrio, 366. *B.* O que succedeu a quem o foy ferir com huma espada, 369. *B.*

Medea Porque se diz della q̃ transformava os velhos em moços? 318. *A.*

Medo. Vide *Temor.*

Mem Letra hebraica que significa? 155. *B.* He figura do Espirito Santo, 155. *B.*

Menino Sendo-o Acazio prega em Flandes com grande fruto, 234. *A.* Nesta idade se consagra a Deos S. Bento, 234. *B.* Exemplos de alguns que se offereceraõ ao martyrio com grande valor, 234. *C.* 235. *A.B.* Os virtuosos saõ velhos, como os velhos máos saõ meninos, 232. & seq. Felicidade dos que morrem nesta idade, 206. & seq. Gloria que daraõ a Deos no Ceo, 207. *C.* Levaõ-no naõ cõ trabalho, mas achado, 209. Como quiz a Deosa Isis fazer immortal a hum menino, 426. *C.* Espiritualiza-se esta

eſta fabula, 326. C. 327. Exemplo de hum que trouxe do vêtre eſtampadas na teſta duas eſpadas, 372. B. E outro huma finalada no braço, 375. C.

Mentira. Atè de huma leve, e officioſa ſe ſeguiraõ danos graviſſimos, 447. C.

Meſa. A do Biſpo ſeja ſobria, 16. B. Teve por muito Zeno o guardar nella ſilencio, 20. C. Nella ſe naõ eſcolhem bem os amigos, 109.

Merecimento. Creſce pela recta intençaõ, 220.

Merlino Foy filho de hum demonio incubo, 405. C.

Meſtre de eſpirito Vide *Director.*

Metello Matou a mulher por beber vinho, 19. A.

Mez Aſtronomico Qual he? 285. C. E qual o Civil? 286. A. B.

Miniſtros Enriquecem com o que tiraõ dos cargos que occupaõ, 388. B.

Minuto Que parte do tempo ſeja? 279. C.

Miſſa. Aſſiſtem nella os Anjos, 162. B. Por ſua virtude ſe conſerva o vinho na adega, 11. C.

S. Methilde Morrendo chorou, e rio tres vezes, e porque? 44. A.

Moderaçaõ Deſtroe-a o vinho, 20. A. Deve havella no fervor exterior, 20. B.

Modeſtia Tem com ella inimizade o vinho, 19. C. A dos olhos he neceſſaria, 169.

Moedas de couro Mandou fazer o Emperador Frederico em falta de outras, 439. A.

Momento Que parte do tempo ſeja? 279. A. B.

Monſtros Diante da carroça de Bacco ſe deſcrevem, 20. A.

Mortalha Unica peça que reſervou para ſi hum Sultaõ do Egypto, 123. B.

Morte Glorioſa de S. Ermelinde nas mãos dos Anjos, 3. C. Cruel de oytocentos Cidadãos por hũ Fariſeo, 6. A. Miſeravel de dous dezafiados a beber, 13. A. Em memoria da de Chriſto ſe jejuava às Seſtas feiras, 7. B. Na de ſua mãy ſe alegra Tereſinha de JESU, e porque? 24. B. C. Nella ſe rio tres vezes hum Monge, e porque razaõ? 43. A. B. E deſpois della ſe rio a mãy de S. Simeaõ Eſtilita, 44. B. C. E tambẽ huma virtuoſa cazada, 45. A. Temem-na até os Santos, 45. C. 46. A. B. Animavaſe nella à confiança o V. Camillo de Lelis com hum notavel quadro, 45. C. Outros à ſua viſta ſe alegraõ, porq̃ choràraõ em vida, 43. C. Nella ſe deſcuida de ſi quẽ em vida ſe deſcuida de Deos, 90. A. Nem entaõ ſe confeſſaõ alguns peccadores obſtinados, 90. & ſeq. Naõ ſervem nella as riquezas, 122. & ſeq. He ladraõ do homem, e porque? 130. C. 131. A. B. Na dos amigos, e parentes ſe tiravaõ a ſi a vida outros parentes, e amigos, 131. C. 132. A. B. Pela de ſeu ma-

marido se matou huma mulher com barbaras ceremonias, 133. 134. Refere-se a de hum soldado que resuscitou, 137. & seq. E as de muitos soldados em batalhas, 150. C. 151. B. C. A de dous filhos levada com paciencia pelo Emperador Fernando II. 206. B Na de hum Abbade lhe acodem as almas, que por seu meyo se salvaraõ, 214. A. A do moço he possivel, mas a do velho certa, 224. C. Refere-se a mà, e repentina de hum Bispo, 242. C. 243. A. B. Quaes sejaõ os seus tres mensageiros, 256. A. Dezejaõ-na muito os Santos, 264. C. 265. A Quãto mais perto della estamos, com mais cuidado devemos obrar bẽ, 275. & seq. Como he incerto o seu quando, 276. B C. Poucos se lembraõ della, 324. A. B. O que fez a Deosa Isis para livrar della a hum menino, mas sem effeito, 326. C. Espiritualiza-se a fabula, 327. A.

Mortos Metiaõ-lhes antigamente huma moeda na boca, 124. A. Davaõ-lhes a Communhaõ: costume despois reprovado, 124. B. Para resuscitar a hum applicou Democrito hum remedio discreto, mas impossivel, 48. B. C. Despois de o estar S. Filemon fallou do sepulchro a Ariano, 62. A. Parecem-no os velhos, 254. C. E saõ no os peccadores ainda quando vivos, 231. B. Mas os Santos saõ vivos, ainda despois de mortos, 232. B. Paes mortos pelos filhos, quando se naõ podiaõ sustentar, 255. B. C.

Mouros Varias vezes vencidos em guerras pelos Reys de Portugal, 333. B. C.

Mudo. Hum sem lingua soube fallar, 217. C.

Mulheres Naõ devem beber vinho por muitas razões, 18. A que o bebia era tida por adultera, 19. A. A de Metello foy morta por esta cauza, 19. A. E tambem outra com varas de murta, 19. E a de C. Domicio castigada, 19. B. A huma concedeo o marido por escritura bebelo só em certos dias, 19. B. Foy creada à imagem de Deos como o homem, 102. A. Huma se tira a si a vida com barbaras ceremonias na morte de seu marido, 133. 134. O vela he couza perigoza, 169. 170. Saõ amigas de enfeytes, 177. Descõpostura de seus trages, 330. C. Descrevem-se seus enfeites largamente, 177. & seq. Sua leviãdade, 178. C. Em certa guerra cingiraõ espada, 370. B. Alguns homẽs se parecem com ellas nos enfeites, 235. C.

Mundo. Sua vaidade explicada em parabola, 121. Seus bens saõ vãos e transitorios, 122. 123. Muitos os querem mais que os da gloria, 103. Desapego que tinha delles a Madre Frimiota, 94. C. Zomba dos peccadores, 41. C. Porq̃ razaõ appetecem estes os seus gos-

goſtos, 14. *B.* Os que os appetecem ſymbolizados no Alche, 14. *B.* Neſte andaõ fóra delle os que das creaturas ſobem ao Creador, 173. Quanto mais trabalhaõ os homens pelo ſervir do q̃ a Deos, 174. & ſeq. He galé em que os remeiros naõ ſaõ forçados, 175. *C.* Todo elle concorre a enfeitar huma mulher, 178. & ſeq. Como ſe contaõ as ſuas ſeis idades, 295. *C.* Qual ſeja a ſeptima, e outava na opiniaõ de muitos? 296. *A. B.* Os ſeus bens quantos mais ſaõ, mais ſe dezejaõ, 422. *C.* Vide *Bens do mundo.*

Murmuraçaõ Do amigo ſe naõ deve contentir, 111. *C.* 112. *A. B.*

Murta Conſagrada a Venus, 19. *B.* Simbolo da alegria, 25. *B.* Ceremonia de dar nos banquetes hum ramo della a que chamavaõ Aſaron, 25. *B.* Com varas della foy morta huma mulher por beber vinho, 19. *B.*

Muſica Dos Santos na ſepultura de S. Ermellinde, 3. *C.* Pareceo a vida dos Santos, de que o Euangelho he a ſolta, 203. *A.* No vêtre de ſua mãy cantou S. Bento, 234. *B.*

N

Nabonaſſar Introduzio o anno vago, 289. B.

Nao Symbolo de huma mulher, e porque? 177. *A. B.*

Natal. O vinho para as Miſſas deſſa noute cõſerva o que fica nas pipas de que ſe tirou, 11. *C.*

Navegaçaõ Maravilhoſa dormindo todos os paſſageiros, e mareantes, 65. *C.*

Naufragio Do galeaõ S. Filippe pelo vinho dos ſoldados, 12. *C.*

Nerão. Appariçoens que teve deſpois de degollado S. Paulo, 365. *C.*

B. Nicolao Factor De ver humas cerejas ficou extatico, 171. *C.*

Nicolao Paulino Fez pobres a muitos, e fez hum hoſpital para pobres, 433. *C.*

S. Nilo Deſapego que teve das couzas do mundo, 78. *C.* Nada teve que pedir ao Emperador Ottaõ ſenaõ que ſe ſalvaſſe, 79. *A.* Buſcado de muitos para ouvirem ſua doutrina, 81. *B.* Prova como he pequeno o numero dos que ſe ſalvaõ, 82. *A. B.* Quem foſſe eſte Santo? 82. *C.*

Nonno Que ſignifica? 251. *B.*

S. Nonno Chora vendo a Pelagia peccadora, e porque? 168. 169. Fruto que para ſi tirou deſta viſta, 169. *A.* Bautiza-a, e ve-a ſobir ao Ceo como pomba, 182. *A*

Noviços Andem alegres, 27. *C.* Devem dar conta ao ſeu Meſtre, 167. *C.* 168. *A.*

Novidade Das Religioens naõ he couza que as deſluſtre 244. & ſeq. Naõ prejudicou á Igreja nos ſeus principios, 247.

Noute Que couza ſeja na realidade,

281. C. Que? cõforme os poetas, 282. A. Suas partes, e nomes dellas, 282. A. B.

O

Obediencia AO Director necessaria para a vida espiritual, 159. & seq. Quam prodigiosa fosse a de huns animaes immundos ao preceito de hum Monge, 309. C. 310. A. Por falta della cahio hũ Monge em culpa grave, 316. B. Deve attẽder ao que se manda, e naõ ao porque se manda, 317. A. B. Salva dos perigos: exemplo raro disso, 320. C.

Obras Tomão o seu valor da intenção, 219. & seq. As boas sejaõ naõ só muitas, mas fervorosas, 214. & seq. Saõ os verdadeiros amigos, 121. C. 134. C. & seq. Saõ summamente importantes, 136. C. & seq. Mostra-se a sua importancia em hum horrendo cazo, 242. C. 243. A. B. Conservaõ o tempo sendo de si fluido, 241. Importa fazellas com diligencia, 268. & seq. E mais ainda na velhice, 275. & seq. As màs se naõ devem pedir ao amigo, nẽ fazer por elle, 148. 149.

Obstinação De alguns peccadores à hora da morte, 90. & seq.

Occasião. Estando nella alguns peccadores se naõ confessaõ à hora da morte, 90. & seq. Devese buscar opportuna para a correcçaõ, 112. B.

Ociosidade Cria malicia, 217. B. Os danos que cauza, 268. B. C. Os proveitos que traz a falta della, 269. Reprehendese largamente, 268. & seq.

Oeniando Reprehende com liberdade ao Emperador Anastasio, 136. B.

Officio. Quem o tem publico naõ mostre fraqueza de animo, nem pobreza de talento, 381. A. Quẽ naõ teme os grandes, naõ os conhece, 391. B. Os mais dignos para elles saõ os que se reputaõ por mais indignos, 391. B.

Olhos Tem natureza de pedreneira, 318. B. Naõ devem ver o q̃ naõ he licito dezejar, 169. 170. Quando se devem arrancar, e quando naõ, conforme o Euangelho, 169. C. Homem que sô via levantando-os, e naõ abaxando-os, 77. C.

Olympiada. Sua origem, e como se conta, 292. C.

Olympicos Jogos quẽ os fazia? 292. C.

Opposto. Vide *Contrario.*

Oração Seu fervor equivocado cõ o do vinho, 20. B. A ociosidade nella se reprehende, 157. B. C. A de S. Maria Magdalena de Pazzis entre fecuras, 158. A. A transeunte pela consideraçaõ das creaturas uzada dos Santos, 171. 172. E do mesmo Christo, 173. A. B. He muito proveitosa, 173. C. Por jaculatorias he impor-

importante, 216. *B.* Quam frequente era nellas o Padre Diogo Martins, 216. *C.* Naõ he necessario fallar nella muito, 409. *A.*

Ordem Dos Cavalleiros da Ala quê a instituhio, e sua origem, 373. *C.* & seq.

Origenes Errou ácerca das almas, 96. *A.*

Oriono. Delle expulsou S. Hilariaõ muitos demonios, e o que passou com o Santo, 394. *C.*

Ornato Vide *Enfeytes.*

S. Ottaõ Bispo. Sua caridade, e parsimonia de sua mêza, 15. *B. C.*

Ottaõ II. Manda a S. Nilo que lhe peça, e o que o Santo lhe pedio, 79. *A.*

Ouro Tem suas semelhanças com a area, e quaes sejaõ? 417. *A.*

P

Paciencia DE Christo em sofrer calumnias, 5. *C.* Devemos tela com alegria em todo o genero de trabalhos, 30. & seq. He muito importante para assegurar hũa alma, 74. *C.* 78. *B.* Persuadem-na os Santos Padres, 31. & seq. Quanta foy a da Madre Frimiota ouvindo palavras descomedidas, 94. *C.* Pondera-se a de hum Cortesaõ, 176. *A.* A de hum soldado, 176. *B.* De hum despozado, 176. *C.* De huma mulher para se enfeitar, 177. & seq. A do Monge Benjamin em huma enfermidade, 184. A de S. Joaõ de Deos nas injurias. 202. *A.* Quem a tem sempre vẽce, 203. *A.* A dos Martyres julgaõ os tyrannos loucura, 189 *B.* Nas enfermidades he utilissima, 185. & seq.

Padecer Quanto o dezejáraõ os Sãtos, 190. Quanto nos he util, 31. *A.*

Padre espiritual Vide *Director.*

Paes Podem sentir as mortes dos filhos, 211. *C.* Razões com que devem moderar este sentimento, 206. & seq. Exemplos de alguns, que as sentiraõ com excesso, 212. *A.* Porque se deu este nome aos Senadores Romanos, 248. *C.* Porque se dà hoje aos superiores, 248. C. A alguns em sendo velhos enterravaõ vivos seus filhos, 255. *B. C.* Naõ sejaõ muito rigorosos com os domesticos: apontaõse exemplos, e entre elles hum horrendo, 440. & seq.

Palacio. Naõ tem nelle entrada os pobres, 129. *C.* Pondera-se a vida dos que o seguem, 176. *A.*

Palavras Vide *Lingua, Silencio.*

Pantheras Levaõ a carroça de Bacco, 19 *C.*

Papa. Que significa este nome, 250. A quem se attribue, 250. *C.* Apontaõ se os que governàraõ mais tempo, e os que menos, 256. *C.* Com q̃ ceremonias benze huma espada na noite de Natal, e para que? 374.

Parabola Cõ que Barlaam perſuadio a Joſaphat o cuidado das boas obras, 121. Vide *Apollogo.*

Parentes Naõ ſervem para a outra vida, 130. *C.* 131. *A. B.* Alguns ſe tiraraõ a vida na morte de outros parentes, 131. *C.* 132. *A. B.*

Paſtor Abbade Ceſſandolhe as tentações pedio que lhe tornaſſem, 75. *B.* Quanto venerou a hum Monge por ſilencioſo, 247. *C.*

Patria. Quantas tem cada homem, e quaes ſejaõ? 261. *A.* O Ceo he a noſſa verdadeira, 261. & ſeq. todos os homens tem a meſma que he a terra, 262. Amor q̃ cada hum tem à ſua, 262. *C.* De Varões grandes foy patria terra pequena. 263. Sentem os Santos eſtar fóra da ſua q̃ he o Ceo, 264. *C.* 265. *A. B.*

Patricios. Porque ſe chamaraõ aſſim alguns Romanos, 248. *C.* 249. *A.*

Paulino Morto por ſoſpeitas falſas de adulterio com a Emperatriz Eudoxia, 447. *B. C.*

S. Paulo Para perder a Chriſto, naõ ſe temia das creaturas, mas ſó de ſi, 40. *C.* Ponderaſe a humildade de ſuas virtudes, 76. *B. C.* A eſpada com que foy degollado onde eſtà, e que letras tem, 365. *B.*

Paz Da conſciencia ſe echa ſó em Deos, 29. *A. B.* Os impios a naõ tem por mais que o cuidem, 29. *B.* Vide *Conſciencia.*

A paz exterior conſerva a agricultura, 29. *C.*

Pazzis Familia nobre, 158. *A.* Della foy o primeiro que ſobio os muros de Jeruſalem na ſua conquiſta, 158. *B.* Hum della em Sabbado ſanto leva o fogo para accender as lampadas, 158. *B.* Vide *S. Maria Magdalena de Pazzis.*

Peccado Nem venial de advertencia commetteo Joaõ Berchmans, e o Cardeal Bellarmino, 3. *A.* He a couza mais vil, e a mais cara, 89. *A.* Sò quem os naõ tem logra paz de conſciencia; e naõ quem os diſſimula, 29. *C.* 30. *A* Sò elle nos póde fazer perder a Chriſto, 38. *B.* 40. *B.* Por elle naõ perde a alma a imagem natural de Deos, 102. *A. B.* Devem cõpenſarſe com boas obras, 141. Nem ſe devem pedir ao amigo, nem fazerſe por elle, 148. 149. Perdoa os Deos pela caridade, 148. *A.* Converte os homens em brutos, 236. *A. B.* Saõ peſſimos os ſeus frutos, como ſe moſtra por hum raro ſuceſſo, 447. *C.* Nem por ſe commetter hũa vez, ſe deve commetter mais, 23. *B.*

Peccador Naõ tem alegria verdadeyra, 41. 42. Só as couzas do mundo eſtima 78. *A.* Sem cauza deſeſtima a ſua alma, e agraça de Deos, 88. *C.* 89. Eſtima mais os bens da terra que os do Ceo, 103. Trabalha mais por ſervir ao mundo, que por ſervir a Deos

a Deos, 174. Naõ quer ser reprehẽdido, 202. *B.* Logo se desculpa, 202. *C.* Sempre he menino, 233. He morto ainda quando vivo, 231. Nem homem he, 235. & seq. He colhido no seu mesmo laço: o que se prova com hum caso, 383. *C.* & seq.

Pedra de Cevar Como enfraquece, e conserva huma a virtude da outra, 149. *C.*

S. Pedro Entra em desafio com Simão Mago ao Domingo, 8. *B.* Jejua para isso ao Sabbado, 8. *B.* Convence o acerca da immortalidade da alma, 99. A sua espada faz muitos milagres, e aonde está? 365. *A.*

S. Pedro de Alcantara. Industria de que uzava para naõ sentir tanto o frio, 311. *A.* Seu grande Amor de Deos, 135. *C.*

Pedro Publicano. Refere-se sua conversaõ admiravel, 410. *C.* & seq.

Pejo Deve ter o amigo de pedir ao outro couza injusta, 248. *C.*

S. Pelagia. Sua formosura, e enfeites antes de convertida, 168. *C.* De a ver chora S. Nono, e porque? 169. *A.* Bautiza-a este Santo, e ve-a subir ao Ceo como pomba, 182. *A.*

Pelopides O que respondeo a quem lhe aconselhava se guardasse dos perigos na guerra, 346. *C.*

Penas do Inferno. Vide *Inferno.*

Penitencia Estupenda de hum resuscitado, 140. Quaes fossem as dos Fariseos, 4. *C.*

Perda. Quanto he para sentir a do tempo, 240. & seq.

Perigo Grande na vista de mulheres, 169. 170. A muita idade naõ livra delle, 317. *C.* Mostra-se cõ exemplos, 318. *A.* Mais perto está de cahir nelle quem mais confia, 318. *C.*

Periodo Calippico Que cousa seja? 292. *C.*

Perola preciosa He huma alma, 94. *C.* 95. *B.* Valor de hũa de Cleopatra, 95. *A.* De outra de Rodolfo II. 95. *A.* De outra Del-Rey de Persia, 95. *B.* Suas propriedades para ser boa, 95. *C.* Todas convem à alma com excellencia, 95. & seq. Porq̃ se chama *Unio*, 96. *B.* He-o tambem o Amor de Deos, 156. *B.*

Perseguiçoens De Christo pelos Fariseos, 5. *C.*
Vide *Paciencia*, *Padecer.*

Perseverança. Quanto devemos trabalhar por ella, 141.

Petiçaõ de S. Nilo Ao Emperador Ottaõ com notaveis circunstancias, 79. Feita por insinuações mudas he mais efficaz, 409. *A.*

Peixe. Por ver hũ exquisito na mẽza se entristeceo S. Ottaõ, e o mãdou aos pobres, 15. *B. C.* O Aselo he simbolo do guloso, 16. *C.* Tem o coraçaõ no vẽtre, 17. *A.*

Picatio Que enfermidade seja? 314. *C.* Applica-se a sentido espiritual, 315. *A.*

Pithagoras Admitio a transmigraçaõ das almas, 97. *A.*

Pythias Offerece-se à morte por Damão, 146. Ponderase esta acçaõ de amizade, 147.
Plataõ. Erro seu àcerca da alma, 95. *C.*
Pobres. Nelles se deve empregar o que se poupa no jejum. 16. *A.* Assim o fazia S. Ottaõ, 15. *B.* Chamava a cada hum Senhor Jesu Christo, 15. *C.* Naõ devem ser muito vexados, ainda que devaõ, 434. & seq. Mostra-se com hũ exemplo, 439. *C.* 440. *A. B.*
Pobreza Fomenta o Amor de Deos, 154. *C.* He obra mais santa do q̃ dar esmolas, 395. *B.* Com ella se aprovẽita Eusogio, e sem ella se perverte, 126. & seq.
Polacos Assistem à Missa com a espada meya arrancada, 369. *A.*
Pomba Figura de huma alma nas Chagas de Christo, 204. 205.
Pomo De notavel grandeza offerecido ao Emperador Theodosio foy cauza de grande ruina, 447. Vide *Frutos.*
Pompeo Mandou fechar, e sellar as espadas de seus soldados, 371.
Pontifice. Vide *Papa, Bispo.*
Poncio Abbade Morre desestradamente por investir como Capitaõ hum Mosteiro, 343. *C.*
Ponto. Que parte do tempo seja? 279. *A.*
Porca De notavel grandeza em Arcadia, 427. *C.*
Porco. Suas propriedades, e semelhanças com o avarento, 423. & seq.
Porco espinho Em latim *Hystrix* figura do fallador, 252. *B C.*
Portuguezes. Foraõ lhes tributarios 29. sceptros do Oriente, 332. *B.* Conseguiraõ singulares vitorias contra Mouros, 333. *B. C.* Mostra-se por alguns casos peregrinos, como parece nasceraõ para destruir Mouros, 334. & seq. Poucos venceraõ varias vezes a muitos cõtrarios, 349 *C.* 350. *A.* Pelo ser, naõ quiz beber vinho a Emperatriz D. Leonor, 17. *C.* Origem, e significaçaõ de suas armas, 351. *B. C.*
Preço da alma. Vide *Alma.*
Predestinaçaõ, Segredo altissimo, 210. *B. C.* À quam poucos se estenda, 82. *A. B.* Comprovase cõ muitos Padres, 83. & seq.
Prègador. Vide *Sermaõ.*
Preguiça. Vide *Ociosidade.*
Prelado. Para o ser naõ he taõ proporcionado o moço, 249. Naõ consinta os Religiosos fóra da caza pelos danos que dahi se seguem, 316. *B. C.* Naõ devem enriquecer cõ o que tiraõ dos cargos, 388. *B.* Vide *Papa, Bispo.*
Presbiteras Quem foraõ? 251. *A.*
Presbitero Que significa, 250. *C.*
Prezença de Deos. O tela he final de ser virtuoso, 390. *C.* Pela cõsideraçaõ das creaturas muito uzada dos Santos, 171. 172. He muito importante, 173.
Pretor. A sua equidade para que se introduzio? 437. *C.*

Prezo por mil, prezo por mil, e quinhẽtos: Adagio reprovado, 23. *B.*
Protector. Que dignidade era no Imperio Romano, 61. *C.* Convertem-se 4 por oraçoens de S. Ariano, 64. *B. C.*
Pureſa. Simbolo della o Arminho, 2. *C.* Quanto deve ſer eſtimada, 2. *C* Quanta foſſe a de S. Ermellinde, 3. B. E da conſciencia do Cardeal Bellarmino, 3. A. E a do Ir. Joaõ Berchmans, 3. *A.*
Pyrauſta Vive no fogo, 154. *A.*
Pyrrho Sente huma vitoria alcançada dos Romanos por ſer com perda ſua, 151. *B. C.*

Q

Quadrante QUe parte do tempo ſeja? 280. *A.*
Querubim. Vide *Cherubim.*
Quinas de Portugal Sua origem, e ſignificaçaõ, 351. *B.*

R

Rabaõ HE medicinal contra as febres malignas, e de que modo? 446. *C.* Hum de notavel grandeza offereceo hũ ruſtico a El-Rey Luiz XI. de Frãça, e como lhe pagou, 445. *C.*
Rectidaõ. Vide *Juſtiça.*
Religiaõ Naõ perde por ſer moderna, 246. *C.* 247. *A. B.* Naõ ha q eſcandalizar de algumas deſcairem, 245. *C.* 246.
Religioſos Devem ſer dezapegados das creaturas, 114 & ſeq. Quando entraõ na Religiaõ naſcem de novo, 244. *A. B.* Devem imitar aos primitivos, que coſtumaõ ſer mais perfeytos, 244. *C.* 245. Reprehendem ſe as cellas nimiamente curioſas, 313. *A.* Fóra da clauſura perigaõ muito, 319. *C.* Caſtigos dos que foraõ à guerra, 343. *C.* & ſeq. De q ſorte pódem ir a ella licitamente, 339. *C.* 342. *B.* Sempre ha algũs bons, ainda q haja outros maos, 391. *C.* Reprehendẽ-ſe os que offerecem dinheiro pelas dignidades, 389. *B.* Principios dos de S. Joaõ em Jeruſalem, 359. *C.*
S. Remigio Chamaraõ-lhe o Jubileo, e porque? 294. *B.*
Reprehenſaõ. Com ella ſe alegra Fr. Sebaſtiaõ de S. Maria, 30. *B.* Apontaõ ſe as de Chriſto aos Fariſeos, 6. *C.*
Vide *Liberdade.*
Reſidencia Dos Prelados neceſſaria, 67. *B.* He de direito Divino, 69. *A.* Sua importancia ſe explica cõ hum apologo, 70. *C.* 71. *A.* Reprehende S. Carlos a hum Cardeal por faltar a ella, 67. *B.* E Carlos Conde de Flandes a hum Abbade, 69. *C.* De ſua falta ſe ſeguem graves danos nas ovelhas, 70. 71. Cauzas que della eſcuzaõ, 69.
Reſpeytos. Nem a todos ſe deve attender, 148. *C.*

Reſurreyçaõ. Para huma applicou Democrito hũ remedio diſcreto, mas impoſſivel, 48. *B. C.* Refereſe a de hum ſoldado com notaveis circunſtancias, 137. & ſeq. Deſpois della prega penitencia com grande fruto, 140. *C.*

Reys. Exemplos de muitos que veneraraõ os Varões ſantos em vida, 79. *C.* 80. Quaes tiveraõ o titulo de Chriſtianiſſimos, 151. *B.* Andaraõ ſeguros, ſe forem amados, 353. B. Naõ ſo devem uzar da força directiva, mas tambem da coactiva, 360. B. Fallem poucas palavras, mas effectivas, 390. *B.* Sejaõ nellas muy graves, e ſem murmuraçaõ, 434. *A.*

Reino de Judea Uſurparaõ os Fariſeos a Alexandra, 6. *A.*

Rhodes Neſta ilha ſe criou hũ dragaõ formidavel morto por Adeodato com grande valor, e induſtria, 355. e ſeq. Nella eſteve o coloſſo do Sol, e a Religiaõ Jeroſolymitana, 359. *C.*

Ricardo Rey Mandou ao Papa a ſaya de malha que achara a hum Biſpo, e que reſpoſta teve? 337. *C.*

Rio Levado a Roma por aqueductos de 14. legoas, 135. *C.*

Riquezas. Por vencer o appetite dellas inſtituiraõ os Apoſtolos o jejum das Quartas feiras, 7. *B.* As mal adquiridas cauza da perdiçaõ de hum rico, 92. As melhores ſaõ os amigos, 105. *C.* 106. *A.* Ellas ſaõ amigos falſos, 121. Sem ellas viemos a eſte mundo, ſem ellas ſahiremos delle, 122. Metiaõ-ſe muitas nas ſepulturas antigas, 123. *C.* Cõ ellas ſe perverte Eulogio, e ſem ellas ſe converte, 126. e ſeq. A ſua cubiça he cauza da condenaçaõ de hum Biſpo, 242. *C.* 243. A. B. Saõ ſenhoras do avarento, e naõ o avarento dellas, 418. *C.* Vide *Avareza*, *Bens do mundo*,

Rizo. Levantoulhe Licurgo huma eſtatua, 41. *A.* O dos peccadores he fatuidade, 41. 42. Vide *Alegria.*

Rodolfo. Por quam pequeno obſequio lhe deu Deos o Imperio, 446. *A.*

Rolando. A ſua eſpada era duriſſima, 369. *C.*

Romanos. Que animaes coſtumavaõ lançar na praça nos ſeus eſpectaculos, 426. *C.* Rigor que uzavaõ com os devedores que naõ pagavaõ, 436. *C.*

S. Romualdo Sendo penitente communicava alegria, 28. *B.*

S. Rufina Padecendo martyrio mete inveja a ſua Irmãa S. Secunda, 189. *B.* Fim do ſeu martyrio, 193. *B.*

S

Sabbado PRohibido nelle antigamente o jejum, e porque? 7. *C.* 8. *A.* Jejuava-o Simaõ Mago em odio do Deos dos Judeos. 8. *A.* Feſtejado dos Chriſtãos

ſtãos em odio de Simaõ Mago, 8. A Introduzido deſpois nelle o jejum, e porque cauſa, 8. *B.* No da Alleluya accende as lampadas hum da familia dos Pazzis, 158. *B.*

Sacerdotes De que ſórte pódem pelejar na guerra licitamente, 339. *C.* 342. & ſeq. Caſtigos que tiveraõ os que de outra ſórte foraõ à guerra, 343. *C.* & ſeq.

Sacrificio Barbaro que de ſi fez huma mulher, 133. 134.

Sal Trazem os Getulos na boca cõtra o mào halito, 252.

Salvaçaõ. Perſuade-ſe o cuidado della, 81. 82. Quam poucos a conſeguem, 82. *A B.* Confirma-ſe com o parecer de muitos Padres, 83. & ſeq. Deſcuido della como he cõmum, 89. *C.* Acommoda-ſe S. Ignacio com a incerteza da ſua por ſervir a Deos, 212. *C.* He o que importa mais que tudo, 213. A ſua alcançaraõ muitos por ſalvar a outros, 213. *C.*
Vide *Alma.*

Samuel Como appareceu a Saul? 99. *B.*

Santidade. Quem he o que lhe enche as medidas, 16. *A.* A dos Fariſeos foy ſuperficial, 6. *A.*

Santos Suſpirando pelo Ceo aborrecem as couſas do mundo, 14. Sò as couſas do Ceo amaõ, 78. *A.* Os que choraõ em vida ſe alegraõ na morte, 43. *C.* Exemplos de muitos ao intento, 44. 45. Alguns temem naquella hora, 45. *C.* 46. *A. B.* Muitos reſpeitados de Monarcas: exemplos neſta materia, 79. *C.* 80. Quanto amaraõ a Deos, 152. & ſeq. Pelas creaturas ſobem a Deos: exemplos de muitos, 171. & ſeq. Tem menos trabalho em ſervir a Deos, do que os mundanos ao mundo, 174. & ſeq. A ſua vida he muſica de que o Euangelho he ſolfa, 203. *A.* Os diverſos titulos, porque levaõ o Ceo, 208. *C.* 209. *A. B.* No Ceo em varias Jerarquias louvaõ a Deos como orgaõs com diverſos regiſtos, 207. *C.* Em pouco tempo vivem muito, 233. & ſeq. Ainda deſpois de mortos ſaõ vivos, 232. *B.* Saõ mais que homens, 237. 238. Razaõ porque deſejaõ a morte, 264. *C.*

Sapor Soberbos titulos de que uſou em huma carta, 325. *A.*

Sardonia Herva que mata rindo, 42. *A.* Figura do peccado, em que o homem ſe alegra, 42.

Saturno. O ſeu anno quantos do noſſo tem? 290. *A.*

Saudade Do Ceo, que tinhaõ os Santos, 264. *C.* 265.

Saude Do corpo enfirmidade da alma, 183. & ſeq.

Saul Como vio a alma de Samuel? 99. *B.*

Scipiaõ O que reſpondeu a quem lhe gabava hum borquel, 354. *B.*

Scithas, & Sarmatas Tudo tem cõmum excepto o copo, e a eſpa-

da, e a esta adoraõ, 371. *B.*
Scribas Quem foraõ? 4. *A.*
D. Sebastiaõ Rey de Portugal admitte no seu sitial publicamente a hum çapateiro por virtuoso, 80. *B.*
Fr. Sebastiaõ de S. Maria Alegra-se com o padecer, 30. *B.*
Seculo Que cousa seja? 294. *C.* Que significue seculo dos seculos, 295. *A.*
S. Secunda Tem inveja ao martyrio de sua Irmãa Rufina, 185. *B.* Fim do seu martyrio, 193. *B.*
Securas na oraçaõ Vide *Oraçaõ.*
Segredo Naõ o guarda o vinho, nem meninos, nem doudos, 20. *C.* Recomenda-o fallando hũ corpo morto, 45. *A.* Deve guardallo o amigo, 110. *C.* 111. *C.* E tambem ao amigo se deve descobrir, 111. *A. B.*
Segurança. A mayor he a que se gera do amor, 353. *B.*
Semana O que, e como se conta em diversas Naçoens, 284. *B. C.* Que cousa seja semana de semanas, semana de mezes, semana de annos, e semana de semanas de annos? 284. *C.* 285. *A. B.* Quaes sejaõ as de Daniel, 285. *C.* Pelas naõ entender endoudeceu, e apostatou hum letrado, 285. *C.*
Semelhança Deve haver entre amigos, 107. *C.* 108. *A. B.*
Senado Donde tomou o nome? 249. *A.*
Senhor. Donde se deriva este nome? 249. *B.* Differença com que se poem nas cartas, 249. *C.* Naõ trate aos servos com muito rigor: referem-se alguns exemplos; e entre elles hum horrendo, 440. & seq.
Sentimento Na morte dos amigos, e parentes mostravaõ outros tirando-se a si as vidas, 131. *C.* 132. *A. B.* Pelo da morte de seu marido se matou huma mulher com barbaras ceremonias, 133. 134. Refere-se o de Luiz XII. pela perda de hum amigo, 150. *A. B.* De Pirrho pela perda com que venceu aos Romanos, 151. *B.* De Amurathes pela perda com que venceu a Ladislao, 151. *C.* O dos pays na morte dos filhos he permittido, 211. *C.* Em alguns foy extremoso, 212. *A.* Com que razoens se pòde moderar, 207. & seq.
Sepultura. A de S. Ermellinde descuberta por musica dos Anjos, e milagrosa, 3. *C.* Na mesma achàraõ a dous casados, que tinhaõ sido enterrados em diversas, 45. *B.* Da sua fallou S. Filemõ a Ariano, 62. *A.* Em huma de 20. covados de alto foy enterrado vivo S. Ariano, 63. *A. B.* Della sahio saõ, e salvo, 63. *C.* No lugar da de S. Tiemo se naõ pode pòr idolo, 191. *C.* He a unica possessaõ que fica de todos os bens do mundo, 133. *B.* De dentro da sua pede misericordia hum soldado morto, e resuscitado, 137. *C.* Nas dos antigos se metiaõ gran-

grandes riquezas, 123. C. Varios modos de sepultar antigos, 124. Filhos que enterràraõ vivos a seus pays por serem velhos, 255. B. C.

Serafim Como se interpreta? 213. A. Em que sentido o foy o espirito de Santo Ignacio, 213.

Sermaõ De S. Vicente Ferrer a outenta mil almas, 74. A. De hum resuscitado com grande fruto, 140. C. De hum menino com grande fruto, e fervor, 234. Com hum se cõverte hum Monge a si mesmo, 73. C. Hum de S. Francisco de Sales faz fruto por ser só a sete ouvintes, 73. B.

Servos Naõ devem ser tratados cõ demasiado rigor, exemplos na materia, e entre elles hum bem horrendo, 440. & seq.

Seytas Diversas do povo Judaico, 4. A.

Silencio Com vinho naõ concorda, 20. C. Foy muito que Zeno o guardasse na mesa, 21. A. He importante aos Religiosos, e pessoas que professaõ virtude, 217. C. 252. Nelle se falla melhor com Deos, 218. A. A sua falta se reprehende, 252. Pelo guardar foy venerado o Monge Agado do Abbade Pastor, 247. C. As Deosas do silencio quaes fossem? 405. B.

Simaõ Mago Jejuava o Sabbado em odio do Deos dos Judeus, 8. A. Fallou com huma alma por arte magica, 99. B. Convencido por S. Pedro àcerca da immortalidade da alma, 99.

S. Simeaõ Stylita Naõ quiz ver sua mãy em vida, 44. B. C.

Singeleza Com que huma alma fallava com Deos, 307. B.

Sisachthea Que significa? 437.

Sixto V. Sua puericia, e como entrou Religioso, 379. & seq. Industria para ser Papa, 378. C. Foy elle dia fatal a Quarta feira pelas raras cousas que neste dia lhe suceederaõ, 379. B. Inteireza, Izençaõ, e Soberania, que tinha, 379. C. 380.

Sobrio. Sua ethymologia, 13. A. Vide *Abstinencia Jejum.*

Soldado. Quanta seja a sua obediencia, 186. B. Hum morto, e resuscitado com admiraveis circunstancias, 137. & seq. Muitos mortos em batalhas em grande numero, 150. C. 151. B. C. Naõ valem tanto pela chusma, como pelo esforço, 216. A. Devem ser curiosos em ter armas, 329. C. Hum só Alemaõ venceu a cincoenta Turcos, 349. C. Poucos Portuguezes venceraõ a muitos contrarios, 349. C. 350. A. Dos vencidos só perdoavaõ na Gallia aos que naõ excediaõ a espada do Rey vencedor, 370. C. De que modo se fazem alguns invulneraveis por màs artes, 370. C. Deve confiar mais em Deos que nas armas, 354. C.

Solidaõ. Sua importancia? 217. A. B. Póde ser boa, e mà, 157. B. C.

Solon Animava a paciencia com o exemplo dos muitos que padecem, 46. *C.* Eſtatuto que fez a favor dos devedores muito eſtimado do povo, 437. *A. B.*

Sombras. Nos banquetes o que eraõ, 259. *C.*

Sonho Myſterioſo de Guntrano verificado, 366. *C.*

Soſpeitas Deſtroem a amizade, 110. *A. B.* Pelas falſas de adulterio com a Emperatriz Eudoxia foy morto Paulino, 447. *B C.*

Sylvano Abbade Eſtima mais a caridade, que o jejum, 21. *C.*

Sympathia Das couſas inſenſiveis, 196. *A. B.*

Synagoga. Forma em que eſtavaõ as cadeiras, 5. *A.*

T

Taipas. DE que modo ſe fazem? 75. *C.*

Tantalo. Qual era o ſeu tormento, e eſpiritualizaſe, 417. *C.* 418.

Tarantula Deſpois de eſmagada ſe lhe tangem falta, 335. *C.*

Tekufa Que couſa ſeja? 293. *C.*

Temor. O de Deos he final de ſua amizade, 186. He remedio para naõ cahir no perigo, 318. *C.* Perſuade ſe eſte temor, 188. O dos homens perdeo Conſidio com a idade, 266. *C.* Quem o naõ tem da morte, o naõ tem dos homens, 266. *C.* Muitos Santos o tiveraõ na morte, 45. *C.*

Tempo. Sempre corre, 140. Como ſe póde conſervar, 241. Nelle ſe ganha a eternidade de gloria, & tambem de pena, 241. 242. A ſua perda quanto he para ſentir, 240. & ſeq. Com hum horrendo caſo ſe moſtra como ſe deve empregar bem, 242. 243. *A. B.* Todo he pouco em comparaçaõ da eternidade, 277. He breve o em que ſe lograõ as dignidades, 256. 257. Exemplos de Pontifices que viveraõ muito, e ourros pouco, 256. *C* 257. *B.* Varias differenças de tempo ſe explicaõ, 278. e ſeq. Tempo, Tempos, e meyo tempo q̃ quer dizer, 296. *B.* Quaes os Tempos ſeculares, e eternos? 297. Qual o tempo diſcreto, 298. *C.*

Tentações Saõ convenientes, e rendozas, 74. *C.* 75. *A. B.* Perſeguem mais aos q̃ ſe daõ a Deos. 163. *C.* O Abbade Paſtor tendo-lhe ellas ceſſado pedio, que lhe tornaſſem, 75. *B.*

Santa Thereſa. Saudades que tinha do Ceo, 264. *C.*

Thereſinha de JESU De ſinco annos teve uſo de razaõ perfeito, 24. *B.* 25. Alegria que moſtrou na morte de ſua mãy, e porque? 24. B. Tinha por mãy a Virgem MARIA Senhora noſſa, 24. *C.* Figura ſua podia ſer a da alegria, 25. *A.* Suas cantigas ao Divino, 25. *C.* 26. A Seu grande amor de Deos, 153. *B.*

Terra He a noſſa commum patria, 262.

Terra pequena patria de Varões grandes 263. *B. C.* Amor que cada hum tem à sua 262. *C.*

Testamento Horrendo de hum rico desesperado, 93. De outro dado ao vinho estultissimo, 12. *B.* Outro em que se deixava hum rico legado a huma gata, 441. *C.*

Thalalleo Chora 70. annos a fio, 200 *C.*

Thalassio Ouve a hum resuscitado referir o que lhe succedera no outro mundo, 137. e seq.

Theodorico. O que mandou a hum seu ministro sobre a observancia de suas leys, 360. *C.*

S. Theodoro Estudita Quem foy, 83. *C.* 84. *A.*

Theodosio Emperador De hum pomo que lhe offereceraõ se seguiraõ grandes ruinas, 447.

Thesouro precioso He a alma, 88. *A. B.* Acha-se hum pela sombra de huma estatua, 209 *C.* Por achar hum ficou rico Eulogio cabouqueiro, 127. *C.*

Thomás Moro Comparou a avareza com o fogo, 420. *C.*

Tibieza De alguns Religiosos naõ deve causar escandalo, 245. *C.* Pondera-se a dos fieis em comparaçaõ dos da primitiva Igreja, 246.

S. Tiemo. Seu insigne martyrio, 190. *C.* 191. Em o lugar do seu sepulcro se naõ pode nunca pòr idolo, 191. *C.*

Tigres Levaõ a carroça de Bacco, 19. *C.*

Timotheo. Desejava em hum General naõ forças, mas attençaõ, e providencia, 348. *C.*

Tito Estranhou a seu pay pedir tributo de cousas immundas, e o que elle respondeu, 425 *C.*

Titulos Soberbos com que alguns Reys se nomeàraõ, 325. *A. B.*

Tormentos. Desafiava-os Santo Ignacio Martyr, 32. *C.* Constancia nelles julgaõ os tyrannos loucura, 189. *B.* Vide *Martyres, Martyrio, Paciencia.*

Trabalhos. Devem-se sofrer com paciencia, 30. *C.* Assim o persuadem os Santos Padres, 31. & seq. Sempre andaõ juntos com as felicidades mundanas, 39. *C.* Naõ se acharaõ homens que os naõ padecessem ainda buscados com diligencia, 48. *C.* O serem communs a todos pòde cõsolar a cada hum, 46 *C.* 47. E muito mais serem mayores os dos outros, 322. *C.* 323. *A. B.* Os que ha no serviço de Deos nos naõ devem desviar delle, 182. *C.* Principalmente, que muito mayores ha no serviço do mundo, 174. & seq. Aos do amigo se deve acodir, 108. *C.* De sórte que baste sabelos para remedialos, 142. 143. O de mãos muito importante para vencer a ociosidade, 268. No das obras boas nos devemos afervorar quanto mais velhos, 275. & seq.

Trages. Reprehende se o luxo, e descompostura nas mulheres,

330. C. 331. A B. Moſtra-ſe o ſeu exceſſo pelo que ſe achou em hum ſepulchro em Roma, 331. A. B.
Vide *Enfeites.*
Tranſmigraçaõ Das almas ſeguida dos Fariſeos, 5. B. Ampliada dos Gentios atè para os brutos, 5. B.
Trietère Quantos annos ſaõ? 293. C.
SS. Trindade. Toda ſe emprega em huma alma, e como? 68. C. A alma he ſua imagem, 101. B. C.
Triſteza. Naõ ſe deve moſtrar no exterior, 26. B. C. He effeito do peccado, e mão eſpirito, 26. C. 39. B C. Deve fugirſe no ſerviço de Deos, 27. 28. O recorrer a Deos he o melhor remedio para ella, 26. B.
Vide *Alegria.*
Tyrannos Invejaõ aos Martyres a ſua gloria, 192. A.

V

Vaidade. NAõ deve ſer amada. 77. B.C. Nella gaſtaõ muito, os meſmos que nada gaſtaõ em eſmollas, 175. B.
Vide *Humildade.*
Valor dos Martyres. Vide *Martyres.*
Valor dos ſoldados. Vide *Soldados.*
Valles. Donde deſcende a familia deſte appellido, 376. B.
Vangloria Do bem que tangia as frautas, ſervio de tentaçaõ a S. Filemon no ſeu martyrio, 56. B. Vence a abrazando-as com fogo do Ceo, 56. B.
Velhos Saõ quaſi mortos, 254. A. B. Que ſignifica o trazerem bordaõ e andarem curvados, 254. C. Por eſtarem perto da morte, devem trabalhar com mais cuidado na virtude, 275. & ſeq.
Veneraçaõ De muitos Reys a homens Santos ainda em vida, 79. C. 80.
Ventre Deos dos mundanos, 14. Nelle tem o coraçaõ o peixe Aſello, 17. A. Por elle abrem a S. Tiemo vivo, para lhe dobarem os inteſtinos, 191.
Verdade Quem ſaõ os que a dizem clara? 20. C.
Wernero Biſpo Caſtigo que teve por aſſaltar hum Moſteiro, como ſoldado, 343. C.
Veſpaſiano Arrecadou tributos de couſas immundas, e o que diſſe a quem lho eſtranhou, 425. C. Como caſtigou a hum miniſtro ſeu peitado, 426. A. B.
Veſtidos Vide *Trages.*
Vicennas Que jogos eraõ? 292. B.
S. Vicente Ferrer Teve auditorios de outenta mil peſſoas, 74. A. Foy Anjo do Apocalypſe, 237. C.
Vida. A dos Santos he triſte, mas a morte alegre: exemplos ao intento, 43. C. & ſeq. A de todos cheya de trabalhos, 46. C. 47. Em que he ſemelhante à nàõ carregada de frutos, 125. B. A dos moços às vezes he breve, mas a dos velhos ſempre, 254. C. Naõ ſe mede pelos annos, mas pelo ſerviço de Deos, 230. & ſeq. Ha no mundo

mundo vivos mortos, e no Ceo mortos vivos, 231. C. 232. B. Em cada instãte se pó de acabar, 276. B.C. A de cada homem se pode chamar seculo, 294. C. Em algũs Pontifices foy larga, em outros breve: e razaõ disto, 256, C. 257. As tres mysticas representadas em tres escadas, 193. C.

Vigilias Da noute quantas, e quaes eraõ? 281. C.

Vinha Symbolo da vida, que se deve cultivar, 29. C.

Vinho O puro he bom para a Missa, mas atè neste se lança agua, 11. O que servio para as Missas do Natal conserva o outro, 11. C. Dano que faz à alma, e corpo, 12. A. Historias q̃ succederaõ a alguns que o bebiaõ, 12. B. Naufragio por sua causa, 12. C. Dous que se desafiãraõ a beber, morrem no desafio, 13. A. Nem o Emperador Frederico III. nem a Emperatriz o bebia tendo grãde causa, 17. C. O seu uso em mulheres se reprehende, 18. e seq. Peleja contra a Castidade, Modestia, e Segredo, 18. B. C. 20. A.C. Lançava-se nas pyras para arderem os corpos, 18. C. Queimado he contra as febres, 18. C. A mulher que o bebia podia ser morta, e castigada como adultera: exemplos disto, 19. A. B. Concedido por escritura de hum marido a sua mulher sò em certos dias, 19. B. He espelho do coraçaõ, 20. C. Bebendo-o em huma taverna cuidou achar a paz hum Monge, 28. C. Os queo bebem tem na vinha a sua vida, devendo ter na sua vida a sua vinha, 29. C.

Virtude. Graça com que o Cardeal Bellarmino explicava o excesso que a sua devia fazer à do Fariseo, 1. B. Segura-se com humildade, 76. Concilia a verdadeira amizade, 149. He muito mais suave que o vicio, 174. & seq. Adquire-se com trabalho, 302. C. Os mundanos a fazem difficultosa mais do que he: mostra-se com exemplo, 311. C.
Vide *Obras boas.*

Virtuosos. Avarentos de boas obras, 2. A. Que distinçaõ tem os verdadeiros dos falsos, 6. B.

Visoẽs. Quaes foraõ as que teve Nero despoes de degolado S. Paulo, 365. C.

Vista. A de mulheres perigosa, 169. 170. Sò olhando para cima a tinha hum homem, e naõ para baixo, 77. C.
Vide *Olhos.*

Vitellio. Vide *Cheapino Vitellio.*

Vitoria Custosa de Luiz XII. de França contra Hespanhoes, 150. B. C. De Felippe de Macedonia conrra Archidamo, 150. C. De Pirrho contra os Romanos. 151. B. De Amurathes contra Ladislao, 151. C. Naõ faça insolentes aos vencedores, 151. A.

Vitoria dos appetites. Vide *Appetites.*

Vontade. A propria tudo destroe, e quan-

quanto he de ſi atê a Deos, 320. *A. B.* A boa he a que mais ſe eſtima nas dadivas, 445. *C.* A dos amigos deve ſer a meſma, 112. *C.* 113. *A.*

Vſurario. Exemplo notavel de hum que ſe perdeu, 92.

X

Xenofonte. PRezava-ſe tanto de ſuas armas, que nellas queria ter o melhor monumento, 329. *C.*

Ximenes Portuguezes exemplares da verdadeira amizade, 108. *C.*

Z

Zelo. HE fogo que queima os eſcudos da deſculpa, 22. *C.* Quanto foy o de S. Franciſco Xavier, e S. Franciſco de Sales, 72. *A.* 73. *B.* O de S. Joaõ de Deos reprehendendo hum peccador, 202. *A.* O de ſalvar almas he cauſa da ſalvaçaõ propria, 213. *C.* O demaſiado de S. Carpo, como foy moderado por Chriſto, 68. *A.*

Zelos Payxaõ vehementiſſima: deſgraça, que por elles ſuccedeu, 447. *B. C.*

Zeno Teve por muito o callarſe na meſa, 20. *C.*

FIM.



